Livro do Cinquentenário

Modalidades

EDIÇÕES
ASA

Volume II

Ficha Técnica

DIRECTOR
João Marcelino

DIRECTOR ADJUNTO
João Querido Manha

SUPERVISÃO
Luís Óscar

REDACÇÃO
Coordenação • Sandra Simões
José António Ascensão, Carlos Mariano, Nelson Mateus e Valter Borralho

FOTOGRAFIA
Edição • Francisco Paraíso
Fotos das páginas 15, 27, 47, 83 e 171 • Rui Vasco ▪ **Produção** • Rui Vasco, Francisco Paraíso e Luís Óscar ▪ **Maquilhagem** • Helena Soares
Outros créditos • António Capela, Carlos Jorge Monteiro, Carlos Patrão, Cosme Durão, David Augusto, Fernando Ferreira, Francisco Paraíso, Gerardo Santos, Hélder Santos, João Trindade, Jorge Amaral, José Barradas, José Lorvão, José Moreira, Manuel Araújo, Paulo Calado, Paulo César, Paulo Esteves, Paulo T. Silva, Pedro Sá da Bandeira, Stellan Danielsson, Teresa Montserrat, Vasco Célio
Agências • Associated Press, Anop, IlhaPress, Allsport e Epa/Lusa
Arquivo • «Diário Popular», **Record** e «Diário de Notícias» ▪ **Recolha documental** • Carlos Andrade (coordenação), António Fonseca, Edmundo Rivotti e Teresa Horta

DESIGN GRÁFICO
Ideias Virtuais

EXECUÇÃO GRÁFICA
Edições ASA, S.A.

© Edisport, S.A.

Trav. dos Inglesinhos, 3, 1249-118 Lisboa/Portugal
Telefone (+351) 21 321 4900
Internet: www.record.pt

1ª Edição, Dezembro 1999
Depósito Legal nº 144050/99
ISBN 972-41-2198-4

ASA Editores II, S.A.

Sede • Av. da Boavista, 3265 • sala 4.1 • 4100-137 Porto/Portugal
Telefone 22 616 6030 • Fax 22 615 5346
E-mail: edicoes@asa.pt • Internet: www.asa.pt

Delegação em Lisboa • Av. Dr. Augusto de Castro, lote 110 • 1900-663 Lisboa/Portugal

Livro do
Cinquentenário

Record

Modalidades

EDIÇÕES
ASA

Índice

Actividades Subaquáticas • Mergulho e caça 6
Aeromodelismo • Aviões em miniatura 6
Aeronáutica • Acrobacias no ar 7
Aikido • A via da harmonia e energia 7
Andebol • Desenvolvimento com sete 8
Luís Santos 9
Carlos Silva 9
A caminho da Croácia 10
ABC vice-campeão europeu 11
Europeu nasce em Portugal 12
Carlos Resende 13

Carlos Lopes • O papa-léguas 14

Atletismo • Europeu de Corta-Mato 18
Campeonato da Europa 19

Rosa Mota • A menina da Foz 26

Europeu de Pista Coberta 30
Emil Zatopek 31
Fernando Mamede • O recordista 32
Mundial 83 • Helsínquia 34
Carl Lewis • O atleta do século 36
Ben Johnson 38
Mundial 87 – Roma 39
Florence Griffith-Joyner 40
Mundial 91 – Tóquio 41
Mundial 93 – Estugarda 42
Mundial 95 – Gotemburgo 44
Jonathan Edwards 45

Fernanda Ribeiro • Sapatos vermelhos 46

Mundial 97 • Atenas 50
Manuela Machado 52
Carla Sacramento 53
Mundiais de Pista Coberta 54
Sergey Bubka 55
Grandes maratonas 56
Aurora Cunha 57
Meia Maratona de Lisboa 58
António Pinto 59
Mundial de Corta-Mato 60
António Leitão 61
Moniz Pereira • Senhor Atletismo 62
Automobilismo • Tudo sobre rodas 64
Juan Fangio 64
Ayrton Senna 65
Nélson Piquet 66
Niki Lauda 66
Alain Prost 67
Pedro Lamy 68
Nicha Cabral 68
Michael Schumacher 69
Jackie Stewart 70
Graham Hill 70
Estrada fora 71
Markku Allen 71
Michèle Mouton 71
Pedro Matos Chaves 72
Rui Madeira 72
Juha Kankkunen 73
Carlos Sainz 73
Rali de Portugal 74
César Torres 75
Fora da estrada 76
Sempre a fundo 77
Badminton • O «ténis» com leveza 78
Park Joo-Bong 79
Balonismo • Subir no ar quente 79
Basebol • O passatempo dos americanos 80
Joe DiMaggio 81
Bowling • Diversão competitiva 81

Carlos Lisboa • Mão quente 82

Basquetebol • A magia dos cestos 86
Mundiais 88
«Traição» aos americanos 89
Uma equipa de sonho 90
Scottie Pippen 91
Charles Barkley 91
Patrick Ewing 92
Karl Malone 92
David Robinson 92
Clyde Drexler 93
Chris Mullin 93
Larry Bird 94
John Stockton 94
Christian Laettner 94
«Magic» Johnson 95
NBA 96
Kareem Abul-Jabbar 97
Wilt Chamberlain 97
Michael Jordan • Deus na terra e no ar 98
Bilhar • Variantes na mesa 100
Theriaga, o amador «profissional» 101
Boxe • Punhos heróicos 102
Carlos Monzon 102
Joe Louis 102
Muhammad Ali 103
Rocky Marciano 104
George Foreman 104
Mike Tyson 105
Bridge • Cartadas da WBF 106
Campismo, Caravanismo e Montanhismo • João Garcia 106
Canoagem • Alegrias em K1 107
José Garcia 107
Rui Câncio 107

Joaquim Agostinho • A marca amarela 108

Ciclismo • O «Tour» 112
Eddy Merckx 113
Bernard Hinault 114
Fausto Coppi 114
Alves Barbosa 115
Acácio da Silva 115
A «Vuelta» 116
O «Giro» 116
Miguel Indurain 117
Marco Chagas 118
Volta a Portugal 119
Columbofilia • Os mensageiros 120
Corfebol • A união dos sexos 120
Críquete • A tradição britânica 121
Curling • Estratégia no gelo 121
Cultura Física • Culto do corpo 122
Damas • O xadrez do povo 122
Dança Desportiva • Dar baile no salão 123
Dardos • Treinos nos «pubs» 123
Esgrima • Fora de moda 124
Eric Srecki 125
Alexandre Romankov 125
João Gomes 125
Esqui • Se cá nevasse... 126
Alberto Tomba 127
Futebol Americano • Desporto-rei nos EUA 128
OJ Simpson 129
Joe Montana 129
Ginástica • Nomes que marcam épocas 130
Nadia Comaneci 131
Vitaly Scherbo 132
Larissa Latynina 132
Ginástica em Portugal 133
Golfe • Portugal tem bons... campos 134
Grand Slam apaixona 135
Ballesteros 136
Greg Norman 136
Tiger Woods 137
José Maria Olazabal 137
Jack Nicklaus 138
Mark O'Meara 138
Nick Faldo 139
Arnold Palmer 139
Halterofilismo • O poder da força 140
Naim Suleymanoglu 141
Hipismo • GNR resiste 142
Henrique Calado 143
Pimenta da Gama 143

António Livramento • O artista 144

Hóquei em Patins • Campeonato do Mundo 148
Jesus Correia 149
Campeonato da Europa 150
Equipa maravilha de 1977 151
Campeonato Nacional 152
Torcato Ferreira 152
Taça de Portugal 153
Fernando Adrião 153
Vítor Hugo 153
Hóquei em Campo • Lusos melhores na sala 154
Hovercraft • Os anfíbios 155
Jet Ski • «Offshore» rende 155

Judo • Via da leveza 156
Kyoshi Kobayashi 156
Filipa Cavalleri 157
Paula Saldanha 157
Pedro Soares 158
Pedro Caravana 158
Nuno Delgado 159
Guilherme Bentes 159
Kickboxing e Full-Contact • Efeitos da guerra 160
Karaté • Mãos vazias 161
Lutas Amadoras • Hegemonia do Leste 162
Motonáutica • Fórmula 1 na água 163
Motociclismo • A toda a velocidade 164
Michael Doohan 165
Wayne Rainey 166
Max Biaggi 167
Eddie Lawson 167
Kevin Schwantz 168
Luca Cadalora 168
Alécio Vieira 169
John Kocinski 169

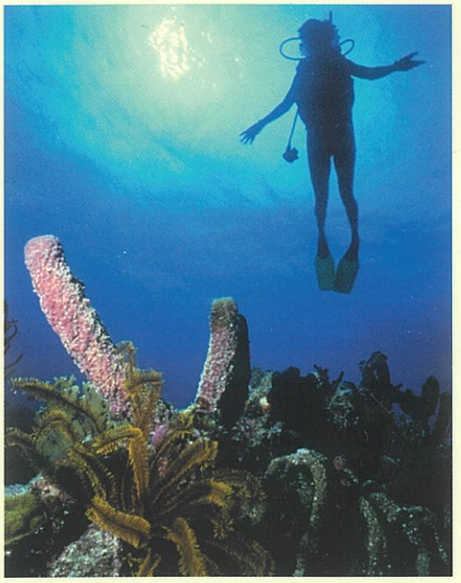
Bessone Basto • Senhor eclectismo 170

Natação • «Sereias» e «golfinhos» 174
Greg Louganis 175
Mark Spitz 176
Aleksander Popov 177
Kristin Otto 177
Braçadas curtas em Portugal 178
Baptista Pereira 178
Alexandre Yokochi 179
José Couto 179
Orientação • Na pista da afirmação 180
Pára-Quedismo • Notoriedade na guerra 180
Pentatlo Moderno • Ideia de Coubertin 181
Manuel Barroso 181
Patinagem Artística • Dança no gelo 182
Arte sobre rodas 183
Pesca Desportiva • País de pescadores 184
Pelota Basca • Símbolo cultural 184
Petanca • Herança do «longue» 185
Pólo Aquático • Andebol na água 185
Râguebi • Magia da bola oval 186
Jonah Lomu 187
Remo • Todos para o mesmo lado 188
Pólo • Desporto dos reis 189
Squash • Entre quatro paredes 189
Surf • Portugal nos melhores 190
Ski Náutico • Herança americana 191
Taekwon-do • Dupla identidade 191
Ténis • Fugir à rede 192
Pete Sampras 193
Andre Agassi 193
Boris Becker 194
Stefan Edberg 194
Bjorn Borg 195
John McEnroe 195
Arthur Ashe 196
Rod Laver 196
Martina Navratilova 197
Martina Hingis 197
Steffi Graf 198
Margaret Smith Court 198
Monika Seles 199
Chris Evert 199
A influência de Herédia 200
Sofia Prazeres 200
Nuno Marques 201
João Cunha e Silva 201
Ténis de Mesa • Revolução asiática 202
Jan Ove Waldner 203
Chen Chi-Chao 203
Pedro Miguel 203
Tiro com Armas de Caça • Marques no fosso olímpico 204
Tiro com Arco • Arco do triunfo francês 205
Tiro • Mulheres de armas 205
Trampolins • A vida a saltar 206
Triatlo • À medida dos marinheiros 207
Vela • Ao sabor do vento 208
Eric Tabarly 209
Irmãos Bello 210
Joaquim Fiúza 211
Irmãos Quina 211
Hugo Rocha e Nuno Barreto 212
America's Cup 213
João Rodrigues 213
Voleibol • Com as mãos... e com o resto 214
Karch Kiraly 215
Voleibol de Praia 216
Miguel Maia 217
«As Marias» 218
Voo Livre • Ver o Mundo lá de cima... 219
Xadrez • A escola soviética 220
Garry Kasparov 221
Bobby Fischer 222
Judit Polgar 222
Anatoly Karpov 222
Joaquim Durão 223
António Antunes 223
Luís Santos 223
Jogos Olímpicos de Verão
Helsínquia 52 • A proeza de Boteaux 224
Melbourne 56 • Mimoun, o soldado ferido 225
Roma 60 • Wilma, a Gazela Negra 226
Tóquio 64 • Dramas japoneses 227
México 68 • Política em cena 228
Munique 72 • Setembro negro 229
Montreal 76 • Amor na guerra fria 230
Moscovo 80 • Saudação do espaço 231
Los Angeles 84 • Boicote comunista 232
Seul 88 • A queda dos mitos 233
Barcelona 92 • Jackie, a mulher completa 234
Atlanta 96 • À medida da América 235
Jogos Olímpicos de Inverno • Competir... ao frio 236
Desporto para Deficientes • Reabilitação física e psicológica 240
Susana Barroso 240
Carlos Lopes 241
Paulo Coelho 241
Desporto Escolar • Dos tempos da Mocidade 242
Craques não faltam 243
Desporto Militar • Até Eusébio! 243
Desportos Radicais • Na onda 244
Arquivo 246
Agradecimentos 254

Actividades Subaquáticas

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE ACTIVIDADES SUBAQUÁTICAS É FUNDADA EM 27 DE MAIO DE 1965 E TEM UM NÚMERO APROXIMADO DE 7300 INSCRITOS. COM SEDE EM LISBOA, ESTE ORGANISMO TEM UMA DELEGAÇÃO NORTE, NO PORTO. O ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA É-LHE ATRIBUÍDO A 7 DE OUTUBRO DE 1994

Mergulho e caça



As actividades subaquáticas integram-se em dois grupos: o mergulho em apneia e o mergulho em escafandro (com garrafa de ar). A Federação Portuguesa de Actividades Subaquáticas organiza os campeonatos nacionais de pesca submarina com mergulho em apneia e de fotografia subaquática. O Sporting é o detentor dos títulos nacionais de pesca submarina de 1996, 1997 e 1998. A nível individual, destacam-se igualmente praticantes deste clube: António Silva, campeão nacional em 1996 e 1998, e João Cruz, campeão em 1997.

No mergulho em escafandro, está em expansão o turismo subaquático, em particular nos arquipélagos da Madeira e dos Açores. A caça fotográfica, apesar de não estar organizada, realiza-se em vários pontos do País. Novas variantes começam a surgir no estrangeiro, como o hóquei e o tiro subaquáticos, praticados em piscina.

Aeromodelismo

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE AEROMODELISMO É FUNDADA A 5 DE MAIO DE 1986, TENDO ENTÃO 112 PRATICANTES FILIADOS E UM ORÇAMENTO DE 112 CONTOS. ACTUALMENTE, SÃO 540 OS PRATICANTES E O ORÇAMENTO É DE CERCA DE 25 MIL CONTOS. OBTÉM O ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA DESPORTIVA A 9 DE SETEMBRO DE 1994

Aviões em miniatura

A origem da modalidade em Portugal data dos anos 20, quando a FAI (Federação Aeronáutica Internacional) delega os poderes desportivos nos aeroclubes de cada país. Nos primeiros anos da década de 50, é criada a Comissão Nacional Desportiva, com o objectivo de desempenhar o papel de federação, algo efectivamente impossível. A existência do aeroclube português condiciona a acção da Comissão, inibindo a representatividade desta e condicionando as verbas disponíveis. É no sentido de contrariar tal realidade que surge o movimento fundador da Federação, dando-lhe autonomia em relação ao aeroclube nacional. A cisão é conturbada e durante alguns anos chega mesmo a existir tensão no relacionamento das duas entidades, actualmente ultrapassada.

Existem cinco especialidades dentro do aeromodelismo: voo livre, voo circular, voo radiocontrolado, voo eléctrico e voo de maquetas. Cada uma destas especialidades engloba diversas classes. O voo livre compreende três: planadores A2, modelos de borracha motomodelos.

O voo circular tem 12 classes, entre as quais: velocidade, acrobacia, corridas de equipa e combate. O voo radiocomandado junta igualmente 12, com destaque para os planadores multifunção e helicópteros. O voo eléctrico tem cinco e o voo de maquetas quatro classes.

Entre todos os nomes envolvidos na modalidade em Portugal, sobressai um, o de José Carlos Rodrigues, campeão nacional em várias categorias. Tem um papel determinante na implantação da modalidade no nosso país. Introduz o aeromodelismo na Mocidade Portuguesa e participa na fundação da Comissão Nacional Desportiva de Aeromodelismo. É também o autor de uma obra de referência do aeromodelismo intitulada «Aeromodelismo Teórico e Prático».

Aeronáutica

A Federação Portuguesa de Aeronáutica é fundada a 6 de Julho de 1998. Antes desta data, as funções federativas pertencem ao Aeroclube de Portugal, fundado a 11 de Dezembro de 1909 e com Estatuto de Utilidade Pública Desportiva desde 28 de Maio de 1996. A 11 de Dezembro de 1959, é-lhe conferida a distinção de comendador da Ordem de Cristo. A Federação promove, regulamenta e dirige a aviação geral, helicópteros, ultraleves, planadores e balões. Tem 850 praticantes

Acrobacias no ar

As competições de aeronáutica – ralis aéreos e voltas aéreas (Volta Aérea a Portugal) – são disputadas em duas variantes: a aviação geral e os ultraleves, voo com motor. Na especialidade de planadores, realizam-se os encontros nacionais de balões de ar quente. Nos helicópteros não há qualquer actividade.

Em provas internacionais, mais concretamente nos World Air Games – levados a cabo na Turquia, pela primeira vez em 1997 –, Portugal fica classificado em 34º lugar, mercê da participação do piloto Pedro de Sá e Melo, um dos 43 concorrentes. A categoria em que participa é a «world class» PW5.

A via da harmonia e energia

O aikido nasce nos anos 20, pela mão de Morihei Ueshiba (1883-1969), empenhado em elevar uma arte marcial ao nível de disciplina espiritual e filosófica. O nome é formado por três palavras-chave: «ai», harmonia; «ki», energia; e «do», via ou caminho. O praticante enverga um fato branco semelhante ao quimono do judo, mas chamado «aikidogi». A partir do 1º dan, o vestuário do mestre é acrescido de um «hakuma», basicamente descrito como umas calças largas e pretas. As graduações vão do mukyu (nada), subindo em ordem crescente até ao 1º kyu. A partir desse grau existem os dan (mestres) até ao 8º. Há casos de 9º dan, normalmente atribuídos a título póstumo a grandes mestres. É introduzido em Portugal em 1970 por Daniel Laurent.

O francês Christian Tessier é considerado um dos melhores europeus (7º dan). Apesar da inexistência de competição nalguns países a modalidade está fortemente enraizada. Em França existem 30 mil federados e 700 clubes.

Aikido

A Federação Portuguesa de Aikido é fundada a 7 de Setembro de 1990 e recebe o Estatuto de Utilidade Pública Desportiva em 7 de Outubro de 1994. A modalidade começa (1970) por estar sob a alçada da administração da Comissão Directiva de Artes Marciais (CDAM), pertencente ao Ministério da Guerra. Depois passa para a União Portuguesa de Judo, cuja secção de aikido cria a Aikikai Portugal (AKP), com ligação directa à Aikikai Foundation, no Japão. Tem, em 1999, cerca de 1500 praticantes federados, distribuídos por mais de 50 clubes e ginásios. Internacionalmente, as entidades oficiais são a Fedération Européene d'Aikido e a International Aikido Federation

Andebol

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE ANDEBOL É FUNDADA A 1 DE MAIO DE 1939. TEM 21 360 PRATICANTES INTEGRADOS NOS CLUBES DE 24 ASSOCIAÇÕES REGIONAIS. EM 1999, GERE UM ORÇAMENTO DE 1 870 560 ESCUDOS. O ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA DESPORTIVA É-LHE ATRIBUÍDO EM 11 DE DEZEMBRO DE 1993. O ANDEBOL É MODALIDADE OLÍMPICA

1954 – Volta a disputar-se o Mundial de andebol de sete jogadores, depois da interrupção provocada pela II Guerra Mundial

1957 – O Dukla de Praga (Checoslováquia) vence a primeira Taça dos Campeões Europeus

1957 – A Checoslováquia vence o primeiro mundial feminino de andebol de sete

1958 – A Suécia sagra-se bicampeã mundial

SET/OUT 58 – Herbert Riphn, conceituado técnico alemão, vem a Portugal dirigir cursos de treinadores em Lisboa e no Porto

JUL 66 – Emile Horte, presidente do Conselho Técnico da Federação Internacional, desloca-se a Portugal para participar em colóquios sobre actualizações e interpretações de regras

1972 – A modalidade é definitivamente admitida nos Jogos Olímpicos

MAI 72 – Inicia-se o primeiro campeonato nacional feminino depois da iniciativa de um grupo de estudantes junto do Benfica, clube que cria a primeira formação, incentivando as restantes
►

Desenvolvimento com sete

A introdução do andebol em Portugal data de 1929, quando Armando Tschopp divulga as regras da modalidade no jornal «Sports». Em 1932, as associações de Lisboa e Porto criam campeonatos regionais na variante de onze jogadores. O desenvolvimento do desporto e os esforços das associações permitem a formação de uma federação em 1938 e a sua oficialização um ano depois. Em 1949, surge a variante de sete, que assume maior dimensão.
O Sporting vence o primeiro Campeonato Nacional, na época de 51/52. A década de 50 e 60 é mesmo dominada pelo clube de Alvalade, a par do Porto. Leões e portistas apenas deixam escapar os títulos de 52/53, para o Salgueiros, e de 61/62, para o Benfica.
Entre as temporadas 68/69 e 72/73, o Sporting conquista cinco campeonatos consecutivos, proeza inédita na história da modalidade em Portugal. O pentacampeonato é ganho pelo técnico Matos Moura, que orienta uma equipa de excepção da qual sobressai o guarda-redes Bessone Basto, o «meia-distância» Marques, o «pivot» Carlos Correia e o extremo Manuel Brito. Após quatro épocas sem vencer, o conjunto verde e branco volta a dominar o Nacional e a conquistar o tetracampeonato, em 80/81, sob o comando técnico de Ângelo Pintado.
A década de 80 é a mais equilibrada. As vitórias finais são distribuídas por Sporting, Benfica, Belenenses e ABC. A equipa de Braga superioriza-se nos anos 90, década em que se sagra tricampeã (1993) e tetracampeã (1998), com um ponto de diferença sobre o Porto. Mesmo depois da saída de jogadores tão importantes como Tchikoulaev (1995), Dolgov e Dobrescu (ambos em 1997), Aleksander Donner conduz o clube minhoto ao quarto título consecutivo. O emblema das Antas interrompe em 1999 a hegemonia bracarense, conseguindo festejar a vitória no campeonato ao fim de 31 anos.
Quanto à Taça de Portugal, a primeira edição é organizada na época de 71/72. A final é disputada na Marinha Grande, o Sporting vence o Porto por 11-9. Com oito vitórias, o clube de Alvalade é o que tem mais triunfos nesta competição. Segue-se o ABC, com seis, todas elas conquistadas na década de 90; o Porto, com sete; o Belenenses, com quatro; e o Benfica, com três. Em 1999, a Madeira SAD inscreve pela primeira vez o nome na lista de vencedores, juntando a vitória aos triunfos obtidos no Campeonato e na Taça pela equipa feminina do clube.

Naturalizações

Em 1996, a selecção nacional passa a contar com jogadores naturalizados. Viktor Tchikoulaev e Vladimir Bolotskih, estrangeiros mais-valias para a equipa das quinas, pedem a nacionalidade portuguesa em 1993, mas começam por ver os pedidos indeferidos por não terem seis anos de residência em Portugal. Luís Santos, o presidente da Federação Portuguesa de Andebol, vê nessa situação prejuízos irreparáveis para a modalidade, considerando que a «teimosia governativa» acarreta «graves prejuízos financeiros». O despacho ministerial só surge em Outubro de 1996. A estreia oficial de Tchikoulaev com a camisola das quinas acontece a 30 de Outubro, em Braga, frente à selecção alemã, partida integrada na fase de qualificação para o Mundial, que vem a terminar com o resultado histórico de 21-19. Por sua vez, a estreia de Bolotskih em jogos de apuramento para o mesmo Campeonato do Mundo acontece também em Braga, mas a 27 de Novembro de 1996 e frente à Polónia.

△ Benfica-Belenenses: um clássico também no andebol

◁ Tchikoulaev, naturalizado português, com a camisola do Sporting

Luís Santos

Luís Santos é o presidente da Federação Portuguesa de Andebol. Embora não reúna o consenso dos que estão ligados à modalidade, ocupa o cargo desde 1984. Empresário, nascido em Lisboa a 14 de Novembro de 1935, inicia a carreira de dirigente desportivo no Encarnação e prossegue-a no Belenenses.

Enquanto presidente da Federação, procura apostar nos jovens e na descentralização, tentando estabelecer uma relação forte com as associações. Considera benéfica a vinda de estrangeiros de qualidade, para criar novos hábitos de trabalho e melhorar o espectáculo. Apoia, inclusivamente, a naturalização de jogadores. «Se o Van Basten ou o Gullit se naturalizassem, eu queria ver se os atiravam para o cesto dos papéis...», questiona em 1993. No dirigismo desempenha também as funções de presidente da Confederação Portuguesa do Desporto.

O seu principal sonho é ver o andebol português nos Jogos Olímpicos. «Não somos coxos, marrecos ou manetas», justifica.

Carlos Silva

Guarda-redes, Carlos Silva é um dos melhores jogadores portugueses de sempre. Nasce a 15 de Maio de 1951 em Lisboa e é no Clube Atlético e Recreativo da Encarnação que começa a carreira, na época de 67/68. Ingressa no Sporting em 1969 e ao fim de oito épocas (76/77) muda-se para o Benfica. Na temporada seguinte, protagoniza nova transferência, desta feita para o Belenenses, clube pelo qual vence uma Taça de Portugal. Aos 27 anos rejeita a proposta do Atlético de Madrid e regressa ao Sporting, clube que defende durante 20 anos de actividade e onde conquista sete Taças de Portugal, nove títulos de campeão nacional e um de campeão metropolitano. Deixa Alvalade com 40 anos e vai para o clube TAP despedir-se do andebol em 91/92, época em que recebe do Governo a medalha de Mérito Desportivo.

Estreia-se pela selecção de esperanças em 1973, num jogo com a Espanha, e cumpre seis* jogos até ascender à equipa principal. Ao serviço da selecção A tem 96 internacionalizações*, uma presença no Grupo B do Mundial e seis no C, grupo em que se sagra campeão em 1976. Quatro anos antes de se retirar definitivamente (1988), toma a decisão de não voltar a representar a selecção portuguesa, em renovação. Após o abandono das competições como jogador, faz parte das equipas técnicas do Liceu Camões, Almada e Sporting, como treinador adjunto, e é director técnico da Associação de Andebol de Lisboa.

* Número relativo aos dados fornecidos pela FPA e estes não referem os 102 jogos efectuados por Carlos Silva, que garante ter 97 presenças na selecção A e apenas cinco na de Esperanças.

Bilhete de Identidade

Carlos Manuel Duarte da Silva
Lisboa, 15 de Agosto de 1951

Como atleta
CLUBES
Encarnação, Sporting, Benfica, Belenenses e Clube TAP

PALMARÉS
9 vezes campeão nacional 69/70, 70/71, 71/72, 72/73, 78/79, 79/80, 80/81, 83/84 e 85/86 (Sporting).
8 Taças de Portugal 77/78 (Belenenses), 71/72, 72/73, 74/75, 80/81, 82/83, 87/88 e 88/89 (Sporting)

SELECÇÃO A
96J. Campeão Mundial do Grupo C (1976)

A caminho da Croácia

1973 – O Sporting vence o quinto título consecutivo

1974 – A Roménia sagra-se campeã mundial pela segunda vez consecutiva e obtém o quarto título mundial do seu historial

1976 – Portugal vence o Grupo C do Campeonato do Mundo, disputado em território nacional

ABR 79 – O guarda-redes João Santa Bárbara estreia-se pela selecção nacional na Taça Latina, disputada em Itália

JAN 81 – Machado da Costa abandona o comando técnico do Benfica, com a equipa em segundo lugar do Campeonato (38 pontos), com menos um ponto que o Sporting, primeiro classificado

MAI 81 – João Barata demite-se do cargo de treinador do Benfica. A demissão surge na sequência do comportamento irregular da equipa na fase final do Nacional da I Divisão

1984 – Luís Santos assume a presidência da Federação Portuguesa de Andebol

JUN 89 – A Direcção da Associação de Braga demite-se em bloco, em virtude de insultos e tentativas de agressão ao presidente Álvaro Cunha, durante a realização do jogo ABC-Porto da fase final do Nacional de Juniores

1990 – A União Soviética sagra-se tricampeã mundial feminina

1992 – A selecção nacional feminina de sub-20 é sexta no Europeu

SET 92 – Portugal vence o primeiro Europeu de sub-19

ABR/MAI 94 – O ABC de Braga disputa a final da Liga dos Campeões, com o Teka de Santander

1994 – Portugal sagra-se vice-campeão europeu de sub-19. Ricardo Andorinho é considerado o melhor jogador da competição

JUN 94 – Disputa-se em Portugal a primeira edição do Europeu de Andebol, que a Suécia vence

DEZ 94 – O árbitro eborense Jorge Gil é atingido na face por uma tábua

Portugal escreve a mais brilhante página do historial ao conseguir o apuramento para a fase final do Europeu de 2000. O passaporte para a Croácia é, por ironia do destino, carimbado na vizinha e rival Jugoslávia, com uma derrota tangencial (23-22) a garantir a vantagem, mercê do triunfo em Viseu, por dois pontos (30-28), perante a equipa medalha de bronze do Mundial 99, realizado no Egipto.

O andebol português vive, sete anos antes, outro momento alto quando a Selecção se sagra campeã europeia de sub-19, na primeira edição da competição, nos arredores de Zurique, Suíça, já com a maioria dos jogadores que brilharam em 1999. Portugal vence na final a Rússia por 30-26, após o empate a 24 golos no tempo regulamentar. A sofrida vitória é comemorada com algumas lágrimas de alegria.

A equipa lusitana superioriza-se entre as oito participantes pelo colectivismo que evidencia, com o apoio permanente dos emigrantes portugueses. No percurso até à final, Portugal vence o Grupo B, classificando-se à frente da Rússia, Alemanha e Israel, e afasta a Noruega nas meias-finais.

Realça-se o trabalho de Mircea Costache, técnico romeno que faz o planeamento e renovação das selecções nacionais, e Sérgio Morgado, considerado o melhor guarda-redes da prova. O esforço federativo também sai premiado. As selecções estrangeiras ficam alojadas num aquartelamento com camaratas de três camas para os jogadores, a 20 quilómetros do local onde se situam as instalações dos dirigentes. A Federação lusitana proporciona o alojamento dos portugueses em hotel de cinco estrelas e condições de deslocação e treino excepcionais, que contribuem para a obtenção de um título histórico.

Em 1994, a nível das selecções principais, a Suécia vence de forma incontestável o primeiro Campeonato da Europa que se disputa em Portugal, nas cidades de Almada e Porto. Na final a selecção sueca vence a russa por 34-21. Os portugueses classificam-se em 12º lugar (último). Com jogadores jovens mas sem a experiência técnica nem a preparação psíquica das selecções adversárias, a equipa lusitana perde com a Dinamarca, Espanha, Hungria, Suécia e Eslovénia. Resta a Portugal o sucesso organizativo, ainda que sem o número de espectadores à altura da competição.

Campeão mundial do Grupo C

Portugal é campeão mundial do Grupo C em 1976, à frente das selecções da Holanda e da Suíça, segunda e terceira classificadas, respectivamente. Na competição, disputada em oito cidades portuguesas, a equipa nacional vence a congénere helvética no derradeiro encontro por 20-15, com destaque para a actuação do guarda-redes Carlos Silva. A passividade da primeira parte do desafio dá lugar a um jogo mais rápido no segundo tempo, com Portugal no ataque a obter três golos seguidos e a segurar o contra-ataque adversário até ao termo do encontro. O triunfo permite à selecção portuguesa chegar ao primeiro lugar e classificar-se para o Mundial do Grupo B na Áustria.

Portugal na fase final do Mundial 97

A presença portuguesa na fase final do Mundial do Japão é marcada por uma vitória e quatro derrotas nas cinco partidas disputadas. Integrado no grupo composto pelas selecções da Espanha, Brasil, República Checa, Tunísia e Egipto, Portugal apenas vence o primeiro encontro, ante os brasileiros.
No último jogo, frente ao Egipto (sexto classificado no Mundial 95), a selecção nacional parece acusar o esforço despendido na equilibrada partida com a Espanha. Vê-se ainda obrigada a substituir o guarda-redes por um jogador de campo nos minutos finais. Apesar do ascendente português e da vantagem de dois golos ao intervalo (14-12), o sete nacional, orientado por Aleksander Donner, não impede o triunfo do adversário por 29-25 e não consegue a passagem à fase seguinte. Classifica-se em 19º lugar. A Rússia sagra-se campeã.

◁ A juventude portuguesa aproveitou o triunfo de 1992 para ganhar estatuto internacional

◁ A selecção que conquistou a brilhante vitória no Mundial do Grupo C

△ Rui Rocha prepara o remate, num jogo de preparação para o Mundial do Japão

ABC vice-campeão europeu

Pela primeira vez na história das competições europeias de clubes, duas equipas latinas encontram-se numa final e logo na mais importante competição, a Taça dos Campeões Europeus. O ABC sagra-se vice-campeão europeu ao disputar com o Teka de Santander a final de 1994, ano em que está na iminência de desistir das competições europeias por falta de recursos financeiros. Após eliminar o Initia Hasselt (Bélgica) e o Hapoel Rishon (Israel) e vencer a «poule», com os adversários Sandefjord, Nimes e Badel Zagreb, a equipa minhota chega à final.
Em Braga, o ABC começa melhor o desafio da primeira mão, mas a menor eficácia ofensiva permite ao adversário espanhol ganhar ligeira vantagem, só desfeita no último segundo por Dolgov, na marcação de um livre, estabelecendo a igualdade em 22. Na segunda ronda, o Teka de Santander vence por 23-21 e obtém o título europeu, num jogo em que o marcador regista várias alternâncias. Apesar da derrota, o conjunto português – mais regular do que na primeira mão, com maior seriedade e a lição bem estudada – revela o mesmo nível do adversário. Tchikoulaev é, inclusive, o rematador mais eficaz da «poule» final, com 68 golos.

lançada da bancada após o Belenenses-Porto, no Restelo

1995 – Portugal obtém a medalha de bronze no Mundial de Sub-21

1996 – A selecção nacional de sub-21 é sétima no Europeu

1996 – O ABC disputa as meias-finais da Taça dos Campeões Europeus com o THW Kiel da Alemanha

5 OUT 96 – O primeiro-ministro António Guterres promulga a naturalização dos andebolistas Tchikoulaev e Bolotskih

30 OUT 96 – Tchikoulaev estreia-se pela selecção nacional em Braga, no jogo com a Alemanha da fase de qualificação para o Mundial 97, que termina com uma vitória histórica por 21-19

27 NOV 96 – Estreia de Bolotskih ao serviço da selecção portuguesa

1997 – A selecção nacional feminina de sub-20 obtém o sexto lugar no Mundial. Juliana Sousa é a melhor jogadora da competição

MAI 97 – Portugal participa na fase final do Mundial do Japão

13 DEZ 97 – Jurgen Swinka, alemão de 48 anos de idade, fere mortalmente com um punhal dois adeptos dinamarqueses no decorrer do jogo entre a Dinamarca e a Rússia, relativo às meias-finais do Mundial feminino de Berlim

SET 98 – O Benfica decide suspender o andebol sénior, devido a um diferendo com a Federação (organismo que o presidente do clube acusa de falta de isenção e despotismo)

12 MAI 99 – Portugal inicia a campanha de pré-qualificação para o Europeu 2000, contra a Geórgia, sob a orientação do novo técnico da selecção, o espanhol Javier Equisoain

JUN 99 – O Benfica anuncia o regresso do escalão sénior, para a época 1999/2000

18 SET 99 – Um golo de Tchikoulaev na Jugoslávia coloca Portugal na fase final do Euro 2000

DEZ 99 – Federação anuncia a suspensão da selecção feminina

Europeu nasce em Portugal

Campeões Mundiais

Masculinos
1954: Suécia, 1958: Suécia, 1961: Roménia, 1964: Roménia, 1967: Checoslováquia, 1970: Roménia, 1974: Roménia, 1978: RFA, 1982: URSS, 1986: Jugoslávia, 1990: Suécia, 1993: Rússia, 1995: França, 1997: Rússia, 1999: Suécia

Femininos
1957: Checoslováquia, 1962: Roménia, 1965: Hungria, 1971: RDA, 1973: Jugoslávia, 1975: RDA, 1978: RDA, 1982: URSS, 1986: URSS, 1990: URSS, 1993: Alemanha, 1995: Coreia do Sul, 1997: Dinamarca

Campeões Europeus

Masculinos
1994: Suécia, 1996: Rússia, 1998: Suécia

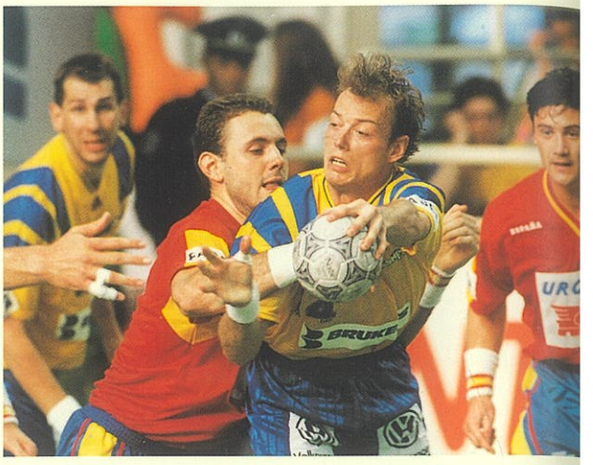
Femininos
1994: Dinamarca, 1996: Dinamarca, 1998: Noruega

Campeões Olímpicos

Masculinos
1936: Alemanha, 1972: Jugoslávia, 1976: URSS, 1980: RDA, 1984: Jugoslávia, 1988: URSS, 1992: CEI, 1996: Croácia

Femininos
1976: URSS, 1980: URSS, 1984: Jugoslávia, 1988: Coreia do Sul, 1992: Coreia do Sul, 1996: Dinamarca

[Mais palmarés no Arquivo]



O primeiro Campeonato do Mundo de andebol, realizado em 1938, tem por vencedor a Alemanha. Seguem-se 16 anos de interregno, motivado em grande parte pela II Guerra Mundial. Só em 1954 é organizado um novo Mundial, ganho pela Suécia. Quatro anos volvidos, os suecos repetem o triunfo e sagram-se bicampeões mundiais. De 1961 a 1974, a selecção dominadora é a da Roménia, quatro vezes campeã do Mundo (1961, 1964, 1970 e 1974), um recorde na modalidade.
No andebol feminino, destacam-se dois países: as antigas Alemanha Democrática e União Soviética, com três Mundiais cada. O domínio das alemãs é exercido nos anos 70 (1971, 1975 e 1978), ao passo que na década de 80 são as soviéticas que sobressaem (1982 e 1986) e vencem também o Mundial 90.
Na variante de andebol de 11, é a Alemanha, a exemplo do andebol de 9, a primeira vencedora, curiosamente no mesmo ano, 1938. A selecção germânica festeja o triunfo em mais três edições: 1952, 1955 e 1959. O Mundial 55 compreende um dado de destaque: na final, disputada entre a Alemanha e a Suíça, em Berlim, 55 mil pessoas presenciam o encontro.
O primeiro Campeonato da Europa é disputado em Portugal, em 1994, e o vencedor é a Suécia, seguido da Rússia, em 1996. Dois anos depois, o título volta às mãos da selecção sueca. Na competição feminina, o destaque vai para a Dinamarca, mercê da vitória nos Europeus 94 e 96.
A Taça dos Campeões, a Taça das Taças, a Taça IHF e a Taça das Cidades são as provas europeias destinadas aos clubes. Na prova máxima, a Taça dos Campeões, o Gummersbach soma o maior número de triunfos (cinco). O clube alemão é, inclusive, o mais galardoado no somatório de todas as competições, pois vence também, por duas vezes, a Taça das Taças e a Taça IHF. O Barcelona soma quatro triunfos na Taça dos Campeões e dois na Taça das Taças.

Figuras internacionais

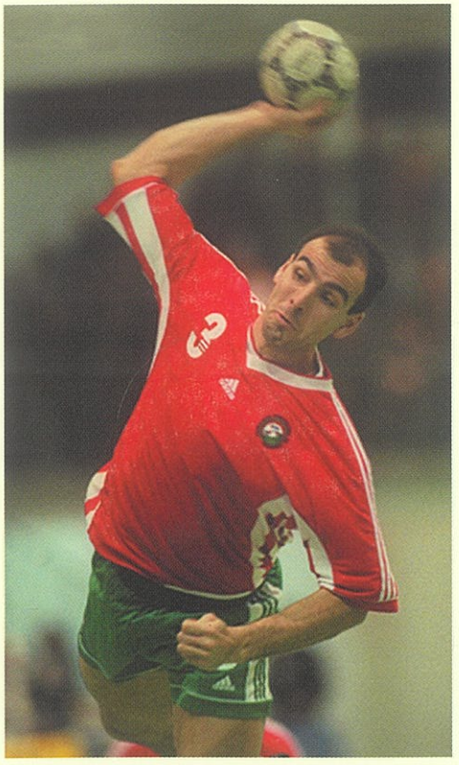
Talant Dujshebaev é a figura de maior destaque no andebol internacional, considerado por muitos o Pelé da modalidade. Inicia a carreira na antiga União Soviética e tem como primeiro momento digno de registo a vitória nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992. Destaca-se pelo facto de ter, em circunstâncias diferentes, representado três selecções: União Soviética, Rússia e Espanha. É em 1993 que emigra para Espanha. Ao serviço do Caja Cantabria Santander, vence a Taça IHF 93 e a Taça dos Campeões 94. É duas vezes vice-campeão europeu pela Espanha (1996 e 1998).
Nomeado duas vezes melhor andebolista do mundo em 1994 e 1996, no Europeu 96 é considerado o melhor jogador e em 1997 recebe a mesma distinção no Mundial do Japão. Um ano depois ingressa no Minden, clube alemão.
Jackson Richardson encarna o apogeu francês no andebol internacional nos anos 90. Natural da Ilha da Reunião, o andebolista com visual à Bob Marley é considerado um dos melhores de sempre na modalidade. Joga na posição de central e é titular indiscutível, quer na selecção gaulesa quer no Vitrolles de Marselha (o seu primeiro clube).
Internacional pela primeira vez em 1989, tem a carreira recheada de êxitos e louvores. Em 1992, a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Barcelona surge como primeira referência no seu palmarés. Um ano depois, é campeão mundial na Suécia. Em 1995, com nova vitória no Campeonato do Mundo na Islândia, atinge provavelmente o melhor ano da carreira: é considerado o melhor jogador do Mundial e vence a Taça das Taças pelo seu clube, êxito que já festejara em 1993. Nos Jogos Olímpicos de Atlanta, queda-se pelo quarto lugar.

△ Duas potências em confronto no primeiro Europeu, disputado em Portugal: Espanha e Suécia

◁ França em vantagem sobre a Croácia no Euro 94, que reparte jogos entre Almada e Porto

◁ Sueco tenta impedir remate de esloveno: os nórdicos tornam-se nos primeiros a erguer o ceptro europeu

Carlos Resende



Carlos Resende é o andebolista português com mais internacionalizações. Nasce em Lisboa em 29 de Maio de 1971 e entra para o andebol por mero acaso, ao aceitar o convite de um amigo da família para praticar a modalidade no Ateneu da Madre de Deus em 1980. Ruma ao Sporting em 1984 e treina com assiduidade duas vezes por dia, chegando às seis horas diárias.

Em 1988, recebe um aliciante convite do Porto para integrar uma equipa sénior, possibilidade que não se perspectivava em Alvalade. Quando tem essa hipótese no Sporting, já está comprometido para representar o clube nortenho. Nas Antas tem a possibilidade de trabalhar com os seus ídolos. Adopta o estilo de José Luzia e parte para uma carreira fulgurante.

Vence a Taça de Portugal em 93/94. Ingressa no ABC em 1995. Vence duas Taças de Portugal e sagra-se tricampeão pela equipa bracarense, somando os títulos de 95/96, 96/97 e 97/98. Em 1996, disputa as meias-finais da Taça dos Clubes Campeões Europeus, não regateando elogios a Aleksander Donner e condicionando a sua continuidade ao investimento na área internacional.

O lateral-esquerdo estreia-se pela selecção A num jogo com uma selecção do resto do Mundo em 1989, após rápida ascensão dos escalões jovens à equipa sénior nacional. Tem 143 internacionalizações A, 847 golos apontados e uma presença na fase final do Mundial 1997, realizado no Japão.

É um dos jogadores que assume a contestação à naturalização de Bolotskih e Tchikoulaev. «Qualquer dia íamos buscar os melhores europeus e estava feita a selecção.»

Δ No jogo Portugal-Bélgica de apuramento para o Mundial 1999

▷ Vencendo a oposição do leão Luís Gomes

▷ Executando mais um remate poderoso e certeiro

Bilhete de Identidade

Carlos Alberto da Rocha Resende
Lisboa, 29 de Maio de 1971

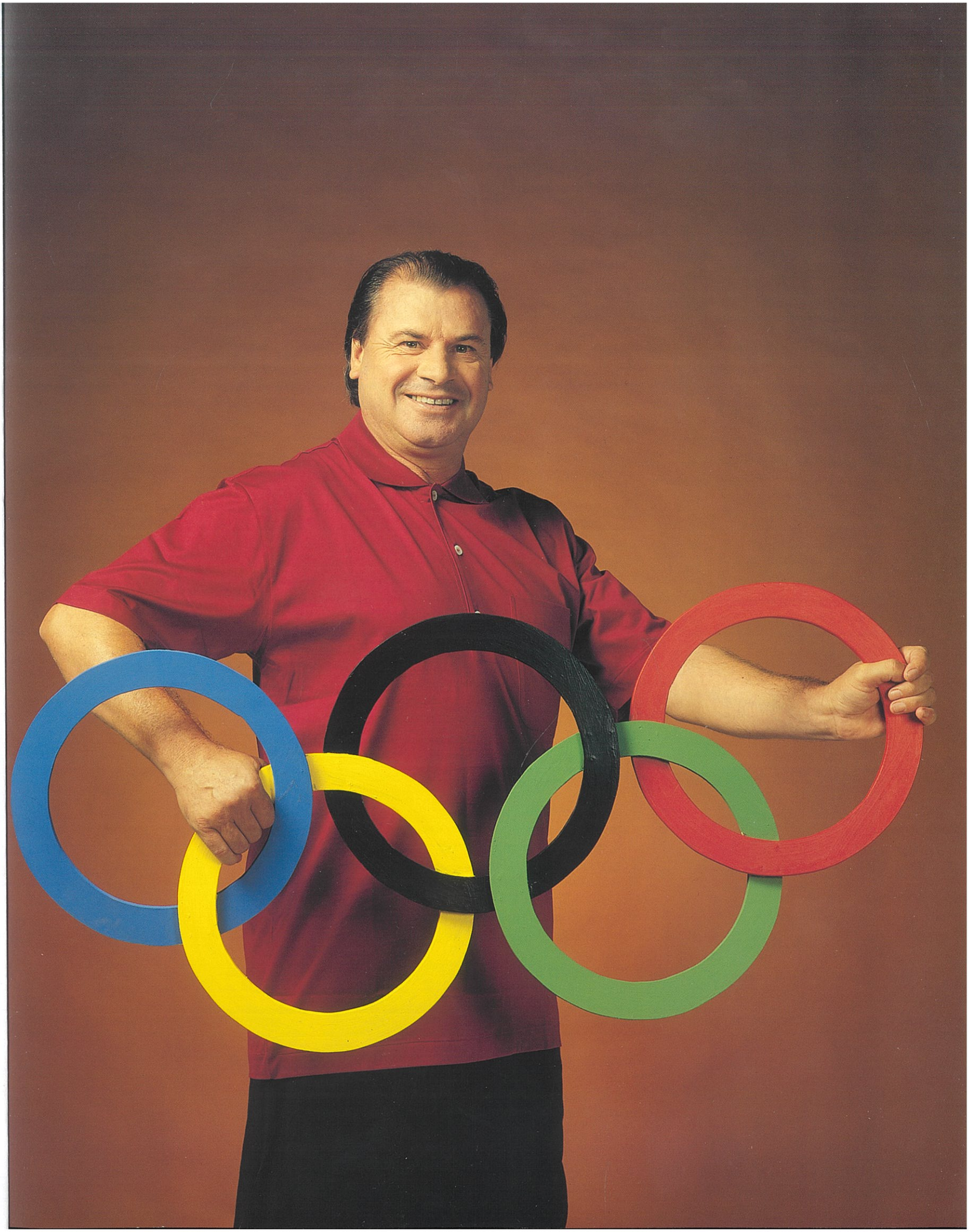
Como atleta
CLUBES
Ateneu da Madre de Deus, Sporting, Porto e ABC

PALMARÉS
3 vezes campeão nacional 95/96, 96/97 e 97/98 (ABC). 3 Taças de Portugal 93/94 (Porto), 95/96 e 96/97 (ABC)

SELECÇÃO A
143J, 847 golos. Presença na fase final do Mundial Japão 97

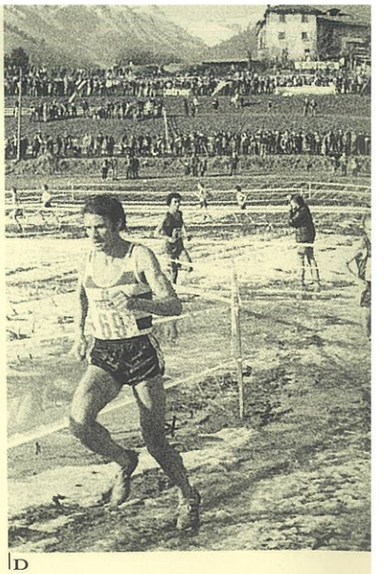
O papa-léguas

«É muito fraco e não tem condições para andar a correr. Autorizá-lo seria concorrer para a sua imediata entrada no sanatório.» Com sete filhos, os pais de Carlos Lopes temem o aparecimento de qualquer doença que as suas condições financeiras não possam suportar. Retardam ao máximo a autorização. Após a conhecida oposição, lá consegue a assinatura paternal que lhe permite representar o Lusitano Futebol Clube. Estreia-se na S. Silvestre da Associação de Desportos de Viseu, presenciada por milhares de pessoas. Fica em segundo entre dezenas de atletas, alguns deles bem cotados.
Quando é seleccionado para ir a Marrocos não tem roupa adequada. A rapaziada de Vildemoinhos junta dinheiro e compra-lha. Pouco tempo após o regresso do Norte de África, compromete-se com o Sporting (além dos leões só vem a representar um outro clube: o Imortal). O clube arranja-lhe emprego. Não consegue treinar-se por falta de tempo, uma vez que tem os dias totalmente ocupados com o trabalho. Depois de muita luta, sai da gelada oficina e vai para contínuo no «Diário Popular», mas também não se dá bem, por passar os dias a subir e a descer escadas, com os naturais prejuízos desportivos. A passagem para um banco assegura-lhe as condições para uma preparação mais adequada.
A ascensão sucede progressivamente. Em 1971 vai ao Europeu, em Helsínquia, e fica em 33º nos 10 000 metros (30.05,6), disputando ainda os 3000 metros obstáculos.
Nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, é nono nas eliminatórias dos 5000 (14.29,6) e dos 10 000 metros (26.53,6). A 28 de Fevereiro de 1976, sagra-se Campeão do Mundo de Corta-Mato, em Chepstown. É a primeira medalha do atletismo português.
Em Maio do mesmo ano reduz em 45 segundos o próprio recorde nacional nos 10 000 metros, num «meeting» em Munique, sendo o primeiro português a baixar dos 28 minutos.
Meses depois, mais precisamente a 26 de Julho, o País pára para o ver correr os 10 000 metros dos Jogos Olímpicos de Montreal. Em Vildemoinhos, António de Almeida Lopes mostra-se pouco confiante na vitória do filho, porque ao seu lado estão «pelo menos três ingleses que merecem respeito». Um grupo de amigos, «muito em segredo», manda gravar o seu nome na principal artéria da localidade.
Quando parte de Lisboa, a preocupação da Comunicação Social é tentar saber se Carlos Lopes se considera capaz de conquistar o ouro. Os repórteres são sujeitos à resposta trivial: «Vou fazer o melhor possível.» Lasse Viren (duas medalhas de ouro em Munique 72) é o principal adversário.
Após o tiro de partida Carlos Lopes não toma os melhores lugares. Fica no meio do pelotão. Aos 400 metros está em terceiro. Cumpre o primeiro quilómetro em 2.52,95 e o segundo em 2.44,06. O ataque de Forster deixa-o no quinto posto. Recupera de seguida. À sétima volta, Mariano Haro passa a comandar, acelerando o ritmo da passada para fazer descolar os perseguidores. Em vão. A fila alonga-se, mas aguentam-se todos. Smet cai à décima volta com Carlos Lopes na frente. Toma a dianteira aos 7,52 minutos e apenas com um pequeno interregno mantém-se nessa posição até às últimas centenas de metros. Só não resiste ao «sprint» final de Viren, «o finlandês voador».
Consegue o segundo melhor tempo de 1976 e estabelece um novo recorde nacional. Os portugueses deliram com a medalha de prata e ficam indignados com o comportamento da RTP, que na hora do içar da bandeira leva para o ar «meia dúzia de anúncios».
Na sala de imprensa, o finlandês não escapa a perguntas difíceis, tanto mais que nas bancadas se diz que correra dopado. «A única coisa que a análise pode acusar é leite [de rena], que tomo para me dar energias.» ▶



B

C



D

O encontro com Eusébio e Yazalde

O Sporting presta homenagem a Carlos Lopes dois meses e meio depois de ganhar a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Montreal. A 9 de Outubro de 1976, organiza um festival desportivo, com provas de atletismo, ciclismo e um jogo de futebol entre Sporting e Benfica. A partida termina com a derrota dos leões por 3-2 e marca o reaparecimento de Eusébio nos campos portugueses, precisamente com a camisola do antigo clube. O Pantera Negra só participa por ser um pedido do atleta sportinguista.

E

F

«Estou lesionado no pé direito e nem sequer posso rematar, pelo que foi preciso um pouco de sacrifício para jogar. Como acho que o Carlos Lopes merecia este sacrifício...» (**Record**, 10 de Outubro de 1976). Na festa participa também Yazalde, por dispensa do Marselha.
No intervalo do jogo realiza-se a prova de 2000 metros. Ausentes os principais especialistas, Carlos Lopes vence com relativo à-vontade. O segundo é José Abreu e o terceiro Tavares da Silva. No ciclismo, o momento mais alto é a presença de Joaquim Agostinho, com a camisola da Teka. Dá uma volta de honra, demoradamente aplaudido por 40 mil espectadores.
Em 1977, é vice-campeão mundial de corta-mato em Dusseldorf, mas a seguir uma lesão no tendão de Aquiles priva-o de competir em pista. Nos dois anos seguintes, tem episódicas participações em competições de corta-mato e pista. Em 1980, nova lesão impede-o de participar nos Jogos Olímpicos de Moscovo. 1981 marca o regresso. Na prova em que Fernando Mamede bate pela primeira vez o recorde da Europa (27.27,7), em Alvalade (30 de Maio de 1981), consegue 27.47,8. Em 1982, tira a Mamede, num espaço de 14 dias, o recorde europeu nos 10 000 metros, com 27.24,39, e no Europeu de Atenas é quarto. No Mundial de Helsínquia, em 1983, é sexto na final dos 10 000 metros, depois de um mês antes ter estabelecido a melhor marca mundial do ano, em Oslo, e de em Março ter sido vice-campeão mundial de corta-mato.

1984 – Ano de Ouro

Nem o facto de ter sido atropelado a 27 de Julho de 1984, enquanto treinava, lhe retira confiança para a Maratona de Los Angeles. Após dois dias de gelo, volta ao trabalho. 1984 é um ano de ouro. É campeão mundial de corta-mato e olímpico e estabelece, a 2 de Julho, em Estocolmo, o segundo melhor tempo mundial nos 10 000 metros (27.17,48), na prova em que Fernando Mamede percorre a distância em 27.13,81.
«Como o antigo grego Philippides, mais de 2000 anos antes deles, Carlos Lopes trouxe uma mensagem de vitória ao Coliseum», anuncia a agência noticiosa Reuter após o termo da maratona olímpica. O triunfo trai os americanos, preparados para a festa a Alberto Salazar, um dos grandes especialistas na distância, que faz uma prova irregular e não consegue melhor do que o 15º posto. Rob de Castella, outro dos favoritos, fica em quinto. E lamenta: «Com a rapidez que Carlos Lopes demonstrou, poderia ganhar também a medalha de ouro nos 10 000 metros.»
Aos 37 anos, e como mais velho dos participantes, mostra estar longe de um colapso quando cruza a meta. Apesar dos 29 graus de temperatura e do ritmo imposto pelos africanos Ikangaa, Nzau, Ngeny, chega aos 30 km bastante fresco. Aos 35 km, primeiro juntamente com o irlandês John Treacy e depois já sozinho, impõe um ritmo que lhe permite ganhar clara vantagem rapidamente. ▸

G

H

▸ Chega à meta com 35 segundos de vantagem (2:09.21 contra 2:09.56). «Faço hoje em dia o mesmo trabalho que fazia há dez ou 15 anos», justifica. «Quero apresentar-lhe as mais calorosas felicitações e sinceros agradecimentos pela sua vitória na maratona destes Jogos Olímpicos, que perante todo o Mundo tanto elevou o nome de Portugal. Estou certo que o exemplo será um estímulo para a juventude portuguesa, junto da qual, de resto, já manifestou o seu empenhamento na divulgação do desporto e na edificação da confiança e da esperança aquando do Dia de Portugal em Viseu, sua região natal. A sua vitória, que hoje é de todos nós...», pode ler-se na mensagem enviada por Ramalho Eanes, Presidente da República.

A última medalha surge em Lisboa, no Campeonato do Mundo de corta-mato, realizado em Lisboa em 1995.

A Momento triunfal a 13 de Agosto de 1984: vence a maratona dos Jogos Olímpicos de Los Angeles

B Um gesto muitas vezes repetido

C Já isolado, descendo a Avenida da Liberdade, em Lisboa

D No comando de uma corrida de corta-mato, seguido do espanhol Prieto

E Entre dois craques do futebol: o rei Eusébio e Yazalde

F Triunfo na corrida de 10 mil metros nos «Bislett Games», em Oslo, 1983, ladeado por Fernando Mamede, segundo, e o britânico Nick Rose, terceiro

G Já em 1972 era o «maior» do atletismo português

H Com a esposa, exibindo a medalha de Honra de Mérito Desportivo, entregue pelo primeiro-ministro Mário Soares

I O Sporting foi e é o seu clube

J Homenageado por Miranda Calha na Gala da Fundação do Desporto

I

J

Evolução de marcas

Ano	5000 m	Ano	10 000 m	Ano	Marat.
1966	15.17,4	1966	–	1966	–
1967	14.43,0	1967	30.52,0	1967	–
1968	14.36,2	1968	30.45,6	1968	–
1969	14.35,2	1969	30.40,6	1969	–
1970	14.23,4	1970	30.26,6	1970	–
1971	14.06,2	1971	29.28,0	1971	–
1972	13.46,8	1972	28.53,6	1972	–
1973	13.41,4	1973	28.37,0	1973	–
1974	13.34,2	1974	28.38,8	1974	–
1975	13.33,8	1975	28.30,6	1975	–
1976	13.24,0	1976	27.42,8	1976	–
1977	–	1977	28.44,6	1977	–
1978	13.42,6	1978	28.05,0	1978	–
1979	13.39,9	1979	28.44,3	1979	–
1980	14.00,2	1980	–	1980	–
1981	13.39,2	1981	27.47,8	1981	–
1982	13.21,8	1982	27.24,39	1982	–
1983	13.28,1	1983	27.23,44	1983	2:08.39
1984	13.16,38	1984	27.17,48	1984	2:09.06
1985	13.54,8	1985	–	1985	2:07.12

Melhores marcas

Ano	5000 m	Ano	10 000 m	Ano	Marat.
1984	13.16,38	1984	27.17,48	1985	2:07.12
1982	13.17,28	1983	27.23,44	1983	2:08.39
1982	13.18,40	1982	27.24,39	1984	2:09.06
1982	13.21,8	1983	27.35,8	1984	2:09.21
1976	13.24,0	1976	27.42,65		
1976	13.25,52	1976	27.45,17		
1976	13.26,82	1976	27.45,71		
1983	13.28,1	1981	27.47,8		
1975	13.33,78	1982	27.47,95		
1974	13.34,2	1982	27.57,7		
1975	13.34,2	1976	28.04,53		
1984	13.35,8	1978	28.05,0		
1981	13.39,2	1984	28.05,40		
1979	13.39,9	1983	28.05,62		
		1983	28.06,78		
		1981	28.11,89		
		1978	28.21,0		
		1976	28.30,4		
		1978	28.30,6		
		1978	28.34,9		

Bilhete de Identidade

Carlos Alberto de Sousa Lopes
Vildemoinhos, 18 de Fevereiro de 1947

Como Atleta
CLUBES
Lusitano de Vildemoinhos, Sporting e Imortal

PALMARÉS
Campeão olímpico 1984 (maratona, 2:09.21). 2º Jogos Olímpicos 76 (10 000m, 27.45,17). 3 vezes campeão mundial de corta-mato 1976, 1984 e 1985. 2º Mundial de Corta-Mato 1977 e 1983. 7 vezes campeão de Portugal de pista 1968 (5000m, 15.03,0), 1983 (5000m, 13.28,1), 1970 (10 000m, 30.26,6), 1978 (10 000m, 28.21,0), 1975 (3000m obstáculos, 8.43,0), 1971 e 1972 (4×1 500m). 10 vezes campeão nacional de corta-mato 1970, 1971, 1972, 1973, 1974, 1976, 1977, 1978, 1982 e 1984. 3º Mundial de Corta-Mato 1984 (colectivo). Detentor da melhor marca mundial da maratona a 20 de Abril de 1985 (2:07.12)

Atletismo

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE ATLETISMO É FUNDADA A 5 DE NOVEMBRO DE 1921, RECEBE O ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA DESPORTIVA A 11 DE DEZEMBRO DE 1993. EM 1999 TEM CERCA DE 12 800 FILIADOS

5 AGO 50 – Luís Alcide bate máximo nacional do triplo salto (14,76m) durante o V Encontro Peninsular

6 AGO 50 – Portugal vence Espanha no V Encontro Pensinsular por 109-101 pontos

18 AGO 50 – Chegam a Lisboa dez campeões americanos para provas em Alvalade a 19 e 20 de Agosto, entre eles, Fortune Gordien, recordista mundial do lançamento do disco

11 MAR 51 – Sporting vence pela sexta vez consecutiva a estafeta Cascais-Lisboa (1:16.32)

8 ABR 51 – Manuel Gonçalves (Benfica) vence pela sexta vez consecutiva a maratona nacional (Salésias-Estoril-Salésias), no tempo de 2:32.29

8 JUL 51 – Luís Alcide (Benfica) ganha campeonato de Lisboa do triplo salto com 14,67 metros

10 JUL 51 – Jesse Owen visita Lisboa incluído nos Harlem Globetrotters

21/22 JUL 51 – Benfica conquista os 11 primeiros lugares no Campeonato Nacional de Atletismo

5 AGO 51 – Fernando Casimiro (Benfica) é o primeiro português a correr os 400 metros em menos de 50 s. No VI Portugal-Espanha faz 49,3 s

22 JUN 52 – Rui Ramos (Belenenses), no Estádio Nacional, coloca o recorde nacional do triplo salto nos 15,54 metros

23 JUL 52 – Adhemar Ferreira da Silva torna-se no primeiro atleta a dar uma volta de honra a um estádio olímpico depois de bater o recorde mundial e olímpico do triplo salto

27 JUL 52 – Zatopek (2:33.03) ganha a maratona dos JO 1952, sem nunca antes correr os 42,195 km. Antes vencera 5000 e 10 000 metros

Europeu de Corta-Mato

Desde 1994 que o Campeonato europeu de corta-mato se realiza de forma ininterrupta. Tem proporcionado ao meio fundo português, sem os adversários africanos, resultados notáveis. Na primeira edição, Paulo Guerra é primeiro e Domingos Castro segundo, relegando o espanhol António Serrano para o terceiro lugar. Ainda no sector masculino, na mesma edição, António Pinto fica em oitavo, Alberto Maravilha em nono e João Junqueira e Dionísio Castro em 12º e 50º, respectivamente. Em femininos, Fernanda Ribeiro é a melhor classificada (6ª posição). Por equipas, Portugal consegue um primeiro lugar (homens) e um terceiro (mulheres).

Em 1995 Paulo Guerra volta a ganhar, sendo o pódio completado por Alejandro Gomez e Andrew Pearson. Portugal é medalhado com prata, não conseguindo melhor do que a nono posto, colectivamente, nas mulheres, cujo melhor elemento é Ana Dias (9ª). A terceira edição da prova, a de 1996, é ganha por Jonathan Brown (Grã-Bretanha) e Sara Wedlund (Suécia). Paulo Guerra é relegado para o segundo lugar. Nas classificações por equipas, Portugal é primeiro nos homens e ainda desce mais nas mulheres (12º, com 105 pontos).

A quarta edição apresenta maus resultados individuais para os atletas nacionais. Nenhum ascende ao pódio, mas os desempenhos de Alfredo Brás, Domingos Castro, José Regalo e Alberto Maravilha são suficientes para dar o triunfo colectivo a Portugal. O sector feminino proporciona o quarto posto, a dois pontos do terceiro (Espanha soma 46 contra 48).

As mulheres portuguesas triunfam finalmente em 1998. Fernanda Ribeiro (4ª), Helena Sampaio (5ª), Albertina Dias (7ª) proporcionam o triunfo sobre a França que fica com 25 pontos. O terceiro lugar pertence à Roménia com 41 pontos. Individualmente, a melhor prestação masculina é desempenhada por Eduardo Henriques (Paulo Guerra é 11º). Em 1999, Guerra volta a vencer, seguido de Eduardo Henriques. Paradoxalmente, o triunfo colectivo «escapa» para a Grã-Bretanha. Inês Monteiro ganha a prova de juniores.

△ Sem a concorrência dos africanos, o Europeu de corta-mato tem proporcionado excelentes resultados a Portugal

▷ Paulo Guerra tem sido o ponta-de-lança português na prova máxima continental do crosse

Campeonato da Europa

Bruxelas 50

Portugal participa com três atletas. No desfile de apresentação, comparecem apenas Álvaro Dias e os dirigentes Malpique e Pereira Duarte. Luís Alcide e Tomás Paquete ficam no vestiário para não se cansarem. Os campeonatos são disputados por cerca de 400 atletas em representação de 22 países.

Na qualificação do salto em comprimento, regista-se a supremacia de Álvaro Dias com 7,32 metros. Só mais três concorrentes ultrapassam os mínimos (Faucher, 7,22m; Bryngeisson, 7,20m; e Wessels, 7,17m) e é necessário proceder a repescagem. Na final, lesiona-se e não vai além dos sete metros, ocupando o quarto posto. Luís Alcide, por executar deficientemente a corrida, não passa da fase de qualificação (6,78m, 6,55m e 6,11m). No triplo salto é nono, com 14,01m. Tomás Paquete, eliminado nos 100 metros (11,1), parte para os 200 metros desmoralizado e não faz melhor. É sexto na eliminatória com 23,1.

Zatopek domina os acontecimentos. Nos 10 000 metros «dá três voltas com o pelotão para aquecer, mas depois acelera e ninguém tenta sequer acompanhá-lo». Ganha com 29.12,0. Vence também nos 5000 metros (14.03,0).

Berna 54

Matos Fernandes, Tomás Paquete, Júlio Silva, Augusto Silva, Rui Ramos, Manuel Faria, Manuel da Silva, José Araújo e Claudino Martins representam Portugal. José Araújo chega a comandar a maratona. Vai com os primeiros até aos 35 quilómetros, mas fraqueja e cai para a oitava posição. Em bom nível apresenta-se Júlio Silva, nos 10 000 metros. Passa o quinto km no 16º posto; ao sétimo apanha Zatopek, que segue com uma volta de avanço. Entusiasmado, acompanha-o durante meia volta e os dois ultrapassam outro fundista. Cola-se ao finlandês Bosti e ao entrar na recta da meta sprinta para o bater, pensando ter terminado. Alertado da bancada, retoma a corrida e ainda consegue o recorde nacional (16º, 30.59,0).

Zatopek chega a Berna juntamente com a esposa (também faz parte da numerosa delegação checoslovaca de 34 elementos). Interrogado sobre a crise ciática, diz-se curado, mas velho para lutar com Kuts, Chatawoy, Kovacs e Schade. Vladimir Kuts, nos 5000 metros, isola-se aos 500, não lhe dando qualquer hipótese (13.56,6). Resta-lhe o triunfo nos 10 000 metros (28.58,0), no mesmo dia em que a mulher ganha a prova do dardo.

À parte José Araújo e Júlio Silva, os atletas nacionais têm um desempenho discreto. Rui Ramos, lesionado, passa os mínimos no triplo salto (14,56m). Injectado no calcanhar, apenas dá um salto na competição final (13,97m), sendo retirado da pista de maca. O rei do azar é Augusto Silva, que parte esperançado em bater o recorde nacional dos 3000 metros obstáculos. Na primeira passagem da vala, sofre grave entorse devido à má construção da mesma, não passando das eliminatórias

É o ano da Europa de Leste. Hungria e Checoslováquia juntam-se, com quatro medalhas de ouro cada uma, à URSS (16 de ouro).

Δ Emil Zatopek, a Locomotiva Humana, dá festival em Bruxelas...

Δ ... e em Berna, quatro anos depois, é a vez de Vladimir Kuts brilhar nos 5000 metros, não dando hipóteses a Zatopek

25 JUL 53 – Estádio das Antas recebe pela primeira vez campeonatos oficiais de atletismo

16 AGO 53 – Benfica vence campeonatos nacionais (177 pontos, 7 títulos)

31 AGO 53 – Eugénio Eleutério (Benfica) inicia três meses de suspensão, por atitude incorrecta contra um juiz

28 FEV 54 – Benfica vence a estafeta Lisboa-Cascais (1:2.49), batendo o recorde da prova

7 MAR 54 – José Araújo torna-se recordista dos 15 km (48.45,4)

11 ABR 54 – José Araújo (Benfica) triunfa na maratona nacional (Salésias-Estoril-Salésias), com 2:21.6

23 MAI 54 – José Araújo bate recorde da hora e faz nos 30 km o sexto resultado do Mundo

6 AGO 55 – **Record** anuncia derrube do lendário recorde dos 800 metros, pertencente a Rudolf Harbig desde 15 de Julho de 1939. Roger Moens corre a distância em 1.45,7

2 OUT 55 – José Araújo vence pela segunda vez consecutiva a maratona nacional (2:28.53)

30 JUN 56 – Benfica vence a Taça Teresa Herrera disputada com a selecção da Galiza. Hélio Duarte bate recorde nacional dos 1500 metros

31 DEZ 56 – Manuel Faria consegue a primeira grande vitória do atletismo português numa competição de prestígio internacional. Ganha a S. Silvestre de S. Paulo (21.58,9)

19 JAN 57 – Sob o patrocínio do departamento de estado norte-americano encontra-se em Lisboa o barreirista Jack Davis, recordista mundial e olímpico dos 110 metros barreiras

21 JUL 57 – Sporting conquista Taça Dr. Fernando Amado

28 JUL 57 – Manuel Faria vence 5000 metros em Barcelona e estabelece novo recorde ibérico, com 14.18,05

31 AGO 57 – Realiza-se a festa de despedida de Tomás Paquete ▶

▶

12 SET 57 – Em Alvalade, realiza-se festa de homenagem a Artur Dias

31 DEZ 57 – Manuel Faria vence a S. Silvestre de S. Paulo pela segunda vez consecutiva (21.37,04)

19/20 JAN 58 – Portugal perde com a Espanha (114-98) no IX Portugal--Espanha. O primeiro realiza-se em Madrid a 22 e 23 de Outubro de 1925

7 JUN 58 – Fernando Castro bate recorde nacional dos 200 metros

9/10 AGO 58 – Portugal disputa pela quarta vez a selecção de França-Sul. Perde por sete pontos mas excede as expectativas

2 FEV 59 – Regressam a Lisboa os três atletas portugueses (Hélio Duarte, Joaquim Ferreira e Manuel Marques) que tomaram parte no crosse de Valência. Obtiveram os 1°, 2° e 6° lugares

21 MAR 59 – Disputa-se no Jamor o 46° Crosse das Nações. Portugal desilude. Por equipas fica em oitavo, com 260 pontos

22 MAR 59 – Manuel Goulão estabelece recorde nacional do lançamento do disco (42,69 m)

17 MAI 59 – O percurso da maratona nacional passa à porta de Alves Barbosa, em Montemor-o--Velho. O ciclista, já recuperado de grave acidente, à passagem do pelotão aparece montado na sua bicicleta e acompanha a corrida até Coimbra. Vence Inácio Ribeiro (2:37.48)

JUN 60 – Peter Radford sagra-se campeão mundial das 220 jardas com o tempo de 20,5 segundos

JUN 60 – A soviética Elvira Ozolina bate o recorde mundial no lançamento do dardo, com 59,55 metros

JUN 60 – O polaco Krzykowiak bate o recorde mundial dos 3000 metros «streeple», ao atingir 8.31,3

17 JUL 60 – João Nóbrega vence a quinta légua nacional disputada no Estádio Municipal de Coimbra

AGO 60 – O britânico Arthur Rowe bate o recorde europeu do lançamento de peso, com 18,92 metros

Estocolmo 58

O príncipe Bertil da Suécia assiste à cerimónia de abertura, que não dura mais de três minutos, por forma a não cansar os atletas (730 de 27 países). No primeiro dia, a maior expectativa recai nos 10 000 metros, ganhos pelo polaco Krzyskowiak, para desespero do favorito, o soviético E. Zhukov.

O segundo dia também é fértil em surpresas. O alemão Manfred Germar é derrotado nos 100 metros. Culminando uma partida fulgurante, Armin Hary vence e estabelece novo recorde dos campeonatos (10,35). Outra nota dominante é a desclassificação do polaco Kajmieroki, grande pretendente ao ouro nos 800 metros, por ter empurrado um adversário. As duas meias-finais ficam assinaladas por diversas irregularidades. O mesmo se passa na final. À partida, o polaco Makomarki acotovela e empurra descaradamente Mike Rawson. O inglês, mais forte, consegue recuperar e vence por escassa diferença o norueguês Bayren, o alemão Schmidt e o atleta da Polónia. Todavia, o júri decide desclassificá-lo por sair da pista. Os ingleses apresentam recurso e Bayren, declarado vencedor, recusa-se a receber a medalha. Ao fim de três horas, o júri muda de opinião e atribui a Rawson o ouro. José Araújo, único português, fica em 14° lugar na maratona (2:31.18,4), atacado por lesão muscular.

Belgrado 62

Um total de 13 medalhas, sete no sector masculino e seis no feminino, dá o domínio à URSS. Apresenta, entre outros, Valery Brummel (recordista olímpico de 1964, com 2,21 metros no salto em altura). Na classe de senhoras, a grande vedeta é Tamara Press, que repete a boa forma de Estocolmo, lançando o peso e o disco a 18,55 metros e 56,91 metros, respectivamente. Elvira Ozolina, Tatyana Tchelkanova, Maria Itkina e Galina Bistrova triunfam no lançamento do dardo (54,93m), salto em comprimento (6,36m), 400 metros (53,4) e pentatlo (4833 pontos). Os três portugueses são discretos: Manuel de Oliveira é quinto na eliminatória dos 1500 metros (3.48,8) e na dos 5000 (14.16,2); Joaquim Ferreira fica em nono na eliminatória dos 3000 metros obstáculos (9.01,8) e Pedro Almeida não passa da fase de qualificação do salto em comprimento (7,23).

Δ Armin Hary bate o favorito alemão Manfred Germar nos 100 metros

Δ Tamara Press repete em Belgrado a excelentes prestação de Estocolmo

Budapeste 66

A representação portuguesa é confiada apenas ao atleta leonino Manuel de Oliveira, que se prepara especificamente para a prova de 3000 metros obstáculos. Entra em actuação nos 1500 metros com o propósito de bater o recorde pessoal (3.48,8), mas não consegue melhor do que o 11° posto nas eliminatórias (3.48,9). Nas eliminatórias dos 3000 metros obstáculos, corre na série mais difícil e fica em 6° lugar. Dos 12 atletas finalistas, regista melhor tempo do que oito, mas mesmo assim é afastado da final. A 2 de Setembro consegue o resultado mais inesperado. Na qualificação para a final dos 5000 metros supera o recorde nacional, que pela primeira vez baixa dos 14 minutos (máximo anterior 14.00,2). Depois de 13.51,4 no apuramento (recorde de Portugal e Ibérico), é nono na final (13.52,6).
Nos 100 metros, só ao fim de 30 minutos é decretada a classificação. O «photo-finish» indica como vencedor o polaco Maniak, para desespero dos franceses Bambuck e Piquemal. Grande surpresa proporciona a corrida de 3000 metros obstáculos. Os russos Kudinsky e Kuryan ultrapassam na última volta Roelants, para lhe infligirem uma pesada derrota. Destaque também para a não qualificação do soviético Bliznetzov no salto à vara. Não consegue ultrapassar o mínimo de qualificação (4.20).
Pela primeira vez na história dos europeus surgem os alemães orientais, que fazem uma entrada triunfante, com oito medalhas de ouro (cinco em homens e três em mulheres). A RFA conquista dois títulos.

Atenas 69

Já desfilavam as delegações na cerimónia de encerramento quando Moniz Pereira, seleccionador nacional, vê entrar no estádio Armando Aldegalega, um dos quatro atletas portugueses em Atenas (os outros são Alberto Matos, Barceló de Carvalho e Carlos Sustelo). Mão esquerda no ventre, rosto marcado pelo sofrimento, luta até ao limite para completar a maratona. A organização não divulga o tempo dos três últimos (Aldegalega, Parody e Fakiokas, 25°, 26° e 27°, respectivamente). O atleta que o precede, o grego Nicolas Aulaikotis faz 2:47.53.
Barceló de Carvalho estabelece o recorde nacional dos 400 metros com 47,2 s (o anterior máximo pertence ao moçambicano José Magalhães com 47,4) e nos 200 metros é quarto na eliminatória, com 21,8. Embora fique apurado para a fase seguinte, não comparece devido a lesão. Alberto Matos fica em sexto na primeira eliminatória dos 400 metros barreiras (53,6) e na terceira eliminatória dos 110 metros barreiras (14,6). Carlos Sustelo também não ultrapassa a fase qualificativa para a final do lançamento do dardo (60,54 m).
Ausência notada da RFA. Desiste pelo facto de o atleta Jurgen May não ter autorização para disputar os 5000 metros. Castigado pelas autoridades da RDA em três anos de suspensão, tenta competir pelos germânicos ocidentais, mas fica a saber que apenas em 1970 pode voltar à competição. A RFA corre somente as provas de estafetas «por consideração para com os restantes atletas concorrentes e público». No duelo entre URSS e RDA, supremacia para os alemães. Conseguem 11 medalhas de ouro. Os soviéticos ganham nove. A competição proporciona o renascimento do atletismo britânico (seis títulos). Quanto a recordes mundiais, domina o sector feminino.

Δ Sportinguista Manuel Oliveira bate recorde nacional dos 5000 metros, após frustrações nos 3000 metros obstáculos e 1500 metros

Δ Armando Aldegalega bem se esforça, mas não evita os últimos lugares na maratona

6 AGO 60 – Ao atingir os quatro metros no salto em altura num encontro internacional (França--Portugal), Manuel dos Santos bate o recorde nacional. Portugal sai vencedor (112-110)

31 DEZ 60 – Manuel Marques vence a S. Silvestre de Lisboa

MAI 61 – George Davies bate o recorde mundial no salto à vara, com 4,83 metros

JUN 61 – O norte-americano Ralph Boston estabelece novo máximo mundial no salto em comprimento, 8,24 metros

JUN 61 – Jay Silvester estabelece novo recorde mundial no lançamento de disco, 59,64 metros

JAN 62 – Manuel Oliveira vence a prova de retiro em Madrid

25 FEV 62 – Manuel Oliveira e o Sporting sagram-se campeões nacionais de corta-mato

21 SET 62 – Ao classificar-se em terceiro lugar, com 14,07.04, Manuel Oliveira bate o recorde nacional dos 5000 metros na Alemanha

31 DEZ 62 – Manuel Oliveira classifica-se em segundo lugar na S. Silvestre de São Paulo

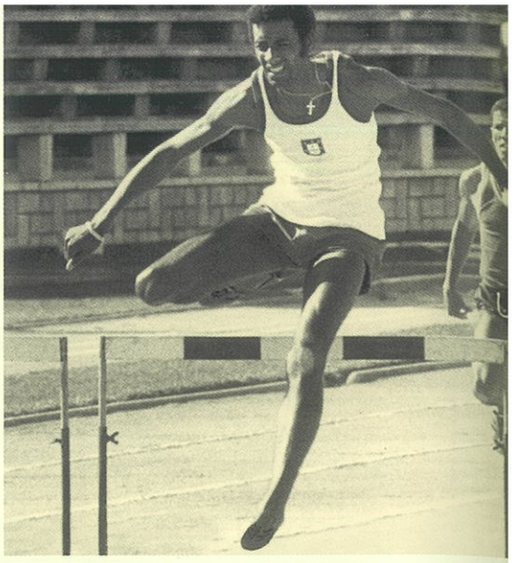
JUL 63 – Num encontro entre Estados Unidos e União Soviética realizado em Moscovo, Valerie Brumel (soviético) bate o recorde mundial de salto em altura, com 2,28 metros

18 AGO 63 – Eulália Mendes sagra-se campeã nacional de pentatlo

1 MAR 64 – Manuel Oliveira é campeão nacional de corta-mato, o Benfica por equipas

JUL 64 – Num encontro entre Estados Unidos e União Soviética realizado em Paris estabelecem-se dois recordes mundiais. Dallas Long no lançamento do peso, com 20,68 metros, e Fred Hansen no salto à vara, com 5,02 metros

OUT 65 – Valery Brumel, recordista mundial de salto em altura, põe fim a uma carreira recheada de êxitos. Um acidente de moto deixa-o incapacitado ►



▶

27 FEV 66 – Anacleto Pinto, do Benfica, sagra-se campeão nacional de corta-mato numa prova realizada nos terrenos do aeroporto. O Sporting é campeão por equipas

10 ABR 66 – Armando Aldegalega é o vencedor da maratona nacional, em Torres Vedras

5 JUN 66 – Tadeu de Freitas sagra-se bicampeão nacional de decatlo, com 5958 pontos

30 AGO 66 – Manuel Oliveira bate o recorde nacional dos 5000 metros no decorrer do apuramento para uma final em 13.48,9. Na final fica em nono lugar

11 FEV 67 – Carlos Lopes vence o Corta-Mato Inter-regional de juniores em Viseu, prova com 6000 metros percorrida em 18.49,06

20 e 21 MAI 67 – Portugal vence o encontro de atletismo em Rabat com a selecção de Marrocos, pelos parciais 127-96

8 JUL 67 – Lídia Faria bate o recorde nacional no lançamento de peso, com 11,39 metros, no Estádio de Alvalade

JUL 67 – O norte-americano Jim Ryms bate o recorde mundial dos 1500 metros em Los Angeles, com 3.33,1

9 SET 67 – Manuel dos Santos estabelece um novo máximo nacional no salto à vara, com 4,20 metros, nas pistas do Estádio Nacional

30 SET 67 – Encontro internacional entre França e Portugal dita novo recorde nacional nos 400 metros masculinos. Mena Nunes, 53,3, é o autor da proeza

28 JAN 68 – Carlos Lopes e o Sporting vencem Torneio dos Dez, prova de corta-mato, nos terrenos do Bairro do Restelo

6 e 7 de JUL 68 – Dois novos máximos no Estádio Nacional. O Benfica consegue na prova de 4×400 metros, com Reis, Mena, Marcenal e Barceló, 44,5, e o Sporting em 4×1500 metros, com Aldegalega, Manuel Oliveira, Marujo e Lourenço, 15.55,06

23 AGO 68 – Maria do Céu Lopes e José Pina, do Sporting, batem os recordes nacionais nos 800 e 1000 metros, respectivamente

Helsínquia 71

Juha Vaatainem é a grande figura. O inglês David Bedford, grande favorito e único atleta europeu com um tempo inferior a 28 minutos nos 10 000 metros, não lhe resiste. Ganha também os 5000 metros.
Vento frio com velocidade e direcção variáveis descontrola os especialistas dos saltos. Schwarz, campeão da RFA e um dos grandes favoritos no salto em comprimento, falha o primeiro salto, pula depois 5,52 metros e, finalmente, 7,50, perdendo o direito às três tentativas finais. Classifica-se em 12° lugar. Mais sensacional ainda é o que se passa com o grego Papanicolau, recordista mundial do salto à vara na época de 1970, com 5,49 metros Começa a prova a 4,80 metros, mas não consegue transpor a fasquia em nenhuma das três tentativas.
Alberto Matos, Carlos Lopes, Carlos Sustelo, Armando Aldegalega e Fernando Mamede são os representantes portugueses. Fernando Mamede fica na eliminatória mais puxada dos 800 metros e bate o recorde nacional (1.48,4). Nos 1500 metros falha também o apuramento, apesar do tempo (3.49,3) superior a todos os concorrentes da terceira eliminatória. Alberto Matos, nos 400 metros barreiras, claudica no aspecto psicológico. Fica em oitavo e último lugar na eliminatória (52,3). Carlos Lopes é 33° nos 10 000 metros, com 30.05,6. Corre exactamente metade da prova isolado na cauda dos restantes concorrentes e na outra anda metido no pelotão, mas com uma volta de atraso. Armando Aldegalega fica em 15° entre 52 concorrentes à maratona (2:20.01,2). Nos 3000 metros obstáculos, é nono na eliminatória. Carlos Sustelo faz um primeiro lançamento do martelo, nulo. Repete a tentativa e volta a falhar. Opta por abdicar da terceira hipótese.
A grande inovação dos campeonatos são os raios laser nas medições do lançamento do dardo, disco e martelo. A fita métrica só se usa para verificação de recordes. Nas 38 finais, a RDA inscreve 55 atletas (30 homens e 25 mulheres).

Roma 74

Apesar de não chegar à final, Fernando Mamede bate um recorde nacional nos 800 metros e contribui assim para que a presença portuguesa não fique marcada pela negativa logo na estreia do Europeu 74 (1.47,5, na eliminatória). Nas meias-finais, fica em sétimo (1.48,4). José Carvalho, recordista nacional dos 400 metros barreiras, com 50,8, não consegue melhor do que 51.32 numa eliminatória em que o vencedor, o soviético Stukalov Dimitrov, faz 50,48. Sem ritmo e a acusar recuperação deficiente, Carlos Lopes abandona nos 10 000 metros. Uma lesão sofrida por ocasião do País de Gales-Portugal deixa-o com poucas hipóteses de brilhar.
Fernando Mamede participa nas eliminatórias dos 1500 metros (1ª série) e Aniceto Simões nos 5000 metros. O primeiro é oitavo. O segundo, após uma partida em falso, sai muito rápido e assume o comando da prova. Mantém-se nessa posição durante três voltas mas daí até à última não aguenta e é sucessivamente ultrapassado, a ponto de desistir, queixando-se de dores de estômago. O campeonato termina em beleza com a marca obtida por Rosemarie Witschas (RDA), no salto em altura (1,95).

Δ Alberto Matos não resiste à pressão psicológica e fica em último na série

Δ Aniceto Simões desiste nos 5000 metros

Praga 78

A representação nacional fecha a prestação com o 28º posto de Manuel Paiva, do Centro de Atletismo do Porto, na maratona (2:20.49,8), prova com o maior número de candidatos (53). Aniceto Simões, que antes fizera a eliminatória dos 5000 metros, desiste aos 35 km. Os campeonatos são no cômputo geral uma desilusão para Portugal. Fernando Mamede não vai além do 15º lugar na final dos 5000 metros (13.58,2), depois de ser segundo na sua série. «Não me senti nada bem durante a corrida. Nem consegui dormir devido a problemas intestinais e de fígado», queixa-se. José Carvalho, nos 400 metros barreiras, não tem sorte. O barreirista do Sporting é quarto na sua série, com 51,02. Um desencontro do número de passadas entre a sexta e a sétima barreiras é o suficiente para lhe causar a eliminação.

Estão presentes 29 países e 1004 atletas (671 masculinos e 333 femininos). Com quatro elementos, Portugal faz parte das delegações menos numerosas. Turquia e Islândia têm cinco, Liechtenstein três e Gibraltar uma. Portugal, Gibraltar, Islândia e Turquia não se fazem representar por nenhuma mulher. Luxemburgo manda só uma; Jugoslávia e Liechtenstein duas. Todas as que não tenham sido submetidas a um exame da responsabilidade da Federação Europeia de Atletismo são obrigadas, em Praga, a rigoroso controlo de sexo «para evitar casos». URSS e RDA dominam.

Atenas 82

Estreante em competições internacionais, o sector feminino do atletismo português brilha. Rosa Mota ganha a maratona no último dia de competição. Fazendo a estreia naquela distância, parte cautelosamente, passa as adversárias uma após outra, ocupa a segunda posição aos 30 km e aos 40 isola-se. Ganha a primeira medalha do atletismo português em Europeus (2:36.04). Surpreende tudo e todos ao entrar triunfante no velho estádio de Panathinaikos, a caminho da vitória na primeira maratona feminina dos Europeus.

Carlos Lopes, apontado como favorito dos 10 000 metros, desilude, apesar dos esforços feitos. Entre o sexto e nono quilómetros, puxa pelos adversários, num ambiente infernal. Na parte final, fraqueja e fica em quarto lugar (27.47,95). Aurora Cunha é 10ª, tanto nos 1500 como nos 3000 metros, em finais directas. Portugal é representado por 11 atletas (António Atabão, António Leitão, Aurora Cunha, Carlos Cabral, Carlos Lopes, Delfim Moreira, Guilherme Alves, João Campos, José Carvalho, José Pinto e Rosa Mota), pois embora sejam 12 a obter os mínimos, Fernando Mamede, em quem à partida são depositadas as maiores esperanças, lesiona-se no estágio de Lamego e não vai a Atenas.

Inscrevem-se 1090 atletas (699 homens e 391 mulheres), referentes a 31 países. A URSS é a maior delegação (com 119).Thomas Munkelt, Harald Schmid, Udo Beyer, Yuri Sedykh, Marlies Gohr, Marita Koch, Svetlana Ulmasova e Ilona Slupianek, a título individual e na mesma distância e/ou disciplina, repetem êxitos de 1978.

Δ José Carvalho, recordista nacional dos 400 metros barreiras é eliminado. Manuel Paiva corre a maratona (28º lugar)

Δ Rosa Mota (ainda em segundo plano, à esquerda) acaba por triunfar na maratona

1 SET 68 – Num encontro entre o Sporting e o Vallehermoso de Madrid em Alvalade, Carlos Sustelo bate o recorde nacional no lançamento do martelo, com 61,14 metros

14 OUT 68 – O norte-americano Hines gasta 9,9 segundos nos 100 metros no decorrer dos JO do México

14 JUN 69 – Raposo Borges, do Sporting, bate o recorde nacional de salto à vara num torneio em Madrid, com 4,21 metros

1 FEV 70 – Carlos Lopes e o Sporting sagram-se campeões de corta-mato, em prova disputada no Hipódromo do Campo Grande

28 JUN 70 – Em Heysel Park, num encontro internacional, Fernando Mamede bate o recorde nacional dos 800 metros

27/28 MAR 71 – No Torneio de Abertura, Raposo Borges, no salto à vara, e Céu Lopes, nos 1500 metros, estabelecem novos máximos nacionais (4,40) e (4.51,6)

9 JUN 71 – No decorrer dos Campeonatos de Lisboa, Carlos Lopes corre os 10 000 metros em 14.28, tornando-se recordista nacional

10 JUL 71 – Dave Bedford estabelece recorde europeu nos 10 000 metros em 27.47,0

31 DEZ 71 – Carlos Lopes fica em terceiro lugar na S. Silvestre de S. Paulo

27 FEV 72 – Carlos Lopes (29.46,8) e o Sporting (12 pontos) sagram-se campeões nacionais de corta-mato

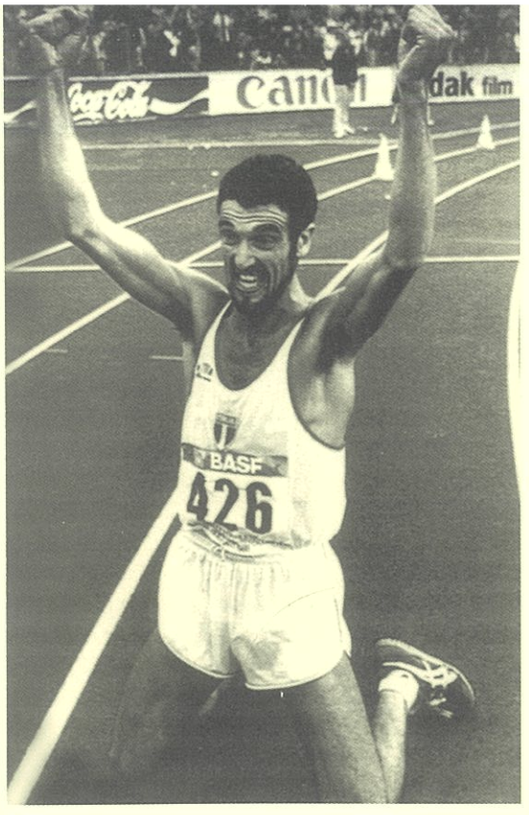
19 MAR 72 – Adélia Silveiro, num torneio de pista coberta no Pavilhão do Estádio Universitário, estabelece um novo máximo ibérico no peso (14,76)

3 SET 72 – Lasse Viren é o novo recordista europeu dos 10 000 metros (27.38,4)

17 MAR 73 – Após dez anos de ausência, Portugal volta ao Crosse das Nações (14 atletas)

15 ABR 73 – Manuel de Oliveira regressa às pistas, após quatro anos de paragem

▶



▸

10 JUL 73 – Dave Bedford recupera recorde europeu dos 10 000 metros (27.30,8)

28 JUL 73 – Carlos Lopes estabelece um novo recorde nacional dos 5000 metros (13.42,8)

26 OUT 73 – Morre em Adis Abeba, vítima de hemorragia cerebral, Abebe Bikila, campeão olímpico da maratona em Roma e Tóquio

28 JAN 74 – Carlos Lopes fica em segundo no Crosse Internacional de San Sebastian

31 MAR 74 – Armando Aldegalega ganha a maratona nacional (2:21.56)

20 JUL 74 – Conceição Alves estabelece o recorde nacional do salto em altura em 1,62 metros

3 SET 74 – Fernando Mamede fica em 7º lugar nas meias-finais dos 800 metros no Europeu, com 48,4

7 JUN 75 – Manuel de Oliveira é homenageado em Alvalade. A cerimónia inclui um jogo de futebol entre Sporting e Benfica

28 AGO 75 – Carlos Lopes bate três recordes nacionais: 15 km (44.41,6), 20 km (59.44,2) e hora (20.158m)

9 NOV 75 – Raymond Yanal, ex-praticante francês, organiza em Magoito, num percurso de 10 km, uma prova de marcha para «angariar» primeiros participantes

Estugarda 86

Com mais de quatro minutos de distância para a segunda, Rosa Mota vence a maratona, apesar de não ter treinado convenientemente, devido a problemas num tendão. Dorre desiste e a holandesa Beuskens fica em sétimo. O tempo (2:28.38) é fraco, resultado das más condições climatéricas. Rita Borralho desiste aos 15 km. A maratona masculina é decidida ao «sprint» nos últimos 150 metros entre os italianos Bordin e Pizzolato. O recordista Steve Jones é derrotado. Ganha Bordin.

A presença dos portugueses (21 elementos) é positiva. Aurora Cunha fica em quarto lugar nos 10 000 metros, José Regalo é nono nos 3000 metros obstáculos, António Leitão é quinto nos 5000 metros, queixando-se de não recuperar bem da primeira eliminatória, e Domingos Castro é também quinto nos 10 000 metros.

O Europeu rende para os portugueses quatro recordes (Álvaro Silva, José Regalo e equipa de 4×100 metros, duas vezes). Luís Cunha (200m), Fernando Couto (5000m) e Domingos Castro (10 000m) superam máximos pessoais. São batidos (ou igualados) quatro recordes do mundo: martelo – Yuri Sedych (URSS), 86,74; 200 metros femininos – Heike Dreschler (RDA), 21,1; 400 metros barreiras femininos – Marina Stepanova (URSS), 53,32; e dardo feminino – Fatima Whitbread (GBR), 76,32 metros.

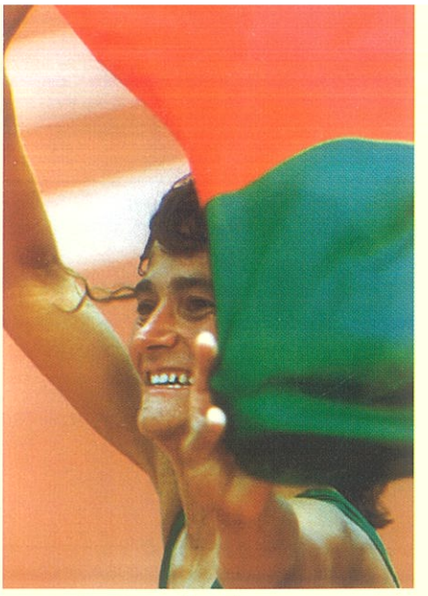
Split 90

«Pronto, já perdeu.» Rosa Mota, superfavorita, à procura da terceira vitória na maratona de um Europeu, tem imensas dificuldades para ser medalhada com ouro, daí a expressão de José Pedrosa. Chega à meta com cinco segundos de vantagem para a soviética Valentina Egorova. Manuela Machado é 10ª na mesma distância. Conceição Ferreira desiste ao 20º quilómetro.

Mário Silva conquista o bronze nos 1500 metros. Dionísio Castro fica muito perto de uma medalha. Nos 5000 metros, consegue o 4º lugar. Elsa Amaral (800m) não só chega às meias-finais como bate o recorde de Portugal (2.01,2) e confirma-o depois, ficando muito próximo dele (2.01,49). Canário, sétimo nos 10 000 metros, e Manuel Matias, oitavo na maratona, ocupam lugares de finalistas embora sem atingirem o nível habitual. Pela primeira vez desde 1970, os países ocidentais ganham mais medalhas do que os de leste. A maior diferença acontece em 1982 (cinco títulos), mas desta vez os ocidentais conquistam mais um título do que o «bloco» adversário. A culpa é da URSS, que ganha menos cinco (passa de onze para seis) e menos 14 medalhas (36 para 22). John Regis e Katrin Krabbe são unanimemente considerados os melhores da competição. Ele vence os 200 metros, é terceiro nos 100 e alinha nas duas estafetas, surpreendendo em especial na mais longa e ajudando a Grã-Bretanha a bater o recorde da Europa. Nos 4×100 metros, conquista a medalha de prata. Ela ganha folgadamente os 100, 200 e 4×100 metros. Uma nota para a dupla vitória de Salvatore Antibo nos 5000 e 10 000 metros, proeza semelhante à conseguida por Alberto Cova em Atenas 82.

Δ Bordin festeja de forma exuberante o triunfo ao «sprint» na maratona

Δ Rosa Mota enriquece o palmarés: «bi» e «tri» na maratona



Helsínquia 94

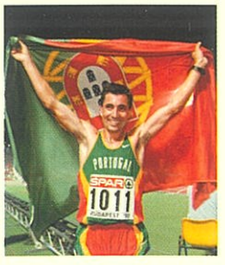
Após três triunfos de Rosa Mota, é a vez de mais uma portuguesa ganhar a maratona. Cabe a proeza a Manuela Machado (2:29.54). Em quatro edições da prova só triunfa Portugal. Medalhada com ouro é também Fernanda Ribeiro, nos 10 000 metros (31.08,75). Obtém o melhor tempo do ano e o sexto europeu de sempre, além de tirar o recorde nacional a Conceição Ferreira, que se classifica no segundo lugar (31.33,82). O balanço do desempenho dos atletas nacionais é positivo (três medalhas e treze presenças entre os oito primeiros). Numa classificação por pontos (51), Portugal quase duplica o resultado de Split. É o país que mais recordes nacionais bate ou iguala: seis, através de Pedro Rodrigues (3), Fernanda Ribeiro, Sandra Barreiro e Isabel Pereira. A Rússia domina os campeonatos. Conquista 25 medalhas, 10 das quais de ouro. Não se regista nenhum grande recorde europeu ou mundial. São superados sete máximos dos campeonatos, um dos quais por duas vezes: Fermin Cacho (Esp.), 3.35,27 nos 1500 metros; Colin Jackson (GBR), 13,16 e 13,08 nos 110 metros barreiras; Mikhail Shchennikov (Rus.), 1:18.45 nos 20 km marcha; Martin Fiz (Esp.), 2:10.31 na maratona; Steinar Hoen (Nor.), 2,35 altura; Radion Gataulin (Rus.), 6,00 na vara; Sari Essayah (Fin.), 42,37 nos 10 km marcha, único recorde feminino.

Budapeste 98

António Pinto ganha a medalha que lhe faltava no meio-fundo e fundo nacionais. Conquista o ouro nos 10 000 metros (27.48,62). Torna-se no primeiro português escolhido para a selecção da Europa na Taça do Mundo, a disputar em Joanesburgo entre 11 e 13 de Setembro de 1998. Com 16.11 entre os 30 e os 35 km, Manuela Machado decide a maratona. 2:27.10 corresponde ao recorde dos campeonatos, pertencente a Rosa Mota (2:28.38), e a melhor marca pessoal.
Portugal conquista seis medalhas. Após uma carreira como júnior recheada de momentos sensacionais (quatro medalhas, duas de ouro e duas de prata), Susana Feitor dá o salto como sénior. Alcança o terceiro lugar nos 10 km marcha (42.55), atrás das italianas Annarita Sidoti e Erica Alfridi. Em grande apresenta-se também Rui Silva, nos 1500 metros. Ganha a medalha de prata. Ultrapassa na recta final o recordista europeu Fermin Cacho, só não conseguindo bater Reys Esteves. Em segundo classificam-se também Fernanda Ribeiro, nos 10 000 metros, e Carla Sacramento, nos 1500.
Carlos Silva, nos 400 metros barreiras, falha por pouco o pódio. Na meia-final, ultrapassa um marco importante – baixa dos 49 segundos (48,98). Fernando Alves, com 19,20 metros, ultrapassa o «qualifying» dos Europeus. O peso português entra pela primeira vez numa final de grande competição. A Grã-Bretanha assegura o primeiro lugar na lista de medalhas (16, sendo nove de ouro), seguida por Alemanha e Rússia. O domínio britânico é particularmente acentuado nos provas de velocidade (100m, Darren Campbell; 200m, Doug Walker; 400m, Ivan Thomas; e 110m barreiras, Colin Jackson).

△ Manuela Machado sucede a Rosa Mota no trono da maratona

▽ António Pinto triunfa nos 10 mil metros, Susana Feitor arrecada bronze na marcha e Rui Silva é prata nos 1500 metros



29 MAI 76 – Carlos Lopes faz o melhor tempo mundial do ano em 10 000 metros, em Munique (27.48,5)

9 JUL 76 – Carlos Lopes recebe a medalha de mérito desportivo do ministro da Educação, Vítor Alves

26 JUL 76 – Carlos Lopes conquista a medalha de prata nos 10 000 metros dos Jogos Olímpicos de Montreal

14 AGO 77 – Sporting vence a Taça Fernando Amado

25 DEZ 77 – Fernando Mamede vence o Grande Prémio de Natal

25 MAI 78 – Realiza-se em Alvalade uma festa de homenagem a Armando Aldegalega

5 JUL 78 – Fernando Mamede é terceiro nos 5000 metros, em Estocolmo (13.17,8)

14 ABR 79 – Fernando Mamede vence a prova de dez mil metros, assegurando os mínimos olímpicos (28.16,4)

18 NOV 79 – Fernando Mamede vence o Cross International do Journal Télégrame, em Brest e Carlos Lopes o de Vincennes

13 JAN 80 – Carlos Lopes vence corta-mato internacional de Nancy (29.12,0) e Fernando Mamede fica em 2º (29.30,0)

10 FEV 80 – Sporting sem Carlos Lopes falha o «tri» na Taça dos Campeões Europeus de Crosse. Fica em 2º (18 pontos)

30 FEV 80 – Fernando Mamede bisa título de campeão nacional de corta-mato (36.22,9)

29 JUN 80 – Benfica é campeão nacional masculino (158 pontos), quebrando hegemonia leonina de 12 anos. Sporting vence no escalão feminino (117 pontos)

28 SET 80 – Lasse Viren, quatro vezes campeão olímpico, abandona

14 DEZ 80 – Irene Szewinska, sete medalhas em cinco Olimpíadas, encerra carreira e é homenageada em Varsóvia

31 JAN 81 – Fernando Mamede e Sporting ganham corta-mato das nações
▶

Rosa Mota

A menina da Foz

«No jovem e promissor quadro atlético do Porto destaca-se com nitidez a figura de Rosa Mota. Delgada e ágil, a rapariga que lançou para a luz da projecção nacional o nome do seu clube de origem, o Foz, possui todavia dotes físicos esplêndidos.» (**Record**, 22 de Fevereiro de 1978)

Rosa Mota está no Porto há pouco tempo. Abandona o clube da Foz por uma simples razão: os responsáveis não a deixam treinar com o professor da sua preferência. «Admiro muito os processos de Pompílio Ferreira [treinador do Clube de Atletismo do Porto a desempenhar também funções no Inatel] e de tão habituada que estou a eles não consigo convencer-me a mudar de sistema. (...) Não me queriam permitir essa liberdade e às tantas até me castigaram», relata a **Record**. Ingressa no Porto por influência da irmã Ana Paula, praticante de atletismo mais dotada para as disciplinas técnicas, e passa a treinar-se regularmente no Estádio do Inatel, em Ramalde, durante uma hora, das sete às oito. Só às quartas e sextas-feiras realiza a preparação nas Antas. Na hora da mudança, lamenta o facto de a acusarem de ser vaidosa ou só pensar no dinheiro.

Sensacional como júnior, vai no segundo ano enquanto sénior. No palmarés acumula títulos e vitórias, cumpridos que estão seis anos, pois começa em Outubro de 1972 no Foz. «Corria por tudo e por nada, quase por vício, de tal forma que o meu porte natural, não sei porquê, era andar a correr», explica a **Record** em 2 de Março de 1976.

Em 1978, conquista o quarto título nacional consecutivo de corta-mato, continuando a progredir na pista, correndo provas entre os 800 e os 3000 metros, distância mais longa no programa feminino. Devido a lesão, não participa no Campeonato Nacional de Corta-Mato em 1979. Uns sapatos oferecidos por Carlos Lopes estão na base da primeira vitória de Rosa Mota na maratona. Antes de 12 de Setembro de 1982 nunca correra aquela distância. «Como é possível ser campeã da Europa na minha primeira maratona?», questiona mal termina a prova em Atenas.

Os primeiros dez quilómetros ditam um atraso de um minuto para o grupo da frente, mas aos vinte anula a desvantagem. Aos trinta dá-se a cisão definitiva. Fica a lutar pelo ouro com Flogi e Kristiansen.

A norueguesa ainda dá um esticão para a fazer descolar, mas o esforço revela-se infrutífero. Aguenta e responde depois, aos 40 km, procurando uma vantagem que lhe permita controlar o sprint final das adversárias. Entra no Estádio com 100 metros de avanço e ganha.

A medalha de ouro tem um sabor especial também pelas circunstâncias que a precedem. Em 1980 é-lhe diagnosticado asma de esforço.

Já longe do Porto, José Pedrosa, médico e amigo, ajuda-a a ultrapassar a doença e encaminha-a para a maratona. Pompílio Ferreira é ainda o seu treinador.

O ano de 1980 é o mais negro da sua carreira, apesar de em 1986 (outro título europeu em Estugarda) chegar inclusive a parar por problemas no tendão de Aquiles (a situação é controlada a tempo de ir ao Mundial 87). No final do ano ingressa no CAP, pequeno clube dirigido por atletas nascido após o 25 de Abril devido a uma cisão no atletismo do Porto. Em 1981 aparece em plano de evidência com novo título nacional de corta-mato e estreia no Mundial, naquela que é a primeira presença feminina portuguesa. O grande pulo dá-o em finais desse ano. Melhora sete minutos e meio na meia-maratona da Nazaré e ganha de um modo inesperado a S. Silvestre do Brasil.

Sonho de menina

«Sinto ansiedade de correr sobre tartan. A outra grande ambição que tenho é ser atleta olímpica. A mais difícil de realizar será a participação nos Jogos Olímpicos. Vivo obcecada com as duas», refere Rosa Mota a **Record**, em entrevista publicada no dia 2 de Março de 1976.

O sonho da menina da Foz é concretizado em 1984, em Los Angeles, numa distância bastante mais longa. Ganha a medalha de bronze na maratona, queixando-se somente da temperatura mais fria do que a esperada. No pódio, com a americana Joan Benoit e a norueguesa Grete Waitz, vê a bandeira portuguesa subir no mastro de honra, oito anos após Carlos Lopes ter vivido idêntica realidade. Para Portugal, é a primeira medalha olímpica feminina. Quatro anos depois ganha o ouro em Seul. ▶

B

C

D

Los Angeles 84 – Bronze

Antes da partida, diz que não é capaz. A corrida é dominada por Joan Benoit, americana detentora da melhor marca mundial, que arranca logo aos 5 km para nunca mais deixar de aumentar a distância. Rosa Mota integra-se no pelotão da frente. Aos 24 km o grupo de 11 atletas reduz-se para seis: Grete Waitz, Ingrid Kristiansen, Laura Flogi, Sylvie Ruegger, Lorraine Moller e Rosa Mota. Aos 34 km, Grete Waitz decide arrancar e Kristiansen segue-a. Chega a pensar-se que a portuguesa não vai recuperar. Aos 38 km, ultrapassa Kristiansen. Corta a meta com 37 segundos de vantagem sobre a norueguesa. Cumpre o percurso em 2 horas, 26 minutos e 57 segundos, melhorando em cerca de quatro minutos a sua melhor marca.

Seul 88 – Ouro

Só nos últimos 150 metros faz um sinal de que a vitória é sua. Antes, a dois quilómetros do fim, olha para o lado e levanta o polegar na direcção de José Pedrosa para dizer que estava bem. As despesas da corrida pertencem-lhe quase sempre (a espaços, a alemã Katherine Dorre impõe o andamento), mas só aos 38 km se liberta de Lisa Martin e Katherine Dorre, prata e bronze respectivamente. Pedrosa diz-lhe: «É agora ou nunca.» Já sem a soviética Polovinskaya, que cede aos 37 km, aproveita a descida para se libertar da australiana e da germânica. Gasta 2:25.40 para cumprir a maratona. A marca não é das melhores (quinta pessoal, a 23 segundos do tempo do Mundial de Roma, em 1987), mas o troféu é o mais desejado.

Conflito com a Federação

Por pouco não corre por outro país. O conflito com a Federação Portuguesa de Atletismo (FPA) começara antes, mas é em Janeiro de 1987 que se adensa. Só termina em 1990 com a intromissão do Governo. O Ministério da Educação investe na promoção do diálogo entre as partes, num caso que Roberto Carneiro, responsável pela pasta, considera «de interesse nacional». Rosa Mota acusa a Federação de a impedir de celebrar um contrato publicitário com uma marca de automóveis por querer tirar dividendos dessa situação, de ignorar a existência de um convite para participar nos Jogos da Boa Vontade, em Moscovo, e por considerar mais importante a sua participação no Mundial de 15 km do que na maratona de Nova Iorque. Em resposta, a FPA marca uma conferência de imprensa para 8 de Janeiro de 1987, contrapondo esses pontos. «Os dirigentes da Federação seriam mentecaptos se andassem a perseguir Rosa Mota», dizem aos jornalistas.

E

F

G

► À custa do diferendo, a participação nos Jogos Olímpicos de Seul chega a ser posta em causa. O triunfo é de raiva. «A Rosa não precisa da Federação para nada. Portugal é que precisa de uma Federação, a ver se aparecem outras Rosas Motas. Pode ser que ao menos isto sirva de lição», declara José Pedrosa. Em Janeiro de 1990 ainda o conflito dura. No dia 28, a atleta portuguesa ganha a Maratona de Osaka, à frente de Katsuyo Hyodo e Valentina Egorova. O técnico volta a lamentar-se. «A FPA, refugiando-se em decretos, legislações e artigos, quis impedir a Rosa de correr. Foi uma forma deselegante de a perturbar. Conseguiram-no. Venceu a corrida, mas estava nitidamente em baixo.» Segue-se a troca do Campeonato do Mundo de corta-mato pela presença na Maratona de Boston, a 16 de Abril.

Na primeira entrevista que dá (**Record**, 6 de Maio de 1990) após estabelecer um acordo com a FPA, afirma: «Ganhei finalmente o direito de ser quem sou e sempre fui, tendo a garantia que ninguém poderá interferir na minha vida privada e desportiva para além do meu treinador e de mim.»

A As primeiras vitórias importantes com a camisola do Porto

B A euforia nos Jogos Olímpicos de Los Angeles: o bronze soube a ouro

C Acompanhada pelo treinador José Pedrosa

D Desde cedo começa a coleccionar vitórias e o carinho dos portugueses

E Há sempre tempo para atender aos pedidos dos muitos fãs

F Homenageada na Gala da Fundação do Desporto, na presença do ministro adjunto e da Presidência, Jorge Coelho

G Portadora da tocha olímpica nos Jogos da Juventude, em 1997

H A brilhante vitória nos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988

H

Bilhete de Identidade

Rosa Maria Correia dos Santos Mota
Porto, 29 de Junho de 1958

Como atleta
CLUBES
Foz, Porto e Centro de Atletismo do Porto

PALMARÉS
Campeã olímpica 1988 (maratona, 2:25.40). Campeã mundial de pista 1987 (maratona, 2:25.17). 3 vezes campeã europeia de pista 1982 (maratona, 2:36.04), 1986 (maratona, 2:28.38) e 1990 (maratona, 2:31.27). 2º Mundial de Estrada 1984 e 1986. 3º Jogos Olímpicos 1984 (maratona, 2:26.57). 5 vezes campeã de Portugal de pista 1974 (1500m, 4.46,9), 1975 (1500m, 4.45,2), 1981 (1500m, 4.21.0), 1974 (3000m, 10.30,6) e 1975 (3000m, 10.36,0). 8 vezes campeã nacional de corta-mato 1975, 1976, 1977, 1978, 1981, 1982, 1984 e 1985. 2º Mundial de Estrada 1984 e 1986

Evolução de marcas

Ano	10 000 m	Ano	Marat.
1983	34.46,78	1982	2:36.04
1985	32.33,51	1983	2:31.12
1987	32.49,91	1984	2:26.01
1991	32.58,40	1985	2:23.29
		1986	2:27.15
		1987	2:25.17
		1988	2:25.40
		1989	2:35.27
		1990	2:25.24
		1991	2:26.14

Melhores marcas

Ano	10 000 m	Ano	Marat.
1985	32.33,51	1985	2:23.29
1983	34.46,78	1988	2:24.30
1987	32.49,91	1987	2:25.17
1991	32.58,40	1987	2:25.21
1985	33.53,10	1990	2:25.24
		1988	2:25.40
		1984	2:26.01
		1991	2:26.14
		1984	2:26.57
		1986	2:27.15
		1990	2:27.47
		1986	2:28.38

As 22 maratonas
Grandes competições

Marca	Classificação	Local (Comp)	Data
2:36.04	1º	Atenas (CE)	12 Setembro 1982
2:31.50	4º	Helsínquia (CM)	7 Agosto 1983
2:26.57	3º	Los Angeles (JO)	5 Agosto 1984
2:28.38	1º	Estugarda (CE)	26 Agosto 1986
2:25.17	1º	Roma (CM)	29 Agosto 1987
2:25.40	1º	Seul (JO)	23 Setembro 1988
2:31.27	1º	Split (CE)	27 Agosto 1990
-	Desiste	Tóquio (CM)	24 Agosto 1991

Outras

Marca	Classificação	Local (Comp)	Data
2:32.27	1º	Roterdão	9 Abril 1983
2:31.12	1º	Chicago	16 Outubro 1983
2:26.01	1º	Chicago	21 Outubro 1984
2:23.29	3º	Chicago	20 Outubro 1985
2:27.15	1º	Tóquio	16 Novembro 1986
2:25.21	1º	Boston	20 Abril 1987
2:24.30	1º	Boston	18 Abril 1988
–	Desiste	Osaka	29 Janeiro 1989
2:35.27	2º	Los Angeles	5 Março 1989
2:27.47	1º	Osaka	28 Janeiro 1990
2:25.24	1º	Boston	16 Abril 1990
2:26.14	1º	Londres	21 Abril 1991
–	Desiste	Londres	12 Abril 1992
–	Desiste	Tóquio	20 Novembro 1994

Europeu de Pista Coberta

21 FEV 81 – Carl Lewis coloca recorde mundial de salto em comprimento de pista coberta em 8,50 metros

30 MAI 81 – Mamede bate, em Alvalade, recorde europeu dos 10 000 metros (27.27,7)

18 JUL 81 – Lopes bate Mamede, nos 5000 metros, na 1ª jornada do Campeonato Nacional (13.39,2)

31 DEZ 81 – Rosa Mota é a primeira portuguesa a vencer a S. Silvestre de S. Paulo

30 JAN 82 – Sporting sagra-se pela 4ª vez campeão da Europa de crosse (21 pontos contra 22 do Barcelona)

28 FEV 82 – Carlos Lopes (33.55,0) e Rosa Mota (16.25,6) vencem campeonatos de corta-mato

8 MAI 82 – Aurora Cunha coloca recorde nacional dos 5000 metros em 15.35,2

26 JUN 82 – Em Oslo, Carlos Lopes bate recorde europeu dos 10 000 metros (27.24,39)

7 JUL 82 – Inglês David Moorcroft realiza 13.00,42 nos 5000 metros, batendo o recorde mundial do queniano Rono, em vigor desde 13 de Setembro de 1981

9 JUL 82 – Fernando Mamede (27.22,95) recupera recorde europeu dos 10 000 metros e fica a 45 centésimos do recorde mundial

6 SET 82 – Carlos Lopes perde medalha no «sprint» final dos 10 000 metros do Europeu

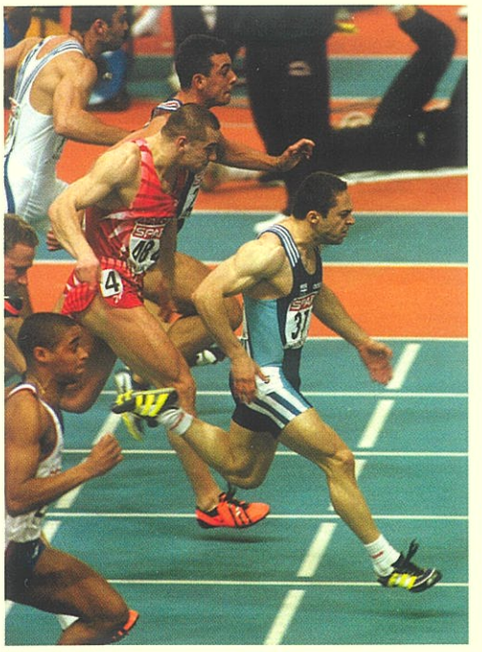
12 SET 82 – Rosa Mota ganha medalha de ouro na Maratona do Europeu (2:36.03)

5 OUT 82 – José Galvão, lançamento do peso, homenageado, aos 50 anos, no Estádio da Luz

23 JAN 83 – Aurora Cunha (13.05,5) e Fernando Mamede (28.44,4) vencem Crosse das Amendoeiras

27 FEV 83 – Aurora Cunha e Fernando Mamede sagram-se campeões nacionais de corta-mato

4 JUL 83 – António Leitão ganha os 5000 metros no Meeting de Estocolmo (13.24,62)



Oficialmente, com o nome de Campeonatos da Europa, começam em 1970, mas antes disso realizam-se por quatro vezes (Dortmund, Praga, Madrid, Belgrado), denominando-se Jogos Europeus. A primeira presença de atletas portugueses dá-se em 1968, com participações depois em 1973 e 1976. A partir de 1977, com excepção de 1984, os atletas nacionais estão presentes em todas as edições, com o maior número a ser atingido em Glazow (13). As de 1973, 1976, 1977, 1978, 1979, 1980, 1981, 1982, 1983 contam apenas com um. Em 1968 estão presentes três, em 1985, seis, em 1986, oito, em 1987, seis, em 1988, oito, em 1989, sete, em 1992, dez, em 1994, nove, em 1996, sete e, em 1998, onze.

A primeira medalha para Portugal surge em 1986. João Campos conquista a medalha de bronze nos 3000 metros (7.59,15). As subidas ao pódio só voltam oito anos depois. Carla Sacramento, nos 800 metros, consegue a medalha de bronze e Fernanda Ribeiro, nos 3000 metros, é campeã europeia. Dois anos depois, voltam a ser ganhas duas medalhas, no caso de ouro, com as mesmas intervenientes, variando só uma das distâncias – 1500 metros, Carla Sacramento. O número de medalhas também não varia em 1998. Carlos Calado é vice-campeão europeu no salto em comprimento (8,05m) e Rui Silva, campeão nos 1500 metros (3.44,57).

Os campeonatos entre 1986 e 1989 proporcionam alguns recordes de Portugal: 1986 – Luís Cunha nos 200 metros (22,02), Aurora Cunha nos 3000 metros (9.10,50) e Ana Oliveira nos 60 metros barreiras (8,73); 1987 – Luís Cunha nos 200 metros (21,83) e Hélder Oliveira nos 5000 metros marcha (20.19,70); 1988 – José Urbano nos 5000 metros marcha (19.41,79) e Lucrécia Jardim nos 200 metros (24,47) e 1989 – Arnaldo Abrantes nos 200 metros (21,49). Em 1990 realiza-se uma prova de exibição do triplo feminino com a presença de Ana Oliveira, que se classifica em terceiro lugar (13,44m).

No sector masculino, a URSS é o país mais em evidência. As 193 medalhas correspondem a 79 de ouro, 59 de prata e 55 de bronze. No feminino, no qual a vara faz a estreia somente em 1996 (Vala Flosadottir e Anzhela Balakhonova são as vencedoras das duas edições, com 4,16 e 4,45, respectivamente), destaque para a RDA (60 de ouro, 64 de prata e 33 de bronze, num total de 157).

Δ Carlos Calado é vice-campeão no salto em comprimento em 1998

Δ O grego Pavakakis vence os 60 metros no Sevilha 98

Emil Zatopek

Emil Zatopek é a grande figura dos Jogos Olímpicos 52. Ganha os 5000 metros, 10 000 metros e maratona, sem nunca antes ter corrido os 42 195 metros. Antes de a prova se iniciar, pede conselhos ao principal favorito, Jim Peters. «Achas que esta passada é suficiente?», pergunta ao britânico a meio do percurso, que, já exausto, responde: «Corre mais devagar.» Um pouco mais à frente, volta a questioná-lo: «É preciso correr tão lentamente? Não podemos ir mais depressa?» Desmoralizado pelas capacidades da Locomotiva Humana, Peters desiste, deixando-o sozinho na luta pelo recorde olímpico (2:23.03).

Zatopek, nascido na Checoslováquia a 19 de Setembro de 1922, é o primeiro homem a percorrer mais de 20 km numa hora (20,052 em 1951). Em Jogos Olímpicos ganha também a medalha de ouro nos 10 000 metros e a de prata nos 5000 metros, em 1948. Tenta revalidar o triunfo na maratona, em 1956, mas uma lesão impede-o de concretizar o objectivo. A seis semanas da competição, contrai uma hérnia e é operado. Embora aconselhado pelos médicos a parar dois meses, inicia os treinos mal deixa o hospital. Em Melbourne, conquista o sexto posto, feito único para as condições em que corre. A passada é deselegante e nos movimentos de conjunto tronco-braços há uma desarmonia desconcertante, mas o que mais impressiona é a série contínua de expressões de dor.

Zatopek descobre o atletismo aos 18 anos, ao participar acidentalmente numa prova de crosse. Nos treinos, utiliza botas de tropa em vez de sapatos, o que revoluciona os métodos de preparação dos atletas de fundo. Desengonçado e pouco amável – «Não tenho talento para correr e sorrir ao mesmo tempo», diz –, é tricampeão da Europa (5000m em 1950, 10 000m em 1950 e 1954). Entre 1948 e 1954, triunfa em 38 provas de 10 000 metros. Nos Jogos Olímpicos

de 1952, a sua mulher, Dana Zatopkova, é galardoada com ouro no lançamento do dardo (50,47m). Emil, nos momentos precedentes à prova, empresta-lhe a medalha de ouro conquistada nos 5000 metros, transportada no saco. Dana ganha ao primeiro ensaio. Em declarações aos jornalistas, o checoslovaco ironiza: «Esse triunfo também é meu.»

Uma das vitórias mais inesperadas de Zatopek acontece a 30 Maio de 1954. É convidado juntamente com outros atletas checoslovacos a participar numa reunião internacional de atletismo em França. No dia 28, o Ministério dos Negócios estrangeiros gaulês anuncia que não lhe concede o visto de entrada, devido a declarações injuriosas sobre a população parisiense e publicadas no jornal «Swohodre Slovo», em Março de 1954.

Depois de várias diligências, o avião que o transporta aterra no aeródromo de Bourget algumas horas antes da competição. No Estádio de Colombes, participa nos 5000 metros. À entrada para a última volta, dista já 250 metros do mais directo adversário. Bate o recorde mundial (13.57,02).

Bilhete de Identidade

Emil Zatopek
Koprivnice (Checoslováquia), 19 Setembro de 1922

Como atleta
PALMARÉS
4 vezes campeão olímpico 1948 (10 000m, 29.59,6), 1952 (5000m, 14.06,6; 10 000m, 29.17; e maratona, 2:23.03). Vice-campeão olímpico 1948 (5000m, 14.17,8). 3 vezes campeão europeu 1950 (5000m, 14.03,0; 10 000m, 29.12,0) e 1954 (10 000m, 28.58,0). Primeiro homem a percorrer mais de 20 km numa hora (20,052, em 1951)

9 JUL 83 – Carlos Lopes é primeiro no Meeting de Oslo nos 10 000 metros (27.23,44). Fica a 94 centésimos do recorde mundial

17 JUL 83 – Benfica vence Campeonato Nacional da I Divisão (16 vitórias masculinas e 12 femininas)

31 JUL 83 – Fernanda Ribeiro vence 3000 metros (9.22,29) da Westathletic

9 AGO 83 – Carlos Lopes e Fernando Mamede desiludem nos 10 000 metros do Mundial

4 SET 83 – Aurora Cunha vence 10 000 metros (31.52,85) em prova disputada em Knarvik

29 JAN 84 – Rosa Mota faz o «tri» (12.24) no Crosse de S. Sebastian

4 FEV 84 – Braga fica em 6º lugar (129 pontos) na III Taça do Clube de Campeões de corta-mato femininos, ganha pelo Cardiff

5 FEV 84 – Pela sexta vez, Sporting é campeão europeu de corta-mato (masculino). Soma 23 pontos

4 MAR 84 – Sporting e Braga vencem Campeonatos de Portugal de corta-mato, em Viseu

25 MAR 84 – Carlos Lopes sagra-se campeão mundial de corta-mato

21 ABR 84 – Aurora Cunha estabelece recorde nacional dos 5000 metros (15.21,0)

2 JUL 84 – Fernando Mamede bate, em Estocolmo, recorde mundial dos 10 000 metros (27.13,81)

13 JUL 84 – Zola Budd bate recorde mundial de 2000 metros (5.33,15)

14 JUL 84 – Sergey Bubka bate, pela 4ª vez no ano, o recorde mundial do salto à vara (5,90m)

5 AGO 84 – Rosa Mota fica em 3º lugar na maratona dos JO de 1984

6 AGO 84 – Fernando Mamede desiste nos 10 000 metros dos JO de 1984

11 AGO 84 – Carl Lewis obtém 4ª medalha de ouro nos JO de 1984 ▶

O recordista

«Não sei o que hei-de dizer. Não consigo suportar esta tensão e fico com medo. O andamento era lento, reconheço, mas depois vieram as hesitações e não resisti.» Cumpridos 5150 da final dos 10 000 metros, nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, Fernando Mamede abandona.
A seguir impõe-se um acompanhamento psicológico regular, que não é cumprido.
Em 1985 e 1986, as desistências prosseguem, anunciando o fim de uma carreira que podia chegar bem mais longe.
Em Junho/Julho de 1986, tem um momento que define o seu comportamento: grande fragilidade psicológica a par de excelente forma física. Seleccionado para correr os 5000 metros do Westathletic, em Barcelona, afirma-se indisposto a meia hora do início da prova (com adversários medianamente credenciados), sendo substituído por Dionísio Castro. No dia seguinte, alinha à partida dos 10 000 metros, no final da primeira volta leva já 50 metros de avanço e aos 7000 metros dobra todos os adversários, para terminar com mais de um minuto de vantagem, em 27.47,84. Depois é a sucessão de fracassos. No Meeting de Paris, desiste aos 2000 metros, em Estocolmo aos 2300 e em Oslo por volta dos 5000. Após a prova na capital francesa, afirma que não quer correr mais. Convencem-no a continuar. Em Estocolmo, quer imediatamente voltar a Lisboa, prescindindo da ida a Oslo. Acaba por ficar, mas é um Mamede derrotado que se vê à partida dos 10 000 metros ao lado do triunfante Aouita.
Antes do atletismo, pratica outras modalidades. Joga andebol, basquetebol, voleibol e futebol, a nível federado, pelo Despertar de Beja e depois pelo Desportivo.
Nos Regionais de corta-mato e pista, faz sempre bons resultados e é nomeadamente apurado para os Nacionais. Vê que tem possibilidades no atletismo e começa a treinar mais assiduamente. Em 1968, numa prova de 1000 metros, no Estádio Nacional, faz 2,36 – muito bom para a sua idade. Quando termina a competição, oferece-se ao Sporting. No dia seguinte assina a ficha de compromisso com o clube, que representa de 1968 a 1989.
O emblema leonino assegura-lhe emprego na secretaria e ruma a Lisboa. Passa a trabalhar na sede do Sporting, na rua do Passadiço, em Lisboa, na secção de contabilidade. Mais tarde, muda-se para Alvalade, para o departamento do futebol, o que lhe permite, de vez em quando, fazer dois treinos diários. Em 1980, acaba por se tornar empregado bancário.
Em 1972, na pista de cinza, no Estádio da FNAT, faz 3.42,8 nos 1500 metros. Em 1974, 1.47,5 aos 800 metros e 3.39,8 nos 1500, marcas de cotação mundial. Em 1975, pensa em abandonar, queixando-se que «algumas pessoas, dentro do Sporting» o tentaram «queimar». Situações que decorrem em simultâneo com o cumprimento do serviço militar obrigatório (10 de Outubro de 1972 a 6 de Março de 1975). Em 1979, é finalmente campeão nacional de ▸

A caminhada para o recorde mundial

30 de Maio de 1981 – Em Alvalade, Fernando Mamede bate o recorde da Europa, com 27.27,7

26 de Junho de 1982 – Carlos Lopes regressa em grande plano. Em Oslo, arranca uns 27.24,39. Batido o recorde da Europa, o do Mundo fica a menos de dois segundos

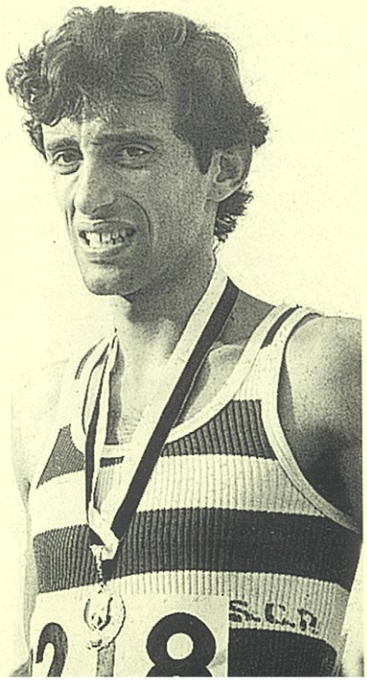
9 de Julho de 1982 – Fernando Mamede, despojado do recorde da Europa 13 dias antes, não desarma e obtém, em Paris, 27.22, 95, marca a 45 centésimos do recorde mundial

9 de Julho de 1983 – Numa prova (Oslo) em que participam os dois portugueses, Carlos Lopes arranca decididamente a 1400 metros do fim e ganha a prova em 27.23,44. O máximo mundial fica novamente a menos de um segundo. Mamede é segundo. Gasta 27.25,13

2 de Julho de 1984 – O recorde é batido por quase nove segundos em relação à anterior marca e logo por Fernando Mamede e Carlos Lopes. Os atletas do Sporting repetem a superforma evidenciada nos 5000 metros

A

B



C

D

► corta-mato. Entre 1982 e 1985 participa em 13 corridas consecutivas de 5000 metros, saindo vencedor de todas.
É recordista absoluto de 800 metros e também nas estafetas o seu protagonismo é evidente. Nos 4×400 metros dos Jogos Olímpicos de Munique, a 9 de Setembro de 1972, faz o último percurso e estabelece um recorde de Portugal (3.10,0) que perdura até 4 de Julho de 1982. No currículo, faltam-lhe medalhas nas principais competições internacionais, com excepção para duas de bronze em Mundiais de corta-mato (Madrid 81, individual, e Nova Iorque 84, colectivo).

Prova de ouro

À quinta é de vez. Fernando Mamede bate a 2 de Julho de 1984 o recorde mundial dos 10 000 metros, ao conseguir 27.13,81, menos 8,59 segundos que a anterior marca do queniano Henri Rono, em vigor desde 11 de Junho de 1978. É o primeiro recorde do Mundo da história do atletismo português.
Os antecedentes da prova não parecem muito propícios a uma grande marca. Fernando Mamede confessa à mulher o desejo de voltar a casa sem realizar a prova.
De acordo com o previsto, Guilherme Alves é a primeira lebre de serviço. Mais tarde, é Carlos Lopes o grande animador. Não permitindo que o andamento abrande, leva consigo o norte-americano Nenow e isola-se por volta do sétimo quilómetro.

Fernando Mamede passa por um período de crise e chega a descolar. Consegue recuperar ao nono quilómetro e quando faltam duas voltas ataca decididamente a caminho do recorde mundial, o 65° a que o Estádio Olímpico de Estocolmo (cenário dos Jogos Olímpicos de 1912) assiste. A marca permanece como recorde da Europa até 30 de Julho de 1999, altura em que António Pinto a ultrapassa.

A Determinante para o domínio leonino no corta-mato

B Já em 1972, nos 1500 metros, mostrava apetência para os recordes

C Mamede corta a meta com um tempo fabuloso, que resiste 15 anos como melhor europeu

D À frente de Carlos Lopes, após a magnífica corrida de Estocolmo, onde ambos superam o melhor tempo mundial dos 10 mil metros

Bilhete de Identidade

Fernando Eugénio Pacheco Mamede
Beja, 1 Novembro de 1951

Como atleta
CLUBES
Desportivo de Beja e Sporting

PALMARÉS
14 vezes campeão de Portugal de pista 1973 (800m), 1976, 1979, 1983 (1500m), 1977, 1979, 1980 (10 000m), 1971 (4×400), 1970, 1971, 1973 (4×800m), 1970, 1972, 1973 (4×1500m). 6 vezes campeão de Portugal de corta-mato 1979, 1980, 1981, 1983, 1985 e 1986. Recordista mundial dos 10 000m (2 Julho de 1984 até 18 de Agosto de 1989, com 27.13,81). 3° no Mundial de corta-mato 1981 (individual) e 1984 (colectivo). 2 vezes campeão nacional de juniores 1969 (800m) e 1969 (4×400m)

Melhores marcas

Ano	5000 m	Ano	3000 m
1983	13.08,54	1984	27.13,81
1983	13.09,92	1982	27.22,95
1984	13.12,83	1983	27.25,13
1983	13.14,15	1981	27.27,7
1982	13.14,6	1983	27.32,85
1982	13.15,19	1982	27.33,37
1978	13.17,78	1983	27.36,80
1984	13.18,18	1980	27.37,88
1981	13.19,2	1985	27.41,09
1980	13.20,0	1983	27.45,54
1984	13.20,61	1984	27.47,19
1983	13.21,39	1986	27.47,84
1981	13.21,73	1981	27.55,6
1981	13.22,24	1980	28.04,2
1985	13.23,71	1979	28.16,4
1984	13.23,89	1989	28.17,22
1979	13.26,0	1980	28.17,7
1985	13.26,98	1983	28.18,39
1986	13.28,4	1984	28.21,87
1981	13.28,5	1979	28.22,79

Evolução de marcas

Ano	5000 m	Ano	10 000 m
1973	14.24,8	1973	–
1974	13.52,2	1974	–
1975	14.19,8	1975	29.43,2
1976	13.49,4	1976	–
1977	13.38,7	1977	29.10,6
1978	13.17,78	1978	28.39,6
1979	13.26,0	1979	28.16,4
1980	13.20,0	1980	27.37,88
1981	13.19,2	1981	27.27,7
1982	13.14,6	1982	27.22,95
1983	13.08,54	1983	27.25,13
1984	13.12,83	1984	27.13,81
1985	13.23,71	1985	27.41,09
1986	13.28,4	1986	27.47,84
1987	–	1987	28.25,62
1988	–	1988	–
1989	–	1989	28.17,22

Evolução do recorde europeu dos 10 000 metros

Marca	Atleta	País	Local	Data
30.02,0	Taisto Maki	Fin	Tampere	29/9/38
29.52,6	Taisto Maki	Fin	Helsínquia	17/9/39
29.35,4	Viljo Heino	Fin	Helsínquia	25/8/44
29.28,2	Emil Zatopek	Che	Ostrava	11/6/49
29.27,2	Viljo Heino	Fin	Kouvola	1/9/49
29.21,2	Emil Zatopek	Che	Ostrava	22/10/49
29.02,6	Emil Zatopek	Che	Turku	4/8/50
29.01,6	Emil Zatopek	Che	S. Boleslav	1/11/53
28.54,2	Emil Zatopek	Che	Bruxelas	1/6/54
28.42,8	Sandor Iharos	Hun	Budapeste	15/7/56
28.30,4	Vladimir Kuts	URSS	Moscovo	11/9/56
28.18,8	Pyotr Bolotnikov	URSS	Kiev	5/10/60
28.18,2	Pyotr Bolotnikov	URSS	Moscovo	11/8/62
28.10,6	Gaston Roelants	Bél	Oslo	21/8/65
28.04,4	Jurgen Haase	RDA	Leninegrado	21/7/68
27.47,0	Dave Bedford	GBR	Portsmouth	10/7/71
27.38,4	Lasse Viren	Fin	Munique	3/9/72
27.30,8	Dave Bedford	GBR	Londres	10/7/73
27.27,7	Fernando Mamede	Por	Lisboa	30/5/81
27.24,39	Carlos Lopes	Por	Oslo	26/6/82
27.22, 95	Fernando Mamede	Por	Paris	9/7/82
27.13,81	Fernando Mamede	Por	Estocolmo	2/7/84
27.12,47	António Pinto	Por	Estocolmo	30/7/99

Mundial 83 – Helsínquia

12 AGO 84 – Carlos Lopes vence maratona nos JO de 1984 (2:09.21). António Leitão conquista medalha de bronze nos 5000 metros

21 OUT 84 – Rosa Mota (2:26.01) e Carlos Lopes (2:09.06) são primeira e segundo na Maratona de Chicago

11 NOV 84 – Aurora Cunha é campeã mundial de estrada (33.04)

19 JAN 85 – João Campos vence 3000 metros (7.57,63) dos I Jogos Mundiais de pista coberta

3 FEV 85 – Sporting vence Taça dos Clubes Campeões Europeus de corta-mato (17 pontos). Carlos Lopes ganha (28.52)

10 FEV 85 – Ezequiel Canário vence crosse (29.58) organizado pelo «L'Équipe». Carlos Lopes fica em 5º lugar

20 ABR 85 – Carlos Lopes torna-se no primeiro maratonista a baixar das 2:08. Corre a maratona de Roterdão em 2:07.11, o que constitui recorde mundial

5 MAI 85 – Albertina Machado vence 800 metros do Meeting de Tóquio (2.09,25)

28 JUL 85 – Desclassificação da equipa de 4×400 metros dá título de campeão nacional da I Divisão ao Sporting (escalão masculino), com 244 pontos. Benfica ganha em femininos (197 pontos)

10 AGO 86 – Campeonatos de Portugal terminam com 12 recordes

26 AGO 86 – Rosa Mota vence maratona no Europeu (2:28.38)

2 NOV 86 – Carlos Lopes estreia-se com a camisola do Imortal na VII meia maratona das Açoteias (1:05.16)

9 NOV 86 – Aurora Cunha vence Campeonato do Mundo de estrada feminino (48.31)

16 NOV 86 – Rosa Mota ganha maratona de Tóquio (2:27.15 contra 2:31.54 de Katrin Dorre)

27 DEZ 86 – Carlos Capítulo (ex-atleta do Sporting) morre em acidente de viação, em Barcelona

Em Helsínquia é aberta uma nova página com a realização do I Campeonato do Mundo. A prova é um êxito. Estão presentes os melhores atletas, uma mais-valia em relação aos Jogos Olímpicos de Moscovo, que muitos falham devido ao boicote político. Participam 162 países, embora alguns deles a título meramente simbólico por não possuírem elementos com categoria para uma competição deste nível. Os EUA têm a maior delegação (130), seguidos da URSS (120) e RDA (104).

Portugal parte com pretensões a medalhas. Fernando Mamede e Carlos Lopes por ocuparem as primeiras posições do «ranking» aparecem bem cotados. Rosa Mota, campeã europeia em 1982, tem aspirações na maratona. O saldo final aponta para alguns finalistas, mas nenhuma presença no pódio. Com um quarto lugar (Rosa Mota), um sexto (Carlos Lopes), um nono (Aurora Cunha), um décimo (António Leitão), um 14º (Fernando Mamede) e um 16º (José Pinto) lugares, a representação nacional desilude.

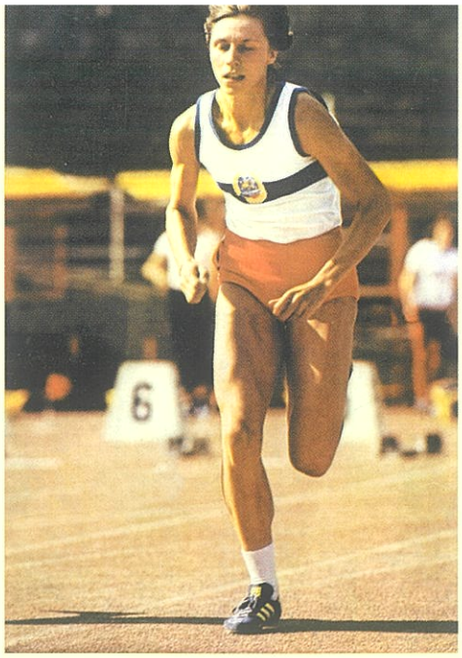
Rosa Mota fica a 37 segundos do bronze. Fernando Mamede, depois de uma excelente eliminatória, falha estrondosamente na final dos 10 000 metros (14º lugar). Devido à queda de Prieto e Herle aos 40 metros de prova, à qual escapa por um triz, fica mal colocado ao longo do pelotão que se forma, andando as três primeiras voltas em penúltimo. Já não é o Mamede dominador e confiante das 48 horas anteriores. Cinco anos após Praga, onde também ganha facilmente a eliminatória para depois ser último na final dos 5000 metros, regressa às grandes competições para um resultado quase idêntico.

Carlos Lopes opta pela dupla légua em vez de tentar o título mundial da maratona e acaba conformado com a falta de velocidade evidenciada na parte final. Em Atenas, no Europeu, o primeiro é Cova, o segundo Schlidhauer, o terceiro Vanio e o quarto Lopes, a quase sete segundos; desta feita, Cova volta a ganhar, Schlidhauer conquista novamente o segundo posto, aparece outro alemão de leste (Kunze) no terceiro lugar, Vanio desce para quarto, em quinto surge o primeiro não europeu (Shahanga) e o português não vai além do sexto.

Na maratona, Tavares da Silva acaba em manifesta dificuldade (é 56º entre 63), Cidálio Caetano, às voltas com cãibras que o obrigam a parar diversas vezes, é 36º e Delfim Moreira 33º. António Leitão desilude nos 5000 metros, ao classificar-se em 10º. Rita Borralho, na maratona, é 46ª.

Ao invés, José Pinto é uma agradável surpresa nos 50 km marcha. Estabelece um novo recorde nacional (4:03.47, menos 2,16), apesar de se esquecer no hotel dos sapatos apropriados que só calça com duas horas e meia de prova, por volta dos 30 km. Aurora Cunha também supera as expectativas iniciais. Classifica-se para as finais e é nona, com dois máximos nacionais de 3000 metros. João Campos falha a qualificação para as meias-finais de 1500 metros.

Os portugueses: João Campos, António Leitão, Fernando Mamede, Carlos Lopes, Cidálio Caetano, Delfim Moreira, Tavares da Silva, José Pinto, Aurora Cunha, Rosa Mota e Rita Borralho



Marita Koch

A alemã é a atleta mais medalhada (três ouros e uma prata). Começa por ser segunda nos 100 metros, atrás da compatriota Marlies Gohr, mas depois conquista títulos nos 200 metros (22,13) e nas duas estafetas (4×100 e 4×400 metros).

Jamila Kratochvilova

Passa três dias a acumular eliminatórias de 400 e 800 metros. A 9 de Agosto, ganha a meia-final dos 400 metros (51,08) e 35 minutos depois é campeã mundial dos 800 (1.54,68). No dia seguinte junta-lhes a vitória e o recorde mundial dos 400 metros, baixando pela primeira vez dos 48 segundos (47,99). Finalmente, na jornada de encerramento, corre duas vezes a estafeta de 4×400 metros, levando a Checoslováquia à medalha de prata, graças a um último percurso (lançada) em 47,85.

Carl Lewis

A 10 de Agosto, junta duas medalhas de ouro à conquistada nos 100 metros (10,07) logo no segundo dia. Ao quarto ensaio, ganha a prova de salto em comprimento (8,55m), com apenas dois saltos válidos (o outro registo é de 8,42m) e participa, juntamente com Emmit King, Willie Gault e Calvin Smith, na final dos 4×100 metros. A equipa americana bate o recorde mundial. Pela primeira vez surge um tempo inferior a 38 segundos (37,86).

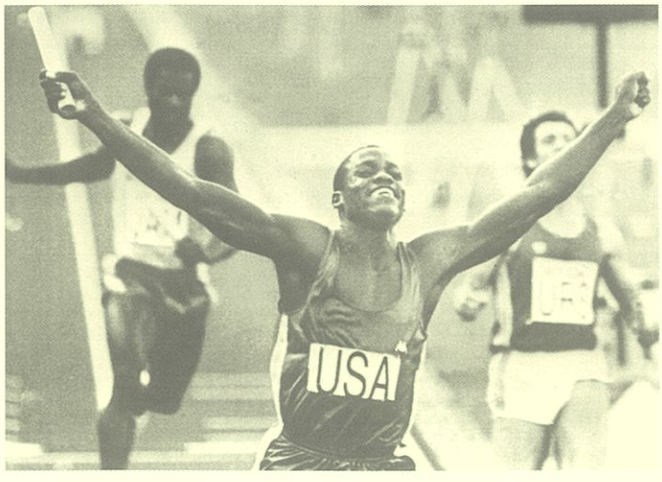
Calvin Smith

Recordista mundial de 100 metros, é derrotado por Carl Lewis, que prova ser o melhor. Ganha medalhas de ouro nos 4×100 metros e nos 200 metros (20,14), no último dia de competição.

◁ O italiano Alberto Cova volta a dar festival na maratona

△ Marita Koch arrecada três medalhas de ouro, depois de «aquecer» com prata

▽ Carl Lewis, logo no segundo dia, vence os 100 metros, com 10,07, e Jamila Kratochvilova reina nos 400 e 800 metros



18 JAN 87 – Ciática impede Carlos Lopes de disputar XI Crosse Internacional das Amendoeiras

24 JAN 87 – Carla Sacramento bate recorde nacional júnior de 500 metros (1.16,6)

6 MAR 87 – Mundial de pista coberta abre com seis recordes mundiais

20 ABR 87 – Rosa Mota ganha maratona de Boston (2:25.20)

28 MAI 87 – Said Aouita coloca recorde mundial das duas milhas em 8.13,45

1 JUL 87 – Sueco Patrick Sjoberg bate recorde mundial do salto em altura com 2,42 metros no Meeting de Estocolmo

2 JUL 87 – Sergey Bubka é eleito melhor atleta do mundo de 1986 pela Associação Internacional de Imprensa Desportiva

22 JUL 87 – Said Aouita bate recorde mundial dos 10 000 metros, pela primeira vez abaixo dos 13 minutos (12:58.39)

29 AGO 87 – Rosa Mota ganha maratona do Mundial (2:25.17)

5 SET 87 – Carl Lewis faz cinco saltos a mais de 8,60 metros no Mundial

6 FEV 88 – Sporting fica em 2º na Taça dos Campeões Europeus de corta-mato (54 pontos)

7 FEV 88 – Braga vence Taça dos Campeões Europeus femininos de corta-mato (14 pontos)

20 MAR 88 – Portugal fica em terceiro no Mundial feminino de 15 km estrada

18 ABR 88 – Rosa Mota vence maratona de Boston (2:25.02)

5 JUN 88 – Braga revalida título europeu de estrada (9 pontos)

16 JUL 88 – Florence Griffith--Joyner estabelece recorde mundial dos 100 metros (10,49)

30 JUL 88 – Fernanda Ribeiro ganha medalha de prata nos Mundiais de atletismo júnior 3000 metros (9.15,33)
▶

O atleta do século

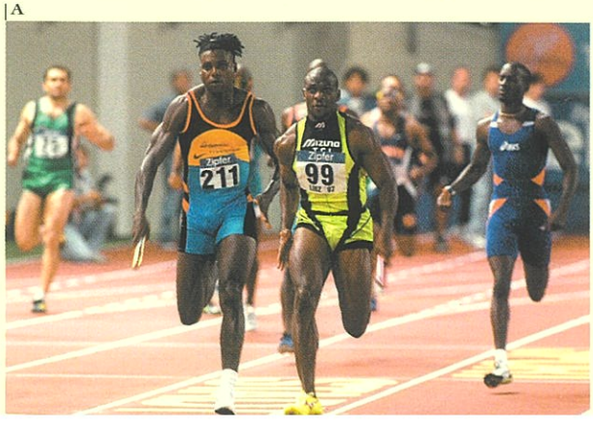
No dia em que sabe que é o vencedor do ouro nos 100 metros dos Jogos Olímpicos 88, por desclassificação do canadiano Ben Johnson que tem uma análise positiva, Carl Lewis vai a uma grande igreja, em Seul, para partilhar o feito com Cristo.
Com a ajuda de um intérprete diz aos coreanos evangelistas presentes que a fé é a responsável por toda a sua força. «Há 18 meses o meu pai morreu de cancro. Éramos bastante chegados. Foi um tempo muito, muito difícil. Enterrei com ele a minha medalha de ouro ganha nos 100 metros dos Jogos Olímpicos de 1984. Inspirou-me para continuar e eu tornei-me o melhor que pude. Treinei ainda com mais determinação», explica.
Mal termina a prova dos 100 metros, em que é segundo atrás de Ben Johnson, afirma: «Fiquei satisfeito porque dei o meu melhor. Esforcei-me ao máximo.» Não abandona a igreja sem antes recordar um sonho da mãe antes da prova. «O meu pai pediu-lhe para me avisar que não valia a pena preocupar-me com o resultado, porque Deus lhe disse que iria ficar tudo bem. Hoje temos a certeza que assim foi.»
Sobre o doping do atleta canadiano, refere: «Lamento por ele e pelo povo canadiano. Espero que se reabilite rapidamente para voltar à competição.»
Lewis é o terceiro filho de um casal de treinadores, em Willingboro, New Jersey. O pai é também professor universitário. Durante a infância e a adolescência, não apresenta credenciais para vir a ser um grande atleta, mas durante os anos 80 e 90 prova que tudo não passa de um grande engano. Em 1980, alcança a qualificação para a equipa norte-americana, mas fica ausente dos Jogos Olímpicos de Moscovo devido ao boicote político. Em 1983, ao vencer os 100 metros, 200 metros e salto em comprimento no campeonato norte-americano, comete uma proeza que só um homem tinha alcançado, Malcolm Ford, em 1896.
Em Los Angeles 84 – onde Calvin Smith, recordista mundial dos 100 metros, não disputa a distância por ser eliminado nas provas de qualificação nos EUA ao classificar-se na quarta posição –, Carl Lewis domina completamente as competições em que participa, vencendo destacado todas as eliminatórias e as finais. No comprimento faz apenas dois saltos válidos, ganhando logo com o primeiro pulo. Depois soma quatro nulos porque arrisca demasiado na chamada. Após garantir o primeiro lugar, passa a ter um único

Progressão de Carl Lewis

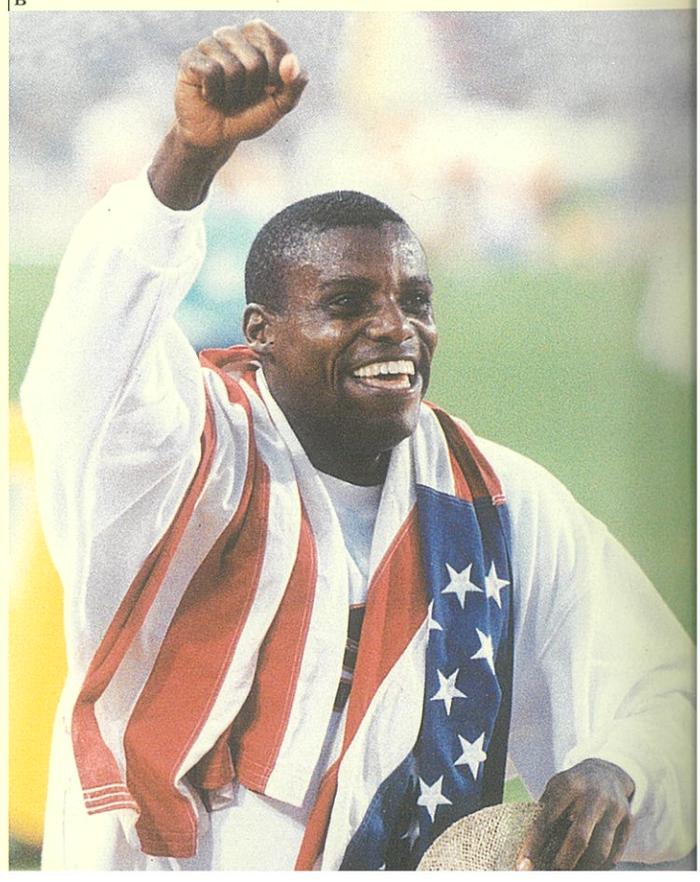
Ano	100 m	200 m	Comprimento
1974	–	–	5,51m
1975	–	–	6,07
1976	11,1	–	6,93
1977	10,6	–	7,26
1978	10,5	–	7,85
1979	10,3	20,9	8,13
1980	10,21; 10,16 V	20,66	8,11; 8,35 V
1981	10,00; 9,9 V	20,73	8,26; 8,73 V
1982	10,00	20,27	8,76
1983	9,97; 9,93 V	19,75	8,79
1984	9,99	19,80	8,79
1985	9,98; 9,90	20,69; 20,03 V	8,62; 8,77
1986	10,06; 9,91	20,01	8,35; 8,37 I; 8,67 V
1987	9,93	19,92	8,75; 8,77 V
1988	9,92; 9,78	19,79	8,76
1989	10,05	20,47	8,54
1990	10,00	–	8,61
1991	9,86; 9,80 V	20,46	8,87; 8,91 V
1992	10,07; 9,95 V	20,15	8,68; 8,72 V
1993	10,02; 9,90 V	19,99	–
1994	10,04	–	8,66; 8,72
1995	10,12; 9,94 V	20,28	8,00; 8,45 V
1996	10,03; 9,94 V	20,19	8,50

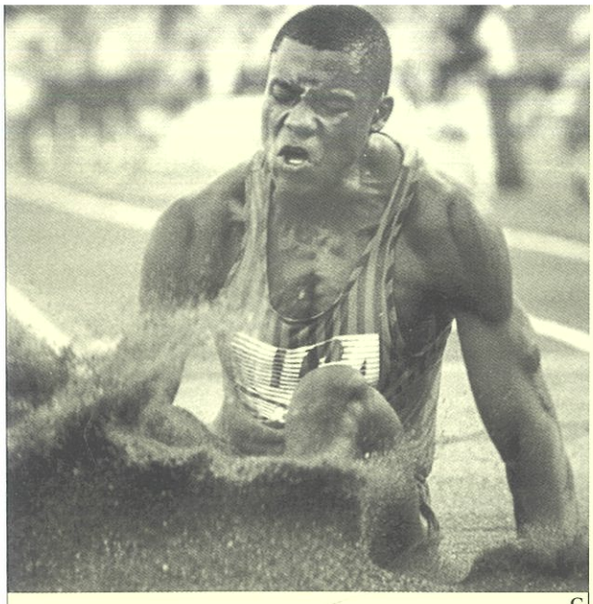
V – Vento favorável
I – Indoor

A



B





C

D

objectivo: melhorar o recorde da especialidade, no poder de Bob Beamon desde os Jogos Olímpicos, realizados no México em 1968, com a fabulosa marca de 8,90 metros. No Coliseu de Los Angeles, mostra que é um atleta ao nível de Jesse Owen. Nos 100 metros deixa Sam Graddy a 20 centésimos (9,99 contra 10,19), no duplo hectómetro ganha 0,16 centésimos a Kik Baptiste (19,80 contra 19,96) e no salto em comprimento deixa o australiano Gary Honey a 30 centímetros (8,54 contra 8,24). Na estafeta de 4×100 metros (Ron Brown, Sam Graddy e Calvin Smith completam a equipa) faz o último percurso em 8,94, contribuindo para o novo máximo mundial, fixado em 37,83 segundos. Entra assim, definitivamente, na lenda do atletismo mundial ao lado de Jim Thorpe, Jesse Owen ou Edwin Moses. A luta pelo primeiro posto entre os ídolos nos Estados Unidos da América ainda não está completamente definida, mas o «confronto» com Edwin Moses já pende a favor de Lewis, o «filho do vento», como também fica conhecido. Em 1988, em Seul, conquista duas medalhas de ouro e uma de prata (no salto em comprimento obtém os quatro melhores saltos). Em 1992 ganha mais duas de ouro, incluindo o seu terceiro título no salto em comprimento, com 8,67 metros. O último troféu olímpico acontece em Atlanta 96, no salto em comprimento, o que vem confirmar o seu estatuto de melhor atleta de todos os tempos e um dos maiores dos Jogos Olímpicos, ao lado de Mark Sptiz (natação) ou Larissa Latynina (ginástica).

A juntar a muitos outros troféus, tem oito títulos de campeão do Mundo (três nos 100m, três nos 4×100m e dois no salto em comprimento).

A Aceso «sprint» com o rival Dennis Mitchel numa estafeta 4×100 metros

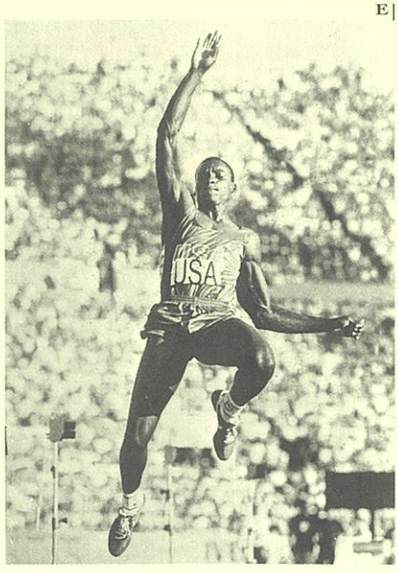
B Em Barcelona (1992) soma mais duas medalhas de ouro: comprimento e 4×100 metros

C Em 24 de Julho de 1982, em Indianápolis, o segundo maior salto da História, aproximando-se do «insuperável» recorde de Bob Beamon

D Nos Jogos de Los Angeles à frente de Luis Barroso, na primeira série dos 200 metros

E Em 1983, arrecada o ouro no salto em comprimento do Mundial de Helsínquia

E



Duelos Lewis-Ben Johnson

29 de Abril de 1980, em Sudbury (Canadá):
1°, Carl Lewis, 10,43; 6°, Ben Johnson, 10,88

20 de Agosto de 1982, em Berlim (RFA):
1°, Carl Lewis, 10,08; 8°, Ben Johnson, 10,61

22 de Agosto de 1982, em Colónia (RFA):
1°, Carl Lewis, 10,47; 4°, Ben Johnson, 10,55

4 de Agosto de 1984, em Los Angeles (EUA):
1°, Carl Lewis, 9,99; 3°, Ben Johnson, 10,22

20 de Agosto de 1984, em Budapeste (Hungria):
1°, Carl Lewis, 10,05; 4°, Ben Johnson, 10,33

22 de Agosto de 1984, em Zurique (Suíça):
1°, Carl Lewis, 9,99; 3°, Ben Johnson, 10,12

11 de Maio de 1985, em Modesto (Califórnia, EUA):
1°, Carl Lewis, 9,98; 4°, Ben Johnson, 10,16

21 de Agosto de 1985, em Zurique (Suíça):
1°, Ben Johnson, 10,18; 4°, Carl Lewis, 10,31

25 de Agosto de 1985, em Colónia (RFA):
2°, Carl Lewis, 10,17; 3°, Ben Johnson, 10,29

31 de Maio de 1986, em S. José (Califórnia, EUA):
1°, Ben Johnson, 10,01; 2°, Carl Lewis, 10,18

9 de Julho de 1986, em Moscovo (URSS):
1°, Ben Johnson, 9,95; 3°, Carl Lewis 10,06

13 de Agosto de 1986: em Zurique (Suíça):
1°, Ben Jonhson, 10,03, 3°, Carl Lewis 10,25

28 de Maio de 1987, em Roma (Itália):
1°, Ben Johnson, 9,83; 2°, Carl Lewis, 10,00

17 de Agosto de 1988, em Zurique (Suíça):
1°, Carl Lewis, 9,93; 3°, Ben Johnson, 10,00

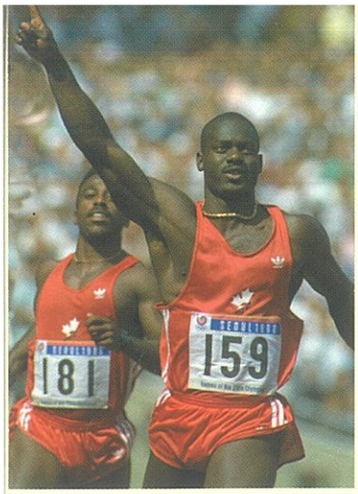
24 de Setembro de 1988, em Seul (Coreia do Sul):
1°, Ben Johnson, 9,79; 2°, Carl Lewis, 9,92

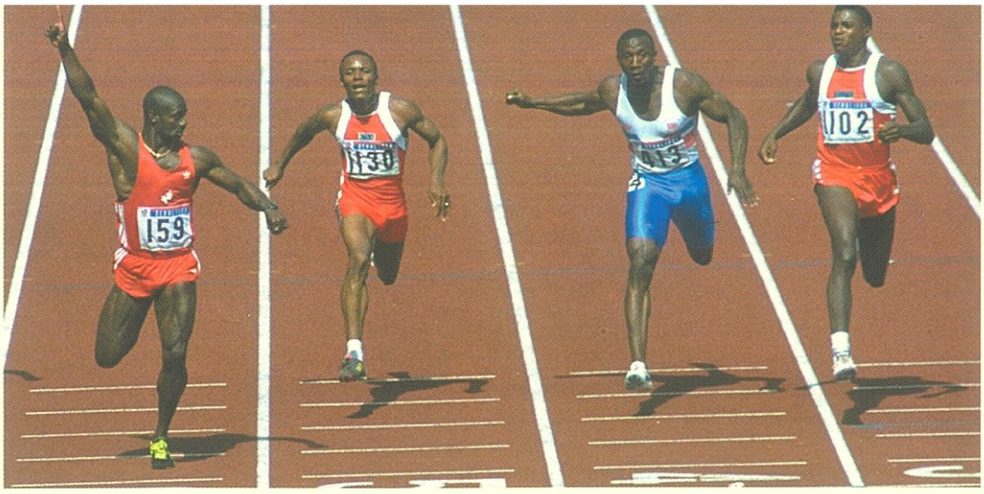
Marion Woronin, da Polónia, é o único atleta que bate simultaneamente Carl Lewis e Ben Johnson

Bilhete de Identidade

Frederick Carlton Lewis
Birmingham, Alabama (EUA), 1 de Julho de 1961

Como atleta
PALMARÉS
9 vezes campeão olímpico 1984 (100m, 9,99; 200m, 19,80; comprimento, 8,54; 4×100m, 37,83), 1988 (100m, 9,92; comprimento, 8,72), 1992 (comprimento, 8,72; 4×100m, 37,40), 1996 (comprimento, 8,50). Vice-campeão olímpico 1988 (200m, 19,79). 8 vezes campeão mundial 1983 (100m, 10,07; 4×100m, 37,86; comprimento, 8,55), 1987 (100m, 9,93; 4×100m, 37,90; comprimento, 8,67), 1991 (100m, 9,86; 4×100m, 37,50). Vice-campeão mundial 1991 (comprimento, 8,91m). 3° no Mundial 93 (200m, 19,99). Melhores marcas: 100m (9,86); 4×100m (37,40), salto em comprimento (8,87m)





Ben Johnson

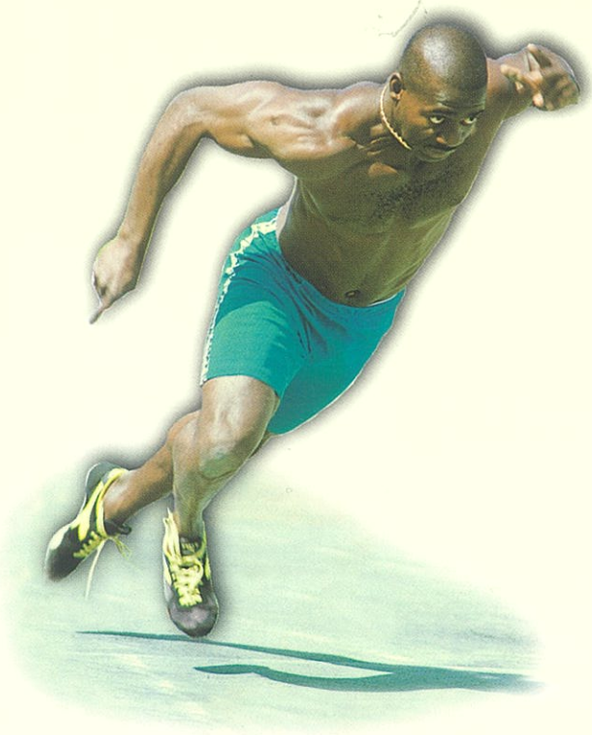
Há 27 anos, no mesmo Estádio de Roma, Armin Hary, primeiro homem a fazer 10 segundos nos 100 metros, sagra-se campeão olímpico, apesar de as suas partidas fulminantes merecerem fortes dúvidas. Agora Ben Jonhson, com os seus 9,83 segundos, baixa o recorde mundial em 10 centésimos e o recurso a métodos ilícitos é também levantado. É o início de um período de marcas fora de série e de um calvário sem fim.

9,79 segundos. Recorde mundial dos 100 metros. Ben Johnson estabelece a marca a 24 de Setembro de 1988, durante os Jogos Olímpicos de Seul. Mas está dopado. A Federação Internacional suspende-o por dois anos e o governo canadiano para toda a vida. Em 1989 Charlie Francis, o treinador, revela «Dopava-se desde finais de 1981.» A 24 de Maio, Astaphan, médico pessoal, não nega a utilização, pelos seus atletas, de esteróides para cavalos, por serem mais baratos.

A 5 de Setembro do mesmo ano em Barcelona, a Federação Internacional risca-o da tabela de recordes mundiais com efeito retroactivo. Apesar do controlo negativo efectuado na altura, é-lhe retirado o recorde do obtido no Mundial de Roma, em 1987. Em Outubro de 1990, o governo canadiano levanta-lhe a suspensão perpétua. Em 1991 regressa aos Mundiais e a 8 de Março é quarto nos 60 metros em pista coberta.

Em 1993 cai de novo nas malhas do doping. «Ele desacreditou o Canadá. Porque é que não se retira?», é a expressão mais ouvida. O interesse é tal que o diário «Otawa Citizen» põe a funcionar um sistema de informações telefónicas sobre o caso. O ministro dos Desportos canadiano anuncia imediatamente o fim da ajuda monetária e a irradiação da actividade desportiva.

Em Toronto, a 7 de Março, Ben Johnson nega ter-se dopado e despede-se. «Nunca esperei que a minha carreira terminasse assim. Embora o meu advogado e outros conselheiros me tenham dito que dispunha de fortes motivos para recorrer, decidi não o fazer devido à minha idade, às despesas que tal acarretaria e às obrigações que tenho para com a minha família.»



Δ Três momentos de uma corrida para a História: 9,79 segundos nos 100 metros, durante os jogos de Seul. Mas Big Ben estava dopado

Δ Ben Johnson corre em Alvalade e, num treino, fica registado pela objectiva de António Capela

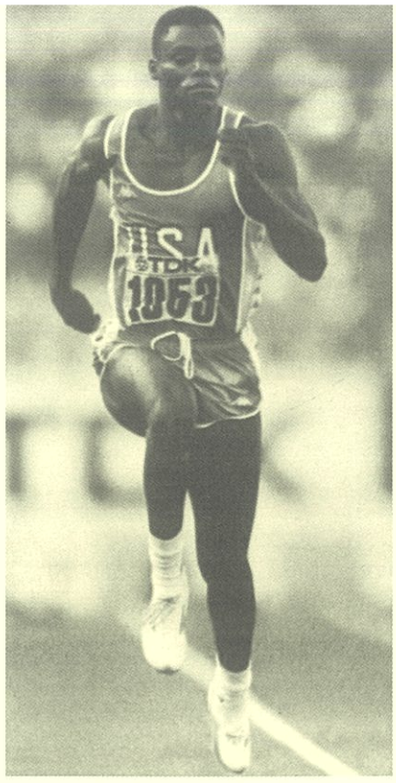
Bilhete de Identidade

Ben Johnson
Falmout (Jamaica)°, 30 Dezembro de 1961

Como atleta
PALMARÉS
Campeão Mundial 88 (100m). 3° nos Jogos Olímpicos 84 (100 m). Recordista mundial dos 100 metros em 1987 (9,83). Os títulos são-lhe retirados a 24 de Setembro de 1988 após análise antidoping positiva

° Naturalizado canadiano

Mundial 87 – Roma



Rosa Mota dá uma volta de honra, beijinhos a este e àquele, mostra-se impaciente por não saber o que fazer. Só 7,21 minutos após ter cortado a meta é que aparece Zoja Ivanova, segunda classificada na maratona. A vantagem bate recorde de 91 anos no que respeita a grandes competições internacionais (nos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, em 1986, Spiridon Louis dá um avanço de 7,13 ao compatriota Vasilakos). Num percurso que passa por alguns pontos históricos de Roma, a atleta portuguesa parte como claramente favorita, por ser a campeã europeia. Corre a distância em 2:25.17.

Passada a era de Lopes e Mamede e com António Leitão de fora – a Federação Portuguesa de Atletismo toma conhecimento da sua ausência devido a lesão a três dias do início da competição –, as esperanças portuguesas em medalhas limitam-se a Rosa Mota e Aurora Cunha, enquanto se espera pelos progressos de José Regalo, dos irmãos Castro e de Albertina Machado, candidatos a lugares entre os oito primeiros.

Aurora Cunha desilude. Não consegue melhor do que o 17º lugar. Certinha na estrada, volta a revelar-se irregular em pista. O último dia traz uma surpresa. Domingos Castro, em 5000 metros pouco do seu agrado, por serem corridos em ritmo lento, ganha a medalha de prata, entrando definitivamente na alta roda do atletismo mundial. Na mesma prova, Dionísio Castro é oitavo. Albertina Machado fica também bem classificada nos 10 000 metros, em sétima posição. Os fundistas conseguem uma série de boas classificações e três recordes nacionais (Álvaro Silva, José Regalo e José Pinto). Os velocistas, barreiristas e o saltador José Leitão ficam aquém das expectativas.

No peso, o recordista mundial, Alessandro Andrei, é ultrapassado pelo suíço Werner Gunthoer. Nos 200 metros ganha o favorito, Calvin Smith, mas a chegada é de tal forma renhida que os jornalistas começam por rodear o britânico John Regis. Carl Lewis salta 8,67 metros, desforrando-se no comprimento da derrota nos 100 metros. A RDA é o país mais medalhado.

Os portugueses: Arnaldo Abrantes, Luís Barroso, Álvaro Silva, Mário Silva, Domingos Castro, Dionísio Castro, Ezequiel Canário, João Lima, José Regalo, José Leitão, Luís Cunha, Pedro Curvelo, Fernando Damásio (suplente estafeta), Delfim Moreira, José Urbano, José Pinto, Fernanda Ribeiro, Albertina Machado, Aurora Cunha, Conceição Ferreira, Maria João Lopes, Rosa Mota e Rita Borralho

△ Carl Lewis compensa no comprimento a derrota nos 100 metros

▽ Rosa Mota chega ao fim da maratona com mais de sete minutos de avanço

▽ Calvin Smith festeja um triunfo de decisão difícil, nos 200 metros

▶

23 SET 88 – Rosa Mota vence maratona nos JO

26 SET 88 – Carl Lewis salta 8,72 metros nos JO. Italiano Pietro Menea torna-se o primeiro velocista a disputar cinco JO

24 SET 88 – Ben Johnson estabelece recorde mundial dos 100 metros (9,79)

27 SET 88 – Ben Johnson revela controlo antidoping positivo nos JO

29 JAN 89 – Rosa Mota desiste na maratona de Osaca. Em 14 presenças nessa distância é o primeiro abandono

8 FEV 89 – Rosa Mota é eleita melhor maratonista de 1988 pela revista norte-americana «France and Field News»

25 FEV 89 – Lista B, liderada por Henrique de Melo, ganha eleições FPA. Florence Griffith-Joyner anuncia abandono

20 MAI 89 – Benfica (masculino) conquista triunfo individual e colectivo na Taça dos Campeões Europeus de Estrada. Fiat Sud Formi (feminino) quebra série de vitórias do Braga

29 JUN 89 – Salvatore Antibo fica a menos de três segundos do recorde mundial de 10 000 metros pertencente a Fernando Mamede. Corre a distância em 27.16,51 contra os 27.13,81

1 OUT 89 – Rosa Mota vence minimaratona em Tóquio, aonde se desloca para lançamento de um livro sobre a sua carreira

3 DEZ 89 – Manuel Matias ganha maratona de Fukuoka (2:12.54)

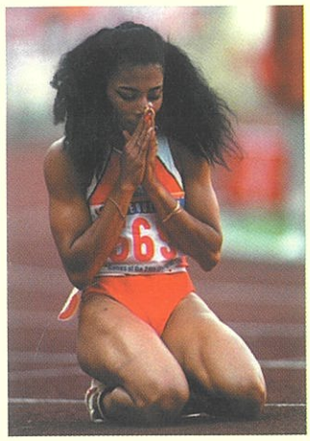
3 FEV 90 – Braga (feminino) conquista «tetra» na Taça dos Campeões Europeus de Corta-Mato

4 FEV 90 – Sporting (masculino) obtém 10º título de campeão europeu de corta-mato

31 MAR 90 – Dionísio Castro bate recorde do mundo 20 km (57.18,4)

13 AGO 90 – Susana Feitor é recebida apoteoticamente no Aeoporto da Portela pelo título de campeã mundial de juniores em 5000 metros marcha (21.44, 30)

▶



Florence Griffith-Joyner

Quando a família anuncia, a 21 de Setembro de 1998, em Laguna Beach (Califórnia) o falecimento de Florence Griffith-Joyner, voltam a levantar-se as especulações sobre o uso de substâncias dopantes. Os rumores surgem nos Jogos Olímpicos de Seul, após a senhora das unhas enormes e coloridas e dos equipamentos provocantes conquistar a medalha de ouro nos 100, 200 e 4×100 metros e a de prata nos 4×400 metros, e prolongam-se por toda a sua vida.

A investigação sobre a morte de Flo Jo inclui, de início, recurso a esteróides, alergia a lacticínios, pesticidas, doença de Lyme e até assassinato. Os primeiros resultados levantam a possibilidade de estrangulamento, mas testes posteriores revelam que a asfixia resulta de crise epiléptica. «Passou o definitivo teste antidoping», diz o marido, campeão olímpico do triplo salto e irmão de Jackie Joyner-Kersee, após serem anunciadas, a 22 de Outubro de 1998, as conclusões.

O tenente Hector Rivera, do departamento de medicina legal, não é assim tão peremptório. «O nosso trabalho era apenas determinar a causa da morte e foi só o que fizemos.» Durante o processo, é requisitado um teste para determinar a existência de esteróides, mas a escassa urina existente na bexiga e a pouca fiabilidade dos resultados em caso de utilização de outras amostras de origem biológica inviabilizam-no. Acusa Tylenol, um analgésico, e Benadryl, um antigripal.

Flo Jo cresce num bairro pobre de Los Angeles e começa a correr com sete anos na fundação para a juventude Sugar Ray Robinson. Trabalha como bancária até ser descoberta pelo treinador Bob Kersee, que a ajuda a conseguir uma bolsa para frequentar um curso de gestão e psicologia. Em 1983, ganha a atenção mundial ao ficar no quarto lugar nos 200 metros do Campeonato do Mundo e, no ano seguinte, é medalhada com prata nos 200 metros dos Jogos Olímpicos de Los Angeles.

Em 1986, volta a trabalhar no banco e como esteticista. Regressa aos treinos a sério em 1987 e acaba em segundo lugar nos 200 metros do Mundial. Em 1988, esmaga o recorde do mundo de 100 metros nos quartos-de-final das provas de qualificação norte americanas para os Jogos Olímpicos de Seul, com 10,49 segundos. Na final, faz 10,61. É a mulher desportista desse ano nos EUA. A 25 de Fevereiro de 1989, anuncia a retirada.

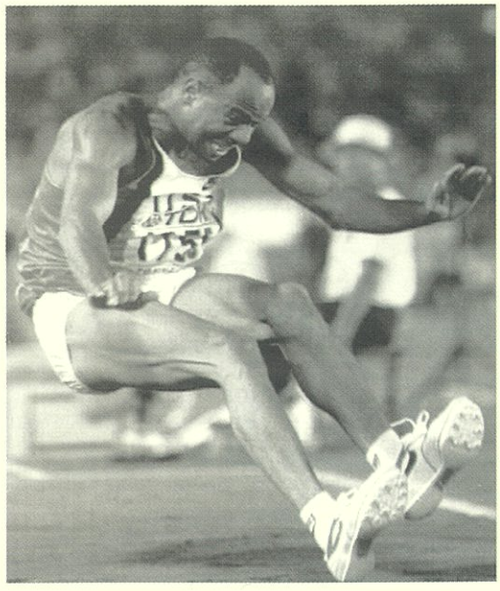
△ Flo Jo, bate dois recordes mundiais em Seul

Bilhete de Identidade

Delorez Florence Griffith-Joyner
Los Angeles (EUA), 21 Dezembro de 1959.
Falecida em Laguna Beach (EUA), 21 Setembro de 1998

Como atleta
PALMARÉS
3 vezes campeã olímpica 1988 (100m, 10,54; 200m, 21,34; 4×100m, 41,98). Campeã mundial 1987 (4×100 m). 2 vezes vice-campeã olímpica 1984 (200m, 22,04) e 1988 (4×400m, 3.15,51). Recordista mundial em 1988 dos 100 metros (10,49) e 200 metros (21,34). Desportista do ano, EUA 1988

Mundial 91 – Tóquio



Rosa Mota parte como favorita. Em condições normais só a polaca Wanda Panfil, vencedora da maratona de Boston 91, lhe pode fazer frente. Mas nem o clima quente e húmido, como gosta, a impede de desistir aos 25 km. Já a 110 metros das seis da frente pára de correr após 1 hora e 28 minutos de prova. Aponta como motivo para o sucedido «dores abdominais» Aurora Cunha também não chega ao fim. Manuela Machado surpreende. É sétima, estabelecendo um recorde pessoal (2:32.33). Ganha Panfil.

A maratona masculina fica para os atletas portugueses marcada igualmente pelas desistências. Manuel Matias abandona pouco antes dos 25 km, com 1:24.10 de prova. Joaquim Pinheiro apresenta-se com outras aspirações bem evidentes ao tomar como ponto de referência o campeão olímpico e europeu Gelindo Bordin. Segue-o enquanto pode, mas desiste após o quilómetro 25. Curiosamente, Matias, Pinheiro e Rosa Mota abandonam sensivelmente no mesmo local, perto do hotel das atletas. Domingos Castro, após ter estado lesionado durante toda a época de 1990 e parte da de 1991, regressa ao primeiro plano. Alcança o quinto posto nos 5000 metros e perde frente a um só adversário europeu, o alemão Dieter Baumann. Na mesma prova, Dionísio Castro é oitavo. Mário Silva confirma-se como um dos melhores especialistas mundiais dos 1500 metros, ao classificar-se em 6º, com um novo recorde de Portugal (3.35,76). Susana Feitor, ainda juvenil, é 17ª entre 42 correntes e supera a melhor marca nacional por 45 segundos.

Carl Lewis, a 25 de Agosto, bate o recorde mundial dos 100 metros (9,86). A prova é tão sensacional que são feitas variadíssimas análises. Verifica-se que o campeão mundial é bastante fraco a partir. No arranque, Lewis também não se apresenta ao melhor nível. Aos 10 metros, está a perder cinco centésimos para Burrell, que se mantém em vantagem até aos 40. A partir daí, inicia a recuperação. Ultrapassa-o entre os 80 e 90 metros e termina com dois centésimos de vantagem.

A 30 de Agosto de 1991, ao quinto ensaio, Mike Powel obtém 8,95 metros e bate o recorde de 23 anos de Bob Beamon. Após 65 vitórias consecutivas (desde 27 de Fevereiro de 1981 que não perdia), Carl Lewis é ultrapassado no salto em comprimento. De acordo com um estudo da Federação Internacional, o salto real é de 8,98 metros, uma vez que a chamada é feita a três centímetros da tábua. Os últimos cinco metros da corrida de balanço (até a um metro de balanço da tábua) são feitos a um ritmo de 10,94 m/s.

Os portugueses: Mário Silva, Domingos Castro, Manuela Machado, Dionísio Castro, Susana Feitor, Conceição Ferreira, Fernando Couto, José Urbano, Albertina Dias, António Abrantes, Pedro Rodrigues, Carlos Pereira, João Junqueira, Elsa Amaral, Fernanda Ribeiro, Filipe Lombá, Teresa Machado, Isilda Gonçalves, Rosa Mota, Aurora Cunha, Fernanda Marques, Joaquim Pinheiro e Manuel Matias

△ O fabuloso salto de Mike Powell (8,95m) põe fim ao recorde, velho de 23 anos, de Bob Beamon

▽ Carl Lewis bate recorde dos 100 metros: 9,86

▶

27 AGO 90 – Rosa Mota ganha maratona do Europeu (2:31.27)

1 SET 90 – Mário Silva é terceiro nos 1500 metros do Europeu (3.38,73)

15 OUT 90 – Rosa Mota participa, em Inglaterra, num almoço com a princesa Diana, onde é eleita «mulher do ano»

21 OUT 90 – **Record** publica entrevista com Fernando Mamede, que anuncia o adeus às pistas

9 JAN 91 – Carl Lewis é detido em Houston por conduzir com excesso de álcool no sangue

11 JAN 91 – Ben Johnson regressa após penoso percurso. É derrotado pelo xerife Daron Council numa prova de 60 metros, em Hamilton

27 JAN 91 – Ben Johnson triunfa em Otava. Faz 55 metros em 6,20 segundos

10 FEV 91 – Castros levam Sporting ao 11º título, em 14 anos, da Taça dos Campeões Europeus de corta-mato

8 MAR 91 – Ben Johnson falha medalha no regresso às competições mundiais após Seul 88. É 4º nos 60 metros do Mundial de pista coberta. Mário Silva é terceiro nos 1500 metros (3.43,85)

15 MAR 91 – Bubka chega aos 6,10 metros, em S. Sebastian

21 ABRI 91 – Rosa Mota ganha maratona de Londres (2:26.14). É o seu 22º recorde mundial do salto à vara (13º em pista)

25 AGO 91 – Rosa Mota desiste aos 25 km da maratona do Mundial. Manuela Machado acaba em 7º

29 AGO 91 – Bubka consegue o «tri» em Mundiais (5,95 m)

2 NOV 91 – Elena Mayer bate recorde mundial 15 km (46.57)

1 FEV 92 – Braga (femininos) alcança sexto título na Taça dos Campeões Europeus corta-mato (17 pontos)

2 FEV 92 – Sporting (masculinos) alcança 12º título na Taça dos campeões europeus de corta mato (19 pontos)

▶

Mundial 93 – Estugarda

15 FEV 92 – Katrin Krabbe, campeã do mundo de 100 e 200 metros, é suspensa pela Federação alemã por quatro anos, após acusação de ter manipulado a amostra de urina

21 MAR 92 – Albertina Dias é 3ª no Mundial de corta-mato (21.19)

5 ABR 92 – Aurora Cunha é 1ª na maratona de Roterdão (2:29.14) e Dionísio Castro é 5º (2:11.54)

12 ABR 92 – António Pinto vence maratona de Londres (2:10.02)

10 JUN 92 – Ben Johnson fica em 4º nos 100 metros do Meeting de S. António, no Estádio José de Alvalade (10,43)

16 AGO 92 – Kiptanui bate recorde mundial 3000 metros (7.28,95)

28 NOV 92 – Fernando Mota é eleito presidente da FPA

7 FEV 93 – Sporting e Braga vencem no Europeu de corta-mato

28 FEV 93 – Sporting (16 pontos) e Domingos Castro (37.59) dominam Nacional de corta-mato

28 MAR 93 – Albertina Dias é campeã mundial de corta-mato (20.00)

8 MAI 93 – Susana Feitor bate recorde da Europa de juniores 5000 metros marcha (21.01,8)

5 JUL 93 – Richard Chelimo bate recorde mundial 10 000 metros (27.07,91), na posse de Arturo Barrios que em 1989 consegue 27.08,23

15 AGO 93 – Manuela Machado é medalha de prata na maratona no Mundial

3 OUT 93 – Conceição Ferreira sagra-se campeã mundial da meia maratona, em Bruxelas (1:10.07)

6 FEV 94 – Maratona (femininos) e Sporting (masculinos) sagram-se campeões europeus de corta-mato, com 23 e 22 pontos, respectivamente

27 FEV 94 – Maratona é campeão nacional feminino de corta-mato (18 pontos)

11 MAR 94 – Fernanda Ribeiro é campeã da Europa de pista coberta nos 3000 metros (8.50,47)

Portugal parte sem esperanças na conquista de medalhas, num Mundial com muitos ausentes famosos devido a controlos antidoping positivos (Katrin Krabbe, Ludmila Narozhilenko, Tatiana Dorovskikh, Inessa Kravets), mas o jejum de três anos termina (desde o Europeu de Split, em 1990). Manuela Machado fica em segundo lugar na maratona. À oitava participação na distância, conquista um lugar no pódio. «Tenho a prata, agora quero o ouro e espero que seja já no Europeu», diz.

A participação feminina superioriza-se claramente à masculina. Nos 10 000 metros, Conceição Ferreira é sexta, Albertina Dias sétima e Fernanda Ribeiro, 10ª. Nos 1500 metros, Carla Sacramento fica em 11ª. Domingos Castro põe em perigo a integridade física ao correr os últimos 1200 metros da eliminatória dos 10 000 ao pé-coxinho, para não desistir e, segundo afirma, não ser crucificado pela Comunicação Social. Apesar da boa recta final, Mário Silva falha a qualificação para a final dos 1500 metros. José Urbano não consegue melhor do que o 28º posto nos 50 km marcha. Carlos Patrício tem má estreia na maratona. Desiste a meio. José Regalo (meia-final, 10 000m) e Joaquim Pinheiro (maratona) também abandonam. Eduardo Henriques é último nas meias-finais dos 3000 metros, demonstrando não estar em condições. «Abriram-se perspectivas muito risonhas para o Campeonato da Europa de 1994, se não houver tricas e todos remarem para o mesmo lado», considera Moniz Pereira, seleccionador nacional.

Os EUA dominam, arrecadando 13 medalhas de ouro, sete de prata e seis de bronze. Um domínio coroado no último dia, com o recorde mundial na estafeta de 4×400 metros masculinos (Vlamon, Watts, Reynolds e Johnson), com 2.54,29, melhorando o máximo estabelecido nos Jogos Olímpicos de Barcelona (2.55,74). Nos 4×100 metros festeja a quarta vitória (37,48 segundos), pela primeira vez sem Carl Lewis, que anuncia, na conferência de imprensa que se segue aos 200 metros, a intenção de se dedicar à promoção da doação de órgãos.

Sergey Bubka torna-se no primeiro atleta a ganhar quatro medalhas de ouro em Campeonatos do Mundo (ar livre). Conquista a medalha de ouro e reclama a oferta que lhe está inerente. Não gosta do Mercedes. «É muito pequeno e além disso está sujo.»

Os portugueses: Mário Silva, Carlos Monteiro, Domingos Castro, Luís Jesus, José Regalo, Joaquim Pinheiro, Carlos Patrício, João Junqueira, Eduardo Henriques, Pedro Rodrigues, Nuno Fernandes, José Urbano, Lucrécia Jardim, Carla Sacramento, Conceição Ferreira, Albertina Dias, Fernanda Ribeiro, Manuela Machado, Marta Moreira, Teresa Machado, Susana Feitor, Elsa Amaral, Cristina Regalo e Natália Moura

Δ A prata de Manuela Machado na maratona funciona como forte motivação para posteriores feitos

Lindford Christie tira pódio a Lewis

Dennis Mitchell é o mais rápido a sair dos blocos. O tempo de reacção oficial é de 128 milésimos de segundo. O segundo é Lindford Christie, natural da Jamaica (2 de Abril de 1960), mas naturalizado britânico. Terceiro em 1991 (9,92), na corrida da consagração para Carl Lewis que estabelece o recorde mundial nos 9,86 segundos, Lindford Christie vinga-se a 15 de Agosto de 1993. Ganha a medalha de ouro (9,87, com vento favorável de 0,3 metros por segundo). O norte-americano larga da terceira posição e termina em quarto lugar (10,02), batido por outros dois «sprinters» dos EUA, Andre Cason (9,92) e Dennis Mitchell (9,99). Pela primeira vez em 18 participações em Campeonatos do Mundo e Jogos Olímpicos, termina fora dos lugares de pódio. Aos 33 anos, o velocista britânico faz a sua época de ouro. Até ao Mundial perde apenas uma corrida.

Ismael Kirui ganha 5000 metros de loucos

O queniano Ismael Kirui faz aos 18 anos uma corrida «quase suicida», mas que lhe vale a medalha de ouro nos 5000 metros. Gasta 13.02,75 minutos, com dois etíopes no segundo e terceiro lugares. O marroquino Khalid Skah é, tal como Carl Lewis nos 100 metros, o grande derrotado. De favorito passa para o quinto lugar. Carlos Monteiro, um dos representantes portugueses na distância, falha a final e acusa Moniz Pereira de ter contribuído para a sua eliminação, ao impedi-lo de ir aos Meetings de Copenhaga e Zurique.

Jornada histórica para Merlene

Finalmente, Merlene Ottey ganha uma medalha de ouro nos 200 metros (ar livre). Gasta 21,98 segundos. A jamaicana é terceira nos Campeonatos do Mundo de 1987 e 1991 e nos Jogos Olímpicos de 1980, 1984 e 1992. Em 1995 repete o título de campeã mundial nesta distância. Em pista coberta é três vezes campeã do Mundo, duas vezes segunda e uma terceira. Nos 100 metros consegue o segundo lugar nos Jogos Olímpicos de Atlanta e nos Campeonatos do Mundo de 1993 e 1995 e é terceira nos Mundiais 1987 e 1991. Nos 4×100 metros vence o Mundial em 1991, é segunda no de 1995 e fica em terceiro em Atlanta 96.

△ Lindford Christie, um dos responsáveis por Carl Lewis falhar o pódio pela primeira vez em 18 participações em Mundiais e Olimpíadas

△ Colin Jackson bate recorde mundial nos 110 metros barreiras

△ Ismael Kirui conquista o ouro nos 5 mil metros com apenas 18 anos

13 MAR 94 – Carla Sacramento ganha medalha de bronze nos 800 metros do Europeu de pista coberta (2.01,12)

21 MAR 94 – Meio-fundistas vetam director nacional Jorge Vieira para delegação ao Mundial de corta-mato

26 MAR 94 – Equipa feminina de Portugal vence Mundial de corta-mato (55 pontos)

5 JUN 94 – Carla Sacramento (4.07,65) e Paulo Guerra (28.25,62) ganham 1500 e 10 000 metros do Meeting de Sevilha

7 AGO 94 – Manuela Machado vence maratona do Europeu (2:29.54)

13 AGO 94 – Fernanda Ribeiro (31.08,75) e Conceição Ferreira (31.31,82) ganham medalha de ouro e prata nos 10 000 metros do Europeu

10 SET 94 – Fernanda Ribeiro fica em 2º nos 10 000 metros da Taça Europa (31.04,25)

25 SET 94 – António Pinto ganha maratona de Berlim (2:08.31)

8 JAN 95 – Domingos Castro é 3º no Crosse de Fuensalida

22 JAN 95 – Paulo Guerra vence Crosse Itálica (28.49)

5 FEV 95 – Equipa feminina do Maratona renova título europeu de crosse (20 pontos). Individualmente, ganha Albertina Dias (21.37)

26 FEV 95 – Paulo Guerra (38.33) e Albertina Dias (21.50) são campeões nacionais de corta-mato

3 FEV 96 – Albertina Dias vence a Taça dos Clubes Campeões Europeus Femininos de corta-mato (19.19). Maratona da Maia fica em segundo (34 pontos)

4 FEV 96 – Paulo Guerra (30.09) e Maratona (16 pontos) sagram-se campeões europeus masculinos de corta-mato. Etíope Haile Grebeselassie bate recorde mundial dos 3000 metros em pista coberta (7.30,72) pertencente a Kiptanui desde Fevereiro 1995 ▶

Mundial 95 – Gotemburgo

10 FEV 96 – Carlos Calado estabelece novo recorde nacional do triplo salto (16,59m). Maria Mutola bate o recorde mundial dos 1000 metros (2.32,08), numa prova em que Carla Sacramento fica em segundo lugar (2.35,88, novo recorde nacional)

12 FEV 96 – António Pinto perde a maratona de Tóquio ao «sprint» com o brasileiro Wanderley Lima

25 FEV 96 – Maria Mutola melhora recorde mundial dos 1000 metros em pista coberta (2.31,23)

3 MAR 96 – Juan Rosete (Colégio do Calvão) quebra recorde de 30 anos, lançando o peso a 17,21 metros

9 MAR 96 – Fernanda Ribeiro renova título europeu de pista coberta dos 3000 metros (8.39,49)

11 MAI 96 – Carlos Calado é o primeiro português a passar os 8 metros em comprimento. Salta 8,02 nos Campeonatos Ibero-Americanos

27 JUL 96 – Paulo Guerra desiste nos 10 000 metros dos JO

31 JUL 96 – Lucrécia Jardim bate, por duas vezes, recorde nacional dos 200 metros nos JO

2 AGO 96 – Fernanda Ribeiro conquista medalha de ouro nos JO Atlanta, nos 10 000 metros (31.01,63)

5 JAN 97 – Paulo Guerra vence Crosse do Calçado, em Fuensalida (Espanha)

A maioria dos atletas portugueses está na primeira metade da lista de marcas dos inscritos. Do saldo final constam duas medalhas de ouro, uma de prata e uma de bronze. Manuela Machado consegue-o na maratona, 400 metros mais curta porque, em vez das quatro voltas iniciais à pista, só são indicadas três às concorrentes. Gasta: 2:25.39 e fica à frente de Anuta Catuna e Omella Ferrara. Fernanda Ribeiro triunfa nos 10 000 metros (31.04,99), superiorizando-se a Tulu Deratu e Tegla Loroupe, e é segunda nos 5000 metros (14.48,54), atrás da irlandesa Sonia O'Sullivan. Carla Sacramento é terceira nos 1500 metros (4.03,79).

Na delegação nacional, mais uma vez as mulheres se superiorizam aos homens. O melhor desempenho pertence a Paulo Guerra, oitavo na final dos 10 000 metros (27.52,55). Enquanto nas 10 presenças femininas apenas três ficam na segunda metade da tabela, nas masculinas somente cinco se colocam acima do meio da classificação.

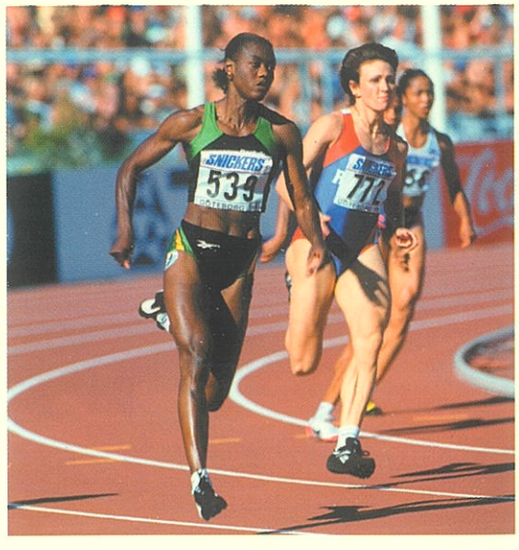
Os EUA saem claramente vencedores. Somam 19 medalhas (doze de ouro, duas de prata e cinco de bronze), ficando a Rússia com 12 (uma de ouro, quatro de prata e sete de bronze) e a Bielorrússia (duas de ouro, três de prata e duas de bronze) e a Jamaica (uma de ouro, quatro de prata e duas de bronze) cada uma com sete. Conseguem 12 títulos. São batidos três recordes mundiais e 11 dos campeonatos e estabelecem-se 16 melhores marcas mundiais do ano. Em Gotemburgo, assiste-se à queda de algumas grandes vedetas, à excepção de Sergey Bubka, que conquista o quinto título mundial no salto à vara. Bastam-lhe três saltos (dois a 5,70 e um a 5,92m) para triunfar. Entre os que se destacam está também Michael Johnson (ganha 200 e 400m e 4×400m) e Jonathan Edwards, que bate o recorde mundial do triplo salto. Merlene Ottey conquista mais três medalhas (ouro nos 200m, prata nos 100 e 4×100).

Quanto aos derrotados, eis alguns nomes: Lindford Christie (sexto nos 100m), Mike Powel (terceiro no salto em comprimento) e Heike Dreschler (falha a qualificação para os três ensaios finais do salto em comprimento e desiste por lesão após o lançamento do peso do heptatlo).

Os portugueses: António Abrantes, António Pinto, Nuno Fernandes, José Urbano, Ana Dias, Manuela Machado, Teresa Machado, Luís Jesus, Paulo Guerra, Joaquim Pinheiro, José Magalhães, Fernanda Ribeiro, Isabel Abrantes, Susana Feitor, José Ramos, Vítor Almeida, Joaquim Silva, Carla Sacramento, Albertina Dias, Domingos Castro, Carlos Silva, Marina Bastos e Conceição Ferreira

▽ A numerosa delegação portuguesa em Gotemburgo regista superioridade feminina na contabilidade final das prestações

▽ Merlene Ottey, nos 200 metros, dá a única medalha de ouro à Jamaica



Jonathan Edwards

Alguém chega a dizer que é um salto «à Beamon» ao nível do mar. No Mundial de 1995 (ar livre), Jonathan Edwards ultrapassa os 18 metros no triplo salto, logo ao primeiro ensaio (18,16m) e repete-o ao segundo (18,29m). É uma proeza histórica, comparável ao lendário recorde do salto em comprimento (8,90m) obtido nos Jogos Olímpicos do México em 1968. O britânico não gosta da comparação.

No dia seguinte, «La Gazzetta dello Sport» compara o feito de Edwards ao comprimento de um camião TIR, a «Marca» equipara-o a um triplo pulo entre quatro Lancia Delta e meio, a mesma medida utilizada pelo «Daily Mirror», que se serve, no entanto, dos Ford Escort. O «L'Équipe» recorre a quatro modelos do Renault Laguna, que ficam ainda a centímetros do máximo estabelecido. O «Daily Telegraph» publica um gráfico com o britânico saltar por cima de seis Mini.

Jonathan Edwards parte para Gotemburgo como favorito, após ter estabelecido a 18 de Julho, em Salamanca, o recorde mundial (17,98m). Ultrapassa em um centímetro Willie Banks (EUA), detentor da melhor marca do Mundo desde 16 de Junho de 1985. A 26 de Junho, na reunião de Villeneuve d'Ascq (França), faz 18,43 metros, irregular devido ao vento. Um bom sinal.

Natural de Londres (10 de Maio de 1966) é um atleta de fortes convicções, nomeadamente religiosas (filho de um pastor anglicano e fiel ao culto baptista). Esse motivo leva-o a recusar durante anos a participação em provas ao domingo. Só em 1993 (é terceiro no Mundial), em nome de uma carreira que se antevia promissora, abandona essa prática. Edwards inicia-se no râguebi. Como profissional de atletismo, é dispensado de meio horário no laboratório de análises genéticas de Newcastle, onde trabalha como químico. «Neste mundo gangrenado pelo mal e por Satanás, utilizo o meu talento desportivo para passar a palavra de Deus.» É segundo no Mundial de 1997 (17,69m) e terceiro no de 1993 (17,44m). Nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, ganha a medalha de prata. Sagra-se campeão da Europa de pista coberta em 1998.

12 JAN 97 – Fernando Alves bate por duas vezes o recorde nacional do lançamento do peso

19 JAN 97 – Paulo Guerra vence Crosse Itálica, em Sevilha

2 FEV 97 – Paulo Guerra e Maratona vencem Taça dos Clubes Campeões Europeus de corta-mato

18 AGO 98 – António Pinto ganha a medalha de ouro nos 10 000 metros dos Europeus de Budapeste (27.48,62). Fernando Alves faz com que o peso nacional entre pela primeira vez na final de uma grande competição (19,20m)

20 AGO 98 – Susana Feitor fica em 3º lugar nos 10 km marcha do Europeu de Budapeste (42.55). Rui Silva consegue o 2º posto nos 1500 metros (3.41,84)

23 AGO 98 – Manuela Machado ganha maratona do Europeu de Budapeste (2:27.10)

11 SET 98 – Carla Sacramento é 3ª nos 1500 metros Taça do Mundo de Pista (4.11,66)

12 SET 98 – Rui Silva é 2º nos 1500 metros da Taça do Mundo de Pista (3.40,95)

28 MAR 99 – Paulo Guerra fica em 3º na Taça do Mundo de Corta-Mato (38.46)

20 MAI 99 – Morre Elizabeth Robinson, primeira mulher a conquistar uma medalha de ouro numa prova de atletismo, em Amesterdão, em 1928. Com 16 anos, completa os 100 metros em 12,2 segundos, o que constitui recorde do mundo

30 JUN 99 – Carla Sacramento coloca recorde nacional dos 3000 metros em 8.37,14, durante o Meeting de Oslo

Bilhete de Identidade

Jonathan Edwards
Londres (Inglaterra), 10 Maio de 1966

PALMARÉS
Campeão mundial do triplo salto 1995 (18,29m). Vice-campeão mundial 1997 (17,69). 3º no Mundial 1993 (17,44). Campeão europeu de pista coberta 1998 (17,43). Vice-campeão olímpico 1996 (17,88). Primeiro atleta a ultrapassar os 18 metros

Sapatos vermelhos

«Queres fazer uma corrida a sério?», pergunta-lhe o pai, treinador dos miúdos do Novelense. Fernanda Ribeiro tem nove anos e não hesita em responder afirmativamente. Fica em segundo lugar e nunca mais pára. Passa a representar o Valonguense e daí transfere-se para o Kolossal, equipa ligada a uma fábrica de equipamentos desportivos pertencente ao treinador de futebol Luís Miguel. Aos 12 anos, ainda iniciada de primeira época, é campeã de juniores. Em 1987, já no Porto, ganha a medalha de ouro nos 3000 metros do Europeu de juniores em pista, disputado em Birmingham, e a 30 de Julho de 1988, em igual distância, conquista a de prata no Mundial de juniores, e faz só uma sessão diária de treino para evitar o contacto com o técnico, Alfredo Barbosa, com quem deixara de trabalhar em 1987. «O meu treinador da época passada era o Alfredo Barbosa, mas este ano passei para o professor João Campos. O Alfredo Barbosa deixou de me falar e passou a cronometrar os tempos que eu ia fazendo, mas agora já não o conseguia encarar e por isso passei a evitar treinar da parte da tarde» (**Record**, 12 de Agosto de 1988).

Vai aos Jogos Olímpicos de Seul, ainda como júnior, para «ganhar experiência». É 13ª na meia-final dos 3000 metros. Desde 1988 até Barcelona 92, está sempre presente nos grandes campeonatos, mas limita-se a somar maus resultados. Desiste no Europeu de Split 90 nos 10 000 metros e é 9ª na eliminatória dos 3000 metros.

Uma situação com origem na pouca apetência que evidencia para efectuar treinos longos.

No Mundial 93, classifica-se em 10º lugar nos 10 000 metros, o que aparece como um primeiro sinal dos bons resultados que vem a alcançar. Em 1994 conquista o título europeu de 3000 metros em pista coberta e alguns meses depois o de 10 000, em Helsínquia. Em Gotemburgo 95 alcança o título mundial de 10 000 metros. Até que chegam os Jogos de Atlanta e o ouro nos 10 000 metros. Portugal tem então o terceiro campeão olímpico (a seguir a Carlos Lopes e Rosa Mota).

As medalhas (Ar livre)

Europeu 94 – ouro

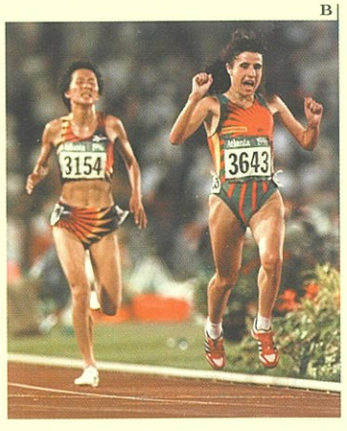
Faz os últimos 3000 metros em 9.11,63 e o oitavo quilómetro em 3.01,76, numa altura em que há muito está sozinha. A prova começa a decidir-se aos 5600 metros, quando decide «atacar» a alemã Wessel. Mickiernen, a adversária mais cotada, fica para trás logo aos quatro quilómetros, acabando por desistir. Fernanda Ribeiro vai ouvindo o treinador, colocado junto aos 200 metros, que lhe diz volta a volta o avanço de que dispõe. Campeã europeia júnior em 1987 e campeã europeia de pista coberta em 1994, dá o salto para a ribalta. Estabelece também o recorde de Portugal (31.08,75) e o 6º tempo europeu de sempre. Conceição Ferreira (detentora do anterior máximo nacional nos 10 000 metros, com 31.16,42) ganha a medalha de prata.

Mundial 95 – ouro e prata

«Um grande susto.» É assim que descreve a final dos 10 000 metros. À entrada dos 200 metros finais, Tulu tenta ultrapassá-la. Aos 5000 metros, Elana Meyer quebra o andamento, o que a obriga, por querer uma prova rápida, a ir para a frente. Até ao último quilómetro, ninguém descola. «Sofri imenso. Só tive a certeza da vitória após cortar a meta», confessa. ►

A

B



C

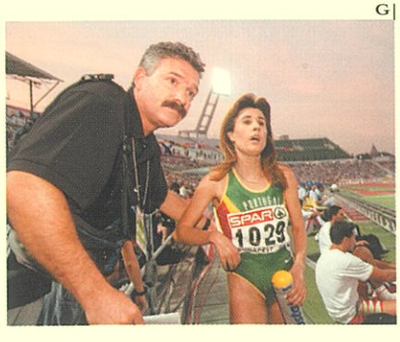
D|

► Como prémio tem direito a um Mercedes, o que lhe acelera o desejo de tirar a carta de condução. «Em Setembro começo nas aulas de código. Quero ir de Mercedes para o treino. Sempre é melhor do que ir de comboio desde Penafiel até à estação de S. Bento e depois apanhar um autocarro para a Maia. Perco cerca de duas horas», confessa.

F|

Quatro dias após conquistar o ouro, corre os 5000 metros. Acorda tão cedo que nem quer tomar o pequeno-almoço. Carla Sacramento prontifica-se a ir buscá-lo.
O favoritismo recai em Sonia O'Sullivan. A 200 metros do fim, a irlandesa, com uma passada bem ritmada, deixa-a para trás. Sem forças, já não responde, limitando-se a conservar o segundo posto.

G|



E|

Bem humorada, refere: «É verdade, se tivesse ganho daria o carro [Mercedes] ao meu treinador. Agora, o que posso fazer é deixá-lo dar uma volta no meu.»

Jogos Olímpicos de Atlanta – ouro
Em Abril de 1996, parece estar tudo perdido. Após o Campeonato Ibérico de 10 000 metros, sente fortes dores no tendão de Aquiles. Faz tratamentos e, nos «meetings» que antecedem Atlanta, mostra boa condição. Prescinde da légua e aposta claramente nos 10 000 metros, disputados a 2 de Agosto, que lhe apresentam a adversária mais temível, a chinesa Wang Junxia (nas quinze provas dessa distância que disputara antes nunca perdera uma).
Começa a arriscar aos 9 km. Lidera o pelotão e faz a melhor volta, com 73,97 segundos. Suporta o ataque da oriental encetado a 600 metros do fim. Chega a ter 10 metros de atraso, mas a 150 metros da meta enceta uma recuperação histórica. Ultrapassa Wang Junxia, por dentro, muito próximo da chegada e termina em 31.01,63.
A chinesa desculpa-se com o comportamento das quenianas. «Estou feliz por não ter caído e por, assim, ter conseguido uma medalha, mas elas por diversas vezes tentaram empurrar-me. Não percebo como é que alguns países deixam competir atletas destas...»

Mundial 97 – prata e bronze
Aos 8450 metros, a queniana Sally Barsosio desfere um ataque fortíssimo, perante o qual Fernanda Ribeiro se revela impotente. Após um ciclo de três anos em que ganha todos os grandes títulos – Europeu 94, Mundial 95 e Jogos Olímpicos 96 –, é a primeira vez que não conquista ►

H

I

► a medalha de ouro numa grande competição. Apanhada de surpresa, julga que Sally não aguentará. Como isso não vem a suceder, termina no segundo lugar. Ouvidos os pareceres do técnico e da equipa médica, chefiada por Basil Ribeiro, decide participar nos 5000 metros. «É um risco que assumo para não ter dúvidas», diz. Na meia-final, não tem dificuldades. Isola-se a partir dos 3200 metros e ganha com facilidade. Na final, apresenta-se pouco perigosa e ousada. Szabo é a vencedora e em segundo fica Roberta Brunet. Só lhe resta o bronze.

Europeu 98 – prata

Trata-se de uma corrida lenta. Fernanda Ribeiro espera pelos derradeiros 200 metros para procurar levar de vencida as adversárias. Abdica do ouro para lutar pela prata com a romena Lydia Simon. Sonia O'Sullivan é a vencedora.

J

Velas em Fátima

Fernanda Ribeiro conquista os principais triunfos com os mesmos sapatos, os vermelhos, de bicos. Antes dos Jogos Olímpicos de Atlanta, a Adidas procura levá-los para o seu museu, mas a atleta recusa, a pensar na conquista do título, o que vem a suceder. Em Atenas 97 já não disputa com eles o Campeonato Mundial, onde é segunda nos 10 000 metros e terceira nos 5000. Por serem de estimação, guarda-os em casa. Fernanda Ribeiro gosta de dorsais que incluam o quatro, o seis ou o sete, por ter ganho as diversas medalhas com um destes números. Antes das provas, o ritual é sempre o mesmo. É hábito deslocar-se a Fátima para acender velas, e ao entrar em pista pede protecção a Nossa Senhora de Fátima. Nos carros tem uma imagem da Virgem e em casa existem santos espalhados um pouco por todo o lado. Nega, contudo, que seja supersticiosa. Intitula-se, sim, «orgulhosamente» religiosa.

A Na frente do pelotão na final dos 10 mil metros dos Jogos Olímpicos de Atlanta...

B ... que vence ultrapassando a chinesa Junxia

C No pódio, com Junxia e Gete Wami, da Etiópia, a terceira

D Consolação no Mundial de Atenas, com a conquista da prata nos 10 mil...

E ... e, cinco dias depois, entre Radcliffe e Szabo (a vencedora, à esquerda) fica-se pelo bronze nos 5 mil

F Confortada por Rosa Mota no Europeu de Budapeste...

G ... e pelo treinador João Campos

H Medalha de prata em Budapeste nos 10 mil

I Corre os 3 mil metros nos Jogos Olímpicos de Barcelona, sem grande sucesso

J Com a camisola do Porto, no corta-mato

Evolução de marcas

Ano	1500 m	Ano	3000 m	Ano	5000 m	Ano	10 000 m
1982	4.35,5	1982	9.53,7	1982	–	1982	–
1983	4.22,2	1983	9.21,71	1983	–	1983	–
1984	4.23,1	1984	9.11,62	1984	–	1984	–
1985	4.23,9	1985	9.14,19	1985	–	1985	–
1986	4.21,03	1986	9.09,39	1986	–	1986	–
1987	4.14,9	1987	8.56,33	1987	–	1987	–
1988	4.17,4	1988	9.00,38	1988	–	1988	–
1989	4.15,8	1989	9.04,33	1989	–	1989	32.38,07
1990	4.16,90	1990	9.03,35	1990	–	1990	32.39,34
1991	4.12,90	1991	8.57,64	1991	–	1991	33.45,45
1992	4.20,69	1992	8.56,10	1992	–	1992	32.22,70
1993	4.13,73	1993	8.51,91	1993	–	1993	31.40,51
1994	4.10,30	1994	8.42,13	1994	15.06,91	1994	31.04,25
1995	4.07,85	1995	8.41,99	1995	14.36,45	1995	31.04,99
1996	4.07,09	1996	8.39,49	1996	14.41,07	1996	31.01,63
1997	4.05,97	1997	8.37,14	1997	14.53,25	1997	31.39,15
1998	4.06,23	1998	8.43,99	1998	15.51,21	1998	30.48,06
1999	–	1999	8.36,76	1999	14.56,66	1999	–

Melhores marcas

Ano	1500 m	Ano	3000 m	Ano	5000 m	Ano	10 000 m
1997	4.05,97	1999	8.36,76	1995	14.36,45	1998	30.48,06
1998	4.06,23	1997	8.37,14	1996	14.41,07	1996	31.01,63
1997	4.06,27	1996	8.39,49°	1995	14.45,10	1994	31.04,25
1996	4.07,09	1995	8.41,99	1995	14.48,54	1995	31.04,99
1995	4.07,85	1994	8.42,13	1996	14.49,81	1994	31.08,75
1996	4.08,25	1998	8.43,99°	1995	14.50,87	1998	31.32,42
1997	4.08,42	1996	8.45,56	1996	14.52,66	1996	31.33,51
1998	4.09,75	1994	8.47,50	1997	14.53,25	1996	31.36,32
1996	4.10,24	1994	8.49,37	1995	14.55,02	1997	31.39,15
1994	4.10,30°	1997	8.49,79°	1997	14.55,78	1993	31.40,51
1994	4.10,54	1994	8.50,47°	1999	14.56,66	1993	31.46,98
1997	4.11,89	1997	8.50,58	1995	14.58,13	1997	32.05,65
1998	4.12,67°	1994	8.51,06	1997	14.58,85		
		1998	8.51,42°	1996	15.06,52°		

° Pista coberta

Bilhete de Identidade

Maria Fernanda Moreira Ribeiro
Penafiel, 23 de Junho de 1969

Como atleta
CLUBES
Associação Desportiva Kolossal, Porto e Maratona Clube da Maia

PALMARÉS
Campeã olímpica 1996 (10 000m, 31.01,63). Campeã mundial 1995 (10 000m, 31.04,99). Campeã mundial de estafetas 1992. Campeã mundial de corta-mato (colectivo) 1994.Vice-campeã mundial 1995 (5000m, 14.48,54) e 1997 (10 000m, 31.39,15). 3ª Mundial 1997 (5000m, 14.58,85). 3ª Mundial Pista Coberta 1997 (3000m, 8.49,79). Campeã europeia 1994 (10 000m, 31.08,75). Vice-campeã europeia 1998 (10 000m, 31.32,42). Campeã europeia de corta-mato (colectivo) 1998. Campeã europeia pista coberta 1994 (3000m, 8.50,47) e 1996 (3000m, 8.39,49). Vice-campeã europeia pista coberta 1998 (3000m, 8.51,42). 3º Europeu corta-mato (colectivo) 1994. 2º Taça Mundo Pista 1994 (10 000m, 31.04,25). Campeã europeia juniores 1987 (8.56,33). Vice-campeã mundial juniores 1988 (3000m, 9.15,33). Campeã de Portugal corta-mato 1996, 1997, 1998 e 1999. Campeã de Portugal pista (ar livre) 1989, 1990, 1995, 1998 (1500m), 1985 e 1993 (3000m), 1992 e 1996 (10 000m). Campeã nacional estrada 1998

Mundial 97 – Atenas

Manuela Machado está até ao início dos campeonatos indecisa quanto à sua participação por motivos de doença. Só a 2 de Agosto recebe o parecer positivo para alinhar na maratona. Está recuperada da anemia, mas o ritmo de preparação é condicionado. «Mente aberta, coragem, força e... pode ser que Deus ajude.» Com este pensamento e uma folhinha de oliveira enviada de Braga, é segunda (2:31.12).

Portugal recebe medalhas em quatro ocasiões. Carla Sacramento é a única que ganha ouro. Consegue-o nos 1500 metros (4.04,24). A 450 metros do fim, Carla Sacramento tem de passar para a pista três. Nos últimos 200 metros lança um forte ataque. A norte-americana Regina Jacobs segue-a, mas não tem sucesso.

Fernanda Ribeiro é a outra portuguesa que sobe ao pódio, e em duas situações: nos 10 000 metros, a queniana Sally Barsosio desfere um ataque a 1500 metros da meta, impedindo-a de ser campeã mundial. Após um ciclo de três anos consecutivos em que conquista todos os grandes títulos – Europeu 94, Mundial 95 e Jogos Olímpicos 96 –, é a primeira vez que não conquista o ouro. Mesmo com problemas nos tendões, resolve disputar os 5000 metros. É terceira (14.58,85).

Teresa Machado, no lançamento do disco, consegue o sexto posto, o que para uma disciplina técnica é notável. Em bom plano apresentam-se também Domingos Castro, sexto nos 10 000 metros (27.36,52), e Dionísio, que supera os melhores prognósticos, nos 5000 metros. Regressa às grandes competições quatro anos após operação para tratamento de pubalgia e consegue a qualificação para a final, onde é 14º (13.31,74). Carlos Calado (7,92 na qualificação) fica fora da final do salto em comprimento. Susana Feitor não é feliz na estreia das eliminatórias dos 10 000 metros marcha. É afastada da final.

O Mundial de Atenas não tem o esplendor das cinco edições anteriores. Faltam campeões, excepção feita a Bubka, e recordes. Só são batidos quatro dos campeonatos: nos 100 metros – Maurice Greene (9,86, igualado); vara – Sergey Bubka (6,01m); decatlo – Tomas Dvorak (8837 pontos); 4×100 metros (femininos) – EUA (41,47). A maior surpresa é proporcionada no lançamento do dardo, com o triunfo do sul-africano Marius Corbett, campeão mundial júnior, em Lisboa 94. Os EUA voltam a falhar nos 4×100 metros masculinos.

Nota de sensação é dada pelo anúncio da análise positiva do campeão mundial do peso, o ucraniano Aleskander Bagach, que acusa efedrina. O ouro passa para o americano John Godina.

Os portugueses: Carlos Calado, Paulo Neves, Mário Barbosa, Paulo Figueiredo, Luís Feiteira, António Travassos, Dionísio Castro, Domingos Castro, José Ramos, Carlos Patrício, Vítor Almeida, Vítor Costa, Mário Aníbal, José Urbano, José Magalhães, António Pinto, António Rodrigues, Paulo Catarino, João Lopes, Vítor Vasco, Lucrécia Jardim, Carla Sacramento, Fernanda Ribeiro, Marina Bastos, Helena Sampaio, Cristina Morujão, Teresa Machado, Susana Feitor, Manuela Machado e Rosa Oliveira

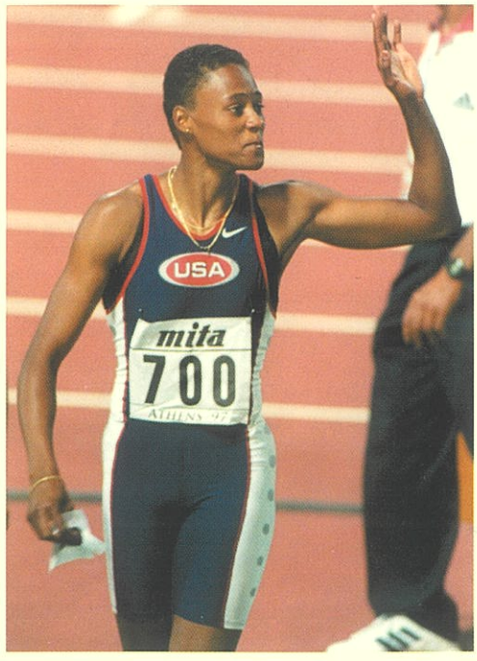
△ Os irmãos Castro não chegam às medalhas mas correspondem às expectativas

◁ Fernanda Ribeiro falha o título nos 10 mil (prata) e nos 5 mil metros (bronze)

◁ Carla Sacramento é a única portuguesa a conquistar ouro, triunfando nos 1500 metros

Maurice Green

A 3 de Agosto, Maurice Green (EUA), conhecido pelo antivedetismo, parte para a prova dos 100 metros com poucas possibilidades de conquistar a medalha de ouro. Pelo menos assim pensa a maioria dos analistas, crentes na vitória de Donovan Bailey (Canadá). Green mostra logo no arranque que os prognósticos estão errados. É rápido a sair dos blocos e depois aguenta muito bem o ataque de Bailey nos últimos 50 metros. Os 9,86 segundos correspondem ao recorde dos campeonatos, melhor marca pessoal e quinto tempo de sempre. Bailey acaba em segundo com 9,91 segundos e a maior surpresa pela negativa é o quinto posto de Ato Boldon (Trinidad e Tobago).



Marion Jones

A ucraniana Zhanna Pintussevich inicia a volta de honra ao estádio para comemorar a vitória nos 100 metros, mas a informação oficial dá como campeã mundial Marion Jones, com 10,83 segundos, melhor marca mundial do ano. Praticante de basquetebol até 1996, Marion Jones baixa claramente dos 11 segundos logo nas eliminatórias (10,94), repetindo o feito nas meias-finais (10,96). No salto em comprimento, a norte-americana não tem a mesma sorte. Volta a ganhar a medalha de ouro nos 4×100 metros, acabando por ser o único atleta (entre homens e mulheres) dos campeonatos com dois títulos.

António Severino

Não faz nenhuma marca especial, não é medalhado nem figura entre os dez primeiros em nenhuma prova, mas o seu nome merece referência por ser o único cabo-verdiano presente em Atenas e por concluir a maratona. Chega em 37º com 2:25.56. Ao mesmo tempo que dá aulas de inglês numa escola de Barcelos, prepara a competição. É descoberto por Rosa Mota depois de cumprir os 42 km com a bandeira cabo-verdiana.

Δ Maurice Green, a antivedeta, bate Donovan Bailey nos 100 metros

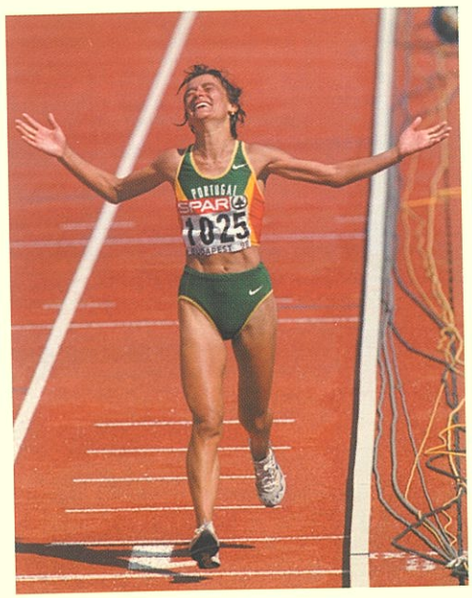
Δ Marion Jones falha no comprimento, mas ganha os 100 metros e a estafeta 4×100 metros

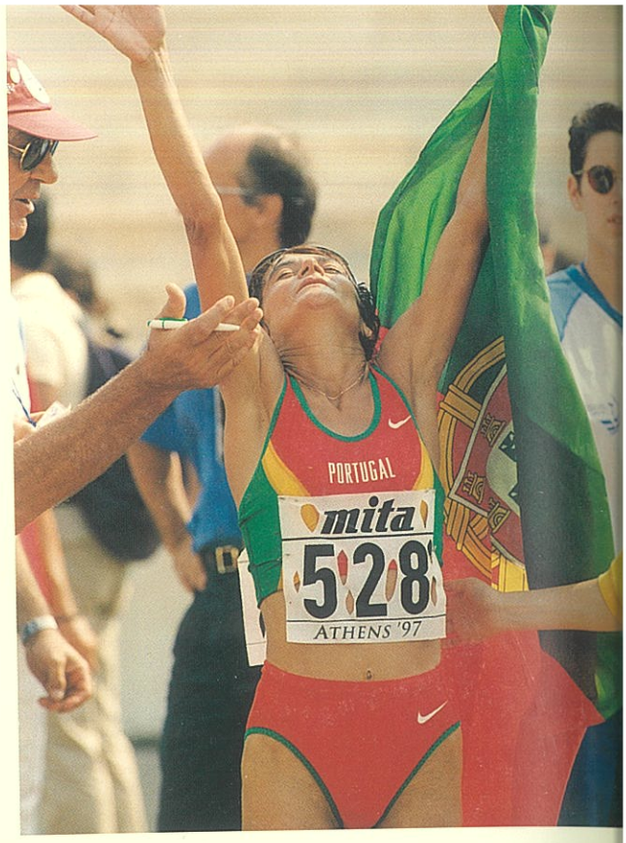
Medalhas dos portugueses nos Mundiais de ar livre

Femininos

Medalha	Atleta	Prova	Marca	Local/Ano
Ouro	Rosa Mota	Maratona	2:25.17	Roma 87
Ouro	M. Machado	Maratona	2:25.39	Gotemb. 95
Ouro	F. Ribeiro	10 000m	31.04,99	Gotemb. 95
Ouro	C. Sacramento	1500m	4.04,24	Atenas 97
Prata	D. Castro	5000m	15.27,59	Roma 87
Prata	M. Machado	Maratona	2:30.54	Estugarda 93
Prata	F. Ribeiro	5000m	14.48,54	Gotemb. 95
Prata	F. Ribeiro	10 000m	31.39,15	Atenas 97
Prata	M. Machado	Maratona	2:31.12	Atenas 97
Bronze	C. Sacramento	1500m	4.03,79	Gotemb. 95
Bronze	F. Ribeiro	5000m	14.58,85	Atenas 97

Manuela Machado





Maratona

Evolução de marcas		Melhores performances	
1988	2:45.37	1999	2:25.09
1989	2:38.45	1995	2:25.39°
1990	2:33.46	1998	2:27.10
1991	2:32.33	1992	2:27.42
1992	2:27.42	1995	2:27.53
1993	2:30.54	1997	2:28.12
1994	2:29.54	1999	2:29.11
1995	2:27.52	1998	2:29.13
1996	2:29.32	1996	2:29.32
1997	2:28.12	1994	2:29.54
1998	2:27.10	1995	2:30.37°°
1999	2:25.09	1993	2:30.54
		1996	2:31.11
		1997	2:31.12

° Prova com 400 metros a menos
°° Corre cerca de 200 metros a menos

«Foogoo! Não me digam... Ganhei ao Ronaldo do futebol e ao do atletismo? Ao Batistuta, à Ana Quirot, ao Sotomayor e ao Ivan Pedroso?» É de espanto a primeira expressão de Manuela Machado ao ter conhecimento da atribuição do prémio de desportista ibero-americano de 1998. Um júri chefiado pelo director-geral do Desporto de Espanha, Eugenio Lopez, e integrando mais 27 elementos, representantes do Conselho Superior de Desportos, Comité Olímpico, federações, comunidades autónomas, autarquias, meios de comunicação social e desportistas, decide a 4 de Maio de 1999 distinguir pela terceira vez um atleta português (Carlos Lopes e Rosa Mota antecedem-na).

Manuela Machado considera a alegria semelhante à sentida ao ganhar a maratona no Mundial 95. Em 1993 (Estugarda) e em 1997 (Atenas) é vice-campeã do mundo e em 1994 (Helsínquia) e 1998 (Budapeste) ganha o título europeu. Só lhe falta uma medalha olímpica, pela qual promete lutar em Sydney 2000. Em Barcelona 92 chega a causar sensação, quando pouco depois do meio da prova foge do pelotão e parte em perseguição a Biktagirova. Rapidamente a alcança, mas é vítima do forte andamento. Fica em sétimo lugar (2:38,22). Em Atlanta 96, a posição é idêntica (2:31.11).

Só aos 27 anos leva o atletismo a sério. Antes, trabalha num espaço de turismo rural ocupando algum tempo livre com a modalidade. Sameiro Araújo é a treinadora que a acompanha. No princípio de 1995 quase abandona o Braga devido a um desentendimento com um dirigente, mas os esforços da treinadora, colegas e Tinoco Marques levam-na a continuar. Desde os 20 anos no clube bracarense – aos 18 inscreve-se no Montinho Meadela, de onde sai dois anos depois –, só veste mais uma camisola, a do Sporting.

O humor e simpatia de Manuela Machado são contagiantes. Na Gala dos Campeões organizada pela Fundação do Desporto, a 3 de Maio de 1999, é mais uma vez premiada. Não perde oportunidade para lançar umas farpas ao apresentador. «O Carlos Cruz queria o Europeu de futebol 2004 em Portugal porque assim já estávamos qualificados.» Outro exemplo: a 7 de Agosto de 1994, após vencer o título europeu, é confrontada com a prática generalizada de estágios em altitude. Responde: «Sim, já fiz um em Viana do Castelo, onde vivo. Andei três semanas com saltos altos.»

△ Campeã europeia em Budapeste

△ «Vice» mundial em Atenas

◁ No crosse, à Sporting, e nos Jogos de Atlanta

Bilhete de Identidade

Maria Manuela Castro Machado
Viana do Castelo, 9 Agosto de 1963

Como atleta
CLUBES
Montinho Meadela, Braga e Sporting

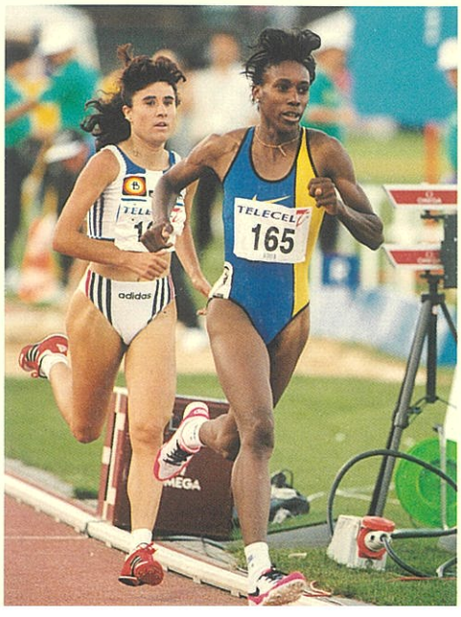
PALMARÉS
Campeã mundial de pista 1995 (maratona, 2:25.39). Campeã europeia de pista 1994 (maratona, 2:29.54) e 1998 (maratona, 2:27.10). Vice-campeã mundial de pista 1993 (maratona, 2:30.54) e 1997 (maratona, 2:31.12). Campeã de Portugal da maratona 1993 (2:31.31). Melhor atleta ibero-americana 1998

Carla Sacramento

Filha de são-tomenses nascida em Lisboa, salta para as páginas dos jornais ao classificar-se em quarto lugar nos 800 metros do Europeu de pista coberta, a 1 de Março de 1992. Aos 600 metros, perde o contacto com as primeiras, mas atinge uma posição inesperada. Sem correr em pista coberta há quatro anos, só disputa os campeonatos de Portugal, em Braga, por não se sentir ainda bem no corta-mato. E é mesmo com algum espanto que o professor Abreu Matos a convida a disputar o Europeu.

Aos sete anos, por influência do irmão, participa numa prova comemorativa do 25 de Abril. Corre de saia e sapatos normais, por não ter calçado apropriado, e fica em segundo lugar. Das competições a nível escolar, passa para o clube das Paivas (Seixal), que pouco depois acaba com o atletismo, obrigando-a a mudar para o Fogueteiro. O Benfica apresta-se a contratá-la. Representa o clube da Luz de 1986 a 1989. Em 1990, fica por duas vezes à beira de uma medalha nos Mundiais de Juniores. Após um ano como individual, regressa à Luz. Volta a sair. Um dos motivos é o facto de o seu técnico, Fonseca e Costa, «nem sempre ser compreendido». Segue-se o Sporting e o Maratona. Apoiada pela mãe e pelo tutor, Fernando Santos, que a descobre para o atletismo, vai subindo quase sem se dar por isso. Nos Jogos Olímpicos de 1992, em Barcelona, é apurada para as meias-finais dos 800 e 1500 metros e no Mundial 93, em Estugarda, é 11ª na final dos 1500 metros. Até que a 11 de Março de 1994 conquista a medalha de bronze, nos 800 metros do Europeu de pista coberta. Já definitivamente lançada nos 1500 metros, é segunda no Mundial de pista coberta, em 1995, e terceira no de ar livre, em Gotemburgo, também em 1995. A 10 de Março de 1996, é medalhada com ouro no Europeu de pista coberta e dedica o triunfo a Fonseca e Costa, que queria que deixasse de correr no Maratona, por ter de fazer o Nacional de corta-mato e a Taça dos Campeões.

O sexto lugar (1500m) nos Jogos Olímpicos de Atlanta representa uma semidesilusão. Chega a ter um ligeiro desfalecimento, mas não é dado relevo a isso. A causa é anemia, desconhecida na altura da prova. Demora meses a recuperar e regressa em grande no Mundial 97. É o único elemento da comitiva lusa a ganhar a medalha de ouro. Em 1998, já com a preparação a ser feita de Espanha, é terceira na Taça do Mundo de pista.



Δ «Vice» europeia, campeã mundial em Estocolmo e à frente de Fernanda Ribeiro

Bilhete de Identidade

Carla Cristina Paquete Sacramento
Lisboa, 10 de Dezembro de 1971

Como atleta
CLUBES
Seixal, Fogueteiro, Benfica, Sporting e Maratona

PALMARÉS
Campeã europeia de pista 1997 (1500m). Campeã europeia de pista coberta 1996 (1500m). 2ª no Mundial de pista coberta 1995 (1500m). 3ª no Mundial de pista 95 (1500m). 2ª no Europeu de pista 1998 (1500m). 3ª no Europeu de pista coberta 1994 (1500m). 3ª na Taça do Mundo de pista 1998 (1500m). 3ª no Europeu de corta-mato 1994 (colectivo). 3ª no Mundial de corta-mato de juniores 1989 (colectivo). Campeã de Portugal de pista 1986, 1987, 1993, 1994, 1995 (800m) e 1991 (1500m). Campeã de Portugal de pista coberta 1988, 1992, 1993, 1994 (800m), 1992 e 1994 (1500m)

Melhores marcas

Ano	400 m	Ano	800 m	Ano	1500 m
1996	54,29	1997	1.58,94	1998	3.57,71
1995	54,62	1997	1.59,02	1998	3.59,89
1995	56,56	1997	1.59,11	1998	4.00,60
1997	54,74	1994	1.59,39	1998	4.00,8
1989	54,75	1993	1.59,42	1997	4.01,86
1992	55,21	1999	1.59,54	1999	4.01,93
1991	55,32	1995	1.59,78	1998	4.02,10
1994	55,38	1993	1.59,83	1996	4.02,64
1992	55,50	1994	2.00,01	1996	4.02,67
1993	55,59	1996	2.00,24	1996	4.03,42
1989	55,64	1997	2.00,41	1995	4.03,79

Evolução de marcas

Ano	400 m	Ano	800 m	Ano	1500 m
1985	61,17	1985	2.15,5	1987	4.35,6
1986	55,85	1986	2.10,48	1988	4.29,41
1987	56,56	1987	2.09,03	1989	4.21,92
1988	56,5	1988	2.04,27	1990	4.15,06
1989	55,21	1989	2.03,89	1991	4.20,43
1990	56,33	1990	2.04,83	1992	4.04,10
1991	55,38	1991	2.04,94	1993	4.06,33
1992	55,51	1992	2.00,57	1994	4.06,05
1993	55,59	1993	1.59,42	1995	4.03,79
1994	55,50	1994	1.59,39	1996	4.02,64
1995	54,62	1995	1.59,78	1997	4.01,86
1996	54,62	1996	2.00,24	1998	3.57,71
1997	54,75	1997	1.58,94	1999	4.01,93
1998	–	1998	2.02,3		
1999	–	1999	1.59,54		

Mundiais de Pista Coberta

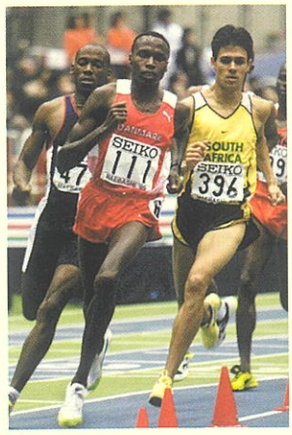
Mundiais de Pista Coberta

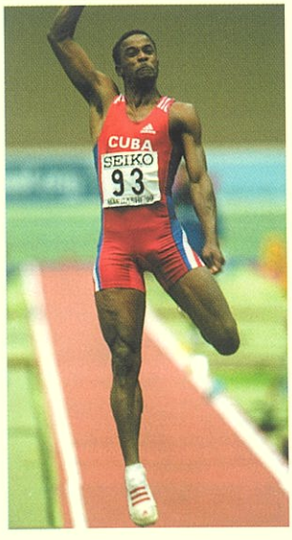
Indianápolis 87
Masculino
60m: L. McRae (EUA), 6,50; 200m: K. Baptiste (EUA), 20,73; 400m: A. Mckay (EUA), 45,98; 800m: J. Barbosa (BRA), 1.47,49; 1500m: M. O'Sullivan (IRL), 3.39,04; 3000m: F. O'Mara (IRL), 8.03.32; 60m bar: T. Campbell (EUA), 7,51; 5000m marcha: M. Schennilov (URSS), 18:27.79; vara: S. Bubka (URSS), 5,85; comprimento: L. Myricks (EUA), 8,23; altura: I. Paklin (URSS), 2,38; triplo: M. Conley (EUA), 17,54; peso: U. Timmermann (RDA), 22,24
Femininos
60m: N. Cooman (HOL), 7,08; 200m: H. Dreschler (RDA), 22,27; 400m: S. Busch (RDA), 51,66; 800m: C. Wachtel (RDA), 2.01,32; 1500m: D. Melinte (ROM), 4.05,68; 3000m: T. Samolenko (URSS), 8.46,52; 60m bar: C. Oschkenat (RDA), 7,82; 3000m marcha: O. Krishtop (URSS), 12.05,49; comprimento: H. Dreschsler (RDA), 7,10; altura: S. Kostadinova (BUL), 2,05; peso: N. Lisovskaya (URSS), 20,52

Budapeste 89
Masculinos
60m: A. Simon (CUB), 6,52; 200m: Regis (GBR), 20,54; 400m: A. McKay (EUA), 45,59; 800m, P. Ereng (QUE), 1.44,84; 1500m: M. O'Sullivan (IRL), 3.36,64; 3000m: S. Aouita (MAR), 7.47,94; 60m bar: R. Kingdom (EUA), 7,43; 5000m marcha: M. Schennikov (URSS), 18.27,10; vara: R. Gatauline (URSS), 5,85; comprimento: Myricks (EUA), 8,37; altura: J. Sotomayor (CUB), 2,43; triplo: M. Conley (EUA), 17,65; peso: U. Timmermann (RDA), 21,75
Femininos
60m: N. Cooman (HOL), 7.05; 200m: M. Ottey (JAM), 22,34; 400m: H. Arendt (RFA), 51,52; 800m: C. Wachtel (RDA), 1.59,24; 1500m: D. Melinte (ROM) 4.04,79; 3000m: E. Van Hulst (HOL), 8.33,82; 60m bar: E. Chernickova (URSS), 7,82; 3000m marcha: K. Saxby (AUS), 12.01,65; comprimento: G. Chystiakova (URSS), 6,98; altura: S. Kostadinova (BUL), 2,02; peso: C. Losch (RFA), 20,45

Sevilha 91
Masculinos
60m: A. Cason (EUA), 6,54; 200m: N. Antonov (BUL), 20,67; 400m: D. Morris (JAM), 46,17; 800m: P. Ereng (QUE), 1.47,08; 1500m: N. Morceli (ARG), 3.41,57; 3000m: F. O'Mara (IRL), 7.41,14; 60 m bar: G. Foster (EUA), 7,45; 5000m marcha: M. Schennikov (URSS), 18.23,55; vara: S. Bubka (URSS), 6,00; comprimento: D. Haaf (ALE), 8,15; altura: H. Conway (EUA), 2,40; triplo: I. Lapchine (URSS), 17,31; peso: W. Guenthor (SUI), 21,17; 4x400m: Alemanha: 3.03,05
Femininos
60m: I. Privalova (URSS), 7,02; 200m: M.Ottey (JAM), 22,24; 400m D. Dixon (EUA), 50,64; 800m: C. Watchel (ALE), 2.01,51; 1500m; L. Rogachova (URSS), 4.05,09; 3000m: M. Duros (FRA),8.50,69; 60m bar: L. Narochilenko (URSS), 7,88; 3000m marcha: B. Anders (ALE), 11.50,90; comprimento: L. Bereznhnaya (URSS), 6,84; altura: H. Henkel (ALE), 2,00; triplo: I. Kravetts (URSS), 14,44; peso: X. Sui (CHI), 20,54; 4x400m: Alemanha: 3.27,22

Toronto 93
Masculinos
60m: B. Surin (CAN), 6,50; 200m: J. Trapp (EUA), 20,63; 400m: H. Reynolds (EUA), 45,26; 800m: T. McKean (GBR), 1.47,29; 1500m: M. O'Sullivan (IRL), 3.45,00; 3000m: G. Di Napoli (ITA), 7.50,26; 60m bar: M. Mckoy (CAN), 7,41; 5000m marcha: M. Schennikov (RUS), 18.32, 10; vara: R. Gautalin (RUS), 5,90; comprimento; I. Pedroso (CUB), 8,23;





Em 1985 realizam-se os I Jogos Mundiais de Pista Coberta, uma espécie de edição zero dos Mundiais, que passam a ser oficiais em 1987. No entanto, a edição de Paris-Bercy, já organizada pela Federação Internacional, entra em todas as estatísticas como um verdadeiro Mundial, incluindo, entre outros, nomes de campeões como Ben Johnson (60m), Patrick Sjoberg (altura), Sergey Bubka (vara), Marita Koch (200 m), Stefka Kostadinova (altura) e João Campos, vencedor dos 3000 metros, à frente de Don Clary, Ivan Uvizi e António Leitão, também ele o melhor numa das meias-finais.

Em 1987, nenhum português vai a Indianápolis. São melhorados seis recordes mundiais. Heike Dreschler bate o dos 200 metros com 22,27. Stefka Kostadinova faz 2,05 metros no salto em altura. Ben Johnson coloca o máximo dos 60 metros em 6,41, mas, face ao controlo antidoping positivo em Seul 88, vê posteriormente a marca ser anulada. Greg Foster, desastrado na final dos 60 metros barreiras (desequilibra-se, desequilibra um adversário e ficam ambos prostrados na pista), faz 7,46 na eliminatória. Na Marcha, o recorde nos 5000 metros é de Mikhail Schennilov (18.27,79) e nos 3000 de Olga Krishtop (12.05,49).

Em 1989, Portugal é representado por Luís Cunha, Mário Silva e José Urbano. Arnaldo Abrantes, por afazeres profissionais, e João Campos, por não estar nas melhores condições físicas, não se deslocam a Budapeste. O desempenho é bastante discreto.

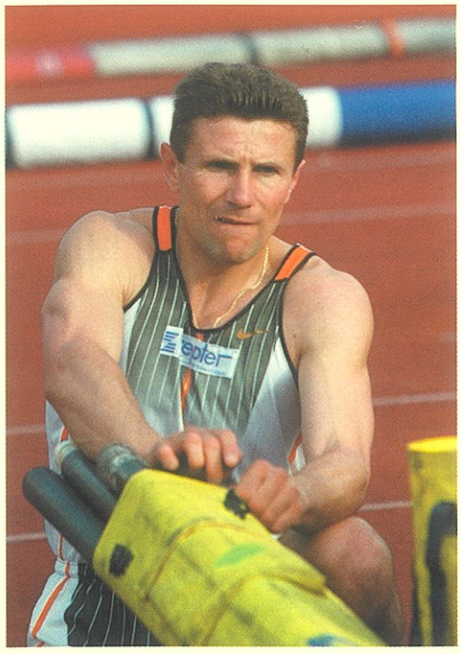
Em 1991, em Sevilha, a comitiva nacional volta às medalhas. Pouco mais de seis meses após obter o bronze nos Europeus de Split, Mário Silva consegue outro terceiro lugar nos 1500 metros. Albertina Dias é quarta na final dos 3000 metros e Ana Oliveira, que no ano anterior fora terceira na prova de exibição do triplo salto feminino no Europeu, é quinta. Entre os 600 atletas de 103 países presentes em Toronto 93, há sete portugueses. Sergey Bubka é o grande ausente. Argumenta uma época de Inverno muito recheada e a importância da preparação da de Verão.

Em 1995, Carla Sacramento (1500m) é medalhada com prata em Barcelona. Carlos Silva torna-se no primeiro português a baixar dos 47 segundos na eliminatória dos 400 metros. Na final, estabelece novo recorde nacional (46,87) e fica a 22 centésimos do pódio. O ouro volta a falhar em 1997. «Treinei para a pista coberta no Parque da Cidade», queixa-se Fernanda Ribeiro, terceira na final dos 3000 metros. Marina Bastos é quarta. Carla Sacramento fica em quinto nos 1500 metros. Wilson Kipketer, o dinamarquês de origem queniana, é a grande sensação dos campeonatos, ao bater o recorde mundial dos 800 metros, na eliminatória (1.43,96). A moçambicana Maria Mutola soma o terceiro título consecutivo nos 800 metros.

Em 1999, os EUA voltam a liderar por larga margem o quadro de medalhas, totalizando 19 lugares no pódio, bem à frente da surpreendente Roménia na segunda posição, com quatro medalhas (três de ouro). Maria Mutola, nos 800 metros, é uma das derrotadas mais inesperadas, cedendo para Ludmila Formanova. Javier Sotomayor, no salto em altura, e Ivan Pedroso, no comprimento, não defraudam as expectativas.

Δ O dinamarquês Kipketer em Maebashi 99, a moçambicana Maria Mutola, tricampeã nos 800m, e o cubano Ivan Pedroso estabelecendo o recorde dos mundiais, no Japão

Sergey Bubka



Não faz restrições alimentares (peixe e queijo enchem-lhe as medidas), bebe uísque com gelo mesmo na véspera das provas e não gosta de acordar cedo. O retrato é feito pelo próprio Sergey Bubka, quando, a 13 de Junho de 1991, se desloca a Lisboa, para participar no Meeting de Santo António, disposto a bater o máximo mundial de 6,08 metros (ao ar livre), obtido uma semana antes em Moscovo. O objectivo não é atingido, mas o ucraniano é atleta de recordes. É o primeiro a saltar acima de 6 metros, tanto ao ar livre como em pista coberta.

Autêntico prodígio do salto com vara, medalhado com ouro na estreia como sénior, aos 19 anos, nunca deixa de ganhar até 1990. Campeão mundial em Helsínquia 83 e Roma 87, europeu em Estugarda 86 e olímpico em Seul 88, é eleito melhor desportista da URSS em 1984, 1985 e 1986.

Em 1984, em Los Angeles, não tem oportunidade de disputar o título olímpico devido ao boicote soviético. Em 1990, depois de 6,05 metros em pista coberta, falha clamorosamente no Europeu de Split, limitando-se a ser sexto. Fala-se do fim de uma carreira. O Czar, responsável pela transformação dos padrões do salto à vara (agarra a vara vários centímetros acima do comum e a sua força e velocidade permitem-lhe usar varas mais longas e rígidas, o que lhe dá maior capacidade de impulsão), contraria-o.

Em 1991, já com um novo técnico, começa por transpor 5,90 metros em Janeiro. A 9 de Fevereiro, em Volgogrado, bate o recorde mundial com 6,08 metros, marca superior em dois centímetros ao seu máximo ao ar livre. Em San Sebastian, passa um marco importante na história da disciplina, já que corresponde a mais de 20 pés, marco para os norte-americanos. Mas não se fica por aqui e, com quatro dias de intervalo, passa 6,11 em Donestsk e 6,12 em Grenoble.

Nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, não consegue uma única tentativa válida na final do concurso. Falha por duas vezes a 5,70 (altura a que se inicia a prova e que lhe daria de imediato o quinto posto) e uma a 5,75 metros (permitiria a medalha de bronze). Para quem alcança em 1991 o terceiro título mundial consecutivo (ar livre) e em 1992 salta duas vezes acima dos 5,85, sete acima dos seis e duas a 6,13 metros, é frustrante ver o título olímpico resolvido aos 5,80. Desde 1 de Setembro de 1998, é seis vezes consecutivas campeão mundial (1983, 1987, 1991, 1993, 1995 e 1997).

Bilhete de Identidade

Sergey Bubka
Voroshilovgrad (Ucrânia), 4 de Dezembro de 1963

Como atleta
PALMARÉS
Campeão olímpico do salto à vara 1988 (5,90m). 6 vezes campeão mundial de pista 1983 (5,70m), 1987 (5,85m), 1991 (5,95m), 1993 (6,00m), 1995 (5,92m) e 1997 (6,01m). Campeão europeu 1986 (5,85m). 4 vezes campeão mundial de pista coberta 1985, 1987 (5,85m), 1991 (6,00m) e 1995 (5,90m). A 13 de Julho de 1985 torna-se o primeiro atleta a passar os seis metros. Bate o recorde mundial por 35 vezes

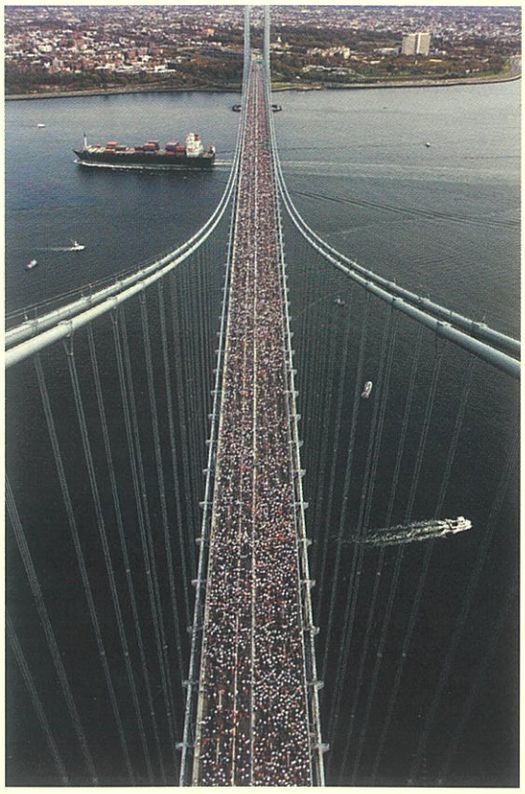
altura: J. Sottomayor (CUB) 2,41; triplo: P. Camara (FRA), 17,59; peso: M. Stulce (EUA), 21, 27; heptatlo; D. O'Brien (EUA), 6476; 4×400, EUA, 3.04, 20
Femininos
60m: G. Devers (EUA), 6,95; 200m: I. Privalova (RUS), 22,15; 400m: S. Richards (JAM), 50,93; 800m: M. Mutola (MOÇ), 1.57,55; 1500m: E. Podkopayeva (RUS), 4.09,29; 3000m; Y. Murray (GBR), 8.50.55; 60m bar: J. Baumann (SUI), 7,96; 3000m marcha: E. Nikolaeva (RUS), 11.49.73; comprimento: M. Ilcu (ROM), 6,84; altura; S. Kostadinova (BUL), 2,02 m; triplo: I. Kravets (UCR), 14,47; pentatlo; I. Belova (RUS), 4787; peso: S. Krivelyova (RUS), 19,57; 4×400m: Jamaica, 3.32,32

Barcelona 95
Masculinos
60m: B. Surin (CAN), 6,46; 200m: G. Moen (NOR) 20,58; 400m: D. Hall (EUA), 46,17; 800m: C. Terrelonge (JAM), 1,47,30; 1500m: H. el Guerrouj (MAR), 3.44,54; 3000m: G. di Napoli (ITA), 7.50,89; 60m bar: A. Johnson (EUA), 7,39; vara: S.Bubka (UCR), 5,90; comprimento: I. pedroso (CUB), 8,51; altura: J. Sotomayor (CUB), 2, 38; triplo: B. Wellman (BER), 17,72; heptatlo: C.Plaziat (FRA), 6246; peso: M. Halvari (FIN), 20,74; 4×400m: EUA, 3.07,37
Femininos
60m: M. Ottey (JAM), 6,97; 200m: M. Gainsford (AUS), 22,64; 400m: I. Privalova (RUS), 50,23; 800m: M. Mutola (MOÇ), 1.57,62; 100m: R. Jacobs (EUA), 4.12, 61; 3000m; G. Szabo (ROM), 8.54,50; 60m bar: A. Lopez (CUB), 7,92; comprimento: L. Galkina (RUS), 6,95; altura: G. Astafei (ALE), 2,01; triplo: Y. Chen (RUS), 15,03; pentatlo: S. Moskalets (RUS) 4834; peso: K. Neimke (ALE), 19,40; 4×400m: (RUS) 3.29,29

Paris 97
Masculinos
60m: C. Papadias (GRE), 6,50; 200m: K. Little (EUA), 20,40; 400m: D. Bada (NIG), 45,51; 800m: W. Kipketer (DIN), 1.42,67; 1500m: H. el Guerrouj (MAR), 3.35,31; 3000m: H. Gebrselassie (ETI), 7.34,71; 60m bar: A. Garcia (CUB), 7,48; vara: I. Potapovich (CAS), 5,90; comprimento: I. Pedroso (CUB), 8,51; altura: C. Austin (EUA), 2,35; triplo: Y. Garcia (CUB), 17,30; heptatlo: R. Zmelik (CHE) 6228; peso: Y. Belonog (UCR), 21,02; 4×100m: EUA, 3.04,93
Femininos
60m: G. Devers (EUA), 7,06; 200m: E. Koffa (GRE), 22,76; 400m: J. Miles (EUA), 50,96; 800m: M. Mutola (MOÇ), 1.58,96; 1500m: Y. Podkopayeva (RUS), 4.05,19; 3000m: G. Szabo (ROM), 8.45,75; 60m bar: M. Freeman (JAM), 7,82; vara: S. Dragila (EUA), 4, 40; comprimento: F. May (ITA), 6,86; altura: S. Kostadinova (BUL), 2,02; triplo: I. Lasovskaya (RUS), 15,01; pentatlo: S. Braun (ALE), 4780, peso: V. Pavlish (UCR), 20,00; 4×400m: Rússia: 3.26,84

Maebashi 99
Masculinos
60m: M. Greene (EUA), 6,42; 200m: F. Fredericks (NAM), 20,10; 400 m; J. Baulch (GBR), 45,73; 800m: J. Botha (AFS), 1.45,47; 1500m: H. Gebrselassie (ETI); 3000m: H. Gebrselassie (ETI), 7.53,57; 60m bar: C. Jackson (GBR), 7,38; vara: J. Galfione (FRA), 6,00; comprimento: I. Pedroso (CUB), 8,62; altura: Javier Sotomayor (CUB), 2,36; triplo: C. Friedek (ALE), 17,18; heptatlo: S. Chmara (POL), 6386; peso: A. Bagach (UCR), 21,41; 4×400m: EUA, 3.02,83
Femininos
60m: E. Tharou (GRE), 9,96; 200m: J. Tirlea (ROM), 22.39; 400m: G. Breuer (ALE), 50,80; 800m: L. Formanova (CHE), 1.56,90; 1500m: G. Szabo (ROM), 4.03,23; 3000m: G. Szabo (ROM), 8.36,42; 60m bar: O'Shishigina (CAZ), 7,86; vara: N. Ryshich (ALE), 4,50; comprimento: T. Kotova (RUS), 6,86; altura: K. Kalcheva (BUL), 1,99; triplo: A. Hansen (GBR), 15,02; pentatlo: L. Nathalan (EUA), 4753 pontos; peso: S. Krivelyova (RUS), 19,08; 4×400m: Rússia: 3.24,25

Grandes maratonas



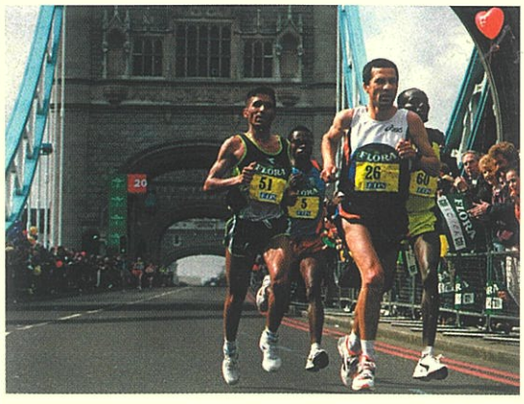
Roterdão

Catorze anos depois, Carlos Lopes ainda é o detentor da melhor marca europeia da maratona. O traçado plano de Roterdão proporciona ao campeão português, em 1985, um tempo de 2:07.12. Antes dele ganham Rodolfo Gomez, Rob de Castella e Gidamis Sha-hanga. Num percurso com características únicas para a obtenção de grandes marcas, o etíope Belaineh Dinsamo estabelece, em 1988, o máximo mundial (2:06.50), que só vem a ser batido já na década de 90.
A organização aposta normalmente em grandes nomes, com o propósito claro de obtenção de grandes marcas e os atletas aproveitam aquela que é considerada a maratona mais rápida do Mundo para a projecção internacional na distância. É o que faz Domingos Castro, vencedor em 1997, com 2:07.51. Nas 18 edições – nasce em 1982 mas só no ano seguinte é aberta ao sector feminino, que demora a atingir alguma expressão – destacam-se ainda os triunfos de Rosa Mota, em 1983, e Aurora Cunha, em 1992.
Estatisticamente, há que assinalar as quatro vitórias do etíope Belaineh Dinsamo (1987, 1988, 1989 e 1996) e as três de Tegla Loroupe (1997, 1998 e 1999).

Nova Iorque

Contrariamente à de Boston, onde Rosa Mota ganha em três ocasiões (1987, 1988 e 1990), na maratona de Nova Iorque até 1998 não figura nenhum nome português. G. Waitz dominou de 1978 a 1986 inclusive, com excepção para 1981. Volta a ganhar ainda em 1988. A norueguesa é a principal figura no sector feminino. Já no masculino não há uma supremacia tão evidente, sendo de referir B. Rodgers e A. Salazar, entre outros.
Os números de participação são impressionantes. Em 1970 apresentaram-se 127 concorrentes (126 masculinos e um feminino) e dez depois já são 14 012 (12 050 homens e 1962 mulheres). Em 1990 entra-se nos 25 000 participantes. Dos 25 012 que se apresentam à partida terminam 23 774 (19 274 do sexo masculino e 4500 do feminino).

Londres



É a mais participada da Europa e tem um cariz especial. Os concorrentes anónimos têm sempre a possibilidade de adquirir um vídeo-resumo da prova, na qual, além dos primeiros e das passagens mais curiosas da corrida, é garantida a filmagem dos próprios em duas ou três fases. Ao longo do percurso estão instaladas câmaras que captam imagens de todos os participantes, identificados pelos respectivos dorsais.
Arranca em 1981, com dois vencedores «ex aequo» (Dick Beardsley e Inge Simonsen, 2:11.48). Rosa Mota ganha em 1991 e António Pinto em 1992 e 1997. No segundo triunfo, o português – terceiro em 1998 e segundo em 1999 – coloca o recorde da prova em 2:07,55. Abel Anton e Abdelkader El Mouaziz, em 1998 e 1999, não batem essa marca por dois segundos. Nas participações nacionais registe-se ainda o segundo posto de Manuel Matias, quando a prova contava para a Taça do Mundo, sendo então Portugal segundo por equipas, e a terceira posição de Manuela Machado em 1999.
Em 19 edições, Ingrid Kristianssen tem o maior número de triunfos (1984, 1985, 1987 e 1988). A alemã Katrin Dorre consegue vencer três vezes consecutivamente (1992 a 1994). O mesmo se passa com o mexicano Dionício Céron (1994 a 1996).

Δ Domingos Castro triunfou em Roterdão, em 1997, onde Lopes estabeleceu o melhor registo europeu, em 1985. Nova Iorque proporciona sempre imagens espectaculares. Londres traz gratas recordações a portugueses como Carlos Patrício (a liderar, em 1999) e António Pinto, vencedor em 1992 e 1997

Aurora Cunha

«Aurora Cunha, uma jovem de 17 anos foi vedeta dos recentes Campeonatos Nacionais de juniores, sagrando-se campeã dos 1500 e 3000 metros com dois recordes nacionais. Representa um pequeno clube, ali bem perto de Guimarães, o Juventude de Ronfe, e pratica a modalidade há cerca de um ano.» (**Record**, 20 de Junho de 1976)

No Nacional de corta-mato disputado dias antes no Jamor, Aurora Cunha dá nas vistas ao vencer a corrida de juvenis; todavia, um engano dos dirigentes associativos bracarenses leva-a à desclassificação por pertencer ao escalão superior. Em 1976, trabalha numa fábrica de têxteis e treina três vezes por semana em horário pós-laboral. Embora tenha ganho, em Braga e na Cidade Invicta, as quatro provas de 1500 metros, está longe de imaginar que em Lisboa as coisas se processem desse modo. Moniz Pereira tenta levá-la para o Sporting, mas o coração fala mais alto e a opção recai no Porto.

Em 1982, é 10ª tanto nos 1500 como nos 3000 metros do Europeu. Na mais polémica corrida de Los Angeles 84, a de 3000 metros, obtém o melhor resultado das suas três presenças olímpicas: sexto lugar. Escapa à queda que retira Mary Decker da prova e bate Zola Buud, sétima. 1985 é o ano de ouro. Convocada para a selecção da Europa que disputa, em Outubro, a Taça do Mundo de pista, em Camberra, conquista o primeiro lugar nos 10 000 metros, ultrapassando a soviética Bondarek. A 2 de Novembro de 1985, é campeã mundial de estrada. Ao derrotar a norte-americana Judy St. Hillaire por oito segundos, repete o título de 1984, em Madrid. Consegue ainda o primeiro lugar na S. Silvestre da Amadora, no Regional de corta-mato do Porto, na meia maratona de Oslo e o sexto nos 3000 metros do Grand Prix FIAA, em Roma. Volta a ser campeã mundial de estrada em 1986.

Abandonada a pista, dedica-se à maratona. Nos Jogos Olímpicos de Seul, a experiência é falhada. Em 1991, lesiona-se a 15 dias do Mundial de Tóquio, já sem Fonseca e Costa. «Não merecia que ele me mandasse uma carta muito fria, muito seca, dizendo que por

conveniência de ambos deixaria de ser o meu treinador», declara. Corre mas não consegue suportar as dores e desiste. A 5 de Abril de 1992 é primeira em Roterdão (2:29.14). Bate o recorde do percurso de Carla Buerkens (2:29.47) e melhora em mais de três minutos a marca com que Rosa Mota vence a prova em 1989 (2:32.27), pouco depois de se ter sagrado campeã europeia em Atenas. O triunfo tem um sabor especial: «É uma resposta aos que me acusaram de ser fraca de espírito. A seguir ao Mundial andei abatida. Durante três meses vivi em angústia permanente. Comecei a treinar em Outubro e com um mês de preparação e apenas 550 km corri a maratona de Tóquio e fui sexta.»

Em 1993 faz uma paragem devido a gravidez, o que acaba por estar na base da ruptura com o Porto. Passa a correr como individual e em 1997 assina pela Terbel.

△ Aurora Cunha campeã mundial de estrada (10 km)

▷ Em Helsínquia fica em segundo (5000m) e bate Olga Bondarenko na Taça do Mundo, em Camberra

Bilhete de Identidade

Aurora Cunha
Ronfe, 31 de Maio de 1959

Como atleta
CLUBES
Ronfe, Porto e Terbel

PALMARÉS
5 vezes campeã mundial de estrada 1984, 1985, 1986 e 1987. 1ª na Taça do Mundo de pista 1985 (10 000m, 32.07,50). 3ª no Mundial de Estrada 1989. 6 vezes campeã nacional de pista em 1500m 1978 (4.26,9), 1979 (4.21,1), 1980 (4.20,1), 1982 (4.10,3), 1983 (4.15,42) e 1984 (4.15,42). 8 vezes campeã nacional de 3000m 1976 (9.54,8), 1977 (9.44,6), 1978 (9.34,6), 1979 (9.37,1), 1982 (8.56,2), 1983 (8.59,17), 1984 (9.10,55) e 1987 (9.01,4). 4 vezes campeã nacional de corta-mato 1979, 1980, 1983 e 1986. 2 vezes campeã mundial de estrada 1987 e 1990 (colectivo). Campeã mundial de estafetas 1992 (colectivo). 2ª no Mundial de Estrada 1984, 1986 e 1989 (colectivo)

Evolução de marcas

Ano	1500 m	Ano	3000 m	Ano	10 000 m
1976	4.42,8	1976	9.54,0	1983	31.52,85
1977	4.35,1	1977	9.42,35	1984	32.30,91
1978	4.21,7	1978	9.28,4	1985	31.35,45
1979	4.21,1	1979	9.16,7	1986	31.29,41
1980	4.19,3	1980	9.04,7	1987	32.26,81
1981	4.19,1	1981	9.30,2	1988	32.33,9
1982	4.10,2	1982	8.54,5	1989	–
1983	4.09,34	1983	8.50,20	1990	32.15,83
1984	4.12,14	1984	8.46,37	1991	32.41,64
1985	4.13,25	1985	8.48,10		
1986	4.15,04	1986	8.57,31		
1987	–	1987	9.01,04		
1988	–	1988	9.04,1		
1989	–	1989	9.04,60		
1990	4.19,85	1990	8.53,06		
1991	4.29,1	1991	9.34,53		

Melhores marcas

Ano	1500 m	Ano	3000 m	Ano	10 000 m	Ano	Marat.
1983	4.09,31	1984	8.46,37	1986	31.29,41	1989	2:28.11
1982	4.10,2	1984	8.46,38	1985	31.35,45	1992	2:29.14
1982	4.10,3	1985	8.48,10	1986	31.39,35	1990	2:30.11
1984	4.12,14	1983	8.50,20	1983	31.52,85	1988	2:31.26
1983	4.12,49	1983	8.51,66	1985	32.07,50	1991	2:32.12
1982	4.12,51	1990	8.53,03	1990	32.15,83	1989	2:32.37
1983	4.13,21	1985	8.54,37	1987	32.26,81	1988	2:34.56
1985	4.13,25	1982	8.54,5	1984	32.30,91	1991	2:36.29
1983	4.13,88	1982	8.55,24	1988	32.33,9		
1983	4.14,14	1984	8.55,60	1991	32.41,64		
1982	4.14,5	1982	8.56,2	1987	32.44,42		
1986	4.15,4	1982	8.56,39	1990	32.48,58		
1983	4.15,42	1986	8.57,31	1987	33.09,86		
1983	4.15,55	1983	8.57,8	1988	33.13,25		
1982	4.16,2	1983	8.59,17				

Meia Maratona de Lisboa

1991 – Terminam 3102 inscritos. O recorde da Meia Maratona da Nazaré (3177 concorrentes à chegada) é quase batido. A partida é dada algumas dezenas de metros à frente e cerca de dois minutos antes da hora, por não se conseguir controlar os atletas. O ministro Roberto Carneiro corre 3 km na ponte. No sector masculino, no despique luso-britânico, ganha Paul Evens, com 1:01.44. António Pinto (Benfica) é o segundo. No feminino, sem concorrência estrangeira, Rosa Mota (CAP) vence destacada (1:09.53).

1992 – Domínio estrangeiro. Nos homens entre os 19 primeiros apenas quatro são portugueses. Triunfa, com 1:01.17, Tendai Chimusasa (Zimbabué), ilustre desconhecido, que Fonseca e Costa conhece em Luanda. Carlos Lopes participa a pensar fazer 15 km, mas não chega a completá-los. Luís Jesus utiliza a prova para protestar contra a sua não inclusão na selecção para o Mundial de Corta-Mato. Helena Barosci (1:10.01) vence na vertente feminina, relegando Manuela Dias (Benfica) para a segunda posição.

1993 – O queniano Sammy Lelei torna-se no primeiro atleta a baixar de uma hora, embora a prova tenha menos 91 metros do que os 21 097 regulamentares. Ganha com um tempo de 59,24. Deixa o vencedor de 1992, Tendai Chimusasa, a mais de um minuto. O máximo mundial que estabelece é apenas oficioso, porque a Federação Internacional de Atletismo não reconhece recordes em provas de estrada. Concorrem 4357 atletas contra 4904 de 1992. Juvenal Ribeiro é o único português nos dez primeiros (oitavo). No sector feminino a vencedora é a russa Iliyna Nadezhda, oitava na S. Silvestre dos Olivais. Manuela Dias fica a 15 segundos.

1994 – António Pinto faz-lhe frente até dois quilómetros antes da meta, mas o mexicano Andrej Espinosa não precisa de se aplicar muito para vencer (1:01.34). Termina com 21 segundos de vantagem sobre o português. Revelando má condição física, os quenianos decepcionam. Masai é terceiro e Musyoki oitavo. Em contrapartida, Tegla Loroupe triunfa na prova feminina (1:09.27). Em preparação para o Mundial de Corta-Mato, Mónica Gama fica em terceiro.

1995 – A festa pertence ao Quénia. Ganham Simon Lopuyet (1:00.26) e Tegla Loroupe (1:08.21). António Pinto e Domingos Castro conseguem o segundo e terceiro postos. As vedetas contratadas revelam-se um fiasco, sobretudo Cosmas Ndeti, cabeça-de-cartaz, que não vai além do 44º posto, sendo batido por atletas de terceira linha.

1996 – Quatro segundos lugares em seis edições é o destino de António Pinto. Faz tudo para chegar ao seu primeiro triunfo, mas tem de se resignar sobre a meta. Clement Kiprotich entra à sua frente na última curva, ganhando-lhe por um segundo (1:01.15). O espanhol Martin Fiz é terceiro e Domingos Castro corta a meta em quarto. Tegla Loroupe obtém a terceira vitória (1:07.11) em ritmo de passeio.

1997 – Domínio estrangeiro com vitórias do marroquino Moahmed Mourhit e da queniana Tegla Loroupe, mas o forte vento prejudica os resultados. Mais de quinze mil fazem a festa. António Pinto é o melhor português ao ficar em terceiro. Tegla Loroupe critica a organização. «Tive um início péssimo, porque ninguém se lembrou de separar os atletas de elite dos participantes que só

pretendiam chegar ao fim. Como sou pequena, levei cotoveladas e encontrões [os braços são prova disso].» A grande surpresa é a quarta posição da portuguesa Fátima Silva, que não tem estatuto de alta competição.

1998 – António Pinto torna-se no primeiro português a vencer. Consegue-o em 59 minutos e 43 segundos, tempo que passa a ser a melhor marca mundial da distância, e embolsa perto de quatro mil contos. A irlandesa Catherine Mckiernan vence entre as mulheres, com 1:07.50, o que constitui o melhor registo da prova e pessoal. As inscrições fecham nas 18 mil e Carlos Móia, homem forte do Maratona, queixa-se dos fundistas portugueses.

1999 – Seis quenianos nos seis primeiros entre os homens e vitória queniana nas mulheres revelam bem a supremacia dos africanos. Tegla Loroupe (1:07.52) é pentacampeã. Japhet Kosgei vence surpreendentemente (1:00.01). Destaque pela negativa para o 13º lugar do queniano mais cotado, Shem Kororia. Fernanda Ribeiro é segunda e António Pinto, que deixa fugir logo de início o lote dos melhores, não vai além do oitavo posto.

▷ Tegla Loroupe, pentacampeã, já é uma "instituição" da Meia Maratona de Lisboa

António Pinto

Mesmo não se sentindo tão bem como em 1998 e com um lote de atletas menos ambicioso, António Pinto bate, a 30 de Julho de 1999, o recorde da Europa dos 10 000 metros (27.12,47). Ao fim de quinze anos, novamente em Estocolmo, a marca de Fernando Mamede (27.13,81) é finalmente ultrapassada. A lebre privativa do português, o queniano Korir, abandona aos 5400 metros. A passagem aos cinco quilómetros já dá boas indicações (13,27).

A marca, para muitos inesperada por António Pinto se ter consolidado como um dos melhores maratonistas do mundo, é conseguida com uma corrida mais equilibrada do que a de Mamede há quinze anos. Não segue o ritmo rápido de Paul Tergat na parte inicial mas no final aproxima-se muito do queniano (vencedor da prova), que aos 9 km ainda tem possibilidades de fazer um tempo inferior a 27 minutos.

É finalista na dupla légua nos Jogos Olímpicos de 1988. Na final fica em 13º. Nesse ano consegue 28.01,00, que só vem a melhorar em 1994 (27.48,1).

Inicia a carreira em 1985 no Amarante, mudando para o Porto em 1987, onde permanece duas épocas. Alinha pelo Benfica de 1989 até 1994 e depois vai para o Maratona. Com um princípio de actividade dedicado ao meio-fundo deriva, e logo em grande plano, para a meia maratona e maratona, onde vem a tornar-se uma das maiores figuras mundiais. Durante um período de três anos desliga-se da pista, mas em 1988 derruba o recorde de António Leitão nos 5000 metros, o que o coloca no 3º lugar europeu de sempre. Nos Campeonatos da Europa de Pista de 1998, em Budapeste, chega à primeira medalha de ouro da sua carreira. Vence os 10 000 metros a 18 de Agosto com o tempo de 27.48,62.

Bilhete de Identidade

António Coelho Pinto
Amarante, 22 de Março de 1966

Como atleta
CLUBES
Amarante, Porto, Benfica e Maratona

PALMARÉS
Campeão europeu de pista 1998 (10 000m, 27.48,62). Campeão europeu de corta-mato 1994 (colectiva). 2º lugar Taça da Europa da maratona 1994 (colectiva). 2 vezes campeão de Portugal 1994 (5000m, 13.23,09) e 1992 (corta-mato)

Evolução de marcas

Ano	5000 m	Ano	10 000 m	Ano	Marat.
1986	14.06,54	1987	28.28,73	1991	2:12.39
1987	13.41,38	1988	28.01,00	1992	2:10.02
1988	13.27,89	1989	28.30,11	1993	–
1989	13.30,22	1990	28.14,32	1994	2:08.31
1990	13.31,47	1991	28.30,3	1995	2:08.48
1991	13.30,59	1992	28.59,2	1996	2:08.38
1992	13.25,35	1993	–	1997	2:07.55
1993	–	1994	27.48,1	1998	2:08.13
1994	13.21,1	1995	28.06,18	1999	2:08.59
1995	13.49,33	1998	27.15,76		
1998	13.02,86	1999	27.12,47		
1999	14.09,18				

Melhores marcas

Ano	5000 m	Ano	10 000 m	Ano	Marat.
1998	13.02,86	1999	27.12,47	1997	2:07.55
1994	13.21,1	1998	27.15,76	1998	2:08.13
1994	13.23,09	1994	27.48,1	1994	2:08.31
1992	13.25,35	1998	27.48,62	1996	2:08.38
1988	13.27,89	1988	28.01,00	1995	2:08.48
1989	13.30,22	1995	28.06,18	1995	2:08.57
1991	13.30,59	1988	28.08,9	1999	2:08.59
1988	13.31,29	1988	28.09,53	1997	2:10.02
1990	13.31,47	1995	28.11,47	1994	2:10.58
1988	13.32,08	1990	28.14,32	1998	2:12.28
1989	13.32,90	1988	28.15,63	1991	2:12.39
		1994	28.25,67	1994	2:13.24

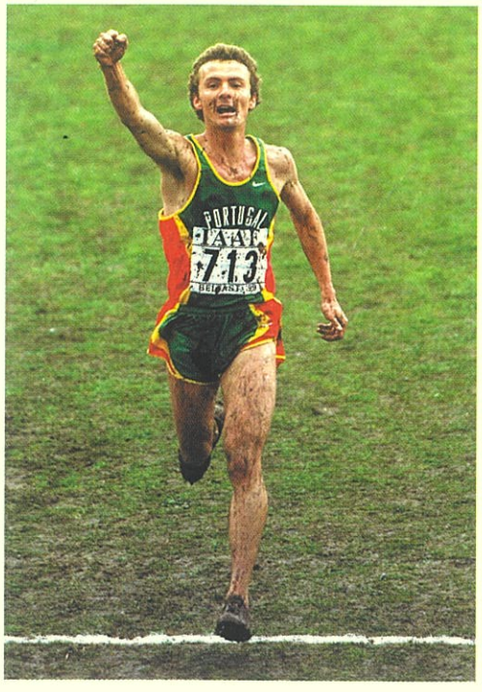
Mundial de Corta-Mato

Em 1973 o Campeonato do Mundo de corta-mato substitui o Crosse das Nações, com origem em Inglaterra no início do século. Cumprida a edição de 1999, Carlos Lopes continua a ser o mais velho dos campeões. Ganha o seu terceiro título em Lisboa 85 com 38 anos e 34 dias. A propósito de diferenças, a maior é conseguida por William Sigei em 1993, quando derrota Kirui por 41 segundos. No sector feminino, a romena Maricica Puica (quase 34 anos) é a campeã mais velha e a norueguesa Greta Waitz, com 44 segundos de vantagem em 1980, a que obtém a vitória mais folgada.

Individualmente, John Ngugi (1986 a 1989 e 1992) e Paul Tergat (1995 a 1999) têm cinco títulos. No sector feminino, Grete Waitz, com cinco títulos (1978 a 1981 e 1983), continua a ser a melhor em 1999. Colectivamente, o Quénia tem um domínio claríssimo nos homens, com triunfos consecutivos desde 1986. Nas mulheres, 1991 marca o início da supremacia africana com títulos para Quénia e Etiópia. Portugal intromete-se em 1994. Triunfa com 55 pontos, metendo três atletas entre as dez primeiras e fechando (quarta atleta) na 37ª posição.

Moniz Pereira marca presença em 21 edições. Falha em 1974 e 1975, por Portugal estar ausente, e em 1996, 1997, 1998 e 1999, em virtude de deixar o cargo de seleccionador nacional para ser vice-presidente do Sporting. Carlos Lopes tem três primeiros lugares (Chepstow 76, Nova Iorque 84 e Lisboa 85) e dois segundos (Dusseldorf 77 e Gateshead 77). Fernando Mamede é terceiro em 1981 e Paulo Guerra faz o mesmo em 1999. Catorze anos depois de Carlos Lopes vencer a concorrência africana, o atleta do Maratona volta a dar a Portugal um lugar no pódio. No sector feminino há menos títulos. Só Albertina Dias, que também marca presença no pódio em 1990 e 1992, ganha a medalha de ouro em 1993, em Amorieta. Conceição Ferreira fica em terceiro em 1994.

▽ Paulo Guerra conquista o bronze em Belfast, apenas batido pelos incontornáveis quenianos com Paul Tergat a chegar ao «penta»



Mundial de Corta-Mato

INDIVIDUAL

Masculinos
1973: Paivarinta (FIN); 1974: De Beck (BEL); 1975: Stewart (ESC); 1976: Carlos Lopes (POR); 1977: Shots (BEL); 1978: Treacy (IRL); 1979: Treacy (IRL); 1980: Virgin (EUA); 1981: Virgin (EUA); 1982: Kedir (ETI); 1983: Debele (ETI); 1984: Carlos Lopes (POR); 1985: Carlos Lopes (POR); 1986: Ngugi (QUE); 1987: Ngugi (QUE); 1988: Ngugi (QUE); 1989: Ngugi (QUE); 1990: Skah (MAR); 1991: Skah (MAR); 1992: Ngugi (QUE); 1993: Sigei (QUE); 1994: Sigei (QUE); 1995: Tergat (QUE); 1996: Tergat (QUE); 1997: Tergat (QUE); 1998: Tergat (QUE); 1999: Tergat (QUE)

Femininos
1974: Cacchi (ITA); 1975: Brown (EUA); 1976: Valero (ESP); 1977: Valero (ESP); 1978: Waitz (NOR); 1979: Waitz (NOR); 1980: Waitz (NOR); 1981: Waitz (NOR); 1982: Piuca (ROM); 1983: Waitz (NOR); 1984: Puica (ROM); 1985: Buud (ING); 1986: Buud (ING); 1987: Sergent (FRA); 1988: Kristiansen (NOR); 1989: Sergent (FRA); 1990: Jennings (EUA); 1991: Jennings (EUA); 1992: Jennings (EUA); 1993: Albertina Dias (POR); 1994: Chepgeno (QUE); 1995: Tulu (ETI); 1996: Wami (ETI); 1997: Tulu (ETI); 1998: O'Sullivan (IRL); 1999: Wami (ETI)

EQUIPAS

Masculinos
1973: Itália; 1974: Bélgica; 1975: Nova Zelândia; 1976: Inglaterra; 1977: Bélgica; 1978: França; 1979: Inglaterra; 1980: Inglaterra; 1981: Etiópia; 1982: Etiópia; 1983: Etiópia; 1984: Etiópia; 1985: Etiópia; 1986: Quénia; 1987: Quénia; 1988: Quénia; 1989: Quénia; 1990: Quénia; 1991: Quénia; 1992: Quénia; 1993: Quénia; 1994: Quénia; 1995: Quénia; 1996: Quénia; 1997: Quénia; 1998: Quénia; 1999: Quénia

Femininos
1973: Inglaterra; 1974: Inglaterra; 1975: URSS; 1976: URSS; 1977: Roménia; 1978: EUA; 1979: URSS; 1980: URSS; 1981: URSS; 1982: URSS; 1983: EUA; 1984: EUA; 1985: EUA; 1986: Inglaterra; 1987: EUA; 1988: URSS; 1989: URSS; 1990: URSS; 1991: Quénia; 1992: Quénia; 1993: Quénia; 1994: Portugal; 1995: Quénia; 1996: Quénia; 1997: Etiópia; 1998: Quénia; 1999: Etiópia

[Mais palmarés no Arquivo]

António Leitão

Três ingleses, três quenianos e dois portugueses estão entre os 14 finalistas (o finlandês Vaijio desiste antes da partida) dos 5000 metros dos Jogos Olímpicos de Los Angeles. Ezequiel Canário toma o comando logo de início, impondo um ritmo muito elevado, o que mais convém a António Leitão que, aos 1250 metros, de acordo com o planeado, o rende na frente da corrida. «Não contava com o final de Ryffel e penso que se tivesse atacado mais cedo, aí a uns 600 metros do fim, poderia até ter ganho ao marroquino e ir para a medalha de ouro. Mas, paciência, já não foi nada mau», refere, tentando disfarçar alguma frustração. Após Los Angeles 84 ensarilha-se em lesões e nunca mais volta ao mesmo.

António Leitão é responsável pela 10ª medalha do atletismo português, mas também pela quarta. A 18 de Agosto de 1979, enquanto atleta do Espinho, ganha a medalha de bronze em Bydgoszcz, Polónia, no V Campeonato da Europa de Juniores em pista. Corre os 5000 metros em 13.54,9. O terceiro lugar nas Olimpíadas 84 já acontece num período em que representa o Benfica. A 16 de Setembro de 1982, corre os 5000 metros em Rieti em 13.07,70, o que em 1999 constitui ainda um dos recordes mais antigos de Portugal. Na altura, a marca traduz-se para António Leitão como o quarto melhor atleta do Mundo de todos os tempos. Dois dias depois alcança o recorde de Portugal de duas milhas, com 8.23,98, e melhora-o em Londres, a 7 de Setembro de 1984, para 8.20,86. Como júnior, é recordista nacional de 3000 metros, com 8.11,6, marca alcançada em 25 de Maio de 1978 e inalterável até 2 de Agosto de 1978.

▽ Acompanhando a passada de Lopes e festejando o bronze olímpico ao lado da avó e de José Pedrosa

Evolução de marcas

Ano	1500 m	Ano	5000 m
1977	–	1977	14.14,3
1978	3.50,6	1978	14.12,6
1979	3.47,3	1979	13.54,9
1980	3.46,4	1980	13.52,1
1981	3.43,7	1981	13.42,5
1982	3.38,2	1982	13.07,70
1983	3.40,8	1983	13.14,13
1984	3.46,4	1984	13.09,20
1985	3.45,94	1985	13.19,75
1986	3.44,1	1986	13.15,18
1987	3.43,41	1987	13.23,86
1988	–	1988	–
1989	3.43,6	1989	13.32,28
1990	3.43,7	1990	13.31,26
1991	3.49,1	1991	13.45,5

Melhores marcas 5000 m

Ano	Tempo
1982	13.07,70
1984	13.09,20
1984	13.13,17
1983	13.14,13
1986	13.15,18
1986	13.16,02
1983	13.16,93
1986	13.17,67
1986	13.18,33
1985	13.19,75

Bilhete de Identidade

António Carlos Carvalho Nogueira Leitão
Espinho, 22 de Julho de 1960

Como atleta
CLUBES
Espinho e Benfica

PALMARÉS
3º nos Jogos Olímpicos 1984 (5000m, 13.09,20).
3º no Europeu de juniores 1979 (1500m, 13.54,9).
3º no Mundial de corta-mato 84 (colectivo).
2 vezes campeão nacional de pista 1981 (5000m, 13.46,5) e 1981 (3000m obstáculos, 8.34,5).
2 vezes campeão nacional de juniores 1979 (3000m, 8.17,1) e 1979 (2000m obstáculos, 5.44,8)

Senhor Atletismo

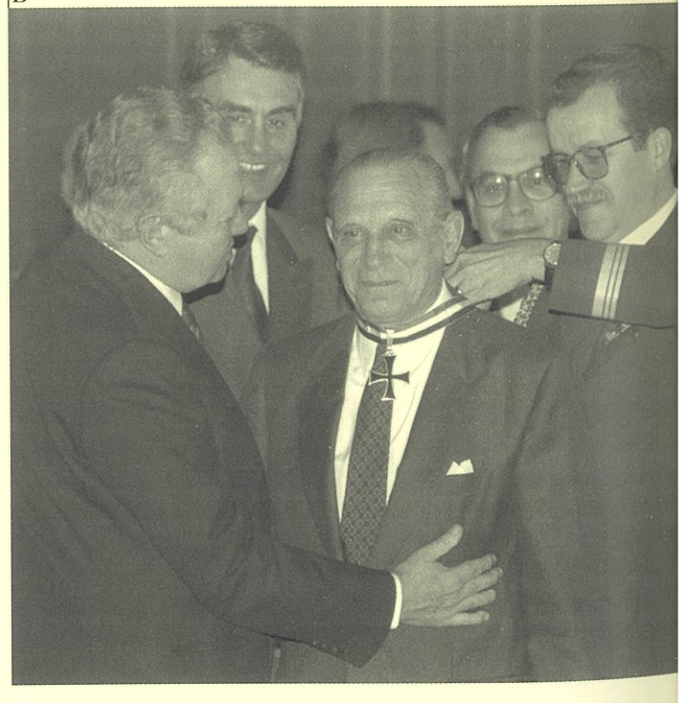
A

B

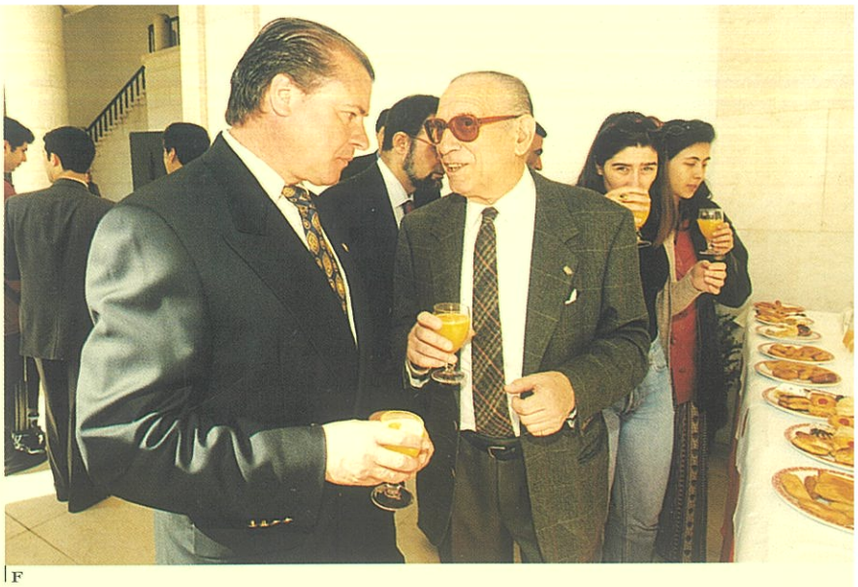
C

Sob a batuta de Mário Moniz Pereira, Carlos Lopes conquista a primeira medalha para o atletismo português e Fernando Mamede bate o recorde mundial dos 10 000 metros. Já antes por duas vezes fica à porta do sucesso. Álvaro Dias, em 1950, na prova de salto em comprimento do Campeonato da Europa, fica em quarto lugar e Manuel de Oliveira, nos Jogos Olímpicos de Tóquio, nos 3000 metros obstáculos, alcança idêntica posição. Lança também, entre outros, os gémeos Domingos e Dionísio Castro que, mais tarde, no abandono de Alvalade, falam de algumas incompatibilidades.
Como treinador de atletismo está presente em 21 Campeonatos Mundiais de Crosse: Waregem (1973), Chepstow (1976), Dusseldorf (1977), Glasgow (1978), Limerick (1979), Paris (1980), Madrid (1981), Roma (1982), Gateshead (1983), Nova Iorque (1984), Lisboa (1985), Neuchâtel (1986), Varsóvia (1987), Auckland (1988), Stavanger (1989), Aix-Les Bains (1990), Antuérpia (1991), Boston (1992), Amorebieta (1993), Budapeste (1994) e Durham (1995). Junta a estes números a participação em oito edições dos Jogos Olímpicos: 1948, 1964, 1968, 1972, 1976, 1984, 1988 e 1992 (vive os eventos de 1952 e 1960 como jornalista e o de 1996 como convidado do Comité Olímpico).
As funções de treinador de atletismo não são exercidas somente no Sporting (campeão nacional e regional em masculinos e femininos), onde com José Roquette passa a ser vice-presidente. Desempenha essas funções também no Centro Desportivo Universitário de Lisboa (campeão nacional e regional de principiantes e juniores), Associação Académica de Coimbra, Centro Universitário de Coimbra e Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico.
Moniz Pereira, entre outros cargos, é director do Estádio Nacional (1976 a 1983), presidente da Comissão de Apoio à Alta Competição (1982), director técnico da Federação Portuguesa de Atletismo, seleccionador nacional de atletismo e voleibol, director dos

D



E



F

cursos de monitores de atletismo de Lisboa, Porto, Coimbra, Viseu, Faro, Funchal, Luanda e Lourenço Marques (1966 e 1967) e presidente da Comissão Central de Árbitros de Voleibol e árbitro internacional no Campeonato do Mundo de 1956, em Paris.

Perfil de atleta

«Uma pessoa não pode apenas dizer como é. Precisa também de demonstrar como é fazendo-o. Não prescindo de um saltinho, de uma barreira e de um lançamento, sempre que possível.» Este princípio norteia a vida de Moniz Pereira, praticante de andebol, basquetebol, futebol, hóquei em patins, ténis de mesa, voleibol e atletismo.

No atletismo, enquanto praticante é, entre outros títulos, campeão universitário de Portugal de triplo salto e recordista nacional, campeão regional e nacional de salto em altura, triplo e salto em comprimento, em veteranos, e recordista ibérico de salto em comprimento na mesma categoria. Ganha a medalha de bronze, no salto em comprimento e triplo salto, no Campeonato Mundial de Veteranos em 1977 (Gotemburgo) e também no triplo salto do Campeonato Europeu de 1982, em Estrasburgo.

No voleibol é campeão de Lisboa pelo Ginásio Clube de Lisboa, de Portugal pelo Sporting e da I Divisão ao serviço do CDUL. Desempenha funções de técnico nesta modalidade, nomeadamente no Sporting, Ginásio Clube de Lisboa, Centro Desportivo Universitário de Lisboa e do Ginásio Clube Português.

Nos galardões recebidos constam a Medalha de Mérito Desportivo (1976), a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique (1980), a Medalha de Honra ao Mérito Desportivo (1984), a Comenda da Ordem da Instrução Pública (1984) e a Medalha de Mérito em Ouro pela Câmara Municipal de Lisboa (1985). É autor dos livros «Manual de Atletismo do Conselho Providencial de Educação Física de Angola» (1961) e «Carlos Lopes e a Escola Portuguesa do Meio-Fundo» (1980) e compositor de 114 temas musicais registados na Sociedade Portuguesa de Autores.

G

A Sempre perto dos seus atletas
B Entre campeões: Carlos Lopes, Fernando Mamede, Aniceto Simões e Carlos Cabral
C Em acção no Mundial de veteranos
D Condecorado pelos serviços prestados
E A pista de Alvalade tem o seu nome
F À conversa com Carlos Lopes
G Segurando o «inimigo»: o cronómetro

Bilhete de Identidade

Mário Alberto Freire Moniz Pereira
Lisboa, 11 de Fevereiro de 1921

Como atleta
CLUBES
INEF (andebol, basquetebol e futebol), Sporting (atletismo, voleibol e ténis de mesa), Hóquei Clube de Sintra (hóquei em patins), Ateneu Comercial de Lisboa (ténis de mesa), Lisboa Ginásio Clube (voleibol) e CDUL (basquetebol e voleibol)

PALMARÉS
3º no salto em comprimento do Mundial de veteranos 1977. 3º no triplo salto do Europeu de veteranos 1982

Como treinador
CLUBES
Sporting (atletismo e voleibol), Centro Desportivo Universitário de Lisboa (atletismo e voleibol), Académica (atletismo), Centro Desportivo Universitário de Coimbra (atletismo), Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico (atletismo), Lisboa Ginásio Clube (voleibol) e Ginásio Clube Português (voleibol)

PALMARÉS*
30 vezes campeão nacional de pista masculinos 1946, 1947, 1948, 1950, 1956, 1957, 1958, 1959, 1961, 1962, 1963, 1964, 1965, 1966, 1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1973, 1974, 1975, 1976, 1977, 1978, 1979, 1981, 1985, 1987, 1988. 24 vezes Campeão nacional pista em femininos 1946, 1947, 1959, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964, 1965, 1966, 1967, 1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1973, 1974, 1975, 1976, 1979, 1980, 1981 e 1987. 33 vezes Campeão nacional crosse masculinos 1948, 1949, 1950, 1952, 1959, 1960, 1961, 1962, 1963, 1965, 1966, 1967, 1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1973, 1974, 1976, 1977, 1978, 1979, 1980, 1982, 1983, 1984, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989 e 1991. 33 vezes Taças Campeões europeus 1977, 1979, 1981, 1982, 1983, 1984, 1985, 1986, 1989, 1990, 1991 e 1992

* Só em atletismo

Automobilismo

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE AUTOMOBILISMO E KARTING É FUNDADA EM 1994, TENDO ORIGEM NA COMISSÃO DESPORTIVA DO AUTOMÓVEL CLUBE DE PORTUGAL (ACP). INTERNACIONALMENTE, A FPAK ESTÁ ENQUADRADA NA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DO AUTOMÓVEL (FIA) E NA FEDERAÇÃO MUNDIAL DE KARTING (FMK)

Campeões mundiais de fórmula 1

1950: Giuseppe Farina (ITA); 1951: Juan Manuel Fangio (ARG); 1952: Alberto Ascari (ITA); 1953: Alberto Ascari (ITA); 1954: Juan M. Fangio (ARG); 1955: Juan M. Fangio (ARG); 1956: Juan M. Fangio (ARG); 1957: Juan M. Fangio (ARG); 1958: Mike Hawthorn (GB); 1959: Jack Brabham (GB); 1960: Jack Brabham (GB); 1961: Phil Hill (EUA); 1962: Graham Hill (GB); 1963: Jim Clark (GB); 1964: John Surtees (GB); 1965: Jim Clark(GB); 1966: Jack Brabham (GB); 1967: Denis Hulme (NZ); 1968: Graham Hill (GB); 1969: Jackie Stewart (GB); 1970: Jochen Rindt (AUT); 1971: Jackie Stewart (GB); 1972: Emerson Fittipaldi (BRA); 1973: Jackie Stewart (GB); 1974: Emerson Fittipaldi (BRA); 1975: Niki Lauda (AUT); 1976: James Hunt (GB); 1977: Niki Lauda (AUT); 1978: Mario Andretti (USA); 1979: Jody Scheckter (AS); 1980: Alan Jones (AUS); 1981: Nélson Piquet (BRA); 1982: Keke Rosberg (FIN); 1983: Nélson Piquet (BRA); 1984: Niki Lauda (AUT); 1985: Alain Prost (FRA); 1986: Alain Prost (FRA); 1987: Nélson Piquet (BRA); 1988: Ayrton Senna (BRA); 1989: Alain Prost (FRA); 1990: Ayrton Senna (BRA); 1991: Ayrton Senna (BRA); 1992: Nigel Mansell (GB); 1993: Alain Prost (FRA); 1994: Michael Schumacher (ALE); 1995: Michael Schumacher (ALE); 1996: Damon Hill (GB); 1997: Jacques Villeneuve (CAN); 1998: Mika Hakkinen (FIN); 1999: Mika Hakkinen (FIN)

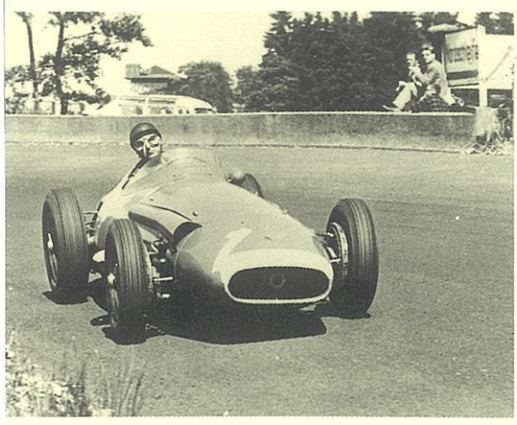
Tudo sobre rodas

A FIA – Fédération International de l'Automobile – é formada em 1904 e representa os interesses das organizações automobilísticas e de todos os utentes de automóveis, em geral. Actualmente, a FIA congrega 149 autoclubes nacionais, representando 116 países, o que se traduz em cerca de 100 milhões de automobilistas.

Estruturalmente, a FIA está dividida em dois ramos: o que diz respeito ao automobilismo quotidiano, que concerne aos problemas relativos à utilização quotidiana do automóvel (segurança, tecnologia automóvel, etc.), e o ramo desportivo, onde desempenha o papel de entidade organizadora de todo o automobilismo desportivo, desde a fórmula 1, fórmula 3000, GT, rali, kart ou mesmo corridas de camiões e de carros solares ou modelos clássicos.

Estas duas divisões da FIA têm imensos pontos de contacto, pois a vertente desportiva tem grande repercussão na evolução tecnológica dos veículos do dia-a-dia, na medida em que é nas pistas e na competição que tantas vezes se testam soluções que são posteriormente lançadas nos carros que cruzam as estradas do Mundo.

Juan Fangio



Diz-se que a sua primeira corrida não é exactamente uma coroa de glória. O táxi convertido em que Fangio corre não aguenta até ao final da prova e desintegra-se. Mas o argentino Juan Manuel Fangio não esmorece e persiste. O que nem ele nem ninguém pode ainda saber é que este jovem argentino de 23 anos, nascido a 24 de Junho de 1911, está destinado a tornar-se um dos nomes mais emblemáticos do automobilismo de sempre.

A sua carreira não é fácil. Fangio trabalha como mecânico, resiste, e consegue concorrer no Gran Premio Internacional del Norte, uma prova duríssima entre Buenos Aires e o Peru e volta, numa distância de mais de 10 mil quilómetros. Fangio vence e torna-se famoso. Quando, com 36 anos, chega à Europa para competir na fórmula 1, ninguém lhe augura uma carreira promissora. No entanto, Fangio vence os Campeonato do Mundo de 51, 54, 55, 56 e 57. A seu respeito diz Phill Hill: «Na maioria dos pilotos, contamos com 25 por cento de piloto e setenta e cinco por cento de carro. Com o velho, sabemos que é 40 por cento de piloto e sessenta por cento de carro, portanto já nos tem batidos com aquela qualquer coisa extra que tem dentro dele.»

Bilhete de Identidade

Juan Manuel Fangio
Balcarce (Argentina), 24 Junho de 1911.
Falecido em 17 de Julho de 1995

Como piloto
EQUIPAS
Alfa Romeo, Mercedes, Maserati, Ferrari

PALMARÉS
5 vezes campeão mundial F1 1951 (Alfa Romeo), 1954 (Mercedes/Maserati), 1955 (Maserati), 1956 (Ferrari), 1957 (Ferrari). 2 vezes vencedor das 12 horas Sebring, 1956 (Ferrari) e 1957 (Maserati). Vencedor da Carrera Pan-americana 53 (Lancia)

Ayrton Senna

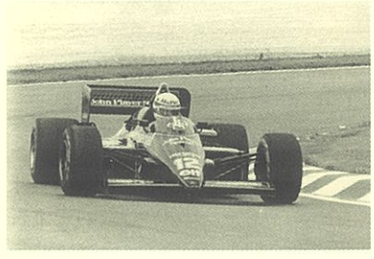
O Mundo pára, de respiração suspensa. Momentos antes, Ayrton Senna, a correr o Grande Prémio de S. Marino, não consegue fazer a curva Tamburello do circuito de Imola e embate numa parede de betão, a mais de 200 km/h. O auxílio é imediato, e o mundo assiste aterrorizado à tentativa de salvamento do seu ídolo, que, ensanguentado, jaz ao lado dos destroços do seu bólide. Senna é transportado para um hospital italiano, onde morre, horas depois, vítima de múltiplas fracturas cranianas e lesões cerebrais.

Ayrton Senna da Silva nasce em São Paulo, a 21 de Março de 1960. A sua carreira automobilística começou nos karts, muitas vezes referenciados como a sua escola de condução. A sua estreia na fórmula 1 acontece em 1984, categoria rainha do automobilismo, em que se sagra campeão por três vezes: em 1988, 1990 e 1991. Detém o recorde de «pole-positions», pelo que durante a carreira ocupa o primeiro lugar na grelha de partida 65 vezes, o dobro de qualquer outro piloto da história da fórmula 1.

Senna quer ganhar sempre, e porque não quando se pode fazer com um carro aquilo que Senna consegue! Dele diz Michael Andretti, seu colega no último ano na McLaren: «Quando ataca uma curva, sabe que o carro vai aguentar. Ele guia simplesmente através dos problemas mecânicos. Eu preciso que o carro 'colabore' comigo para ter uma hipótese, ele não.» No entanto, naquele domingo, em Imola, tal não acontece.

Senna tem consciência de que o seu carro tem problemas e na véspera do acidente declara para o jornal alemão «Welt am Sonntag» que o carro responde «algo nervosamente naquele tipo de superfície» e menciona um «problema na suspensão».

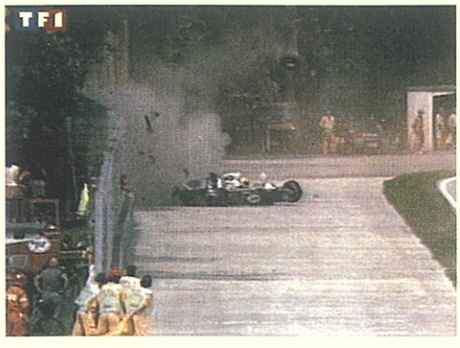
Nesse sábado o piloto austríaco Ratzenberger sofre um acidente fatal. Senna desloca-se à curva Villeneuve onde Ratzenberger faleceu e ali permanece algum tempo, soturno. Nesse mesmo dia telefona à namorada, Adrianne Galisteu, e diz-lhe que não quer correr no domingo. Já na sexta-feira anterior perde o controlo do carro na curva Tamburello, o que o abala profundamente. No domingo de manhã, na sessão de aquecimento, diz aos jornalistas: «O meu carro é muito difícil de guiar.» Receios e premonições que horas depois se confirmam. No Brasil, o choque é avassalador. O público nos estádios de futebol canta o seu nome em uníssono e uma multidão reúne-se em frente do seu apartamento em S. Paulo. Correm lágrimas. Senna morreu.



△ Na Williams, com o motor mais potente

▷ Três carros: Lotus, McLaren e Williams

◁ O acidente que o vitimou, em Imola



Bilhete de Identidade

Ayrton Senna da Silva
S. Paulo (Brasil), 21 de Março de 1960. Falecido em Imola (S. Marino), a 1 de Maio de 1994

Como piloto
EQUIPAS
Lotus, McLaren e Williams

PALMARÉS
3 vezes campeão mundial F1 1988 (McLaren), 1990 (McLaren) e 1991 (McLaren). 161 GP, 41 vitórias e 65 «pole positions» (recordista)

Nélson Piquet

Nélson Piquet nasce no seio de uma família abastada do Rio de Janeiro a 17 de Agosto de 1952. Em 1960 muda-se para Brasília, cidade onde se dedica ao negócio de fibras de vidro. É esta actividade que lhe permite o contacto com o mundo das corridas de automóveis, para as quais chega a especializar-se no fabrico de carroçarias desportivas. Esse conhecimento e a paixão de sempre pela mecânica constituem dois grandes trunfos no seu perfil de piloto. Permitem-lhe avaliar com alguma precisão quais os limites da máquina que conduz.

Constitui uma verdadeira revelação na fórmula 3, de tal forma que em 1979 dá o salto para a fórmula 1, correndo pela Brabham ao lado de Niki Lauda. Em 1981 sagra-se campeão do Mundo; êxito repetido mais duas vezes, em 1983 e 1987. No currículo exibe 23 vitórias em 204 grandes prémios e 24 «pole positions», números que o projectam na elite da fórmula 1.

△ Equipado com as cores da Lotus

△ No Grande Prémio de Portugal (1991)

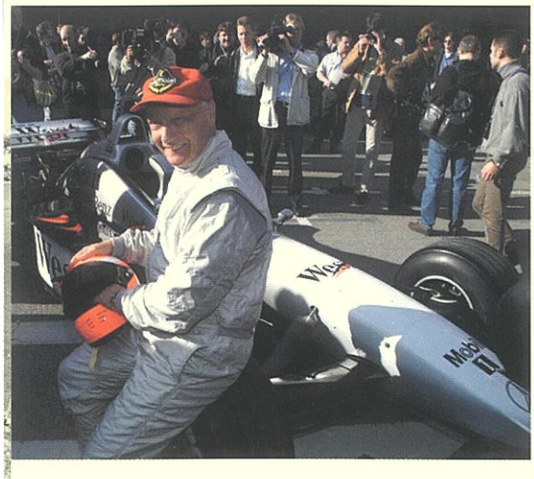
Bilhete de Identidade

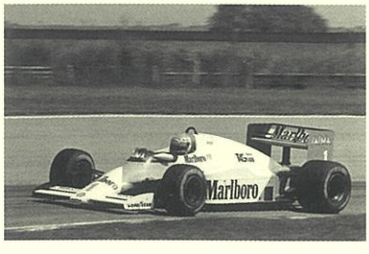
Nélson Piquet Souto Maior
Rio de Janeiro (Brasil), 17 de Agosto de 1952

Como piloto
EQUIPAS
Esign, McLaren, Brabham, Williams, Lotus, Benetton e Menard

PALMARÉS
3 vezes campeão mundial fórmula 1 1981 (Brabham), 1983 (Brabham) e 1987 (Williams), 204 GP, 23 vitórias, 24 «pole positions». Campeão BP F3 inglesa 1978. Campeão brasileiro fórmula Super Vee 1976. Campeão brasileiro de karting 1971 e 1972

Niki Lauda





1 de Agosto de 1976. Niki Lauda está gravemente ferido. Um acidente no circuito de Nurburgring ameaça acabar com a carreira e a própria vida do piloto, que chega mesmo a receber os últimos sacramentos. Contudo, seis semanas depois, já corre novamente e só não vence o Campeonato do Mundo de pilotos por um ponto.

Começa por conduzir empilhadoras, mas rapidamente passa para os camiões. São os veículos disponíveis na fábrica de papel onde o pai trabalha como executivo. É em 1966, depois de assistir ao Grande Prémio da Alemanha, que o jovem austríaco de 17 anos toma a decisão de se tornar piloto de corridas. O primeiro passo para concretizar a vocação é trocar o Mini por uma versão de corrida. Os planos que tem são mantidos à revelia dos pais, pelo menos até ao primeiro pódio da carreira, um segundo lugar, logo atrás do ex-proprietário do seu carro, Fritz Baumgarten, uma espécie de herói local. A proeza é devidamente assinalada nos jornais e as relações com os pais azedam um pouco.

A carreira continua com a passagem pela fórmula Vee, fórmula 2 e, finalmente, a fórmula 1, competição em que se estreia no Grande Prémio da Áustria, em 1971. Sagra-se campeão por três vezes, em 1975, 1977 e 1984. Em 1985, retira-se para se dedicar à gestão da sua própria linha aérea.

◁ Um breve e mediático regresso às pistas, em 1999, só para diversão

◁ Ao volante de um McLaren, em 1985

Bilhete de Identidade

Andreas Nikolaus Lauda
Viena (Áustria), 22 de Fevereiro de 1949

Como piloto
EQUIPAS
BRM, Ferrari, Brabham e McLaren

PALMARÉS
3 vezes campeão mundial F1 1975 (Ferrari), 1977 (Ferrari) e 1984 (McLaren). 171 GP, 25 vitórias, 24 «pole positions», 24 voltas mais rápidas

Alain Prost

O Professor, a Calculadora, o Rei do Rio (6 vitórias em GP Brasil, 5 no Rio de Janeiro), estas são algumas das alcunhas de Alain Marie Pascal Prost, já para não falar naquela, mais ou menos afectuosa, com que Niki Lauda o presenteia: «Fast Son of a Bitch» (algo que traduzido à letra soa como «Rápido Filho de uma Cadela»). E, de facto, Prost é rápido, rápido e eficiente, num estilo que muitos apelidam de calculista e matemático, adquirido ao longo de uma evolução que o leva dos karts, passando pelas fórmulas Ford, 1600 e 3000 até à fórmula 1, em 1980, ano em que alinha pela Mclaren. No entanto, apesar de um promissor sexto lugar na primeira corrida, o ano de caloiro de Prost não corre muito bem, o que motiva a sua transferência para a Renault, escuderia ao serviço da qual obtém a primeira vitória, na África do Sul, no circuito de Kyalami, a primeira das 51 que celebra (Prost é o piloto de fórmula 1 com mais vitórias em GP).

Contudo, apenas em 1984, ao voltar à McLaren, Prost tem a primeira hipótese de se sagrar campeão, uma hipótese gorada por Niki Lauda, que se superioriza ao Professor por apenas meio ponto. Mas no ano seguinte Prost alcança o seu objectivo, mal-grado a tenaz oposição de Michele Alboreto. Em 1986, repete a façanha, deixando para trás Nigel Mansell. Em 1988, Prost ganha um novo companheiro de equipa e um novo rival, Ayrton Senna, que protagoniza com Prost uma das mais discutidas rivalidades da história da F1. E, de facto, Senna vence o troféu em 88. Em 1989 é a vez de Prost que, no ano seguinte, se transfere para a Ferrari, fugindo assim a uma situação que se tornava incontrolável na McLaren. Não havia espaço na escuderia britânica para dois egos como os dos dois pilotos geniais. Mas a machadada final nas relações entre ambos veio no Grande Prémio do Japão, em 1990, quando Senna choca com o carro de Prost, inviabilizando-lhe a conquista do quarto título. Nessa altura Prost diz a respeito de Senna: «É repugnante. Para ele, correr não é um desporto... é uma guerra.» Prost não alinha no ano de 1992, mas volta em 1993 aos comandos de um Williams, carro com que finalmente conquista o tão ambicionado quarto título. Prost retira-se nesse ano, no Grande Prémio da Austrália, em que, ironicamente, é vencido por... Ayrton Senna.

Em 1994, quando as relações entre Senna e Prost parecem começar a entrar numa nova fase, Senna morre tragicamente, o que choca o francês que, no funeral daquele, declara: «Nada que eu possa dizer pode descrever a relação que estávamos a desenvolver.» Em 1996, Prost começa uma nova fase da sua vida ao comprar a escuderia Ligier, que rebaptiza com o seu próprio nome.

Uma história de sucesso para um homem que em tempos afirma que se não fosse piloto estaria a fazer mobílias com o seu pai.

△ Na Williams, obtém o quarto título mundial em 1993

▷ No GP Portugal, em 1988, quando fazia dupla na McLaren com Ayrton Senna

▷ Na companhia dos «seus» pilotos, Jarno Trulli e Olivier Panis, em 1999

Bilhete de Identidade

Alain Prost
Saint Chamond (França), 24 de Fevereiro de 1955

Como piloto
EQUIPAS
Renault, McLaren, Ferrari e Williams

PALMARÉS
4 vezes campeão mundial F1 1985, 1986, 1989 (McLaren) e 1993 (Williams). 199 GP, 51 vitórias, 33 «pole positions». Campeão europeu F3 1979

Pedro Lamy

Pedro Lamy Viçoso é o piloto português mais conceituado de sempre. Rapidamente começa a coleccionar títulos, tanto em minimotocrosse como em minivelocidade, vencendo o título ibérico de minimotocrosse. Em 1985, passa para o karting, onde conquista alguns títulos.

Em 1989, Lamy, com apenas 17 anos, chega à fórmula Ford, tornando-se neste mesmo ano o primeiro campeão de automobilismo português sem carta de condução.

Lamy ruma ao estrangeiro em 1990, através do europeu de fórmula GM/Lotus. Consegue um 10º lugar nesta competição e uma vitória na Taça das Nações da categoria, vitória que se repete no ano seguinte e à qual ainda soma o título europeu.

O ano de 1992 é um ano dourado para Lamy, que vence a fórmula 3 alemã e o Marlboro Masters e consegue prestações razoáveis nos GP de Macau e do Mónaco. Sucessos que o projectam para a F 3000, em que alcança o segundo lugar no campeonato de 1993, ao volante de um Crypton Reynard, e o passaporte para a F1, com a Lotus. Em 1994, por força de um acidente em Silverstone, retira-se, só regressando à F1 em 1995, pela Minardi. Um ano que assinala a conquista do primeiro ponto português na F1, precisamente no último GP da temporada, na Austrália. Cumpre o ano de 1997 no campeonato GT e obtém a quinta posição em Le Mans, ao volante de um Porsche. Em 1998 vence o campeonato de GT2 e chega ao segundo lugar de Le Mans em GT2. Em 1999 corre em Le Mans num Mercedes CLR, fazendo equipa com o alemão Bernd Schneider e o francês Franck Lagorce. Contudo, não conclui a prova.

◁ Pedro Lamy em duas fases da carreira: na fórmula 1, com um Minardi (1995) e preparando as 24 horas de Le Mans, num Mercedes (1999)

Bilhete de Identidade

Pedro Lamy Viçoso
Aldeia Galega, 20 de Março de 1972

Como piloto
EQUIPAS
David Sears, Draco Racing, WTS, Crypton, Lotus, Minardi e Schubel Engineering

PALMARÉS
32 presenças em GP de F1. 17º no Mundial F1 1995 (Minardi Team Spa-Minardi/Ford). 6º no GP Austrália 1995. 8º GP do Pacífico 1994 (Team Lotus Mugen/Honda). 10º GP Bélgica (Minardi Team Spa-Minardi/Ford) 1996. 11º no GP Japão (Team Lotus – Lotus/Ford). Campeão mundial FIA GT2 98 (Chrysler Viper – GT2), 2º nas 24 horas de Le Mans 1998 (Chrysler Viper – GT2). 5º nas 24 horas de Le Mans 1997. Campeão europeu fórmula Opel 1991 (Draco Racing). Vice-campeão europeu de F 3000 1993 (Crypton). Campeão alemão F3 92 (WTS). 10º na fórmula Opel Euroseries 1990 (David Sears). Campeão nacional fórmula Ford 1989. Campeão nacional karting 1988 (categoria inter 100). Vice-campeão nacional karting 1987 (categoria verde), 1986 (categoria primavera) e 1985 (categoria primavera)

Nicha Cabral

Quatro grandes prémios e um décimo lugar. Não é um grande saldo para o primeiro português a correr na fórmula 1. Nicha Cabral corre pela primeira vez no GP Portugal de 1959, ano em que completa 25 anos. O seu Cooper, equipado com motor Maserati, parte da 14ª posição da grelha do circuito de Monsanto e acaba em 10º lugar. Um fim feliz se comparado com a prestação do ano seguinte, em que um acidente o impede de terminar a corrida. Em 1963, Nicha Cabral arrisca sair fora de portas para correr o GP Alemanha, no circuito de Nurburgring, mas é afastado prematuramente da prova por um problema na caixa de velocidades do Cooper Climax.

Bilhete de Identidade

Mário Araújo Cabral
Porto, 15 Janeiro de 1934

Como piloto
EQUIPAS
Cooper e Derrington-Francis

PALMARÉS
5 presenças em GP de F1 Portugal 1959 (Cooper/ /Maserati), Portugal 1960 (Cooper/Maserati), Alemanha 1963 (Cooper/Climax), Itália 1963 (Cooper/.T.S). 10º lugar no GP Portugal 1959

Michael Schumacher

Michael Schumacher surpreende o mundo da fórmula 1 em 1994 ao sagrar-se campeão do Mundo ao volante de um Benetton Ford, batendo candidatos em marcas tradicionalmente mais fortes. É certo que é um título polémico, num ano negro para o circo da F1; Senna morre, a Williams é envolvida numa investigação para apurar as causas da morte do piloto brasileiro e a McLaren e a Ferrari estão longe do fulgor de outros tempos.

Michael Schumacher inicia-se no mundo dos automóveis na fórmula Konig, em 1987, ascendendo rapidamente à fórmula Ford, onde alcança o segundo lugar no campeonato da Europa. Depois de passar pela fórmula 3 alemã e pela fórmula 3000, em 1991, chega à fórmula 1, estreando-se pela Jordan no GP Bélgica. No entanto, esta é a única prova que faz pela escuderia britânica, passando a representar a Benetton. Em 1992 termina o campeonato em terceiro lugar e consegue subir ao pódio em oito ocasiões, uma das quais ao lugar cimeiro, na Bélgica. Em 1993 acaba em quarto lugar, com uma vitória no GP Portugal. O ano seguinte é o ano da consagração, campeão por um ponto contra Damon Hill. Em 1995 vence novamente o título de melhor piloto, com nove vitórias. Em 1996 assina um contrato milionário com a Ferrari e, em 1997 e 1998, vê goradas as possibilidades de conquistar um terceiro título.

△ Os «tiffosi» da Ferrari seguem com entusiasmo o aquecimento para o GP Itália, em Monza

▽ Mais uma vitória, esta no GP Hungria, em 1999

1951 – Juan Fangio conquista o primeiro Mundial de F1, aos 40 anos

1953 – Nove espectadores são mortos pelo despiste do Ferrari do italiano Giuseppe Farina no GP Argentina

2 JUL 58 – Fangio raptado por comando terrorista. Episódio que, anos mais tarde, serve de base para um filme do argentino Alberto Lecchi

7 ABR 68 – O britânico Jim Clark, bicampeão de F1, morre no circuito de Hockenheim, numa corrida de F2

1975 – Durante o GP Inglaterra, uma inundação em parte da pista do autódromo de Silverstone provoca um acidente que envolve 12 viaturas

1976 – Niki Lauda sofre acidente no GP Alemanha, em Nurburgring

8 MAI 82 – Gilles Villeneuve morre num acidente durante os treinos para o GP Bélgica, no circuito de Zolder

1986 – Tragédia no Rali de Portugal. Despiste de Joaquim Santos provoca a morte de quatro pessoas e fere trinta

1991 – Pedro Matos Chaves ingressa na F1, pela escuderia Coloni, tornando-se o primeiro português a ingressar a F1 desde Nicha Cabral

1 MAI 94 – Ayrton Senna morre na sequência de um despiste no GP San Marino, no autódromo de Imola

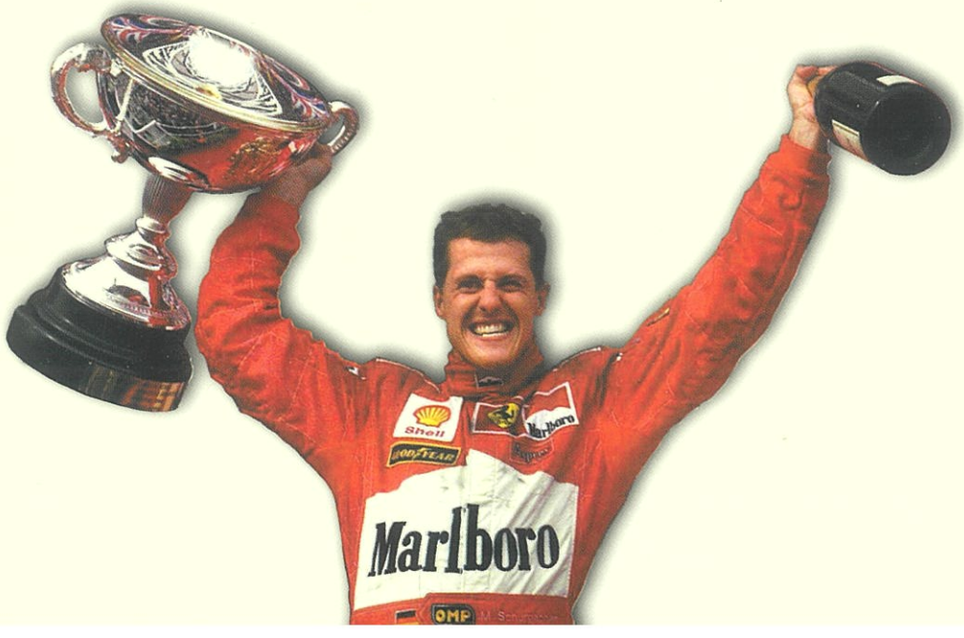
30 NOV 97 – Morre César Torres

Bilhete de Identidade

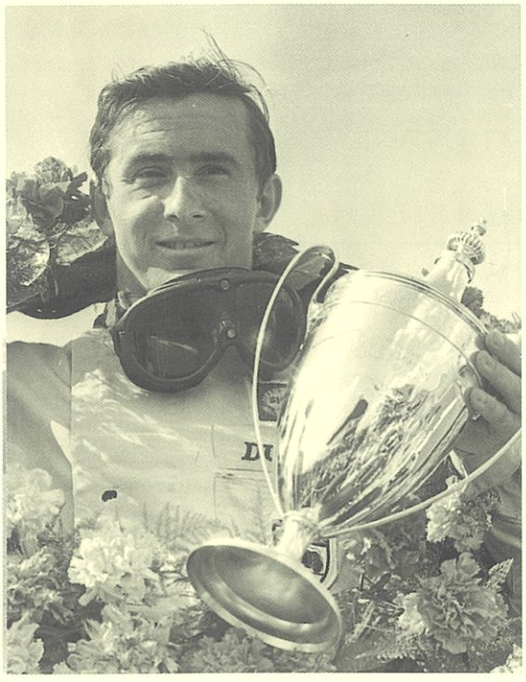
Michael Schumacher
Hurth-Hermulheim (Alemanha), 3 de Janeiro de 1969

Como piloto
EQUIPAS
Jordan, Benetton e Ferrari

PALMARÉS
2 vezes campeão mundial F1 (Benetton) 1994 e 1995. Campeão fórmula 3000 internacional 1991.
Campeão alemão de fórmula 3 1990.
Vice-campeão europeu fórmula Ford 1600, 1988.
Campeão Europeu de karting 1987.
Campeão alemão de karting 1987



Jackie Stewart



Jackie Stewart nasce a 11 de Junho de 1939, em Milton, na Escócia. Dir-se-ia que a paixão pela velocidade e pelos motores é uma «doença» na família do Escocês Voador. O pai é motociclista e proprietário de uma garagem e um «stand» de venda de automóveis, e o irmão mais velho era piloto de carros de corrida. Ironicamente, é por o irmão mais velho ser piloto e ter tantos desastres que a família se opõe a que o jovem Jackie siga o mesmo caminho. E, no fundo, não precisam de se preocupar, pois não está no sangue de Jackie Stewart seguir, antes liderar... e vencer.
Começa a carreira nos Jaguar da família, depois passa para os GT e para a fórmula 3, em 1964. Apenas cinco dias depois de vencer a sua primeira prova é convidado a ingressar na fórmula 1. Recusa, com o pretexto de ainda não estar preparado. No entanto, no mesmo ano assina pela BRM como parceiro de Graham Hill. Em 1969 vence o seu primeiro campeonato do Mundo, ao volante de um Matra-Ford. Em 1971, agora na Tyrrel, vence o segundo campeonato, o que lhe vale a Ordem do Império Britânico. Em 1973, depois de no ano anterior quase se afastar por problemas com uma úlcera, vence o seu terceiro título.
Ostenta seu currículo 27 vitórias em 99 grandes prémios.

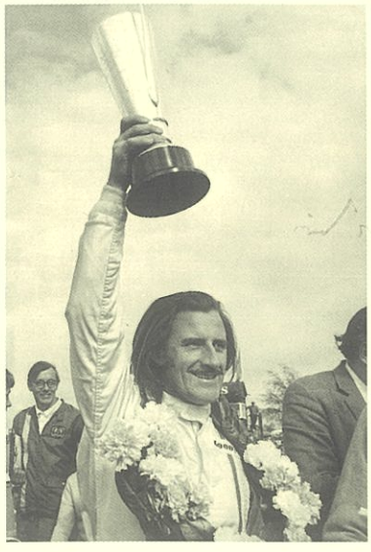
Bilhete de Identidade

John Young Stewart
Dunbarton (Escócia), 11 Junho de 1939

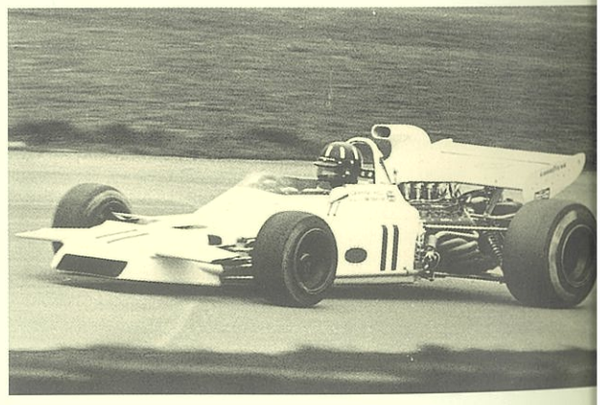
Como piloto
EQUIPA
BRM, Matra e Tyrrel

PALMARÉS
3 vezes campeão mundial F1 1969 (Matra) 1971 (Tyrrel) e 1973 (Tyrrel). 99 GP, 27 vitórias e 17 «pole positions»

Graham Hill



Norman Graham Hill, pai de Damon Hill, pode ser considerado como a excepção ao ditado popular «de pequenino se torce o pepino». Hill conduz um automóvel pela primeira vez aos 24 anos. No mesmo ano experimenta os seus dotes num carro de corrida, depois de pagar a entrada no Universal Motor Racing Club. Trabalha como mecânico de carros de corrida até 1955, quando começa realmente a carreira de piloto. Em 1958, entra para a fórmula 1, para a BRM, ao serviço da qual vence o seu primeiro campeonato do Mundo de F1, em 1962, proeza que repete em 1968. Em 1972 vence ainda as 24 horas de Le Mans, entrando assim no restrito clube de pilotos de F1 que vencem Le Mans.
Por ironia, depois de uma vida de risco vivida a alta velocidade, morre num acidente de avião, em 1975, em que também perde a vida o jovem compatriota, e piloto de F1, Tony Brise.



▷ Ao volante de um Brabham inovador, o «BT 37 Grand Prix», com novo desenho do depósito de gasolina e do radiador

Bilhete de Identidade

Graham Hill
Hampstead, Londres (Inglaterra) 15 Fevereiro 1929. Falecido em Londres (Inglaterra) a 29 Novembro 1975

Como piloto
EQUIPAS
BRM e Lotus

PALMARÉS
2 vezes campeão mundial F1 1962 (BRM) e 1968 (BRM). Campeão Indianápolis 500 1966.
179 GP, 14 vitórias, 13 «pole positions»

Estrada fora

Cumprir um determinado percurso de características difíceis no menor espaço de tempo possível é a base do conceito que norteia os ralis. Extremamente atractivo para as marcas automóveis, este tipo de prova permite que os veículos participantes evidenciem os respectivos desempenhos e sirvam (aparentemente) de referência para os modelos comercializados em série, nos quais são obrigatoriamente baseados. Aliás, este é um dos imperativos do regulamento em vigor desde 1987.
A prova máxima é o Campeonato do Mundo de Ralis. Concretamente, são duas provas: Campeonato do Mundo de Construtores e de Pilotos. A competição é disputada em várias «etapas», entre as quais se destacam o Rali de Monte Carlo, o da Acrópole, Mil Lagos, RAC, Safari e Rali de Portugal.

Markku Allen

Ainda não existe Campeonato do Mundo de Ralis, mas Markku Allen, vencedor da Taça FIA em 1978, bem pode ser encarado como um verdadeiro campeão do Mundo, já que esta prova é a antecessora do Campeonato do Mundo de Ralis.
O finlandês tem no currículo dezanove vitórias em provas do Mundial de Ralis, quatro vitórias no Rali dos Mil Lagos e quatro no Rali de Portugal, além de duas vitórias no Rali da Córsega.

Michèle Mouton

Fazendo tábua rasa de quaisquer preconceitos machistas e ignorando alguns comentários acerca da alegada incompatibilidade genética entre as mulheres e o volante de um automóvel, a francesa Michèle Mouton consegue alcançar, em 1982, a segunda posição do Campeonato do Mundo de Ralis.

A carreira em ralis começa em 1973. Em 1974 estreia-se no Campeonato do Mundo e sagra-se campeã da Europa das categorias femininas em cinco ocasiões até ao fim dos anos 70.
A fórmula vencedora desta francesa, nascida em Grasse a 23 de Junho de 1951 – «muito trabalho, aplicação e algumas qualidades natas» –, ajuda-a a vencer a sua primeira prova do Mundial de Ralis em 1981, em S. Remo, ao volante de um Audi Quattro. No ano seguinte vence os ralis da Acrópole, de Portugal e do Brasil, o que lhe permite alcançar o título de vice-campeã do mundo. Proeza que não volta a repetir.
Em 1986, coincidindo com a extinção do Grupo B, onde se inseria o Audi Quattro, despede-se da competição, dedicando-se actualmente à organização de eventos automobilísticos e à actividade de empresária.

Pedro Matos Chaves

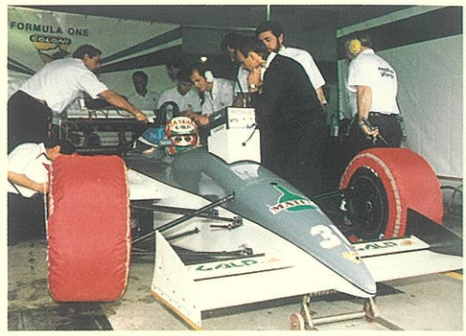
Diz o velho ditado que quem corre por gosto não cansa e a sabedoria popular aplica-se bem a Pedro Matos Chaves, piloto «trotamundos» que conhece bem a(s) diferente(s) realidade(s) do automobilismo mundial.

Nascido no Porto a 27 de Fevereiro de 1965, dá os primeiros passos como piloto nos karts em 1980. Passa pelos Toyota Starlet, fórmula Ford e fórmula 3000, categoria em que se sagra campeão em 1990.

No ano seguinte, ingressa na fórmula 1, embora numa escuderia modesta, a Coloni, que nunca lhe permite qualificar-se para qualquer grande prémio.

Em 1992, muda para a fórmula Indy Lights e em três anos assegura um balanço positivo nesta competição norte-americana: é quarto na geral em 1993; quinto em 1994, tal como em 1995, ano da sua única vitória, em Vancouver.

O campeonato espanhol de superturismo é o cenário competitivo em 1996 e Pedro Matos Chaves alcança um lugar no pódio ao classificar-se em segundo lugar. Segue-se uma discreta passagem pelo campeonato de GT em 1997 e o regresso a Portugal em 1998, para o Campeonato Nacional de Ralis.



Δ Três fases da carreira: no Nacional de Ralis, na fórmula 1, ao serviço da escuderia Coloni, e na fórmula Indy Lights

Bilhete de Identidade

Pedro Matos Chaves
Porto, 27 de Fevereiro de 1965

Como piloto
PALMARÉS
Campeão fórmula 3000 em 1990. Presença no Campeonato F1 1991 (não é apurado para nenhum GP).
4º no Campeonato Americano de fórmula Indy Lights 1993. 5º na Fórmula Indy Lights 1994 e 1995. 2º no campeonato espanhol de superturismo

Rui Madeira

Rui Madeira tem em 1995 um ano de ouro. Sagra-se campeão mundial (Grupo N) e vence os ralis de Portugal, da Córsega, RAC (Inglaterra) e da Catalunha (sempre no agrupamento de produção), conduzindo um Toyota Celica GT Four.

Rui Adelino Pinto Madeira nasce em Almada, a 1 de Março de 1969. A via académica leva-o à arquitectura, mas são outras as linhas que escolhe traçar. A primeira verdadeira incursão no desporto automóvel é registada em 1989, no Troféu Marbella, conquistado no ano seguinte. Domina as edições de 1993 e 1994 do Nacional de Ralis, no Grupo N, e no ano seguinte triunfa de forma brilhante na Taça FIA, no mesmo agrupamento.

Em competições internacionais, o piloto-arquitecto conquista a Taça de Equipas FIA do Mundial 98, desta feita pela HF Grifone.

Bilhete de Identidade

Rui Adelino Pinto Madeira
Almada, 1 de Março de 1969

Como piloto
EQUIPAS
Seat, Toyota, HF Grifone

PALMARÉS
Campeão mundial Grupo N (Toyota Celica GT Four) 1995. Vencedor da Taça de Equipas FIA Mundial 98 (HF Grifone). Vencedor da Taça FIA Grupo N, 1995. 2 vezes campeão nacional ralis, 1993 e 1994 Grupo N. Troféu Marbella (Seat), 1990

Juha Kankkunen

Juha Kankkunen é o mais bem sucedido piloto de ralis. Finlandês, quatro vezes campeão do Mundo, começa a carreira em 1978, correndo em provas do seu país natal. Disputa a primeira prova do Mundial de ralis também na Finlândia, o Rali dos Mil Lagos, ao volante de um Ford Escort e consegue um prometedor 14º lugar.
Contudo, a carreira de Kankkunen conhece o arranque definitivo apenas em 1983, quando consegue um brilhante sexto lugar no Rali dos Mil Lagos. No ano seguinte vence no Quénia e na Costa do Marfim.
Em 1986, com o seu navegador e grande amigo Juha Piironen, conquista o seu primeiro título de campeão mundial, ganhando os ralis da Suécia, Acrópole e Nova Zelândia. Em 1987 vence o decisivo Rali RAC, da Inglaterra, e arrebata o seu segundo Campeonato do Mundo.
Em 1991 Kankkunen triunfa em cinco ralis – Safari, Mil Lagos, Acrópole, Austrália e RAC –, feito inédito na história do Mundial de ralis. Em 1993 arrebata o quarto Campeonato do Mundo, o que constitui um recorde da modalidade.

Fora das provas do Campeonato do Mundo de Ralis é ainda detentor de uma vitória no mítico Paris-Dakar, em 1988.

Bilhete de Identidade

Juha Kankkunen
Laukaa (Finlândia) 2 de Abril de 1959

Como piloto
EQUIPAS
Peugeot, Lancia, Subaru

PALMARÉS
4 vezes campeão do Mundo de Ralis, 86, 87, 91 e 93. 1º lugar no Paris-Dakar 88. 138 participações em provas do Campeonato do Mundo de Ralis, 23 vitórias (recorde)

Carlos Sainz

Carlos Sainz, campeão espanhol de... squash? De facto, o campeão mundial de ralis começa cedo a vida desportiva. Aos 16 anos vence o campeonato espanhol de squash e também pratica esgrima, golfe, esqui, futebol e ténis.
O automobilismo surge na sua vida aos 19 anos (1981), vencendo logo na primeira época o Campeonato Nacional Seat Panda. Mais tarde, arrebata o Troféu Renault 5 e o Renault 5 Turbo. Segue-se o Campeonato Espanhol de Rali, ficando em 2º lugar em 1985 e 1986. O título vem no ano seguinte, ao volante de um Ford Sierra Cosworth. E é a Ford que lhe dá as primeiras oportunidades no circuito mundial, em 1987.
Em 1988 vence novamente o campeonato espanhol e participa em cinco provas do Mundial. Em 1990, Sainz muda-se para a Toyota, marca ao serviço da qual vence o primeiro título mundial já nesse ano. Feito que repete em 1992.

Bilhete de Identidade

Carlos Sainz Cenamor
Madrid (Espanha), 12 de Abril de 1962

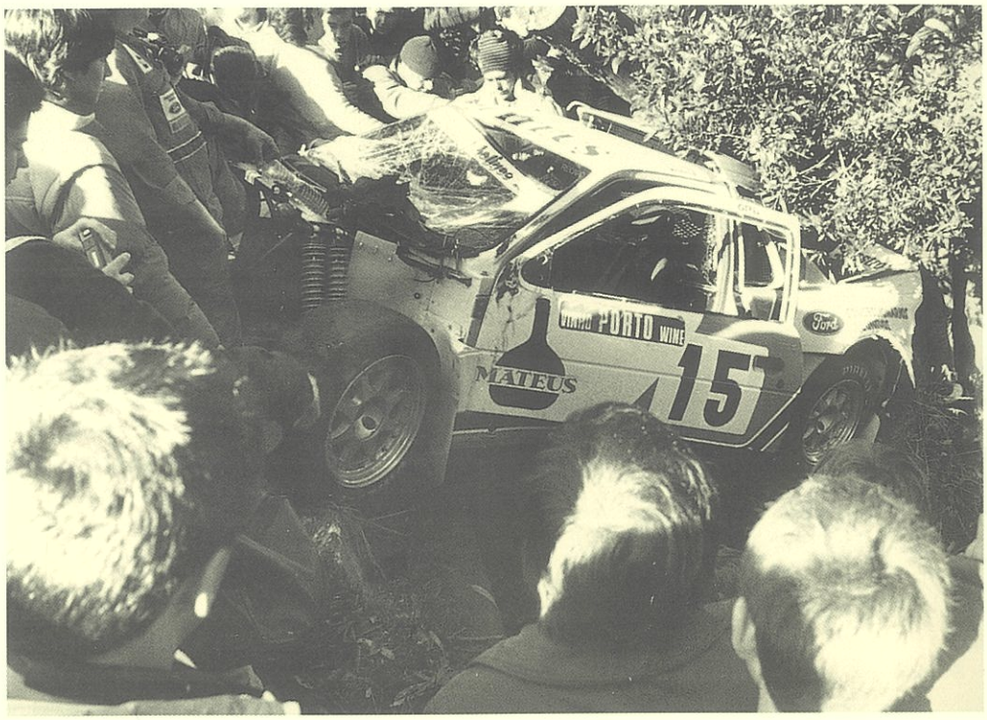
Como piloto
EQUIPAS
Renault Madrid, Renault Espanha, Ford, Toyota Team Europe, Subaru

PALMARÉS
2 vezes campeão mundial de Ralis 1990 (Toyota) e 1992 (Toyota). Vice-campeão mundial 1991 (Toyota), 1994 (Subaru), 1995 (Subaru) e 1998 (Toyota). 3º no Mundial de Ralis 1996 e 1997

Rali de Portugal

Rali de Portugal

1967: Carpinteiro Albino/Silva Pereira (Renault 8 Gordini); 1968: Tony Fall/Ron Crelin (Lancia Fulvia HF 1300); 1969: Francisco Romãozinho/«Jocames» (Citroën DS 21); 1970: Simo Lampinen/John Davenport (Lancia Fulvia HF 1600); 1971: Jean Pierre Nicolas/John Todt (Renault Alpine A 110 1800); 1972: Achim Warmbold/John Davenport (BMW 2002 Alpine); 1973: Jean Luc Therier/Jacques Jaubert (Renault Alpine A 110 1800); 1974: Rafaelle Pinto/ /Arnaldo Bernacchini (Fiat 124 Spyder 1800); 1975: Markku Allen/Ilkka Kivimaki (Fiat 124 Spyder 1800); 1976: Sandro Munari/Sílvio Maiga (Lancia Stratos HF); 1977: Markku Allen/Ilkka Kivimaki (Fiat 131 Abarth); 1978: Markku Allen/Ilkka Kivimaki (Fiat 131 Abarth); 1979: Hannu Mikkola/Arne Hertz (Fiat Ford Escort RS 1800); 1980: Walter Rohrl/Christian Geistdorfer (Fiat 131 Abarth); 1981: Markku Allen/Ilkka Kivimaki (Fiat 131 Abarth); 1982: Michèle Mouton/Fabrizia Pons (Audi Quattro); 1983: Hannu Mikkola/Arne Hertz (Audi Quattro); 1984: Hannu Mikkola/Arne Hertz (Audi Quattro); 1985: Timo Salonen/Seppo Harjanne (Peugeot 205 Turbo 16); 1986: Joaquim Moutinho/Edgar Fortes (Renault 5 Turbo); 1987: Markku Allen/Ilkka Kivimaki (Lancia Delta HF 4 WD); 1988: Massimo Biasion/Carlo Cassina (Lancia Delta Integrale); 1989: Massimo Biasion/Tizinao Siviero (Lancia Delta Integrale); 1990: Massimo Biasion/Tizinao Siviero (Lancia Delta Integrale); 1991: Carlos Sainz/ /Luis Moya (Toyota Celica GT Four); 1992: Juha Kankkunen/Juha Piironen (Lancia HF Integrale); 1993: François Delecour/Grataloup (Ford Escort RS Cosworth); 1994: Juha Kankkunen/Nicky Grist (Toyota Celica Turbo 4wd); 1995: Carlos Sainz/Luis Moya (Subaru Impreza 555); 1996: Rui Madeira/Nuno Silva (Toyota Celica GT Four); 1997: Tommi Makinen/Seppo Harjanne (Mitsubishi Lancer Evo IV); 1998: Colin McRae/Nicky Grist (Subaru Impreza 555 WRC); 1999: Colin McRae/Nicky Grist (Ford Focus WRC)



Quando a dupla Colin McRae e Nicky Grist sobe ao pódio para receber o troféu do Rali de Portugal 99 (já o fizera em 1998), cumpre-se, uma vez mais, o momento alto da temporada automobilística nacional. Na 33ª edição de cariz internacional, volta a confirmar o estatuto de um dos melhores do Mundo.

No princípio da década de 60, um grupo formado por trabalhadores da TAP amantes do automobilismo começa a organizar uma competição destinada exclusivamente aos funcionários da transportadora. Amílcar Cabral é o vencedor dos primeiros anos. Aberta em 1965 às telecomunicações – com César Torres a dirigir pela primeira vez –, a modesta prova nacional assume estatuto internacional em 1967. Participam 53 concorrentes (o número de inscritos chega aos 72), 16 deles estrangeiros. Jean Pierre Nicolas e Joseph Bourdon, ambos em Renault 8 Gordini 1300, são os mais conhecidos. No final restam 11 participantes, com apenas oito a serem classificados. Disputam-se seis etapas, 2324 km de percurso comum e oito provas de classificação.

Em 1970, o Rali português é incluído no Campeonato da Europa. Continua com os clássicos locais de partida. Em S. Sebastian (Espanha) começa o percurso comum de 3060 km. Um ano depois, os concorrentes já convergem para uma cidade portuguesa, Bragança. Em 1973, passa a fazer parte do Campeonato do Mundo.

Outro ponto de viragem sucede em 1975. A TAP cede o lugar de patrocinador ao Instituto do Vinho do Porto e o ACP passa a ser o organizador em vez do Grupo Cultural e Desportivo da TAP. O finlandês Markku Allen consegue a primeira das suas cinco vitórias.

Em 1978, o finlandês protagoniza um duelo inesquecível com Hannu Mikkola. Só na última classificativa (Sintra 4) o triunfo fica decidido. Um toque numa pedra provoca um furo no Ford Escort RS 1800 de Mikkola.

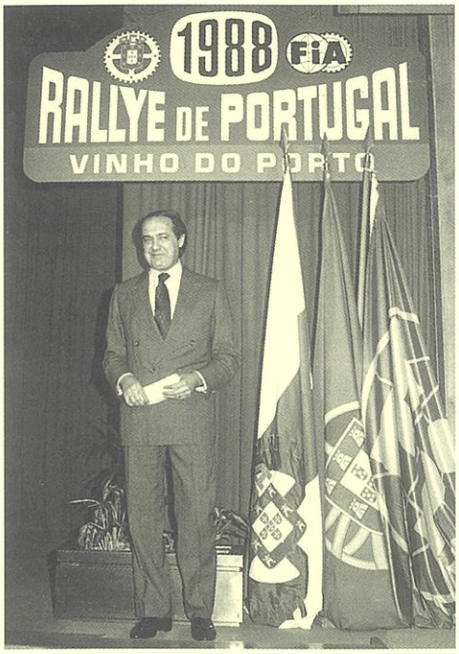
A tragédia atinge o Rali em 1986, quando Joaquim Santos perde o controlo do seu Ford, provocando a morte de quatro pessoas e ferimentos em 30. Na sequência do acidente, as principais equipas retiram os concorrentes de prova.

O Rali de Portugal 98 é o último com o cunho de Alfredo César Torres. Falecido a 30 de Novembro de 1997, o grande impulsionador da prova deixa mais uma demonstração do seu profissionalismo: o «seu» rali fica organizado.

△ O carro de Joaquim Santos, depois do acidente em 1986

◁ Momentos espectaculares do Rali de Portugal: a mestria de Sainz e o histórico Markku Allen

César Torres



Uma vida ao serviço do desporto automóvel. O nome de César Torres está para sempre ligado ao desporto automóvel: como piloto, presidente do Automóvel Club de Portugal, fundador da Federação Portuguesa de Automobilismo e Karting, responsável pelo regresso do Campeonato do Mundo de Fórmula 1 ao nosso país e, acima de tudo, como o «pai» do Rali de Portugal. Organiza e desenvolve esta competição durante trinta e dois anos, contribuindo decisivamente para guindar esta prova a um lugar de destaque no Mundial da especialidade.

No plano internacional, é membro do Conselho Mundial da FISA, chegando mesmo a ocupar o cargo de vice-presidente desta organização. Em 1986 passa a integrar o Comité da FIA, sendo eleito vice-presidente em 1988, cargo no qual é reconduzido em 1990. Também integra, em 1984, o lugar de membro do Comité Financeiro da FIA, como representante da FISA. O auge do percurso de César Torres na hierarquia internacional do desporto automóvel é atingido em 1993, quando da incorporação da FISA na FIA, com a nomeação para presidente delegado para o Desporto. Em 1997, volta a ser eleito para desempenhar este cargo.

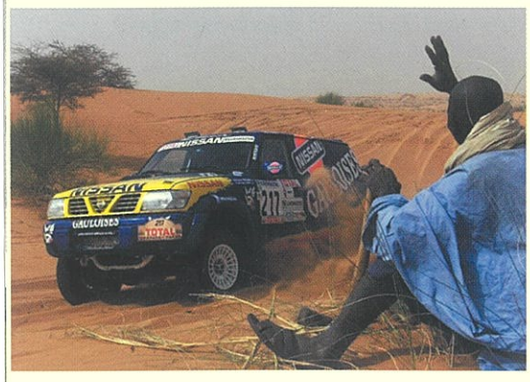
Como reconhecimento do trabalho que desenvolve na organização do Rali de Portugal e na edição nacional do Grande Prémio de Fórmula 1, assume durante oito anos as funções de presidente da Junta de Turismo da Costa do Estoril e é nomeado, em 1990, secretário de Estado do Turismo no mandato de Cavaco Silva, lugar que ocupa até Outubro de 1991.

A 30 Novembro de 1997 morre, em Londres, após doença prolongada, deixando o automobilismo português e o Desporto, em geral, infinitamente mais pobres.

Campeões nacionais de ralis

1966: Manuel Lopes Gião; 1967: Américo da Silva Nunes; 1968: Américo da Silva Nunes; 1969: António Sarmento Rebelo (Turismo de Série), Luís Netto: (Turismo e Turismo Especiais), Américo da Silva Nunes (Grande Turismo e Desporto); 1970: Jorge Sobral de Nascimento (Turismo de Série), José Eduardo Carpinteiro Albino (Turismo Especial), Américo da Silva Nunes (Grande Turismo, Desporto e Protótipos); 1971: António Carlos Oliveira (Turismo de Série), Jorge Nascimento (Turismo Especial), Giovanni Salvi; 1972: Luís Netto (Turismo de Série), António Raposo de Magalhães (Turismo Especial), António Fernandes Borges (Grande Turismo, Desporto e Protótipos); 1973: «Mêquêpê» (Turismo de Série), Rui Gonçalves (Turismo Especial), Luís Netto (Agrupamento de Grande Turismo); 1974: Não há campeonato; 1975: Manuel Inácio; 1976: António Diegues; 1977: Giovanni Salvi; 1978: Carlos Torres Marques Pires; 1979: José Pedro Borges; 1980: António Santinho Mendes; 1981: António Santinho Mendes; 1982: Joaquim Coelho da Rocha Santos (Campeão Absoluto), José António Inverno Amaral (Grupo N); 1983: Joaquim Coelho da Rocha Santos (Campeão Absoluto), Nuno de Jesus Madeira (Grupo N); 1984: Joaquim Coelho da Rocha Santos (Campeão Nacional Absoluto), Jorge Ortigão de Oliveira (Grupo A), Manuel Mello Breyner (Grupo N); 1985: Joaquim Moutinho da Silva Santos (Campeão Absoluto), António Gomes Coutinho (Grupo A), Manuel Mello Breyner (Grupo N); 1986: Joaquim Moutinho da Silva Santos (Campeão Absoluto), Jorge Ortigão de Oliveira (Grupo Turismo), António Gomes Coutinho (Grupo Produção); 1987: José António Inverno Amaral (Campeão Absoluto), Manuel Filipe Rolo (Grupo Produção); 1988: Carlos Mário Costa Bica (Campeão Absoluto), Tomás Mello Breyner (Grupo Produção), Joaquim Coelho Rocha Santos (Grupo Turismo); 1989: Carlos Mário Costa Bica (Campeão Absoluto), Carlos Mário Costa Bica (Grupo Turismo), José Miguel Leite Faria (Grupo Produção); 1990: Carlos Mário Costa Bica (Campeão Absoluto), Carlos Mário Costa Bica (Grupo Turismo), João Francisco Ferreira Santos (Grupo Produção); 1991: Carlos Mário Costa Bica (Campeão Absoluto), Carlos Mário Costa Bica (Grupo Turismo), Fernando José Martins Peres (Grupo Produção); 1992: Joaquim Coelho Rocha Santos (Campeão Absoluto), Joaquim Coelho Rocha Santos (Grupo Turismo), Fernando José Martins Peres (Grupo Produção); 1993: Jorge Manuel Costa Bica (Campeão Absoluto), Jorge Manuel Costa Bica (Grupo Turismo), Rui Adelino Pinto Madeira (Grupo Produção), José Carlos Araújo Macedo (Grupo Turismo 2 Litros); 1994: Fernando José Martins Peres (Campeão Absoluto), Fernando José Martins Peres (Grupo Turismo), Rui Adelino Pinto Madeira (Grupo Produção), José Carlos Araújo Macedo (Grupo Turismo 2 Litros); 1995: Fernando José Martins (Campeão Absoluto), António Jorge Pedro de Carvalho (Grupo Produção), José Carlos Araújo Macedo (Grupo Turismo 2 Litros); 1996: Fernando José Martins Peres (Campeão Absoluto), António Jorge Pedro de Carvalho (Grupo Produção), Adruzílio Lopes (Turismo 2 Litros); 1997: Adruzílio Lopes (Campeão Absoluto) Miguel Jorge Ribeiro de Campos (Grupo Produção), Adruzílio Lopes (Grupo Turismo 2 Litros); 1998: Adruzílio Lopes (Campeão Absoluto), Miguel Jorge Ribeiro de Campos (Grupo Produção), Adruzílio Lopes (Grupo Turismo 2 Litros)

Fora da estrada



Entre os concorrentes que já terminaram várias vezes o Paris-Dakar está Carlos Sousa, lisboeta nascido a 16 de Janeiro de 1966. O campeão nacional de todo-o-terreno 1995 e 1999 participa nas edições de 1996, 1997, 1998 e 1999, conseguindo uma vitória no agrupamento de carros de série (T1) em 1997. Carlos inicia-se no todo-o-terreno em 1989. O primeiro carro que compra, aos 19 anos, é um jipe UMM. Apesar do interesse por outras disciplinas do automobilismo, como os ralis, parece gostar de mais do TT para mudar. Uma das próximas metas é a participação no Dakar 2000.

O Paris-Dakar não é o mais longo nem o mais antigo «raliraid» (a primeira prova do género é o Paris-Pequim, em 1907, e é ganha pelo príncipe italiano Scipion Borghese num Itala 40 CV, que se superioriza aos restantes quatro concorrentes), mas é, sem dúvida alguma, o que mais mexe com o imaginário dos adeptos. O primeiro Paris-Dakar data de 1979 e é vencido pelo motociclista Cyril Neveu. No ano inaugural há apenas uma categoria sem distinção de carros, motos ou camiões. Ainda assim fica para a história da competição a equipa constituída por Genestier, Terbiaut e LeMordant, os primeiros a cortar a meta num veículo de quatro rodas, um Range Rover de série, já que nenhuma marca participa com carros especialmente preparados para o efeito.

De 1979 a 1988 tem uma distância de 10 000 km entre Paris-Alger-Dakar. Em 1989 é Paris--Tunes-Dakar e em 1990 e 1991 Paris-Trípoli-Dakar, seguindo-se Paris-Sirte-Cidade do Cabo (1992), Paris-Tânger-Dakar (1993), Paris-Dakar-Paris (1994), Granada-Dakar (1995 e 1996), Dakar-Agadir-Dakar (1997), Paris-Granada-Dakar (1998 e 1999). Em 1998 apresentam-se à partida 352 concorrentes contra 164 em 1993. Cortam a meta 39 carros dos 115, 55 motos das 173 e oito camiões dos 35 iniciais.

O finlandês Ari Vatanen é o expoente máximo das quatro rodas no Dakar, com quatro subidas ao lugar mais alto do pódio e 39 vitórias em etapas. Entre os portugueses, além de Carlos Sousa, destaca-se Duarte Guedes, o primeiro português a vencer uma etapa. Consegue-o em 1997.

△ Carlos Sousa regista duas boas participações no Paris-Dakar

◁ O mítico Paris-Dakar, tal como o Camel Trophy, oferece momentos espectaculares aos participantes que atravessam as planícies africanas e encontram as mais difíceis condições para a condução

Sempre a fundo

FIA-GT

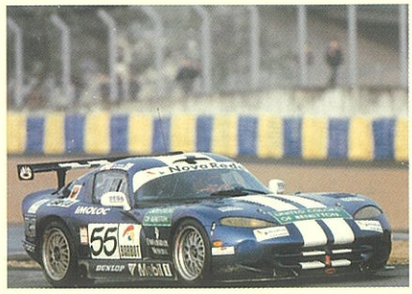
O ano de 1987 assiste à ascensão de um novo campeão nacional de velocidade: Ni Amorim, que vence o grupo de produção. Em 1989, Amorim sagra-se campeão nacional de velocidade no grupo de Turismo; feito que repete em 1990 e 1993.

Em 1995 tenta a aventura internacional, ao participar no Campeonato de Turismo Alemão (DTM), correndo pela Opel, e em 1996, no Campeonato Espanhol de Turismo, embora, em ambos os casos, sem grande sucesso. Em Espanha não chega sequer a concluir a época. Já o ano de 1997 revela-se melhor para o piloto português: corre no FIA-GT, pela Roock Racing em Porsche 911 GT2. Faz um excelente campeonato e quase consegue levar a sua equipa à conquista do título GT2 que, no entanto, lhe escapa nas últimas corridas do campeonato, nos circuitos norte-americanos de Sebring e Laguna Seca. Em 1998, corre pela Chamberlain nas 24 Horas de Le Mans, ficando em 7º do grupo GT2. Uma prestação francamente melhorada em 1999, em que consegue o terceiro posto do grupo GT2, ainda pela Chamberlain.

O Campeonato FIA-GT nasce por iniciativa da FIA em 1997. O conceito que dirige a corrida de GT (e as próprias regras da FIA) obriga a que os modelos utilizados sejam originalmente concebidos para a estrada. Desde que a FIA criou o Campeonato FIA-GT, as próprias alterações são estabelecidas por forma a que os carros sejam o mais semelhantes possível aos modelos das estradas do quotidiano.

Mas a prova mais famosa é, sem dúvida, a lendária 24 Horas de Le Mans, que se realiza desde 1923 na cidade francesa com o mesmo nome. Entre os nomes que fazem a história de Le Mans ressaltam alguns campeões de F1, como Graham Hill (campeão do Mundo de F1 em 1962 e 1968 e vencedor de Le Mans em 1972), o norte-americano Phill Hill (campeão de F1 em 1961 e três vezes vencedor de Le Mans, em 1958, 1961 e 1962), ou o austríaco Jocken Rindt (campeão de F1 em 1970 e vencedor de Le Mans em 1965).

Dos portugueses presentes em Le Mans, além de Amorim e dos irmãos Mello Breyner, destaca-se Pedro Lamy, que em 1999 completa a sua terceira participação (em 1997 corre em Porsche 911 GT1 da Schubel, conseguindo o 3º lugar do Grupo GT1, e em 1998 termina em 13º lugar da geral, 2º GT2, em Viper GTS-R da Oreca).



A «irmã mais pequena» da F1

Outra modalidade dentro da velocidade automobilística, a fórmula 3000, é criada no princípio de 1985, em substituição da fórmula 2, com o presidente da Associação de Construtores de F1, Bernie Ecclestone, como grande responsável. Em termos de motorização, os carros da fórmula 3000 encontram-se num estádio análogo ao da F1 antes do período dos motores «turbo», pelo que o seu motor de eleição é o Ford-Cosworth DFV com desempenho limitado electronicamente a um regime de 9000 rpm e a uma potência de 450 cavalos. O peso mínimo destas viaturas é de 540 kg.

Entre os nomes famosos da história desta modalidade destacam-se Pedro Matos Chaves, campeão em 1990, e Pedro Lamy, vice-campeão em 93.

O karting, ou a escola da velocidade

Lamy e Pedro Matos Chaves, à imagem de grandes nomes como Senna, Schumacher ou Prost, começaram no automobilismo de velocidade em pequenos veículos de condução rápida e empolgante criados nos anos 50 por militares americanos a partir de peças usadas provenientes de diversas origens, até mesmo de aviões. São os chamados karts. Estas microviaturas, sem diferencial nem caixa de velocidades, podem, no entanto, atingir os 170 km/h. Estão divididas em cinco classes, da A à E, e têm diferentes cilindradas, até 250 cc.

Em Portugal, o karting tem cerca de 30 anos e acompanha a expansão mundial da modalidade. É regido oficialmente pela Federação Portuguesa de Automobilismo e Karting (FPAK). Existe mesmo um Campeonato Nacional da modalidade que se disputa entre os meses de Março e Novembro, estando já disponíveis mais de uma dezena de circuitos permanentes, com destaque para o kartódromo de Braga, palco do Mundial de Juniores, em 1995.

▷ Ni Amorim tem somado títulos e experiências internacionais desde 1987

▷ O mundo do automobilismo não se esgota na F1 e nos ralis

Badminton

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE BADMINTON É FUNDADA A 1 DE JULHO DE 1954, SENDO O ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA DESPORTIVA PUBLICADO NO DIÁRIO DA REPÚBLICA DE 11 DE DEZEMBRO DE 1993. É FILIADA NA UNIÃO EUROPEIA DE BADMINTON E NA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE BADMINTON

1949 – Realizam-se as primeiras competições internacionais por equipas, no caso, masculinas. Sir George Thomas é o principal impulsionador e a prova passa a ser denominada Thomas Cup

1956 – Instituída a primeira competição internacional feminina. A Uber Cup, criada precisamente por H. S. Uber

1972 – A modalidade aparece em Munique, pela primeira vez em Jogos Olímpicos, ainda como modalidade de demonstração. O mesmo acontece em Seul 88

1977 – Ano do primeiro Mundial, quer em masculinos quer em femininos, e em todas as variantes: singulares, pares masculinos, pares femininos e pares mistos

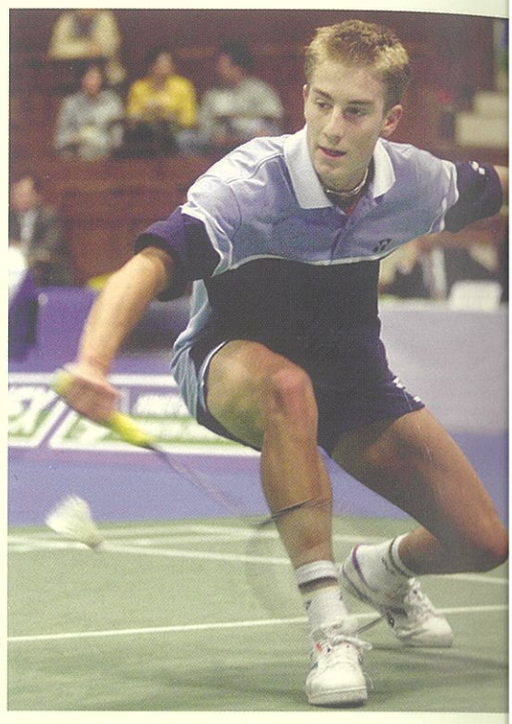
1978 – Criada a segunda federação mundial. A primeira, fundada em 1934 por Escócia, Canadá, País de Gales e Nova Zelândia, dá lugar a um novo organismo. Este tem na origem países africanos e asiáticos

1980 – Ano do primeiro Europeu. À semelhança do primeiro Campeonato do Mundo, o dinamarquês Delfs é o vencedor

1989 – Início da Sundirma Cup, prova para pares mistos baptizada com o nome do presidente da Federação Indonésia de Badminton, David Sundirma

1992 – Primeira verdadeira inclusão no Jogos Olímpicos, em Barcelona

O «ténis» com leveza

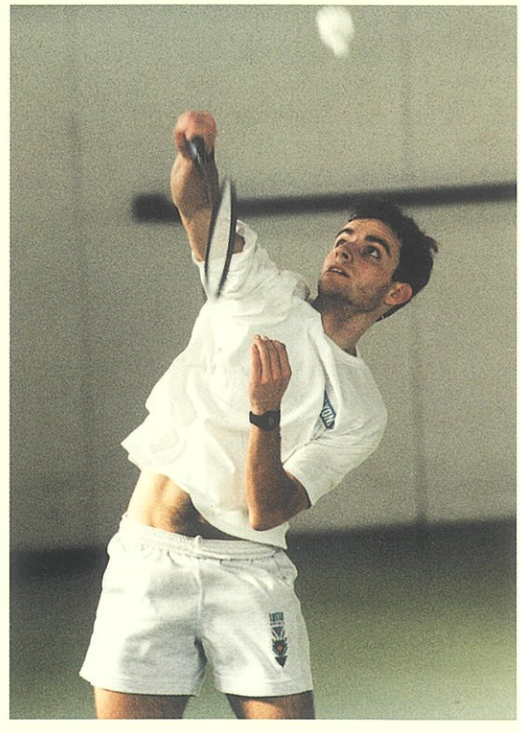


O badminton surge como modalidade de alta competição em 1934, anos em que a IBF (Federação Internacional de Badminton) é criada. Em 1948, a Thomas Cup é a mais importante competição dos calendários internacionais masculinos. Nas provas femininas existe a Uber Cup e nos pares mistos a Sundirma Cup.
Só nos Jogos Olímpicos de Barcelona, 1992, assume o estatuto de modalidade olímpica. Portugal é afastado na primeira ronda, quer em singulares masculinos quer em pares masculinos. Os representantes nacionais são Fernando Silva e Ricardo Fernandes.
Os nomes portugueses de maior importância aparecem nas categorias de honra. Dos campeões de 1998, destaca-se Hugo Rodrigues, campeão em pares mistos com Filipa Lamy e em masculinos com Fernando Silva, este último também vencedor de singulares de 1996 a 1998. Nas senhoras, o destaque vai para Filipa Lamy, que triunfa em singulares em 1997 e 1998 e em pares com Helena Bartolomeu, de 1996 a 1998. Isabel Rocha (11) e Margarida Cruz (8) ganham 19 campeonatos. A primeira entre 1963 e 1977 e a segunda entre 1979 e 1988. José Bento vence nove campeonatos, oito deles consecutivos, de 1967 a 1974.
Os clubes mais representativos dos anos 90 são madeirenses. Na primeira metade da década, o Marítimo vence todos os campeonatos de equipas mistas. A partir de 1996 e até 1998, o Clube Desportivo do Estreito domina. Nos anos 60 e 70, o Benfica é a maior referência. De 1967 a 1978, vence sete campeonatos de equipas mistas.

△ Dinarmaquês Peter Gade Christensen em acção no open do Japão

▽ Fernando Silva e Ricardo Fernandes representam Portugal nos Jogos Olímpicos de Barcelona

▽ Hugo Rodrigues, campeão nacional dos pares mistos, em 1998



Park Joo-Bong

O sul-coreano Park Joo-Bong é reconhecido como um dos melhores praticantes de badminton de todos os tempos, quer em pares masculinos quer em pares mistos. Consegue a primeira vitória num Mundial em 1985, em Calgary, formando par com Kim Moon Soo. O triunfo é repetido em 1991, em Copenhaga. Em pares mistos, é vencedor por três vezes: em 1985 com Yoo Sang Hee, em 1989 e 1991 já com Chang Myung Hee. Ao serviço da selecção ganha por duas vezes na Sundirma Cup 91.

Quando, nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, o badminton se estreia, Bong é medalha de ouro em pares masculinos, também com Kim Moon Soo. Em Atlanta 96, consegue prata em pares mistos, juntamente Ra Kiung Min.

Em 1997, torna-se seleccionador da Inglaterra e leva o país ao Mundial de Glasgow. Embora sem nenhum resultado de destaque, mantém-se e equaciona a participação em Sydney, como jogador e treinador. Precisa, porém, de se naturalizar inglês. Uma afinidade que não vem por acaso, mas antes pelas duas vitórias no Open Britânico (All England).

Thomas Cup

1949: Malásia, 1955: Malásia, 1958: Indonésia, 1961: Indonésia, 1964: Indonésia, 1967: Malásia, 1970: Indonésia, 1973: Indonésia, 1976: Indonésia, 1979: Indonésia, 1982: China, 1984: Indonésia, 1986: China, 1988: China, 1990: China, 1992: Malásia, 1994: Indonésia, 1996: Indonésia, 1998: Indonésia

Uber Cup

1957: EUA, 1960: EUA, 1963: EUA, 1966: Japão, 1969: Japão, 1972: Japão, 1975: Indonésia, 1978: Japão, 1981: Japão, 1984: China, 1986: China, 1988: China, 1990: China, 1992: China, 1994: Indonésia, 1996: Indonésia, 1998: China

Sundirma Cup

1989: Indonésia, 1991: Coreia do Sul, 1993: Coreia do Sul, 1995: China, 1997: China, 1999: China

[Palmarés nacional no Arquivo]

Subir no ar quente

O balonismo conhece na segunda metade do séc. XX a primeira nota de registo em Maio de 1961 com o estabelecimento do recorde de altitude (34 668m) por parte do comandante Malcolm Ross, coadjuvado por Victor Prather, da Força Aérea dos Estados Unidos da América. É mais do dobro daquilo que conseguem, em Maio de 1931, os dois suíços, Paul Kipfer e Auguste Piccard. Fixam a marca em 15 780 metros.

A primeira travessia do Oceano Atlântico ligando Nagashima (Japão) e San Francisco (EUA) tem lugar em Novembro de 1981 e é protagonizada por Ben Abruzzo, Larrie Newnan e Rocki Aoki. Em Fevereiro de 1998, Andy Nelson (Grã-Bretanha), Bertrand Piccard (Suíça) e Wim Verstraeten (Bélgica), no «Breitling Orbiter 2», tornam-se detentores do máximo absoluto de duração de uma volta sem escala e abastecimento (nove dias, 17 horas e 51 minutos), destronando o americano Dick Ruttan, que, em 1986, a bordo da «Voyager», fizera nove dias, três minutos e 44 segundos.

Em Portugal o balonismo ganha alguma importância com a crescente atenção dada aos desportos radicais. Não há competição, registando-se, num entanto, um encontro anual, denominado Volta a Portugal.

Balonismo

Basebol

O passatempo dos americanos

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE BASEBOL E SOFTBOL É FUNDADA A 23 DE JANEIRO DE 1996. O ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA DESPORTIVA É PUBLICADO NO DIÁRIO DA REPÚBLICA DE 24 DE SETEMBRO DE 1997. A FPBS ORGANIZA O CAMPEONATO NACIONAL DE SENIORES E CADETES, A TAÇA DE PORTUGAL DE SENIORES E CADETES, A SUPERTAÇA DE SENIORES, OPENS PARA ESCALÕES DE FORMAÇÃO, ENTRE OUTROS. EM 1999 TEM 700 FILIADOS

1965 – Inaugurado o primeiro estádio coberto: o Astrodome de Houston

1971 – Torna-se obrigatório o uso do capacete de batedor

1973 – Criação da CEBA

1974 – Hank Aaron, jogador dos Atlanta Braves, faz o seu 715º «home run», quebrando o recorde estabelecido em 1935 pelo mítico Babe Ruth. Quando se retira, em 1976, conta com 755 «home runs», um máximo absoluto

1986 – Peter Rose retira-se, com o recorde de «base hits» (4256)

1988 – Babe Ruth, o maior batedor da história do basebol, é eleito o «maior desportista norte-americano de todos os tempos»

1994 – Pela primeira vez em 90 anos, a World Series é cancelada em consequência da greve dos jogadores

1996 – Os New York Yankees conquistam o seu 23º título da «World Series», depois de 18 anos de «jejum»

[Palmarés no Arquivo]

O interesse pelo basebol em Portugal – o moderno é inventado pelo nova-iorquino Abner Doubleday nos anos 30 do séc. XIX – surge a partir de finais dos anos 80, influenciado pelas comunidades de emigrantes oriundos dos EUA e da Venezuela. Os primeiros clubes surgem em 1993. É a partir desta data que conhece um desenvolvimento verdadeiramente sustentado que culmina, em 1998, com a presença de uma selecção nacional no Campeonato Europeu B e da equipa da Associação Académica de Coimbra no Campeonato Europeu de Clubes B. O primeiro jogo de basebol de que há registo em Portugal é disputado entre marinheiros de um navio americano ancorado no porto de Lisboa, em 1919. A 4 de Julho de 1922 regista-se outro, desta vez entre uma equipa norte-americana e uma portuguesa.

Em 1953, é criada a Federação Europeia de Basebol, com dois países dominantes: a Itália e a Holanda. Este organismo torna-se, em 1973, a Confederação Europeia de Basebol Amador – CEBA.

Mas é nos EUA que o basebol alcança a sua máxima expressão, materializada na criação de uma Liga profissional: a Major League Baseball – MLB – que por sua vez engloba duas conferências: a American League e a National League. Cada uma destas ligas organiza um campeonato com 15 equipas. No final de cada um, depois dos play-offs, são apurados os vencedores, que disputam a «World Series», uma série de jogos que decide qual o campeão da MLB.

De entre as equipas que lutam pela hipótese de se sagrarem campeãs do Mundo, os New York Yankees são a mais galardoada, com 23 títulos, em 34 participações na «World Series», dez deles conquistados com o contributo de Joe DiMaggio. Mas se DiMaggio é um jogador de outra «galáxia», há vários outros importantes a referir. Nomes como o de Hank Aaron, que ao longo da sua carreira supera o recorde histórico de «home runs» do gigante dos anos 20, Babe Ruth, ao bater a bola para fora do estádio em 755 ocasiões.

Em quase cem anos de basebol profissional, o golpe mais duro vem na década de 90, quando uma greve dos jogadores, que reivindicam melhores condições salariais, obriga ao cancelamento da «World Series».

Δ O «catcher» Tyler Houston, do Chicago Cubs, perante Sean Casey, do Cincinnati Reds

Δ A variante feminina designa-se softbol

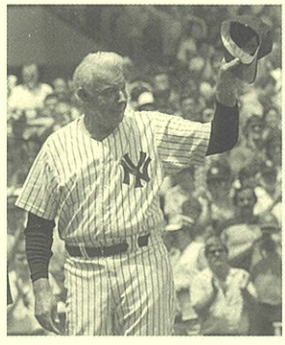
Joe DiMaggio

Reza a lenda que, quando certa vez perguntaram a uma turma liceal de Cincinnati, EUA, qual era «o maior americano de todos os tempos», os professores estavam longe de pensar que George Washington, o primeiro presidente dos EUA, ficaria em segundo lugar, bem atrás de Joe DiMaggio, o mais marcante jogador de basebol de todos os tempos. Rivaliza em prestígio apenas com o grande Babe Ruth, que domina os campos nos anos 20 e 30, deixando numerosos recordes intactos ainda hoje. Babe Ruth é ainda nomeado o maior desportista americano da história, em 1988.

DiMaggio, de estilo purista e porte heróico, é a antítese do excessivo Ruth. Vence nove World Series ao serviço dos New York Yankees e estabelece um recorde ao conseguir bater a bola em 56 jogos consecutivos. É também o primeiro jogador a auferir cem mil dólares por mês em 1949, ano em que, mesmo lesionado, ajuda os Yankees a conseguir mais um título. Em 1955, ascende ao «Hall of Fame». Fora do estádio «Joltin Joe» personifica o sonho americano de um jovem de origens humildes, filho de emigrantes italianos, que alcança fama e fortuna através do basebol. Assim, nada mais natural para um ícone do «american way» do que casar com Marilyn Monroe, com quem tem um curto mas turbulento matrimónio. Contudo, fica ligado a Marilyn de forma indelével, de tal forma que, depois da morte desta, deixa regularmente uma rosa na sua sepultura, mesmo até ao fim da sua vida. DiMaggio morre a 8 Março de 1999, vítima de cancro nos pulmões.

△ DiMaggio em três momentos da vida: acenando ao público num jogo de veteranos, concluindo um «run» na final de 1939, e ao lado da esposa Marilyn Monroe, em 1954

▷ Abertura de uma competição em Salt Lake City, Utah, EUA



Bilhete de Identidade

Joseph Paul DiMaggio
Martinez, Califórnia (EUA), 25 Novembro de 1914.
Falecido a 8 Março 1999, Hollywood, Califórnia (EUA)

Como jogador
CLUBES
San Francisco Seals, New York Yankees

PALMARÉS
10 vezes vencedor da «World Series» 37, 38, 39, 41, 43, 47, 48, 49, 50 e 51. MVP 39, 41 e 47

Diversão competitiva

Bowling

Don Carter (EUA, 29 de Julho de 1926) é considerado, por unanimidade, a principal referência da modalidade. Domina os anos 50 e princípio dos 60, sagrando-se seis vezes jogador do ano e tornando-se o primeiro a ganhar 100 mil dólares numa única época e um milhão ao longo da carreira. Dick Weber é outro dos destaques, passando o testemunho ao filho Pete.

Em 1995, abre ao público o segundo local de referência mundial: o National Bowling Stadium de Reno (EUA). Antes, as atenções concentravam-se no Musée Mondial de Bowling, em Saint-Louis, França. O National Bowling Stadium tem 80 pistas, mais de 800 lugares confortáveis e bem situados, centro de Imprensa, gestão de provas e uma galeria de acessórios. O Campeonato do Mundo de Amadores, com mais de 65 países representados, é a prova inaugural. Em Portugal, o bowling surge com a implantação dos centros comerciais, provocando, no entanto, um interesse bem mais reduzido do que noutros países próximos. Em França existem cerca de 113 bowlings homologados. O mais importante é o Nice Acropolis com 30 pistas.

Mão quente

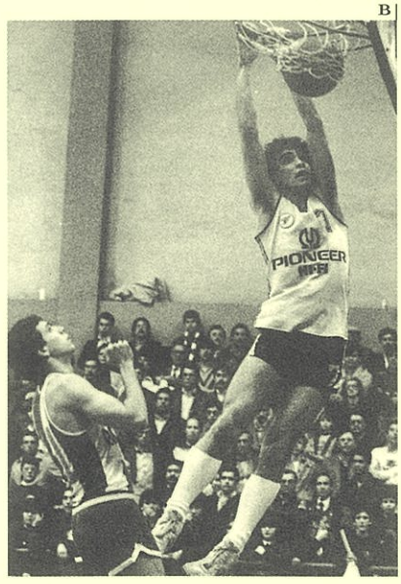
As paredes do primeiro pavilhão têm os nomes das ruas de Lourenço Marques e o tecto é o céu de Moçambique. Depois de se iniciar no minibásquete, ingressa no Sporting de Lourenço Marques.
O jovem Carlos Humberto Lehmann de Almeida Benholiel Lisboa Santos ainda não pode saber que é com outras cores que vai alcançar um lugar no panteão do desporto português.
Carlos Lisboa nasce em Cabo Verde, em Sé da Praia, a 23 de Julho de 1958, mas muda-se bem cedo com a família para Moçambique, onde dá os primeiros toques numa bola de basquetebol por volta dos nove anos. Joga futebol e basquetebol, mas a certa altura decide-se pela bola ao cesto. O próprio justifica a preferência: «Pode parecer estranho, mas em Moçambique, que é a terra do Eusébio, a maior figura do desporto português, o basquetebol é que era o desporto-rei.»
Em 1974, os Lisboa vêm para Portugal, seguindo o percurso de tantos outros portugueses que fogem da situação conturbada que se vive no ultramar. Quando chega a Lisboa, segue os amigos que vão jogar basquetebol para o Benfica, mas durante toda a época de 74/75 apenas faz três jogos, «por opção do treinador». No fim da época sai e admite mesmo desistir da prática da modalidade. «É muito difícil aos 16 anos não nos deixarem fazer o que gostamos... Pensei uma ou duas vezes em deixar de jogar basquetebol.»
Não o faz, em grande parte devido a um encontro que tem em certa tarde de Setembro, na Baixa, com Mário Albuquerque. O jogador que fora o ídolo de Carlos Lisboa é o treinador dos juniores do Sporting. Reconhece o jovem e convida-o para o clube leonino. Carlos Lisboa agradece, ajudando os juniores sportinguistas a atingir o segundo lugar do Campeonato Nacional.
Na temporada seguinte (já como sénior), conquista o Regional e em 77/78 estreia-se a vencer o Nacional e a Taça de Portugal. Ganha mais dois Campeonatos Nacionais (80/81 e 81/82), um Regional (78/79) e uma Taça de Portugal (79/80).
Em 1982, sob a Direcção de João Rocha, o Sporting encerra a secção de basquetebol, e Lisboa ingressa no Queluz. Em duas épocas, conquista uma Taça de Portugal (82/83) e um Campeonato Nacional (83/84).
A temporada de 84/85 marca o regresso ao Benfica, com cujas cores festeja os maiores sucessos da carreira. Só campeonatos nacionais vence dez.

Adeus Partizan

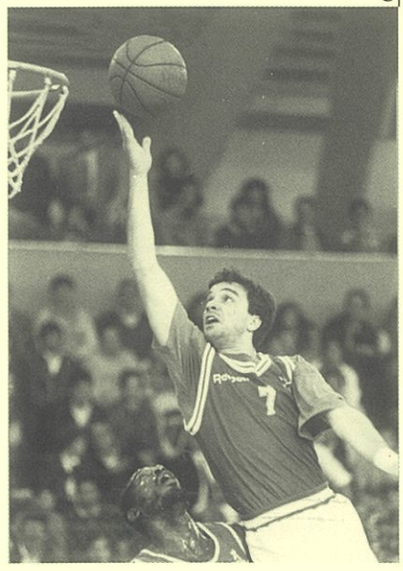
Um coro de três mil vozes ergue-se cantando em uníssono o nome do herói da noite: Lisboa. O capitão do Benfica, lá em baixo, no campo ▸

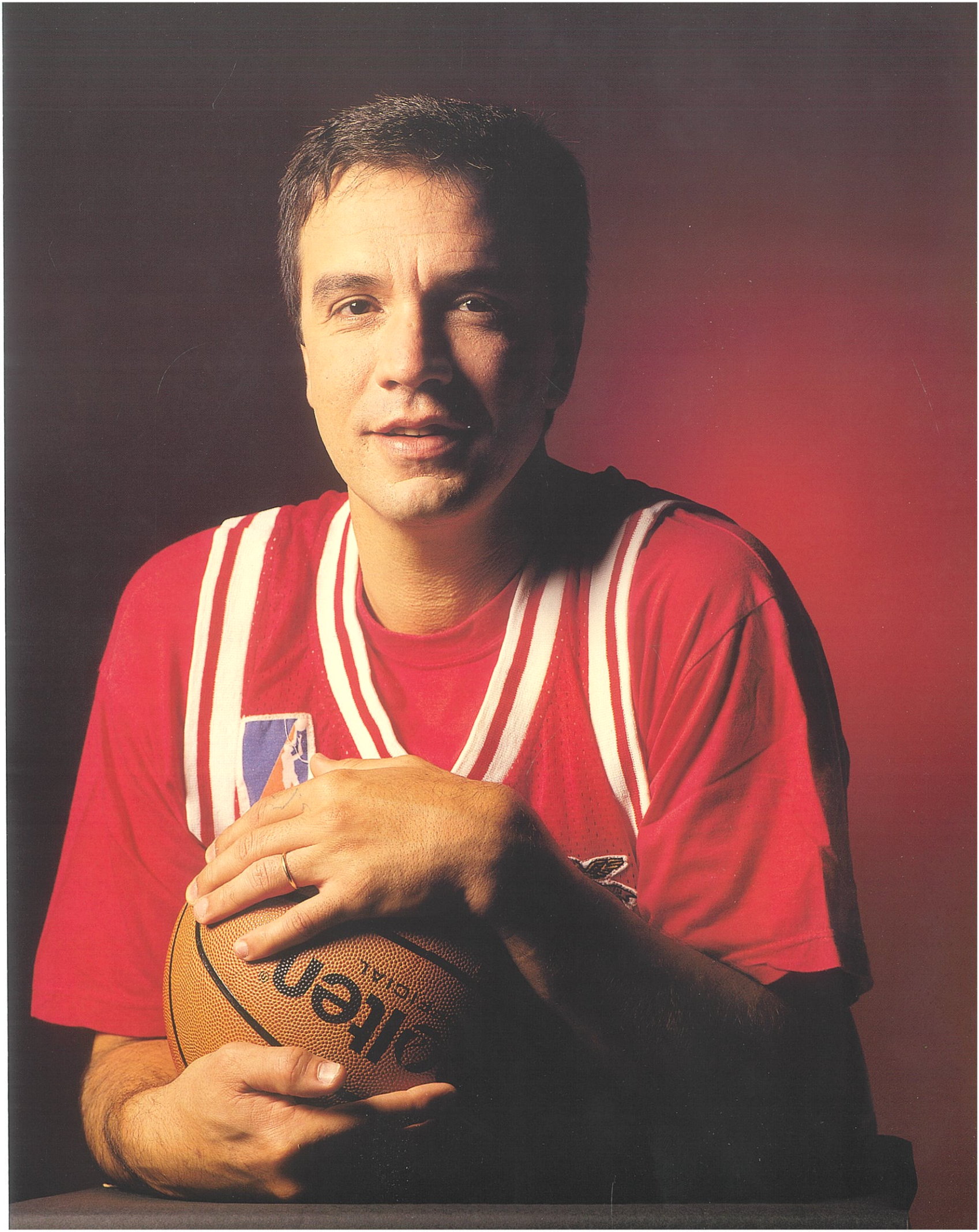
A

B



C



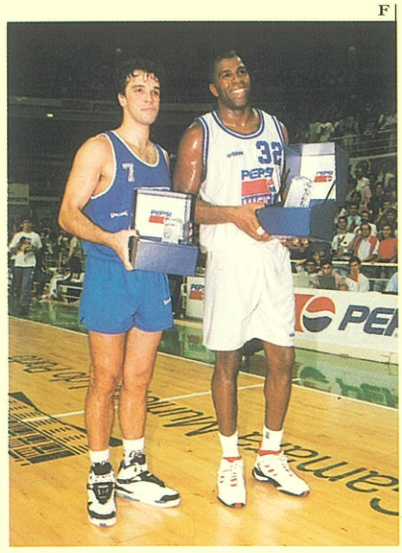


D

E

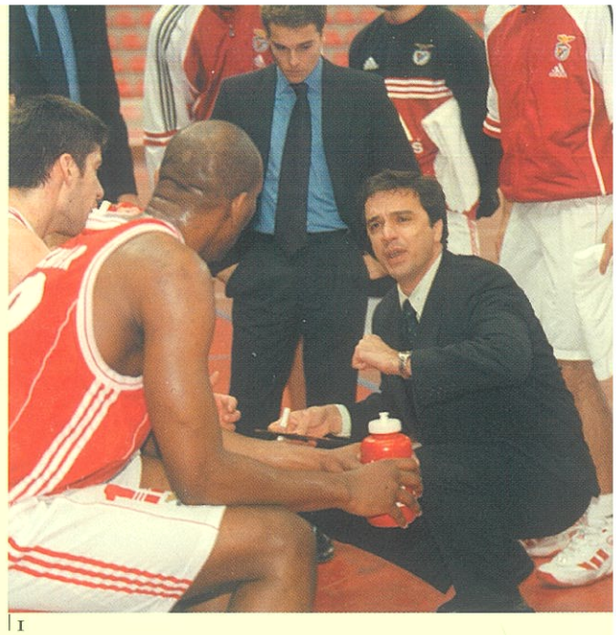
► de batalha onde o Benfica está a escassos minutos de garantir a terceira presença consecutiva na fase final do Europeu de Clubes, levanta os braços incitando o público e sendo por ele incentivado. Imparável. Na noite de 15 de Outubro de 1995, Carlos Lisboa lembra a todos porque é considerado o melhor jogador português de basquetebol de sempre: 45 pontos, 10 triplos e vários roubos de bola e assistências para os companheiros ajudam a derrubar a poderosa equipa jugoslava do Partizan de Belgrado. Uma prestação invulgar do jogador que anos antes era um penetrador que, fazendo uso de invulgar técnica individual e velocidade, marcava muitos pontos perto do cesto. Só em 1985, aquando da entrada em vigor da zona de lançamento de três pontos, Lisboa começa a evoluir para o lançamento exterior. Desenvolve o lançamento rápido e repentista que tantos estragos faz nas equipas adversárias, apesar das marcações defensivas, sistematicamente batidas pela inesperada naturalidade com que Lisboa lança de qualquer lado, em qualquer altura. O treinador Mário Palma diz dele: «Para quem tem de o defender, é uma incógnita saber como vai lançar. O Carlos Lisboa é capaz de surpreender constantemente os adversários, mesmo estando de costas viradas para o cesto. Ele executa movimentos tão rápidos e precisos que é imprevisível.» ►

F



G

H



I

A NBA... quase

Três de Junho de 1996. Jogo contra o Porto. Carlos Lisboa abandona. Depois de anos a fazer miséria nos adversários e a provocar a alegria dos espectadores nos pavilhões, o mais espectacular jogador de basquetebol português de todos os tempos despe a agora mítica camisola 7 do Benfica pela última vez. Tem 37 anos.
«É a lei da vida. Já jogo há 30 anos...» Uma retirada planeada ao pormenor, anunciada desde que, três anos antes, abdica de jogar pela selecção. Uma opção a que não deve ser indiferente a carga de jogo a que Lisboa é sujeito no Benfica e o relativamente baixo nível competitivo da equipa das quinas, que não alcança a representatividade do Benfica a nível de clubes.
Uma brilhante carreira. Mas chegada a hora do abandono, é impossível não lembrar a miragem da NBA que a certa altura lhe surge no caminho. «Passei algumas noites em branco», confessa. Afinal, o sonho de qualquer basquetebolista é integrar o melhor campeonato do mundo, não só, obviamente, pelas verbas envolvidas, astronómicas, mas por todo o ambiente daquela competição, especial sob todos os pontos de vista. No fim, acaba por não passar de um convite de um clube que tenta preencher as condições para integrar a mais famosa Liga de Basquetebol do mundo. As negociações falham porque a equipa não consegue entrar para a NBA nesse ano, mas consegue-o alguns anos mais tarde. Lisboa escusa-se a revelar o clube, argumentando que lhe é indiferente. «Para mim, é suficientemente gratificante terem-me considerado uma hipótese», afirma, assegurando que não guarda amargura dessa possibilidade não concretizada.

O treinador

Ao fim de três décadas como jogador, nada mais natural que continuar ligado à modalidade. Depois de vários cursos e do estágio com o técnico jugoslavo Zelimir Obradovic, do Real Madrid, um exemplo de luxo – vencedor por três vezes da Liga Europeia, em 1992 pelo Partizan, 1994 pelo Badalona e 1995 pelo Real –, é ele próprio quem dirige uma equipa.
Entra no Estoril em 1996 e no ano seguinte chega a um Benfica em crise para formar equipa técnica com Steve Rocha, companheiro nos tempos de jogador e agora no banco, como seu adjunto, e com Paulo Rocha, preparador físico.
A época de estreia acaba por se revelar algo ingrata para o novel treinador. Os benfiquistas praticam bom basquetebol, mas insuficiente para levar de vencida a Ovarense, que elimina a equipa treinada por Carlos Lisboa nos quartos-de-final dos «playoffs» da Liga. Na Taça de Portugal a campanha é boa, mas a final é perdida contra o Estrelas da Avenida. Internacionalmente, o Benfica de Lisboa passa a pré-eliminatória da Taça Korac, mas é eliminado logo na primeira ronda.
A época de 98/99 não é melhor para a turma encarnada. Pior é a seguinte. Em Dezembro de 1999, com cinco meses de salário em atraso, «bate com a porta» e coloca ponto final a uma ligação de 15 anos ao Benfica.

A Entrada felina sobre um adversário
B Com a camisola do Queluz, campeão nacional em 1984
C Em voo ascendente para o cesto
D A capacidade de resolver uma partida
E A voz de comando em mais uma jogada do Benfica
F Ao lado de um mito do basquetebol mundial: Magic Johnson
G Levantar troféus, um gesto rotineiro
H Cada título era como se fosse o primeiro
I Em acção como treinador do Benfica

Bilhete de Identidade

Carlos Humberto Lehmann de Almeida Benholiel Lisboa Santos
Sé da Praia (Cabo Verde), 23 de Julho de 1958

Como jogador
CLUBES
Sporting de Lourenço Marques, Sporting, Queluz e Benfica

PALMARÉS
14 vezes campeão nacional 1978, 1981, 1982 (Sporting), 1984 (Queluz), 1985, 1986, 1987, 1989, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994 e 1995 (Benfica).
8 Taças de Portugal 1978, 1980 (Sporting), 1983 (Queluz), 1992, 1993, 1994, 1995 e 1996 (Benfica)

Como treinador
CLUBES
Estoril e Benfica

PALMARÉS
Supertaça 97/98 (Benfica)

Basquetebol

A magia dos cestos

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE BASQUETEBOL É FUNDADA A 17 DE AGOSTO DE 1927, QUANDO A ASSOCIAÇÃO DE BASQUETEBOL DO PORTO SE ASSUME COMO ÓRGÃO FEDERATIVO NACIONAL, À REVELIA DAS RESTANTES ASSOCIAÇÕES, COM DESTAQUE PARA A DE LISBOA, QUE FORMA A LIGA PORTUGUESA DE BASQUETEBOL

22 OUT 50 – Disputa-se o primeiro Campeonato do Mundo, em Buenos Aires, na Argentina

10 JUL 51 – Os Harlem Globetrotters e os Boston Whirlwinds vêm fazer uma digressão a Lisboa

7 MAR 53 – Início do primeiro campeonato mundial de basquetebol feminino

1972 – Nos Jogos Olímpicos de Munique, a equipa dos EUA é derrotada pela da União Soviética na mais polémica final da história do basquetebol

1984 – Michael Jordan é escolhido em terceiro lugar no «draft» da NBA pelos Chicago Bulls

8 ABR 89 – O Congresso Mundial da FIBA decide eliminar a distinção entre jogadores amadores e profissionais

24 MAI 89 – É constituída a Liga dos Clubes de Basquetebol

1991 – Celebrações do centenário do basquetebol, com cerimónia no berço do basquetebol, a cidade de Springfield, nos EUA

1991 – Michael Jordan vence o seu primeiro título da NBA ao serviço da sua equipa de sempre, os Chicago Bulls

JUL 92 – Pela primeira vez na história da modalidade, jogadores profissionais participam nos Jogos Olímpicos, Barcelona

12 SET 95 – «Magic» Johnson vem a Portugal realizar um jogo de exibição no Pavilhão Rosa Mota

1996 – Carlos Lisboa, o melhor jogador português de sempre, põe termo à sua carreira como jogador de basquetebol

25 JUL 99 – Espanha sagra-se campeã do Mundo em juniores masculinos, ao superiorizar-se aos EUA num Mundial realizado em Portugal

Por existirem duas entidades a reclamarem o direito de supervisionar a modalidade (embora só a federação seja reconhecida pela FIBA) são organizadas em 1933 duas provas com a denominação de Campeonato de Portugal. A federativa conta com apenas oito equipas contra as 35 da Liga, fruto da maior divulgação do basquetebol no sul do País. No ano seguinte, enquanto a da FPB continua com os mesmos oito, a adversária aumenta o número de participações para 46. O diferendo conhece termo em 1934, com a intervenção da Confederação Portuguesa dos Desportos e do Comité Olímpico Português, e reconhece-se com a transferência da sede da Federação para a capital.
É a partir deste ponto que a Federação toma nas suas mãos a condução da modalidade em Portugal, organizando o Campeonato Nacional (denominado Campeonato de Portugal até à época 42/43), a Taça de Portugal, a Taça de Honra, os campeonatos das camadas jovens, o basquetebol feminino (o primeiro decorre na época 54/55 e é ganho pela equipa do Clube de Futebol «Os Belenenses»), os campeonatos provinciais Angolano e Moçambicano, a Selecção Nacional e até um Campeonato Nacional de Lance Livre (iniciativa que apenas regista três edições, de 1959/60 a 1961/62). Vem também reger a prática do basquetebol de rua e versão 3×3. Em seniores masculinos, a Académica é a primeira equipa vencedora da década de 50, dividindo depois nos anos seguintes a supremacia com Sporting, Porto e Barreirense. Nos princípios de 60 aparece um Benfica dominador (vence 1961, 1962, 1963, 1964 e 1965), que, no entanto, não se confirma nos anos seguintes, só voltando a ganhar em 1975. O domínio benfiquista vem a ser evidente a partir de meados de 1980. Em 1995, a Federação transfere a organização da principal prova de clubes para a recém-formada Liga dos Clubes de Basquetebol, marcando assim a entrada definitiva e formal do basquetebol português na era da profissionalização.

A profissionalização

Em 1995, o basquetebol torna-se em Portugal a primeira modalidade amadora de alta competição a enveredar pelo profissionalismo. O órgão que regulamenta e organiza as competições nacionais, agora em moldes profissionais, é a Liga dos Clubes de Basquetebol, constituída a 24 de Maio de 1989. O funcionamento da novel instituição ganha forma e sentido após a publicação da Lei de Bases do Sistema Desportivo, em 1990, que consagra: «No seio de cada federação unidesportiva cujas modalidades incluam praticantes profissionais deve existir um organismo encarregado de dirigir especificamente as actividades desportivas de carácter profissional, o qual tem de ter autonomia administrativa, técnica e financeira.»

Uma autonomia que, à data, é no mínimo difícil, já que escasseiam os patrocinadores, faltam infra-estruturas – nomeadamente pavilhões – que proporcionem as condições ideais de conforto para a assistência, já para não falar nas próprias condições de treino compatíveis com o conceito de competição profissional. No entanto, a adesão ao profissionalismo é cada vez mais uma inevitabilidade face a um amadorismo há muito desaparecido.

No contexto do novo ambiente organizacional, são criados três comités: técnico, arbitragem e auditoria. O Comité Técnico aprecia as questões técnicas da competição. É formado por cinco elementos representando a Liga, o Conselho de Arbitragem da Federação, a Associação Nacional de Treinadores, a Associação Nacional de Jogadores e a Associação Nacional de Juízes de Basquetebol – ANJ.

O Comité de Arbitragem nomeia os juízes, toma as decisões relativas ao seu estatuto internacional e promove acções de formação. É composto por um elemento da Liga, outro do Comité de Arbitragem da Federação e pelo director de arbitragem (que é indicado pela ANJ e eleito em assembleia geral da Liga por maioria de dois terços).

O Comité de Auditoria verifica os pressupostos das candidaturas dos clubes e audita as suas contas durante e no fim da temporada. É formado pelos presidentes dos conselhos fiscais da Federação e da Liga e ainda por um terceiro elemento escolhido de comum acordo.

Federação Internacional

É a 18 de Junho de 1932, na cidade suíça de Genebra, que as federações nacionais de basquetebol da Argentina, Checoslováquia, Grécia, Itália, Letónia, Portugal, Roménia e Suíça fundam a FIBA – Federação Internacional de Basquetebol. O primeiro presidente é o suíço Léon Bouffard e o secretário-geral William Jones, da Grã-Bretanha. Jones permanece em funções desde a fundação da FIBA até 1976 e assiste à passagem de quatro presidentes.

A FIBA, que se impõe como a instituição máxima do basquetebol mundial, estabelece quartel-general em Roma, onde permanece até 1940, quando, por força da II Guerra, é obrigada a transferir as instalações para a capital suíça, Berna. No entanto, antes da eclosão do conflito mundial, os adeptos do basquetebol ainda assistem à inclusão do jogo inventado por Naismith no programa dos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936. Em 1950, a modalidade dá outro passo importante, com o primeiro Mundial, na Argentina, que a selecção anfitriã arrebata, vencendo na final os EUA.

A FIBA regulamenta, desde as suas origens, o basquetebol para amadores, conceito que a afasta de competições de carácter profissional como a NBA norte-americana. À medida, porém, que a condição amadora dos jogadores das provas da FIBA vai, progressivamente, desaparecendo, crescem as dúvidas entre os adeptos do basquetebol sobre a legitimidade dos títulos de campeões do Mundo e olímpicos conquistados contra equipas dos EUA compostas exclusivamente por jogadores de equipas universitárias.

Finalmente, a 8 de Abril de 1989, o Congresso Mundial da FIBA decide acabar com a distinção entre amadores e profissionais, abrindo caminho para a participação, nos Jogos Olímpicos de Barcelona, de uma selecção dos EUA constituída primordialmente por «estrelas» da NBA. Nascia o «Dream Team» que vence categoricamente a medalha de ouro. Uma vitória repetida no torneio olímpico de Atlanta e no Mundial de 1994. Em Outubro de 1998, a FIBA conta com 208 federações-membros e um número estimado (dados da FIBA) de 400 milhões de jogadores.

◁ Pedro Miguel lidera há vários anos os ataques do Benfica e da Selecção

◁ A Federação e a Liga de Clubes tutelam a modalidade em Portugal

△ Mesmo depois do desmembramento, a Jugoslávia tem obtido importantes êxitos internacionais

▷ Carlton Myers é o elemento-chave da equipa italiana, campeã europeia em 1999

Campeões Europeus

1951: União Soviética, 1953: União Soviética, 1955: Hungria, 1957: União Soviética, 1959: Bulgária, 1961: União Soviética, 1963: União Soviética, 1965: União Soviética, 1967: União Soviética, 1969: União Soviética, 1971: União Soviética, 1973: Jugoslávia, 1975: Jugoslávia 1977: Jugoslávia, 1979: União Soviética, 1981: União Soviética, 1983: Itália, 1985: União Soviética, 1987: Grécia, 1989: Jugoslávia, 1991: Jugoslávia, 1993: Alemanha, 1995: Jugoslávia, 1997: Jugoslávia, 1999: Itália

Campeões Nacionais*

1950: Académica, 1951: Vasco da Gama, 1952: Porto, 1953: Porto, 1954: Sporting, 1955: Académica, 1956: Sporting, 1957: Barreirense, 1958: Barreirense, 1959: Académica, 1960: Sporting, 1961: Benfica, 1962: Benfica, 1963: Benfica, 1964: Benfica, 1965: Benfica, 1966: não se realiza, 1967: Luanda e Benfica, 1968: Sporting L. Marques, 1969: Sporting, 1970: Benfica, 1971: Sporting L. Marques, 1972: Porto, 1973: Sporting L Marques, 1974: Malhangalene, 1975: Benfica, 1976: Sporting, 1977: Ginásio Figueirense, 1978: Sporting,1979: Porto, 1980: Porto, 1981: Sporting, 1982: Sporting, 1983: Porto, 1984: Queluz, 1985: Benfica, 1986: Benfica, 1987: Benfica, 1988: Ovarense, 1989: Benfica, 1990: Benfica, 1991: Benfica, 1992: Benfica, 1993: Benfica, 1994: Benfica, 1995: Benfica, 1996: Porto, 1997: Porto, 1998: Estrelas da Avenida, 1999: Porto

° A partir de 95/96 o Campeonato Nacional passa a ser chamado Campeonato da Liga

Taça da Liga

89/90: Benfica, 90/91: Benfica, 91/92: Ovarense, 92/93: Benfica, 93/94: Benfica, 94/95: Benfica, 95/96: Benfica, 96/97: Ovarense, 97/98: Aveiro Esgueira, 98/99: Seixal

Mundiais

Campeões Mundiais

Masculinos
1950: Argentina, 1954: EUA, 1958: Brasil, 1963: Brasil, 1967: URSS, 1970: Jugoslávia, 1974: URSS, 1978: Jugoslávia, 1982: URSS, 1986: EUA, 1990: Jugoslávia, 1994: EUA, 1998: Jugoslávia

Femininos
1953: EUA, 1957: EUA, 1959: URSS, 1964: URSS, 1967: URSS, 1971: URSS, 1975: URSS, 1979: EUA, 1983: URSS, 1986: EUA, 1990: EUA, 1994: Brasil, 1998: EUA

A história dos mundiais de basquetebol começa na Argentina, em 1950, com a selecção anfitriã a bater os EUA. Caso único no que concerne à selecção alviceleste, mas que se repete variadíssimas vezes em edições de mundiais, apenas com outros protagonistas. Parece estranho se considerarmos o panorama actual, em que as selecções vindas de terras do «Tio Sam» arrasam a concorrência. Mas se pensarmos que até aos Jogos Olímpicos de Barcelona apenas podiam participar jogadores amadores, numa altura em que o conceito de basquetebol amador abrange todos os países associados da FIBA, ao contrário dos EUA, onde existe, de facto, uma liga profissional, a NBA, verificamos que face às equipas ditas amadoras, os EUA tinham de utilizar jogadores universitários.

A história dos mundiais de basquetebol divide-se entre duas épocas distintas: antes e depois do profissionalismo. Uma realidade já anunciada em Barcelona mas que, referente a mundiais, só se verifica em 1994, com o «Dream Team II», em que brilham Reggie Miller ou Alonzo Mourning, um repetente que em 1990 apenas logra conquistar o terceiro lugar. E se a edição de 1998, com a vitória da Jugoslávia e o bronze para os EUA, atrás da Rússia, parece ser a excepção, é, de facto, na medida em que confirma uma regra, já que os profissionais da NBA estiveram ausentes, preocupados com questões salariais em discussão nos Estados Unidos.

Assim, não é difícil conceber que não sejam os EUA a deter maior número de vitórias em mundiais; honra que cabe à Jugoslávia, vencedora das edições de 1970, 78, 90 e 98. Neste ranking de vencedores segue-se a União Soviética, com três títulos, tantos quantos os dos Estados Unidos da América. Furando o domínio dos três gigantes do basquetebol mundial, o Brasil conquista por duas vezes o ouro, em 1959 e 1963.

△ A final do Mundial de Juniores fez lotar o Pavilhão Atlântico

◁ Nas competições internacionais há muita emoção

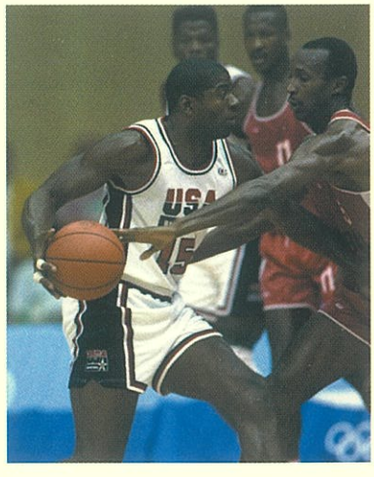
«Traição» aos americanos

A final mais polémica de sempre de um torneio olímpico de basquetebol é, sem dúvida, a de Munique, em 1972. Coloca frente a frente EUA e União Soviética, rivais dentro e fora das quatro linhas. O encontro assume particular importância para os norte-americanos, tradicionais vencedores. A partida é dominada pelos soviéticos, que conseguem manter-se em vantagem praticamente até aos últimos seis minutos, altura em que o marcador lhes é favorável por oito pontos. A equipa norte-americana, apostando numa maior pressão defensiva, consegue diminuir a vantagem adversária, até que a estrela da equipa de Leste, Sasha Belov, perde a bola para Doug Collins, que imediatamente sofre falta de Sakandelidze. Dá-se a reviravolta no jogo. O americano vai para a linha de lance livre e converte os dois lançamentos ao dispor, colocando pela primeira vez os EUA na frente. Os soviéticos põem a bola em jogo, mas não logram marcar nenhum cesto até soar o sinal do fim. No entanto, o encontro não acaba. O árbitro principal, o brasileiro Renato Richetto, é alertado pela mesa de que o técnico da equipa soviética havia pedido um desconto de tempo logo após o primeiro lançamento livre de Collins. O árbitro prepara-se então para reiniciar o segundo de jogo em falta, quando intervém o secretário-geral da FIBA, o britânico William Jones, ordenando que o cronómetro oficial seja atrasado mais dois segundos. A URSS faz a última jogada através de um lançamento comprido que encontra Sasha Belov debaixo do cesto, e entre dois adversários marca o cesto da vitória. Os americanos, inconformados, apresentam um protesto, vetado pelos juízes do bloco de Leste. Frustrados, recusam a medalha de prata e faltam à cerimónia de entrega. Uma reacção compreensível numa selecção que desde 1936 ganha todos os torneios olímpicos de basquetebol. Na verdade, depois desta final polémica, os EUA não participam nos Jogos de Moscovo em 1980 e vencem em 1984, com uma equipa que conta com Pat Ewing, Chris Mullin e Michael Jordan. No entanto, em 1988, uma formação composta por nomes como Dan Majerle, Danny Manning ou David Robinson fica-se por um decepcionante terceiro lugar, atrás da Jugoslávia e da vencedora União Soviética. Em 1992 e 1996, com a abertura aos profissionais da NBA, vêm os «Dream Teams».

Campeões Olímpicos

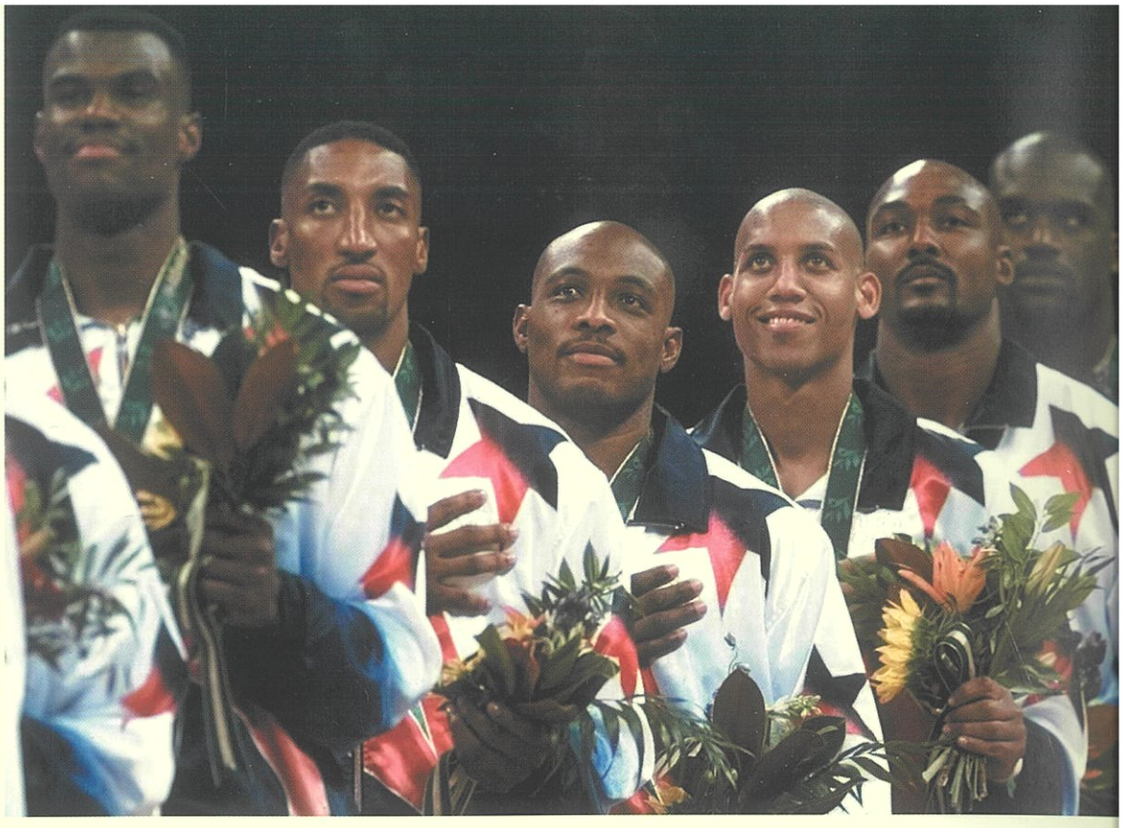
Masculinos
1952: EUA, 1956: EUA, 1960: EUA, 1964: EUA, 1968: EUA, 1972: URSS, 1976: EUA, 1980: Jugoslávia, 1984: EUA, 1988: URSS, 1992: EUA, 1996: EUA

Femininos
1976: URSS, 1980: URSS, 1984: EUA, 1988: EUA, 1992: CEI, 1996: EUA



△ A final dramática das Olimpíadas de Munique

▷ Em Barcelona, Angola teve direito a jogar com os EUA



Uma equipa de sonho

Durante um jogo para o torneio de basquetebol dos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, um jogador da equipa que defronta os EUA executa gestos estranhos na defesa ao base adversário. Os gestos são dirigidos a um colega que, no banco, empunha uma câmara de vídeo. A maior preocupação é que o companheiro de equipa filme bem estes momentos. Afinal, o atleta que ele defende é, nem mais nem menos, Earvin «Magic» Johnson. Para muitos, jogar contra a equipa dos EUA é defrontar os seus ídolos; um sonho tornado realidade. Talvez por isso esta equipa seja chamada «Dream Team».

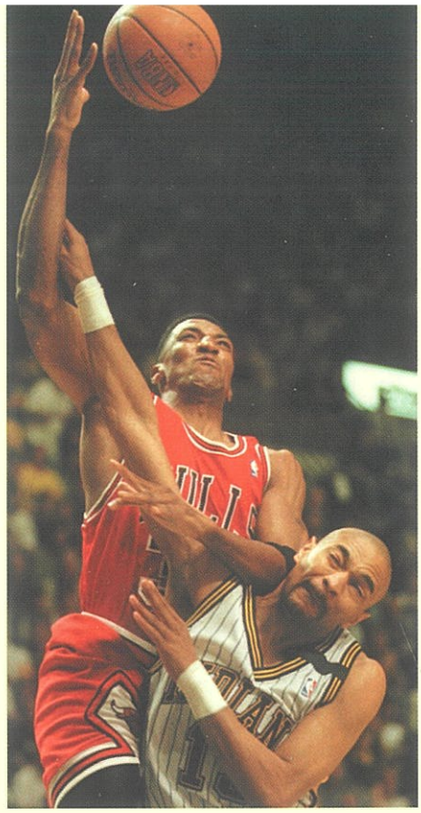
A abertura dos Jogos Olímpicos a atletas profissionais, depois de 96 anos de resistência, possibilita aos fãs a concretização de uma ambição antiga: ver em acção uma «verdadeira» selecção de basquetebol dos EUA, já que até Barcelona as equipas norte-americanas são constituídas por atletas universitários. Mas, mesmo assim, vencem todos os torneios desde 1936 com excepção de 1972 (polémica medalha de prata), 1980 (boicote político) e 1988 (medalha de bronze). Em 1992, os EUA apostam em vingar o humilhante terceiro lugar (ultrapassados por soviéticos e jugoslavos) do torneio anterior. Para cumprir o intento reúnem aquela que é considerada a melhor equipa da história dos jogos colectivos: «Magic» Johnson, Larry Bird e Michael Jordan encabeçam uma lista que, por altura da sua divulgação, põe o mundo do basquetebol «em pulgas» para assistir às Olimpíadas de Barcelona e às prestações da «equipa de sonho». Dos onze elementos que a constituem, nove pertencem ao grupo dos 50 melhores da história da competição, conforme votação efectuada.

As expectativas são confirmadas: a selecção norte-americana passeia a sua classe desde o torneio de apuramento até à final, a 8 de Agosto de 1992, quando vence a Croácia, uma das herdeiras naturais do basquetebol jugoslavo, por 117-85. Ganha os oito jogos com uma vantagem média de 44 pontos e faz furor entre público e meios de Comunicação Social. Chuck Daly, treinador norte-americano, refere: «É como Elvis e os Beatles juntos. Viajar com o 'Dream Team' é como viajar com 12 estrelas de rock.»

△ O original (e verdadeiro) «Dream Team» encantou Barcelona, em 1992, e arrebatou a medalha de ouro

◁ Chuk Daly foi o treinador que orientou a primeira equipa de sonho que, na cerimónia de abertura, evidenciou enorme boa disposição

Scottie Pippen



É dos poucos jogadores que através da sua graciosidade transformam o basquetebol num bailado. Defende, passa, ressalta e lança bem. Na verdade, não parece haver nada no jogo que o ágil e versátil Scottie não saiba fazer. Escolhido pelos Seattle Supersonics no «draft» em 1987, é objecto de uma transacção com os Chicago Bulls, a equipa onde, ao lado de Michael Jordan, alcança o estatuto de lenda. Participa nos seis títulos conquistados pelos Bulls entre 1991 e 1998, constituindo-se a par com Michael Jordan como a estrela maior da equipa. Assume a liderança durante a «retirada» de «Air», entre Outubro de 1993 e Março de 1995. Em 98/99, depois da retirada de Jordan, é transferido para os Houston Rockets e na temporada seguinte para os Portland Trail Blazers. É o segundo jogador da história da competição em triplos-duplos (termo que define a obtenção de resultados estatísticos na ordem das dezenas em três vertentes do jogo).

Bilhete de Identidade

Scottie Pippen
Hamburg, Arkansas (EUA), 25 de Setembro de 1965

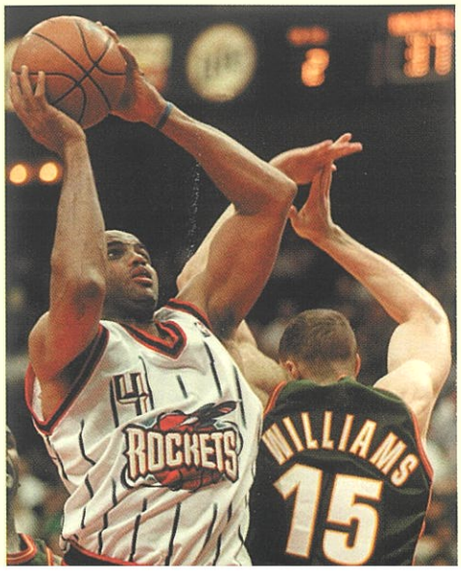
Como jogador
EQUIPAS
Indiana State, Chicago Bulls, Houston Rockets e Portland Trail Blazers

PALMARÉS
6 vezes campeão da NBA 1991, 1992, 1993, 1996, 1997 e 1998 (Chicago Bulls)

SELECÇÃO A
Campeão olímpico 1992 e 1996

Charles Barkley

«Sir Charles» é um extremo poderoso, especialista em intimidar os adversários. Impõe-se como lutador incansável nas tabelas, marcando pontos e ganhando ressaltos. Depois de muitos anos ao serviço dos Philadelphia 76'ers, dos Phoenix Suns e, mais recentemente, dos Houston Rockets, passa sempre ao lado de um título. Fisicamente, Barkley é um jogador incaracterístico: denuncia uma certa tendência para engordar e não é especialmente alto (1,98m) para a sua posição. Contudo, é senhor de um vasto arsenal de recursos técnicos e de uma força física e mental impressionantes. Pertence ao restrito lote de jogadores cujo desempenho melhora em relação directa à pressão.



É recrutado pelos Philadelphia 76'ers em 1984, onde fica durante oito épocas. Em 91/92 é trocado por Jeff Hornacek, Andrew Lang e Tim Perry, dos Phoenix Suns. A mudança revela-se benéfica. Na sua primeira época nos Phoenix Suns vence o troféu MVP da temporada e conduz a equipa às Finais da NBA, que perde com os Chicago Bulls. Os anos seguintes não são, de todo, tão bons: afectado por lesões, não consegue ajudar os Suns a conquistarem o tão almejado título. Em 1996, viaja para Houston, para os Rockets, onde recentemente, devido a uma grande lesão num joelho, conclui a sua fantástica carreira de basquetebolista profissional.

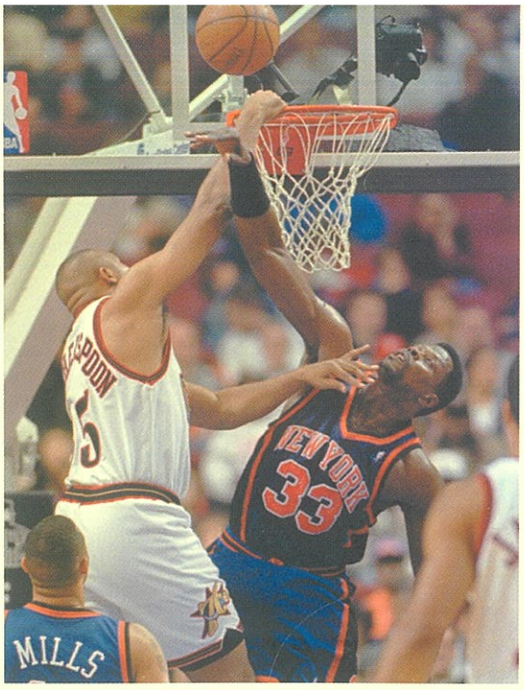
Bilhete de Identidade

Charles Wade Barkley
Leeds, Alabama (EUA), 20 de Fevereiro de 1963

Como jogador
EQUIPAS
Auburn, Philadelphia 76'ers, Phoenix Suns e Houston Rockets

PALMARÉS
1 presença nas finais da NBA 1993 (Phoenix Suns).
1 MVP em 1993 (Phoenix Suns)

SELECÇÃO A
2 vezes campeão olímpico 1992 e 1996



Patrick Ewing

Poderoso na luta de tabelas, é ainda dono de um bom lançamento de meia-distância cada vez mais eficaz com o passar dos anos. Chamam-lhe Força da Natureza devido à forma como movimenta os seus 2,13 m e 116 kg. «Pat» Ewing é determinante para o ressurgimento dos New York Knicks na década de 80. Ganha o ouro em Los Angeles 84 e Barcelona 92. Em 1986 é escolhido como «rookie» (melhor jogador estreante) da NBA. Falta-lhe um anel de campeão. Aproxima-se desse objectivo em 98/99, mas uma lesão afasta-o dos jogos da final contra os San Antonio Spurs.

Bilhete de Identidade

Patrick Aloysius Ewing
Kingston (Jamaica), 5 de Agosto de 1962

Como jogador
EQUIPAS
Georgetown e New York Knicks

PALMARÉS
2 presenças em finais NBA 1994 e 1999*
(New York Knicks)

SELECÇÃO A
2 vezes campeão olímpico 1984 e 1992

* Não alinhou por se encontrar lesionado

Karl Malone

É o alvo preferencial dos passes de John Stockton, que o ajuda a estabelecer a terceira melhor média de pontos por jogo da NBA, além de se cotar como o terceiro jogador com mais triplos-duplos. Um bom campeonato universitário pelos Bulldogs justifica a escolha em 13º lugar no «draft» da NBA, em 1985. Destaca-se nesse ano, fazendo uma média de 14,9 pontos e 8,9 ressaltos. Atinge o auge em 96/97. Vence o troféu MVP. É o terceiro melhor marcador de sempre da NBA, atrás de Abdul-Jabbar e Wilt Chamberlain.

Bilhete de Identidade

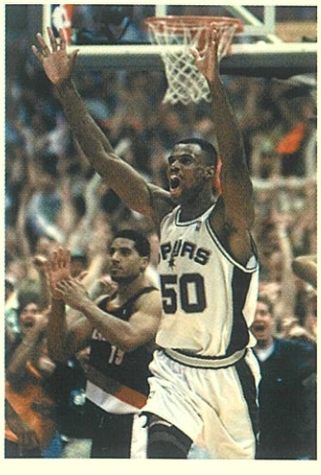
Karl Malone
Summerfield, Louisiana (EUA), 24 Julho de 1963

Como jogador
EQUIPAS
Louisiana Tech, Utah Jazz

PALMARÉS
2 presenças em finais NBA 1997 e 1998 (Utah Jazz). 2 MVP da NBA 1997 e 1999

SELECÇÃO A
2 vezes campeão olímpico 1992 e 1996

David Robinson



Tem lugar garantido no «top 15» em desarmes de lançamento, percentagem de concretização de lançamentos de campo e ressaltos. É o único basquetebolista americano a representar a selecção em 1988, 1992 e 1996. O seu efeito no campeonato universitário é devastador. No terceiro ano, estabelece um recorde de desarmes de lançamento (5,91 por jogo). Os San Antonio Spurs seleccionam-no na primeira posição do «draft» da NBA em 1987, mas o serviço militar obriga-o a esperar dois anos. Na primeira temporada vence o título de «rookie» do ano e, em 1995, o troféu de MVP da temporada. Em 1999, arrecada o anel de campeão.

Bilhete de Identidade

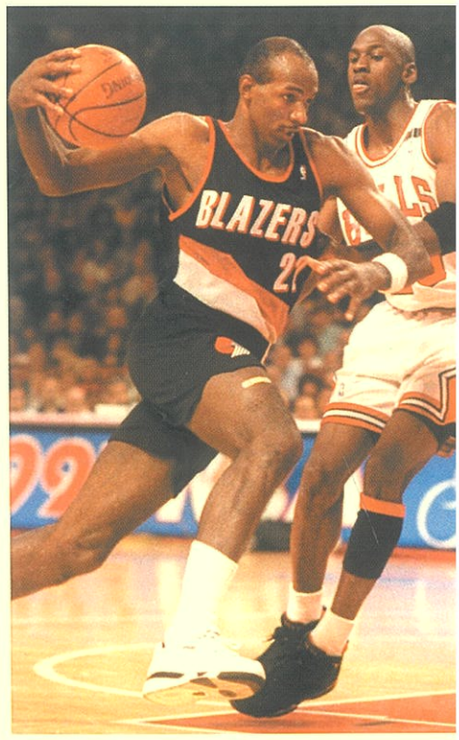
David Maurice Robinson
Key West, Florida (EUA), 6 de Agosto de 1965

Como jogador
EQUIPAS
Navy e San Antonio Spurs

PALMARÉS
1 vez campeão da NBA 1999 (San Antonio Spurs). MVP 1995 (San Antonio Spurs). Defensor do ano 1992 (San Antonio Spurs). «Rookie» do ano 1990 (San Antonio Spurs)

SELECÇÃO A
2 vezes campeão olímpico 1992 e 1996. 3º nos Jogos Olímpicos 1988

Clyde Drexler



Há uma categoria de jogadores que com a sua impulsão e incrível tempo de salto parecem desafiar a lei da gravidade. Julius Irving (Dr. J), Michael Jordan ou Clyde Drexler são disso exemplos. Algumas vezes intitulado o «Michael Jordan do Oeste», Drexler é uma estrela que resiste a comparações. Durante as doze épocas ao serviço dos Portland Trail Blazers (1983 até 1995), inscreve o nome em quase todas as categorias de recordes da equipa, embora perca as duas finais em que participa (1990 contra os «bad boys» Detroit Pistons e 1992 frente aos Chicago Bulls). Vence o primeiro e único título em 1995, ao serviço dos Rockets de Houston.

O ingresso de Clyde Drexler nos Houston Rockets envolve alguns factos curiosos: natural de Houston, encontra na equipa o velho companheiro de universidade, Hakeem «The Dream» Olajuwon. Estes factos ajudaram-no, em 1998, a concluir da melhor forma a sua carreira. Nesse ano lidera os Rockets na categoria de pontos (18,4 por jogo) e em assistências (5,5 por jogo). Na despedida, fica como um dos poucos jogadores da NBA a superar 20 000 pontos, 6000 ressaltos e 3000 assistências.

Bilhete de Identidade

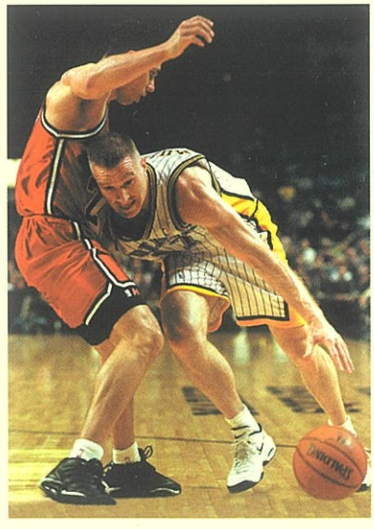
Clyde Drexler
Houston, Texas (EUA), 22 de Junho de 1962

Como jogador
EQUIPAS
Houston, Portland Trail Blazers, Houston Rockets

PALMARÉS
1 vez campeão da NBA 1995 (Houston Rockets)

SELECÇÃO A
1 vez campeão olímpico 1992

Chris Mullin



É um jogador «fino», com lançamento tecnicamente irrepreensível e que, apesar de se ter debatido (enquanto jovem) com problemas de alcoolismo, se distingue pela excelência do seu jogo. Chris Mullin não só integra a equipa de basquetebol dos EUA nas Olimpíadas de 92 como também é seleccionado em 1984. A sua carreira universitária é premiada com o John Wooden Award em 1985, prémio que distingue o melhor jogador.

Em 1999, assina a melhor percentagem de concretização de lançamentos de três pontos dos Pacers, e é (só) o segundo lançador de três pontos mais bem sucedido da NBA. Em 1990, ainda ao serviço dos Golden State Warriors, concretiza onze lançamentos de campo consecutivos, contra os Miami Heat. Mas os talentos de Mullin não se esgotam na arte de bem lançar ao cesto. É exímio a «roubar» bolas, a assistir os colegas e até a desarmar lançamentos, não tanto pelo poder físico (2,01m e 97kg), mas por uma excelente percepção do «timing» dos lançamentos adversários. A comprová-lo estão os números que o colocam em primeiro lugar em roubos de bola, quarto em pontos e assistências e quinto em desarmes de lançamento da história dos Warriors.

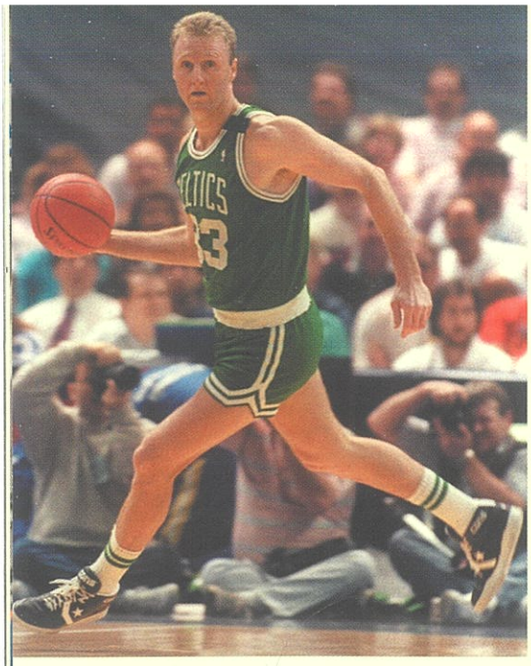
Bilhete de Identidade

Christopher Paul Mullin
Brooklyn, Nova Iorque (EUA) 30 de Julho de 1963

Como jogador
EQUIPAS
St John's, Golden State Warriors, Indiana Pacers

PALMARÉS
Recordista dos Warriors em jogos e roubos de bola

SELECÇÃO A
Campeão olímpico 1984 e 1992



Larry Bird

Dele diz-se que personifica o «orgulho dos Celtics» (de Boston). Jogador de equipa, lutador (é o recordista de ressaltos defensivos em jogos de «playoff») e dono de um excelente lançamento de três pontos. Óptimo passador – na sua época apenas fica atrás de «Magic» Johnson –, Bird é um jogador completo que conta no currículo, entre outros troféus, com três títulos da NBA, três de MVP consecutivos (1984, 1985 e 1986). Em 97/98 assume o cargo de treinador principal dos Pacers (colocando a equipa a jogar um basquetebol vistoso), função que ainda mantém, apesar de já ter anunciado que pretende mudar de ares num futuro a curto-médio prazo.

Bilhete de Identidade

Larry Bird
French Lick, Indiana (EUA), 7 de Dezembro de 1956

Como jogador
EQUIPAS
Indiana State e Boston Celtics

PALMARÉS
3 vezes campeão da NBA 1981, 1984 e 1986.
3 vezes MVP da NBA 1984, 1985 e 1986.
2 vezes MVP das Finais, 1984 e 1986

SELECÇÃO A
Campeão olímpico 1992

Como treinador
EQUIPAS
Indiana Pacers

John Stockton

É o «rei das assistências». Não tão espectacular quanto «Magic», é o protótipo do base clássico: relativamente baixo (1,85m), excelente lançador de três pontos e maestro de toda a manobra da equipa, é o recordista de assistências da história da NBA e roubos de bola.
Faz a carreira académica na pequena Universidade de Gonzaga, em Spokane, estado de Washington, onde o pai mantém um bar. É escolhido na 16ª posição do «draft» de 1984, um ano antes de Karl Malone, com quem constitui, ainda hoje, uma das mais temidas duplas da Liga.

Bilhete de Identidade

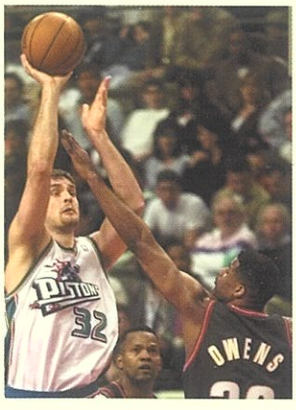
John Houston Stockton
Spokane, Washington (EUA), 26 Março de 1962

Como jogador
EQUIPAS
Gonzaga e Utah Jazz

PALMARÉS
2 presenças em finais NBA 1997 e 1998 (Utah Jazz). Líder de assistências e roubos de bola da história da NBA

SELECÇÃO A
Campeão olímpico 1992 e 1996

Christian Laettner



Único universitário do lote, o extremo-poste é uma estrela em ascensão. Enquanto jogador universitário recebe quase todas as honras e prémios conhecidos, mas o maior é, sem dúvida, integrar o «Dream Team» original.
Escolhido pelos Minnesota Timberwolves em terceiro lugar do «draft» da NBA em 1992, torna-se figura dominante, liderando em pontos e ressaltos. Contudo, os Timberwolves tardam em obter resultados e Laettner é trocado para os Atlanta Hawks em 95/96, sendo importante no caminho para os «playoffs». Em 98/99 vai para os Detroit Pistons.

Bilhete de Identidade

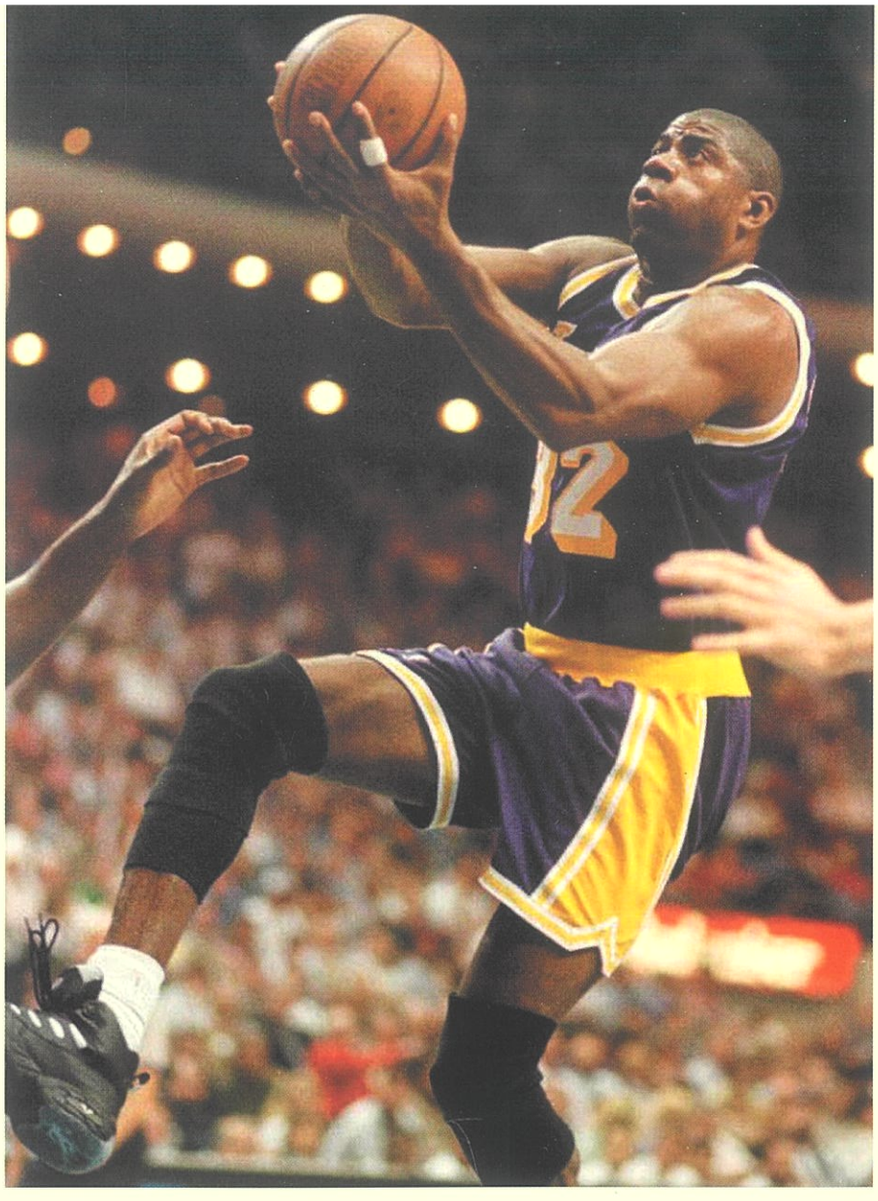
Christian Donald Laettner
Angola, Nova Iorque (EUA), 17 de Agosto de 1969

Como jogador
EQUIPAS
Duke, Minnesota Timberwolves, Atlanta Hawks e Detroit Pistons

PALMARÉS
Melhor ressaltador da história dos Minnesota Timberwolves

SELECÇÃO A
Campeão olímpico 1992

«Magic» Johnson

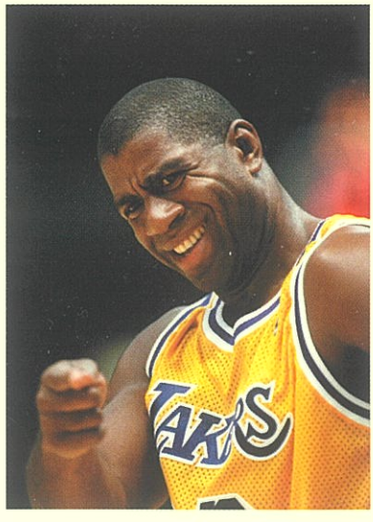


«Magic» Johnson é seropositivo. A notícia espalha-se rapidamente pelo Mundo inteiro e provoca uma onda de choque. O sonho americano fora apanhado pela sida.

Earvin Johnson, um dos nove filhos de um operário da General Motors e de uma contínua do Liceu de Lansing, no Michigan, é chamado «Magic» pela primeira vez por um jornalista desportivo que o vê jogar no Liceu e fazer 36 pontos, 16 ressaltos e 16 assistências. A mãe, cristã devota, não gosta da alcunha por a considerar blasfema, mas Johnson, com 15 anos, já tem o nome de lenda.

Na universidade (Michigan State), vence o campeonato da NCAA numa final histórica contra o Indiana State, de Larry Bird. Em 1979 entra no ambicionado «draft» de acesso à NBA e é escolhido pelos Lakers, equipa onde passa os 13 anos de carreira basquetebolística. Na primeira temporada, perde o título de «rookie» do ano para Larry Bird, mas torna-se no primeiro estreante da NBA a fazer parte do cinco inicial do «All-Star Game» em 11 anos e, melhor ainda, arrecada o primeiro anel de campeão numa final em que se estreia no livro dos imortais da NBA. No sexto jogo da final, contra os Philadelphia 76'ers, com a estrela dos Lakers, o poste Kareem Abdul-Jabbar, afastado por lesão contraída no jogo anterior, «Magic» joga a base, poste e extremo, acumulando 42 pontos, sete assistências e três roubos de bola. Carrega a sua equipa para a vitória no campeonato e é o primeiro «rookie» a vencer o prémio de MVP da final. Na época 81/82, depois de ter perdido a anterior por lesão num joelho, reedita a vitória no campeonato de 1980, batendo os 76'ers Philadelphia, mais uma vez, na final.

Em 1987, consegue outro objectivo que há muito persegue: o título de MVP da época, conquistado por Bird três vezes, o que «incomoda» Johnson. Ganho o primeiro, iguala a marca do rival, vencendo o MVP por mais duas vezes (1989 e 1990). Em 1987 e 1988, os Lakers assumem-se como a grande equipa dos anos 80, vencendo o campeonato dois anos seguidos, feito conseguido pela última vez pelos Boston Celtics cerca de vinte anos antes (1968 e 1969). Em 1991, depois de ver os Detroit Pistons arrebatarem o título em 1989 e 1990, «Magic» defronta Jordan na final, apadrinhando o primeiro anel de «Air». Durante a época 91/92, anuncia a sua doença e retira-se. Faz algumas tentativas para voltar à competição, quer como treinador quer como jogador, mas abandona a modalidade definitivamente em 1996. Durante a época 96/97, é nomeado como um dos melhores 50 atletas da história da NBA. Entre outras actividades televisivas, usa a imagem em campanhas de prevenção da sida e outras causas humanitárias. Entretanto, compra uma equipa... na Suécia!



Bilhete de Identidade

Earvin Johnson Jr.
Lansing, Michigan (EUA), 14 Agosto de 1959

Como jogador
EQUIPAS
Michigan State, LA Lakers

PALMARÉS
5 vezes campeão da NBA 1980, 1982, 1985, 1987 e 1988. 3 vezes MVP da NBA 1987, 1989 e 1990. 3 vezes MVP das finais 1980, 1982 e 1987

SELECÇÃO A
1 vez campeão olímpico 1992

Como treinador
EQUIPAS
LA Lakers

NBA

Campeões da NBA

1950: Minneapolis Lakers, 1951: Rochester, 1952: Minneapolis Lakers, 1953: Minneapolis Lakers, 1954: Minneapolis Lakers, 1955: Syracuse, 1956: Philadelphia Warriors, 1957: Boston Celtics, 1958: St. Louis Hawks, 1959: Boston Celtics, 1960: Boston Celtics, 1961: Boston Celtics, 1962: Boston Celtics, 1963: Boston Celtics, 1964: Boston Celtics, 1965: Boston Celtics, 1966: Boston Celtics, 1967: Philadelphia 76'ers, 1968: Boston Celtics, 1969: Boston Celtics, 1970: New York Knicks, 1971: Milwaukee Bucks, 1972: Los Angeles Lakers, 1973: New York Knicks, 1974: Boston Celtics, 1975: Golden State Warriors, 1976: Boston Celtics, 1977: Portland Trail Blazers, 1978: Washington Bullets, 1979: Seattle Supersonics, 1980: LA Lakers, 1981: Boston Celtics, 1982: LA Lakers, 1983: Philadelphia 76'ers, 1984: Boston Celtics, 1985: LA Lakers, 1986: Boston Celtics, 1987: LA Lakers, 1988: LA Lakers, 1989: Detroit Pistons, 1990: Detroit Pistons, 1991: Chicago Bulls, 1992: Chicago Bulls, 1993: Chicago Bulls, 1994: Houston Rockets, 1995: Houston Rockets, 1996: Chicago Bulls, 1997: Chicago Bulls, 1998: Chicago Bulls, 1999: San Antonio Spurs

Campeões da WNBA

1997: Houston Comets, 1998: Houston Comets, 1999: Houston Comets

Dia 1 de Novembro de 1946, os Toronto Huskies recebem os New York Knickerbockers em Maple Leaf Gardens, naquele que é o primeiro jogo da NBA. O desafio atrai cerca de sete mil espectadores, número recorde se pensarmos que no Canadá o desporto mais popular é o hóquei no gelo. Os Knicks vencem por 68-66, resultado normal numa época em que o basquetebol não se distingue pela espectacularidade. O lançamento em suspensão é considerado pelos treinadores uma temeridade, os jogadores devem antes lançar com os pés bem assentes no chão e não há limite de tempo para lançamento, as equipas têm tempo ilimitado de posse de bola.

No dia 6 de Junho de 1946, um grupo de donos de pavilhões encontra-se no Hotel Commodore, em Nova Iorque, para discutir a criação de uma liga profissional de basquetebol, baptizada como Basketball Association of America. Estes homens têm pouca experiência do que é o basquetebol, estão mais familiarizados com o hóquei no gelo, circo e «rodeos». A excepção é o dono do Madison Square Garden, de Nova Iorque, que nos anos 30 e 40 organiza encontros de basquetebol entre equipas universitárias.

A euforia do fim da II Guerra Mundial e o apetite por novas formas de entretenimento vão desenvolver o entusiasmo pelo basquetebol em Nova Iorque, Filadélfia ou Boston. É esse interesse crescente o ponto de partida para a criação de uma liga profissional.

No dia 11 de Junho de 1946 são criadas duas divisões com onze clubes: a Divisão Este, com os Boston Celtics, Philadelphia Warriors, Providence Steamrollers, Washington Capitols, New York Knickerbockers e Toronto Huskies. Na Divisão Oeste pontificam os Pittsburgh Ironmen, Chicago Stags, Detroit Falcons, St. Louis Bombers e Cleveland Rebels. Três épocas mais tarde, a Basketball Association of America funde-se com a National Basket League e assim nasce a National Basketball League – NBA.

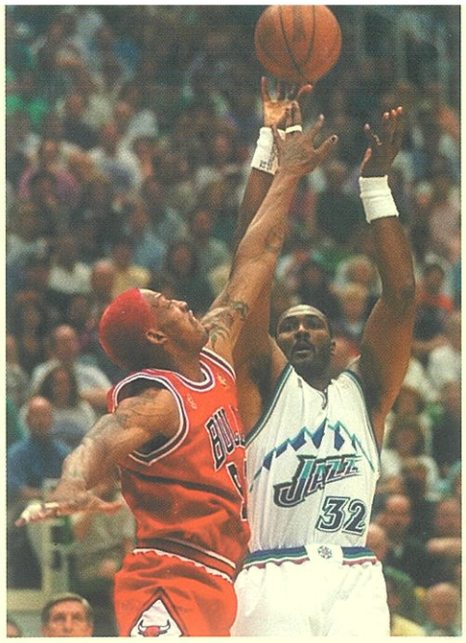
O primeiro campeonato é vencido pelos Warriors, dirigidos por Eddie Gottlieb, simultaneamente proprietário e treinador da equipa de Filadélfia.

A «lança» de Ticha

Depois de várias tentativas frustradas, arrancou em 1997, em definitivo, a WNBA, a versão feminina da NBA que, claro está, acolhe as melhores atletas do planeta. Entre elas figura, desde a segunda temporada, aquela que é considerada a melhor base mundial da actualidade. Tudo normal? Sim, só com uma «pequena» curiosidade: Ticha Penicheiro é... portuguesa, natural da Figueira da Foz!

Rainha das assistências, a jovem que começou por fazer figura na Universidade de Old Dominion – chegou a vice-campeã universitária – é tratada como verdadeira estrela, passando horas em contactos com a Imprensa e a «rodar» anúnicos. Em Sacramento, local onde está sediada a sua equipa (Monarchs), é a preferida dos adeptos que, invariavelmente, «explodem» de entusiasmo quando observam os seus passes magistrais. Não é por acaso que lhe chamam «Magic Johnson»... Desde a última época, Ticha é acompanhada por Mery Andrade que, após ter tido experiência idêntica em Old Dominion, evolui agora nas Rockers de Cleveland.

Colectivamente, as Comets de Houston somam por vitórias os campeonatos realizados.



◁ Ticha é figura de proa na WNBA

△ Rodman e Malone na final de 1998

△ Os quatro líderes (Rodman, Pippen, Jackson e Jordan) que fizeram dos Bulls a melhor equipa de sempre da história do basquetebol

Kareem Abdul-Jabbar

Ferdinand Lewis Alcindor Jr é detentor de seis troféus MVP (temporada), dois troféus de MVP (finais), seis anéis da campeão da NBA, participa em 19 jogos de «All-Star» e é em duas temporadas o melhor marcador de pontos. Tem ainda oito recordes de «play-off» e sete recordes de jogos de «All-Star». É o melhor marcador da história da NBA.
Contudo, são poucos os fãs que conhecem este nome. Ferdinand fica para a história como Kareem Abdul-Jabbar, nome que adopta após se converter ao Islão. Já na universidade é dominador, ajudando a equipa da UCLA a ganhar três campeonatos. É com pesar que os responsáveis da Universidade da Califórnia o vêem partir. Os Milwaukee Bucks, há apenas dois anos na competição, acolhem o promissor «poste». A aposta rapidamente compensa: conseguem ascender ao segundo lugar do Este. Alcindor arrebata o título de «rookie» do Ano. O segundo ano é o da confirmação. Os Bucks constroem uma sólida equipa e conquistam o título. Alcindor é o melhor marcador e é eleito MVP da temporada e das finais. Em 1975, conquista nos Lakers, de Los Angeles, mais um título de MVP da temporada, o seu quarto em sete anos.

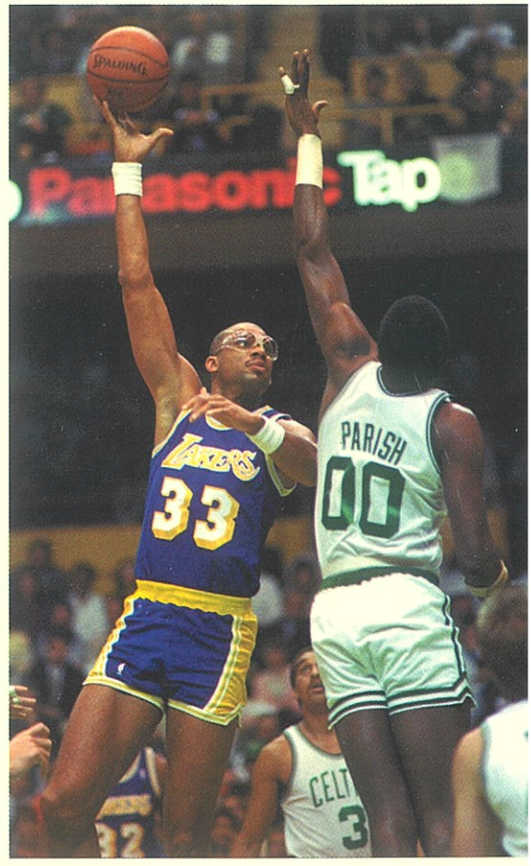
Em 1979, os Lakers recrutam Earvin Johnson. A magia chega a Los Angeles e Jabbar conquista mais cinco anéis pela equipa de LA, ao mesmo tempo que o seu estilo se aperfeiçoa, como mostra um novo movimento que se torna a sua marca registada: o «skyhook». Em 1985, na final contra os Celtics, quando já todos o apontam como acabado (38 anos) consegue espantosas médias de 30 pontos, 11 ressaltos e dois desarmes de lançamento.

Bilhete de Identidade

Ferdinand Lewis Alcindor Junior, Kareem Abdul-Jabbar
Nova Iorque (EUA), 16 de Abril de 1947

Como jogador
EQUIPAS
UCLA, Milwaukee Bucks e LA Lakers

PALMARÉS
Seis vezes campeão da NBA 1971 (Bucks), 1980 (Lakers), 1982 (Lakers), 1985 (Lakers), 1987 (Lakers) e 1988 (Lakers). Seis vezes MVP da NBA 1971 (Bucks), 1972 (Bucks), 1974 (Bucks), 1976 (Lakers), 1977 (Lakers) e 1980 (Lakers). Duas vezes MVP das finais 1971(Bucks) e 1985 (Lakers). «Rookie» do ano 1970 (Bucks)



Wilt Chamberlain

Cem pontos! Nunca se viu um homem marcar tanto num único jogo. Acontece em 1962, numa partida dos Philadelphia Warriors contra os New Yorks Knicks. Wilt Chamberlain domina o basquetebol da NBA durante a década de 60. Com 2,16 m e 136 quilos, é uma presença de respeito perto do cesto, numa altura em que os jogadores são relativamente baixos e com menor porte físico e atlético. Na universidade, lidera a equipa na conquista de um campeonato da NCAA, estabelecendo um recorde de pontuação ao facturar 52 pontos.
A colecção de recordes e sucessos continua na sua carreira profissional, que ainda antes da NBA passa uma temporada nos Harlem Globetrotters. Finalmente, os Philadelphia Warriors asseguram o seu concurso para a época de 59/60. Na estreia, com uma média de 37,6 pontos e 27 ressaltos, é nomeado «rookie» do ano e MVP da temporada.

Se o estilo de jogo de Chamberlain assenta no seu poder físico, também é certo que as equipas adversárias usam todos os recursos para o deter, até os menos limpos. Não se deixa intimidar nem nunca retalia, pelo que em 14 anos nunca é expulso por faltas.

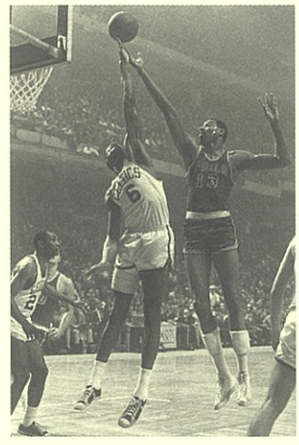
Bilhete de Identidade

Wilton Norman Chamberlain
Philadelphia (EUA), 21 de Agosto de 1936

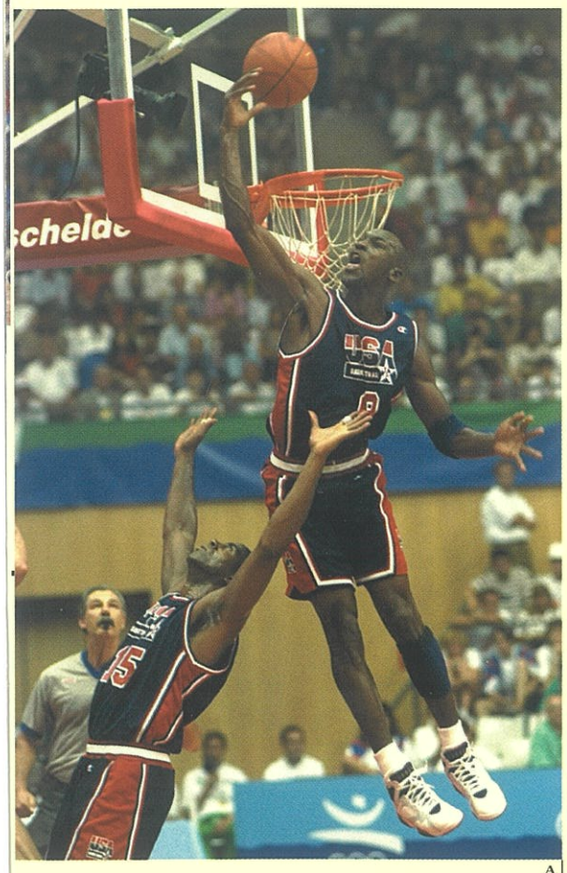
Como jogador
EQUIPAS
Harlem Globetrotters, Philadelphia Warriors, Philadelphia 76'ers e LA Lakers

PALMARÉS
2 vezes campeão NBA 1967 (76'ers) e 1972 (Lakers). 4 vezes MVP 1960, 1966, 1967 e 1968. 1 vez MVP em finais NBA 1972. «Rookie» do ano 60

Como treinador
CLUBES
San Diego Conquistadors

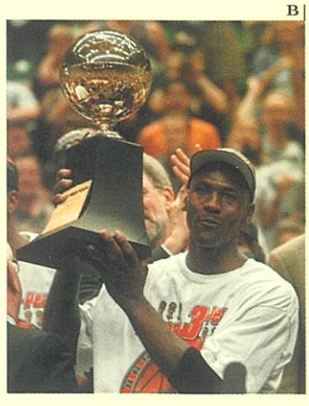


Deus na terra e no ar



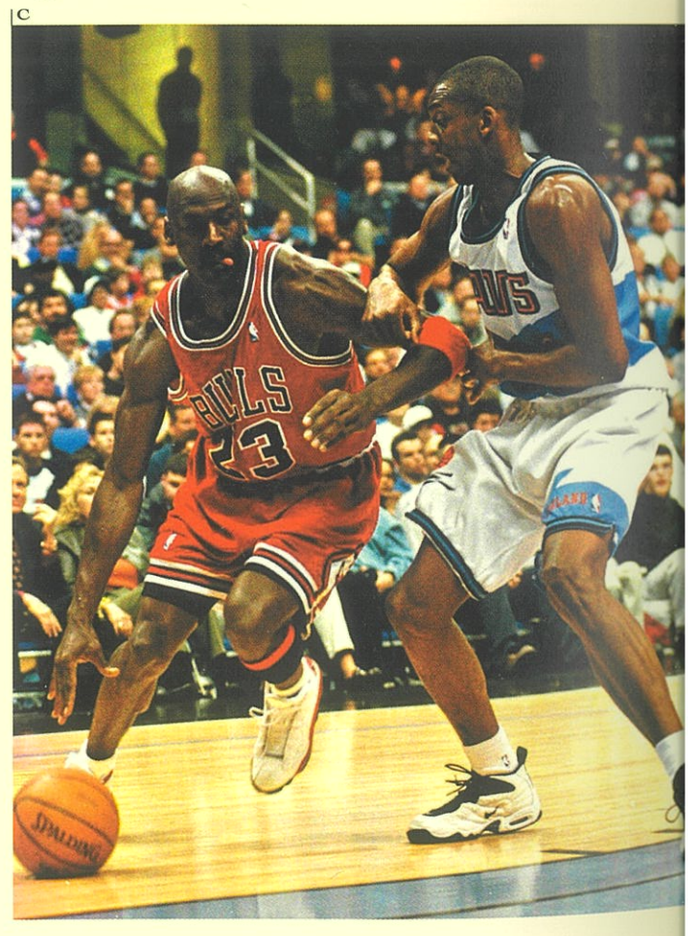
A

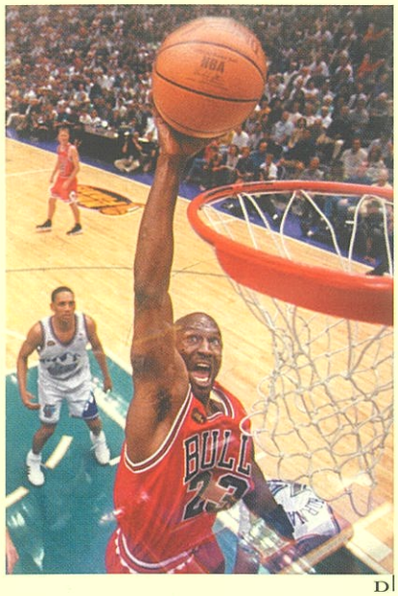
«Acho que é Deus disfarçado de Michael Jordan.» É assim que Larry Bird, a estrela dos Boston Celtics e um dos maiores jogadores de sempre, descreve a actuação de Michael Jordan no jogo dos «playoffs» de 1986 em que «Air» Jordan marca 63 pontos e estabelece um novo recorde de marcação de pontos em jogos de «playoff». O companheiro de equipa de Jordan, John Paxson declara: «Michael estava a fazer tanto e tão bem que dei por mim a querer parar e simplesmente observá-lo.»
Michael Jordan nasce a 17 de Fevereiro de 1963 em Brooklyn, Nova Iorque. Mas o jovem Jordan só começa a dar que falar quando, ao serviço da equipa da universidade da Carolina do Norte, e ao lado de James Worthy (mais tarde extremo dos Lakers que joga ao lado de «Magic» Johnson), conquista o título do campeonato universitário (NCAA). É Jordan quem marca o cesto decisivo que vence a equipa de Georgetown na final.
A Universidade da Carolina do Norte vence por um ponto e conquista um título que lhe foge desde 1957.
Em 1984, Jordan vence a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Los Angeles com a camisola da selecção (feito que repete em 1992, com o famoso «Dream Team») e mostra-se disponível para se dedicar ao basquetebol profissional ainda nesse ano. É escolhido pelos Chicago Bulls na terceira posição do «draft», num ano em Hakeem «the dream» Olajuwon é a primeira escolha. Mas Jordan rapidamente mostra que aspira a ser o único «número um»: na época de 84/85 ajuda os Bulls a alcançarem a fase dos «playoffs», o que já não acontece desde 1981, é nomeado «rookie» (estreante) do ano, consegue um lugar no cinco inicial do All Star Game e vence o concurso de «afundanços», num duelo épico contra Dominique Wilkins. Jordan «arruma-o» com um em que salta da linha de lance livre.
Rapidamente se assume como uma das estrelas da NBA, mas não consegue levar os Bulls a um lugar de maior destaque senão em 1991. Já rodeado de uma equipa treinada por Phil Jackson e composta por nomes como Scottie Pippen, Bill Cartwright, Horace Grant ou John Paxson, além de um banco sólido e consistente, conquista o primeiro título da história dos Bulls.
Os «sacrificados» da final foram os Portland Trail Blazers, que perdem sua segunda final consecutiva.
Ainda vence mais cinco anéis de campeão (1992, 1993, 1996, 1997 e 1998). Quando se retira (1998), «Air» deixa um vazio difícil de preencher na NBA e no clube de sempre, os Bulls, que assistem à desintegração da equipa, com a saída de Phill Jackson, Scottie Pippen e Dennis Rodman. ▶



B

C





D

O primeiro abandono

6 de Outubro de 1993. Michael Jordan espanta o mundo, desta vez, não com uma das suas incríveis jogadas, mas com uma conferência de imprensa em que anuncia a intenção de abandonar o basquetebol. No meio do cataclismo que tal retirada provoca nos fãs em todo o Mundo, sobressaem dúvidas e questões sobre a razão de uma retirada considerada prematura por todos. Jordan justifica-se com a desmotivação de quem já ganhou tudo o que havia para ganhar, mas, com 30 anos, ainda está longe de acabado.

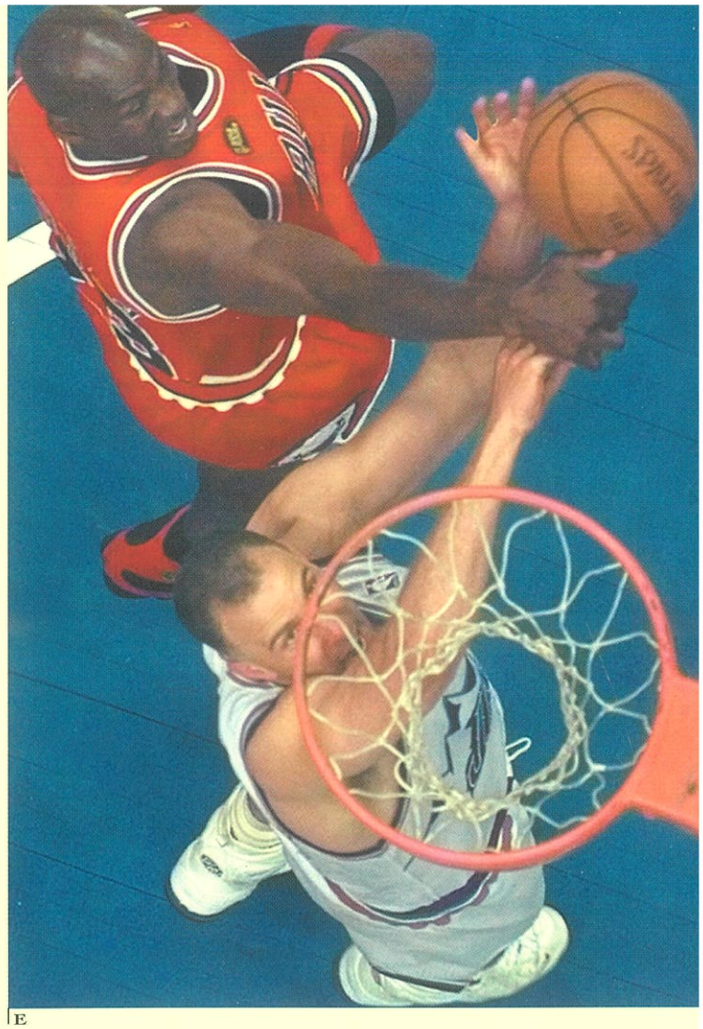
Outros motivos começam a vir à superfície. A morte do pai, assassinado a tiro, levanta rumores acerca do envolvimento de Jordan no submundo do jogo de Chicago.

O próprio confirma essa perigosa tendência meses mais tarde: «Apostava em tudo o que se podia apostar.» Acaba por atravessar uma grave crise, que o impede de suportar o ritmo extremamente competitivo da NBA. Mas Jordan não consegue estar parado e rapidamente aparece a jogar basebol, primeiro nos Chicago White Sox e depois em Birmingham.

«Air» permanece afastado da NBA durante ano e meio, voltando no final da época 94/95, sem, no entanto, conseguir impedir o afastamento dos Bulls na primeira ronda dos «playoffs», frente aos Orlando Magic. Depois de dois campeonatos vencidos pelos Houston Rockets e do longo afastamento, Jordan tem novamente algo a provar. E prova-o, conquistando mais três títulos da NBA para os Bulls.

Há outros momentos de destaque na vida do melhor basquetebolista de todos os tempos. Figura pública à escala global, participa em campanhas publicitárias de milhões e tem um papel no sucesso de bilheteira cinematográfico «Space Jam», contracenando com o não menos famoso Bugs Bunny. Faz parte do primeiro «Dream Team» que vence o ouro olímpico em Barcelona 92.

Quando Jordan se retira, no fim de 1998, leva consigo seis anéis de campeão, seis troféus de MVP da final e cinco títulos de melhor jogador da época regular, além de uma infinidade de outros títulos e troféus.



E

A Um «voo» imenso nas Olímpiadas 1992
B Levantar taças de campeão: um vício
C Com a bola na mão tudo pode fazer
D A altura do cesto nunca é problema
E Em qualquer ângulo Jordan é... Jordan

Bilhete de Identidade

Michael Jeffrey Jordan
Brooklyn, Nova Iorque (EUA), 17 de Fevereiro de 1963

Como jogador
EQUIPAS
North Carolina; Chicago Bulls

PALMARÉS
Seis vezes campeão da NBA 1991, 1992, 1993, 1996, 1997 e 1998. Cinco vezes MVP da NBA 1988, 1991, 1992, 1996 e 1998. Seis vezes MVP das finais 1991, 1992, 1993, 1996, 1997 e 1998. «Rookie» do ano 1985

SELECÇÃO A
2 vezes campeão olímpico 1984 e 1992

Variantes na mesa

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE BILHAR É FUNDADA A 24 DE ABRIL DE 1936. O CAMPEONATO NACIONAL INDIVIDUAL INICIA-SE EM 38/39 E POR EQUIPAS EM 64/65. A FEDERAÇÃO, CONSIDERADA INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA A 4 DE ABRIL DE 1994, TEM CERCA DE 900 INSCRITOS. LISBOA E PORTO TÊM DUAS ASSOCIAÇÕES REGIONAIS. NÃO HÁ COMPETIÇÕES OFICIAIS DE SNOOKER INGLÊS. RECONHECIDO PELO COMITÉ OLÍMPICO, O BILHAR VAI PROVAVELMENTE ESTREAR-SE NOS JOGOS OLÍMPICOS DE 2004

1954 – Vervest (Bélgica) vence o Europeu disputado em Lisboa. Bate o espanhol Domingo por 500-486

1962 – João Pereira ganha o Nacional pela sexta vez

1978 – António Vinagre soma o sexto título nacional

1982 – Francis Connesson repete a vitória no Mundial

1984 – Egídio Vieira é vice-campeão europeu

1987 – Tordjorn Blomdahl sagra-se campeão mundial

1994 – A selecção nacional, constituída por Jorge Theriaga e Mário Ribeiro, vence a medalha de prata por equipas no Mundial

1996 – Jorge Theriaga ergue a Taça do Mundo

1997 – Fernando Tomás vence pela segunda vez consecutiva a Taça de Portugal

1999 – Jorge Theriaga consegue o 14º título de campeão nacional

O bilhar com três bolas aparece por volta de 1850, e 23 anos depois são organizadas as primeiras provas. Os campeonatos disputam-se, por equipas e individualmente, em duas disciplinas: «pool» (americano) e carambola às três tabelas. O «pool» tem como objectivo a inserção nos buracos da mesa das sete bolas correspondentes a cada jogador e da bola preta, no caso da variante «bola oito». Na variante «bola nove», as nove bolas devem ser inseridas pela ordem ditada pelos números, sendo a última bola a de risca amarela. Na carambola, jogada com três bolas, o jogador tem de bater com a sua bola na bola do adversário e na bola neutra, cumprindo três tabelas.

Na história do Nacional de três tabelas, o Sporting tem 14 títulos, seguindo-se o Benfica com nove, o Porto com oito e o Leixões com um. No «pool» são recentes as primeiras participações internacionais. É em três tabelas, o tipo de jogo mais tradicional e conceituado, que se registam mais participações portuguesas no estrangeiro. Na Taça da Europa de clubes (três tabelas), Sporting e Porto conseguem as melhores classificações de sempre, dois segundos lugares em 1996 e 1998, respectivamente. A selecção nacional obtém um segundo (1994) e dois terceiros lugares (1992 e 1995) no Campeonato do Mundo.

Δ Taça da Europa de Clubes (três tabelas), onde Sporting e Porto já subiram ao pódio

Δ Euro Tour de «snooker», disputado em Portugal (1999)

Theriaga, o amador «profissional»

Jorge Theriaga é o jogador português que se tem destacado a nível nacional e internacional, apesar de Alfredo Ferraz ter sido o primeiro português campeão do Mundo e ter estabelecido um novo recorde mundial, com a média geral de 106,36.

Theriaga interessa-se pelo bilhar nos tempos livres quando tem 12 anos e frequenta o colégio militar. Aos 18 anos, enquanto estuda medicina, torna-se federado e evolui rapidamente as suas qualidades. Médico de profissão, nunca coloca a hipótese de se tornar jogador profissional, ainda que se mantenha entre os 20 melhores classificados no ranking mundial de profissionais. Em 1999, ocupa a 16ª posição. Individualmente, vence em 1996 a Taça do Mundo e perde a final de 1999 por um ponto; obtém dois terceiros lugares nos Europeus 86 e 95.

Representa o Sporting, mas devido à falta de instalações inscreve-se um ano (1994) como individual, treinando-se na Associação Lisbonense dos Amadores de Bilhar, no Benfica e no Porto. A evolução na modalidade contribui para o nível competitivo do nacional e para a obtenção de resultados internacionais. O jogador tem 14 títulos nacionais (festejados entre 1980 e 1999) e possui uma Taça de Portugal (1999).

Egídio Vieira classifica-se em segundo lugar no Campeonato do Mundo em 1961 e na mesma posição no Europeu 84. É campeão nacional em 1961, 1963 e 1965. Mário Ribeiro fica em quinto lugar no Europeu 95 (individual) e é vencedor de quatro Nacionais (1968, 1984, 1987 e 1994). Manuel Fradinho tem no currículo um décimo lugar alcançado no Europeu 97 (individual) e os títulos nacionais de 1989 e 1990, assim como as Taças de Portugal de 1986 e 1998.

Entre os melhores jogadores mundiais de sempre figuram Tordjorn Blomdahl (Suécia), Jean Marty (França), Nobuaki Kobayashi (Japão), Raymond Ceulmans e Ludo Dielis (Bélgica). Ceulmans é o maior nome: 20 vezes campeão mundial e 21 vezes campeão europeu. O seu compatriota Dielis tem nove títulos mundiais e 12 europeus.

▽ O médico Jorge Theriaga atingiu projecção internacional, dando sequência aos excelentes resultados alcançados por Alfredo Ferraz, primeiro português campeão do Mundo

Três Tabelas

Taça de Portugal
Individual – 73/74: Hernâni Araújo (Leixões), 85/86: Manuel Fradinho (Benfica), 92/93: Fernando Cunha (Porto), 93/94: Américo Rui (Porto), 94/95: Alípio Jorge (Porto), 95/96: Fernando Tomás (Benfica), 96/97: Fernando Tomás (Benfica), 97/98: Manuel Fradinho (Sporting), 98/99: Jorge Theriaga (Sporting)

Equipas – 64/65: Sporting, 92/93: Benfica, 93/94: Porto, 94/95: Porto, 95/96: Sporting, 96/97: Sporting, 97/98: Sporting, 98/99: Leixões

Campeões nacionais
Individuais – 52/53: João Pereira (Sporting), 53/54: João Pereira (Sporting), 54/55: João Pereira (Sporting), 55/56: Jaime Pimenta (Sporting), 57/58: João Pereira (Sporting), 60/61: Egídio Vieira (Sporting), 61/62: João Pereira (Sporting), 62/63: Egídio Vieira (Sporting), 63/64: Vítor Hugo Leal (Benfica), 64/65: Egídio Vieira (Sporting), 65/66: António Vinagre (Sporting), 66/67: Vítor Hugo Leal (Benfica), 67/68: Mário Ribeiro (Sporting), 68/69: António Vinagre (Sporting), 69/70: António Vinagre (Sporting), 70/71: António Vinagre (Sporting), 71/72: Augusto Germano (Porto), 72/73: Vítor Hugo Leal (Benfica), 73/74: Mário Machado (Benfica), 74/75: António Vinagre (Sporting), 75/76: Mário Machado (Porto), 76/77: Sotter Ramos (Leixões), 77/78: António Vinagre (Sporting), 78/79: Wilson Neves (Porto), 79/80: Jorge Theriaga (Sporting), 80/81: Mário Machado (Benfica), 81/82: Jorge Theriaga (Sporting), 82/83: Jorge Theriaga (Sporting), 83/84: Mário Ribeiro (Benfica), 84/85: Jorge Theriaga (Sporting), 85/86: Jorge Theriaga (Sporting), 86/87: Mário Ribeiro (Benfica), 87/88: Jorge Theriaga (Sporting), 88/89: Manuel Fradinho (Benfica), 89/90: Manuel Fradinho (Benfica), 90/91: Jorge Theriaga (Sporting), 91/92: Jorge Theriaga (Sporting), 92/93: Jorge Theriaga (Sporting), 93/94: Mário Ribeiro (Benfica), 94/95: Jorge Theriaga (Sporting), 95/96: Jorge Theriaga (Sporting), 96/97: Jorge Theriaga (Sporting), 97/98: Jorge Theriaga (Sporting), 98/99: Jorge Theriaga (Sporting)

Equipas – 64/65: Sporting, 65/66: não se realizou, 66/67: Leixões, 67/68: Sporting, 68/69: Benfica, 69/70: Sporting, 70/71: Benfica, 71/72: Porto, 72/73: Sporting, 73/74: Sporting, 74/75: não se realizou, 75/76: Porto, 76/77: Benfica, 77/78: Sporting, 78/79: não se realizou, 79/80: Sporting, 80/81: Porto, 81/82: Sporting, 82/83: Porto, 83/84: Porto, 84/85: Benfica, 85/86: Benfica, 86/87: Benfica, 87/88: Porto, 88/89: Benfica, 89/90: Sporting, 90/91: Sporting, 91/92: Benfica, 92/93: Porto, 93/94: Porto, 94/95: Benfica, 95/96: Sporting, 96/97: Sporting, 97/98: Sporting, 98/99: Sporting

Boxe

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE BOXE É FUNDADA A 14 DE MARÇO DE 1914. RECEBE O ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA DESPORTIVA A 11 DE DEZEMBRO DE 1993. EM 1999 CONTA COM CERCA DE 351 ATLETAS FILIADOS E UM ORÇAMENTO DE 28 MIL CONTOS. ESTÁ ENQUADRADA INTERNACIONALMENTE NA EUROPEAN AMATEUR BOXING ASSOCIATION (EABA), NA INTERNATIONAL AMATEUR BOXING ASSOCIATION (AIBA) E NA EUROPEAN BOXING UNION (EBU)

Punhos heróicos

O uso dos punhos como técnica de defesa pessoal tem registos na Grécia antiga e no Império Romano. Contudo, só se pode começar realmente a falar de boxe a partir da criação das regras do Marquês de Queensberry, redigidas em 1857. Estas regras ditam assaltos com a duração de três minutos, com períodos de descanso de um minuto, promovem a interdição do corpo-a-corpo e o uso das mãos nuas. O combate chega ao fim quando um dos pugilistas, depois de derrubado por um golpe do adversário, permanece no solo durante mais de dez segundos. A história dos últimos 50 anos é muito mais feita pelos punhos e vontades de alguns homens especiais do que propriamente pelas regras de um desporto tantas vezes apelidado de «violento».

Em Portugal, o primeiro combate de boxe realiza-se em 1909. Em 1926, Isidro Pinto de Sá, radicado nos EUA, torna-se o único português a disputar um combate para o título mundial, na categoria de «Galos». O boxe evolui em Portugal até à década de 50 (Belarmino Fragoso e Fernando Santos são dois exemplos). A partir daí o boxe nacional estagna, subsiste nos anos 90 apenas como modalidade amadora.

Carlos Monzon

O argentino Carlos Monzon, conhecido como El Macho, domina a cena do boxe em meios-pesados entre 1970 e 1977. Invencível entre 1964 e 1977, conquista o título de campeão do mundo a 7 de Novembro de 1970, deitando ao tapete Nino Benvennuti (KO ao 12º assalto). Disputa mais 14 combates para o título mundial, o último contra Rodrigo Valdes (batido aos pontos), em 1977. Monzon retira-se com 87 vitórias (59 KO), três derrotas e nove empates.

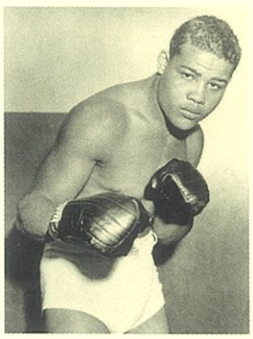
A marca mais violenta da vida de Monzon acontece depois de abandonar o ringue. A 14 de Fevereiro de 1988, mata a mulher, Alicia. Em 1989, é condenado a 11 anos de prisão. A 8 de Janeiro de 1995, perde a vida num acidente de viação quando regressava à prisão depois de gozar uma licença de fim-de-semana.

Bilhete de Identidade

Carlos Monzon
Santa Fé (Argentina), 7 de Agosto de 1942.
Falecido a 8 de Janeiro de 1995

Como atleta
PALMARÉS
Campeão mundial de meios-pesados de 7 Novembro 1970 a 30 Julho de 1977. 100 combates, 87 vitórias (59 KO), 3 derrotas, 9 empates

Joe Louis



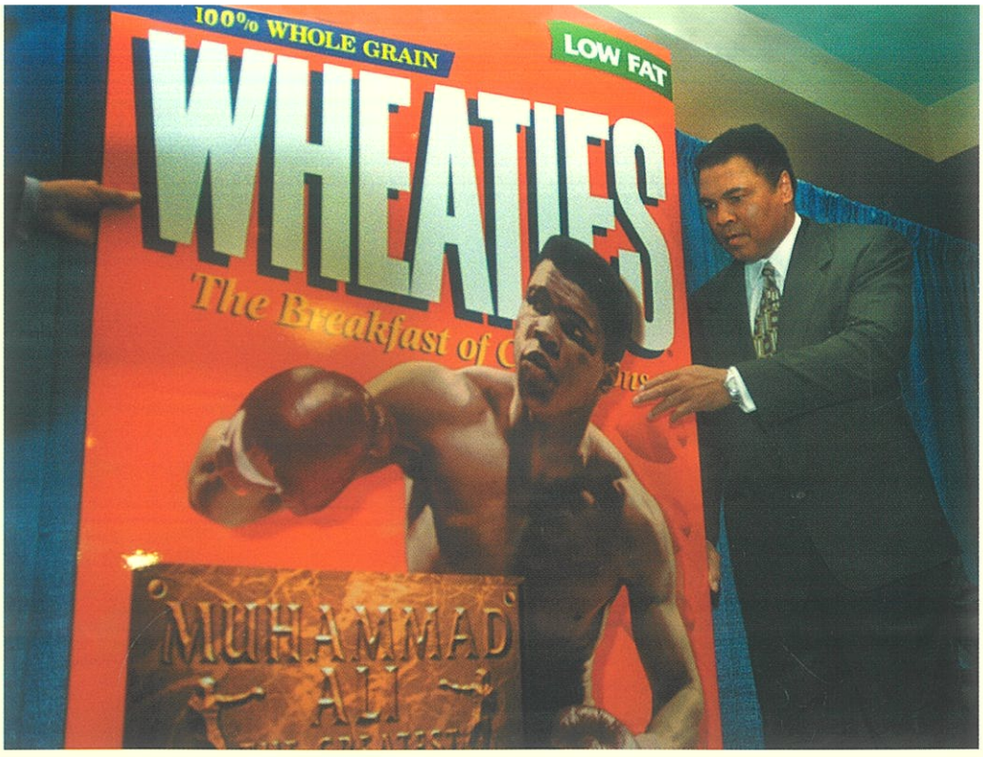
Joe Louis, o Bombardeiro Negro, é um dos maiores pugilistas de sempre. O recorde de 25 combates de título mundial sem derrotas pertence-lhe. Nasce a 13 de Maio de 1914, mas só desponta em 1937, quando derrota James Braddock.

Ainda antes da entrada dos EUA na II Guerra Mundial, em 1941, Louis defende o título 21 vezes. No decorrer da guerra, faz combates de exibição para as tropas e, depois, ainda se mostra em mais quatro lutas de título. Retira-se, mas é forçado a voltar por dificuldades financeiras. Defronta Ezzard Charles e Rocky Marciano e sofre duas derrotas, que se juntam ao combate perdido em 1936 frente ao alemão Max Schmelling, vencido por Louis em 1938. Quando se retira, tem 68 vitórias (49 KO) e três derrotas.

Bilhete de Identidade

Joseph Louis Barrow
Chamber County, Alabama (EUA), 13 de Maio de 1914

Como atleta
PALMARÉS
Campeão mundial 1937 até 1 Março 1949. 25 combates título, 71 combates, 68 vitórias, 3 derrotas



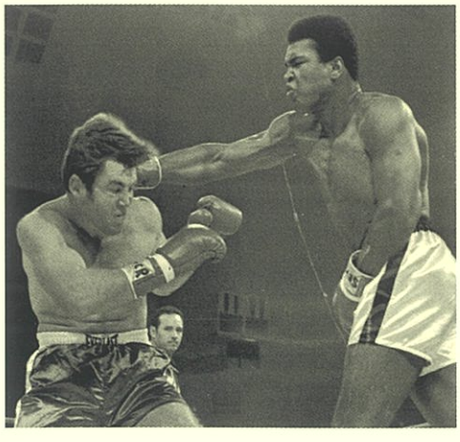
Muhammad Ali

«Dance like a butterfly, sting like a bee» (dança como uma borboleta, pica como uma abelha) é a frase que melhor define o estilo de combate de Muhammad Ali, pesado que se move como peso-médio, esquivando-se sabiamente e com um jogo de pés que o transforma num bailarino. É um Sugar Ray Robinson com quase 100 kg. Mas ainda há outra frase bem conhecida deste pugilista, porventura a mais famosa e que explicita bem o que Ali é na história do desporto do Marquês de Queensberry: «I'm the greatest.» Muhammad Ali, nascido Cassius Marcellus Clay, em Louisville, Kentucky, a 17 de Janeiro de 1942, é o Maior.

A carreira de sucesso começa nos Jogos Olímpicos de 1960, em Roma: aos 18 anos, vence a medalha de ouro na categoria de meios-pesados. Torna-se profissional logo a seguir aos Jogos, a 29 Outubro. Quatro anos depois, conquista o título mundial num combate contra Charles «Sonny» Liston. Título que mantém até 1967, quando o entretanto muçulmano convertido (1964) e rebaptizado Muhammad Ali se recusa a cumprir o serviço militar. Como consequência o título é-lhe retirado, mas Ali recupera-o em 1974 contra George Foreman, num combate histórico.

Para a história da modalidade ficam também as três «batalhas» contra Joe Frazier, travadas entre 1971 e 1975, duas das quais vencidas por Ali. Depois de se tornar o único peso-pesado a chegar ao título mundial por três vezes, é finalmente derrotado por Larry Holmes, em 1980.

Abandona a competição com 56 vitórias (37 KO) e cinco derrotas, tendo feito 25 combates de defesa do título. Ali vive na sua quinta em Berrien Springs, onde trava a luta mais importante da sua vida, contra a doença de Parkinson.



Bilhete de Identidade

Cassius Marcellus Clay
Louisville, Kentucky (EUA), 17 de Janeiro de 1942

Como atleta
PALMARÉS
Campeão mundial de pesados 1964 a 1967, 1974 a 1978, 1978 a 1980. Campeão olímpico de meios-pesados 1960. 61 combates, 56 vitórias, 5 derrotas, 37 KO

1950 – O antigo campeão Joe Louis volta aos ringues, desta feita num combate contra o campeão Ezzard Charles. Louis é inapelavelmente batido aos pontos, em 15 assaltos

27 ABR 55 – Rocky Marciano anuncia a retirada do boxe profissional. Sai invicto após 49 combates como profissional

1957 – Sugar Ray Robinson vence um combate de desforra contra Gene Fullmer, conquistando o seu quarto título mundial de pesos médios

26 JUN 59 – O sueco Ingemar Johansson provoca uma surpresa no mundo do boxe ao conquistar o título mundial de pesados, contra Floyd Patterson, frente a uma audiência de 18 000 espectadores no estádio dos New York Yankees. Johansson é o primeiro europeu a deter o título mundial de pesados em 25 anos

20 JUN 60 – Floyd Patterson torna-se o primeiro campeão do Mundo de pesados a reconquistar o título, num combate contra Ingemar Johansson

25 FEV 64 – Cassius Clay vence Sonny Liston, que desiste ao fim de seis rounds. Clay torna-se campeão do Mundo de pesados pela primeira vez

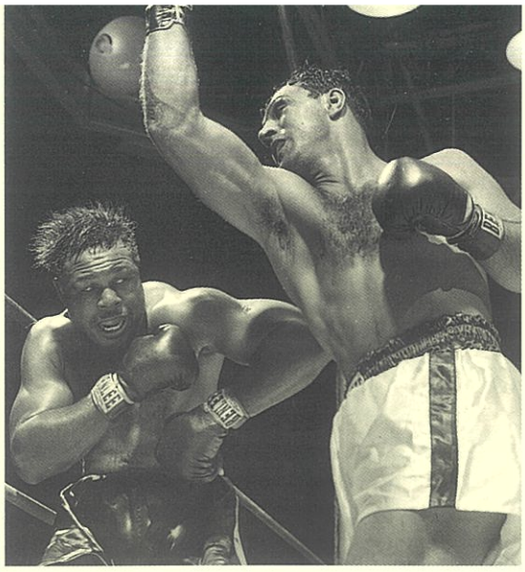
OUT 75 – Muhammad Ali vence Joe Frazier num combate duríssimo que é apelidado pela imprensa como «Thrilla em Manilla». Depois do combate, Ali diz que Frazier é o «homem mais duro do Mundo»

1985 – Michael Spinks conquista o título mundial de pesos pesados, versão IBF, ao derrotar Larry Holmes. Holmes vê assim frustrada, por um combate, a sua pretensão de igualar o recorde de 49 combates sem derrotas de Rocky Marciano

NOV 85 – Mike Tyson torna-se o mais jovem campeão do mundo de pesados, ao derrotar por KO Trevor Berbick

1 AGO 87 – Mike Tyson conquista o título unificado de campeão do mundo de pesados, desta feita vencendo Tony Tucker, o campeão da IBF, aos pontos

NOV 88 – Sugar Ray Leonard conquista o seu quinto título mundial, todos conquistados em pesos diferentes ▶



▶
1993 – Evander Holyfield reconquista o título unificado de campeão do mundo contra Riddick Bowe, num combate interrompido por um pára-quedista que cai em pleno ringue

25 FEV 94 – Julio Cesar Chavez sofre a primeira derrota em 91 combates. O feito é da autoria do meio-médio Frankie Randall, que lhe retira o título de WBC

SET 95 – O eterno derrotado Frank Bruno vence o título mundial de pesados da WBC ao bater Oliver McCall aos pontos

MAR 96 – Frank Bruno é a vítima do regresso de Mike Tyson, que o bate sem remissão volvidos apenas seis minutos e cinquenta segundos de combate

JUN 97 – Mike Tyson é suspenso na sequência do seu combate contra Evander Holyfield, em que arranca parte da orelha do seu adversário à dentada

[Palmarés no Arquivo]

Rocky Marciano

Rocco Francis Marchegiano nasce a 1 de Setembro de 1923. O primogénito de uma prole de seis cresce movido por dois desejos: ser jogador profissional de basebol e não acabar como o pai, modesto operário numa fábrica de sapatos. Quando faz testes para os Chicago Cubs, não é aceite com o argumento de que «não tem um braço suficientemente poderoso». O braço que se irá tornar numa das mais famosas «direitas» da história do boxe. Essa terrível direita que Rocky Marciano baptiza de «Suzie Q» e que lhe permite obter 43 KO em 49 combates como profissional. Com apenas 1,78 metros e 85 kg de peso, Marciano é um peso-pesado atípico, mas compensa a desvantagem física com o coração de guerreiro.

O vencedor do Prémio Pulitzer diz dele: «Não conseguia combater como (Gene) Tunney e provavelmente não batia como (Joe) Louis, mas havia uma característica em que não tinha rival: era o mais duro, mais forte, mais dedicado lutador que já usou luvas. (...) Medo não constava do seu vocabulário e dor não tinha significado.» Talvez seja esse coração que o faz chorar depois de bater o veterano Joe Louis por KO e que lhe permite ser até hoje o único campeão profissional de pesados sem uma única derrota.

Bilhete de Identidade

Rocco Francis Marchegiano
Boston (EUA), 1 de Setembro de 1923. Falecido em Newton, Iowa (EUA), 31 de Agosto de 1969

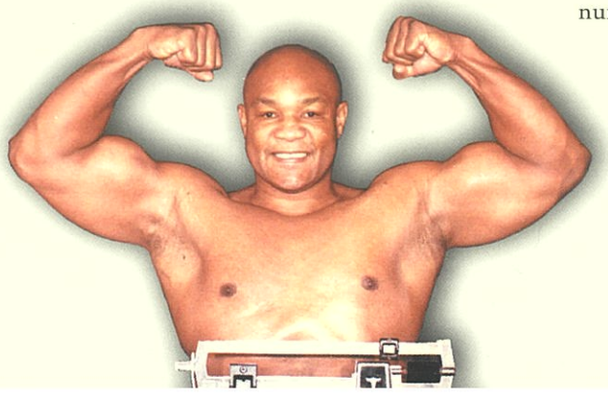
Como atleta
PALMARÉS
Campeão mundial pesados Setembro 1952 a 1965
49 vitórias, 43 KO, 0 derrotas

George Foreman

Michael Moorer está fora de combate. George Foreman vence o cinto da IBF (International Boxing Federation) e torna-se no mais velho campeão do mundo de boxe da História, a 5 de Novembro 1994. A saga de «Big» George Foreman começa numa das áreas mais desfavorecidas de Houston, nos EUA, onde nasce a 10 de Janeiro de 1949. Tem uma juventude atribulada, até que adere ao Job Corp, associação humanitária na qual a fúria do jovem George é direccionada para o boxe.

Conquista o primeiro título mundial em 1973, frente ao lendário Joe Frazier. Derruba-o seis vezes antes do KO no segundo assalto. O título é conservado até à primeira derrota como profissional, contra Muhammad Ali, num combate em Kinshasa. Ultrapassado o desaire com Ali, Foreman restabelece uma série de vitórias só interrompida a 17 de Março de 1977, num combate contra Jimmy Young, em Porto Rico. Perde e retira-se do boxe profissional durante dez anos, período durante o qual abraça a fé, tornando-se pregador.

A 15 de Janeiro de 1987, «Big» George regressa aos ringues, alegadamente, com o intuito de ganhar dinheiro para a sua igreja. Vence o primeiro combate (KO a Steve Zouski no quarto assalto), mas só convence definitivamente os mais críticos quando, em 1991, combate no Campeonato do Mundo, naquela que é intitulada «a batalha das idades» e um dos melhores combates de todos os tempos: Foreman, 43 anos-Holyfield, 29. É derrotado aos pontos, mas mostra que voltou para ficar. Ganha o Mundial de 1994 e defende o título quatro vezes até à retirada (talvez definitiva) em 1997.



Bilhete de Identidade

George Foreman
10 Janeiro de 1949, Houston (EUA)

Como atleta
PALMARÉS
Campeão do mundo pesados 73/74 e 94/95.
Campeão olímpico de pesados 1968.
78 combates, 74 vitórias (68 KO)

Mike Tyson

O incrível acontece a 28 de Junho de 1997, no decorrer do terceiro «round» do combate de desforra entre Mike Tyson e Evander Holyfield: numa atitude tanto de desespero como de frustração, Tyson morde e arranca parte da orelha do adversário. É imediatamente desqualificado e a confusão instala-se. Holyfield mantém o título de campeão e Tyson cai em desgraça.

Nascido a 30 de Junho de 1966, no Bronx nova-iorquino, Mike Tyson é filho de uma empregada de limpeza e cresce nas ruas da cidade, onde rapidamente acaba por conhecer o caminho do crime, que o leva à Casa de Correcção de Trenton. Num dos torneios de boxe promovidos por esta instituição, é descoberto por Gus D'Amato, lendário treinador de boxe, responsável pelos títulos de campeão de Floyd Patterson.

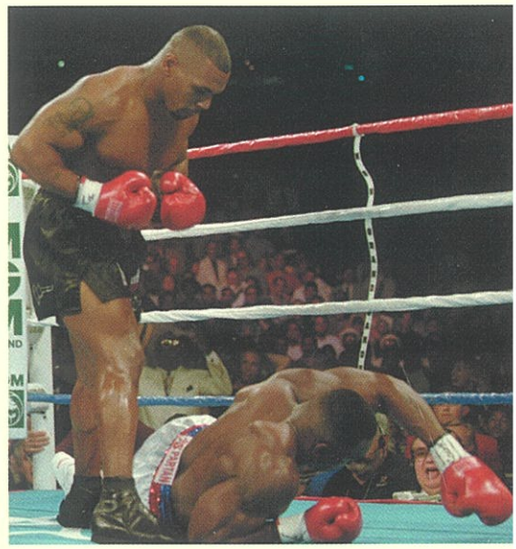
D'Amato fica impressionado com o potencial do jovem Tyson e começa a protegê-lo. Treina-o e leva-o à vitória do torneio nacional para amadores, o Luvas de Ouro, em 1984. No ano seguinte, Tyson torna-se profissional e a 20 de Maio de 1986 vence Trevor Berbick (KO ao segundo assalto), sagrando-se campeão mundial na versão do Conselho Mundial de Boxe (WBC). Com 20 anos e 145 dias, torna-se no campeão do mundo mais novo da história do boxe. Segue-se o título da Associação Mundial de Boxe (WBA), contra James Smith (bate aos pontos em decisão unânime), e o da Federação Internacional de Boxe, no dia 1 de Agosto de 1987, quando derrota Michael Spinks (KO ao primeiro assalto).

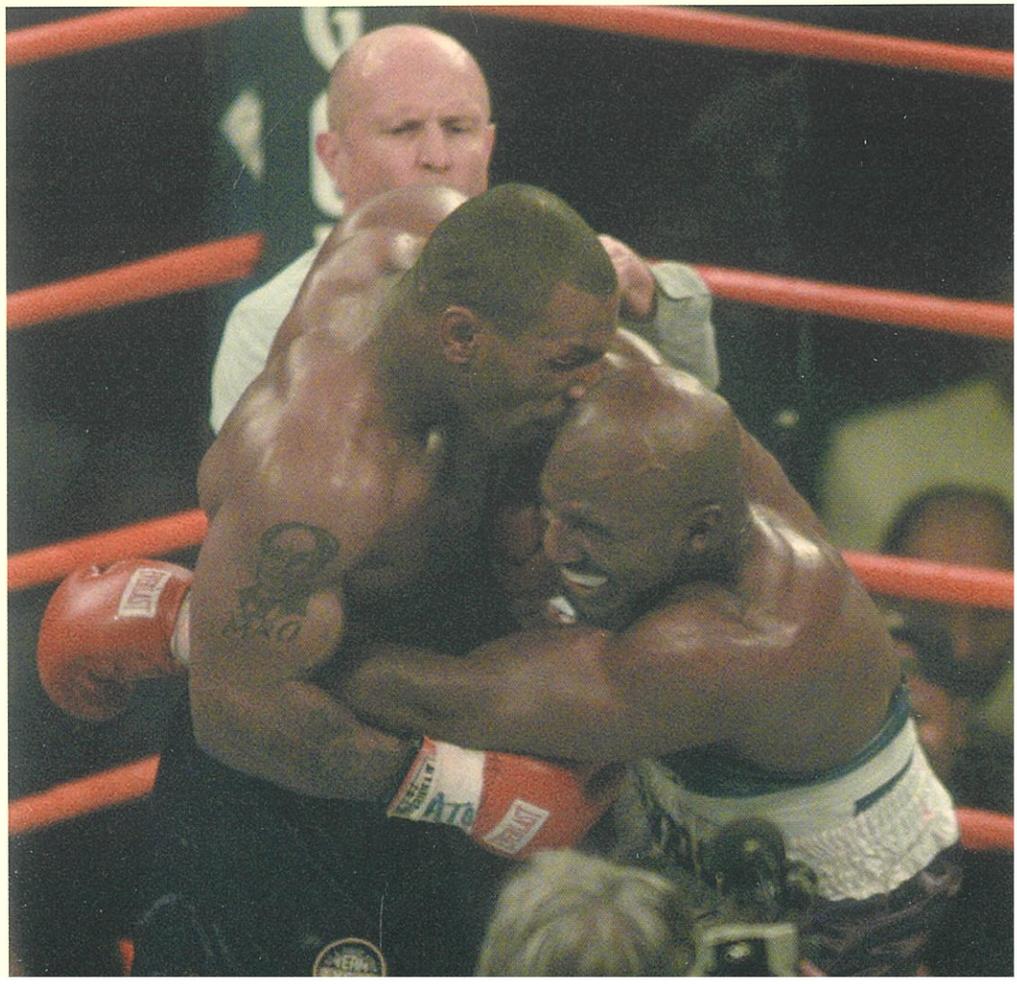
Está no auge da carreira, é campeão das três organizações, quando morre Gus D'Amato, seu guia e orientador. Jovem, fica à mercê de figuras «menos aconselháveis», como o empresário Don King. Rico, solteiro e já dono de um estilo de vida nada aconselhável para um lutador de topo, começa a dar sinais de desequilíbrio: agride um jornalista e um arrumador de um parque de estacionamento.

A 11 de Fevereiro de 1990, em Tóquio, sofre o primeiro desaire da carreira. O «desconhecido» James Douglas impõe-lhe uma humilhante derrota por KO. Mas o pior ainda está para vir. Em 1991, é acusado de violar Desiré Washington, de 19 anos. O caso aparece algo envolto em mistério, fala-se em cilada, mas Tyson é detido e condenado a três anos de prisão.

Protagoniza um sensacional (e rentável) regresso. Bate Frank Bruno a 19 de Março de 1996 e reconquista o ceptro do WBC. A caminhada para o topo de um Tyson (alegadamente) mais contido, recém-convertido ao islamismo, continua à custa de Bruce Seldon, que lhe dá o cinto da WBA. O que parecia ser já um passeio é interrompido pela prova de fogo: enfrenta Evander Holyfield e sai derrotado por KO. Mais tarde (28 de Junho de 1997), demonstra que tem uma dentada tão ou mais temível que o soco.

Tyson ainda volta a combater e vence o quase desconhecido sul-africano Frans Botha. No entanto, torna a fazer das suas e é condenado por agressão a dois condutores com quem se envolve num acidente de viação. É-lhe retirada a licença para combater e fica preso um ano.





Bilhete de Identidade

Michael Tyson
Nova Iorque (EUA), 30 de Junho de 1966

Como atleta
PALMARÉS
Campeão mundial pesados Novembro 1986 a Fevereiro 1990.
Campeão mundial pesados WBC (Março 1996), WBA (Novembro a Setembro 1996)
48 combates, 45 vitórias, 39 KO, 3 derrotas

Bridge

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE BRIDGE É FUNDADA A 11 DE NOVEMBRO DE 1977. ENGLOBA SETE COMISSÕES REGIONAIS (AÇORES, ALGARVE, CENTRO, GRANDE LISBOA, MADEIRA, NORTE E SUL DO TEJO). DIRIGE 770 JOGADORES E 231 JOGADORAS. EM 1986 CRIA O GRANDE PRÉMIO DE PORTUGAL, DE PARES OPEN E EQUIPAS OPEN. AS PROVAS NACIONAIS SÃO: EQUIPAS – OPEN, INTER-REGIÕES, TAÇA DE PORTUGAL, MISTAS, CLUBES, JUNIORES E 2ªS CATEGORIAS; PARES – TORNEIO DE SELECÇÃO, OPEN, MISTOS, SENHORAS, SENIORES, JUNIORES, 2ªS E 3ªS CATEGORIAS

Cartadas da WBF

Em 1958 surge a World Bridge Federation (WBF) e Robert de Nexon é o primeiro presidente do organismo que vai gerir a modalidade – jogo de cartas a parceiros, com quatro jogadores. A Federação engloba sete zonas geográficas: Europa, América do Norte, América do Sul, Ásia e Médio Oriente, América Central e Caraíbas, Extremo Oriente e Pacífico Sul. O ranking mundial em 1999 é liderado por Sabine Auken, da Alemanha, com 2732 pontos (senhoras) e Bob Hamman, dos EUA, com 4202 pontos (open).

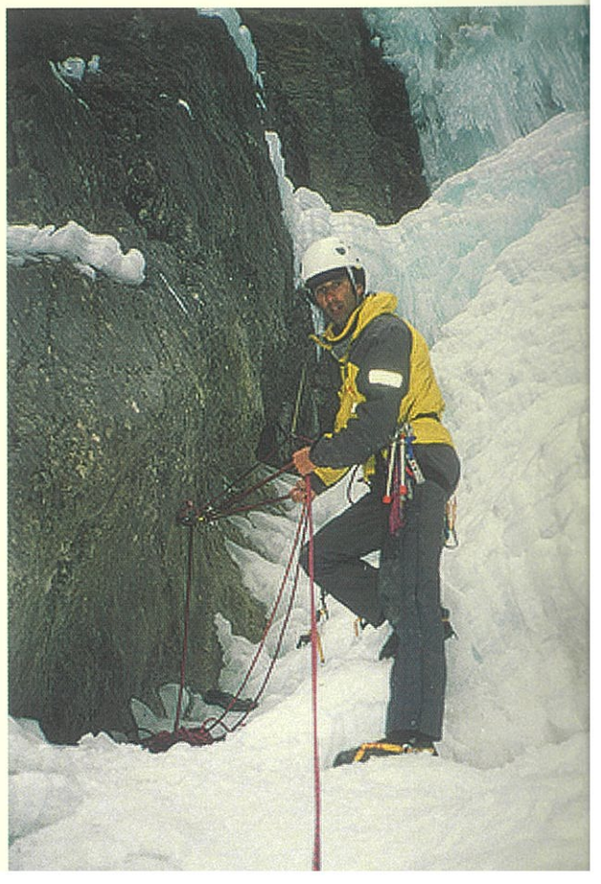
Bermuda Bowl (equipas open), iniciada em 1950, e Venice Open (equipas senhoras), existente desde 1974, jogam-se de dois em dois anos ímpares e são duas das principais competições internacionais. Os EUA contam na primeira 14 títulos e na segunda 8. Os Mundiais Olímpicos, equipas open e senhoras, disputam-se de quatro em quatro anos e são a primeira prova organizada pela WBF, iniciando-se em 1960. França (open) e EUA (senhoras) são os vencedores de 1996. A Rosenblum Cup (open) e McConnell Cup (senhoras) realizam-se em anos pares não coincidentes com os Mundiais Olímpicos. Desde 1987 que existem mundiais de equipas juniores.

Portugal acolhe em 1970 e 1995 o Campeonato da Europa e em 1993 o da União Europeia. Em 1998 (equipas open) sagra-se campeão da União Europeia. Em 1968 é segundo classificado no Europeu de equipas juniores. Na Rosenblum Cup 94 fica em nono entre 168 participantes. João Passarinho lidera o ranking masculino 98/99, com 360 463 pontos, e Maria João Lara o feminino, com 295 654 pontos.

Campismo Caravanismo Montanhismo

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE CAMPISMO É FUNDADA A 6 DE JANEIRO DE 1945. O ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA DESPORTIVA É PUBLICADO EM DIÁRIO DA REPÚBLICA A 21 DE MARÇO DE 1996. QUANTO AO NÚMERO DE PRATICANTES, O REGISTO DE 1999 INDICA 1527, O DE 1959, 2900, O DE 1969, 17 426 E O DE 1979, 78 737. O ÚLTIMO É DE 1989 E APONTA PARA 103 185. PROMOVE, REGULAMENTA E DIRIGE O CAMPISMO, CARAVANISMO, MONTANHISMO E PERCURSOS PEDESTRES

João Garcia

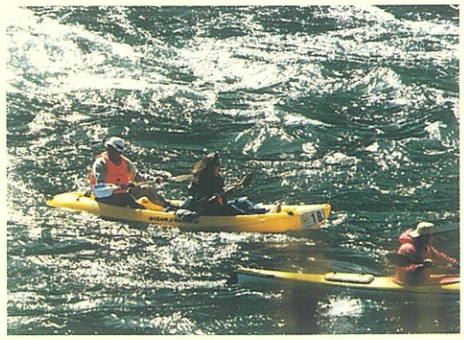


A 18 de Maio de 1999, atinge o cume do Evereste (8848 metros), tornando-se no primeiro português a fazê-lo. O companheiro de escalada, o belga Pascal Debrouwer, morre na descida e João Garcia, 31 anos, fica com lesões irremediáveis. Além do corte das extremidades dos dedos das mãos, sofre a reconstrução da ponta do nariz, num hospital em Saragoça.

João Garcia (não recorre a garrafas de oxigénio) e Pascal Debrouwer iniciam a descida tarde de mais. A temperatura desde aos 30 graus negativos, levanta-se o nevoeiro e cai a noite. Nunca mais se encontram. No dia seguinte, o belga ainda é visto por alpinistas de outras expedições. Dá um passo em falso, precipitando-se falésia abaixo.

O alpinismo surge na vida do lisboeta João Garcia quase por instinto. Aos 15 anos entra para o Clube de Montanhismo da Guarda. Aos 16 faz a primeira escalada nos Alpes, motivado por Gonçalo Velez, o primeiro português a escalar um pico com mais de oito mil metros.

Alegrias em K1



Duas medalhas de bronze em Outubro de 1989, no Mundial da Bulgária, atribuídas a José Garcia e Rui Cância, são os primeiros triunfos internacionais para Portugal na modalidade. O primeiro em K1, 10 000 metros, e o segundo numa prova de maratona, também em K1. Em Jogos Olímpicos, o melhor resultado é referente ao ano de 1992, em Barcelona, o sexto lugar em K1 de José Garcia.
Com classificações de destaque em provas internacionais, José Sousa tem perdido algumas medalhas na secretaria. Na Taça do Mundo 98, em Bordéus, partindo 20 metros atrás de todos os participantes, fica em segundo lugar na prova de maratona, mas perde a medalha – a inscrição é considerada ilegal, por via do diferendo com a Federação – e a subida ao primeiro lugar do ranking internacional. No Mundial de maratonas na África do Sul, em Setembro de 1998, ganha o bronze, mas o prémio correspondente é entregue à Federação, organismo que não lhe cede as verbas. A deslocação é, inclusive, financiada pela Fundação do Desporto. No mesmo ano é segundo classificado na Taça do Mundo, realizada na República Checa. Tem ainda um título de vice-campeão europeu e um primeiro lugar na Taça do Mundo (Bélgica), conquistados em 1997.

Canoagem

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE CANOAGEM É FUNDADA A 10 DE MARÇO DE 1979. RECEBE O ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA DESPORTIVA A 4 DE ABRIL DE 1994. EM 1989 RECEBE A MEDALHA DE BONS SERVIÇOS DESPORTIVOS

[Palmarés no Arquivo]

José Garcia

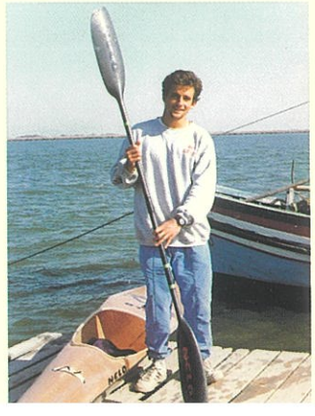
José Garcia inicia a prática da canoagem em Outubro de 1977 no Ginásio Clube Vila-Condense. A primeira participação em provas internacionais surge em 1981 no Campeonato do Mundo de pista, em Inglaterra; tem então 17 anos. Em 1987, na Alemanha (RFA), regressa aos Mundiais. Participa nos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988. Um ano depois, no Campeonato do Mundo na Bulgária, atinge o marco mais importante da carreira. Recebe a medalha de bronze na prova de pista dos 10 000 metros.

Participa em mais dois Mundiais, França 90 e Polónia 91, e, nos Jogos Olímpicos 92, fica em sexto na final dos 1000 metros, marca que o próprio considera das mais relevantes. Regista mais três participações em Mundiais, (Dinamarca 94, Alemanha 95 e Hungria 99), e vai aos Jogos Olímpicos, em 1996.
Tem também no palmarés 56 títulos de campeão nacional, conquistados ao serviço de três clubes: Ginásio Clube Vila-Condense, Vila do Conde Kayak Clube e Clube Fluvial Vila-Condense. É professor de Educação Física e Desporto.

Rui Cância

Rui Cância diz adeus a uma carreira recheada de êxitos em 1995, com o terceiro lugar na maratona do Mundial, na Suécia. A falta de apoio federativo e incentivos determinam o abandono. Nesse ano, é também campeão mundial (título oficioso), pela vitória na maratona da Taça do Mundo, em Espanha, e conquista a mesma prova no Grand Prix de Costuma, reeditando o triunfo de 1992.

Quando deixa a canoagem, recebe finalmente a medalha de mérito desportivo, prémio com atraso de três anos, pois a nomeação data de 1992, ano em que é número um do ranking internacional e terceiro em maratona no Mundial. No currículo exibe ainda seis títulos consecutivos de campeão nacional de maratona (1990 a 1996). Dedica-se ao ensino após despedir-se da alta competição.



Joaquim Agostinho

A marca amarela

O aparecimento de Joaquim Agostinho no ciclismo faz-se de forma meteórica, tal como toda a sua carreira. Chega ao Sporting como amador júnior, em 1968, pela mão de João Roque, e é já a revelação do ano quando participa na Volta a Portugal. Termina em segundo, mas toda a gente acredita que ganharia se Leonel Miranda não tivesse sido a aposta (frustrada) da equipa. Vence, então, o Campeonato Nacional de Fundo e pouco tempo depois participa no Mundial. É um dos quatro ciclistas que ao longo de 160 quilómetros protagonizam uma fuga. Acaba em 16º, pagando caro o esforço de sozinho tentar seguir Adorni, o vencedor.

No final do ano corre-se a Volta a S. Paulo. Na penúltima etapa, o «camisola-amarela» é o italiano Sorlini, mas há um corredor que ataca e na meta já lhe ganhou 13 minutos. O estilo não engana: Agostinho, ciclista feito, é o novo líder, com mais de 10 minutos de vantagem. No dia seguinte vence a prova, à vontade. Surgem logo os convites do estrangeiro. Jean de Gribaldy, patrão da Frimatic, leva-o à Volta ao Luxemburgo. Na terceira etapa, a 15 de Julho de 1969, decide atacar. Encabeça uma fuga, seguido na roda pelo companheiro de equipa Norcet. Termina em 2º e veste a camisola amarela. Porém, a sua equipa não está ali para o proteger e no dia seguinte o ataque cerrado dos principais opositores deixa-o completamente afastado da vitória. Ferido no orgulho, lança-se à estrada no contra-relógio final e vence-o. Termina em segundo da geral. Esta classificação é o passe para a prova que marcará toda a sua vida: a Volta à França.

À partida, arrisca: «Com um pouco de sorte tudo pode acontecer...» O vaticínio é cumprido e ao quinto dia Agostinho vence em Mulhouse, batendo Grosskost e Merckx.

A primeira queda leva-o a ter de cortar a meta a pé, com a bicicleta às costas, na sétima etapa. Depois, rola calmamente até à 14ª etapa, em que consegue escapar, com um dos seus esticões, deixando o pelotão boquiaberto e vencendo de novo, agora em Revel. Chega a Paris num surpreendente oitavo posto e ganha lugar cativo nas páginas dos maiores jornais desportivos europeus.

De regresso a Portugal espera-o, para além do delírio das multidões, a Volta. Não desilude: depois de muita luta com Fernando Mendes e o jovem António Teixeira, arranca definitivamente para a vitória à 27ª etapa, um contra-relógio entre Vila Franca e Lisboa. Mas a glória é efémera: as análises à urina indicam que Agostinho estava dopado no contra-relógio decisivo, de Vila Franca a Alvalade. Ainda alega que a recolha não cumpriu todas as regras processuais e que alguém lhe tinha dado algo para beber no final da tirada, mas a desclassificação é irreversível.

A vitória vai para Joaquim Andrade, e uma sombra de desilusão cobre, pela primeira vez, o anunciado campeão.

Em 1970, no «Tour», Agostinho desentende-se com um colega e perde a motivação para andar a «puxar» o pelotão, mas em Portugal é finalmente consagrado com a vitória na Volta. Em 1971, integrando a equipa Geminiani liderada por Ocaña, começa o «Tour» apagado, mas explode assim que a montanha chega, e brilha até ao fim, sendo segundo no contra-relógio final e terminando no 5º lugar. Em Portugal vence a Volta e todas as competições importantes. Repete a vitória na Volta a Portugal de 1972, mas em França é oitavo no «Tour», depois de ser penalizado por doping. Começa a travessia do deserto.

Em 1973, a correr pela Bic, sabe que será o eterno segundo, atrás de Ocaña. O pior é admiti-lo perante os jornais portugueses. Na única oportunidade que tem para fugir à disciplina da equipa, o contra-relógio, vence. Acaba em oitavo.

Resta-lhe vencer a Volta a Portugal e fá-lo, arrasando na 5ª etapa, Abrantes-Figueira da Foz, com uma fuga de 200 quilómetros. Mas já depois de feita a festa da vitória, vem, de novo, a desclassificação por doping. Agostinho admite ter tomado Ritalin, medicamento classificado entre os de acção anfetaminossimilar ou neuropsicoestimulante, mas afirma que sempre o tomou no «Tour» e nunca foi penalizado. «O próprio dr. Sousa Dias [responsável pela ►

A

B

C

D

► recolha das amostras] veio ter comigo para me dizer que o Ritalin equivalia a um café duplo», afirma. Em 1974, já dedicado totalmente à carreira no estrangeiro (a revolução de Abril levou ao desaparecimento do ciclismo profissional em Portugal), lidera a Bic, na ausência de Ocaña. Em Espanha arrasa, mas acaba por perder a «Vuelta» por... onze segundos. Na Volta à França tem a grande oportunidade de demonstrar estofo de chefe de fila, mas falha redondamente, cumprindo uma triste sina, e logo no seu terreno, os Pirenéus. Na estrada, sem ajuda, até o carro da equipa o deixa sozinho com o pesado fardo da derrota. Desilude todos e desilude-se.

Em 1975 é 15º, liderando uma equipa débil do Sporting. No ano seguinte não participa, e em 1977 é 13º. Fala-se do Agostinho burguês, mas o pior já passou. Em 1978 corre pela Flândria, liderada pelo belga Maertens, que desiste. Agostinho, quase sem ajuda da equipa moribunda, volta ao fulgor dos primeiros tempos e chega a Paris no terceiro lugar da geral, aclamado pelos emigrantes e agraciado com a medalha da cidade de Paris. No ano seguinte repete a graça, desta vez com direito a uma queda gravíssima, quando é terceiro da geral. Mesmo assim volta à corrida e vence na mítica L'Alpe d'Huez (arranca sozinho, ultrapassa os da frente e chega à meta isolado). E ainda tem força para um espectacular contra-relógio final, que o leva, aos 36 anos, de novo ao terceiro lugar. Pela primeira vez, confessa ao jornalista Carlos Miranda: «Não estou satisfeito, queria ganhar o 'Tour'.»

Em 1980, na Puch, é quinto; em 1981 desiste e em 1982 não participa por se desentender com o velho patrão Jean de Gribaldy. Volta em 83 para apagar a imagem da desistência. Com 40 anos – é o mais velho do pelotão – enverga a camisola da Sem. Depois de umas quantas quedas, o «velho» ainda termina em 11º, a cinco segundos do 10º. Para Agostinho não há limites, e afirma com a maior simplicidade: «Se encontrar alguém que me queira contratar, talvez ainda volte para o ano.»

Feitio difícil

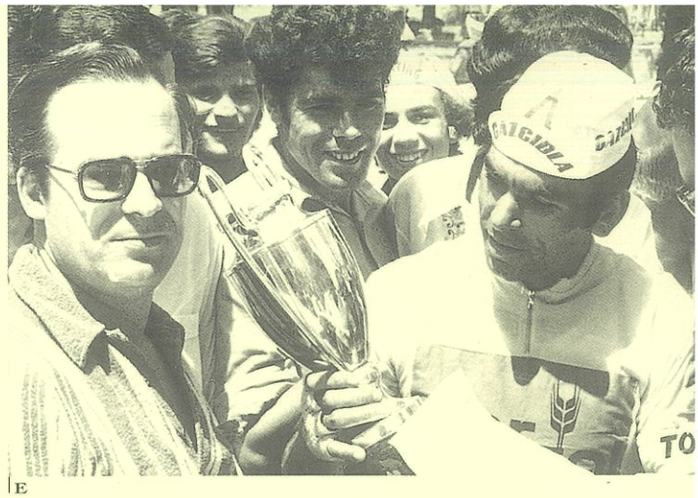
Julho de 1981. Agostinho, com 38 anos, corre a 20ª etapa do «Tour». Depois de algumas saídas de estrada, olha à sua volta e não reconhece os corredores que o acompanham. Está na cauda da corrida. Acostumado a manter a frente do pelotão em sobressalto, não suporta ver-se entre os renegados e no primeiro desvio que encontra para Grenoble mete-se pelos campos e vai directamente para o hotel. A beleza poética do momento esbarra nas críticas dos responsáveis da corrida, mas o rapaz de Brejenjas não sabe ser de outra maneira. Nos quinze anos que anda no ciclismo ficam célebres as embirrações, provocadas mais pela simplicidade e ingenuidade do que por desejo de protagonismo. Em 1970, no seu segundo «Tour», protagoniza uma fuga em jeito de epopeia, rebocando o colega de equipa, Morgens Frey, que se diz sem forças. O pelotão move-lhes perseguição implacável. Já com a meta à vista, Frey recobra as forças e arranca para a vitória. Agostinho, qual animal ferido, barra-lhe o caminho e é primeiro. Nem acredita quando lhe dizem que foi desclassificado. O oportunismo não tem lugar no seu feitio. Um ano antes, na estreia em estradas francesas, Merckx arrasa. Gimondi, perseguidor do belga, está pronto para desistir por não ter comida. O português entrega-lhe toda a que leva. Esta nobreza rude conquista a Imprensa e o público. Durante toda a carreira, Agostinho, nos primeiros ou nos últimos lugares, é sempre ►

► notícia. Mas é também essa simplicidade que, exceptuando em Portugal, o leva a integrar-se sempre em equipas fracas ou a trabalhar para outros ciclistas. Não é a classificação que o move, é a vontade de provar que merece estar entre os grandes. A certa altura, depois de uma recuperação e cansado de andar aperreado ao serviço de Ocaña, chefe de fila da Bic, desabafa a Carlos Miranda, jornalista que o acompanhou desde o primeiro «Tour»: «Eu não tive este trabalho todo para ganhar lugares... Isso de classificação geral foi chão que deu uvas. E tanto se me dava chegar cá acima com um minuto de avanço, como dez, como uma hora. Eu queria era mostrar a esses tipos que estou vivo, percebe?»
Só por uma vez, em 1974, com Ocaña de fora, tem a oportunidade ser chefe de fila da Bic. Falha a vitória na Volta à Espanha por onze segundos e no «Tour» é sexto, quebrando logo no terreno onde se acostumara a ser rei e senhor, os Pirenéus. Como se a sua vida servisse apenas para alimentar o mito.

A última queda

A 29 de Abril de 1971, Agostinho conta, no **Record**, o susto que apanhou, juntamente com alguns colegas, logo na primeira etapa do «Tour»: «(...) De repente um cão saltou à estrada uns centímetros à frente da minha bicicleta. Com um pequeno toque de travão e violenta guinada no guiador consegui evitá-lo (...). Por um triz, a Volta não acabava para nós a cinco quilómetros do ponto de partida.» Passados treze anos, e apostado em regressar a Portugal, lidera a Volta ao Algarve. Na quinta etapa, em 30 de Abril, a 200 metros da meta, na Quarteira, de novo um cão se atravessa na frente. Cai, embate com a cabeça no asfalto mas levanta-se e termina a etapa, mantendo-se de amarelo. Na realidade, Agostinho é tão famoso pelas vitórias como pelas quedas graves. Na pensão surge o primeiro sinal de alarme: o enfermeiro Lourenço estranha que, já depois de instalados, Agostinho lhe pergunte se já chegaram ao hotel. Faz-lhe um pequeno teste e conclui que o corredor está lúcido. Depois de um ligeiro descanso, decide levá-lo ao hospital, em Loulé, mas o médico das urgências está doente. Ruma a Faro, onde lhe é diagnosticada fractura do crânio. Como não existe unidade de Neurocirurgia, é necessário transportá-lo para Lisboa.
Os médicos desaconselham o transporte aéreo, porque costuma demorar duas ou três horas a chegar a Faro. Decide-se que Agostinho siga de ambulância, a melhor de todas.
No caminho vai sendo dominado pela sonolência e chega a Lisboa já em estado de coma profundo. É operado então a um coágulo (do tamanho de um punho) no cérebro, formado em virtude de o afundamento do osso ter provocado derrame de sangue sobre o tecido cerebral, esmagando-o. Enquanto Agostinho resiste, a indignação é geral pela (má) assistência prestada numa prova sem médico, numa região sem um hospital devidamente apetrechado, num país sem meios de transporte de emergência eficazes, já que, com

F|



E|

uma intervenção atempada, seria possível parar a hemorragia antes de ela fazer grandes estragos.
A 10 de Maio, o estado progressivo de debilitação termina; Joaquim Agostinho morre. No funeral participa uma multidão imensa e há filas para entrar no cemitério. Pela primeira vez 'vai-se embora' como os colegas do «Tour» lhe pediam quando arrancava, de esticão, para as fugas: «Doucement, Tino, doucement...»

A A coroa da glória para o vencedor da Volta a Portugal em 1970
B Na companhia do pai...
C ... e do filho
D O abraço do rival Fernando Mendes
E Uma carreira cheia de troféus
F Um dos vários azares na Volta a França, aqui na edição de 1969

Bilhete de Identidade

Joaquim Francisco Agostinho
Brejenjas (Torres Vedras), 7 de Abril de 1943
Falecido em Lisboa, 10 de Maio de 1984

Como ciclista
CLUBES
Sporting, Frimatic, Hoover, Magniflex, Bic, Teka, Flandria, Puch, Sem

PALMARÉS
3 vezes vencedor Volta a Portugal 1970, 1971, 1972. 2º Volta a Portugal 1968 (Sporting). Volta a S. Paulo 1968 (Sporting). Campeão de Portugal de Fundo 1969, 1970, 1971, 1972 e 1973 (Sporting). Campeão de Portugal de Perseguição 1971 (Sporting). Campeão de Portugal de Fundo de Amadores 1968 (Sporting). 8º Volta à França 1969 (Frimatic), 5º 1971 (Hoover), 8º 1972 (Magniflex), 8º 1973, 6º 1974 (Bic), 3º 1978, 1979 (Flândria), 5º 1980 (Puch). 6º Volta à Espanha 1973, 2º 1974 (Bic), 7º 1976 (Teka), 5 etapas ganhas. 5º Volta à Suíça 1972 (Magniflex). 2º Volta ao Luxemburgo 1969 (Frimatic). Vencedor troféu Baracchi 1969. GP Robbialac 1969 (Sporting). GP Riopele 1969 (Sporting). GP Internacional de Sintra 1971 (Sporting). Circuito de Torres Vedras 1974 (Sporting). GP Clock 1975 (Sporting). 3º Volta ao País Basco (1976) . 3º na Escalada de Lausana 1971. 4º na Escalada de Montjuich 1971. 16º Mundial Estrada Profissionais 1968 e 15º em 1969

Ciclismo

A Federação Portuguesa de Ciclismo – União Velocipédica Portuguesa é fundada a 14 de Dezembro de 1899. Em 1998 atinge os 2328 praticantes registados. Possui o Estatuto de Utilidade Pública Desportiva desde 7 de Outubro de 1994. É filiada na UCI (União Ciclista Internacional) e na UEC (União Europeia de Ciclismo)

Volta a França

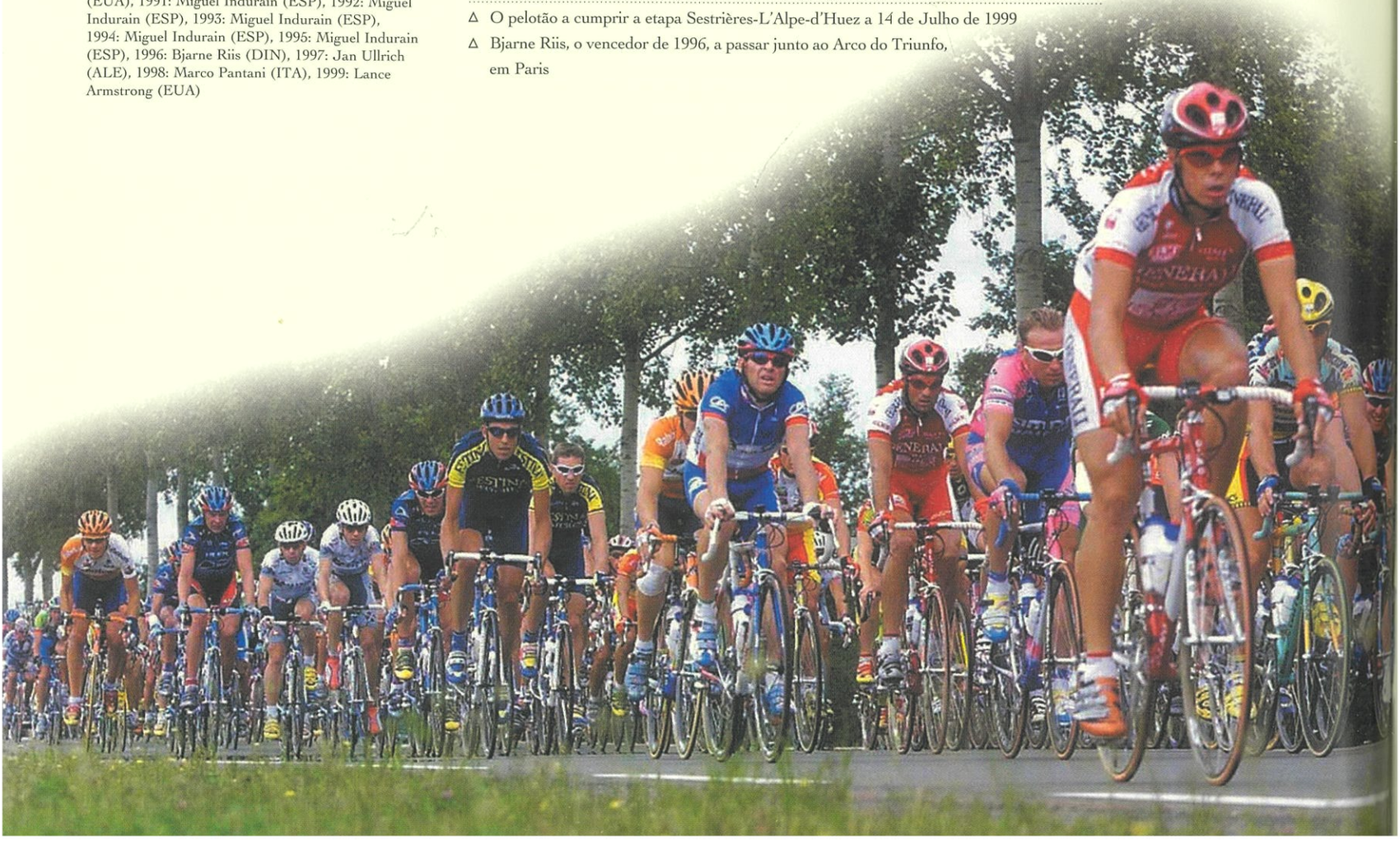
1950: Ferdi Kubler (SUI), 1951: Hugo Koblet (SUI), 1952: Fausto Coppi (ITA), 1953: Louison Bobet (FRA), 1954: Louison Bobet (FRA), 1955: Louison Bobet (FRA), 1956: Roger Walkowiak (FRA), 1957: Jacques Anquetil (FRA), 1958: Charly Gaul (LUX), 1959: Federico Bahamontes (ESP), 1960: Gastone Nencini (ITA), 1961: Jacques Anquetil (FRA), 1962: Jacques Anquetil (FRA), 1963: Jacques Anquetil (FRA), 1964: Jacques Anquetil (FRA), 1965: Felice Gimondi (ITA), 1966: Lucien Aimar (FRA), 1967: Roger Pingeon (FRA), 1968: Jan Janssen (HOL), 1969: Eddy Merckx (BEL), 1970: Eddy Merckx (BEL), 1971: Eddy Merckx (BEL), 1972: Eddy Merckx (BEL), 1973: Luis Ocaña (ESP), 1974: Eddy Merckx (BEL), 1975: Bernard Thevenet (FRA), 1976: Lucien Van Impe (BEL), 1977: Bernard Thevenet (FRA), 1978: Bernard Hinault (FRA), 1979: Bernard Hinault (FRA), 1980: Joop Zoetemelk (HOL), 1981: Bernard Hinault (FRA), 1982: Bernard Hinault (FRA), 1983: Laurent Fignon (FRA), 1984: Laurent Fignon (FRA), 1985: Bernard Hinault (FRA), 1986: Greg LeMond (EUA), 1987: Stephen Roche (IRL), 1988: Pedro Delgado (ESP), 1989: Greg LeMond (EUA), 1990: Greg LeMond (EUA), 1991: Miguel Indurain (ESP), 1992: Miguel Indurain (ESP), 1993: Miguel Indurain (ESP), 1994: Miguel Indurain (ESP), 1995: Miguel Indurain (ESP), 1996: Bjarne Riis (DIN), 1997: Jan Ullrich (ALE), 1998: Marco Pantani (ITA), 1999: Lance Armstrong (EUA)

O «Tour»

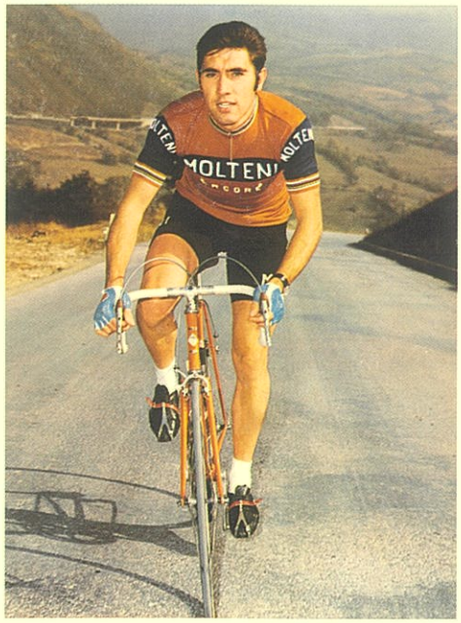
A Volta a França nasce em 1903, ideia de Géo Lefèvre que a sugere a Henri Desgrange, antigo campeão recordista da hora e director do jornal «L'Auto», como forma de concorrer com o grande rival «Le Vélo». A primeira edição contém seis etapas, chegando uma delas a ter 900 quilómetros. Como o jornal é impresso em papel amarelo, convenciona-se que o primeiro classificado vestirá dessa cor. Quando entra a década de 50, o «Tour de France» é já a prova ciclística mais importante do Mundo e nela reina Fausto Coppi, «Il Campionissimo». Sucede-lhe o francês Louison Bobet, que vence três edições consecutivas (1953, 1954 e 1955). Anos mais tarde, entre 1957 e 1964, a corrida fabrica um novo supercampeão, Jacques Anquetil (vencedor por cinco vezes), por quem os franceses suspiram enquanto vêem, durante a década de 70, Merckx tornar-se rei e senhor da prova, vencendo também por cinco vezes. No fim da década e princípios da seguinte, volta o domínio francês, com o arrasador Hinault a atingir também as cinco vitórias. Acaba por ser um colega de Hinault, o americano Greg LeMond a pôr fim a este ciclo, em 1986, vencendo a prova por... oito segundos. Já nos anos noventa é o espanhol Indurain que domina e estabelece novo recorde: os mesmos cinco «Tours», mas consecutivos. O fim da década é marcado pela sombria polémica do doping: sendo uma poderosa máquina comercial, o «Tour» leva as equipas a investirem fortunas esperando ver resultados, e quando, em 1998, se descobre a dopagem sistemática de vários atletas, encabeçados pelos corredores da milionária equipa Festina, pondera-se, pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial, a não realização do «Tour», o que não chega, porém, a acontecer.

Δ O pelotão a cumprir a etapa Sestrières-L'Alpe-d'Huez a 14 de Julho de 1999

Δ Bjarne Riis, o vencedor de 1996, a passar junto ao Arco do Triunfo, em Paris



Eddy Merckx

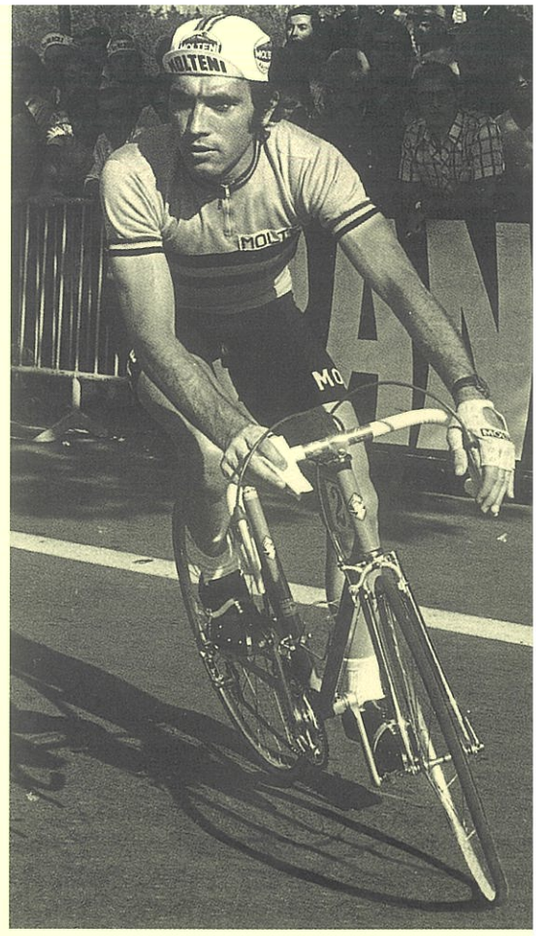


Em 1971, Eddy Merckx, de visita a Portugal, responde ao repórter quando este lhe pergunta se é obcecado por títulos: «As minhas ambições são sempre ganhar o maior número de corridas. Fico muito contente quando sou o primeiro e entristece-me ser derrotado. Uma coisa é reflexo da outra.» Esta mentalidade vale-lhe, desde cedo, o título de O Canibal.

A carreira internacional do belga, nascido em 1945, começa aos 19 anos, quando ganha o Campeonato Mundial de Amadores. Três anos depois torna-se campeão de profissionais, numa corrida inesquecível ganha ao sprint sobre a meta.

Em 1969, já com um «Giro» no currículo, chega à Volta a França integrado na equipa Faema. Chega, vê e vence de forma impressionante: na célebre montanha do Tourmalet protagoniza uma fuga e ganha a etapa com mais de oito minutos de avanço. O seu estilo é demolidor: nunca deixa os adversários fugirem e quando se espera que estes ataquem é ele que avança, deixando toda a gente para trás. Além disso, nunca corre riscos desnecessários e é quase imbatível no contra-relógio. Vence seis etapas. Um ano depois faz a dobradinha: «Giro» e «Tour» no mesmo ano.

Em 1971 nova vitória no «Tour», mas desta vez com um sabor amargo: durante a prova, o espanhol Ocaña domina, mas cai na etapa de Luchon e, ao levantar-se, é atropelado por Zoetemelk (envolvendo também Agostinho). Ocaña abandona e Merckx, desolado, lamenta-se: «Não quero envergar esta camisola amarela que não é minha. Que vou eu fazer no resto do 'Tour'? Teria preferido acabar em segundo (...)» No dia seguinte recusa vestir-se de amarelo. Neste ano é eleito o melhor desportista mundial do ano. Em 1972 vence o 4º «Tour» consecutivo e em 1973 não participa, aproveitando Ocaña para ganhar. Volta em 1974 para vencer de novo, tendo como inesperado adversário o já velho Poulidor. Iguala assim o recorde de Anquetil, de cinco vitórias. Neste ano atinge o auge da carreira, ao vencer ainda o «Giro» e o Campeonato do Mundo. Nos três anos que se seguem já não consegue dominar da forma a que se acostumara. Abandona discretamente em 1978. Conta com 34 vitórias em etapas do «Tour» e 25 no «Giro», três Campeonatos do Mundo e uma Volta a Espanha.



Δ Em representação da Molteni, no princípio da década de 70

∇ No Mundial de Estrada 73 um ano antes de completar o «tri»

Bilhete de Identidade

Edouard Merckx
Meensel-Kiezegem, 17 de Junho de 1945

Como ciclista
EQUIPAS
Faema, Peugeot-BP, Molteni e Faemino

PALMARÉS
5 vezes vencedor Volta a França 1969 (Faema), 1970 (Faemino), 1971, 1972 e 1974 (Molteni), 34 etapas ganhas. Volta a Itália 1968 (Faema), 1970 (Faemino), 1972, 1973 e 1974 (Molteni). Volta a Espanha 1973 (Molteni). Milão-S. Remo 1966, 1967, 1969, 1971, 1972, 1975 e 1976. Paris-Roubaix 1968, 1970 e 1973. Paris-Nice 1969, 1970 e 1971. Volta à Lombardia 1971 e 1972. Liège-Bastogne-Liège 1969, 1971, 1972, 1973 e 1975. Volta à Flandres 1969 e 1975. Volta à Suíça 1974. Dauphine Liberé 1971. Midi-Libre 1971. Flèche Wallone 1967, 1970 e 1972. GP das Nações 1973. Volta à Romandia 1968. Ronde Van Vlaanderen 1969 e 1975. Recordista da Hora 1972 (49,432 km). Campeão mundial Estrada Profissionais 1967, 1971 e 1974. Campeão mundial Estrada Amadores 1964

Bernard Hinault

Bernard Hinault chega pela primeira vez ao «Tour» em 1978, altura em que os franceses suspiram por um digno sucessor de Anquetil. O bretão não enjeita a «chance» e domina na montanha, conquistando a camisola amarela na 20ª etapa e levando-a até Paris. No pódio tem a companhia de Zoetemelk e Agostinho. Nesta temporada vence também a Volta a Espanha. Os anos que se seguem são de domínio absoluto do francês, que chega a tornar a prova gaulesa maçadora. Em 1979 vence novamente o «Tour». Em 1980, atacado por tendinite (uma das possíveis consequências da utilização dos proibidos anabolizantes), abandona, nos Pirenéus. Ainda assim, vence neste ano a Volta a Itália e o campeonato do Mundo.
Sempre ao ataque, vence o «Tour» em 1981, 1982 e 1985, beneficiando, neste ano, da ausência de Laurent Fignon, o dominador das duas últimas edições. Iguala o recorde de cinco vitórias de Anquetil e Merckx no «Tour». No fim, consciente de que a idade não perdoa e que já precisa de gerir muito bem as energias, revela: «Eu corri com arte, como um pintor que executa um quadro.» Abandona em 1986.

◁ Num contra-relógio do Tour em 1984. Percorre os 5,4 km em 6,39 minutos

Bilhete de Identidade

Bernard Hinault
Yffignac (Bretanha), 14 de Novembro de 1954

Como ciclista
EQUIPAS
Gitane-Campagnolo, Renault-Gitane, Gitane, Renault-Elf-Gitane e La Vie Claire

PALMARÉS
5 vezes vencedor Volta à França 1978 (Gitane), 1979, 1981, 1982 (Renault-Gitane) e 1985 (La Vie Claire), 28 etapas ganhas. Volta a Itália 1980, 1982 e 1985. Volta a Espanha 1978 e 1983. Liège-Bastogne-Liège 1977 e 1980. Volta à Lombardia 1979 e 1984. GP das Nações 1977, 1978, 1979, 1982 e 1984. Campeão francês Estrada Profissionais 1978. Campeão mundial Estrada Profissionais 1980. Volta à Romandia 1980. Critério Internacional 1978 e 1981

Fausto Coppi

Fausto Coppi, «Il Campionissimo», nasce em 1919, em Castellania, Itália. Fica célebre a luta de «morte» que mantém com Bartali, o grande rival caseiro. Este confronto estende-se até à política, pois os dois ciclistas ocupam um papel social importante na recuperação da moral de um país derrotado e destruído durante a Grande Guerra, cada qual ligado à sua cor política. Em 1952 torna-se o primeiro ciclista a vencer por duas vezes o «Tour de France» e o «Giro de Itália» no mesmo ano. Dois anos antes, ao ganhar a Volta a França recuperando mais de 35 minutos de atraso em virtude de uma queda, chamam-lhe o homem sozinho na estrada, alusão ao modo de seguir isolado durante quilómetros na frente da corrida. No total, consegue cinco vitórias no «Giro» (21 etapas ganhas) e duas no «Tour» (nove etapas ganhas). Em Dezembro de 1959, em conjunto com outros grandes nomes, como Anquetil e Geminiani, participa numa prova em Uaga-Dugu, no Alto Volta (hoje Burquina Faso, África). De regresso a Itália, sofre de febre intensa. Ao francês é diagnosticada malária. O seu irmão telefona aos médicos italianos avisando-os do perigo, mas estes recusam a ajuda, dizendo que Fausto padece somente de forte constipação. Morre a 2 de Janeiro, depois de uma noite de agonia. 50 mil pessoas assistem ao funeral.

Bilhete de Identidade

Fausto Coppi
Castellania, 15 de Setembro de 1919
Faleceu em Tortona a 2 de Janeiro de 1960

Como ciclista
EQUIPAS
Bianchi-Trigella, Itália

PALMARÉS
Vencedor da Volta a França 1949, 1952, 9 etapas ganhas. Volta a Itália 1940, 1947, 1949, 1952 e 1953. Paris-Roubaix 1950. Milão-São Remo 1946, 1948 e 1949. Volta à Lombardia 1946, 1947, 1948, 1949, 1954. GP Nações 1946 e 1947. Flèche Wallonne 1950. Campeão de Itália Profissionais 1940, 1941 (Perseguição), 1942, 1947, 1949 e 1955. Recordista da Hora 1942 (45,798 km). Campeão mundial Estrada Profissionais 1953. Campeonato mundial Perseguição 1947 e 1949

Alves Barbosa

Depois de José Maria Nicolau e Alfredo Trindade, só nos anos 50 aparece um corredor com o mesmo carisma, Alves Barbosa, filho de outro Alves Barbosa que correu e venceu etapas ao lado daqueles ciclistas. Em 1951, com 19 anos, vence a Volta, liderando da primeira à última etapa. Em 1956 é o primeiro português a correr na Volta a França. Superando todas as expectativas, «cola-se» aos primeiros e termina em 10º, atraindo as atenções do Mundo. De regresso a Portugal, ganha a Volta pela segunda vez, que bem poderia ser a terceira não fossem os tristes acontecimentos do ano anterior: na última etapa, Barbosa é o camisola amarela e vencedor quase certo. Porém, um grupo de espectadores agride-o e tenta partir-lhe a bicicleta por várias vezes. Só consegue chegar ao fim escoltado pela polícia mas já com a corrida perdida para Ribeiro da Silva. Ainda volta ao Tour por mais três vezes, em 1957, 1958 e 1960. Já referenciado, nunca mais consegue entrar nos 50 primeiros. Participa em três «Vueltas» (1957, 1958 e 1961) e vence uma etapa. No final de 1961 abandona a competição para ser treinador do Benfica.

Bilhete de Identidade

António da Silva Alves Barbosa
Fontela (Vila Verde), 24 de Dezembro de 1931

Como ciclista
EQUIPAS
Sangalhos, Luxemburgo

PALMARÉS
Vencedor da Volta a Portugal 1951, 1956 e 1958 (Sangalhos). 10º na Volta a França 1956 (Luxemburgo). 5º na Volta a Marrocos 1952 e 1960. Vencedor do Critério Internacional de Narbonne 1959. Vencedor de uma etapa na Volta à Espanha 1961

Como treinador
EQUIPAS
Benfica

PALMARÉS
Vitória individual na Volta a Portugal 1965.
Vitória colectiva na Volta a Portugal 1963

SELECÇÃO
Director técnico nacional de 1975 a 1978 e de 1989 a 1992

Acácio da Silva

Quando, em 1985, Acácio da Silva, então com 24 anos, começa a ser conhecido do público português, já é uma figura do pelotão internacional. Filho de emigrantes no Luxemburgo, desenvolve a carreira fora de Portugal. A 28 de Junho, o **Record** patrocina a sua vinda a Portugal pela primeira vez desde a juventude. O país conhece então o ciclista que, quase incognitamente, tinha vencido duas etapas do «Giro», a oitava e a décima. Da Silva, como é conhecido pelo pelotão internacional, vive os momentos altos da sua vida desportiva no «Tour», entre 1987 e 1989. Em 1987 ganha a 3ª etapa, Karlsruhe-Estugarda, e em 1988 vence em Evreux. Em 1989, ao terminar o «Giro», onde envergara a camisola rosa, afirma: «Vou para França com vontade de fazer coisas bonitas, vencer etapas, e, se possível, embelezar um pouco a minha carreira, vestindo a camisola amarela (...); seria ouro sobre... rosa.»
Vence a etapa inicial (Luxemburgo) e acaba mesmo por se manter de amarelo até ao primeiro contra-relógio, um feito nunca conseguido por portugueses.

◁ Em acção no Campeonato do Mundo 1989
▷ Secundado por Steve Bauer em Zurique

Bilhete de Identidade

Acácio Moura da Silva
Montalegre, 2 de Janeiro de 1961

Como ciclista
EQUIPAS
Royal-Wrangler, Gitane, Malvor-Botecchia, Carrera, Kas, Festina, Lampre e Maia-Jumbo

PALMARÉS
Vencedor de 3 da etapas Volta a França. Vencedor 5 etapas da Volta a Itália. Vencedor da Coppa Placi 1984. Campeão português de fundo 1986. 14º no Mundial Estrada Profissionais 1983 2ª na volta à Romandia 1985. 2º na volta à Suíça 1984 e 3º em 1998

A «Vuelta»

24 JUN 55 – Jorge Barradas (Sporting) morre em consequência dos ferimentos provocados por uma queda no Nacional de Fundo

3 MAI 57 – Alves Barbosa é terceiro na oitava etapa da «Vuelta» e é-lhe atribuído o prémio da combatividade. A 8 de Maio, fura quando é quarto na geral. Os colegas não vêem o acidente. Quando o carro de apoio chega, o director manda Ribeiro da Silva e Agostinho Ferreira esperarem por Barbosa (bastante atrasado) mas estes recusam-se, defendendo as posições na tabela. No fim, Barbosa, com a classificação arruinada, chora de raiva

10 MAI 57 – Na 14ª etapa da «Vuelta», Ribeiro da Silva corre 140 km isolado. Acaba em segundo e ascende ao quarto lugar, posição que mantém até ao fim da competição

16 JUL 57 – No «Tour», Ribeiro da Silva brilha no Tourmalet, sendo o primeiro a passar no alto da montanha e dando-se ao luxo, ainda, de rebocar Anquetil, o vencedor da prova

9 ABR 58 – Morre Ribeiro da Silva, após manobra perigosa de moto. Um dos maiores de sempre, conta com 2 vitórias na Volta e um quarto lugar na «Vuelta», em 1957

3 AGO 58 – Segunda etapa da Volta a Portugal, entre Lisboa e Alpiarça, é trágica para o pelotão, pela morte de dois ciclistas espanhóis

30 AGO 60 – Noticia-se no **Record** a morte do dinamarquês Knud Enemark, vítima de insolação nos Jogos Olímpicos de Roma

13 JUL 67 – Tommy Simpson, inglês a correr no «Tour», sofre um colapso enquanto sobe a exigente montanha do Ventoux. Morre já no hospital

1 JUN 69 – Eddy Merckx é desclassificado no «Giro» por doping. Acusa anfetaminas, mas defende-se alegando que foi alvo de conspiração

18 AGO 69 – À 7ª etapa da Volta a Portugal, os corredores, zangados com as elevadas médias de velocidade exigidas, decidem abrandar. O director, Aristides Martins, depois de apelar, em vão, para que os ciclistas corram a sério, interrompe a prova. Depois de muita discussão e promessas de castigos para os ciclistas, a caravana volta à estrada no dia seguinte ▶

Ao contrário das outras grandes voltas, a «Vuelta» conta desde o início com forte presença estrangeira, sendo, inclusive um belga, Gustave Deloor, o primeiro vencedor, em 1935.
Em 1957 participa uma equipa portuguesa, liderada por Alves Barbosa e Ribeiro da Silva. Barbosa é terceiro na 8ª etapa, recebendo o prémio da combatividade. Depois de chegar a quarto da geral, um furo e o abandono a que equipa o sujeita levam-no ao 17º lugar final.
Ribeiro da Silva é segundo na 14ª etapa (ganha também o prémio de combatividade) e termina a prova em quarto. E só a falta de solidariedade e de definição de papéis da equipa impedem a presença de Alves Barbosa no pódio.
Em 1959, Sousa Cardoso vence pela primeira vez uma etapa, a 12ª. Contudo, uma infecção num pé fá-lo abandonar, deixando saudades nos responsáveis, que, em 1964, se queixam da competitividade perdida: «Queremos sempre a presença de Portugal na nossa Volta..., mas desejamos que os seus ciclistas venham preparados para competir e não para marcar presença.» Só na década de 70, com Agostinho, as estradas espanholas voltam a ser animadas por um português, que falha a vitória por segundos. Entretanto, a «Vuelta», afirma-se como a terceira mais importante prova mundial.

Δ Joaquim Agostinho na Volta a Espanha

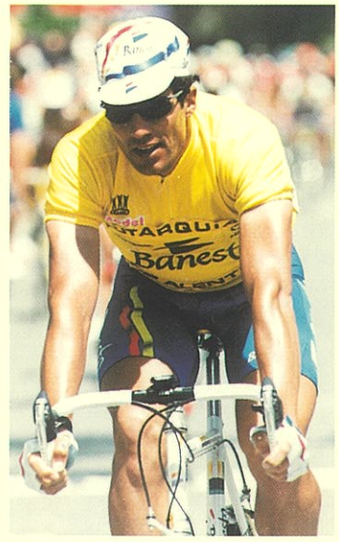
O «Giro»

1950 marca a história do «Giro de Itália». É a primeira vez, desde o nascimento da prova em 1909, que um estrangeiro, o suíço Hugo Koblet, vence a maior prova italiana. Porém, nesta altura, o que apaixona as multidões é o duelo entre Fausto Coppi, recordista de vitórias (cinco), e Gino Bartali, vencedor por três vezes e antecessor daquele no pedestal do ciclismo italiano. Com a retirada destes corredores, as vitórias italianas passam a ser menos frequentes. Apesar disso, o traçado da prova é contestado com frequência por ser desenhado, normalmente, à medida dos corredores caseiros em melhor forma. A partir da década de 70, o «Giro» afirma-se como a segunda «volta» mais importante do ciclismo mundial, servindo normalmente de grande teste aos que aspiram chegar a Paris vestidos de amarelo. Não sendo uma prova em que os portugueses tenham tradições, a melhor presença acontece em 1989 com Acácio da Silva, que chega a andar de rosa em duas etapas.

Δ A 22 de Maio de 1989, Acácio da Silva bate Luis Herrera numa etapa da Volta a Itália

Miguel Indurain

Miguel Indurain nasce em 1964, em Villava, Espanha. Chega ao ciclismo federado com 14 anos, mas aos 11 tinha já ganho a primeira corrida, pela qual recebe de prémio uma «sandwich» e uma bebida.
Em 1990 apresenta-se na Volta a França integrado na equipa Banesto (estreara-se na prova em 1985) e a duas etapas do fim está prestes a conseguir a camisola amarela, altura em que tem que desistir do assalto à liderança para esperar pelo seu chefe de fila, Pedro Delgado. A sua vez chega no ano seguinte: no contra-relógio de 73 km, entre Argentan e Alençon (oitava etapa), vence e ascende ao quarto lugar, a pouco mais de dois minutos do camisola amarela, Greg LeMond. Na etapa 13, nasce uma nova lenda do ciclismo mundial. No Tourmalet, Indurain protagoniza uma fuga durante 60 quilómetros juntamente com Chiappucci (que acaba por vencer) e veste a amarela à chegada, em Val Louron. Nos Alpes resiste aos ataques de Gianni Bugno, e no último contra-relógio, já em Paris, ainda ganha tempo a todos os adversários directos: Bugno, LeMond e Chiappucci. Triunfa categoricamente o «Tour». Em 1992 repete o feito, depois de ter ganho com facilidade o «Giro» de Itália. No ano seguinte, torna-se no primeiro ciclista a conseguir fazer a dobradinha «Giro»-«Tour» em dois anos consecutivos. Em 1994 classifica-se mal em Itália, e diz-se em França que o «Tour» é muito mais duro, com um traçado anti-Indurain. Porém, à saída dos Alpes o espanhol já não tem concorrentes directos e vence facilmente. Em 1995, «Miguelon» lança-se à conquista do quinto «Tour». Domina desde a oitava etapa (contra-relógio) e torna-se no primeiro ciclista a conseguir a vitória por cinco vezes consecutivas na prova maior do ciclismo. Apesar disso, gera polémica no seu país por não participar na «Vuelta», de tal forma que chega a ser sugerido que o Conselho Superior do Desporto obrigue o ciclista a correr em Espanha, mesmo contra vontade.
Em 1996 confessa: «Sei que há-de chegar a hora do meu declínio, em que vou querer ganhar uma corrida e não vou ter possibilidades de o fazer.» E é precisamente neste ano que o brilho da estrela espanhola esmorece, quando não consegue melhor que um 11º lugar no «Tour». Abandona em 1997.



Δ Em Dezembro de 1997 com os símbolos das cinco vitórias no «Tour»

▷ Na Volta ao Alentejo 1996, festeja mais um triunfo

Bilhete de Identidade

Miguel Indurain Larraya
Villava (Navarra), 16 de Julho de 1964

Como ciclista
EQUIPAS
Reynolds, Reynolds-Banesto, Banesto

PALMARÉS
5 vezes vencedor da Volta a França 1991, 1992, 1993, 1994 e 1995 (Banesto), 12 etapas ganhas. Volta a Itália 1992 e 1993 (Banesto), 4 etapas ganhas. Paris-Nice 1989 (Reynolds), 1990 (Banesto). Volta à Catalunha 1988 (Reynolds), 1991 e 1992 (Banesto). Volta ao Alentejo 1996 (Banesto). Volta a França do Futuro 1986 (Reynolds). Campeão espanhol 1992 (Banesto). Dauphiné-Liberé 1995 (Banesto). Campeão olímpico contra-relógio 1996. Recordista da Hora 1994 (53,040 km). Campeão mundial contra-relógio 1995

Marco Chagas

▶

25 AGO 69 – Morre num acidente de viação José Maria Nicolau, mítico ciclista do Benfica. Venceu a Volta em 1931 e 1934

29 JUN 70 – À oitava etapa da Volta a Portugal, revela-se que Fernando Mendes, um dos favoritos à vitória final, acusa uso de estimulantes. O corredor e a equipa do Benfica abandonam, em sinal de protesto

10 JUL 70 – Na etapa mais dura do «Tour», Gap-Le Ventoux, Merckx arrasa tudo e todos com uma fuga. Só Agostinho resiste até 10 quilómetros do final. Merckx desmaia à chegada

15 MAR 71 – Noticia-se a morte na estrada do campeão do mundo Jean Pierre Monsere, de 22 anos

6 MAI 71 – Apresenta-se em Portugal, pela primeira vez, o imbatível Merckx, num festival de ciclismo em Alvalade

6 SET 71 – Alves Barbosa, treinador da equipa nacional no Mundial de estrada, acusa Joaquim Agostinho de não se esforçar. A 25 de Setembro, Agostinho é quarto na escalada de Montjuich, que Merckx vence

12 MAR 72 – No Paris-Nice, Agostinho cai devido a uma bicicleta que se desprende de um carro de apoio. É projectado a dez metros mas não sofre fracturas

20 JUL 77 – Joaquim Agostinho vence a 18ª etapa do Tour. Mais tarde a vitória será anulada por doping do português, mas o seu nome nunca é retirado do cartaz de vencedores

19 AGO 78 – Fernando Mendes, mais que provável vencedor da Volta, é chamado ao controlo antidoping. A amostra é colhida de costas para o médico, não sendo, por isso, válida. Já na pensão assina um documento em que recusa fazer outra recolha. Perante isto, já não deveria alinhar no dia seguinte, mas a direcção da prova autoriza a continuação. Acaba por vencer e só então é desclassificado

29 FEV 80 – Joaquim Agostinho e Marco Chagas, a participar na Volta à Córsega, são feitos reféns juntamente com os outros ciclistas pelo movimento separatista corso. Após algumas horas de conversações, a caravana é autorizada a prosseguir

A 15 de Agosto de 1979, um jovem corredor do Lousa, Marco Chagas, ganha de forma espectacular a Volta a Portugal em 1979, vencendo o contra-relógio final, de 33 km, com mais de quatro minutos sobre o adversário mais directo e segundo da geral, Sousa Santos. Vence ainda o prémio da montanha e o combinado. Dias depois, a vitória é-lhe retirada por uso de doping. Desarmado, defende-se: «Conscientemente não tomei nada», e acrescenta: «Na verdade, sou mais um boneco no meio disto tudo (...), fui lá todas as vezes necessárias sem nenhum problema, como o fiz na última etapa.»

O protesto não serve de nada e Chagas parte então rumo a França, para competir ao lado de Agostinho no «Tour» de 1980, ainda com a memória das primeiras vitórias nas provas da FNAT com a camisola da Casa do Povo de Pontével. Não consegue grande prestação (fica em 41º), mas ainda vê Hinault agarrar-se a si, contorcido pelas dores, antes de desistir. No regresso às estradas portuguesas inicia o seu ciclo de glória. Em 1982 vence a Volta, batendo os adversários nos irresistíveis contra-relógios, e em 1983 repete, serenamente, a vitória, depois de passar para a frente de novo no contra-relógio. Já com a camisola do Sporting prepara novo triunfo em 1984, mas o doping (efedrina) afasta-o da corrida, desta vez na etapa das Pedras Salgadas, impedindo-o de igualar o recorde de vitórias na prova (três). Mais conformado do que anteriormente, ainda assim atira: «Eu ainda não acredito. Para já, há que dizer que eu não sou um grande ciclista. Mesmo no meio português sou um razoável ciclista, e se conseguir o que os grandes Joaquim Agostinho e Alves Barbosa conseguiram, já é muito bom.» Não tem de esperar muito para realizar o sonho.

Em 1985 regressa à vitória na prova rainha, sempre apoiado num avassalador domínio nos contra-relógios, e em Agosto do ano seguinte ataca o recorde de sucessos na Volta a Portugal. Cayn Theakston, jovem inglês com a alcunha de «Almirante», domina as operações. Contudo, uma queda afasta-o, deixando o primeiro lugar em aberto. Chagas não perdoa e no último contra-relógio ganha mais de três minutos ao «camisola-amarela», Benedito Ferreira. Ultrapassa-o na geral e consegue vantagem suficiente para manter o primeiro lugar no que resta da prova. Na meta tem à sua espera a irmã. Eufórica, toma-o nos braços e diz-lhe: «Marco, foi à campeão!» Abandona em 1990.

Δ A comemorar o triunfo na volta de 1983

Δ A liderar o pelotão na Volta a Portugal em 1981

Bilhete de Identidade

Marco António Martins Chagas
Pontével, 19 de Novembro de 1956

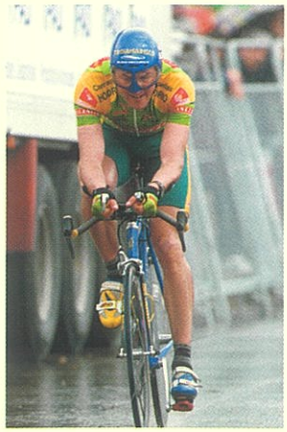
Como ciclista
EQUIPAS
Sporting, Águias de Alpiarça, Lousa, Porto, Tap-Bank of Lisbon, Louletano, Mako Jeans, Orima Cantanhede, Costa do Sol e Puch

PALMARÉS
Vencedor da Volta a Portugal 1982 (Porto), 1983 (Mako Jeans), 1985 e 1986 (Sporting). Volta da Independência do Brasil 1982 (Porto). Volta à Madeira 1983 (Mako Jeans). Volta à África do Sul 1978 (Tap-Bank of Lisbon). Volta ao Alentejo 1984 (Sporting). Circuito da Malveira 1985 (Sporting). GP Minho 1987 (Louletano). GP Sical 1981 (Porto). Porto-Lisboa 1983 (Mako Jeans). Campeão de Portugal de Fundo em Profissionais 1974, 1975 (Sporting), 1982 (Porto) e 1985 (Sporting). Campeão de Portugal de Perseguição 1978 (Águias de Alpiarça)

Como treinador
EQUIPAS
Tensai, Sicasal-Acral, M. Louro-Alcanenense

PALMARÉS
Vitória colectiva na Volta a Portugal 94, 95 (Sicasal). GP Joaquim Agostinho (Tensai)

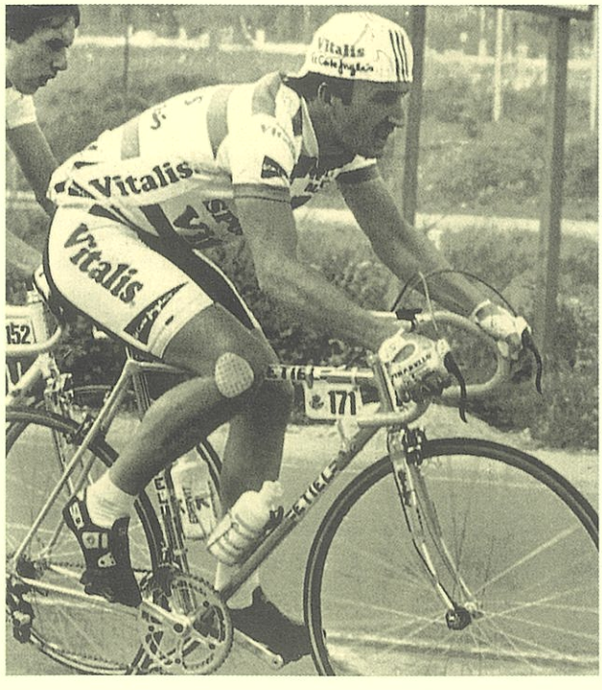
Volta a Portugal



Entre 1927, ano da primeira Volta – em que é necessário recrutar trabalhadores rurais para, a determinada altura do percurso, abrirem estradas por onde a caravana ciclista, dividida em fortes, fracos e militares, possa passar –, e os anos de 1950, a Volta a Portugal afirma-se como a grande prova do ciclismo português. Ao longo dos anos editam-se duelos que lhe dão um forte cariz popular. Nos anos 30, a rivalidade entre José Maria Nicolau, do Benfica, e Alfredo Trindade, do Sporting, entusiasma o país e vale-lhes duas vitórias a cada um. A década de 50 traz um novo duelo, agora entre Alves Barbosa e Ribeiro da Silva, que termina abruptamente com a morte deste último. Em 1952, na etapa Setúbal-Lisboa, os corredores mais atrasados são brindados com uma chuva de flores. Em 1959, a população de Murça resolve dar um prémio ao primeiro corredor a passar por aquela localidade: uma porca viva. O prémio vai para Fernando Silva, do Sangalhos, sendo recolhida pelo carro-vassoura. Um pouco mais adiante, o pobre Américo Raposo, ciclista do Sporting, desiste devido a queda e acaba por viajar até ao fim da etapa ao lado da porca. Apesar deste entusiasmo, nesta altura, a organização resulta num grande desafio e as condições oferecidas aos corredores são, muitas vezes, francamente deficientes: discute-se com frequência o acompanhamento médico, e em 1958, aquando da morte de dois ciclistas em prova, há até quem desconfie que, fora do papel, a Volta não tem nenhum médico a acompanhá-la. Na edição de 1964, o carro de apoio é um velho Ford descapotável, com o radiador roto, que, imagine-se, tem de ser refrescado com água dos bidões dos ciclistas. Em 1967, pela primeira vez vence um estrangeiro: o belga Antoine Houbrechts, integrado na equipa Flândria. Os anos 70 trazem à ribalta Agostinho e a sua aura de mito: vence por três vezes, que seriam muitas mais não fosse o chamamento do «Tour». Sucede-lhe o grande recordista da prova, Marco Chagas, com quatro vitórias, todas na década de 80. A nível de equipas, o Porto é a que mais corredores levou ao triunfo, num total de 12. Nos anos 90, salientam-se as duas vitórias consecutivas de Orlando Rodrigues (em 1994 e 1995. Neste ano bate o recorde de média de velocidade da Volta, que durava há mais de 30 anos. Faz 40,16 km por hora) e os quatro segundos lugares de Vítor Gamito.

Δ Vítor Gamito é segundo quatro vezes: um recorde quase feliz

∇ Marco Chagas é o recordista (4 triunfos); Nicolau e Trindade (com a actriz Beatriz Costa), os primeiros grandes animadores; e Venceslau Fernandes, que só chega ao triunfo já com 37 anos



Volta a Portugal

1950: Dias dos Santos (POR), 1951: Alves Barbosa (POR), 1952: Moreira de Sá (POR), (nos anos de 1953 e 1954 não se realiza), 1955: Ribeiro da Silva (POR), 1956: Alves Barbosa (POR), 1957: Ribeiro da Silva (POR), 1958: Alves Barbosa (POR), 1959: Carlos Carvalho (POR), 1960: Sousa Cardoso (POR), 1961: Mário Silva (POR), 1962: José Pacheco (POR), 1963: João Roque (POR), 1964: Joaquim Leão (POR), 1965: Peixoto Alves (POR), 1966: Francisco Valada (POR), 1967: Antoine Houbrechts (BEL), 1968: Américo Silva (POR), 1969: Joaquim Andrade (POR), 1970: Joaquim Agostinho (POR), 1971: Joaquim Agostinho (POR), 1972: Joaquim Agostinho (POR), 1973: Jesus Manzaneque (ESP), 1974: Fernando Mendes (POR), 1975: (não se realiza), 1976: Firmino Bernardino (POR), 1977: Adelino Teixeira (POR), 1978: Belmiro Silva (POR), 1979: Joaquim Sousa Santos (POR), 1980: Francisco Miranda (POR), 1981: Manuel Zeferino (POR), 1982: Marco Chagas (POR), 1983: Marco Chagas (POR), 1984: Venceslau Fernandes (POR), 1985: Marco Chagas (POR), 1986: Marco Chagas (POR), 1987: Manuel Cunha (POR), 1988: Cayn Theakston (ING), 1989: Joaquim Gomes (POR), 1990: Fernando Carvalho (POR), 1991: Jorge Silva (POR), 1992: Cássio Freitas (BRA), 1993: Joaquim Gomes (POR), 1994: Orlando Rodrigues (POR), 1995: Orlando Rodrigues (POR), 1996: Massimiliano Lelli (ITA), 1997: Zenon Jaskula (POL), 1998: Marco Serpellini (ITA), 1999: David Plaza (ESP)

[Mais palmarés no Arquivo]

29 ABR 82 – Na Volta ao Algarve, um espectador provoca uma queda, em que é envolvido o portista José Zeferino. Levado ao Hospital de Castro Verde, não é atendido. Transferido para Lisboa, morre a 3 de Maio, devido a traumatismo craniano

3 JUL 84 – Paulo Ferreira é o primeiro atleta depois de Agostinho a ganhar uma etapa da Volta à França, a quinta, de Cergy a Pontoise

18 NOV 87 – Morre Jacques Anquetil, o primeiro a vencer 5 Tours

6 JUL 88 – Acácio da Silva vence uma etapa do «Tour», mas apanha um susto. Começa a festejar uns centímetros antes da meta e é quase ultrapassado

13 MAI 99 – Willy Voet, médico da Festina, preso por posse de dopantes, acusa vários ciclistas de, conscientemente, se doparem, e elabora uma lista dos que já morreram

4 JUN 99 – Marco Pantani, líder do «Giro» a duas etapas do fim, é desclassificado por doping

10 JUL 99 – Mário Cipollini torna-se no único ciclista a conseguir vencer quatro etapas seguidas (da quarta à sétima) do «Tour» depois de 1930

Columbofilia

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE COLUMBOFILIA É FUNDADA A 5 DE NOVEMBRO DE 1945. SEDIADA EM COIMBRA, RECEBE O ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA DESPORTIVA A 9 DE SETEMBRO DE 1994. ENQUADRA-SE NA FÉDÉRATION COLOMBOPHILE INTERNATIONALE

Os mensageiros

As competições columbófilas surgem a partir da utilização de pombos para o envio de mensagens. A primeira prova importante realiza-se na Bélgica em 1818, com as classificações a serem feitas manualmente. Este sistema é substituído pelo electrónico, que funciona por intermédio de «chips» colocados nas anilhas. As entradas dos pombais têm um relógio que transmite os dados a um computador. Conhecendo-se o tempo registado e a distância exacta entre o local de solta e o pombal, é calculada a velocidade média.
Entre os maiores columbófilos nacionais encontram-se Vaz Guedes, José Maria Silva e Fausto Viana. O ex-futebolista internacional José Torres, ligado à modalidade desde o tempo em que jogava no Benfica, possui como columbófilo alguns títulos locais, entre os quais o de campeão absoluto do Grupo Columbófilo da Amadora, em 1973. Tem incentivado o desporto quer pelo facto de ser uma personalidade conhecida quer pelos cargos que ocupa como presidente da Assembleia Geral do Grupo Columbófilo da Amadora e vice-presidente da Associação Columbófila de Lisboa.

Δ José Torres, o mais mediático dos columbófilos

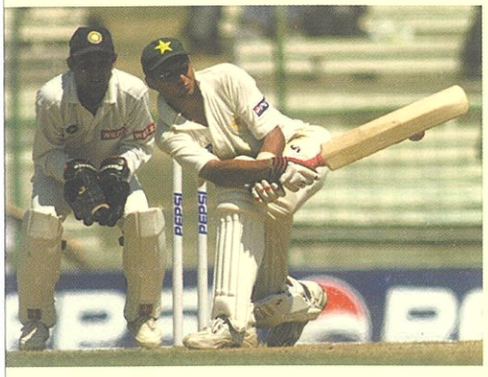
Corfebol

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE CORFEBOL É FUNDADA A 8 DE MARÇO DE 1991. O ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA DESPORTIVA É PUBLICADO NO DIÁRIO DA REPÚBLICA DE 9 DE SETEMBRO DE 1994. O ORÇAMENTO EM 1998 É DE 6669 CONTOS

A união dos sexos

Com origem num jogo holandês denominado Ringboll, o Corfebol é o primeiro desporto a englobar os dois sexos simultaneamente. Em Portugal, a primeira referência surge em 1982, num curso sobre jogos populares e desportivos nacionais. Mais tarde, em 1986, o ISEF (Instituto Superior de Educação Física) toma a iniciativa de formar uma equipa após um curso de formação de treinadores na Holanda.
Cada equipa é constituída por oito elementos, quatro rapazes e quatro raparigas, dois homens e duas mulheres a meio campo, o mesmo na defensiva. Quando se dá marcação de dois pontos, os elementos defensivos trocam com os do meio-campo. Não é permitida a progressão em drible. O contacto pessoal e a marcação é feita por sexos. O objectivo principal é marcar pontos num cesto de verga. Cada cesto vale um ponto. Portugal já tem um palmarés assinalável. Consegue o 3º lugar em 1995 na Índia e um 6º na Bélgica, ambos em Campeonatos do Mundo. Em 1987, Portugal faz a primeira participação num Mundial. Consegue o 9º lugar.

A tradição britânica



As origens do críquete remontam ao séc. XV. As primeiras regras conhecidas datam do séc. XVIII e o Marylebone Cricket Club, a autoridade mundial que rege a modalidade, é fundado em 1787.

A década de 50 é dominada pela selecção inglesa, defensora orgulhosa da tradição do críquete britânico contra países, como a Austrália, que pretendem ameaçar o poderio inglês. É grande a rivalidade entre as selecções inglesa e australiana, com a primeira a superiorizar-se quase sempre à segunda, que faz alarde de técnicas inovadoras, mas algo irregulares para os puristas do críquete inglês. As estrelas inglesas Tony Lock e Jim Laker fazem a diferença. Mas há outros nomes, como o de Shacleton, um jogador do Hampshire que inscreve o seu nome no livro de recordes do críquete ao fazer uma média de 100 «wickets» por época durante 20 anos consecutivos, entre 1949 e 1968.

A passagem dos tempos, apesar de parecer irrevelante num jogo tão imbuído de tradição, vai fazendo sentir-se: em 1962 acaba a distinção entre profissionais («players») e amadores («gentlemen»). O críquete assume-se como um jogo de profissionais.

Contudo, é um jogo muito especial, com encontros que duram dias e partidas disputadas durante horas a fio. Um jogo «à inglesa». Talvez por estas características teime em se limitar aos países do antigo império britânico e às comunidades inglesas espalhadas pelo Mundo. O domínio inglês, contudo, é, nos anos 90, coisa do passado, com países como a Índia e o Paquistão a terem cada vez mais protagonismo. A grande estrela do críquete mundial nos anos 90 é um indiano: Sachin Tendulkar.

Críquete

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE CRÍQUETE ESTÁ EM VIAS DE SER FUNDADA EM 1999, NA SEQUÊNCIA DA PRIMEIRA VISITA DE UMA DELEGAÇÃO DO MARYLEBONE CRICKET CLUB A PORTUGAL. PARA PRESIDENTE É ESCOLHIDO O INGLÊS ROBIN RENKING. A PRÁTICA DESTA MODALIDADE CIRCUNSCREVE-SE A PEQUENOS NÚCLEOS, SITUAÇÃO QUE PODE ALTERAR-SE A PARTIR DE 1999

1950 – A Inglaterra joga pela primeira vez com a selecção australiana, em Brisbane, e perde por 70 pontos («runs»), mas derrota a África do Sul por 3-1 na série

1952 – O Paquistão defronta a Índia pela primeira vez, cinco anos depois da independência das colónias. Os indianos vencem a série (2-1) com um jogo empatado

1970 – Os ingleses ganham o segundo jogo com uma selecção do resto do Mundo, mas perdem a série por 2-1

1987 – A Austrália vence a Inglaterra na final da Taça do Mundo, jogada em Calcutá, Índia

Estratégia no gelo

As longínquas origens do curling remontam aos planaltos escoceses, onde bravos «highlanders» fazem rolar ou deslizar pesadas pedras de granito sobre lagos gelados. O curling actual pouco ou nada tem que ver com estas demonstrações de força. Define-se mais como um jogo de estratégia do que como prova de robustez física (apesar de as pedras com que é jogado serem feitas de granito sólido e pesarem cerca de 20 quilos cada uma).

O objectivo do jogo é simples: fazer com que uma das pedras da equipa fique mais próxima do centro demarcado. Cada equipa é constituída por quatro elementos – um capitão, ou «skipper», e outros três jogadores, denominados primeiro, segundo e terceiro.

A modalidade é apresentada em 1924, nas Olimpíadas de Chamonix, e reaparece em 1932, nas de Lake Placid. Sem uma entidade internacional que a regule, pouco mais pode ser feito. É em 1965, por ocasião do Troféu Internacional Royal Caledonian Cup, realizado em Perth, Escócia, que representantes do curling da Escócia, Canadá, EUA, Suécia, Suíça e Noruega se reúnem e traçam o plano que visa criar a Federação Internacional de Curling. Em 1966, aos seis países originais junta-se a França e a 1 de Abril, em Vancouver, Canadá, é então criada a International Curling Federation (ICF).

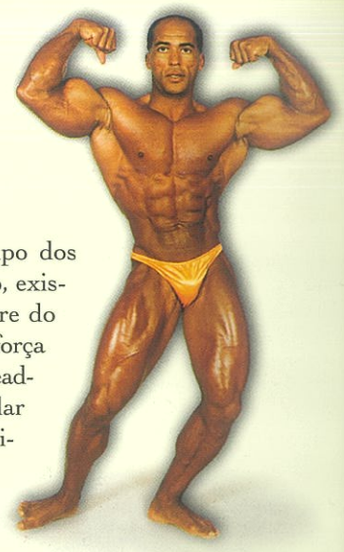
O primeiro Campeonato do Mundo, oficial e masculino, é organizado em 1968. A mesma competição para o sector feminino começa a ser realizada em 1979. O curling aparece pela primeira vez como modalidade olímpica em 1998, em Nagano, Japão, depois de ter sido apresentado, pela terceira vez na história dos Jogos Olímpicos de Inverno, em Calgary 88 e, pela quarta vez, em Albertville 92.

Curling

Cultura Física

A FEDERAÇÃO NACIONAL DE CULTURA FÍSICA É FUNDADA A 24 DE MARÇO DE 1990, COMO EVOLUÇÃO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CULTURA FÍSICA, CONSTITUÍDA EM 1977 POR AMANTES DA MODALIDADE. É FILIADA NA IFBB (INTERNATIONAL FEDERATION OF BODY BUILDING). CONGREGA O CULTURISMO, POWERLIFTING E FITNESS (DESPORTO OFICIALMENTE DESTINADO A ATLETAS DO SEXO FEMININO, QUE ALIA A AVALIAÇÃO FÍSICA À COREOGRAFIA GÍMNICA). RECEBE O ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA EM 7 DE OUTUBRO DE 1994

Culto do corpo



O levantamento de pesos e halteres é uma disciplina antiga, do tempo dos Jogos Olímpicos na Grécia Antiga. Hoje em dia, além do halterofilismo, existem variantes como o powerlifting e o culturismo. O powerlifting difere do halterofilismo olímpico nos movimentos, que são mais simples, apelam à força pura e chamam-se «benchpress» ou supino, «squat» ou agachamento e «dead-lift» ou levantamento-terra. Um culturista desenvolve a massa muscular através do uso de pesos e halteres com o objectivo de atingir volume, equilíbrio muscular, definição, separação, vascularização e simetria.

A cultura física surge em Portugal nos meados dos anos 20, no contexto da Federação Portuguesa Atlética e Luta, que congrega então culturismo, halterofilismo e luta. Em 1970, estas duas últimas modalidades separam-se e fundam federações distintas. A cultura física fica «no meio», resumindo-se a iniciativas levadas a cabo pelo Ateneu Comercial de Lisboa e Ginásio Haltere do Porto.

O atleta português mais destacado em powerlifting é Vítor Videira, detentor dos três melhores totais nacionais e vencedor, entre outros títulos, de uma Taça da Europa e de seis Campeonatos Nacionais. Entre as grandes estrelas do culturismo mundial dos últimos 50 anos, contam-se nomes como Arnold Schwarzenegger, sete vezes Mr. Olympia (título máximo de profissionais), ou mais recentemente Dorian Yates, com seis títulos. O português mais conhecido é Carlos César Pimentel, vencedor de um Campeonato da Europa e de um Mundial de «masters» e nono nesta categoria do Mr. Olympia 95.

Δ Carlos César Pimentel conta com vários títulos internacionais

Damas

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE DAMAS É FUNDADA A 18 DE MAIO DE 1980. DOIS ANOS DEPOIS TEM 350 PRATICANTES E 50 CONTOS DE ORÇAMENTO. EM 1998, SÃO 479 OS FILIADOS E MAIS 7500 CONTOS EM CONTABILIDADE. DIVIDE-SE EM DUAS VARIANTES: DAMAS CLÁSSICAS OU NACIONAIS (8/8), COM AS CATEGORIAS ABSOLUTO, SENIORES, JUNIORES, CADETES E VETERANOS, E INTERNACIONAIS, DISPUTADAS EM INDIVIDUAIS E EQUIPAS. NÃO É MODALIDADE OLÍMPICA

O xadrez do povo

Em cada país existe uma variante de damas nacionais, mas a necessidade de criar uma convenção que permita a realização de competições mundiais dá origem às damas internacionais. Os principais impulsionadores desta variante são os polacos. Compensam a inexistência de grandes nomes na modalidade com uma série de estudiosos em jogos de tabuleiro.

Duas variantes de damas abrangem o cenário em Portugal: damas internacionais e nacionais ou clássicas. Têm campeonatos distintos, embora haja praticantes que jogam indistintamente nas duas competições. Manuel Alberto Vaz Vieira, presidente da Federação, é a maior referência nas damas clássicas. Seis vezes campeão de seniores e três vezes campeão de absolutos. Nas internacionais, domina Daniel Garcia Seita Machado. De 1987 a 1992, ganha todos os campeonatos em individuais, somando mais um em 1994. Em equipas, o Almada Atlético Clube destaca-se. Conta com cinco Taças de Portugal e 11 Campeonatos Nacionais na variante de damas clássicas. Nas damas internacionais, com três campeonatos ganhos, o clube mais laureado é o Centro Cultural e Popular de Serpa.

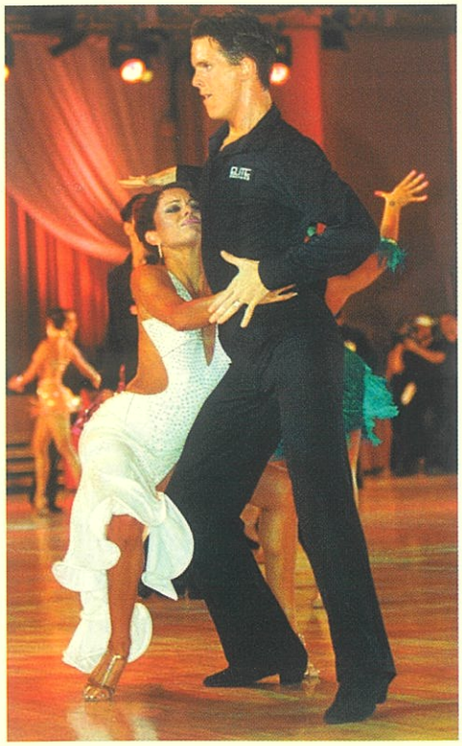
Os Campeonatos da Europa e as Olímpiadas das Damas são as competições internacionais da modalidade, nas quais participam os campeões de cada país. A ex-União Soviética e a Holanda têm vencido a quase totalidade dos encontros. O russo Tshizov é um dos jogadores de damas mais conceituados. De 1988 a 1996, apenas por uma vez não é campeão do mundo (em 1994).

O soviético Kuperman é o vencedor do primeiro Mundial, realizado em 1958. Desde esta data a 1974, soma sete triunfos. O holandês Wiersma, outro praticante de nomeada, tem seis títulos nas Olimpíadas, conquistados de 1976 a 1983. Nos Europeus, Sijbrands, também holandês, surge com o maior número de vitórias, quatro.

Dar baile no salão

Dança Desportiva

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE DANÇA DESPORTIVA É FUNDADA A 15 DE OUTUBRO DE 1991. CONGREGA QUATRO ASSOCIAÇÕES DISTRITAIS: LISBOA, PORTO, SETÚBAL E SANTARÉM. TEM DUAS VARIANTES: LATINA E «STANDARD», PRATICADAS EM QUATRO ESCALÕES: JUNIORES, JUVENTUDE, AMADORES E PROFISSIONAIS. NÃO É MODALIDADE OLÍMPICA



Alberto Rodrigues (professor e director da Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo) e Marina Rodrigues, campeões nacionais por amadores dez anos consecutivos, são a referência máxima na dança desportiva em Portugal. De 1988 a 1998, os irmãos Rodrigues vencem todos os campeonatos.

O registo luso de maior destaque a nível internacional advém da participação nos Campeonatos Ibéricos. A dupla nacional composta por Armando Baptista e Anabela Wanger é campeã do encontro entre Espanha e Portugal em 1999. Outra participação honrosa é a do par português Ricardo Soares e Anabela no prestigiado torneio Blackpool British Open. Não saem vencedores, mas figuram entre os melhores 96 pares mundiais.

Portugal tem presença assídua nos Campeonatos do Mundo e da Europa, embora sem os melhores resultados. Os ingleses Marcus e Karen Hilton formam o par campeão mundial e europeu de 1998 na classe «standard». Os escoceses Donnie Burns e Gaynor Fairweather são os campeões do mundo e europeus do mesmo ano na dança latina.

Treinos nos «pubs»

Dardos

Os jogos de dardos descendem, segundo a versão mais aceite, de jogos medievais, com a utilização de pedaços de madeira ou barris. Evoluíram ao longo dos séculos e são ainda hoje extremamente populares nos «pubs» britânicos.

Em 1954, é formada na Inglaterra a National Darts Association (NDA) of Great Britain, entidade que reúne vários clubes ingleses e institui as primeiras regras e competições nacionais em 1957. A British Darts Organization (BDO) é constituída em 1973. Congrega patrocinadores televisivos e funda o Campeonato Profissional Embassy, posicionando-se como uma das forças determinantes para a formação de uma federação internacional, o que acontece em 1976.

A World Dart Federation (WDF) organiza o primeiro Campeonato do Mundo em 1977, em Londres. O País de Gales sagra-se campeão em equipas, o galês Leighton Rees em singulares homens e os ingleses Eric Britow e John Love em pares masculinos. As mulheres estreiam-se numa competição mundial de dardos em 1983, em Edimburgo, na Escócia. Actualmente, a WDF organiza um Mundial (de dois em dois anos), um Europeu e um Campeonato do Pacífico (inclui os EUA).

Esgrima

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE ESGRIMA É FUNDADA A 10 DE MAIO DE 1922. EM 1999 HÁ O REGISTO DE CERCA DE 500 FEDERADOS, REPARTIDOS POR SEIS ESCALÕES: SENIORES, JUNIORES, JUVENIS, INICIADOS, INFANTIS E PASSARINHOS. EXISTEM TRÊS DISCIPLINAS (ESPADA, FLORETE E SABRE)

JO 60 – Maria José Nápoles é a primeira esgrimista portuguesa a participar nos Jogos Olímpicos. Como ainda não se disputam provas femininas, combate com os homens (não passa à segunda eliminatória)

JO 60 – Soviéticos colocam um ponto final no domínio de franceses e italianos que, entre 1920 e 1956, distribuem equitativamente entre si oito títulos colectivos de florete

21 NOV 63 – Morre o Mestre de Armas Carlos Gonçalves

1989 – Realiza-se pela primeira vez o Campeonato do Mundo de espada feminino. Straub, da Suíça, é a vencedora

1994 – É exigida uma resistência de 800 N nos fatos de cavelar

JO 96 – Pela primeira vez nas olimpíadas as mulheres participam numa prova de espada

1997 – Damien e Gael Touya, Jean-Philippe Daurelle e Matthieu Gourdien conquistam o primeiro título mundial de sabre por equipas para a França

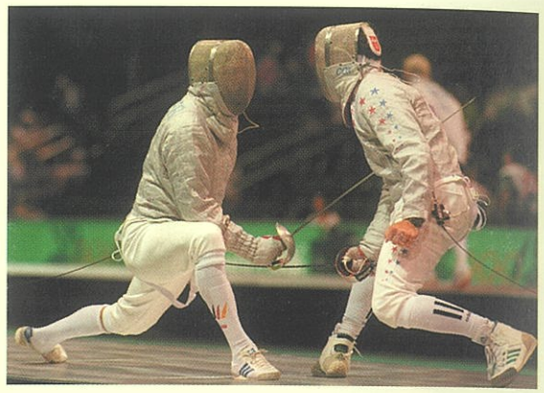
1999 – Passa a ser exigida a presença das cores das bandeiras nacionais nas partes superior e inferior dos fatos. Já a máscara transparente origina maior resistência por parte dos esgrimistas

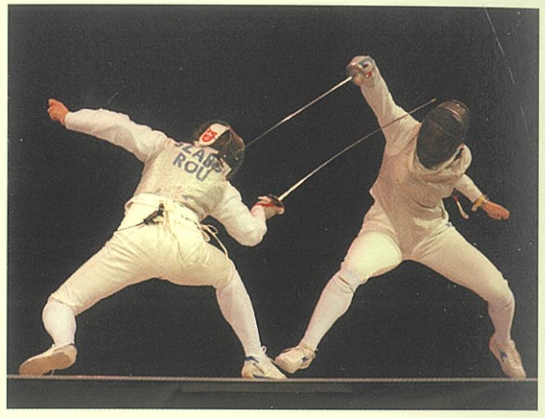
Fora de moda

Nos anos 50 e em 1960, nos Jogos Olímpicos de Roma, ainda existem alguns sinais da importância da esgrima portuguesa antes da II Guerra Mundial. Um reflexo do ressurgimento do interesse dos militares. Portugal leva dez representantes às Olimpíadas de 52 e nove às de 60. Contudo, em vésperas do 25 de Abril está à beira da extinção.

Mário de Noronha, Paulo D'Eça Leal, Jorge Paiva, Frederico Paredes, João Sasseti e Henrique da Silveira conseguem o bronze (espada) por equipas em 1928. A segunda metade do séc. XX não dá, porém, nenhuma medalha olímpica a Portugal. Os mestres Herculano Pimentel e João Pedro Vinha procuram evitar o desmantelamento, mas os esforços são infrutíferos. O conflito colonial representa um forte abalo.

A nova política desportiva resultante da Revolução de Abril permite que a vertente feminina ocupe um lugar nos quadros competitivos oficiais. Há novo fôlego, mas o atraso já é tão evidente que a recuperação face às principais potências – França e Itália – é lenta. As dificuldades aumentam também pelo pouco interesse publicitário da modalidade, contrariamente ao que acontece noutros países, onde as provas representam um foco de interesse para as televisões. Os resultados dos últimos anos da década de 90 lançam certo optimismo. O floretista João Gomes ocupa o quinto lugar do «ranking» mundial em Junho de 1999. O grande problema é o abandono precoce, mantendo a distância para as nações de topo, com a Itália a liderar. No Europeu realizado em Junho de 1999, o domínio dos transalpinos é avassalador. Conquistam 11 medalhas, seis das quais de ouro, três de prata e duas de bronze. Os restantes títulos são repartidos por França (dois), Alemanha (dois) e Azerbaijão (um). Nos Campeonatos do Mundo individuais, a França soma 113 medalhas entre 1950 e 1997.





Eric Srecki

Eric Srecki tem um dos melhores palmarés da esgrima mundial. O francês, nascido a 2 de Julho de 1964, é campeão olímpico de espada individual em 1992, à frente de Pavel Kolobkov (Rússia) e do compatriota Jean-Michel Henry, e por equipas, em 1998, junto com Frederic Delpha, Jean Michel Henry, Olivier Lenglet e Philippe Riboud. Em 1996, classifica-se, também por equipas, em terceiro lugar. Vence os Mundiais, a título individual em 1995 e 1997 e por equipas em 1994 (é segundo em 1990, 1991, 1993, 1995 e 1997 e terceiro em 1987). É vice-campeão europeu, individual e por equipas, em 1998. Além destes títulos, há ainda a salientar na carreira de Srecki a conquista da Taça do Mundo em 1989, 1992, 1995 e 1997. As 18 vitórias constituem um recorde mundial, obtido frente ao italiano Angelo Mazzoni. Srecki conquista o primeiro título francês em 1985. Tem, entre outros troféus, o Challenge Monal de 1989 e 1993 e o Challenge Charles Martel de 1989.

Alexandre Romankov

No florete, o destaque vai para o Alexandre Romankov (URSS, 7 de Novembro de 1953), com títulos individuais nos Mundiais de 1974, 1977, 1979, 1982 e 1983, a que junta, ainda, na mesma prova, cinco troféus por equipas. Em Jogos Olímpicos é premiado com medalhas de prata em 1976 e 1980. Em 1976 ganha o italiano Fabio dal Zotto e em 1980 o também soviético Vladimir Smirnov. Por equipas, em 1980 fica em segundo (fazem parte de um conjunto onde estão Vladimir Smirnov, Sabirzhan Ruziev, Ashot Karagian e Vladimir Lapitsky). Ganha três Taças do Mundo.

João Gomes

Em Novembro de 1996, João Gomes alcança em Limoges (França) a segunda medalha da esgrima portuguesa. Recebe bronze (florete) no Campeonato da Europa. Os bons resultados não se ficam por aqui. Em Janeiro de 1997, em Paris, só o campeão do Mundo o pára. Ultrapassa vários adversários na Super A da Taça do Mundo, sendo travado no duelo de acesso à final pelo cubano Gregory, por 10-15. Em Novembro, vence em Rabat uma etapa da Taça do Mundo. Em 1998 volta a ganhar mais duas (Irão e Israel).

A vida desportiva de João Gomes, com data de nascimento de 12 de Julho de 1975, começa em 1987 no União e Progresso da Venda Nova. Ao fim de três anos muda-se para o Santos da Venda Nova, mas é ao serviço da Escola Desportiva de Viana do Castelo e com os ensinamentos do húngaro Szlovensky, no Centro de Treino do Porto, que os resultados aparecem, orientando a preparação para os Jogos Olímpicos de Sydney.

△ Gomes recebeu bronze europeu (florete)

Jogos Olímpicos

Masculinos

Florete individual – 1952: D'Oriola (FRA); 1956: D'Oriola (FRA); 1960: Zhdanovitch (URSS); 1964: Franke (POL); 1968: Drimbu (ROM); 1972: Woyda (POL); 1976: Dal Zotto (ITA); 1980: Smirnov (URSS); 1984: Numa (ITA); 1988: Cerioni (ITA); 1992: Omnès (FRA); 1996: Puccini (ITA)

Florete equipas – 1952: FRA; 1956: ITA; 1960: URSS; 1964: URSS; 1968: FRA; 1972: POL; 1976: RFA; 1980: FRA; 1984: ITA; 1988: URSS; 1992: ALE; 1996: RUS

Espada individual – 1952: Mangiarotti (ITA); 1956: Pavesi (ITA); 1960: Delfino (ITA); 1964: Kriss (URSS); 1968: Kulcsar (HUN); 1972: Fenyvesi (HUN); 1976: Pusch (RFA); 1980: Harmenberg (SUE); 1984: Boisse (FRA); 1988: Scmidtt (RFA); 1992: Srecki (FRA); 1996: Beketov (RUS)

Espada equipas – 1952: ITA; 1956: ITA; 1960: ITA; 1964: HUN; 1968: HUN; 1972: HUN; 1976: SUE; 1980: FRA; 1984: RFA; 1988: FRA; 1992: ALE; 1996: ITA

Sabre individual – 1952: Kovacs (HUN); 1956: Karpati (HUN); 1960: Karpati (HUN); 1964: Pesza (HUN); 1968: Pawlowski (POL); 1972: Sidiak (URSS); 1976: Krovopouskov (URSS); 1980: Krovopouskov (URSS); 1984: Lamour (FRA); 1988: Lamour (FRA); 1992: Szabo (HUN); 1996: Pozdniakov (RUS)

Sabre equipas – 1952: HUN; 1956: HUN; 1960: HUN; 1964: URSS; 1968: URSS; 1972: ITA; 1976: URSS; 1980: URSS; 1984: ITA; 1988: HUN; 1992: RUS; 1996: RUS

Femininos

Florete individual – 1952: Camber (ITA); 1956: Sheen (GBR); 1960: Schmid (ALE); 1964: Rejto (HUN); 1968: Novikova (URSS); 1972: Lonzo Rango (ITA); 1976: Schwarczenberger (HUN); 1980: Trinquet (FRA); 1984: Luan Jujie (CHI); 1988: Fichtel (RFA); 1992: Trillini (ITA); 1996: Badea (ROM)

Florete equipas – 1960: URSS; 1964: HUN; 1968: URSS; 1972: URSS; 1976: URSS; 1980: FRA; 1988: RFA; 1992: ITA; 1996: ITA

Espada individual – 1996: Flessel

Espada equipas – 1996: FRA

Esqui

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE ESQUI É FUNDADA A 7 DE MAIO DE 1992. ATÉ ESSA DATA, A MODALIDADE É REPRESENTADA PELO SKI CLUB DE PORTUGAL. POSSUI 11 CLUBES FILIADOS E 120 ATLETAS FEDERADOS. GERE UM ORÇAMENTO DE 8500 CONTOS (42 398 EUROS). EM PORTUGAL, PRATICA-SE O ESQUI ALPINO, O SNOWBOARD E AS CORRIDAS DE TRENÓS PUXADOS POR CÃES. A FEDERAÇÃO É RESPONSÁVEL PELA REGULAMENTAÇÃO DO ESQUI DE FUNDO, TRAMPOLIM E ACROBÁTICO. O ESQUI É MODALIDADE OLÍMPICA

1956 – O austríaco Toni Sailer é o primeiro a conseguir três medalhas de ouro olímpicas em outras tantas provas de esqui alpino (descida, slalom especial e slalom gigante), nos Jogos de Cortina d'Ampezzo, em Itália

1976 – Entre Março e Abril, Jean-Claude Killy estabelece o recorde de vitórias consecutivas em provas da Taça do Mundo de esqui alpino: seis. Nas Olimpíadas de Grenoble, em 1968, já igualara outro recorde, o de Toni Sailer: três ouros nas três disciplinas praticadas na altura

1983 – Morre Johan Grottumsbraaten, pioneiro do esqui de fundo (nascido em 1899). Vencedor de seis Mundiais e de seis medalhas em JO, três das quais de ouro

1989 – O sueco Ingemar Stenmark (18/3/56) consegue a sua última vitória em provas da Taça do Mundo de esqui alpino, no slalom gigante de Aspen. É um dos melhores de sempre. Triplo vencedor consecutivo da classificação geral da Taça do Mundo (1976, 1977 e 1978), consegue 86 vitórias em provas desta competição, o que constitui recorde absoluto (nesta tabela, o segundo classificado é Tomba, com 50)

Se cá nevasse...

O desenvolvimento da modalidade nascida em meados do século XIX na Noruega é, em Portugal, condicionado pelo facto de só existir um local, a Serra da Estrela, com as condições necessárias à prática da mesma. Os únicos portugueses que conseguem alguma projecção residem no estrangeiro.

Em Jogos Olímpicos, depois da primeira aparição de um participante lusitano, Duarte Espírito Santo, em 1948, é só no ano de 1988, em Calgary, que quatro emigrantes no Canadá concorrem na especialidade de «bobsleigh» de quatro e de dois, ficando mal classificados. Em 1994 o português em Lillehammer é George Mendes, nascido nos Alpes, filho de emigrantes em França. Concorre no esqui alpino. Depois de já ter falhado a presença nos JO de Albertville (apesar de apurado, desiste dias antes do início da competição, devido a lesão), a falta de experiência reserva-lhe uma má classificação. Em Nagano, em 1998, participa Mafalda Queirós Pereira, antiga campeã nacional de ginástica desportiva, agora a viver em França. Não passa da primeira ronda no esqui acrobático.

Nos países nórdicos, além do esqui e dos desportos de neve, a patinagem de velocidade tem grande projecção. Esta modalidade é responsável por uma das duas únicas participações portuguesas no Jogos de Nagano: Fausto Marreiros, maratonista de velocidade (consegue vários títulos na Holanda, onde reside), participa nos 5000 metros, terminando em 31°.

Emblemáticos

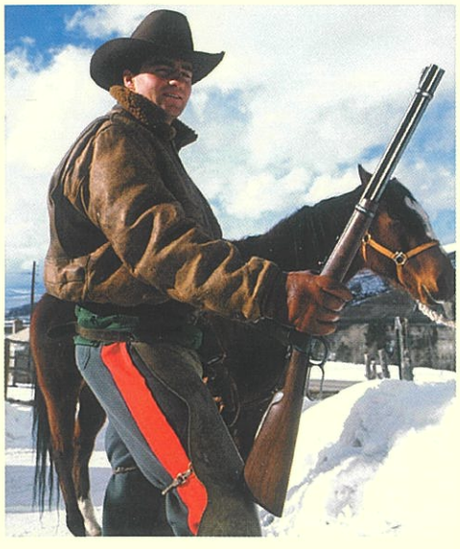
O esqui divide-se em dois grandes grupos: esqui alpino e esqui nórdico (ou de fundo). O esqui alpino inclui as disciplinas-rainhas da modalidade: a descida, o slalom, o slalom gigante e o super gigante (super G). Existem ainda outras especialidades: esqui artístico, corrida de estafetas, salto, velocidade pura, snowboard (surf na neve) e «bobsleigh».

Na descida, os atletas podem alcançar velocidades de 140 km/h. Na prova de velocidade pura, são necessários esquis especiais, mais largos e compridos, uma vez que ao longo de uma pista com mais de quilómetro e meio (com uma inclinação que pode ir dos 75 aos 45 graus) os esquiadores atingem velocidades próximas dos 240 km/h.

Deborah Compagnogni nasce a 4 de Junho de 1970, em Sondrio, Itália, país onde o esqui «move montanhas». Como é a única italiana a poder estar entre as melhores de sempre, conquista milhares de fãs. É a primeira esquiadora a conquistar três medalhas de ouro em três Jogos Olímpicos consecutivos.

Anne-Marie Moser-Proll, austríaca, nascida a 27 de Março de 1953, é considerada a melhor esquiadora de sempre. É a primeira a conseguir cinco vitórias consecutivas na geral da Taça do Mundo, entre 1971 e 1975, num total de seis (vence também em 1979). Ao todo, consegue 62 vitórias em provas da Taça do Mundo, estabelecendo um recorde dificilmente igualável.

Alberto Tomba



Jogos Olímpicos de Calgary, em 1988. Dias antes da competição, um estreante em provas olímpicas afirma: «Eu, Alberto Tomba, vou terminar em terceiro no super G, segundo no slalom e primeiro no slalom gigante.» E acrescenta ironicamente: «Como recompensa pela minha medalha, vou pedir ao meu pai que me compre um Ferrari.» A frase irrita o mundo do esqui, mas Tomba não erra por muito o prognóstico: consegue a medalha de ouro no slalom gigante e repete-a no slalom. O antigo polícia atinge assim o estrelato.

Alberto Tomba, como todos os grandes, consegue algo mais do que coleccionar vitórias. De carácter eloquente e provocador, torna-se La Bomba, o esquiador mais carismático de sempre, constantemente envolvido em polémicas, quer com o fisco quer com a Comunicação Social: depois de uma prova em Madonna di Campiglio, irritado com um fotógrafo, atinge-o, atirando-lhe o troféu de cristal que tinha ganho. Após ser medalhado em Calgary voa de helicóptero para Bolonha, aterrando no estádio de futebol, qual grande estrela. Em 1990, parte uma clavícula, chegando a Albertville, para os JO de 1992, em baixa. Porém, ressurge no momento decisivo e ganha a medalha de ouro no slalom gigante e a de prata no slalom. Em Lillehammer 94, a história repete-se. Atacado por uma gripe, passa grande parte da época parado. Na primeira descida de slalom fica em 14º lugar, mas na segunda ainda chega à prata.

Em 1998, vindo de um acidente nos Jogos Olímpicos de Nagano, participa na clássica prova de Crans-Montana. Nos primeiros dias parece desanimado e fica mal classificado. Porém, já quase no fim da prova, faz um «slalom» espectacular e, num gesto espontâneo, atira o equipamento para o público, que explode de entusiasmo. Quando se retira, conta com a veneração de uma legião de admiradores.

Bilhete de Identidade

Alberto Tomba
Sondrio, 19 de Dezembro de 1964

Como atleta
PALMARÉS
Campeão mundial slalom gigante 1996, slalom 1996, 3º no slalom gigante 1987, 3º no slalom 1997. Vencedor da taça do Mundo – classificação geral – 1995, 2º 1988, 1991 e 1992. Taça do Mundo (especialidade) slalom gigante 1988, 1991, 1992 e 1995, slalom 1988, 1992, 1994 e 1995. 50 vitórias Taça das Nações: 15 slalom gigante, 55 slalom (9 consecutivas, de 1994 a 1995). Campeão olímpico slalom gigante 1988 e 1992 e slalom 1988. Vice-campeão olímpico slalom 1992 e 1994

É cinco vezes campeão mundial (1978, 1980 e 1982, em slalom especial, e 1978 e 1980, em slalom gigante)

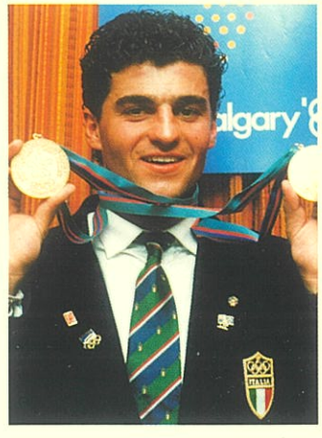
1990 – O suíço Pirmin Zurbriggen, vencedor por quatro vezes da Taça do Mundo (classificação geral), retira-se da competição. Possui no currículo 40 vitórias em provas da Taça do Mundo, divididas por todas as especialidades do esqui alpino. É quatro vezes campeão mundial, em descida e combinado (1985), slalom gigante e super G em 1987

1993 – Marc Girardelli consegue ganhar, pela primeira vez na história da modalidade, cinco Taças do Mundo de esqui alpino (classificação geral). Em 1996 sagra-se tricampeão mundial de combinado, depois das vitórias em 1987 e 1989

1994 – A antiga campeã do mundo de super G em 1989 e 1991, Ulrike Maier, morre tragicamente durante a prova de Garmisch-Partenkirchen. Nos JO de Lillehammer, Egorova Ljubov ganha a sexta medalha de ouro em disciplinas de esqui nórdico, um recorde

1998 – Bjorn Daehlie, o maior esquiador de fundo de todos os tempos, consegue três medalhas de ouro em esqui nórdico (10 km clássicos, 50 km livres e estafeta) nos JO de Nagano. No total da carreira, consegue oito medalhas de ouro e quatro de prata. Larissa (Lara) Lazutina, a Dama de Ferro, é a atleta mais medalhada nestes Jogos, com cinco medalhas (três de ouro, uma de prata e outra de bronze)

[Palmarés no Arquivo]



Futebol Americano

20 JAN 50 – Criada a lei de substituições ilimitadas

24 JAN 53 – As Confederações América e Nacional passam a Este e Oeste

1954 – Joe Perry, dos San Francisco 49ers, torna-se no primeiro jogador a atingir as 1000 jardas

1956 – É fundada a Associação de Jogadores da NFL. A estação televisiva CBS é a primeira a transmitir jogos da NFL para todos os estados

30 JAN 60 – A AFL adopta o sistema de dois pontos por «touchdown»

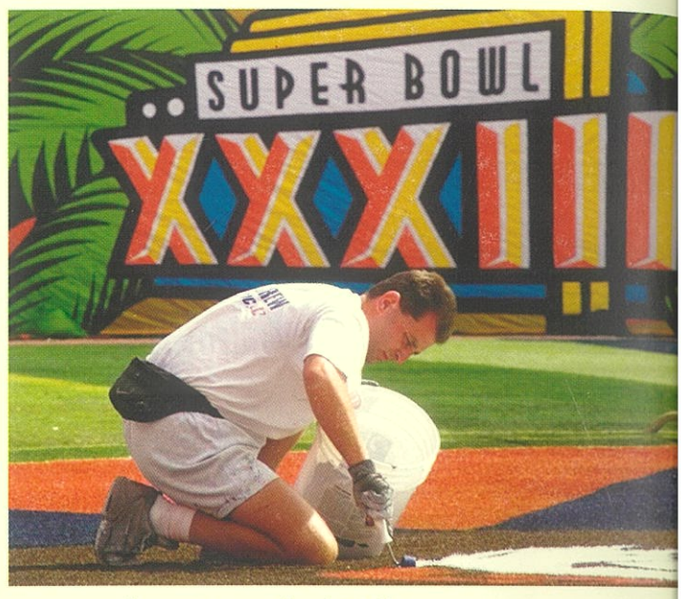
7 SET 63 – Fundado o Pro Football Hall of Fame em Canton, no Ohio

17 NOV 68 – Os desenhos animados «Heidi» entram para a história da modalidade. O facto de começarem antes do termo do Jets-Raiders origina uma onda de protestos, ainda por cima os Raiders vencem a 42 segundos do fim do jogo

18 MAR 70 – Os nomes dos jogadores passam a figurar nos equipamentos

1973 – É adoptado um sistema de numeração nas camisolas. De 1 a 19 para os «quarterbacks», de 20 a 49 para os «runningbacks» e «defensivebacks», de 60 a 79 para os «defensive line» e de 80 a 89 para os «receivers»

Desporto-rei nos EUA



A NFL (National Football League), fundada em 1922, é apoiada por duas confederações, a NFC (National Football Conference) e a AFC (American Football Conference). Cada uma destas tem 15 clubes, divididos em três divisões, cujos vencedores ficam apurados para o «play-off» que dará a conhecer os dois finalistas para o Super Bowl, a final do futebol americano (também chamada final do Campeonato do Mundo). Esta competição movimenta milhões de dólares, representando um negócio rendível para a cidade que tem a sorte de a acolher.

Tem na história um número considerável de façanhas, com vários jogadores e equipas. Don Shule é o técnico com mais finais (Baltimore em 1969 e Miami de 1972 a 1974 e de 1983 a 1985, embora apenas com duas vitórias. Chuck Noll é o que soma mais triunfos (Pittsburgh, 1975, 1976, 1979 e 1980). Com mais derrotas na final surge Bud Grant (Minnesota, 1970, 1974, 1975 e 1977). Entre jogadores, Jerry Rice é o mais pontuado (San Francisco, em três jogos 42 pontos, com sete «touchdowns»).

A arbitragem merece um grande investimento. Qualquer decisão da equipa de juízes de campo (sete ao todo) é comunicada ao público por microfone e com o auxílio de linguagem gestual (42 sinais). O árbitro de boné branco tem a palavra final sobre todas as irregularidades. O vídeo afigura-se como prova na modalidade.

O objectivo básico do jogo é conseguir o maior número de pontos possível. «Touchdown» é a conquista do último reduto do adversário, com a consequente soma de pontos. Cada equipa tem dois conjuntos, o que ataca e o que defende, formados a partir de 11 jogadores.

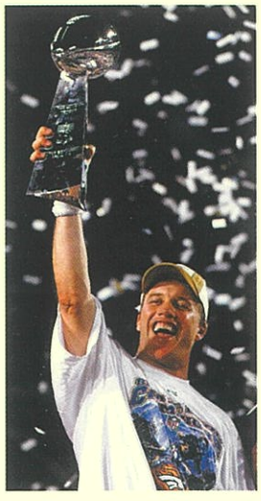
O desporto-rei norte-americano já chegou à Europa, onde a entidade federativa é a NFL Europe League. Alemanha, Inglaterra e França são as maiores potências no Velho Continente. A França tem, inclusive, duas divisões, a de Ouro (segunda) e a de Diamante (primeira). Existe ainda a competição europeia de clubes, o Eurobowl.

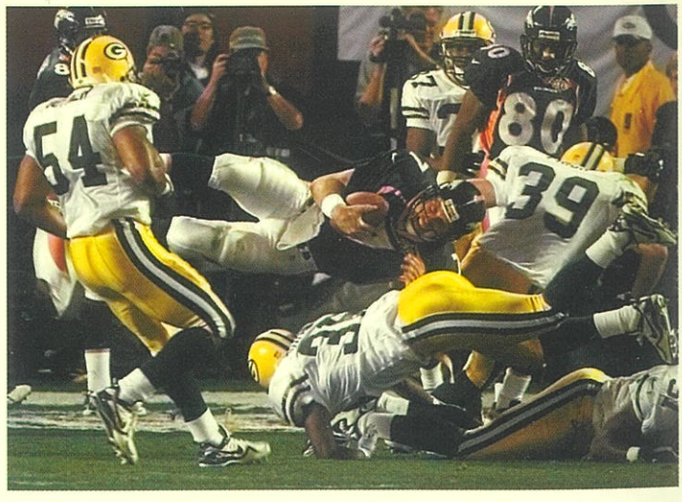
△ Preparação do maior espectáculo desportivo dos EUA, o Super Bowl

▽ Vince Lombardi, antiga glória que dá nome ao troféu do campeão...

▽ ... que John Elway (Denver Broncos) consegue erguer em 1999...

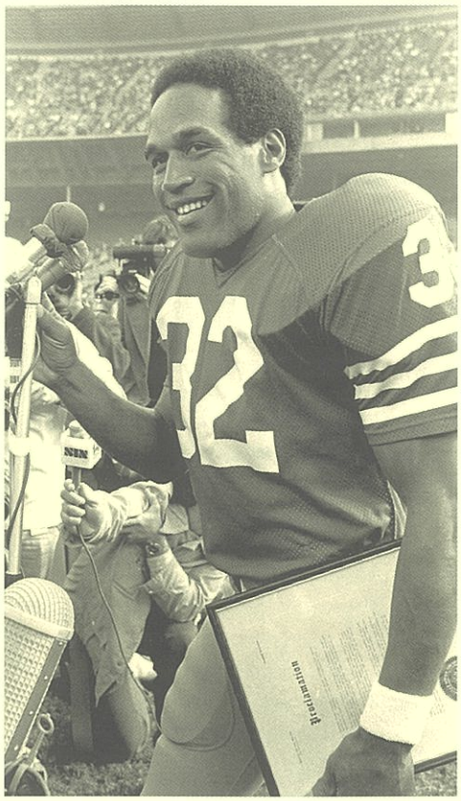
▽ ... depois de enérgicas e espectaculares disputas nos relvados

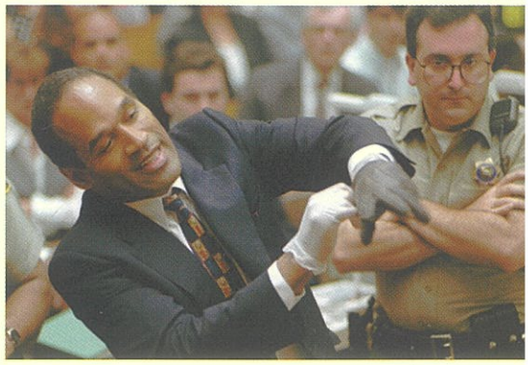




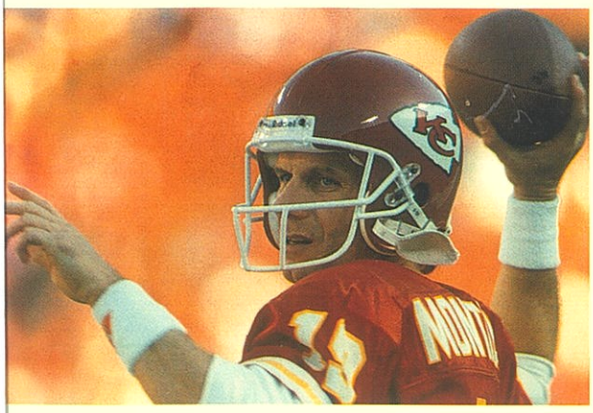
OJ Simpson

O homicídio da ex-mulher mancha a imagem de OJ Simpson, futebolista norte-americano com uma carreira brilhante, caracterizada pela sucessiva quebra de recordes. É o primeiro a atingir a marca das 2000 jardas em campo, num total de 14 jogos, 273 jardas num só jogo e 23 «touchdowns» numa época. Termina a carreira com mais de 11,236 jardas, o segundo melhor registo de sempre. Tido como cidadão-modelo, participa numa série de filmes e obras de beneficência até o Mundo saber daquele crime, apesar de nada de concreto ser provado quanto à ligação de OJ Simpson ao mesmo.





Joe Montana



Melhor «quarterback» de sempre, Joe Montana é considerado um futebolista de eleição e um exemplo fora de campo. Chega a equacionar a carreira de basquetebolista, mas o gosto pelo futebol americano é superior. Pela equipa do Notre Dame, universidade onde em 1974 inicia a carreira, joga primeiramente nas reservas, seguindo-se a condição de caloiro. No ano seguinte, passa a ter lugar no banco. A partir de 1976 é presença efectiva na equipa principal e em 1977 leva o Notre Dame ao título nacional, um ano antes de se licenciar em Marketing.

Em 1979, entra na NFL. A jogar pelos San Francisco 49ers, marca nova época no clube: em 14 anos é quatro vezes campeão do mundo, três vezes considerado o melhor em campo. Forma com Jerry Rice uma das duplas mais famosas. Joe é o destribuidor e Jerry o «receiver». Somam inúmeras vitórias, o último é mesmo o jogador com mais «touchdowns», 55. Em 1991, uma lesão grave num cotovelo atira-o para a sala de cirurgias. Fica parado duas épocas e começa a perder posição na equipa de San Francisco. Muda então para os Kansas City Chiefs. Em duas épocas assina exibições convincentes, mas a falta de ambição do conjunto leva-o a terminar a carreira.

Marcas de registo: segundo na eficiência de passes (92,3); sexto em passes de «touchdown» (273) e passes em jardas (40,551).

26 JUN 73 – É criada a NFL Charity, fundação sem fins lucrativos para educação e formação de indivíduos ligados ao futebol americano que com o tempo perderam autonomia financeira

1975 – Os árbitros passam a utilizar microfones para comunicarem entre si e explicarem ao público as decisões

20 SET 82 – Futebolistas entram em greve por melhores condições salariais e de trabalho, seguro médico e aumento das reformas

31 OUT 83 – Morre aos 88 anos George Halas, um dos fundadores da NFL e presidente dos Chicago Bears

15 MAR 87 – É firmado o primeiro contrato com uma estação televisiva por cabo, a ESPN Sports

17 AGO 87 – O jogo entre os Chicago e os Miami é a primeira transmissão televisiva da ESPN

4 SET 88 – Johnny Grier torna-se no primeiro juiz afro-americano

3 OUT 89 – Art Shell é o primeiro treinador negro, nos Los Angeles Raiders

23 OUT 91 – Todos os clubes da NFL aprovam a criação de uma Liga Internacional, a World League

27 OUT 93 – É aprovada a NFL Europe, a Liga Europeia

12 JUL 94 – Sara Levinson, directora da MTV, é nomeada presidente da NFL Propriedades

29 JAN 95 – Os San Francisco 49ers são o primeiro clube a vencer cinco Superbowls, depois de vencerem os San Diego Chargers por 49-26

[Palmarés no Arquivo]

Nomes que marcam épocas

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE GINÁSTICA É FUNDADA A 20 DE NOVEMBRO DE 1950. O PRIMEIRO ORÇAMENTO É DE 5295 ESCUDOS. EM 1959 É DE 40 CONTOS. DEZ ANOS DEPOIS EVOLUI PARA 750 CONTOS. DOS 68 300 CONTOS DE 1989 PASSA PARA 272 975 (1 361 594 EUROS), EM 1999. DE ACORDO COM O RECENSEAMENTO DE 1998, EXISTEM 1197 GINASTAS FEDERADOS (MENOS 22 DO QUE EM 1997). QUATRO FAZEM PARTE DO PROJECTO DE ALTA COMPETIÇÃO, O DOBRO DO ANO ANTERIOR. INCLUI A GINÁSTICA ARTÍSTICA, MASCULINA E FEMININA, RÍTMICA E AERÓBICA DESPORTIVA. AS DUAS PRIMEIRAS SÃO DISCIPLINAS OLÍMPICAS

A história da Federação Internacional de Ginástica é feita de grandes nomes. Michael Nikolai (RDA); Dimitri Bilozertchev (URSS), Nikolai Andrianov (URSS); Takashi Ono, Yukio Endo e Mitsuo Tsukahra (Japão), nos homens, e Nelly Kim, Olga Korbut, Larissa Latynina, Ludmilla Turischeva (URSS), Vera Caslavka (Checoslováquia) e Nadia Comaneci (Roménia), nas mulheres. É impossível fazer uma lista completa de todos os grandes ginastas, mas a estes, que brilharam nas décadas de 50, 60, 70 e 80, juntam-se nos anos 90 Ivan Ivankov (Bielorrússia), Elena Vitrichenko (Ucrânia) e Svetlana Khorkina (Rússia).

O domínio pertence aos países de Leste, mas em 1984, nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, Mary Lou Retton comete a proeza de ganhar o concurso de ginástica desportiva tradicionalmente dominado pelos velhos inimigos. Com um corpo pequeno mas robusto, aos 16 anos, a norte-americana bate a romena Ecaterina Szabo. Quando faltam duas provas para o fim, Szabo lidera com uma vantagem de 15 centésimos de ponto, mas Retton «Babby Building» (Bebé Musculado) ou «Atomic Ant» (Formiga Atómica), como é conhecida, sobe para as paralelas assimétricas e obtém um 10. No salto de cavalo confirma o triunfo no concurso geral, com 79,175 pontos.

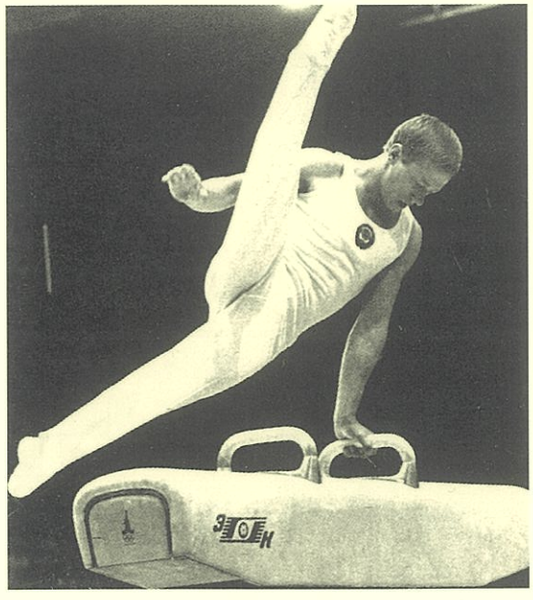
O facto de estar em curso o desmembramento da União Soviética tira, oito anos depois, o brilho à actuação de Vitaly Scherbo. Nunca antes um ginasta alcançara seis títulos numa edição dos Jogos Olímpicos. No Europeu, realizado alguns meses antes, vence os exercícios de solo e salto de cavalo, obtendo o terceiro lugar no concurso geral. Em Barcelona os exercícios no solo e na barra fixa não lhe proporcionam sequer a entrada no pódio, mas nos restantes quatro aparelhos e nos concursos completo individual e equipas ninguém o supera. Trent Dimas, o único ginasta dos EUA que se sagra campeão nos Jogos (mais precisamente na barra fixa) confessa: «Se ele fosse americano, a 'máquina' faria dele um novo Michael Jordan.»

Na ginástica rítmica, em termos olímpicos mais tardia, a supremacia das nações do Leste da Europa é também evidente. Há que saudar o trabalho desenvolvido pela Espanha nesta disciplina.

△ Mary Lou Retton, uma americana que, em 1984, «enganou» as adversárias do Leste

▽ Nikolai Andrianov também em acção no cavalo com arções

▽ Olga Korbut agradece os aplausos pela conquista do ouro em Munique



JO 52 – Dália Vieirinho Cunha, Maria Laura Silva Amorim e Natália Cunha e Silva são as primeiras portuguesas a participar em Jogos Olímpicos. Entre 134 concorrentes, ficam, respectivamente, em 108º, 124º e 133º

1953 – Mário Begonha efectua pela primeira vez em Portugal o duplo mortal em saltos de mesa alemã. Realiza-se, em Roterdão, a primeira edição do Gymnestrada

1955 – Mário Begonha efectua pela primeira vez em Portugal o triplo salto mortal em mesa alemã

JO 56 – Agnes Keleti termina a carreira. Em duas presenças olímpicas, arrebata oito medalhas (quatro de ouro, três de prata e uma de bronze). Perde o concurso completo para Larissa Latynina e é uma das muitas húngaras que não regressa a Budapeste

JO 64 – Larissa Latynina termina a presença olímpica com um saldo de 18 medalhas (nove de ouro, cinco de prata e quatro de bronze). Despede-se com o segundo lugar atrás da checa Vera Caslavska

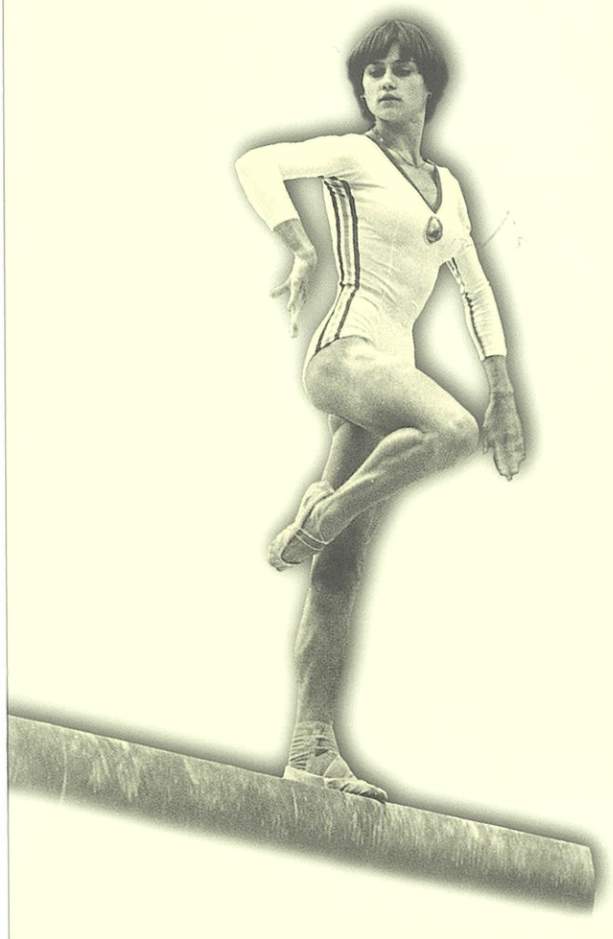
1971 – É fundada, em Cali, a União Pan-americana de Ginástica

JO 76 – Haruro Yamashita dá origem a um novo salto, baptizado com o seu nome. O seu desempenho no salto de cavalo leva um jurado a atribuir-lhe um 10

1981 – A ginástica rítmica desportiva passa a disciplina olímpica. Em Los Angeles 84 ganha Lori Fung (Canadá). Sucedem-lhe depois Lobatch (88), Timoshenko (92) e Serebryanskay (96)

Nadia Comaneci

Em 1973, a selecção de esperanças de andebol desloca-se a Georghiu-Dej, Roménia, para disputar a Taça Latina. Um passeio-reconhecimento leva a comitiva até a um moderno pavilhão, onde «algumas figurinhas esbeltas trabalhavam afincadamente». Uma moreninha de 11 anos presta-se à pose para a fotografia, regressando de seguida ao treino. Perante a pergunta dos jornalistas portugueses, responde um técnico francês: «Chama-se Nadia... Nadia Comaneci. Ainda hão-de ouvir falar muito dela.» O episódio é contado no **Record** de 20 de Agosto de 1976 por Humberto Vasconcelos, dias após Nadia Comaneci se tornar na primeira ginasta a conseguir um 10, feito registado nos Jogos Olímpicos de Montreal. Conquista o título absoluto e triunfa em mais dois aparelhos (paralelas assimétricas e trave). Por equipas, ganha a medalha de prata e, nos exercícios no solo, a de bronze. Algumas das revistas de maior consagração mundial dão-lhe honras de primeira página. «Nasceu uma estrela» escreve a «Newsweek». «É perfeita», titula a «Time», enquanto a «L'Express» lhe chama a «rainha de Montreal».



Nadia nasce em Onesti a 12 de Novembro de 1961 e desde cedo começa a praticar ginástica. A estreia em competições internacionais verifica-se num torneio de juniores, denominado Taça Amizade, na Bulgária. Obtém o primeiro lugar nas paralelas assimétricas e no cavalo com arções. Em 1973, no Concurso da Amizade, na RDA, consegue o primeiro lugar no concurso individual, nas paralelas assimétricas e nos saltos. Participa em 1975 no Torneio de Campeões, em Londres, e obtém novo triunfo, o que voltaria a acontecer no Campeonato da Europa. No concurso geral individual, é campeã europeia mais duas vezes (1977 e 1979).

O equilíbrio total, a harmonia física, aliados a um elemento essencial, o olhar, fazem dela uma atleta única, posta ao serviço do regime. Diz Lia Manolim, medalhada por diversas vezes no lançamento do disco e dirigente da Roménia, após a consagração nas Olimpíadas: «O desporto de alta competição e as vitórias alcançadas nesse sector terão de ser a máquina que puxa o comboio do desporto de massas.»

Com quilos e centímetros a mais, falha redondamente no Mundial 78. Nos Jogos Olímpicos de Moscovo vence na trave e no solo. Em 1981, depois de ter ganho as Universíadas, anuncia o abandono. Vive na Roménia até 1989, ano em que foge acusando um dos filhos do ditador Ceausescu de a ter violado. Já nos EUA, participa em campanhas publicitárias, integrando rapidamente o «jet-set» norte-americano e envolvendo-se noutros escândalos.

Bilhete de Identidade

Nadia Comaneci
Onesti (Roménia)°, 12 de Novembro de 1961

Como atleta
PALMARÉS
5 vezes campeã olímpica 1976 (concurso individual, trave e paralelas assimétricas) e 1980 (solo e trave). 3 vezes vice-campeã olímpica 1976 (equipas), 1980 (individual e equipas). 3ª nos Jogos Olímpicos 1976 (solo). 3 vezes campeã europeia 1975, 1977 e 1979. Campeã mundial 1978 (trave) e 1979 (equipas)

° Naturaliza-se norte-americana

JO 84 – Koji Gushiken ganha o ouro no concurso completo, após ser 5º no final da prova preliminar. E confessa: «Não sou católico nem budista, mas senti que Deus existe»

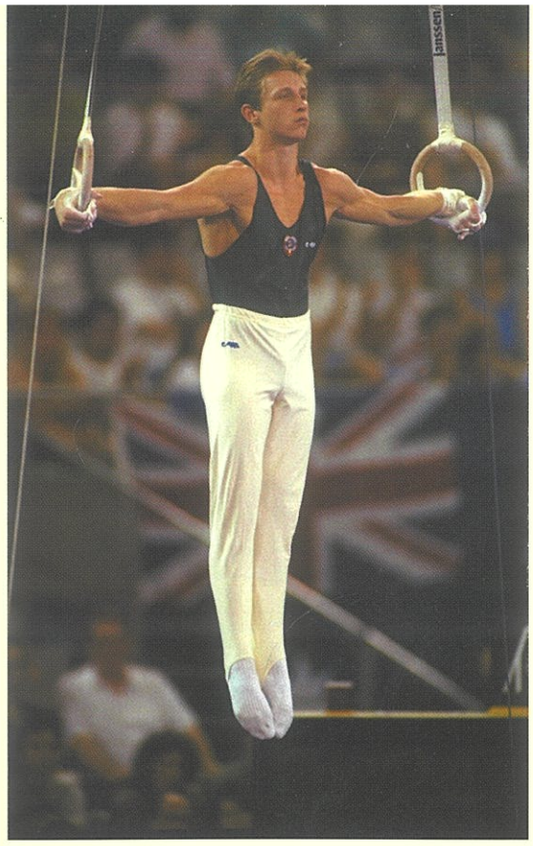
1990 – É fundada, em Argel, a União Africana de Ginástica

JO 92 – Oksana Skaldina recusa-se a cumprimentar a atleta que a precede na classificação, a espanhola Carolina Pascual por se considerar injustiçada com o 3º lugar

1995 – Realizam-se pela primeira vez na Ásia (Japão) os Campeonatos do Mundo

MU 95 – Ludivine Furnon ao ficar em 3ª no solo conquista a primeira medalha da ginástica francesa a nível mundial

MAI 98 – Realiza-se em Vilamoura o 71º Congresso da FIG (Federação Internacional de Ginástica). Desportos acrobáticos e trampolins são as novas disciplinas



Vitaly Scherbo

Vitaly Scherbo ganha seis medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de 1992 com a camisola da ex-URSS vestida. Uma situação que causa estranheza porque em competição está a CEI (Comunidade de Estados Independentes). Aos jornalistas explica: «Usei este equipamento porque não fazia sentido participar se não representasse alguma coisa». De candidato ao triunfo no seu exercício no solo (aparelho predilecto), Vitaly Scherbo passa a grande figura da ginástica, falhando onde menos se esperava (o solo). Igor Korobchinsky, principal figura da equipa, é o mais penalizado. Além de Scherbo, também Grigory Misutin e Valeri Belenky o superam no concurso geral.

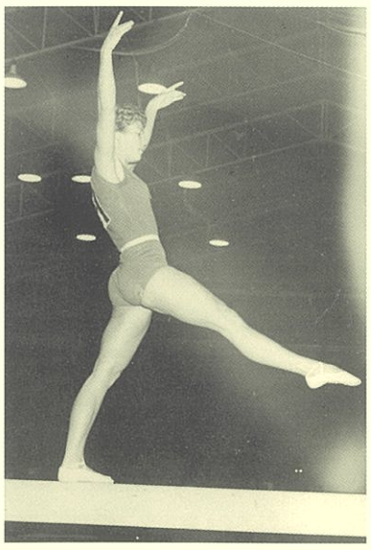
Quatro anos depois em Atlanta, já pela Bielorrússia, Scherbo recebe em quatro ocasiões a medalha de bronze (concurso individual, barra fixa, barras paralelas e salto de cavalo). No seu currículo constam, entre outras, nove medalhas em campeonatos do Mundo.

Bilhete de Identidade

Vitaly Scherbo
Condal (Bielorrússia), 13 de Janeiro de 1972

Como atleta
PALMARÉS
6 vezes campeão olímpico 1992 (concurso individual, equipas, barras paralelas, argolas, salto de cavalo e cavalo com arções). 4 vezes 3º nos Jogos Olímpicos 1996 (concurso individual, barra fixa, barras paralelas e salto de cavalo). 9 vezes campeão mundial 1991 (equipas), 1992 (argolas), 1993 (concurso individual e salto de cavalo), 1994 (salto de cavalo, solo, barra fixa), 1995 (solo) e 1996 (solo)

Larissa Latynina



Nove de ouro, cinco de prata e quatro de bronze. Larissa Latynina ganha 18 medalhas em Jogos Olímpicos. Com Lewis, Nurmi e Spitz faz parte do grupo dos atletas mais brilhantes em Olimpíadas. A ucraniana inicia a série gloriosa em 1956, protagonizando um duelo fantástico com Agnes Keleti, quase 14 anos mais velha (21 contra 35). Vence o concurso completo com uma vantagem escassa (74.933 contra 74.633, ao que se segue a soviética Polina Astakhova com 76.164). A húngara não consegue ganhar o ouro porque tem uma desastrosa actuação no salto de cavalo, onde não consegue melhor do que o 23º lugar.

Se Agnes Keleti termina em Melbourne a sua carreira ao mais alto nível (devido à situação que se vive no seu país, é uma das atletas que fica na Austrália), Latynina prossegue-a. Em 1960 consegue mais três medalhas de ouro e duas de prata, e em 1964 perde o concurso geral individual para Vera Caslavska (A Divina em Jogos Olímpicos consegue sete medalhas de ouro), conquistando, no entanto, títulos no solo e por equipas.

Δ Larissa Latynina, um dos maiores fenómenos da ginástica, arrecada 18 medalhas em Olimpíadas

Bilhete de Identidade

Larissa Latynina
URSS, 27 de Dezembro de 1934

Como atleta
PALMARÉS
9 vezes campeã olímpica 1956 (concurso individual, salto de cavalo, solo e equipas), 1960 (concurso individual, solo e equipas) e 1964 (solo e equipas). 5 vezes vice-campeã olímpica 1956 (paralelas assimétricas), 1960 (paralelas assimétricas e trave) e 1964 (concurso individual e salto de cavalo). 4 vezes 3ª nos Jogos Olímpicos 1956 (trave), 1960 (salto de cavalo) e 1964 (paralelas assimétricas e trave)

Ginástica em Portugal

Durante largos anos, o Ginásio Clube Português (GCP) é considerado internacionalmente como Federação Portuguesa de Ginástica (FPG). Paga quota anual à Federação Internacional e os seus directores aparecem como corpos gerentes da FPG no Boletim Oficial publicado pelo Comité Olímpico Internacional. Com a modalidade a trilhar caminhos difíceis e as actividades a circunscreverem-se, na maior parte dos casos, aos saraus, ginástica sueca, barras e paralelas, o GCP é o primeiro clube português promotor da prática metódica e ordenada da ginástica. A ele se deve, em 1950, a realização do primeiro Concurso Nacional e Internacional de Ginástica Aplicada. O Lisboa Ginásio Clube, originado pela dissidência de atletas do GCP, e o Sport Clube do Porto são outros pioneiros.

As participações portuguesas em Jogos Olímpicos não são continuadas. Em 1952 contam com nove ginastas (Dália Cunha Sammer, Laura Amorim, Natália Cunha, António Araújo Leite, Joaquim S. Marta Granger, Manuel Prazeres, Manuel Robalo Gouveia, Manuel Seabra Cardoso e Raul Caldeira). Esse número nunca mais é alcançado e depois de 1960 não supera os três elementos. Esbela da Fonseca é a participante em 1964 e 1968 e José Filipe Abreu em 1968. Após 12 anos de interregno, Maria Avelina Alvarez vai a Moscovo. Em 1984 cabe a vez a Margarida Carmo e Maria João Falcão, e em Seul a Hélder Pinheiro, Patrícia Jorge e Sónia Moura. Em Atlanta 98, Diana Teixeira é a única representante portuguesa. Maria João Falcão e Margarida Carmo são as primeiras portuguesas a participar na vertente de ginástica rítmica desportiva.

Em 1999, o GCP continua a ser uma espécie de reserva nacional. De todas as disciplinas, só não tem aeróbica de competição. Na ginástica desportiva masculina, o norte de Portugal é mais representativo, enquanto na rítmica o sul tem vantagem. A ginasta com mais possibilidades de participações olímpicas é Susana Nascimento, mas o problema de o ajuizamento ser muito flutuante torna as dificuldades maiores.

Em 1998, a Federação Portuguesa de Ginástica, na senda de um interesse crescente por parte dos jovens, como fica expresso nos 15 espectáculos gímnicos realizados no recinto da Expo, ganha a organização da Gymnestrada Mundial 2003. A candidatura da Holanda é retirada e a da Áustria perde por quatro votos de diferença (39 contra 35). A primeira intenção de candidatura a uma edição da Gymnestrada surge em 1958. A FPG pede autorização ao Ministério da Educação Nacional para apresentar um projecto relativamente ao evento de 1961, mas, de acordo com a resposta recebida, «por motivo de compromissos assumidos noutros sectores», não é possível.

Campeões nacionais de Ginástica Desportiva

Masculinos*

1952: Robalo Gouveia (LGC), 1953: Robalo Gouveia (LGC), 1954: Robalo Gouveia (LGC), 1955: Robalo Gouveia (LGC), 1956: Robalo Gouveia (LGC), 1957: Joaquim Granjer (LGC), 1958: Armando Barrento (GCP), 1959: Manuel Prazeres (LGC), 1960: Hermenegildo Candeias (GCP), 1961: Carlos Abreu (GCP), 1962: Mário Tchen (SLB), 1963: Mário Tchen (SLB), 1964: António Figueiredo (SC Porto), 1965: J. Filipe Abreu (LGC), 1966: J. Filipe Abreu (LGC), 1967: J. Filipe Abreu (LGC), 1968: J. Filipe Abreu, 1969: J. Filipe Abreu (LGC), 1970: J. Filipe Abreu (LGC), 1971: J. Filipe Abreu (LGC), 1972: J. Filipe Abreu (LGC), 1973: J. Filipe Abreu (LGC), 1974: J. Filipe Abreu (LGC), 1976: J. Filipe Abreu (Vitória), 1977: Miguel Ferraz (LGC), 1978: Miguel Sampaio (Porto), 1979: Miguel Sampaio (Porto), 1980: Miguel Sampaio (Porto), 1981: Miguel Sampaio (Porto), 1982: Rui Aguiar (Porto), 1983: Rui Aguiar (Porto), 1984: Rui Aguiar (Porto), 1985: Paulo Aparício (Boavista), 1986: Vítor Gomes (SCP), 1987: Hélder Pinheiro (Porto), 1988: Hélder Pinheiro (Porto), 1989: Hélder Pinheiro (Porto), 1990: Vítor Gomes (GCP), 1992: Hélder Pinheiro (Boavista), 1993: Paulo Mota (FC Gaia), 1994: Ricardo Morais (GCP), 1995: Ricardo Teixeira (Boavista), 1996: Francisco Coutinho (Ginásio), 1997: Manuel Campos (Boavista), 1998: Manuel Campos (Boavista), 1999: Manuel Campos (Boavista)

* Até 1993 os dados referem-se à 1ª categoria e a partir de 1994 ao quinto nível

Femininos**

1952: Dália Cunha (GCP), 1953: Dália Cunha (GCP), 1954: Dália Cunha Sammer (GCP), 1955: Dália Cunha Sammer (LGC), 1956: Helena Vilalva (GCP), 1959: Dália Cunha Sammer (LGC), 1960: Dália Cunha Sammer (LGC), 1962: Esbela Fonseca (LGC), 1963: Esbela Fonseca (LGC), 1964: Esbela Fonseca (LGC), 1965: Maria Manuel Rodrigues (GCP), 1966: Ana Maria Santos (LGC), 1967: Esbela Fonseca (LGC), 1968: Ana Maria Santos (LGC), 1969: Maria Manuela Contreiras (LGC), 1970: Maria Manuela Contreiras (LGC), 1971: Maria Manuela Contreiras (LGC), 1972: Maria Eurydeia Correia (GL Marques), 1973: Maria Manuela Contreiras (LGC), 1974: Maria Manuela Contreiras (LGC), 1975: Maria Filomena Palma (LGC), 1976: Maria Filomena Palma (LGC), 1977: Maria Filomena Palma (LGC), 1978: Maria Avelina Alvarez (LGC), 1979: Maria Avelina Alvarez (SCP), 1980: Maria Avelina Alvarez (SCP), 1981: Maria Avelina Alvarez (SCP), 1982: Isabel Curado (GCP), 1983: Cláudia Baptista (SCP), 1984: Cláudia Baptista (SCP), 1985: Paula Barata (LGC), 1986: Susana Benigno (Boavista), 1987: Sandra Moura (SCP), 1988: Sónia Moura (Olivais Sul), 1989: Susana Benigno (Boavista), 1990: Susana Benigno (Boavista), 1991: Joana Carvalho (Porto), 1992: Susana Benigno (Boavista), 1993: Cristina Gomes (Boavista), 1994: Ana Lima (LGC), 1995: Ana Roupa (GCP), 1996: Ana Magalhães (Boavista), 1997: Ana Matos (GCS), 1998: Diana Teixeira (Boavista), 1999: Diana Teixeira (Boavista)

** Até 1993 os dados referem-se à 1ª categoria e a partir de 1994 ao quinto nível

[Mais palmarés no Arquivo]

Golfe

A Federação Portuguesa de Golfe é fundada a 31 de Outubro de 1949. Recebe o Estatuto de Utilidade Pública Desportiva a 11 de Dezembro de 1993. Filiada na European Golf Association (EGA) e World Amateur Golf Association (WAGA)

1951 – É criado o circuito PGA feminino norte-americano

1952 – A Inglaterra conquista pela primeira vez a Curtis Cup, prova feminina, diante da selecção norte-americana. Em 1953 é instituída a Taça do Mundo (Canada Cup). Ben Hogan vence três Majors: o Open Britânico, o US Open e o Masters

1956 – O Masters é pela primeira vez televisionado

1957 – A Grã-Bretanha, liderada pelo capitão Dai Rees, impõe-se aos EUA e vence a Ryder Cup pela primeira vez

1960 – No centenário do Open britânico, a vitória sorri a um «outsider», o australiano Kel Nagle

1961 – A Ryder Cup passa a ser disputada num «round», em vez de dois. Gary Player, sul-africano, torna-se no primeiro forasteiro a conquistar o US Masters

1967 – A Canada Cup adopta o nome World Cup

1968 – É fundada a Associação de Profissionais de Golfe (APG), com um torneio autómomo

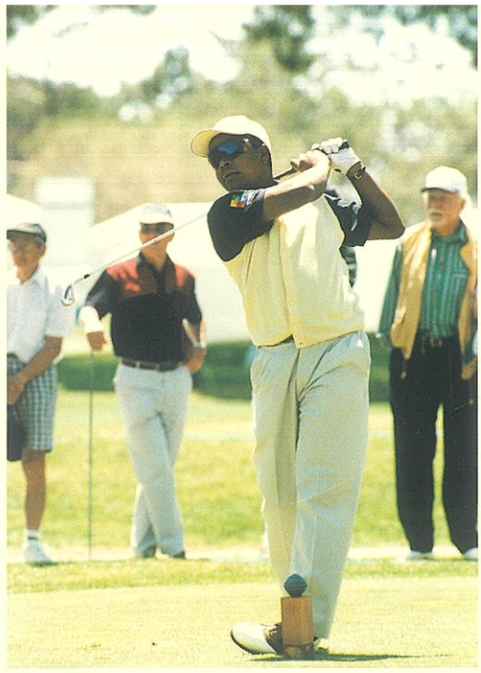
1970 – Tony Jacklin torna-se no segundo britânico a vencer o US Open, depois de Ted Ray, em 1920

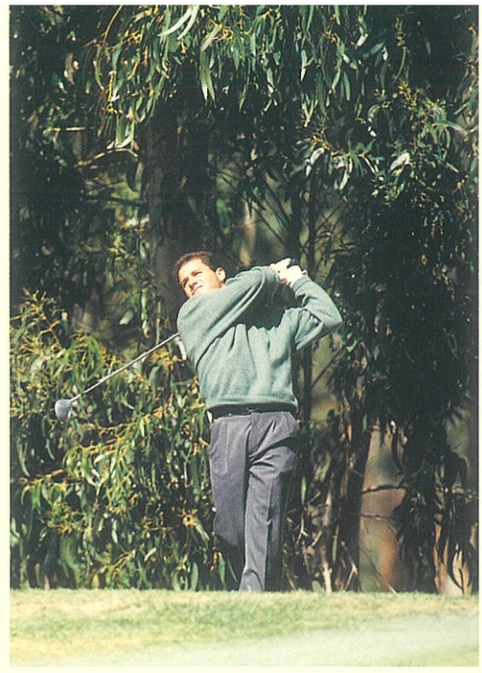
1971 – Num acontecimento visto por milhares de pessoas em todo o Mundo, Alan Shepeard, astronauta norte-americano, dá uma tacada na Lua

1972 – É introduzida a bola com duas peças («two piece ball»)

1973 – Materiais como grafite são utilizados nos tacos, para os tornar mais resistentes e leves

1979 – Severiano Ballesteros projecta-se a nível internacional com a vitória no Open Britânico, algo que não acontecia com um europeu desde 1907 (o francês Arnauld Massy Major). Golfistas de todo o Mundo (e não só





Portugal tem bons... campos

A Federação é cinquentenária, mas Portugal não tem no golfe o desenvolvimento desejado. Apesar de possuir 48 campos distribuídos pelo continente e arquipélagos, alguns com prestígio internacional (como o da Penina, Aroeira e Quinta do Lago), o número de praticantes é reduzido. As despesas da modalidade contribuem para essa realidade.

As provas federativas são amadoras e compreendem o Circuito Juniores BES, o Nacional Midamateurs (Circuito BPI), Torneio Cinquentenário de Juvenis, Taça Federação Portuguesa de Golfe, Nacional de Juniores, Open de Portugal, Taça das Nações, Open da Madeira, Nacional de Jovens, Nacional Individual, 1ª e 2ª categorias, Nacional Interclubes, Nacional Pares e Mistos, Torneio Inter-regiões, Troféu Presidente. Em 1999, é disputado o I Torneio da Companhia de Seguros Tranquilidade (troféu ouro e prata).

As provas profissionais, da responsabilidade do PGA Portugal, são as seguintes: Open de Portugal, Circuito INAPA, Nacional Mota e Companhia, Revista Golf Portugal (circuito), Nacional de Match Play (por buracos) e Stroke Play (por pancadas), em 1998 dividido pelo Estoril, Madeira e Open Fata, em São Miguel.

O «ranking» nacional, Ordem de Mérito, é estabelecido através das classificações dos campeonatos e torneios do circuito profissional nacional, PGA. Não tendo qualquer presença assinalada em Majors, Portugal corre sérios riscos, sem uma aposta efectiva na formação e competição, de nunca ter nomes inscritos nas galerias de luxo. Apenas Daniel Silva, com uma vitória em Jersey, Inglaterra, em 1986, e António Sobrinho, em 1997, passam pelos grandes palcos internacionais, no PGA European Tour. Sean Corte Real tem no Challenge Tour (dá acesso ao PGA European Tour) a respectiva experiência internacional de maior relevo.

No Open de Portugal, prova do Tour Europeu (em 1998 a primeira do circuito), é permitida a presença de todos os profissionais portugueses, pertencentes ou não ao Circuito Europeu, por ser este o país anfitrião. Ainda assim, os vencedores têm sido todos estrangeiros. Alguns são referências mundiais, como o britânico Colin Montogmorie, que se projectou internacionalmente com uma vitória na Quinta do Lago, em 1989. Ballesteros marca também presença nove anos depois.

O Circuito INAPA é a principal prova do PGA português. Tem inscrições abertas a amadores e profissionais, é organizado anualmente e contempla cinco campos diferentes. Em 1999, está distribuído por Vilamoura, Clube Quinta do Peru, Estrela Golf Club, Golden Eagle Golf e Praia D'El Rei Golf. Cada prova tem 54 buracos (18 por dia) em «stroke play». As regras são aplicadas de acordo com o Royal e Ancient Golf Club de St. Andrews e pela USGA (United States Golf America).

Δ António Sobrinho e Daniel Silva são os portugueses mais categorizados, mas sem grande projecção internacional

Grand Slam apaixona

À semelhança de modalidades como o ténis, também o golfe junta num circuito algumas das provas mais importantes do Mundo. Composto por quatro torneios, três realizados nos Estados Unidos – Masters, US Open e US PGA – e um na Grã-Bretanha (Open Britânico, que se realiza desde 1860 e que tem normalmente assistências de 100 mil pessoas por dia), o Grand Slam só encontra rival em popularidade na Ryder Cup, disputada entre os Estados Unidos e a Europa. Nos torneios do Grand Slam revelam-se os candidatos ao estrelato que imediatamente se tornam celebridades mundiais. Durante o século XX apenas quatro jogadores lograram vencer os quatro torneios: Ben Hogan (9 vitórias), Gene Sarazen (7 títulos), Gary Player (9 vitórias) e o mítico Jack Nicklaus (18 vitórias). Deste «clube» restrito, salienta-se Hogan, grande dominador do golfe mundial entre 1945 e 1955 que fica, em 1953, a um passo – vitória – de conseguir os quatro títulos na mesma época. Depois de vencer o Masters (a prova americana mais carismática, disputada desde 1934, na qual o vencedor é premiado com um colete verde), o US Open e Open Britânico falha o US PGA, com a vitória a sorrir ao também americano Burkemo. No fim da década de 90, Mark O'Meara é o golfista mais bem sucedido, enquanto os compatriotas americanos esperam que se inicie o reinado da estrela emergente: Tiger Woods.

Open Britânico – O mais antigo de todos, o Open Britânico (também chamado Open Golf Championship) representa para cada golfista participante o ponto alto da carreira. Os próprios americanos, organizadores de uma série de torneios famosos internacionalmente, não descuram a conquista desta prova, quanto mais não seja pelas avultadas somas envolvidas. O prémio de 1996 atinge 1 milhão e 400 mil dólares.

US Open – Jogado em quatro dias desde 1965, com uma «poule» de qualificação, o US Open é, no panorama internacional, o mais concorrido. Tanto pelo prestígio que tem como pelo local de realização, é uma competição mediática e aceite mundialmente. É a jóia da coroa dos norte-americanos.

US Masters – A par do US Open, é o torneio norte-americano com mais destaque. Disputado no Clube de Golf, em Augusta, Georgia, acolhe por ano milhares de praticantes. Jack Nicklaus é a maior referência, com seis triunfos, dois deles consecutivos (1965 e 1966).

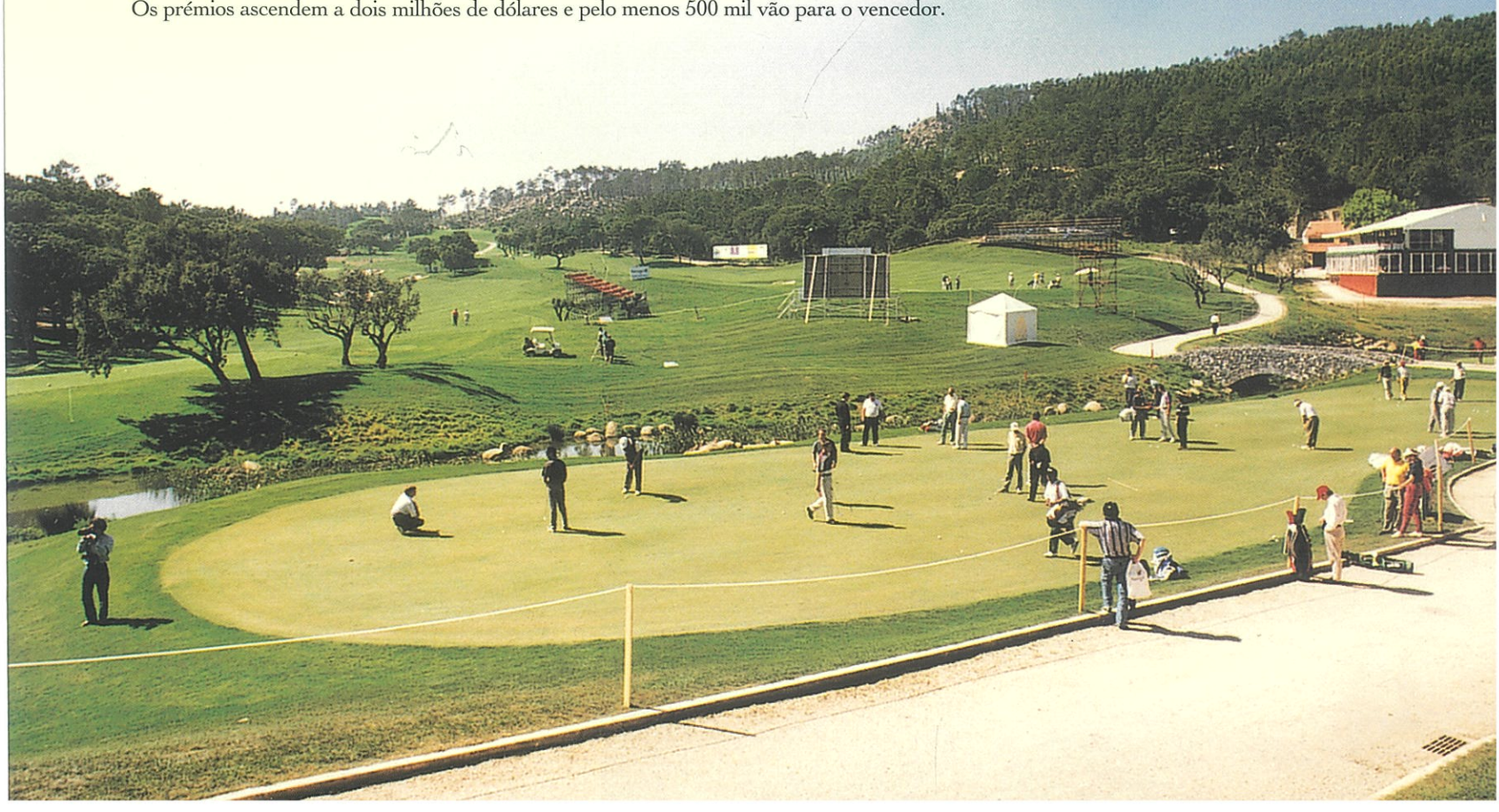
US PGA – O Wannamaker Trophy é o prémio correspondente à vitória no US PGA, em homenagem a Rodman Wannamaker, criador do campo de golfe que acolhe tão importante evento. Jogado em quatro «rounds», o vencedor é encontrado após completar os 72 buracos do «green». Os prémios ascendem a dois milhões de dólares e pelo menos 500 mil vão para o vencedor.

britânicos) passam a participar nas equipas europeias da Ryder Cup, aumentando a competitividade. O prémio Ordem de Mérito passa a designar-se Official Money List, nomeação que comporta uma lista dos sete golfistas mais ganhadores (em termos monetários) no Tour Europeu

1981 – David Graham, australiano, é o primeiro estrangeiro a conquistar o US Open

1984 – Retorno à antiga denominação. Ordem de Mérito passa a reconhecer novamente os feitos dos golfistas europeus, saindo de cena a rebuscada Official Money List

▶



1987 – Passa a vigorar o sistema «slope», que permite o ajustamento dos «handicaps» dos jogadores, quando os mesmos visitam outros campos. É introduzida a «one ball rule». Realização do primeiro circuito de veteranos britânico

1988 – É formada a empresa Companhias e Propriedades para o Desenvolvimento do Circuito Europeu

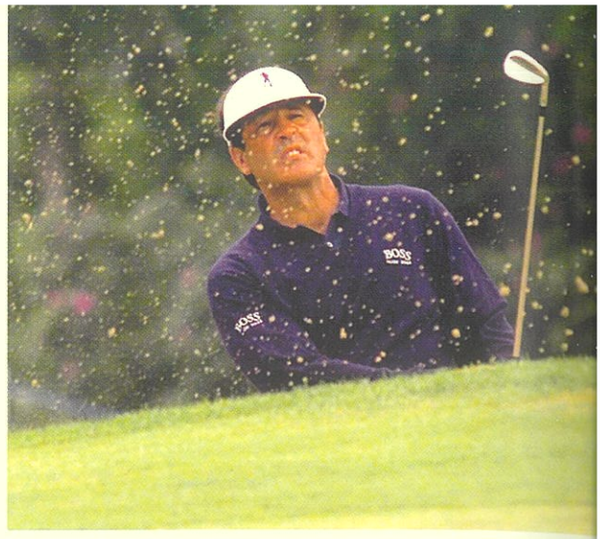
1989 – O circuito satélite europeu institui a própria Ordem de Mérito. Os cinco melhores integram o circuito profissional europeu, o PGA European Tour

1990 – O circuito satélite europeu – PGA European Satellit Tour – passa a ser conhecido como PGA European Challenge Tour, que institui uma série de regras com o intuito de pôr fim à discriminação por parte dos clubes de golfe aos praticantes negros. É criada a Solheim Cup, versão feminina da Ryder Cup. Com 45 anos, Hale Irwin torna-se no mais velho vencedor de sempre de um US Open

1991 – É fabricado o Big Berta, taco de golfe em metal, com ligas de titânio e grafite

1998 – Ballesteros tem no Portugal Open a companhia de outras referências internacionais: Sam Torrance, vencedor do Open 97, Thomas Bjorn e Darren Clarke

Ballesteros



No momento em que o golfe europeu sofre algum descrédito, Severiano Ballesteros surge como referência no panorama internacional. Em 1974, torna-se profissional, mas um ano antes, com 16 anos, tem já um palmarés assinalável. Aos 19 derrota Jack Nicklaus no Open Britânico e projecta-se na elite como o mais jovem vencedor de sempre de um Major. Conquista também duas Taças do Mundo (1976 e 1977).
A década de 80 traz os maiores êxitos da carreira deste espanhol. Vence duas vezes o US Masters (1980 e 1983) e três a Ryder Cup (1985, 1987 e 1989). Nesta mesma competição, em 1997, é capitão da selecção que se impõe aos Estados Unidos. É quatro vezes campeão do Torneio Lancôme e do Open de França. Lidera durante 60 semanas o «ranking» mundial. Em Março de 1999, entra para o «Hall of Fame» do golfe.

Bilhete de Identidade

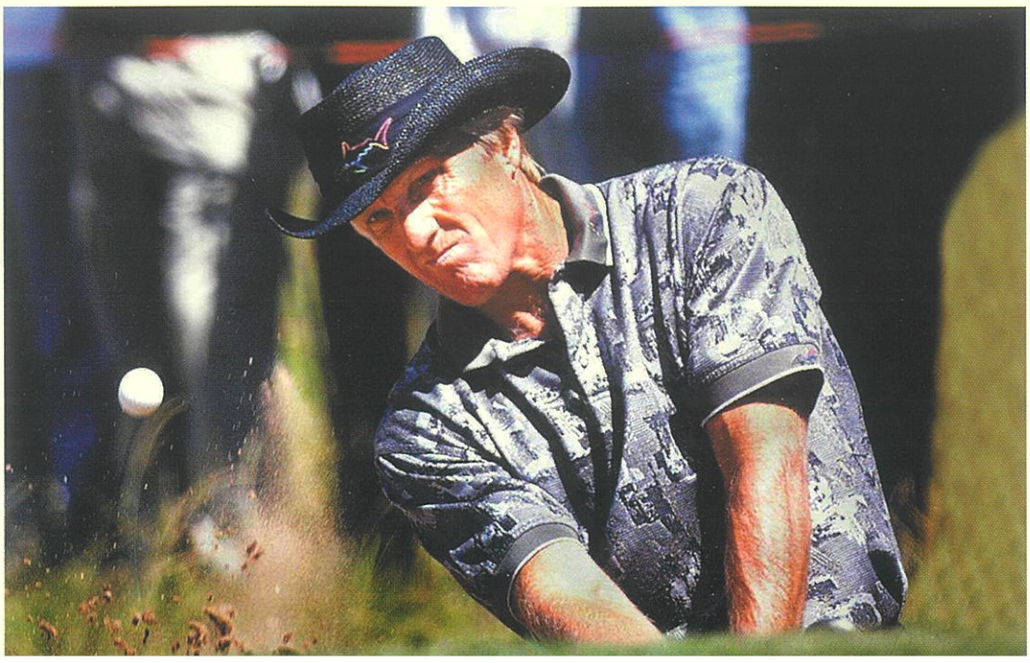
Severiano Ballesteros Sota
Pedreña (Espanha), 9 de Abril de 1957

Como jogador
PALMARÉS
3 vezes vencedor do Open britânico, 1979, 1984 e 1988. 2 vezes vencedor do US Masters 1980 e 1983. 3* vezes vencedor da Ryder Cup 1985, 1987 e 1989

* Em 1997 é capitão da equipa vitoriosa, mas opta por não jogar

Greg Norman

Como qualquer australiano, os gostos desportivos de Greg Norman estão virados para o mar, por isso a alcunha Tubarão Branco não surgiu por acaso. Passa os tempos livres na caça submarina e pesca desportiva. Apesar de ter um estilo inconfundível e uma legião de fãs, demonstra fragilidades psicológicas, com reflexos nos momentos mais importantes. O Masters de 1996 guarda um bom exemplo: com seis pancadas de vantagem sobre Faldo, acaba por perder para o britânico, e os parciais finais são esclarecedores: 78 pancadas para 67 de Nick.
É aos 16 anos que começa a interessar-se pelo golfe. Em 1976, com 22, torna-se profissional. Desses tempos, merece destaque a vitória no Westlakes Classic. Em 1983, parte em busca de mais experiência e o destino é o circuito norte-americano. O ano da consagração é 1986: ganha o circuito do PGA e o primeiro Major da carreira; vence o Open Golf Championship. Ao serviço da selecção, tem um vasto currículo composto por duas Nissan Cup, dez Dunhill Cup, uma Kirin Cup, duas President Cup e uma Hennessy Cup. Em 1993, volta a conquistar o Open Britânico, o seu último grande triunfo.



Bilhete de Identidade

Gregory John Norman
Queensland (Austrália), 10 de Fevereiro de 1955

Como jogador
PALMARÉS
2 vezes vencedor do Open britânico 1986 e 1993. 2 vezes vencedor do World Series Golf 1995 e 1996. 3 vezes vencedor do Open da Austrália 1980, 1995 e 1996. Lugar no ranking PGA Tour «All Time Money Leaders»: 1° – 12 407 055 dólares

Tiger Woods

É impossível falar de Eldrick «Tiger» Woods sem referir o golfe. Muito do que tem na vida se deve à modalidade. Gere uma Fundação, criada pelo pai para apoiar jovens sem recursos financeiros interessados em praticar golfe, e participa assiduamente em iniciativas de beneficência, vertente que já lhe valeu o título de desportista do ano atribuído pela revista «Sports Illustraded». Tiger é a alcunha dada por um amigo do pai, do tempo da guerra no Vietname.

Em 1991, com 16 anos, conquista o seu primeiro US Open de juniores («Junior Amateur»), prova que reconquista nos dois anos seguintes, num feito nunca antes alcançado. Com o triunfo no campeonato de amadores em 1994, torna-se no mais jovem vencedor de sempre da competição. Os êxitos sucedem-se. Em 1995, é de novo campeão de amadores e no ano seguinte estabelece um recorde ao vencer três torneios consecutivos. Tem ainda o título de campeão universitário da NCCA e o bilhete para o circuito internacional de profissionais. No primeiro ano como «pro» no PGA Tour, as vitórias surgem no Las Vegas Invitational e no Walt Disney World/Oldsmobile Classic.

Em 1997, vence o campeonato da Mercedes, o GTE Byron Nelson Golf Classic, o Open da Motorola e o Asia Honda Classic, assim como a o GTE Byron Nelson Golf Classic. Mas o triunfo que o leva ao primeiro lugar do «ranking» internacional é a vitória no Masters, do qual se torna no mais jovem vencedor de sempre, aos 21 anos, três meses e 14 dias. É também nomeado atleta do ano pela Associated Press e considerado golfista do ano pelo PGA Tour e pelo PGA americano. Em 1998, mais confirmações de tanto talento: vence pela segunda vez o Clássico Johnnie Walker, é nomeado a revelação («rookie») do ano e segura a liderança do «ranking» no circuito internacional PGA Tour.

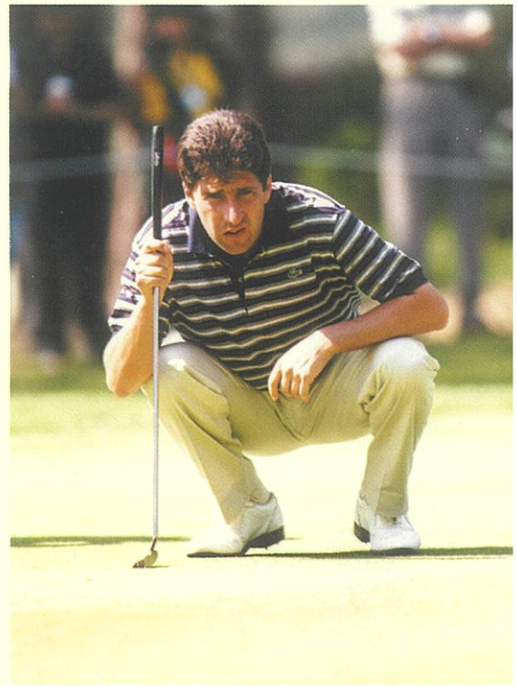
Este surpreendente currículo já lhe valeu um contrato com a Nike por cinco anos. Calcula-se que ultrapasse os 60 milhões de dólares. Não se sabe até onde pode chegar, mas prevê-se que Tiger possa ultrapassar os míticos Nicklaus ou Ballesteros. Tanto no aspecto desportivo como financeiro, e esta última vertente é indissociável da modalidade, «promete» renovar todos os recordes estabelecidos.

Bilhete de Identidade

Eldrick Woods
Cypress (EUA), 30 de Dezembro de 1975

Como jogador
PALMARÉS
1 vez vencedor do US PGA 1999. 1 vez vencedor do US Masters 1997. Lugar no ranking PGA Tour «All Time Money Leaders»: 23º – 7 322 648 dólares

José Maria Olazabal



Desde cedo vê a vida direccionada para a prática do golfe. No Real Clube de San Sebastian, onde os pais trabalham, dá os primeiros passos na modalidade. Aos sete anos vence o campeonato de Espanha destinado ao escalão de 9 anos. Em 1983, com 13 anos, participa nos campeonatos de amadores, coleccionando títulos em Espanha e Itália. Em 1984, repete os triunfos e, em 1985, torna-se profissional, sendo considerado o caloiro do ano.

A partir de 1986, com a carreira de profissional mais estabilizada, vence o Open da Suíça e o Sanyo Open. Em 1987 ganha na Ryder Cup, competição em que participa por mais de três vezes (1989, 1998, 1997), com o mesmo sucesso. A partir de 1990, a presença nos Opens mais importantes torna-se assídua. É terceiro no US Masters 91 e segundo no US Open 94, ano em que vence pela primeira vez o Masters e o campeonato Volvo PGA. Em 1995 é operado a um pé. Só regressa à alta competição em 1997, primeiro com duas vitórias em torneios particulares, depois com o triunfo na Ryder Cup.

Bilhete de Identidade

José Maria Olazabal
Fuenterrabia (Espanha), 5 de Fevereiro de 1966

Como jogador
PALMARÉS
2 vezes vencedor do US Masters 1994 e 1999. 4 vezes vencedor da Ryder Cup 1987, 1989, 1995 e 1997. 2 vezes vencedor do World Series Golf 1990 e 1994

Torneios do Grand Slam

Masters
1950: Demaret (EUA), 1951: Hogan (EUA), 1952: Snead (EUA), 1953: Hogan (EUA), 1954: Snead (EUA), 1955: Middlecoff (EUA), 1956: Burke (EUA), 1957: Ford (EUA), 1958: Plamer (EUA), 1959: Wall (EUA), 1960: Palmer (EUA), 1961: Player (AFS), 1962: Palmer (EUA), 1963: Nicklaus (EUA), 1964: Palmer (EUA), 1965: Nicklaus (EUA), 1966: Nicklaus (EUA), 1967: Brewer (EUA), 1968: Goalby (EUA), 1969: Archer (EUA), 1970: Casper (EUA), 1971: Coody (EUA), 1972: Nicklaus (EUA), 1973: Aaron (EUA), 1974: Player (AFS), 1975: Nicklaus (EUA), 1976: Floyd (EUA), 1977: Watson (EUA), 1978: Player (EUA), 1979: Zoeller (EUA), 1980: Ballesteros (ESP), 1981: Watson (EUA), 1982: Stadler (EUA), 1983: Ballesteros (ESP), 1984: Crenshaw (EUA), 1985: Langer (RFA), 1986: Nicklaus (EUA), 1987: Mize (EUA), 1988: Lyle (ECO), 1989: Faldo (ING), 1990: Faldo (ING), 1991: Woosman (GAL), 1992: Couples (EUA), 1993: Langer (ALE), 1994: Olazabal (ESP), 1995: Crenshaw (EUA), 1996: Faldo (ING), 1997: Woods (EUA), 1998: O'Meara (EUA)

US Open
1950: Hogan (EUA), 1951: Hogan (EUA), 1952: Boros (EUA), 1953: Hogan (EUA), 1954: Furgol (EUA), 1955: Fleck (EUA), 1956: Middlecoff (EUA), 1957: Mayer (EUA), 1958: Bolt (EUA), 1959: Casper (EUA), 1960: Palmer (EUA), 1961: Littler (EUA), 1962: Nicklaus (EUA), 1963: Boros (EUA), 1964: Venturini (EUA), 1965: Player (AFS), 1966: Casper (EUA), 1967: Nicklaus (EUA), 1968: Trevino (EUA), 1969: Moddy (EUA), 1970: Jacklin (ING), 1971: Trevino (ING), 1972: Nicklaus (EUA), 1973: Miller (EUA), 1974: Irwin (EUA), 1975: Graham (EUA), 1976: Pate (EUA), 1977: Green (EUA), 1978: North (EUA), 1979: Irwin (EUA), 1980: Nicklaus (EUA), 1981: Graham (EUA), 1982: Watson (EUA), 1983: Nelson (EUA), 1984: Zoeller (EUA), 1985: North (EUA), 1986: Floyd (EUA), 1987: Simpson (EUA), 1988: Strange (EUA), 1989: Strange (EUA), 1990: Irwin (EUA), 1991: Stewart (EUA), 1992: Kite (EUA), 1993: Janzen (EUA), 1994: Els (AFS), 1995: Pavin (EUA), 1996: S. Jones (EUA), 1997: Els (AFS), 1998: Janzen (EUA)

Open Britânico
1950: Locke (AFS), 1951: Faulkner (EUA), 1952: Locke (AFS), 1953: Hogan (EUA), 1954: Thomson (AUS), 1955: Thomson (AUS), 1956: Thomson (AUS), 1957: Locke (AFS), 1958: Thomson (AUS), 1959: Player (AFS), 1960: Nagle (AUS), 1961: Palmer (EUA), 1962: Palmer (EUA), 1963: Charles (NZE), 1964: Lema (EUA), 1965: Thomson (AUS), 1966: Nicklaus (EUA), 1967: De Vecenzo (ARG), 1968: Player (AFS), 1969: Jacklin (EUA), 1970: Nicklaus (EUA), 1971: Trevino (EUA), 1972: Trevino (EUA), 1973: Weiskopf (EUA), 1974: Player (AFS), 1975 : Watson (EUA), 1976: Miller (EUA), 1977: Watson (EUA), 1978: Nicklaus (EUA), 1979: Ballesteros (ESP), 1980: Watson (EUA), 1981: Rogers (EUA), 1982: Watson (EUA), 1983: Watson (EUA), 1984: Ballesteros (ESP), 1985: Lyle (ING), 1986: Norman (AUS), 1987: Faldo (ING), 1988: Ballesteros (ESP), 1989: Calcavecchia (EUA), 1990: Faldo (ING), 1991: Baker-Finch (AUS), 1992: Faldo (ING), 1993: Norman (AUS), 1994: Price (ZIM), 1995: Daly (EUA), 1996: Lehman (EUA), 1997: Leonard (EUA), 1998: O'Meara (EUA)

US PGA
1950: Harper (EUA), 1951: Snead (EUA), 1952: Turnesa (EUA), 1953: Burkemo (EUA), 1954: Herbert (EUA), 1955: Ford (EUA), 1956: Burke (EUA), 1957: Herbert (EUA), 1958: Finsterwald (EUA), 1959: Rosburg (EUA),

Jack Nicklaus

O circuito PGA senior (veteranos) conta desde 1990 com Jack Nicklaus, a lenda viva do golfe. Ingressa no PGA Tour em 1962, depois das vitórias em 1959 e 1960 em vários campeonatos de amadores nos Estados Unidos. A carreira está recheada de «êxitos-Grand Slam»: três triunfos no Open Britânico, seis no Masters, quatro no US Open e cinco no US PGA, somados a três Taças do Mundo. Tem 71 vitórias em torneios oficiais, chegando à centena com participações em provas de carácter particular. Participa em seis edições da Ryder Cup e é capitão da equipa norte-americana duas vezes. Entra para o «Hall of Fame» em 1974, curiosamente num ano em que as vitórias são escassas. Fundador do Torneio Memorial e com papel preponderante no desenvolvimento do golfe a nível internacional, Nicklaus espera, através da sua Fundação, a Golden Bear International, modernizar a modalidade cada vez mais. Em 1993, recebe a nomeação de arquitecto do golfe (Golf World's Golf Architect of the Year). É considerado atleta da década em 1970 (pela «Sports Illustraded») e duas vezes golfista do século (em 1988 pela «Golf Magazine» e em 1996 pela «Golf Monthly, UK»).

Bilhete de Identidade

Jack William Nicklaus
Colombus (EUA), 21 de Janeiro de 1940

Como jogador
PALMARÉS
4 vezes vencedor do US Open 1962, 1967, 1972 e 1980. 3 vezes vencedor do Open britânico 1966, 1970 e 1978. 5 vezes vencedor do US PGA 1963, 1971, 1973, 1975 e 1980. 6 vezes vencedor do US Masters 1963, 1965, 1966, 1972, 1975 e 1986. 5 vezes vencedor da Ryder Cup 1971, 1973, 1975, 1977 e 1981. 5 vezes vencedor do World Series Golf 1962, 1963, 1967, 1970 e 1976. 6 vezes vencedor do Open da Austrália 1964, 1968, 1971, 1975, 1976 e 1978. Lugar no ranking PGA Tour «All Time Money Leaders»: 44º – 5 696 747 dólares

Mark O'Meara

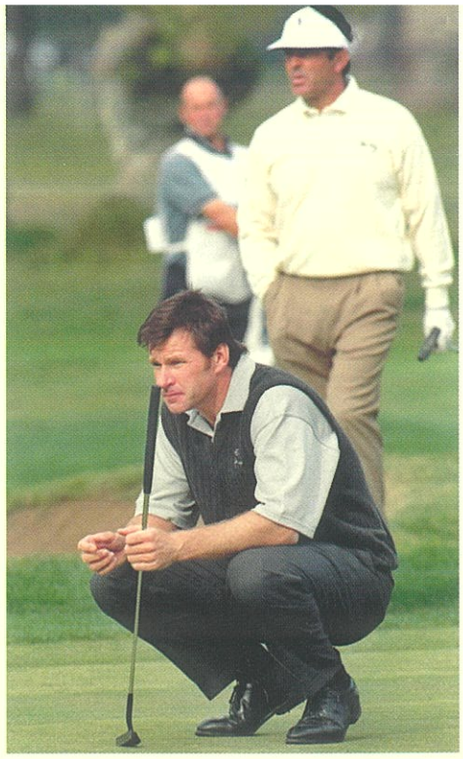
Embora não tenha o palmarés dos conterrâneos Nicklaus e Palmer, Mark O'Meara está na lista de campeões do golfe. Classifica-se diversas vezes em segundo e terceiro nos Majors, mas em 1998 chega aos grandes triunfos. Com as vitórias no Masters e no Open Britânico, junta-se a Nick Faldo e a Nick Price no lote de vencedores de dois Majors no mesmo ano na década de 90.
Em 1979 é considerado «rookie» do ano, nomeação conseguida após derrotar John Cook na final do US Amateur. Tem duas vitórias em quatro presenças na Ryder Cup. No circuito PGA, soma outras conquistas com relevo considerável, a primeira em 1984, quatros anos após ter entrado no circuito profissional, no Greater Milwaukee Open. Em 1995, vence o Honda Classic e o Bell Canadian Open. É ainda o primeiro vencedor norte-americano do Troféu Lancôme, em 1997.

Bilhete de Identidade

Mark Francis O'Meara
Goldsboro (EUA), 13 de Janeiro de 1957

Como jogador
PALMARÉS
1 vez vencedor do Open britânico 1998. 1 vez vencedor do US Masters 1998. 1 vez vencedor da Ryder Cup 1991. Lugar no ranking PGA Tour «All Time Money Leaders»: 5º – 10 957 327 dólares

Nick Faldo



O melhor golfista inglês de todos os tempos e das maiores referências dos últimos anos, a par de Jack Nicklaus. Curiosamente, Nick Faldo decide abraçar a modalidade quando, aos 14 anos, vê Nicklaus a jogar pela televisão. Impressiona pelo profissionalismo e entrega ao jogo. Não se perde em vedetismos ou em cultivar qualquer tipo de imagem que não ilustre a fleuma britânica.

Torna-se profissional em 1976, com 19 anos, vencendo por diversas vezes o Open Britânico de amadores. Um ano depois já participa na Ryder Cup, passando a integrar todas as provas de importância mundial e colecciona mais 11 triunfos. O primeiro sucesso individual de destaque é conseguido em 1989, no Masters, e festejado igualmente no ano seguinte. A prova torna-se mesmo no torneio-talismã de Faldo, em parte como o Open Britânico, que vence em 1987, 1990 e 1992.

Bilhete de Identidade

Nicholas Alexander Faldo
Welwin Garden City (Inglaterra), 18 de Julho de 1957

Como jogador
PALMARÉS
3 vezes vencedor do Open britânico 1987, 1990 e 1992. 3 vezes vencedor do US Masters 1989, 1990 e 1996. 5 vezes vencedor da Ryder Cup 1985, 1987, 1989, 1995 e 1997. Lugar no ranking PGA Tour «All Time Money Leaders»: 60º – 4 559 670 dólares

1960: Herbert (EUA), 1961: Barber (EUA), 1962: Player (AFS), 1963: Nicklaus (EUA), 1964: Nichols (EUA), 1965: Marr (EUA), 1966: Geiberger (EUA), 1967: January (EUA), 1968: Boros (EUA), 1969: Floyd (EUA), 1970: Stockton (EUA), 1971: Nicklaus (EUA), 1972: Player (AFS), 1973: Nicklaus (EUA), 1974: Trevino (EUA), 1975: Nicklaus (EUA), 1976: Stockton (EUA), 1977: Wadkins (EUA), 1978: Mahaffey (EUA), 1979: Graham (AUS), 1980: Nicklaus (EUA), 1981: Nelson (EUA), 1982: Floyd (EUA), 1983: Sutton (EUA), 1984: Trevino (EUA), 1985: Green (EUA), 1986: Tway (EUA), 1987: Nelson (EUA), 1988: Sluman (EUA), 1989: Stewart (EUA), 1990: Grady (AUS), 1991: Daly (EUA), 1992: Price (ZIM), 1993: Azinger (EUA), 1994: Price (ZIM), 1995: Elkington (EUA), 1996: Brooks (EUA), 1997: Love, 1998: Singh (FID)

Ryder Cup
1951: EUA, 1953: EUA, 1955: EUA, 1957: GBR, 1959: GBR, 1961: EUA, 1963: EUA, 1965: EUA, 1967: EUA, 1969: GBR, 1971: EUA, 1973: EUA, 1975: EUA, 1977: EUA, 1979: EUA, 1981: EUA, 1983: EUA, 1985: EUR, 1987: EUR, 1989: EUR, 1991: EUA, 1993: EUA, 1995: EUR, 1997: EUR

Competições Femininas
US Open
1970: Caponi (EUA), 1971: Carner (EUA), 1972/73: Berning (EUA), 1974: Hayene (EUA), 1975: Palmer (EUA), 1976: Carner (EUA), 1977/78: Stacy (EUA), 1979: Britz (EUA), 1980: Alcott (EUA), 1981: Bradley (EUA), 1982: Andersen (EUA), 1983: Stephenson (EUA), 1984: Stacy (EUA), 1985: Baker (EUA), 1986: Geddes (EUA), 1987: Davies (ING), 1988: Neumann (SUE), 1989, 90: King (EUA), 1991: Mallon (EUA), 1992: Sheehan (EUA), 1993: Merten (EUA), 1994: Sheehan (EUA), 1995, 96: Sorenstram (SUE), 1997: Nicholas (ING), 1998: Pak Se-Ri (C. SUL)

Ladies PGA
1970: Englehorn (EUA), 1971: Whitworth (EUA), 1972: Ahern (EUA), 1973: Mills (EUA), 1974: Haynie (EUA), 1975: Whitworth (EUA), 1976: Burfeindt (EUA), 1977: Higuchi (EUA), 1978: Lopez (EUA), 1979: Caponi (EUA), 1980: Little (EUA), 1981: Caponi (EUA), 1982: Stephenson (EUA), 1983/84: Sheehan (EUA), 1985: Lopez (EUA), 1986: Bradley (EUA), 1987: Geddes (EUA), 1988: Turner (EUA), 1989: Lopez (EUA), 1990: Daniel (EUA), 1992: King (EUA), 1993: Sheehan (EUA), 1994: Davies (ING), 1995: Robbins (EUA), 1996: Davies (ING), 1997: Johnson (EUA)

Arnold Palmer

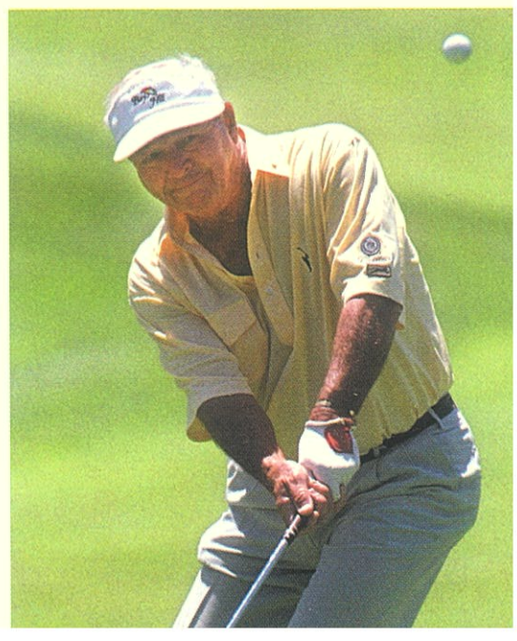
Cedo se destaca pela forte personalidade, marca pessoal que também contribui para que entre os amigos seja tratado por Arnie's Army. Festeja a primeira vitória em 1954, no torneio norte-americano para amadores. No mesmo ano, torna-se profissional e em 1955 estreia-se a vencer fora do país, no Open do Canadá.

Grande rival de Jack Nicklaus, Arnold Palmer tem no palmarés mais de 89 vitórias, sendo as principais quatro no US Masters. Tem um triunfo no US Open (1960) e dois no Open Britânico (1961 e 62), e vence seis vezes a Ryder Cup, em 1961, 1963 (ano em que é capitão da selecção), 1965, 1967, 1971 e 1973. É no campeonato do PGA que tem as maiores desilusões – três vezes segundo classificado. Nos anos 60 é nomeado atleta da década pela Associação Press Pool.

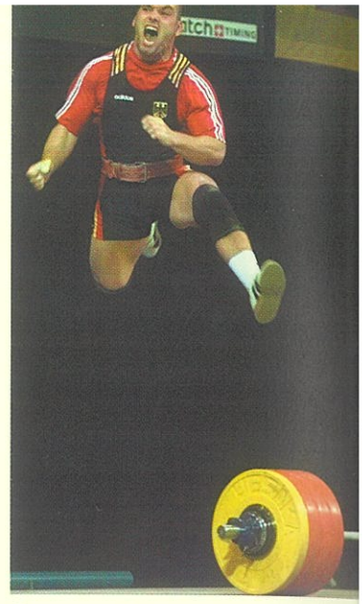
Bilhete de Identidade

Arnold Daniel Palmer
Latrobe (EUA), 10 de Setembro de 1929

Como jogador
PALMARÉS
Vencedor do Open EUA 1960. Vencedor do Open britânico 1961 e 1962. Vencedor do US Masters 1958, 1960, 1962 e 1964. Vencedor do Open Austrália 1966. 6 vezes vencedor da Ryder Cup 1961, 1963, 1965, 1967, 1971 e 1973. Jogador do ano 1960 e 1962



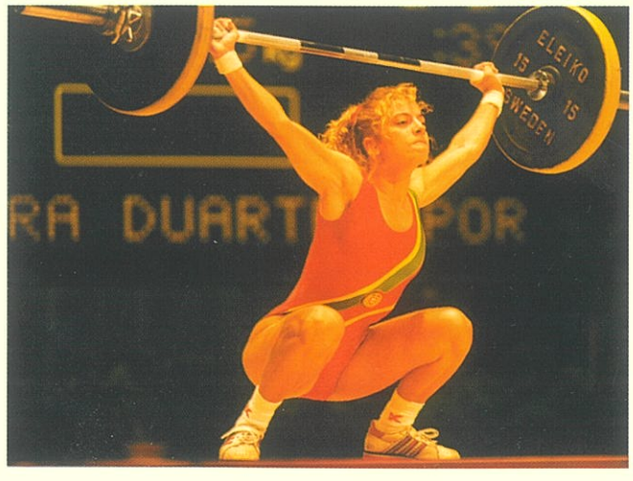
O poder da força

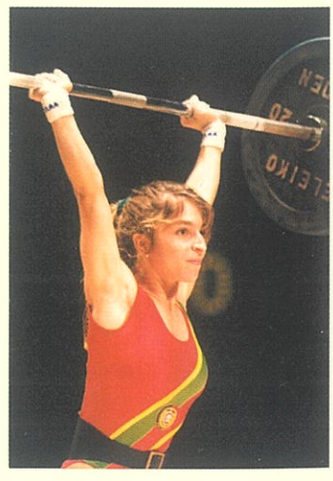


A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE HALTEROFILISMO É FUNDADA EM 1 DE ABRIL DE 1970. POSSUI O ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA DESPORTIVA DESDE 11 DE DEZEMBRO DE 1993. EM 1998 TEM 202 PRATICANTES INSCRITOS, MENOS 173 QUE EM 1995. A FEDERAÇÃO É FILIADA NA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL.
O HALTEROFILISMO É MODALIDADE OLÍMPICA

Enfraquecido nos anos 30 e 40, só em 1960 o halterofilismo português volta ao contacto internacional. O movimento de enriquecimento processa-se ao nível de clubes, com os representantes do Ginásio Clube Português (GCP) a ganharem preponderância, fruto da dedicação do mestre Ernesto Salles. Nos Nacionais de 1963, realizados a 4 de Maio, comparecem dez atletas, sendo nove do GCP.
Na comitiva que Portugal leva aos Jogos Olímpicos de 1960, há um halterofilista. Luís Ramos Paquete (57 kg) é 19° entre 22 concorrentes. Em 1964, marca novamente presença, mas é desqualificado. Já com a Federação Portuguesa de Halterofilismo criada – de início os problemas financeiros são enormes –, é a vez, em 1972, de Raul Dinis (–56 kg) disputar as Olimpíadas de Munique. Não consegue melhor do que o 21° posto entre 24 concorrentes. Em 1980, em Moscovo, é 13° e em Los Angeles 84 faz nulo.
A década de 80 assinala uma mudança acentuada. Logo no início, Francisco Coelho ganha a medalha de bronze no Europeu de Juniores. Parte para os Jogos Olímpicos de Los Angeles 84 com esperanças num bom resultado. Num momento decisivo escorrega, o que lhe inviabiliza a passagem aos oitavos-de-final. Em 1989 realiza-se em Portugal a Taça do Mundo. Milhares de pessoas deslocam-se ao Pavilhão Paz e Amizade, em Loures. O ano é profícuo em resultados de grande significado no sector feminino. Durante os Europeus, Sara Duarte conquista o ouro no arranque e a prata no total olímpico, e Eulália Romão, o bronze no arranque. Sara Duarte melhora o recorde europeu no arranque.
Em 1992, no V Europeu de Absolutos feminino, em Loures, Portugal consegue o quinto lugar por equipas entre os 16 concorrentes, obtém seis medalhas e leva à queda de inúmeros recordes nacionais. A prova assinala a estreia portuguesa neste tipo de eventos como formação, com uma equipa composta por nove elementos. Eulália Romão, na categoria de 44 kg, e Sara Duarte, nos 56 kg, são as representantes nacionais em maior evidência, conquistando três medalhas cada, de prata e bronze, respectivamente. Nos 20os Campeonatos da CEE, em Roma, Eulália Romão e Sónia Duarte são segundas nas respectivas categorias, enquanto Sara Duarte é terceira e António Gonçalves quarto.
No plano internacional, no sector masculino, a luta pela hegemonia situa-se entre búlgaros e soviéticos, com vantagem para os primeiros. A hegemonia búlgaro-soviética só é quebrada pelo turco Naim Suleymanoglu. No sector feminino a supremacia pertence por inteiro à República Popular da China.

△ O germânico Marc Huster exulta com o recorde do mundo (83 kg) nos Jogos de Atlanta
▽ Sara Duarte (56 kg) chega à medalha de bronze no Europeu de Loures, em 1992
▽ Eulália Romão (44 kg) consegue melhor do que Sara Duarte no Europeu «português»: medalha de prata





1951 – Hipólito Cruz, concorrendo ao Campeonato Nacional, em meios-pesados, ganha em todas as categorias

4 MAI 63 – Extracampeonato, Germano Salles bate o recorde nacional do arremesso com 137,5 kg

27/28 FEV 71 – José Costa Pedro bate o recorde sénior no arranque, com 117,5 kg e consegue os mínimos para os Europeus durante a Taça Director-Geral dos Desportos, realizada em Carcavelos

1 SET 72 – O iraniano Arjomand Nasehi, 10° na final dos 52 kg, é o primeiro atleta a ser expulso dos Jogos 72, devido ao uso de doping

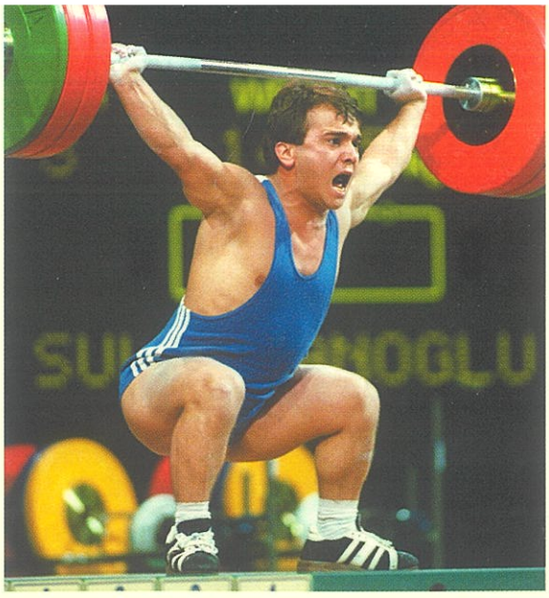
JO 84 – Pela primeira vez um halterofilista a competir no Grupo B ganha uma medalha. Pekka Niemi conquista o bronze. Falha a cerimónia de pódio por desconhecer o facto

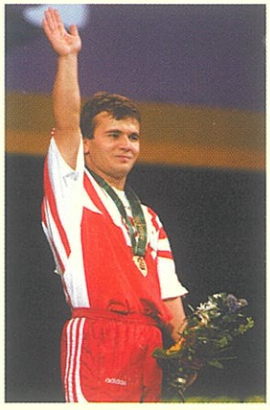
JO 88 – Dick Pound, membro do Comité Olímpico Internacional, pede exclusão da modalidade de futuros JO devido a doping. Por terem atletas com controlos positivos, Hungria e Bulgária retiram as respectivas representações

JO 88 – O checoslovaco Jiri Zubricky, atleta mais pesado presente em Seul (165 kg), cai de costas e rebola para fora da plataforma quando tenta levantar 185 kg. Falha o movimento por três vezes

JAN 98 – As competições seniores masculinas passam a ter oito categorias (56, 62, 69, 77, 85, 94, 105 e mais de 105 kg) e as femininas sete (48, 53, 58, 63, 69, 75 e mais de 75 kg)

NOV 98 – Na véspera do Mundial na Finlândia, a IWF (International Weightlifting Federation) aprova a Federação de Kinitabi (Oceânia). Os filiados passam a ser 163. A organização do Mundial 2001 é entregue a Nauru, pequena ilha com cerca de 8 mil habitantes na Oceânia





Naim Suleymanoglu

Naim Suleymanoglu tem um estatuto ímpar. É campeão do Mundo 22 vezes, em diferentes categorias (56, 60 e 64 kg): oito no arranque, sete no arremesso e sete no total. A nível europeu, conquista 21 títulos: oito no arranque, seis no arremesso e sete no total. Tem 46 recordes mundiais. Nos Jogos Olímpicos de 1988 e 1992, em 60 kg e 1996, 64 kg, sagra-se campeão. Já em juniores brilhara, com dois títulos mundiais. Vence também a Taça do Mundo em 1984, 1985 e 1986.

Os primeiros troféus são alcançados como representante da Bulgária (a par da URSS, domina a modalidade) e com o nome de Shalamanov. Oriundo de família otomana, o Hércules de Bolso (alcunha que lhe impõem, devido à reduzida estatura) é obrigado a representar um papel oficial com o qual não concorda. Os jornais do regime publicam entrevistas falsas. «Sinto-me 100 por cento búlgaro. Não tenho qualquer ligação aos turcos» – é a versão mais difundida. Descontente, aproveita uma deslocação à Austrália, em 1986, para fugir.

Refugia-se na casa de um emigrante turco e envia um pedido de asilo político ao governo da Turquia. No início de 1988, meses antes dos Jogos Olímpicos, o primeiro-ministro Ozal compra por um milhão de dólares a autorização para Suleymanoglu competir em Seul, onde ganha o ouro no escalão de menos 60 kg. «Esta não é a minha medalha. É a do povo turco, pois o meu sucesso é devido a vocês», confessa.

Uns dias depois, a Imprensa publica uma foto de Suleymanoglu a dançar com uma rapariga. Pressão, falta de privacidade e problemas físicos levam-no a abandonar a prática desportiva em 1990. A passagem pelo Campeonato do Mundo de Budapeste provoca-lhe saudades. Volta aos treinos e 18 meses depois é campeão olímpico em Barcelona. Em Atlanta 96, ganha novamente o ouro.

Δ Nos Jogos de Atlanta levanta 335 kg, o que lhe vale o terceiro título de campeão olímpico

Bilhete de Identidade

Naim Suleymanoglu
Bulgária°, 23 de Novembro de 1967

Como atleta
3 vezes campeão olímpico 1988, 1992 e 1996 (60 kg). 7 vezes campeão mundial 1985, 1986, 1989, 1991, 1993, 1994 e 1995 (64 kg). 7 vezes campeão da Europa 1991 (56 kg), 1985, 1986, 1988, 1989, (60 kg), 1994, 1995 (64 kg). Vencedor Taça do Mundo 1984, 1985, 1986. 23 medalhas mundiais. 27 medalhas europeias

° Naturalizado turco

Campeões olímpicos

52 kg – 1972: Smalcerz (POL), 337,5; 1976: Voronin (URSS), 242,5; 1980: Osmonaliev (URSS), 245; 1984: Zeng (CHI), 235; 1988: Marinov (BUL), 270; 1992: Ivanov (BUL), 265; 1996: Mutlu (TUR), 287,5

56 kg – 1952: Udodov (URSS), 315; 1956: Vinci (EUA), 342,5; 1960: Vinci (EUA), 345; 1964: Vakhonin (URSS), 357,5; 1968: Nassiri (IRA), 367,5; 1972: Foldi (HUN), 377,5; 1976: Nourikian (BUL), 262,5; 1980: Nunez (CUB), 275; 1984: Wu Shude (CHI), 267,5; 1988: Mirzoian (URSS), 292,5; 1992: Byung-Kwan (C. SUL), 287,5; 1996: Tang Ningsheng (CHI), 307,5

60 kg – 1952: Chimishkyan (URSS), 337,5; 1956: Berger (EUA), 352,5; 1960: Minayev (URSS), 372,5; 1964: Miyake (JAP), 397,5; 1968: Miyake (JAP), 392,5; 1972: Nurikjan (BUL), 402,5; 1976: Korol (URSS), 285; 1980: Mazin (URSS), 290; 1984: Chen (CHI), 282,5; 1988: Suleymanoglu (TUR), 342,5; 1992: Suleymanoglu (TUR), 320; 1996: Suleymanoglu (TUR), 335

67,5 kg – 1952: Kono (EUA), 362,5; 1956: Rybak (URSS), 380; 1960: Buschuyev (URSS), 397,5; 1964: Baszanowski (POL), 432,5; 1968: Baszanowsky (POL), 437,5; 1972: Kirzhinov (URSS), 460; 1976: Kaczmarek (POL), 307,5; 1980: Rusev (BUL), 342,5; 1984: Jingyuan (CHI), 320; 1988: Kung (RDA), 340; 1992: Militossian (CEI), 337,5; 1996: Zhan Xugang (CHI), 352,5

75 kg – 1952: P. George (EUA), 400; 1956: Bogdanovsky (URSS), 420; 1960: Korynov (URSS), 437,5; 1964: Zdrazila (CHE), 445; 1968: Kurentsov (URSS), 475; 1972: Bikov (BUL), 485; 1976: Mitkov (Bul), 335; 1980: Zlatev (BUL), 360; 1984: Radschinsky (RFA), 340; 1988: Guidikov (BUL), 375; 1992: Kassapu (CEI), 357,5; 1996: Lara (CUB), 367,5

82,5 kg – 1952: Lomakin (URSS), 417,5; 1956: Kono (EUA), 447,5; 1960: Palinski (POL), 442,5; 1964: Plyukfelder (URSS), 475; 1968: Selitsky (URSS), 485; 1972: Jenssen (NOR), 507,5; 1976: Shary (URSS), 365; 1980: Vardanjan (URSS), 400; 1984: Becheru (ROM), 355; 1988: Arsamakov (URSS), 377,5; 1992: Dimas (GRE), 370; 1996: Dimas (GRE), 392,5

90 kg – 1952: Schemansky (EUA), 445; 1956: Vorobyov (URSS), 462,5; 1960: Vorobyov (URSS), 472,5; 1964: Golovanov (URSS), 487,5; 1968: Kangasniemi (FIN), 517,5; 1972: Nikolov (BUL), 525; 1976: Rigert (URSS), 382,5; 1980: Baczako (HUN), 377,5; 1984: Vlad (ROM), 392,5; 1988: Khrapati (URSS), 412,5; 1992: Kakhiachvili (CEI), 412,5; 1996: Petrov (RUS), 402,5

100 kg – 1980: Zaremba (CHE), 395; 1984: Milser (RFA), 385; 1988: Kuznetsov (URSS), 425; 1992: Tregoubov (CEI), 410; 1996: Kakhiashvilis (GRE), 420

110 kg – 1952: Davis (EUA), 460; 1956: Anderson (EUA), 500; 1960: Vlassov (URSS), 537,5; 1964: Zhabotinsky (URSS), 572,5; 1968: Zhabotinsky (URSS), 572,5; 1972: Talts (URSS), 580; 1976: Zaitsev (URSS), 385; 1980: Taranenko (URSS), 422,5; 1984: Oberbuger (ITA), 390; 1988: Zakharevitch (URSS), 455; 1992: Weller (ALE), 432,5; 1996: Taimazov (UCR), 430

110 kg – 1972: Alekseyev (URSS), 640; 1976: Alexeiev (URSS), 440; 1980: Rakmanov (URSS), 440; 1984: Lukin (AUS), 412,5; 1988: Kurlovitch (URSS), 462,5; 1992: Kurlovitch (CEI), 450; 1996: Chemerkin (RUS), 457,5

Hipismo

A FEDERAÇÃO EQUESTRE PORTUGUESA É FUNDADA A 5 DE DEZEMBRO DE 1927. EM 1998, TEM 2250 CAVALEIROS INSCRITOS (1152 SÃO PRATICANTES) E 904 CAVALOS. INTEGRA AS MODALIDADES DE OBSTÁCULOS, ENSINO, CONCURSO COMPLETO DE EQUITAÇÃO, RAIDES E «HORSEBALL». É MODALIDADE OLÍMPICA DESDE 1900

AGO 52 – Terminam os Jogos Olímpicos de Helsínquia, com momentos de emoção: a dinamarquesa Lisa Hartel vence a medalha de prata na prova de ensino. O facto mais notável é que a cavaleira é parcialmente paralítica, devido a poliomielite, não conseguindo sequer subir sozinha para o dorso do cavalo

JUN 53 – Realiza-se o primeiro Mundial de Hipismo, no Parque dos Príncipes, em Paris. O espanhol Garcia Goyoaga é campeão do mundo de obstáculos

JUN 54 – Portugal vence a Taça de Ouro da Península no Concurso Hípico de Lisboa e, pelo segundo ano consecutivo, a Taça das Nações

1955 – Figueira da Foz acolhe o primeiro Campeonato de Portugal de cavaleiro de obstáculos. João Cruz Azevedo vence com o cavalo Fagulha

MAI 68 – Henrique Calado ganha a Taça Generalíssimo, no Concurso Hípico de Madrid. Já em 1960 vencera, com os cavalos Martingil e Konak. Em Lisboa, no Concurso Hípico Internacional, a equipa portuguesa soma a quarta Taça das Nações consecutiva. Nos JO do México, as exigentes condições climatéricas e a dureza da competição fazem tombar mortalmente dois cavalos

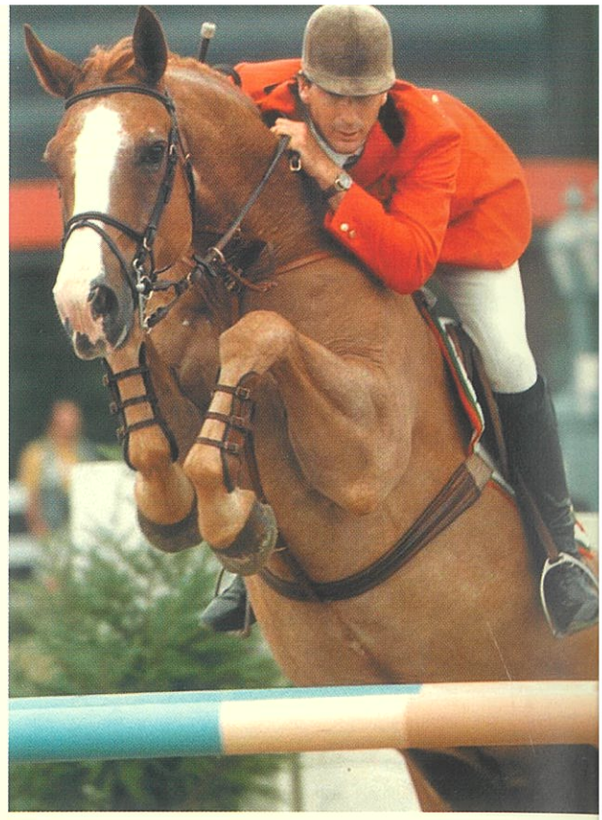
5 JUN 79 – No 200º Derby, a lendária corrida britânica, o jóquei Carson leva o cavalo Troy ao triunfo na prova com maior prémio monetário do Mundo: 153 mil libras

SET 98 – Miguel Bravo, montando o Charlton, é primeiro no Grande Prémio do Concurso de Saltos Internacional A de Berna; é considerado também o melhor cavaleiro do concurso

25 ABR 99 – Francisca Chaves Ramos alcança o primeiro lugar na disciplina de concurso completo na Internacional de Saumur, em França, com Carioca

[Palmarés no Arquivo]

GNR resiste



Ao longo do século, o hipismo é uma das modalidades que mais prestígio rende a Portugal. Embora os grandes resultados tenham aparecido antes de 1950, nos anos seguintes a modalidade mantém a importância, subsistindo no interior da Guarda Nacional Republicana. A formação de jovens cavaleiros é assegurada primeiro pela Mocidade Portuguesa, entretanto extinta, e depois pela Escola de Equitação da Sociedade Hípica Portuguesa (SHP). É também a SHP que organiza a mais importante prova portuguesa, desde 1910: o Concurso de Saltos Internacional de Lisboa, classificado entre os nove melhores do Mundo.

Nas competições tradicionais – obstáculos (que movimenta 90 por cento dos praticantes), ensino e concurso completo –, as participações portuguesas de maior destaque verificam-se nos Jogos Olímpicos. Em 1952, em Helsínquia, a equipa portuguesa fica a um passo da medalha de bronze, classificando-se em quarto lugar no concurso completo. Em 1964, em Tóquio, Joaquim Duarte Silva, montando o Jeune France, fica em quinto lugar em obstáculos. Nesta disciplina, a grande figura é Henrique Calado, recordista de presenças nos JO (cinco) e único a poder sonhar em rivalizar com o alemão Winkler ou o italiano D'Inzeo, os reis da modalidade. Pimenta da Gama, cavaleiro da geração seguinte, domina a competição nacional, sendo recordista de vitórias em grandes prémios em Portugal.

Em 1998, o cavaleiro Jorge Mathias, montando o Zantino T, torna-se no primeiro a conseguir vencer 5 campeonatos de cavaleiro de obstáculos. O seu pai e seu homónimo tinha sido também uma glória do hipismo português.

Nas disciplinas não olímpicas, registam-se alguns bons resultados nos anos 90: no «horseball», Portugal é vice-campeão europeu em 1992, 1993, 1994 e 1998; em 1996, um conjunto de cavalos portugueses, conduzidos pelo belga Félix Brasseur, consegue o título mundial de atrelagens.

Nos anos 80 e 90, a dinâmica do mercado internacional leva os preços dos cavalos a atingirem valores astronómicos, tornando a competição possível apenas com patrocínios.

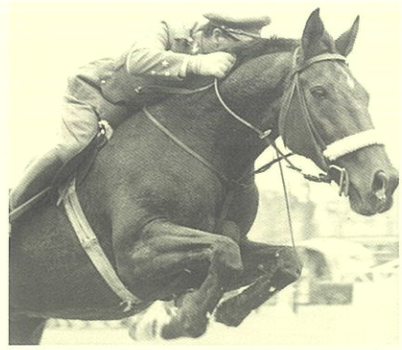
Corridas de cavalos

Na Grã-Bretanha (e países anglo-saxónicos), as corridas de cavalos têm tradições centenárias e nos EUA atingem popularidade inigualável, assente numa colossal indústria de apostas, onde os cavalos são o bem mais precioso. A respectiva categoria é avaliada, entre os americanos, pelo número de vitórias consecutivas que conseguem. Os grandes da história são o Citation, com 16 vitórias entre 1948 e 1950; e o Cigar, que, em 1996, iguala o recorde, falhando a 17ª vitória depois de liderar a corrida (o prémio de carreira acumulado deste cavalo ronda o milhão e meio de contos. É vendido, para reprodutor, por cerca de 4,5 milhões de contos), e o Secretariat, colocado nos primeiros lugares das listas de maiores deportistas de sempre da América, acima de estrelas do basebol e futebol americanos.

Henrique Calado

Henrique Calado é o melhor cavaleiro português da segunda metade do século e recordista de presenças em Jogos Olímpicos. A primeira participação é feita em 1948, em Londres. Fica em 18º entre 44 concorrentes. Em 1962, sempre nos obstáculos, classifica-se em 16º. Quatro anos volvidos, nas Olimpíadas de Estocolmo, dedicadas somente ao hipismo, em virtude de a Austrália exigir rigorosos tempos de quarentena para os cavalos, Calado é sétimo, montando o célebre Martingil, que leva também a Roma (em 1960), onde é 11º. Termina a saga olímpica com um 34º lugar nos Jogos de 1964, em Tóquio.

Em Portugal e Espanha, colecciona títulos e é admirado pelos concorrentes. Pimenta da Gama elogia-o: «Poderia não ser muito académico, mas, como os verdadeiros génios, ultrapassava todos os problemas pela sua condição nata de equitador. Entrava em corrida, e era o melhor como jóquei; concursava, e era largamente admirado. Esteve sempre ao nível dos melhores do mundo.» Em Espanha, é concorrente habitual no Concurso Hípico de Madrid e vence regularmente.



Bilhete de Identidade

Henrique Alves Calado
Rio Frio, 12 de Junho de 1920

Como cavaleiro
PALMARÉS
Campeão português cavaleiro obstáculos 1958 (Martingil). 6 vezes vencedor concurso completo equitação Portugal 1944 (Batedor), 1947 (Dize Tu), 1953 (Hebraico), 1957 (Fanfarrão), 1958 e 1963 (Radioso). GP do CSI Lisboa 1944 (Paiol), 1953, 1954 (Caramulo), 1955 (Martingil), 1956 (Caramulo) e 1961 (Konak). Troféu da Seda 1959 (cavaleiro mais classificado Concurso Saltos Nice). GP Nice 1964 (Konak, Joc de L'Ile). GP Dublin 1957 (Caramulo, Martingil). GP Madrid 1944 (Desejado), 1960 e 1962 (Martingil). 7º obstáculos JO 1956. 11º obstáculos JO 1960. Insígnias ouro Federação Equestre Internacional 1974

SELECÇÃO
5 vezes vencedor taça nações CSI Lisboa 1953, 1954 , 1955 (Caramulo), 1964, 1968 (Joc de L'Ile), CH Madrid 1948 (Xerez), 53 (Caramulo), 1968 (Joc de L'Ile), CH Nice 1954 (Caramulo). Taça ouro península CSI Lisboa 1956 (Martingil), 1957 (Caramulo), 1958, 1959, 1960 (Martingil), 1968 (Joc de L'Ile), CH de Madrid 1962 (Konak) e 1964 (Joc de L'Ile). 55 presenças na Taça das Nações

Pimenta da Gama

António Pimenta da Gama começa a montar cavalos aos oito anos. Aos 13, mostrando mais propensão para o hipismo do que para os estudos, é debutante numa corrida de garranos e vence. Em 1965, ganha o Troféu Marquês de Foronda (um cavalo em prata maciça), no Concurso de Saltos Internacional de Barcelona, que premeia o melhor cavaleiro em três edições consecutivas. Um ano depois é o vencedor do Campeonato de Portugal de cavaleiro de obstáculos, título que repete em 1972, 1975 e 1977, estabelecendo um recorde que se mantém até 1998.

No Norte de Espanha, ganha 15 primeiros prémios em Concursos Internacionais (um recorde). Autodidacta, monta mais de 130 cavalos, ficando célebre o Ribamar, com o qual alcança 150 primeiros lugares: «Numa distribuição de cavalos, o comandante (...) pôs-me a escolher em primeiro lugar. Todos se surpreenderam na altura por ter escolhido o Ribamar. No entanto, mercê da minha experiência, adivinhei-lhe maiores potencialidades, enorme energia, superior batida e grande aptidão para ultrapassar os obstáculos. Afinal, não me enganei.»

Bilhete de Identidade

António Jorge Campos Pimenta da Gama
Torres Novas, 14 de Maio de 1930

Como cavaleiro
PALMARÉS
4 vezes campeão português Cavaleiro Obstáculos 1966 (Mistral), 1972 (Vas-Y e Espora), 1975 e 1977 Ribamar). Vencedor Troféu Marquês de Foronda (Melhor cavaleiro CSI Barcelona 1963, 1964 e 1965). Estribo ouro Federação Equestre Portuguesa 1978

SELECÇÃO
4 vezes vencedor Taça Nações CSI Lisboa 1964 (Castiço), 1965 (Mazarino), 1966 (Mistral) e 1968 (Castiço), CSI Madrid 1968 (Castiço). Taça ouro península CSI Lisboa 1965 (Mazarino) e 1968 (Castiço), CH Madrid 1964 (Passa-Pé) e 1966 (Castiço). 21 presenças Taça das Nações

O artista

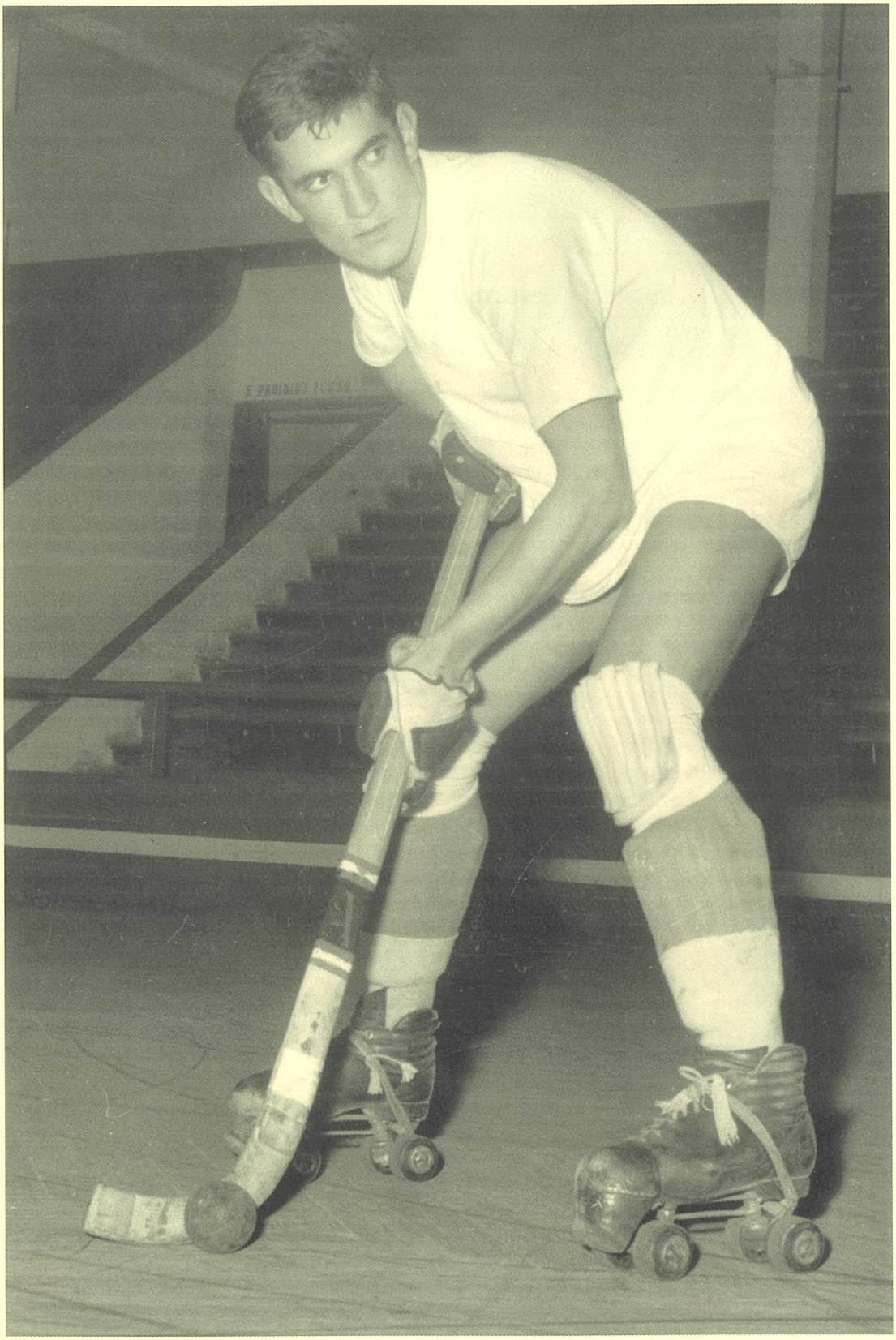
Maio de 1962. O Mundial de hóquei em patins disputa-se em Santiago do Chile. No jogo entre Portugal e Argentina, um jogador apanha a bola atrás da sua baliza, finta toda a equipa adversária e marca golo levando o público ao delírio. Emocionado, pede para sair. Chama-se António Livramento. Fernando Adrião é o grande patrão da equipa, mas é já Livramento quem entusiasma as multidões.
A sua carreira começa na Venda Nova, perto de Benfica, onde passa os tempos entregue à sua paixão de adolescente: o futebol. Entre as pessoas que se juntam espontaneamente para ver os jogos está Torcato Ferreira, treinador do clube Futebol Benfica, a pensar que aquele rapaz teria muito jeito para jogar hóquei. Um dia convida-o a aparecer no rinque do Fofó. Livramento recusa, mas perante a paciente insistência de Torcato decide, a muito custo, experimentar os patins. A partir daqui nunca mais o futebol pode competir com o hóquei pela posse da nova estrela. Em 1959, quando o seu valor já não deixa dúvidas a ninguém, o Benfica vai buscá-lo numa operação algo complicada. Aos 16 anos é chamado à selecção de juniores por António Raio. Estreia-se contra a Bélgica, no Campeonato da Europa. Portugal vence por 5-1 e Livramento marca três golos e é eleito melhor jogador do torneio (é também o melhor marcador).
É então promovido à equipa principal, e em 1961 sagra-se campeão europeu, marcando, tal como Adrião, 17 golos. Na época seguinte disputa o primeiro mundial. Com a dupla Adrião/Livramento não há equipa que resista e Portugal é campeão. Em 1963 é campeão europeu, agora de seniores, título que repete em 1965 (em que se destaca por marcar sete dos 17 golos de Portugal contra a Bélgica). Entretanto, no Benfica, estabelece-se como estrela da companhia.

O Campeão afirma-se

Depois de um início de carreira fulgurante, o final dos anos 60 marca o nascimento de uma estrela mundial. Em 1967, Livramento é campeão nacional e europeu, mas o grande salto dá-o no Mundial de 1968, no Porto, onde enche as medidas. A beleza do seu jogo só é igualada pela eficiência do mesmo. Durante o torneio marca 42 golos em nove jogos, quase metade dos marcados pela equipa (92) e por três vezes marca 10 golos num jogo (frente ao Japão, Nova Zelândia e Suíça). Sagra-se campeão, mas, sobretudo, mostra que o futuro do hóquei é... ele. As grandes exibições levam-no a Itália, para jogar no Hóquei Candi Monza, tornando-se no segundo hoquista a sair do País (o primeiro é Solipa). Pela primeira vez fica fora da Selecção, que entretanto vence o Europeu (1971). Os adversários perguntam-se que equipa é aquela que se dá ao luxo de prescindir de Livramento.
Volta a Portugal em 1972 para ser campeão pelos encarnados. Os anos seguintes são para conquistar o mundo: em 1974, é campeão nacional e vence o Mundial. Em 1973 e 1975 é campeão europeu. Ingressa então no clube do Banco Pinto e Sotto Mayor, onde é funcionário, chegando a campeão da II Divisão. Daí muda-se para o Sporting, o clube do seu coração. Integra uma equipa de sonho, em que continua a ser a estrela maior, derramando talento pelos rinques. Vence o campeonato e o único título que lhe falta, a Taça dos Campeões, logo seguido do Europeu. No jogo final, frente à Espanha, apesar da idade, é ainda o jogador mais genial. Os espanhóis mostram-se sólidos, com o intransponível Trullols na baliza. Mas aos 14 minutos, recebendo um passe de Chana no meio de dois adversários, e sem parar a bola remata à meia volta, fazendo o primeiro golo e abrindo caminho à vitória por 4-0. A 35 segundos do fim é rasteirado e ao levantar-se responde ao espanhol. Os jogadores envolvem-se em agressões mútuas. O público invade o rinque para agredir os espanhóis. Acalmados os ânimos, o árbitro decide dar por terminado o ►

A

B



C

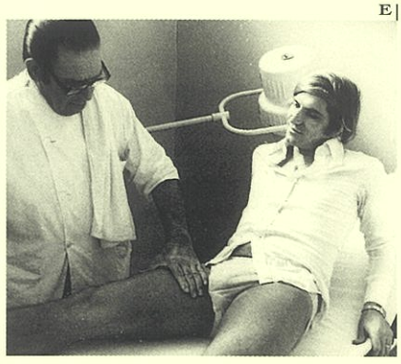
D

► jogo. Livramento, melhor marcador do torneio, declara: «É a última vez que jogo pela Selecção. Em tantos anos nunca coisa semelhante me aconteceu. Tive de reagir depois de Ortega me ter agredido, quando vi o osso de fora (...). A minha saída não afectará Portugal.» Com a selecção das quinas faz 209 jogos, nos quais marca 425 golos. Ruma depois ao Amatori Lodi, de Itália, onde consolida o seu prestígio: anos depois, os transalpinos ainda o celebram dizendo «Deus perdoa, Livramento não!» Termina a carreira no Sporting, em 1980.

Treinador com êxito

Para quem foi o melhor jogador do Mundo de sempre não pode haver futuro mais lógico do que tornar-se treinador, ensinando às novas gerações a magia que ele próprio colocava sobre os patins. É isso que acontece com Livramento. Logo nos primeiros anos como jogador, não lhe bastando ser a estrela em campo, ainda ajuda o seleccionador Jesus Correia (acusado de não saber falar com os jogadores) a comunicar com os pupilos. Depois de abandonar os rinques, inicia um percurso de êxito, levando o Sporting à vitória na Taça das Taças de 1981 no campeonato de 1982. Nesta altura o seleccionador é Júlio Rendeiro, e Livramento desempenha o cargo de treinador de campo da selecção votoriosa no Mundial, em Barcelos. Em 1984 conduz o «seu» Sporting à vitória na Taça e na Taça Cers. Ruma então a Itália, país com que mantém uma relação de admiração mútua, para treinar o Bassano, onde jogam Luís Nunes e Fanã. Deixa a equipa no primeiro lugar quando, em 1986, regressa ao Sporting para reanimar uma equipa moribunda, levando-a ao segundo lugar do campeonato.
Em 1987 é campeão europeu pela Selecção, em Oviedo, e em 1988 dá ao Sporting mais um campeonato. Já na década de noventa tem um período brilhante à frente da selecção: é campeão europeu em 92. No ano seguinte é campeão mundial em Itália, 31 anos depois do último ganho fora de casa, e em 94 renova o título europeu na Madeira. Destaca-se pelo rigor que impõe nas equipas e pela capacidade de motivar os jogadores. Inspirado no estilo italiano, implanta um jogo agressivo, de procura constante da posse da bola, que aliado ao tecnicismo português torna as suas equipas infalíveis.

E



Em 1998 é convidado para treinador do Porto. Quando chega ao clube diz: «Posso ficar cá um mês, dois, ou cinco anos.» No final da época celebra o título de campeão, vence a Taça de Portugal e chega à final da Liga dos Campeões Europeus, que perde nos penaltis. Poucos dias depois o destino coloca-o perante o desafio final.

O vício do tabaco

Quando o pequeno António Livramento se entrega de corpo e alma, nos baldios de Benfica, à magia da bola no pé, dificilmente se prevê outra carreira que não seja a dos relvados. Mas Livramento é o protótipo do desportista. Embora entrando a custo no hóquei, irradia talento nos rinques e a partir daqui dedica-se a ser apenas o melhor.
O seu estilo conquista as simpatias gerais: joga bonito, com uma técnica a raiar o malabarismo, mantendo a bola como que colada ao «stick». Com a naturalidade dos grandes campeões, recusa a arrogância. ►

F

G

H

► No Mundial de 68, em que pratica um hóquei de outra dimensão, faz um jogo contra a Bélgica. O guarda-redes belga, com quase 50 anos e usando capachinho, inibe Livramento, que não consegue marcar-lhe grandes penalidades. Mesmo como treinador, nunca precisa do título de disciplinador.
A sua entrega e emotividade são o suficiente para conduzir a equipa. Em 1987, quando Vítor Hugo é tentado pelos ares de Itália, é Livramento quem lhe prepara o contrato. O seu único vício é o tabaco (fuma desalmadamente), a ponto de, na selecção, ter por companheiro de quarto o massagista, para o impedir de fumar. Supersticioso, quando um jogo lhe corre bem equipa-se da mesma maneira e repete os mesmos passos no jogo seguinte.

Morte sem aviso

A 7 de Junho de 1999, já treinador campeão pelo Porto, o único grande em que não tinha jogado, morre repentinamente, com apenas 55 anos. A causa da morte é um acidente vascular cerebral, vulgarmente chamado trombose. Tudo acontece na tarde de 5 de Junho durante as férias: tendo combinado encontrar-se com o sogro, a velha glória do futebol Fernando Cabrita, Livramento não aparece à hora marcada. O sogro vai à sua procura e encontra-o em casa, inanimado, no chão. É levado ao Hospital de Faro, de onde é transferido, em estado de coma profundo, para Lisboa. Morre dois dias depois, imitando a saga maldita de Joaquim Agostinho. Cristiano Pereira, colega de selecção e seu substituto no lugar de treinador do Porto, define o campeão na despedida final: «Ele era o artista.»

A Confronto de capitães com o homólogo sportinguista Rendeiro
B Já com a camisola do Sporting
C No cargo de treinador dos leões: atrás, reconhece-se o jovem Paulo Almeida
D Condecorado pelo Presidente Mário Soares com a Ordem do Infante D. Henrique
E Sob os cuidados do massagista Manuel Marques, no Sporting
F Assiste com a mulher, incrédulo, à derrota de Portugal ante a Alemanha, no Euro 71
G Dando indicações aos pupilos portistas
H Homenageado na festa dos campeões mundias de 1993
I Junto às filhas, no sossego do lar
J Em casa, em Setembro de 1992, mostrando um quadro sobre «a vida de um hoquista»

I

J

Bilhete de Identidade

António José Parreira do Livramento
São Manços, 28 de Fevereiro de 1944
Falecido em Lisboa a 7 de Junho de 1999

Como jogador
CLUBES
Futebol Benfica, Benfica, Sporting, Banco Pinto & Sotto Mayor, Monza e Amatori Lodi

PALMARÉS
7 vezes campeão português 1961, 1966, 1967, 1968, 1972, 1974 (Benfica) e 1977 (Sporting). Taça de Portugal 1963 (Benfica) e 1977 (Sporting). Taça Campeões Europeus 1977 (Sporting). Campeão II Divisão 1975 (BP&SM)

SELECÇÃO A
3 vezes campeão mundial 1962, 1968 e 1974. Campeão europeu 1961, 1963, 1965, 1967, 1973, 1975 e 1977; 209 Jogos, 425 golos

Como treinador
CLUBES
Sporting, Porto, Turquel, Banco Pinto & Sotto Mayor, Novara e Bassano

PALMARÉS
3 vezes campeão 1982, 1988 (Sporting), 1999 (Porto). Taça de Portugal 1984 (Sporting), 1999 (Porto). Supertaça 1999 (Porto), Taça CERS 1984 (Sporting). Taças das Taças 1981 (Sporting)

SELECÇÃO A
Seleccionador 1983, 1984, 1985, 1987, 1988, 1990, 1992, 1993, 1994, 1995. Campeão mundial 1982°, 1993. Campeão europeu 1987, 1992, 1994

° Como treinador de campo

Hóquei em Patins

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE PATINAGEM É FUNDADA A 3 DE OUTUBRO DE 1933. EM 1998 CHEGA AOS 10 141 PRATICANTES REGISTADOS. É FILIADA NA FIRS (FÉDÉRATION INTERNATIONALE ROLLER SKATING) E NA CERS (CONFÉDÉRATION EUROPEÉNE DE ROLLER SKATING). EM PORTUGAL PRATICAM-SE AS MODALIDADES DE HÓQUEI EM PATINS, PATINAGEM ARTÍSTICA E CORRIDAS DE PATINS

6 JUL 52 – Portugal vence o Campeonato do Mundo, disputado no Porto, com uma equipa de luxo: Emídio Pinto (considerado na Imprensa como o melhor guarda-redes do mundo), António Raio, Edgar Soares, Jesus Correia, Correia dos Santos, no cinco base, e ainda Cruzeiro no banco

6 JUN 54 – Portugal perde na final do Campeonato do Mundo com a Espanha, apesar de ser a equipa que melhor desempenho tem até ao jogo final. Até o melhor marcador é português: Perdigão, com 30 golos. Portugal queixa-se de má arbitragem

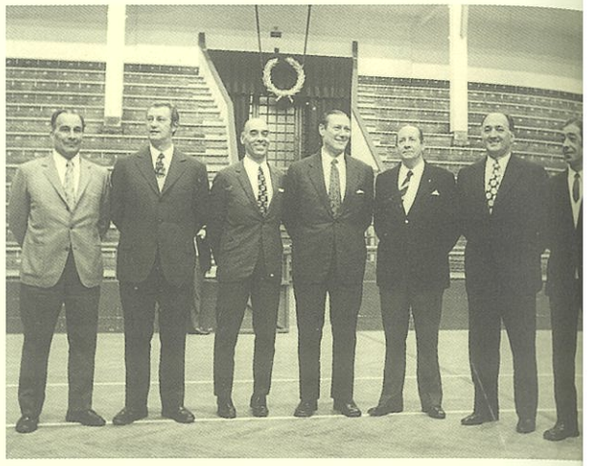
11 JAN 55 – Sidónio Serpa, seleccionador nacional, revela ao **Record** porque se demite. Com a entrada de nova direcção, fala-se da substituição do seleccionador, chegando-se a adiantar nomes. Porém, ninguém (do conselho técnico, ao presidente da federação) assume abertamente essa posição. Sidónio Serpa abandona a Federação, recusando colocar a hipótese de voltar: «A falta de lealdade não se esquece facilmente. Dói mais que as 'sticadas' e as boladas que se levam nos rinques»

11 ABR 55 – Portugal vence o Torneio de Montreux, ao bater a Itália por 5-1, com cinco golos de Cruzeiro, o jogador-maravilha do Benfica. Três dias depois, Jesus Correia tem a sua festa de homenagem, em Paço de Arcos. Porém, ainda passará muito tempo até que abandone os rinques

26 DEZ 55 – O Paço de Arcos sagra-se campeão nacional, com o seu avançado, Correia dos Santos, a ser o melhor marcador do campeonato, embelezando com golos o ocaso de uma equipa mítica

26 MAI 56 – Inicia-se no Porto o Campeonato do Mundo, que define também o campeão europeu (a melhor equipa europeia do torneio).

Campeonato do Mundo



O Campeonato Mundial de hóquei em patins inicia-se em 1936, sob o domínio absoluto dos ingleses, mas quando entra a década de 50 já é Portugal quem domina. A 28 de Maio de 1950 inicia-se mais uma edição, que os portugueses ganham ao derrotar a Itália no jogo decisivo, por 4-1, conseguindo, pela primeira vez, vencer quatro edições consecutivas. A base da equipa é a célebre formação do Paço de Arcos, onde jogam Emídio Pinto, Correia dos Santos e o famoso Jesus Correia. Em 1956, o Mundial realiza-se no Porto e pela última vez é, simultaneamente, campeonato europeu. Portugal inicia uma segunda série de quatro vitórias. Neste ano, a equipa liderada por Cruzeiro, fabuloso médio do Benfica, vence a Espanha no jogo decisivo por 1-0, com golo de Lisboa. A série completa-se em 1962, com um cinco onde já jogam Fernando Adrião e António Livramento, autênticas estrelas mundiais: no Chile, em Santiago, a selecção empata com Itália e Espanha, mas vence todos os outros jogos, o que lhe permite terminar com mais um ponto que o segundo. A partir desta altura, inaugura-se uma disputa renhida entre Portugal e Espanha, com ligeiro ascendente espanhol. É neste ritmo que a competição se mantém até ao fim dos anos setenta, altura em que Itália e Argentina passam a integrar o lote de candidatos ao título mundial.

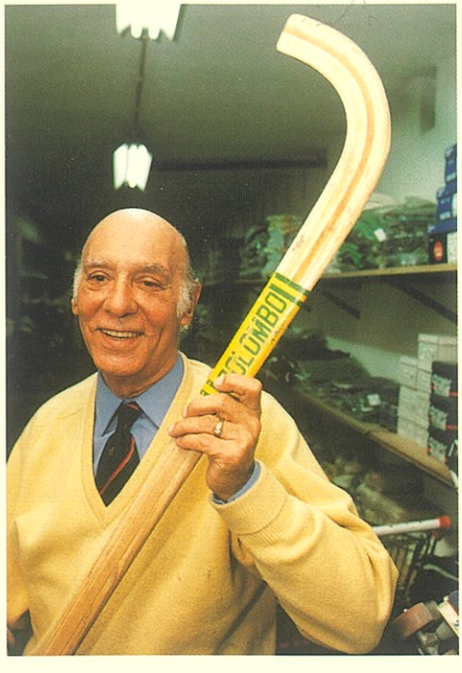
Desde a vitória em 1962, a equipa portuguesa só consegue ser campeã jogando em casa: 1968 e 1991 no Porto, 1974 em Lisboa e 1982 em Barcelos. Esta tradição é quebrada em 1993, no Mundial de Lodi e Bassano, em Itália A equipa portuguesa é treinada por Livramento e não conta com grandes estrelas. Na primeira fase da competição sofre até uma goleada, por 6-0, infligida pela Itália dos irmãos Mariotti. Mas, na final, Portugal ganha vantagem e a poucos minutos do fim vence por 3-2, quando Enrico Mariotti empata, a três golos. A vitória acaba por ser decidida nas grandes penalidades. Só um jogador consegue marcar, Filipe Santos, o primeiro português a atirar. Esse golo dá o 14º título a Portugal, selecção recordista de vitórias na competição.

△ Homenagem a uma grande equipa de pioneiros campeões do Mundo: Lopes, Sidónio, Jesus Correia, Olivério, Raio, Emídio e Correia dos Santos

▽ Tó Neves festejando um golo

Jesus Correia

O aparecimento de Jesus Correia no hóquei em patins confunde-se com o do clube onde sempre jogou: o Paço de Arcos. Quando o clube nasce, por iniciativa de um grupo de amigos seus, o popular Necas tem 15 anos. Joga nas reservas, onde o seu talento e os seus golos significam primeiros lugares nos regionais. Com 17 anos já integra a equipa sénior que disputa o campeonato nacional, embora perdendo-o para o Futebol Benfica por diferença de golos. Em 1943 chega finalmente ao título (relativo a 1942) e só com vitórias. Joseph Szabo, treinador de futebol do Sporting, aprecia-lhe os reflexos e a atitude: «este rapaz ser atleta ideal», diz. Acaba por levá-lo para o Sporting. Logo no primeiro treino, marca um golo a Azevedo. A partir daqui vive dividido entre os relvados e os rinques. Em Paço de Arcos querem obrigá-lo a decidir-se por uma das modalidades. Mas a qualidade do seu jogo fala mais alto e fica tudo na mesma. Jesus Correia ainda é campeão nacional por mais sete vezes. Estreia-se na selecção em 1945, num particular com a Suíça (6-1). Marca cinco golos. Dois anos depois, em 1947, é campeão da Europa e do Mundo, marcando 11 dos golos da equipa que dá o primeiro título mundial a Portugal e iniciando o seu ciclo de ouro: na época seguinte, no futebol, vence a Taça de Honra e é campeão; no hóquei é campeão regional e nacional e, em Março, campeão mundial e europeu, marcando em todos os jogos e tornando-se o melhor marcador da competição, com 21 golos.



E para acabar o ano de 1948 em beleza, joga na selecção nacional de futebol que ganha à Espanha, em Madrid, por 6-3. Marca tão-somente os seis golos portugueses. Nos anos seguintes vence, de novo no hóquei, mais 4 Mundiais e 4 Europeus (de 1936 a 1956 os campeões mundiais são automaticamente campeões europeus se pertencerem ao continente). Abandona em 1955, mas volta à competição no ano seguinte para ser campeão da Europa e do Mundo. Imagem do desportista exemplar, faz, ao todo, 128 jogos e mais de 200 golos com a camisola das quinas. Na década de 60 chega a seleccionador: vence dois Europeus mas falha o Mundial, em 1966, saindo logo de seguida. Vive toda a carreira dividido entre o hóquei e o futebol – integra os cinco violinos – repetindo sempre: «Hei-de chegar para as duas coisas.»

△ Em Montreux a beber vinho pela Taça que representa o título mundial. Atrás o portuense Ribeiro

▷ Inconfundível estilo, mesmo já veterano

▽ Com um stick na secção de hóquei do Sporting

Bilhete de Identidade

António de Jesus Correia
Paço de Arcos, 3 de Abril de 1924

Como jogador
CLUBES
Paço de Arcos

PALMARÉS
8 vezes campeão português 1942, 1944, 1945, 1946, 1947, 1948, 1953 e 1955 (Paço de Arcos)

SELECÇÃO A
6 vezes campeão do Mundo 1947, 1948, 1949, 1950, 1952 e 1956. Campeão da Europa 1947, 1948, 1949, 1950, 1952 e 1956

128J, 134 golos em jogos do campeonato do Mundo

Como treinador
CLUBES
Seixal

SELECÇÃO A
Seleccionador de 1963 a 1966. Campeão da Europa 1963 e 1965

A 12 de Junho, Portugal sagra-se campeão. A grande atracção não são os craques da equipa mas o grandioso Palácio dos Desportos, construído para substituir o belíssimo Palácio de Cristal (que foi, por isso, demolido). Em Setembro, com o início da nova época, algumas regras são alteradas. Os penaltis, por exemplo, passam a ser marcados directamente, sem possibilidade de o jogador avançar

22 ABR 57 – Termina o Torneio de Montreux (Taça Lusitânia). A Espanha vence. Na equipa portuguesa a grande estrela é Cruzeiro, jogador do Benfica

NOV 60 – Livramento estreia-se pela selecção principal durante a Taça Latina

25 MAI 63 – No Campeonato do Mundo, Portugal goleia os adversários: ao Japão inflige uma derrota por 28-0. Apesar disso, não é campeão

17 AGO 64 – Durante um aquecimento do jogo entre o Benfica e o Campo de Ourique, para o campeonato regional, António Livramento é atingido na cara por uma bola, ficando, por momentos, inanimado

22 FEV 65 – Pela primeira e única vez, uma equipa ultramarina, o Malhangalene, vence a Taça de Portugal, disputada no sistema de pontos. No último jogo vence o Porto por 6-1, apesar de já ter garantida a vitória devido ao empate entre o Benfica e o Vigorosa (5-5)

26 ABR 68 – No Mundial, Portugal estreia-se com uma vitória frente ao Japão por 26-1, com dez golos de Livramento. Neste Mundial joga o holandês Olthoff, um dos maiores hoquistas de sempre (já a jogar em Itália, vence o Stick de Ouro em 1970 e 1971)
▶

Campeonato da Europa

Campeões Mundiais

1949: Portugal, 1950: Portugal, 1951: Espanha,
1952: Portugal, 1953: Itália, 1954: Espanha,
1955: Espanha, 1956: Portugal, 1958: Portugal,
1960: Portugal, 1962: Portugal, 1964: Espanha,
1966: Espanha, 1968: Portugal, 1970: Espanha,
1972: Espanha, 1974: Portugal, 1976: Espanha,
1978: Argentina, 1980: Espanha, 1982: Portugal,
1984: Argentina, 1986: Itália, 1988: Itália,
1989: Espanha, 1991: Portugal, 1993: Portugal,
1995: Argentina, 1997: Itália, 1999: Argentina

Campeões Europeus

1949: Portugal, 1950: Portugal, 1951: Espanha,
1952: Portugal, 1953: Itália, 1954: Espanha,
1955: Espanha, 1956: Portugal, 1957: Espanha,
1959: Portugal, 1961: Portugal, 1963: Portugal,
1965: Portugal, 1967: Portugal, 1969: Espanha,
1971: Portugal, 1973: Portugal, 1975: Portugal,
1977: Portugal, 1979: Espanha, 1981: Espanha,
1983: Espanha, 1985: Espanha, 1987: Portugal,
1990: Itália, 1992: Portugal, 1994: Portugal,
1996: Portugal, 1998: Portugal

Taça dos Campeões Europeus

1966: Voltregá, 1967: Réus, 1968: Réus, 1969: Réus,
1970: Réus, 1971: Réus, 1972: Réus, 1973: Barcelona,
1974: Barcelona, 1975: Voltregá, 1976: Voltregá,
1977: Sporting, 1978: Barcelona, 1979: Barcelona,
1980: Barcelona, 1981: Barcelona, 1982: Barcelona,
1983: Barcelona, 1984: Barcelona, 1985: Barcelona,
1986: Porto, 1987: Liceo, 1988: Liceo, 1989: Noya,
1990: Porto, 1991: Barcelos, 1992: Liceo, 1993: Igualada,
1994: Igualada, 1995: Igualada, 1996: Igualada,
1997: Barcelona, 1998: Igualada, 1999: Igualada

Taça das Taças

1977: Oeiras, 1978: Oeiras, 1979: Oeiras,
1980: Giovinazzo, 1981: Sporting, 1982: Porto,
1983: Porto, 1984: Réus, 1985: Sporting,
1986: Sanjoanense, 1987: Barcelona, 1988: Lodi,
1989: Lodi, 1990: Liceo, 1991: Sporting, 1992: Roller
Monza, 1993: Barcelos, 1994: Voltregá, 1995: Roller
Monza, 1996: Liceo

Taça CERS

1981: Sesimbra, 1982: Liceo, 1983: Vercelli,
1984: Sporting, 1985: Novara, 1986: Tordera,
1987: Lodi, 1988: Vercelli, 1989: Vercelli,
1990: Seregno, 1991: Benfica, 1992: Novara,
1993: Novara, 1994: Porto, 1995: Barcelos, 1996: Porto,
1997: Oliveirense, 1998: Noya, 1999: Liceo

Na primeira metade da década de 50, os campeonatos europeus coincidem com os mundiais. Em 1957 realizam-se, pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial, as duas competições em separado. A partir daqui passam a ser intercaladas. As décadas de 60 e 70 são totalmente dominadas por Portugal, assente na genialidade de Fernando Adrião, primeiro, e de António Livramento, depois. Esta equipa tem um ciclo de nove títulos, apenas interrompido pela Espanha em 1969, em Lausana. O domínio português volta nos anos noventa, com quatro títulos consecutivos. Portugal é a selecção com mais vitórias, um total de 20. A Espanha, a grande rival, possui apenas nove e a Inglaterra é segunda em títulos conquistados, com 12 ganhos consecutivamente desde a primeira edição.

Taças Europeias

Depois de anos e anos sem conseguir vencer a única competição europeia de clubes existente, a Taça dos Campeões, os portugueses entram na galeria dos vencedores com uma dupla jornada de glória. É no dia 18 de Junho de 1977: o Sporting discute o título com o Vilanova. Na primeira mão, venceu por 6-0, em Alvalade. Agora, em Espanha, o Vilanova põe-se em vantagem, marcando primeiro, mas o Sporting, a jogar para ganhar, dá a volta ao marcador e lidera até final, cilindrando o adversário. Vence por 6-3, com golos de Sobrinho, depois Chana (dois), Livramento, de novo Sobrinho e Rendeiro a fechar. O treinador espanhol é um homem resignado: «Jogámos ao ataque mas sabia que não tínhamos hipóteses de ganhar a um campeão tão forte (...).» No mesmo dia, o Oeiras vence a primeira Taça das Taças, frente ao Areniz de Munt. Os portugueses têm de recuperar dois golos (perderam por 4-2). Conseguem-no a dois minutos do fim, com um golo de Carvalho a fazer um novo 4-2. Nas grandes penalidades vencem por 3-2. O Oeiras volta a vencer esta competição nos dois anos seguintes, em que as vitórias portuguesas são tantas quantas as estrangeiras juntas (dez). Na Taça dos Campeões, o Porto é a equipa nacional com mais vitórias (duas).
Na Taça CERS, criada em 1980, as equipas portuguesas contam sete vitórias.

Δ Portugal campeão europeu pela segunda vez

Δ Sporting campeão europeu: Sobrinho, Livramento, Chana, Jorge, Garrido, treinador Torcato Ferreira (em pé), Carlos Alberto, Carmelino, Ramalhete e Rendeiro (em baixo)

Equipa maravilha de 1977

A temporada de 1966/67 assiste ao aparecimento de uma fabulosa equipa do Sporting, autêntico «dream-team» do hóquei. Com Ramalhete, Rendeiro, Sobrinho, Chana e Livramento, treinados por Torcato Ferreira, consegue vencer a Taça dos Campeões europeus ingloriamente perseguida pelos portugueses desde 1965, ano em que foi criada. Ganho este troféu, os mesmos jogadores, agora com as cores nacionais, sagram-se campeões europeus perante a Espanha. Esta equipa, virtualmente invencível, resulta do encontro dos melhores hoquistas portugueses do momento treinados pelo melhor técnico português de sempre. Livramento é ainda o grande artista, refinado pela experiência dos anos.

Chana é o goleador nato e a coqueluche do grupo. É ele quem convence Livramento a jogar no Sporting. Natural do Monte Estoril, é o filho pródigo da fábrica de hoquistas que é nesta altura a Salesiana. Vencedor e melhor marcador (26 golos) do Europeu de Juniores em 1971, ruma a Avalade, onde ganha cinco campeonatos – quatro deles seguidos, de 1975 a 1978 –, duas Taças de Portugal (1976 e 1977) e uma Taça das Taças (1981). Na final da Taça dos Campeões, em 1977, marca metade dos 12 golos com que o Sporting cilindra o Vilanova. Com a selecção, vence três Europeus e dois Mundiais. Em 1978, com 25 anos, é nomeado jogador-treinador do Sporting substituindo Torcato Ferreira. Retira-se em 1982, com 117 jogos e 226 golos pela selecção.

Júlio Rendeiro, campeão europeu por cinco vezes e mundial noutras duas, é o capitão. Nascido em 1942, no Porto, começa no Infante Sagres em 1954, e é campeão metropolitano em 1971, marcando o golo da vitória na final, frente à Salesiana. Licenciado em Engenharia, alia à qualidade do jogo uma presença carismática, que o torna capitão incontestado quer do Sporting, onde chega na época de 1972, quer da selecção. É campeão nacional três vezes e vencedor da Taça de Portugal em 1977. Depois do Europeu de 1977 abandona, para ser seleccionador. Leva a Selecção à vitória no Mundial 82, com Livramento a treinador. É internacional 153 vezes e marca 112 golos.

António Ramalhete é o guarda-redes. Inicia-se no Benfica aos 10 anos. Com 17, ascende à equipa principal e vence seis campeonatos. Em 1974 transfere-se para o Sporting. Em Alvalade é campeão de 1975 a 1977. Irradiando classe por onde passa, volta para o Benfica logo a seguir à vitória na Taça dos Campeões e ainda ganha mais três títulos. Regressa ao Sporting para vencer o campeonato de 1982 e a Taça em 1984, tornando-se recordista de vitórias em provas nacionais (20). Vence sete Taças de Portugal, seis das quais consecutivas. Em 1984 capitaneia o Sporting até à vitória na Taça CERS e, no ano seguinte, na Taça das Taças. É internacional 206 vezes, campeão do Mundo em 1974 e 1982 e da Europa por quatro vezes consecutivas. Retira-se em 1986, aos 38 anos.

Sobrinho inicia-se na Salesiana em 1963. Sai para o Sporting em 1974, onde ganha cinco campeonatos, duas Taça de Portugal, uma Taça das Taças e a Taça dos Campeões (marca dois golos na final). Natural de Cascais, João Sobrinho disputa a primeira grande competição internacional em 1976: o Mundial em Oviedo, onde Portugal fica em terceiro. Pela selecção é campeão europeu em 1977 e mundial em 1982. Possui um palmarés de 89 jogos e 81 golos marcados ao serviço da selecção.

Estrela de brilho intenso, mas fugaz, esta equipa desfaz-se tão rapidamente como se tinha formado, deixando na memória a nostalgia dos tempos áureos do hóquei.

Δ Ramalhete, Chana, Sobrinho e Rendeiro: o complemento ideal para o grande Livramento, a garantia de composição de um «dream team» no hóquei em patins

▶

20 JUL 74 – Inicia-se o Mundial de hóquei em Lisboa, inicialmente previsto para Luanda, onde não pôde ser realizado devido a convulsões políticas

23 NOV 80 – Noticia-se a eleição de Cristiano melhor jogador do Mundial. Chana é o melhor marcador

27 JUN 81 – O Sesimbra conquista a Taça CERS na primeira edição da prova, frente ao Eickans, da Holanda, por 4-3 (no conjunto das duas mãos)

16 MAI 82 – Chana é eleito melhor jogador do Europeu de 1982

24 JUL 82 – Na primeira mão da final da Taça das Taças, o Porto vence o Sporting por 13-4, com nove golos de Vítor Hugo. Mesmo perdendo na segunda mão (8-7), o Porto é ganha a competição

22 MAI 84 – Em jogo da Taça de Portugal, o Sporting bate o Benfica por 12-4. Como tinha perdido na primeira mão por 8-1, apura-se com um resultado final de 13-12. Na final, ganha ao Porto, por 14-13 (duas mãos)

28 JUN 86 – O Porto vence a Taça do Campeões, pondo fim a oito anos de domínio do Barcelona. Na final, derrota o Novara, de Dal Lago, o Turbo (dois golos), e Mariotti, por 7-5, na segunda mão, em Itália

▶

Campeonato Nacional

Campeões Nacionais

1949: Hóquei de Sintra, 1950: Hóquei de Sintra, 1951: Benfica, 1952: Benfica, 1953: Paço de Arcos, 1954: Campo de Ourique, 1955: Paço de Arcos, 1956: Benfica, 1957: Benfica, 1958: Hóquei de Sintra, 1959: Hóquei de Sintra, 1960: Benfica, 1961: Benfica, 1962: Ferroviário, 1963 (não se realiza), 1964 (não se realiza), 1965: CUF, 1966: Benfica, 1967: Benfica, 1968: Benfica, 1969: Desportivo de Lourenço Marques, 1970: Benfica, 1971: Desportivo de Lourenço Marques, 1972: Benfica, 1973: Desportivo de Lourenço Marques, 1974: Benfica, 1975: Sporting, 1976: Sporting, 1977: Sporting, 1978: Sporting, 1979: Benfica, 1980: Benfica, 1981: Benfica, 1982: Sporting, 1983: Porto, 1984: Porto, 1985: Porto, 1986: Porto, 1987: Porto, 1988: Sporting, 1989: Porto, 1990: Porto, 1991: Porto, 1992: Benfica, 1993: Barcelos, 1994: Benfica, 1995: Benfica, 1996: Barcelos, 1997: Benfica, 1998: Benfica, 1999: Porto

Taça de Portugal

1963: Benfica, 1964: Malhangalene, 1976: Sporting, 1977: Sporting, 1978: Benfica, 1979: Benfica, 1980: Benfica, 1981: Benfica, 1982: Benfica, 1983: Porto, 1984: Sporting, 1985: Porto, 1986: Porto, 1987: Porto, 1988: Porto, 1989: Porto, 1990: Sporting, 1991: Benfica, 1992: Barcelos, 1993: Barcelos, 1994: Benfica, 1995: Benfica, 1996: Porto, 1997: Oliveirense, 1998: Porto, 1999: Porto

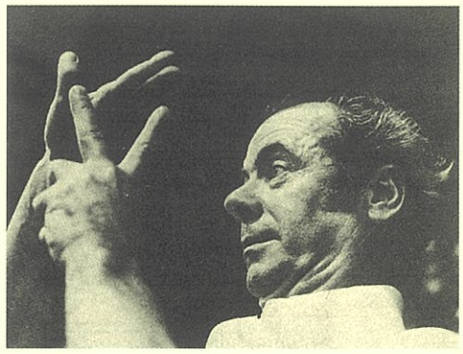
Supertaça

1983: Sporting, 1984: Porto, 1985: Porto, 1986: Porto, 1987: Porto, 1988: Porto, 1989: Porto, 1990: Porto, 1991: Porto, 1992: Porto, 1993: Benfica, 1994: Barcelos, 1995: Benfica, 1996: Porto, 1997: Benfica, 1998: Porto, 1999: Barcelos

Até aos anos 50, o campeonato é dominado em primeiro lugar pelo Futebol Benfica, o popular Fofó, e depois pelo Paço de Arcos. Em 1951, o Benfica ganha pela primeira vez, iniciando uma carreira de ouro. Nos anos 60, dando expressão à superioridade que o hóquei laurentino consegue desenvolver, o Ferroviário chega à vitória em 1962. Até 1964 a competição é interrompida e, no recomeço, em 1965, é a CUF que vence, mas o Benfica é já o clube mais forte. Com Torcato Ferreira, a treinador, e Livramento, os encarnados dominam, incomodados apenas pelo Desportivo de Lourenço Marques, que vence em 1969, 1971 e 1973. A década de 70 é marcada pela equipa do Sporting, que, orientada por Torcato Ferreira, entretanto saído do Benfica, é campeã quatro anos seguidos. Depois o Benfica volta à ribalta com o regresso do «mestre». Nos anos 80 o Porto domina, vencendo oito vezes, apoiado no prodígio Vítor Hugo. Já na década de 90, o Benfica volta a ensaiar um domínio perdido.

△ Vítor Hugo com o controlo da bola no Benfica-Porto (4-3), em Março de 1992

Torcato Ferreira



A época mais fulgurante do hóquei português está ligada a um nome: Torcato Ferreira. Inicia-se no hóquei no histórico Futebol Benfica, chegando a treinador. Em 1957 transfere-se para o Benfica, onde fica 14 anos. Na década de 70 ruma a Alvalade. Aí orienta a grande equipa de 1977, ao mesmo tempo o cinco titular do Sporting e da selecção (campeã europeia), e com a qual ganha o título perseguido ingloriamente no Benfica, a Taça dos Campeões Europeus. O «mestre do hóquei» é o responsável pelo desenvolvimento técnico e táctico da modalidade. Homem muito calmo, sobressai pela amabilidade e dedicação que coloca no trabalho. Paralelamente aos clubes, onde ganha 14 campeonatos (os últimos sete seguidos), treina as selecções, iniciando-se nos anos 60 com os juniores e depois os seniores em 1971. Vence quatro Europeus consecutivos (o primeiro como treinador de campo) e um Mundial, em 1974. Morre a 2 de Agosto de 1985, depois de salvar o modesto Famalicense da descida à II Divisão.

◁ As últimas indicações para o título de campeão europeu ser alcançado em 1977

◁ Acompanhado dos jogadores, posa com a Taça da Europa no aeroporto de Lisboa

◁ A dar indicação para o recinto de jogo

Bilhete de Identidade

Torcato Borges Dias Ferreira
Lisboa, 24 de Janeiro de 1920
Falecido em Lisboa a 2 de Agosto de 1985

Como jogador
CLUBES – Futebol Benfica

Como treinador
CLUBES – Futebol Benfica, Benfica, Sporting, Famalicense

PALMARÉS – 14 vezes campeão português 1957, 1960, 1961, 1966, 1967, 1968, 1970 (Benfica), 1975, 1976, 1977, 1978 (Sporting), 1979, 1980 e 1981 (Benfica). Taça de Portugal 1963 (Benfica), 1976, 1977 (Sporting), 1979, 1980, 1981 e 1982 (Benfica). Taça dos Campeões Europeus 1977 (Sporting)

SELECÇÃO A – Seleccionador de 1973 a 1978. Campeão mundial 1974. Campeão europeu 1971*, 1973, 1975 e 1977

* Como treinador de campo

Taça de Portugal

A Taça de Portugal inicia-se em 1963, com a vitória do Benfica sobre o Oeiras por 6-2. No ano seguinte, única vez na história da prova, uma equipa ultramarina vence o troféu: o Malhangalene, dos irmãos José e Fernando Adrião. A prova é interrompida até 1976. No recomeço, o Sporting ganha duas edições, frente ao Oeiras, finalista crónico, seguindo-se um «reinado» do Benfica, com cinco vitórias consecutivas. Curiosamente, nas primeiras seis edições depois do interregno, o vencedor tem sempre na baliza o guarda-redes Ramalhete, autêntico coleccionador de títulos. As edições seguintes são marcadas por algumas polémicas. Na Taça de 1981/82, nas meias-finais, os jogadores leoninos são agredidos nas Antas, e Sobrinho tem mesmo de ir ao hospital receber assistência. Os portistas ganham, mas o Sporting protesta o jogo. O processo arrasta-se durante meses e o Porto disputa mesmo a final, que perde ante o Benfica. Apesar das polémicas, os portistas iniciam um domínio que se mantém até aos anos 90, altura em que a equipa liderada por Vítor Hugo se desfaz, permitindo o surgimento de novos vencedores.

JUN 91 – As equipas portuguesas vencem todas as competições europeias: o O. C. Barcelos vence a Taça dos Campeões, o Benfica a Taça CERS, o Sporting a sua terceira Taça das Taças

14 DEZ 91 – Morre Sidónio Serpa, antiga glória do hóquei e seleccionador nacional

29 JUL 99 – Após ter abandonado a prática da modalidade em 1995, o Sporting anuncia que volta a ter uma equipa de hóquei em patins

Fernando Adrião

O aparecimento deste laurentino na selecção acontece após o falhanço no Europeu de 1957. Emídio Pinto, pioneiro do hóquei e das vitórias, é o seleccionador e rígido defensor da mentalidade profissional. Para criar uma selecção forte recorre a Lourenço Marques. Autêntico patrão da equipa, Fernando Adrião conduz Portugal à vitória em quatro dos cinco Mundiais em que participa e quatro Europeus seguidos (1959 a 1965), entregando o testemunho à geração de Livramento. A 12 de Maio de 1968 abandona o hóquei. Porém, poucos anos depois volta a competir e ainda é, de novo, campeão mundial, em 1974.

Bilhete de Identidade

Fernando Amaral Adrião
Lisboa, 9 de Março de 1939

Como jogador
CLUBES – Malhangalene, Desp. Lourenço Marques
PALMARÉS – Campeão português 1973 (Lourenço Marques). Taça de Portugal 1964 (Malhangalene)
SELECÇÃO A – 5 vezes campeão mundial 1958, 1960, 1962, 1968 e 1974. Campeão europeu 1959, 1961, 1963 e 1965. 122J, 135 golos
Como treinador
CLUBES – Malhangalene, Desportivo Lourenço Marques, Cascais, Alenquer e Benfica, Académica da Amadora
PALMARÉS – Campeão nacional 1971 (Desp. Lourenço Marques)

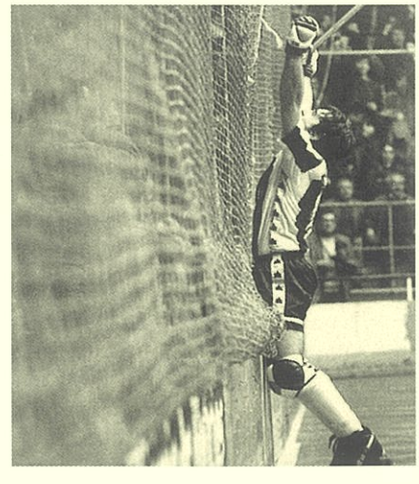
Vítor Hugo

Em 1978 a Académica de Espinho desloca-se a Oviedo. O treinador Vladimiro Brandão leva um «miúdo» de 14 anos. A viagem deve servir de estímulo, mas quando os espanhóis o vêem a treinar com os seniores convencem Vladimiro a utilizá-lo no jogo com o Porto. O jovem é Vítor Hugo. Faz um jogo espectacular contra campeões do Mundo. O público, de pé, presta-lhe a ovação da noite. Acabara de nascer o Livramento de Espinho. Três anos mais tarde está no Porto, pronto para uma carreira excepcional. Depois de se retirar, a par do exercício da medicina, orienta a equipa do Porto e é quem indica Livramento, o sucessor, aos dirigentes portistas.

Bilhete de Identidade

Vítor Hugo Barbosa Carvalho da Silva
Espinho, 4 de Abril de 1963

Como jogador
CLUBES – Académica de Espinho, Porto, Novara
PALMARÉS – 8 vezes campeão nacional 1983, 1984, 1985, 1986, 1987, 1989, 1990 e 1991 (Porto). Campeão de Itália 1988 (Novara). Taça de Portugal 1983, 1985, 1986, 1987 e 1989 (Porto). Taça de Itália 1988 (Novara). Supertaça portuguesa 1983, 1984, 1985, 1986, 1988, 1989, 1990 e 1991. Taça dos Campeões 1986 e 1990 (Porto). Supertaça europeia 1987 (Porto). Taças das Taças 1982 e 1983 (Porto)
SELECÇÃO A – Campeão do Mundo 1991. Campeão da Europa 1987 e 1992. Melhor marcador do Mundial 1988 e Europeu 1987. 148 Jogos, 256 golos
Como treinador
CLUBES – Porto. PALMARÉS – Taça de Portugal 1996. Taça CERS 1996. Supertaça 1996



Hóquei em campo

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE HÓQUEI É FUNDADA EM 9 DE JUNHO DE 1948 E ADQUIRE O ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA EM 11 DE DEZEMBRO DE 1993. EM 1998 TEM 913 FILIADOS. O HÓQUEI EM CAMPO É MODALIDADE OLÍMPICA

Campeonatos do Mundo

Taça do Mundo
Masculinos
1971: Paquistão, 1973: Holanda, 1975: Índia, 1978: Paquistão, 1982: Paquistão, 1986: Austrália, 1990: Holanda, 1994: Paquistão, 1998: Holanda

Femininos
1974: Holanda, 1976: República Federal da Alemanha, 1978: Holanda, 1981: República Federal da Alemanha, 1983: Holanda, 1986: Holanda, 1990: Holanda, 1994: Austrália, 1998: Austrália

Campeonato Nacional

50/51: CF Benfica, 51/52: Porto, 52/53: CF Benfica, 53/54: CF Benfica, 54/55: Ramaldense, 55/56: CF Benfica, 56/57: Ramaldense, 57/58: Ramaldense, 58/59: CF Benfica, 59/60: Ramaldense, 60/61: Ramaldense, 61/62: Porto, 62/63: Ramaldense, 63/64: Porto, 64/65: Ramaldense, 65/66: Ramaldense, 66/67: Ramaldense, 67/68: Porto, 68/69: Porto, 69/70: Ramaldense, 70/71: Ramaldense, 71/72: Ramaldense, 72/73: Ramaldense, 73/74: Ramaldense, 74/75: Ramaldense, 75/76: Porto, 76/77: Ramaldense, 77/78: Ramaldense, 78/79: CF Benfica, 79/80: Ramaldense, 80/81: Ramaldense, 81/82: Ramaldense, 82/83: Ramaldense, 83/84: Ramaldense, 84/85: Ramaldense, 85/86: Ramaldense, 86/87: Benfica, 87/88: Ramaldense, 88/89: Ramaldense, 89/90: Ramaldense, 90/91: GD Viso, 91/92: GD Viso, 92/93: União Lamas, 93/94: União Lamas, 94/95: AD Lousada, 95/96: Lousada, 96/97: SC Porto, 97/98: GD Viso, 98/99: Ramaldense

Taça de Portugal

78/79: CF Benfica, 79/80: Porto, 80/81: CF Benfica, 81/82: Benfica, 82/83: Ramaldense, 83/84: Ramaldense, 84/85: Ramaldense, 85/86: Ramaldense, 86/87: Benfica, 87/88: Ramaldense, 88/89: União Lamas, 89/90: –, 90/91: Ramaldense, 91/92: União Lamas, 92/93: GD Viso, 93/94: SC Porto, 94/95: Hockey Club Portugal, 95/96: AD Lousada, 96/97: SC Porto, 97/98: SC Porto

Campeonato Nacional Indoor

93/94: Académica Espinho; 94/95: Académica Espinho; 95/96: Académica Espinho; 96/97: SC Porto; 97/98: SC Porto; 98/99: Académica Espinho; 98/99: Académica Espinho

Lusos melhores na sala

Em Portugal, o hóquei regista duas disciplinas, em campo e «indoor», este também conhecido como hóquei de sala, praticado deste 1976, mas cujas competições oficiais datam de 1993, com os campeonatos de seniores.

Ao conseguir em 1977 o apuramento para a fase final do Campeonato Europeu de Sub-21, na Itália, Álvaro Rocha assinala o ponto alto de Portugal no hóquei em campo. A presença constante de equipas nacionais na Taça dos Clubes Campeões Europeus é também um dado digno de registo.

É no hóquei «indoor» ou de sala que as cores lusitanas mais têm brilhado internacionalmente. A medalha de ouro da Taça dos Clubes Campeões Europeus é alcançada pela Associação Académica de Espinho em 1996 (Divisão C), em Sófia (Bulgária), e a selecção obtém o segundo lugar no Europeu de seniores masculinos, realizado no Pavilhão Rosa Mota em Janeiro de 1999, classificação que permite a subida à Divisão A.

Pedro Teixeira da Silva é reconhecido pela FIH (Federação Internacional de Hóquei) como árbitro internacional e pré-olímpico. Tem actuado inúmeras vezes em finais de torneios internacionais e europeus da Divisão A.

A primeira presença acontece em 1993, ano em que as equipas do União de Lamas e Viso são distinguidas com a Taça Fair-Play durante as participações na Taça das Taças e Taça dos Campeões, respectivamente. Os resultados só não são melhores devido à falta de campos sintéticos (existem dois), obrigatórios nas competições internacionais.

Os anos 90 conhecem também o primeiro caso de doping em Portugal: João Baptista, do Ramaldense, é suspenso por um ano por acusar utilização de substâncias dopantes num jogo da Taça dos Clubes Campeões Europeus.

A nível mundial, a Índia detém a hegemonia mundial durante décadas. A partir de 1960 a competição torna-se mais equilibrada, com a Austrália, o Paquistão e a Holanda a discutirem entre si os títulos mundiais. Nos anos 90 a Holanda domina: consegue duas Taças do Mundo e a medalha de ouro em Atlanta. A sua maior estrela é Floris Van Bovelander, o «Flo Bo», um terrível marcador de golos, que consegue rematar a bola a mais de 200 quilómetros por hora. Em Atlanta, marca os dois golos que dão à Holanda a vitória sobre a Espanha na final olímpica. Neste jogo perfaz a sua 254ª internacionalização. Em femininos, a Austrália e a Holanda são as grandes potências.

Os anfíbios

As competições de hovercraft surgem em Portugal em 1989, por iniciativa de um grupo de amigos, possuidores de veículos anfíbios. Dada a existência de apenas quatro hovercrafts, são fundamentais os convites a federações estrangeiras para promover e expandir a modalidade. Desde 1992, disputa-se anualmente o Campeonato Nacional, composto por oito a dez provas realizadas em diversas cidades do País.

Carlos dos Santos ganha o primeiro, composto por quatro provas, todas disputadas na região norte pelo facto de os pilotos amadores serem do Porto. José de Freitas sagra-se tri-campeão nos anos seguintes (1993 a 1995).

Em 1996, os campeonatos dividem-se em duas classes, Fórmula 1 (mais potente) e Fórmula 2. José Carvalho (F1) e Pedro Santos (F2) são os vencedores em 1998.

Lança Araújo, campeão de 1997 em F2, consegue chegar ao oitavo lugar no Mundial, disputado em França. Em 1998, na Holanda, fica em quarto na primeira prova do Europeu, mas desiste nas provas seguintes por falta de apoios financeiros e perde a liderança da classe F1 no Nacional. Michele Scanavino, já vencedor do Mundial 97, passa a bicampeão do mundo em F1. O italiano junta o nome aos expoentes máximos da F1, os ex-campeões Andreas Feulner (Alemanha), Magnus Ivanoff (Suécia) e Walter Vogl (Alemanha), em F2.

Hovercraft

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE HOVERCRAFT É FUNDADA A 16 DE MAIO DE 1991, COM SEDE NO PORTO. A 11 DE MARÇO DE 1998, É-LHE ATRIBUÍDO O ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA DESPORTIVA. ALÉM DA FEDERAÇÃO, EXISTEM TRÊS ENTIDADES LIGADAS À MODALIDADE: A ASSOCIAÇÃO DE HOVERCRAFT DE VISEU, O CLUBE DE HOVERCRAFT DO CARTAXO E O CLUBE DE HOVERCRAFT DE ALCOCHETE

«Offshore» rende

Motivo de grande disputa, por ser a modalidade náutica motorizada que mais praticantes atrai (existe um diferendo entre as federações de jet ski e motonáutica), o jet ski possui em Portugal uma competição de bom nível, que lhe permite ter já alguns pilotos entre os melhores do Mundo. David Torres, campeão nacional de «offshore» em 1997 e 1998, é campeão mundial na classe geral «superstock». Jorge Leitão, campeão nacional de «runabout limited» em 1995 e «runabout» (todas as classes) em 1997, sagra-se, em 1994, campeão europeu em «limited».

Jet Ski

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE JET SKI É FUNDADA A 12 DE FEVEREIRO DE 1993 PELO MOTOR CLUBE DE BARCELOS, MOTO CLUBE DE VIANA DO CASTELO E VITÓRIA SPORT CLUBE DE BARCELINHOS. NO ANO DA FUNDAÇÃO, CONTA COM 60 PRATICANTES. EM 1998, SÃO 200 OS INSCRITOS. TEM UM ORÇAMENTO DE 148 MIL CONTOS (738 221 EUROS). PRATICAM-SE AS ESPECIALIDADES DE «CLOSED COURSE» (BÓIAS EM CIRCUITO FECHADO), «OFFSHORE» (RAIDES) E «ENDURANCE» (RESISTÊNCIA)

Judo

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE JUDO É FUNDADA A 28 DE OUTUBRO DE 1959, ACOMPANHANDO O SALTO QUALITATIVO DA MODALIDADE REGISTADO COM A CHEGADA DO MESTRE JAPONÊS KYOSHI KOBAYASHI A PORTUGAL. A FEDERAÇÃO É RESPONSÁVEL PELA ORGANIZAÇÃO DE TODAS AS PROVAS NACIONAIS, COMO O CASO DOS CAMPEONATOS NACIONAIS FEMININO, MASCULINO E DE EQUIPAS, A TAÇA DE PORTUGAL E A TAÇA KOBAYASHI (ESTA JÁ DE NÍVEL INTERNACIONAL). A FEDERAÇÃO, QUE É MEMBRO DA CONFEDERAÇÃO DA UNIÃO EUROPEIA DE JUDO E DA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE JUDO, CONGREGA (SEGUNDO NÚMEROS DE 1998) 8386 ATLETAS

JUL 51 – É criada a Federação Internacional de Judo no Congresso da União Europeia de Judo

1952 – O japonês Risei Kano é nomeado presidente da FIJ durante o congresso da Federação, na Suíça

MAI 56 – Realiza-se o primeiro Mundial de Judo, em Tóquio. Participam nesta primeira edição 31 judocas originários de 21 países

AGO 60 – O judo é admitido como modalidade olímpica oficial durante a 57ª sessão da FIJ, em Roma

1964 – Durante os Jogos Olímpicos de Tóquio, são disputados os primeiros combates de judo da história das Olimpíadas

1972 – O judo é admitido como modalidade olímpica em Munique

1976 – Ano do primeiro Campeonato do Mundo de juniores

1980 – Realiza-se o primeiro Mundial feminino, em Nova Iorque

1988 – O judo feminino estreia-se como modalidade de apresentação nos Jogos Olímpicos de Seul

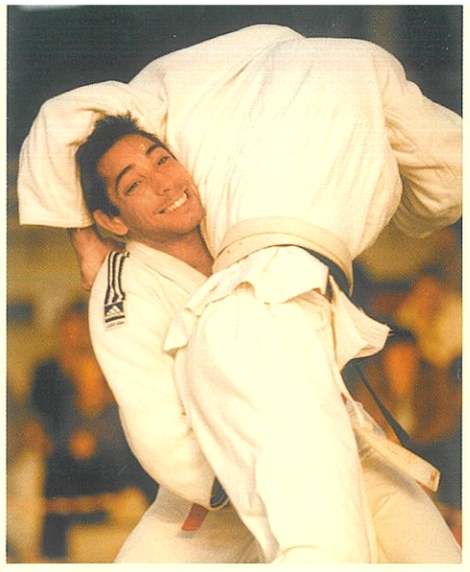
17 NOV 91 – Filipa Cavalleri sagra-se vice-campeã europeia de Juniores, no campeonato de Pieksamaki (Finlândia)

1992 – O judo feminino entra no calendário dos Jogos de Barcelona

SET 98 – Miguel Galhardas vence o VII Campeonato da União Europeia, na Madeira, em –60 kg

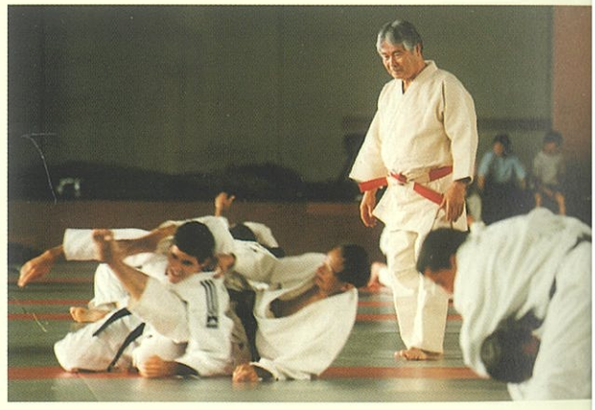
DEZ 98 – Guilherme Bentes sagra-se campeão do Mundo universitário, em Praga, em –73 kg

Via da leveza



O judo é inventado no Japão pelo mestre Jigoro Kano (1860-1938) e é baseado no jujitsu, arte marcial japonesa ancestral praticada pelos samurais do Japão feudal. Jigoro Kano abre a primeira escola de judo em Tóquio, no princípio da década de 80 do século XIX. O papel de Jigoro Kano na origem do judo (ou «via da leveza») não se limita à sua criação. O mestre japonês empenha-se a fundo na expansão e divulgação desta disciplina e com tão bons resultados que em 1918 abre em Londres a primeira escola de judo da Europa, a Budokwai, dirigida por outro japonês, discípulo de Kano, Gunji Koizumi.
Desportivamente, o primeiro campeonato realizado na Europa decorre em 1926 e coloca frente a frente uma selecção da Alemanha contra uma equipa da Budokwai.
Actualmente, o judo é o desporto nacional do Japão, praticado a nível escolar até à universidade. Paralelamente, é modalidade olímpica desde os Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964.

Kyoshi Kobayashi



Apesar de algumas pequenas demonstrações no princípio do século, é só em meados da década de 50 que o judo conhece um princípio de real desenvolvimento em Portugal. Os primeiros mestres de judo em Portugal são o francês Henri Bouchend'homme, o suíço Antony Striker e o português António Rocha, que congrega um pequeno grupo de interessados da modalidade em Almada. No entanto, o nível destes instrutores é relativamente baixo e a sua área de acção é localizada. Mas tudo muda com a chegada do mestre Kyoshi Kobayashi, em 1958. O mestre Kobayashi é um japonês que vem para Portugal no âmbito de um intercâmbio promovido pelo Instituto Nacional de Educação Física (INEF). A vinda de Kobayashi é determinante para a evolução do judo em Portugal, já que o mestre japonês tem a graduação de 6º Dan, que coloca o seu nível a anos-luz de tudo o que existe no Ocidente na década de 50. Portugal não é excepção, pois os mestres mais graduados no nosso país não ultrapassam o 1º Dan, como é o caso de Bouchend'homme.
A influência do mestre japonês espalha-se por todo o País, à medida que cresce uma vaga de interesse à volta do judo, muito por «culpa» das demonstrações promovidas por Kyoshi Kobayashi. Por outro lado, o mestre nipónico também começa a dar aulas um pouco por todo o País, o que acaba por contribuir definitivamente para a divulgação da modalidade.
A ligação de Kobayashi à Federação Portuguesa de Judo efectiva-se em 1959, quando assume o cargo de director técnico (no final de 1999 ainda colabora nos exames técnicos para passagem de graduação), cargo que acumula com o de director técnico da União Europeia de Judo – EJU – até 1965.
Kyoshi Kobayashi passa por diversos países como os EUA, Canadá, Brasil, Egipto, Inglaterra, França, Bélgica, Alemanha e Islândia, sempre em prol da expansão da modalidade. Em 1967 é criada a Taça Kyoshi Kobayashi, em reconhecimento do trabalho do mestre nipónico. Esta prova ganha contornos internacionais em 1994, consolidando esse estatuto em 1998 e 1999.

Filipa Cavalleri

É redundante dizer que Filipa Cavalleri é uma das mais experientes e cotadas judocas nacionais. Oito vezes campeã nacional de seniores entre 1990 e 1998, Filipa marca uma época no judo português.

A atleta lisboeta começa a dar nas vistas internacionalmente quando conquista o segundo lugar no Europeu de Juniores, em 1991. No ano seguinte, na sua primeira participação em jogos olímpicos, em Barcelona, consegue o sétimo lugar da geral. Em 1993 e 1994 fica em quinto lugar no Europeu e em 1995 obtém um terceiro lugar no Mundial de Tóquio, resultado que assinala a primeira medalha mundial de judocas portugueses seniores. Uma atleta vocacionada para resultados históricos, já que, em 1991, também é a primeira a sagrar-se vice-campeã europeia. Participa nos Jogos de Atlanta e nos Europeus de Bratislava sem resultados de vulto, muito por culpa de sucessivas lesões.

Bilhete de Identidade

Filipa Lopes Celestino Soares Cavalleri
Lisboa, 6 de Dezembro de 1973

Como atleta
CLUBES
Algés e Dafundo

PALMARÉS
3ª no Mundial 1991. 7ª nos Jogos Olímpicos 1992. 5ª nos Europeus 1993 e 1994. 8 vezes campeã nacional 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997 e 1998. Participação nos Jogos Olímpicos 1996. Vice-campeã europeia de juniores 1991

23 MAI 99 – Nuno Delgado sagra-se Campeão Europeu de Judo, em –81 kg. Paula Saldanha vence a medalha de prata em 52 kg

JUL 99 – Nuno Delgado e Paula Saldanha atingem o primeiro lugar do Ranking Europeu de Judo da UEJ (União Europeia de Judo), nas respectivas categorias

Paula Saldanha

Paula Saldanha consolida o estatuto de atleta mais medalhada do judo português ao arrebatar a medalha de prata no Campeonato da Europa de Bratislava, em 1999. Inicia a prática do judo aos 7 anos, no núcleo da Direcção Regional de Desporto da Madeira. Aos 12 anos ingressa no Sporting Clube Madeira, com o irmão Manuel Saldanha, seu treinador de sempre. Permanece no Sporting madeirense até 1993, quando se transfere para o Clube Naval do Funchal.

Em 1988, com 16 anos, começa a destacar-se, ao vencer a prova individual dos II Jogos do Atlântico, e no ano seguinte conquista o seu primeiro campeonato nacional de seniores (categoria 52 kg). É o princípio de um trilho de vitórias que a leva, em 1992, aos Jogos Olímpicos de Barcelona, que considera como «um dos momentos mais emocionantes» da sua vida, onde alcança o 7º lugar, e à conquista do título de vice-campeã da Europa, em 1999. Pelo caminho, conquista a 1ª posição do ranking europeu, a melhor de sempre do judo feminino português.

Em 1998, é convidada a participar na Liga alemã pelo JC Russelseim, sem abandonar o CN Funchal, que representa a nível interno.

Bilhete de Identidade

Paula Cristina Marie Jeanne Saldanha
São Pedro (Funchal), 6 de Março de 1972

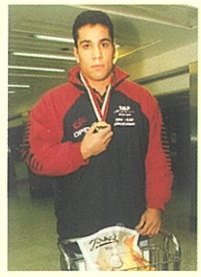
Como atleta
CLUBES – Clube Naval do Funchal,
JC Russelseim (Alemanha)

PALMARÉS
2ª no Europeu 1999. 7ª nos Jogos Olímpicos 1992. 8 vezes campeã nacional 1989, 1990, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996 e 1997. 5ª nos Europeus 1992 e 1994. Vice-campeã nacional 1988. 1ª no Torneio Varsóvia 1993. 2ª no Torneio Holanda 1997. 2ª no Torneio Budapeste 1998. 3ª no Torneio Villa Madrid 93. 3ª no Torneio Budapeste 1994 e 1995. 3º lugar Torneio Varsóvia 1995. 3ª no Torneio Munique 1998. 1ª no Torneio Nacional Kyoshi Kobayashi 1989 e 1990. 1ª nas Taças Kyoshi Kobayashi 1994, 1995 e 1996. Presença nos Europeus 1993 e 1995. Presença nos Europeus 1989,1990 e 1995

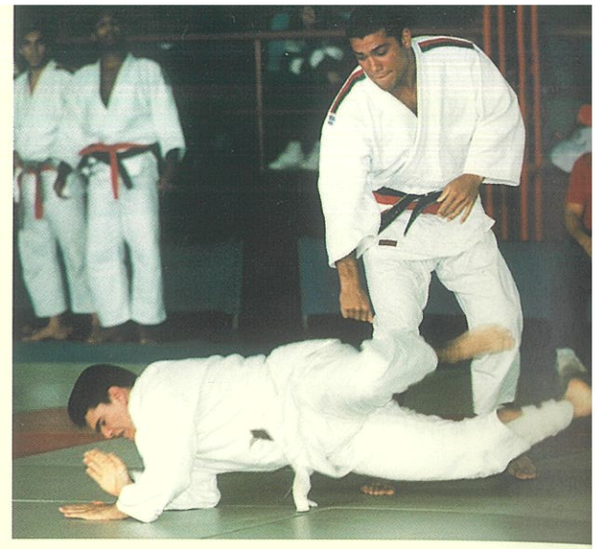
Campeões nacionais absolutos

1959: Arlindo Carvalho; 1960: Vasco Sampayo; 1961: José Manuel Bastos Nunes; 1962: José Pinto Farias; 1963: Henrique Nunes; 1964: José Pinto Farias; 1965: Armando Costa Lopes; 1966: Armando Costa Lopes; 1967: José Pinto Farias; 1968: Fernando Almada; 1969: Fernando Costa Matos; 1970: Fernando Costa Matos; 1971: Fernando Costa Matos; 1972: Henrique Nunes; 1973: Henrique Nunes; 1974: Miguel Corrula; 1975: José Pinto Gomes; 1976: Miguel Corrula; 1977: Manuel Castro; 1978: António Roquete Andrade; 1979: Alexandre Santos; 1980: Hugo Assunção; 1981: Hugo Assunção; 1982: Pedro Gonçalves; 1983: António Saraiva; 1984: Pedro Gonçalves (masculino), Ana Paula Dourado (feminino); 1985: Pedro Gonçalves (masculino), Leopoldina Candeias (feminino); 1986: Hugo Assunção (masculino), Teresa Gaspar (feminino); 1987: Fernando Bastos (masculino), Emília Lobo (feminino); 1988: Fernando Bastos (masculino), Emília Lobo (feminino); 1989: Fernando Bastos (masculino), Emília Lobo (feminino); 1990: Pedro Cristóvão (masculino), Ana Meireles (feminino); 1991: Rui Domingues (masculino), Mafalda Santos (feminino); 1992: João Gomes (masculino), Sandra Godinho (feminino); 1993: Pedro Soares (masculino), Catarina Rodrigues (feminino); 1994: Alexandre Cavalleri (masculino), Sandra Godinho (feminino); 1995: João Silva Serôdio (masculino), Sílvia Henriques (feminino); 1996: Alexandre Cavalleri (masculino), Sílvia Henriques (feminino); 1997: João Serôdio (masculino), Sandra Godinho (feminino); 1998: Alexandre Cavalleri (masculino), Catarina Rodrigues (feminino)

Pedro Soares



O atleta do Algés e Dafundo salta para a ribalta do judo internacional com um terceiro lugar no Campeonato da Europa de Inglaterra, em 1995, mas já no ano anterior, ainda como júnior, alcança o lugar cimeiro do pódio no europeu da categoria. A sua progressão continua em 1996, quando vence a medalha de prata no Europeu da Holanda. O ano de 1996 é, até agora, o mais brilhante da sua carreira. É neste ano que alcança o 2º lugar do ranking europeu, vence a medalha de bronze no Mundial Universitário (feito que repete em 1998) e está presente nos Jogos de Barcelona, onde não vai além do 9º lugar. No seu currículo destacam-se ainda sete títulos nacionais, dois títulos nacionais absolutos e três Taças de Portugal. Em 1999, arreliado por lesões, obtém um desapontador 9º lugar no Europeu de Bratislava (–100 kg), redimindo-se meses mais tarde nas Universíadas'99, realizadas em Palma de Maiorca, onde conquista o primeiro lugar.



Bilhete de Identidade

Pedro Nuno Almeida Soares
Lisboa, 10 de Agosto de 1974

Como atleta
CLUBES
Estrela da Amadora, Junta de Freguesia de Benfica, CDUL, Sport Algés e Dafundo, JC Russelseim

PALMARÉS
Campeão das Universíadas 1999. 7 vezes campeão nacional 1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997 e 1998. 2 vezes campeão nacional absolutos (1993 e 1999). Campeão europeu de juniores 1994. Vice-campeão europeu 1996. 3º no Europeu 1995. 9º nos Jogos Olímpicos 1996. 9º no Europeu 1999

Pedro Caravana

Pedro Caravana começa a praticar judo no Sport Algés e Dafundo, aos cinco anos, depois de ter tentado a natação, que não lhe agrada. É no SAD que conhece o mestre Costa Branco, seu responsável técnico dos escalões juvenil e júnior. Como sénior, o momento mais marcante é a conquista do bronze no Europeu 1997. Num torneio de nível B, em Bona, na Alemanha, supera a inferioridade (física e psicológica) de uma derrota no primeiro combate em que o adversário lhe abre o sobrolho com uma cotovelada. O judoca luso não se deixa ir abaixo e vence os restantes cinco combates, conquistando o terceiro lugar. Mas nem todos são bons momentos. No Europeu 99, protagoniza um dos episódios mais polémicos do torneio. No momento em que é relegado para o quinto lugar da tabela (categoria de 60 kg), Pedro Caravana não consegue conter as lágrimas. Lágrimas de revolta pela escandalosa e injusta arbitragem de dois juízes (um russo e outro georgiano), que beneficiam o bielorrusso Bahirall e o impossibilitam de chegar à medalha de bronze.

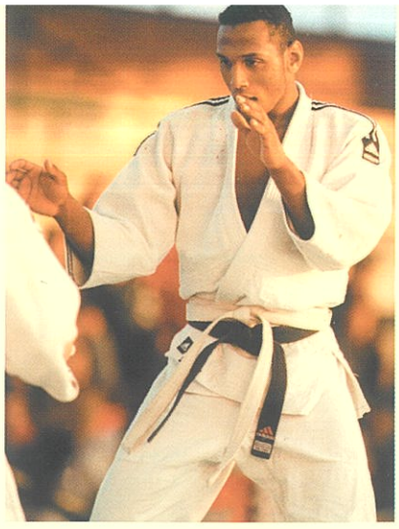
Bilhete de Identidade

Pedro Filipe Neto da Silva Caravana
Lisboa, 4 Novembro 1974

Como atleta
CLUBES
Sport Algés e Dafundo

PALMARÉS
1º no Torneio de Sofia 1999. 1º no Torneio de Budapeste 1999. 1º no Torneio de Roma 1997 e 1999. 5º no Shoro Ki Cup (melhor europeu) 1998. 2º no Torneio de Laanding 1996. 2º no Torneio Holanda 1994. 3º no Torneio de Roma 1994. 3º no Torneio Varsóvia 1994. 3 vezes campeão nacional 1996, 1997 e 1998. 2 vezes campeão nacional equipas 1992 e 1993. Taça Portugal equipas 1998. 1º no Torneio Nacional Kobayashi. 3º no Europeu 1997. 5º no Europeu 1999. 9º no Europeu 1996. Presença nos Jogos Olímpicos Atlanta 1996

Nuno Delgado



«Um combate pouco interessante», esta é a opinião da Imprensa e dos especialistas acerca da final do Europeu de Judo na categoria de –81 Kg, realizado em Bratislava. Apesar destas críticas, é sem dúvida um desempenho que lhe fica para sempre na memória, pois é neste embate contra o holandês Maartens Arens que o judoca de 22 anos, oriundo das escolas do Sport Algés e Dafundo, vence o holandês Maartens Arens e sagra-se campeão da Europa.
Campeão Nacional em 1997 e 1998, ostenta um currículo internacional importante, no qual se destacam o terceiro lugar no Mundial Universitário, em 1998 e o quinto lugar no Europeu de Juniores, em 1996. Em Julho de 1999 ascende o primeiro lugar do «ranking» europeu, tornando-se, a par da madeirense Paula Saldanha, o primeiro judoca português a conseguir tal feito. Os objectivos seguintes passam pelas Olimpíadas de Sydney.

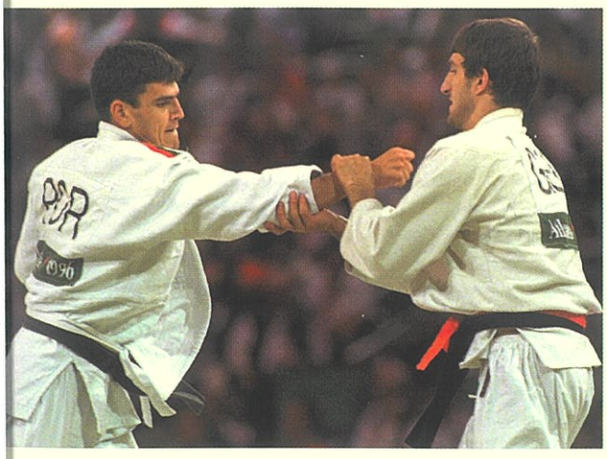
Bilhete de Identidade

Nuno Miguel Delgado
Lisboa, 7 de Agosto de 1976

Como atleta
CLUBES
Casa de Benfica de Santarém e Sport Algés e Dafundo

PALMARÉS
Campeão europeu 1999. 2 vezes campeão nacional 1997 e 1998. Campeão nacional juniores 1996. 3º no Mundial Universitário 1998. 3º no Torneio de Budapeste 1999. 3º Torneio da Hungria 1999. 5º no Europeu de Juniores 1996

Guilherme Bentes



Uma criança hiperactiva, Guilherme Bentes, com apenas cinco anos, anuncia em casa que quer ter aulas de judo no colégio que frequenta. Muito por força da influência do pai, ele próprio praticante. Assim, Guilherme dá os primeiros passos no caminho que o leva a êxitos como aquele que conhece nos Mundiais de 1997, em Paris, onde conquista a medalha de bronze para Portugal, ou como o título de campeão do Mundo Universitário, em 1998. O sucesso, contudo, não se alcança sem alguns sacrifícios. Certa vez, aos 16 anos, parte um braço num combate, e mesmo assim, consciente de que o pode vencer, leva o esforço até ao fim, vencendo-o.
O seu estilo é fortemente influenciado pela escola da União Soviética, com a qual tem contacto através do treinador Valeri Dvoinokov. Esta influência é notória na execução do Kata Guruma, o golpe preferido do judoca do CDUL, que consiste numa projecção feita com os joelhos no chão.

Bilhete de Identidade

Guilherme Frederico do Nascimento Oliveira de La Feria e Bentes
Lisboa, 10 de Junho 1973

Como atleta
CLUBE
Externato S. Cristóvão, Ac. Amadora, Santa Cruz de Benfica, Estrela da Amadora, Junta Freguesia de Benfica, CDUL e JC Russelseim

PALMARÉS
Campeão nacional 1996, 1997 e 1998. 5º no Europeu 1997. 7º no Europeu 1998. Campeão do Mundo Universitário 1998.Vice-campeão do Mundo Universitário 1996. 5º no Mundial Escolar 1990. 7º no Mundial Juniores 1992. 1º no Torneio Sófia 1999. 2º no Torneio Holanda 1996. 2º no Torneio Budapeste 1997. 3º no Torneio Roma 1998

Campeões mundiais absolutos

Masculinos
1956: Natsui (Japão); 1958: Sone (Japão); 1961: Geesink (Holanda); 1965: Inokuma (Japão); 1967: Matsunaga (Japão); 1969: Shinomaki (Japão); 1971: Shinomaki (Japão); 1973: Ninomiya (Japão); 1975: Uemura (Japão); 1979: Endo (Japão); 1981: Yamashita (Japão); 1983: Saito (Japão); 1985: Masaky (Japão); 1987: Ogawa (Japão); 1989: Ogawa (Japão); 1991: Ogawa (Japão); 1993: Kubacki (Polónia); 1995: Douillet (França); 1997: Kubacki (Polónia)

Femininos
1980: Berghmans (Bélgica); 1982: Berghams (Bélgica); 1984: Berghmans (Bélgica); 1986: Berghmans (Bélgica); 1987: Gao (China); 1989: Rodriguez (Cuba); 1991: Zhuang (China); 1993: Makzymova (Polónia); 1995: Van der Lee (Holanda); 1997: Beltran (Cuba)

Campeões olímpicos

Masculinos
Superleves (60 kg) – 1980: Rey (França); 1984: Hosakawa (Japão); 1988: Kim Jae-Yup (Coreia do Sul); 1992: Gousseinov (CEI); 1996: Nomura (Japão)
Meios-leves (65 kg) – 1980: Solodouchine (URSS); 1984: Matsuoka (Japão); 1988: Kyung Keun-Lee (Coreia do Sul); 1992: Sampaio (Brasil); 1996: Quellmalz-Alemanha
Leves (71 kg) – 1964: Nakatani (Japão); 1972: Kawaguchi (Japão); 1976: Rodriguez (Cuba); 1980: Gamba (Itália); 1984: Byong-Reun (Coreia do Sul); 1988: Alexandre (França); 1992: Koga (Japão); 1996: Nakamura (Japão)
Meios-médios (78 kg) – 1972: Nomura (Japão); 1976: Nevzorov (URSS); 1980: Khabareli (URSS); 1984: Wieneke (RFA); 1988: Legien (Polónia); 1992: Yoshida (Japão); 1996: Bouras (França)
Médios (86 kg) – 1964: Okano (Japão); 1972: Sekine (Japão); 1976: Sonoda (Japão); 1980: Roethlisberger (Suíça); 1984: Seisenbacher (Áustria); 1988: Seisenbacher (Áustria); 1992: Legien (Polónia); 1996: Ky-Young (Coreia do Sul)
Meios-pesados (95 kg) – 1972: Chochosvili (URSS); 1976: Ninomiya (Japão); 1980: Van De Walle (Bélgica); 1984: Há (Coreia do Sul); 1988: Miguel (Brasil); 1992: Kovacs (Hungria); 1996: Nastula (Polónia)
Pesados (+95 kg) – 1964: Inokuma (Japão); 1972: Ruska (Holanda); 1976: Novikov (URSS); 1980: Parisi (França); 1984: Saito (Japão); 1988: Saito (Japão); 1992: Khakaleichvili (CEI); 1996: Douillet (França)
Todas as categorias – 1964: Geesink (Holanda); 1972: Ruska (Holanda); 1976: Uemura (Japão); 1980: Lorenz (RDA); 1984: Yamashita (Japão)

Femininos
Superligeiros (–48 kg) – 1992: Nowak (França); 1996: Kye-Sun (Coreia do Norte)
Meios-ligeiros (–52 kg) – 1992: Martinez (Espanha); 1996: Restoux (França)
Ligeiros (–56 kg) – 1992: Blasco (Espanha); 1996: Gonzales (Cuba)
Meios-Médios (–61 kg) – 1992: Fleury (França); 1996: Emoto (Japão)
Médios (–66 kg) – 1992: Reve (Cuba); 1996: Cho Min Son (Coreia do Sul)
Meios-pesados (–72 kg) – 1992: Mi-Jung (Coreia do Sul); 1996: Werbrouck (Bélgica)
Pesados (+72 kg) – 1992: Xiaoyoan (China); 1996: Fuming (China)

Kickboxing e Full-Contact

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE KICKBOXING/FULL-CONTACT É FUNDADA A 25 DE JANEIRO DE 1988, COMO DERIVAÇÃO DA FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE FULL-CONTACT, CRIADA A 7 DE JUNHO DE 1978. É SUBSIDIADA PELO ESTADO DESDE 1988 E ADQUIRE O ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA DESPORTIVA A 28 DE JUNHO DE 1996. TEM EM 1999 CERCA DE CINCO MIL FILIADOS

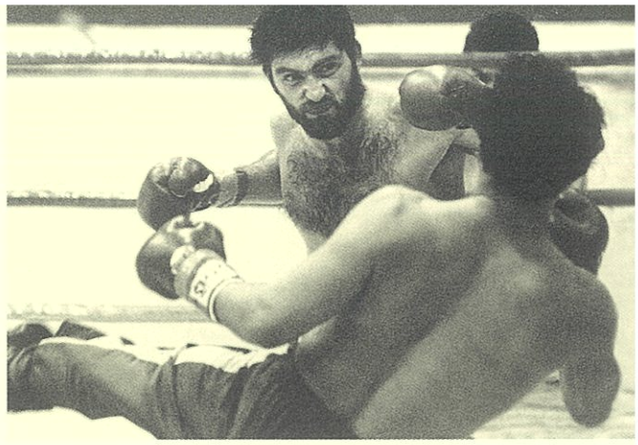
1970 – Joe Lewis enfrenta Jesse King no Madison Square Garden, no primeiro combate de Kickboxing com grande exposição mediática nos EUA. Lewis vence por pontos

1977 – Benny «The Jet» Urquidez luta contra o campeão tailandês Narong Noi, no primeiro combate mundial da WKA. Urquidez impõe-se ao tailandês aos pontos

1992 – José Pina sagra-se campeão mundial de profissionais em kickboxing, vencendo o belga Wosman Egini em Milão

Efeitos da guerra

O kickboxing surge nos EUA em meados deste século, quando os soldados norte-americanos regressam da Guerra da Coreia, onde contactam com o taekwon-do e o boxe tailandês (muay thai), já com expressão importante no Japão. O muay thai é disputado num ringue por dois lutadores que utilizam, além dos pés e punhos, cotovelos, joelhos e projecções. Na versão japonesa, o uso de cotovelos é proibido pelas regras, variante adoptada nos EUA. Desporto de combate (distingue-se das artes marciais pela vertente puramente competitiva, ignorando a componente filosófica e espiritual), é baptizado pelos americanos como full-contact, mas evolui para kickboxing (boxe com pontapés, já que combina as duas técnicas).
Existem seis modalidades de competição: as formas, encadeamentos de golpes coreografados e avaliados por um júri; semicontacto, combate que sofre interrupção após cada golpe considerado válido; light-contact, combate executado unicamente aos pontos, sendo o contacto excessivo punido até com a desqualificação do infractor (o KO técnico pode existir, mas só em certas circunstâncias, como na sequência de um contragolpe); full-contact, combate sem restrições à potência dos golpes, mas só podem ser utilizadas técnicas de pés e mãos acima da linha de cintura do oponente (com excepção dos varrimentos aos pés do adversário); kickboxing, com acrescento dos pontapés nas coxas do adversário («lowkicks»); e thayboxing, forma ocidentalizada do muay thai, na qual não é permitido o uso de técnicas de cotovelos.
A competição a nível mundial é regida por três instituições diferentes: WAKO (World Association of Kickboxing Organization), WKA (World Kickboxing Association) e ISKA (International Sport Kickboxing Association).
Portugal tem grandes figuras mundiais de kickboxing, com destaque para três nomes: José Pina, campeão do Mundo unificado em superplumas de 1992 a 1996 (WAKO) e de 1996 a 1999 (unificado), campeão europeu de 1990 a 1992 (ISKA) e nomeado para melhor lutador mundial em 1994; Carlos Ramjanali, primeiro português a sagrar-se campeão do mundo de profissionais, em 1988 (pela WAKO e ISKA), campeão europeu de profissionais em 1987 (meios-médios) e actual presidente da Federação Portuguesa de Kickboxing/Full



Contact; e o sportinguista Fernando Fernandes, também campeão mundial de profissionais em 1994 (WKA) e europeu em 90 (WAKO), 1991 (WKA) e 1992 (ISKA). Na variante feminina, os feitos encontram paralelo em Sónia Pereira, deste 1994 campeã do mundo na categoria de –52 kg. As referências mundiais são o recém-retirado holandês Rob Kaman, campeão em kickboxing, full-contact e thayboxing, assim como Bill Pullman ou Benny «The Jet» Urquidez.

◁ José Pina: autoridade mundial em superplumas

△ Atleta de eleição, Carlos Ramjanali foi o primeiro português a triunfar como profissional

△ Um «leão» no ringue: Fernando Fernandes

Mãos vazias

O karaté é uma arte marcial nascida na ilha de Okinawa, no que é actualmente o Japão, mas as suas origens remontam à China, tendo passado para o Japão aquando da ocupação chinesa de Okinawa, durante a Dinastia Ming. As técnicas do karaté são passadas de pais para filhos, permanecendo no seio de cada família. Assim acontece até à II Guerra Mundial, quando os mestres Mabuni Kenwa, Myagi Chojun e Funakoshi Gichin começam a difusão do karaté por todo o Japão.

A palavra karaté traduz-se por «mãos vazias» («kara», vazias, e «te», mão). É uma arte marcial de autodefesa que não prevê a utilização de armas (embora comporte técnicas de defesa contra certo tipo de armas, como paus ou facas). Como modalidade desportiva conhece grande expansão e é, actualmente, a 10ª mais popular em todo o Mundo, com cerca de 50 milhões de praticantes.

É regido internacionalmente pela Federation Mondiale de Karaté (FMK), entidade reconhecida pelo COI e que congrega cinco uniões continentais e 156 países-membros. Em termos competitivos, José Manuel Egea e Guss van Mourick estão entre as principais figuras. Ele, espanhol, é campeão do mundo de todas as categorias em 1988, de meios-pesados em 1990 e 1992 e por equipas em 1992; ela é holandesa e tetracampeã do mundo de pesados (1982, 1984, 1986 e 1988) e hexacampeã europeia (1983, 1984, 1985, 1986, 1987 e 1988).

Karaté

A FEDERAÇÃO NACIONAL DE KARATÉ – PORTUGAL NASCE OFICIALMENTE A 16 DE JUNHO DE 1992, DA FUSÃO ENTRE A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE KARATÉ E DISCIPLINAS ASSOCIADAS E A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE KARATÉ. ADQUIRE O ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA DESPORTIVA A 18 DE JANEIRO DE 1996, DATA A PARTIR DA QUAL SE ASSISTE AO CRESCIMENTO DO NÚMERO DE ATLETAS FEDERADOS, QUE EM JULHO DE 1999 SE FIXA EM 14 MIL, MAS ESTIMA-SE QUE EXISTAM OUTROS TANTOS PRATICANTES NÃO FEDERADOS

Lutas Amadoras

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE ATLÉTICA E LUTA É FUNDADA EM 10 DE JULHO DE 1925, ENGLOBANDO A ORIENTAÇÃO DE HALTEROFILISMO E LUTA. EM 1970, O HALTEROFILISMO CRIA UMA INSTITUIÇÃO PRÓPRIA E OS DESTINOS DA LUTA PASSAM PARA A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE LUTAS AMADORAS (30 DE MARÇO DE 1970). A EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE PRATICANTES PROCESSA-SE DA SEGUINTE FORMA: 1949 – 455; 1959 – 700; 1969 – 1100; 1979 – 2300; 1989 – 1300; 1998 – 2391. EM 1998, O ORÇAMENTO É DE 46 800 CONTOS (233 437 EUROS). INCLUI DUAS ESPECIALIDADES: LUTA GRECO-ROMANA E LUTA LIVRE OLÍMPICA (PERNAS PODEM SER UTILIZADAS PARA DESENVOLVIMENTO DE ACÇÕES DE ATAQUE E DEFESA)

1 JUL 61 – Sob a direcção do instrutor de luta greco-romana Norberto da Costa e Silva, que fizera em Paris um curso de especialização técnica, começam no Ginásio Clube Português as práticas da nova modalidade da luta

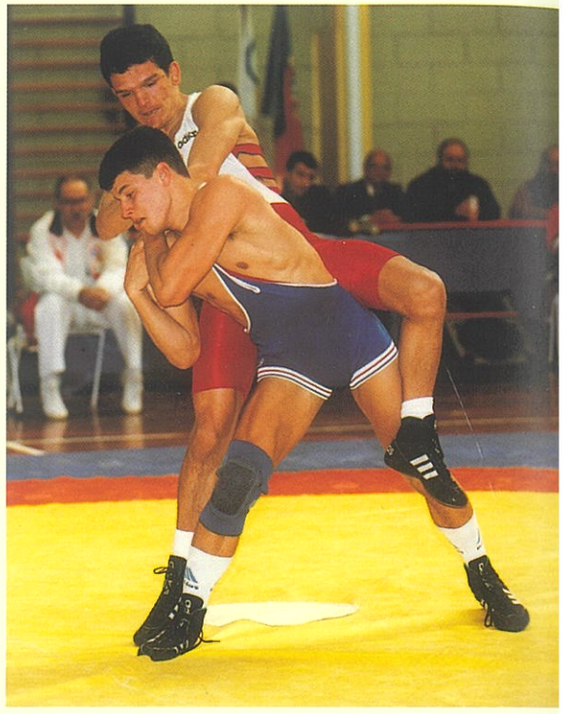
1967 – Morre Humberto Vieira Caldas, que entre vários cargos chega a ser presidente do Ginásio Clube Português. Fica conhecido pelo seu eclectismo. Além da luta dedica-se a ginástica, halterofilismo, jogo do pau, pugilismo e râguebi

JO 72 – Luís Grilo (– 57 kg) ganha dois combates em luta livre, ficando em nono entre 30 concorrentes

JO 88 – José Marques (– 52 kg, greco-romana) tem uma participação azarada. Lesiona-se no primeiro combate

JO 96 – Últimos jogos com as velhas categorias. A partir daí, nas competições femininas existem seis em vez de nove

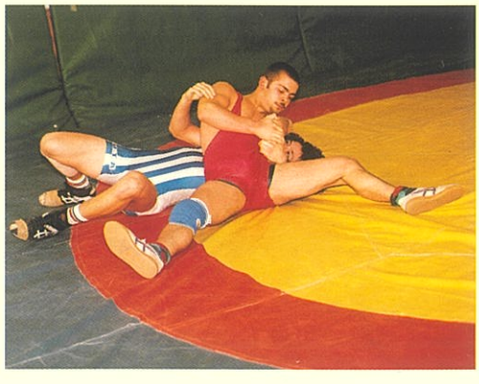
Hegemonia do Leste

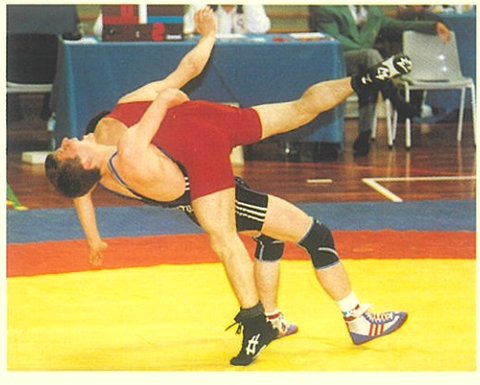


A estreia internacional das lutas amadoras portuguesas data de 1957, no Torneio Clermond-Ferrand, em França. Luís Caldas faz parte da equipa. Mais tarde participa com Orlando Gonçalves e José Gregório nos Jogos Olímpicos de Roma. Sem a experiência dos adversários efectua dois combates, na categoria de 79 kg. Perde frente ao búlgaro Dobrenev e ao sueco Stevenson, terceiro classificado da prova. Como árbitro, chega à primeira categoria e é nessa condição que participa nas Olimpíadas de Moscovo e Los Angeles. No plano do dirigismo, é presidente da FPLA (Federação Portuguesa de Lutas Amadoras) durante mais de metade da década de 70. É também líder da Federação Portuguesa de Halterofilismo e desempenha cargos de secretário na de Râguebi, Ginástica e Boxe.

Para fazer face ao baixo nível competitivo, a FPLA contrata em 1995 o cubano Raul Diaz para a luta greco-romana, a mais representativa na Federação. A decisão de apostar em técnicos estrangeiros é tomada pela primeira vez em 1988, com a aquisição de Attanas Ivanov, seguindo-se-lhe Gospodin Anguelov, para a luta livre. Embora seja um desporto pouco representativo em Portugal, faz parte do restrito grupo de modalidades com estatuto olímpico para Sydney 2000. Em torneios internacionais, são alcançados nos anos 90 bons resultados, mas em Campeonatos da Europa, Mundo e Jogos Olímpicos só Luís Fontes consegue um lugar relevante (6°, Europeu 98). As restantes melhores prestações pertencem a Luís Grilo (9°, JO Munique 1972), António Galantim (12°, JO Montreal 76) e João Pedro Pais (8°, Mundial 89). Em 1992, em Barcelona, Portugal é representado por Paulo Martins, 11° em greco-romana (74 kg). Em 1996, em Atlanta, cabe a vez a David Maia, 18° em greco-romana (57 kg).

O domínio das lutas amadoras pertence aos países de Leste. Destaque na luta livre para Alexandre Medved (URSS), nascido a 16 de Setembro de 1937. É campeão olímpico em 1964, 1968 e 1972, em 90, 100 e 120 kg, e mundial em diversas categorias, em 1962, 1963, e de 1966 a 1973. Outro soviético com palmarés brilhante é Roman Rurua (25/11/42), campeão do Mundo em 1966, 1967, 1969 e 1970 e olímpico em 1968 em greco-romana.





Fórmula 1 na água

As origens da motonáutica remontam ao início do século, com a criação, pelos ingleses, da Marine Motoring Association, em 1902. No ano seguinte já se realizam dez provas por ano nos Estados Unidos e algumas mais em França. O desenvolvimento da modalidade sofre o primeiro revés em 1918 quando um certo Dr. Busley, presidente das Associação Europeia, desaparece, levando consigo todos os registos de vitórias e recordes. É por volta de 1924 que surge a nova Union Internationale du Yatching Automobile precursora da Union Internationale Motonautique. A actividade motonáutica é interrompida pela segunda grande guerra, mas é, paradoxalmente, nesta altura, que se desenvolve a tecnologia náutica, especialmente a nível de desenho de cascos e motores, que permite a sua afirmação como desporto de grandes recursos ao longo das décadas de 50 e 60.

Por ser uma modalidade bastante dispendiosa, a motonáutica tem poucos praticantes em Portugal. Apesar disso oferece com regularidade boas classificações em competições internacionais, desde os anos 60. A melhor classificação deste período é a vitória de Manuel Barbosa em 1967 no Europeu da classe EU, na modalidade de barcos rápidos.

Durante a década de 70, sucedem-se segundos e terceiros lugares portugueses sempre em barcos rápidos, mas, nos anos 80, não aparecem resultados a nível internacional. Já na década de 90 a modalidade ressurge, embora envolta em polémica em torno da especialidade de motas de água, devido ao aparecimento de uma federação de Jet-ski (motas de água). Sendo uma especialidade menos dispendiosa, atrai maior número de praticantes e, logo, mais patrocinadores, permitindo a sua autonomização. Acaba por ser praticada nas duas federações. É também nesta década que se dá o aparecimento de novos e bons pilotos. Duarte Benavente, em barcos rápidos, é o que «voa» mais alto. Campeão nacional durante sete anos seguidos (de 1992 a 1998, na classe S 850), conquista ainda os títulos de campeão da Europa de Fórmula 4 e de campeão ibérico na classe S 850, em 1995 e 1996. É o primeiro piloto português a participar numa prova de fórmula 1, a especialidade máxima desta modalidade.

Motonáutica

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE MOTONÁUTICA É FUNDADA EM 18 DE JUNHO DE 1964. É FILIADA NA UNION INTERNATIONAL MOTONAUTIQUE. NO ANO DA FUNDAÇÃO, OS PRATICANTES SÃO 20. EM 1998, ATINGE OS 131 INSCRITOS. GERE UM ORÇAMENTO DE 40 MIL CONTOS (199 519 EUROS). EM PORTUGAL, PRATICAM-SE AS ESPECIALIDADES DE BARCOS RÁPIDOS, MOTOCRUZEIROS, MOTAS DE ÁGUA E BARCOS PNEUMÁTICOS. EM 1998, ADQUIRE ESTATUTO DE MODALIDADE OLÍMPICA

1970 – Na Praia da Rocha, António Sousa Pinto sagra-se vice-campeão europeu de barcos rápidos, na classe SE. António Feu é terceiro

1972 – Manuel Barbosa consegue o segundo lugar no Europeu de barcos rápidos, na classe SE

1997 – José Machado sagra-se vice-campeão europeu de motas de água/ /bóias, na classe 785 cc pro. Em Herakleion, Grécia, Vítor Ferreira sagra-se campeão do mundo de motas de água/bóias na mesma classe. Nas Quatro Horas de Resistência Internacional em Motas de Água, em Montargil, três equipas portuguesas conseguem o primeiro lugar, nas classes «runabout 785 cc», «runabout 1200» e «sport»

1998 – David Torres sagra-se campeão mundial de motas de água/ /raids, em Oléron, Golfo da Biscaia

2 MAI 99 – Duarte Benavente torna-se no primeiro português a participar numa prova de fórmula 1. A prova, realizada em Portimão, é ganha pelo italiano Guido Capellini. O piloto português desiste

Motociclismo

A toda a velocidade

A FEDERAÇÃO NACIONAL DE MOTOCICLISMO É FUNDADA EM 11 DE MAIO DE 1990 E TEM CERCA DE MIL FILIADOS NA PRÁTICA COMPETITIVA. ADQUIRE O ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA DESPORTIVA A 9 DE SETEMBRO DE 1994

1951 – João Fresco vence a Primeira Volta a Portugal em moto, promovida pelo Benfica. São 1862 km divididos por Lisboa-Faro, Faro-Fundão, Fundão-Porto e Porto-Lisboa

22 SET 73 – Nuno André é 10º no GP de Espanha em 250 cc, pela primeira vez para um português no Mundial de velocidade

1975 – Giacomo Agostini vence pela oitava vez o Mundial de 500 cc

22 DEZ 77 – Agostini anuncia oficialmente a retirada

1987 – Ciryl Neveau (França) vence pela quinta vez o Rali Dakar

1991 – Alécio Vieira sagra-se tricampeão mundial de resistência

5 SET 93 – O tricampeão mundial de 500 cc, Wayne Rainey, abandona o desporto vítima de acidente no GP de Itália

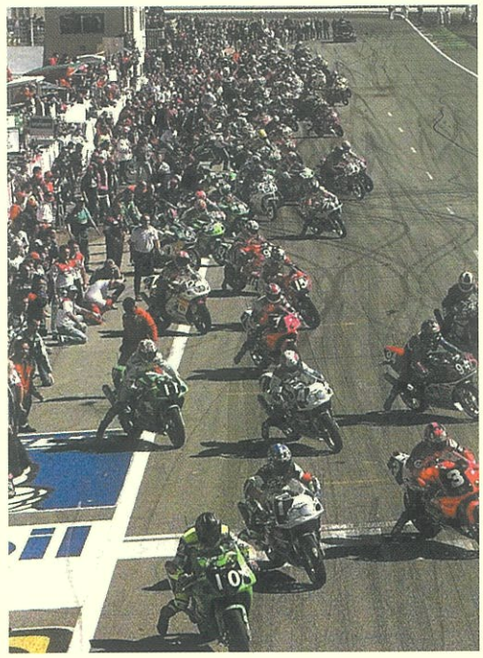
1995 – Paulo Marques classifica-se em 15º lugar no Rali Dakar

1997 – Paulo Marques vence a etapa Kiffa-Saint Louis do Rali Dakar e termina em oitavo

1998 – Stephane Peterhansel (França) ganha pela sexta vez o Rali Dakar

1998 – A equipa portuguesa Suzuki Shell, com os pilotos Telmo Pereira, Michel Graziano e Felisberto Teixeira, sobe ao último lugar do pódio nas 24 Horas de Spa, em Liège, prova do Mundial de resistência

▶



A Federação Internacional de Motociclismo adquire esta designação em 1949 e é reconhecida em 1951. A modalidade tem 27 disciplinas reconhecidas, das quais se evidenciam: a velocidade, a resistência e o motocrosse.

Na década de 60, Mike Hailwood (Grã-Bretanha) conquista quatro títulos mundiais de 500 cc (entre 1962 e 1965). O piloto inglês vence ainda três campeonatos de 250 cc e dois de 350 cc. Giacomo Agostini (Itália) destrona o tetra campeão inglês, somando títulos em oito Mundiais de 500 cc. O italiano, nascido em 1942, inicia-se nas competições em 1961 e participa igualmente nos Mundiais de 350 cc, cujas vitórias festeja sete vezes. Retira-se no fim de 1977, com 15 títulos em 17 anos de carreira e o recorde de 122 vitórias em Grandes Prémios.

O motocrosse é uma das variantes mais populares do motociclismo. Disputa-se num circuito de características variáveis pródigo em desníveis e acidentes de terreno, que proporcionam vistosos momentos de condução e saltos espectaculares. Estes circuitos podem ter entre um ou dois quilómetros. As classes em que se disputam provas de motocrosse são 125 cc, 250 cc e 500 cc. O supercrosse tem basicamente as mesmas características do motocrosse, com a diferença de a pista ser mais acidentada, o que acrescenta bastante espectacularidade, pois provoca muitos mais saltos. O trial também tem conquistado muitos adeptos nos últimos anos. Caracteriza-se por um percurso ao ar livre ou «indoor» num terreno desnivelado, com rochas, quedas de água e outros obstáculos para ultrapassar. Aos pilotos exige-se, além de velocidade, grande perícia para não obter pontos, já que são pontuados pelas falhas.

No todo-o-terreno, Stephane Peterhansel (França) é o rei do deserto com seis vitórias no rali Dakar (1991, 1992, 1993, 1995, 1997 e 1998).

Nas variantes, motocrosse e velocidade, disputam-se provas na neve e no gelo. As provas de velocidade são disputadas sobre o gelo com motas leves e de fácil condução num percurso propício à ocorrência de quedas.

△ O Italiano Lucio Cecchinello num aparatoso acidente em Jerez de la Frontera em Maio de 1999

△ Espectacular arranque de uma prova em pista

▽ Outras variantes espectaculares do motociclismo: deserto, trial e neve

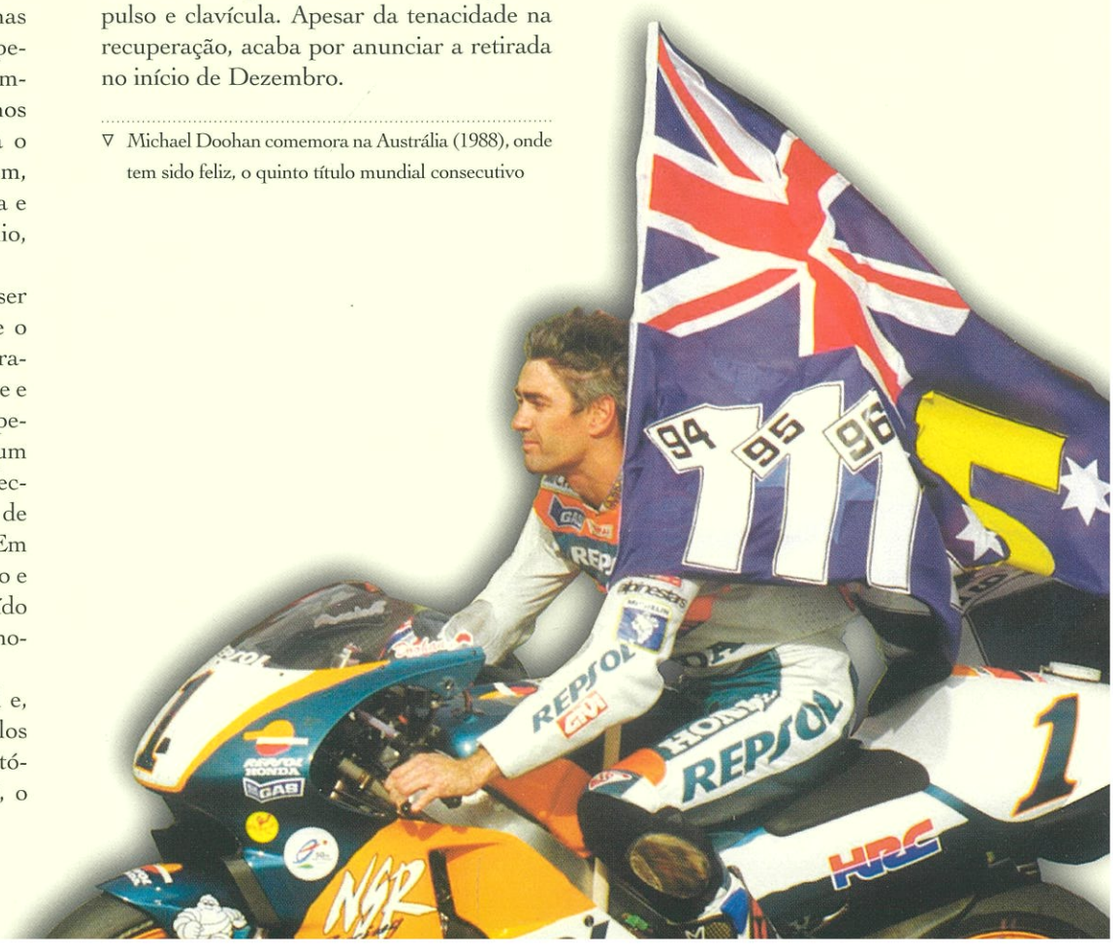
Michael Doohan

Nascido na Austrália, a 4 de Junho de 1965, Michael Doohan vence pela primeira vez o Mundial em 1994, mas a primeira prova de 500 cc em que participa data de 1989, no Grande Prémio do Japão. É na Hungria que consegue a primeira vitória, em 1990, e termina o Mundial no terceiro lugar. Na época que se segue, luta pelo título com Rainey ao longo de toda a temporada, mas uma queda em Assen, na Holanda, impede-o de conseguir o primeiro lugar do campeonato. Em 1992, com quatro vitórias nos primeiros seis Grandes Prémios, lidera o campeonato com 65 pontos de vantagem, até um acidente, novamente na Holanda e durante os treinos para o Grande Prémio, o afastar das pistas.

Com uma perna gravemente ferida, vê ser levantada a hipótese de amputação, que o empenho médico acaba por conseguir ultrapassar. Recupera física e psicologicamente e regressa no Grande Prémio do Brasil, penúltima prova da época. Passa a utilizar um travão manual para salguardar a perna afectada, mas não consegue evitar o título de Rainey pela diferença de quatro pontos. Em 1993, não participa nos treinos de Inverno e continua a apresentar-se muito diminuído em competição. No fim da temporada é novamente operado à perna.

Recuperado, vence em 1994 o Mundial e, consecutivamente até 1998, cinco títulos pela Honda, somando um total de 54 vitórias em Grandes Prémios. Desde 1996, o experiente motociclista tem a concorrência do colega de equipa o espanhol Alex Criville. É um piloto mais jovem e em franca ascensão, campeão de 125 cc em 1989. No Mundial 99, Doohan, em segundo lugar atrás de Crivillé, sofre mais um grave acidente na sessão de treinos do Grande Prémio de Espanha e fractura uma perna, pulso e clavícula. Apesar da tenacidade na recuperação, acaba por anunciar a retirada no início de Dezembro.

▽ Michael Doohan comemora na Austrália (1988), onde tem sido feliz, o quinto título mundial consecutivo



Wayne Rainey

▶

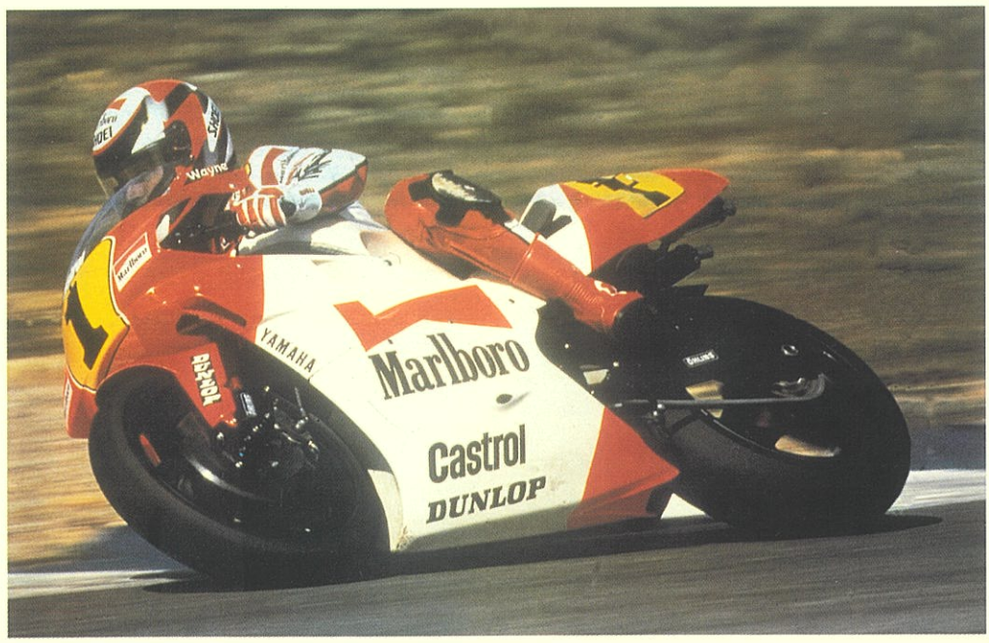
3 MAI 98 – Felisberto Teixeira é o primeiro português a participar numa prova do Mundial de velocidade de 500 cc, ao competir no GP de Espanha, terceira prova da competição

1999 – Doug Lampkim (Grã-Bretanha) sagra-se campeão mundial de trial pelo terceiro ano consecutivo

9 MAI 99 – Michael Doohan sofre acidente no GP Espanha, em Jerez de La Frontera, e não pode participar em todas as provas do Mundial de 500 cc

11 JUL 99 – Pela primeira vez uma equipa portuguesa vence uma prova do Mundial de resistência. A Suzuki Shell de Telmo Pereira, Michel Graziano e Bruno Bonhuil vence as 24 Horas de Spa

11 JUL 99 – Felisberto Teixeira termina na 20ª posição a prova do Mundial de «supersport» disputada em Laguna, EUA. É o primeiro português a qualificar-se para uma corrida na prova californiana



Wayne Rainey começa a competir em 1984, em 250 cc, na Jugoslávia. Em 1988 consegue a primeira vitória, já na classe de 500 cc, no Grande Prémio da Grã-Bretanha. Após vencer três Mundiais (1990, 1991 e 1992) e 24 provas, tem de interromper a carreira em 1993, na sequência de um grave acidente no Grande Prémio de Itália.

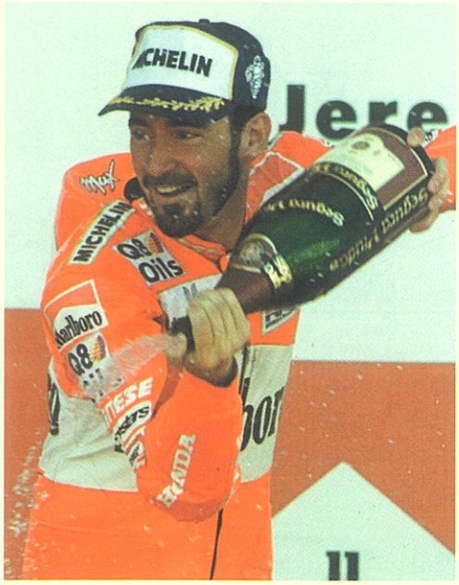
Abandona as competições no momento em que lidera a corrida em Misano e o Mundial, com onze pontos de vantagem. A roda traseira da Yamaha derrapa e na queda bate com violência com as costas no asfalto, sendo atirando ao ar até se imobilizar, com a cabeça na gravilha. Os comissários do circuito de Santa Mónica encontram dificuldades para o evacuar e demoram muito tempo a transportá-lo para o hospital. É-lhe diagnosticada fractura de vértebra lombar que atinge a medula. Fica paralisado do peito para baixo. Apenas com dois Grandes Prémios por disputar, Kevin Schwantz, segundo classificado, assume o comando do Mundial e sagra-se campeão de velocidade de 1993.

Antes de chegar ao circuito mundial, Rainey pulveriza alguns recordes do campeonato de Superbikes dos Estados Unidos, conseguindo a melhor série de triunfos: seis, em 1983, com a Kawasaki.

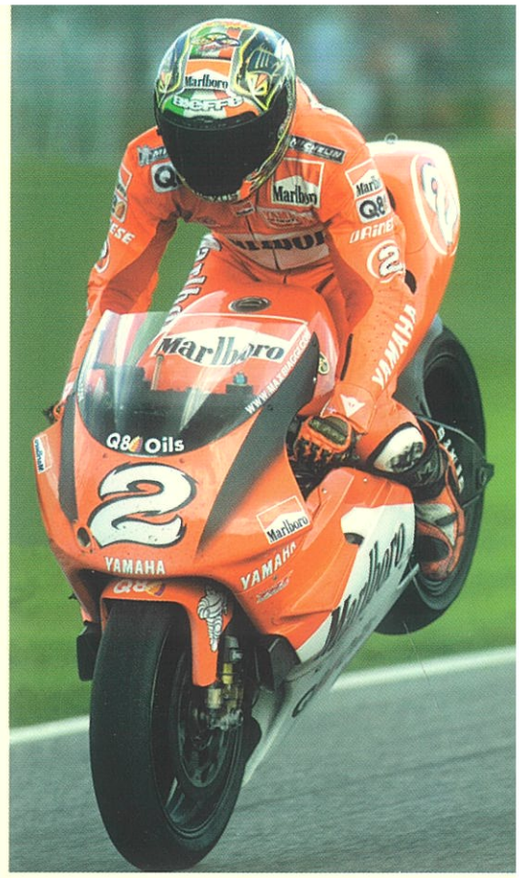
Nascido em Downey, a 23 de Outubro de 1960, Rainey é o expoente da escola californiana que domina as Superbikes nas doze primeiras edições, entre 1976 (quando o inglês residente no poderoso estado da Costa do Pacífico Reg Pridmore inaugurou o quadro de honra) e 1987. Rainey consegue o brilhante índice de 67 por cento de triunfos no campeonato de 1986.

▽ Nem só de momentos felizes vive a carreira de Rainey. Em 1993 fica paralisado do peito para baixo

Max Biaggi



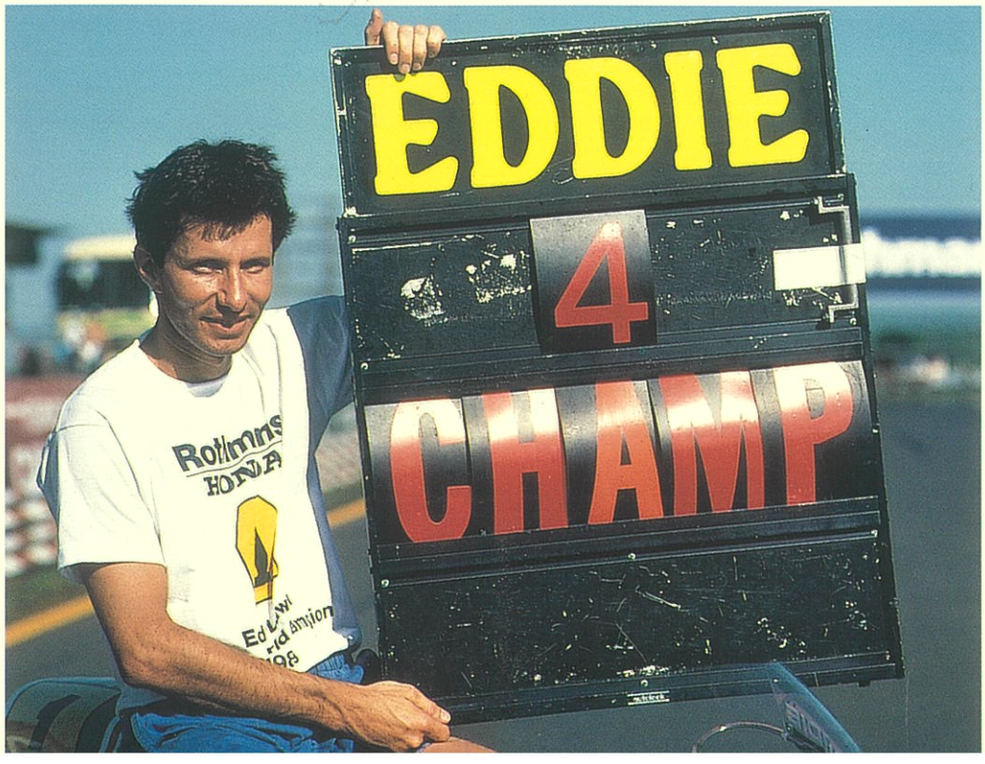
É em França que Massimiliano Biaggi se estreia, em 1991, na classe de 250 cc. Consegue a primeira vitória no ano seguinte, na África do Sul. Sagra-se tetracampeão mundial de 1994 a 1997, ao volante de uma Aprilia e de uma Honda no último ano. Em 1998, estreia-se em 500 cc.
Depois de uma época de estreia em que consegue apresentar-se como candidato ao título até às últimas provas, muda-se para a Yamaha, marca com a qual não logra igual prestação. Biaggi é considerado um piloto suave, mas dotado de um excepcional espírito competitivo. Apesar de viver no Mónaco, continua a ser um dos grandes heróis da Itália, onde nasce, a 26 de Junho de 1971. As provas de Biaggi são acompanhadas por multidões de «tifosi» que não lhe dispensam todo o apoio.



Eddie Lawson

Eddie Lawson compete a partir de 1983 em 500 cc, depois de se sagrar bicampeão de Superbikes nos Estados Unidos (1981 e 1982), ao volante de uma Kawasaki. Nascido em Upland (Califórnia), a 3 de Novembro de 1958, Lawson alcança 14 triunfos no campeonato estado-unidense entre 1980 e 1993, o que lhe permite ocupar o quarto lugar do ranking de todos os tempos.

Em 1984, ano em que vence pela primeira vez uma prova na África do Sul, sagra-se campeão mundial ao serviço da Yamaha. Repete com a mesma marca o triunfo nos Campeonatos do Mundo de 1986 e 1988 e com a Honda em 1989. Resolve colocar um ponto final na carreira em 1992, totalizando, na altura, quatro títulos mundiais e 31 vitórias em corridas.



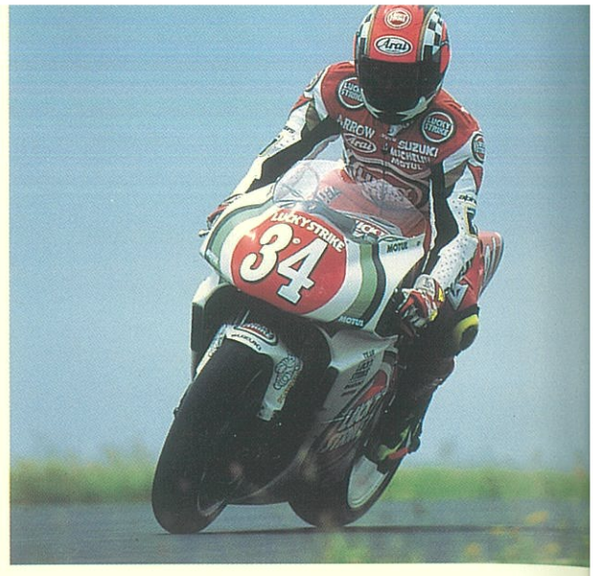
Campeões mundiais de velocidade

500 cc
1950: Umberto Massetti (Itália), 1951: Geoff Duke (Grã-Bretanha), 1952: Umberto Massetti (Itália), 1953: Geoff Duke (Grã-Bretanha), 1954: Geoff Duke (Grã-Bretanha), 1955: Geoff Duke (Grã-Bretanha), 1956: John Surtees (Grã-Bretanha), 1957: Libero Liberati (Itália), 1958: John Surtees (Grã-Bretanha), 1959: John Surtees (Grã-Bretanha), 1960: John Surtees (Grã-Bretanha), 1961: Gary Hocking (Rodésia), 1962: Mike Hailwood (Grã-Bretanha), 1963: Mike Hailwood (Grã-Bretanha), 1964: Mike Hailwood (Grã-Bretanha), 1965: Mike Hailwood (Grã-Bretanha), 1966: Giacomo Agostini (Itália), 1967: Giacomo Agostini (Itália), 1968: Giacomo Agostini (Italia), 1969: Giacomo Agostini (Itália), 1970: Giacomo Agostini (Itália), 1971: Giacomo Agostini (Itália), 1972: Giacomo Agostini (Itália), 1973: Phil Read (Grã-Bretanha), 1974: Phil Read (Grã-Bretanha), 1975: Giacomo Agostini (Itália), 1976: Barry Sheene (Grã-Bretanha), 1977: Barry Sheene (Grã-Bretanha), 1978: Kenny Roberts (EUA), 1979: Kenny Roberts (EUA), 1980: Kenny Roberts (EUA), 1981: Marco Lucchinelli (Itália), 1982: Franco Uncini (Itália), 1983: Freddie Spencer (EUA), 1984: Eddie Lawson (EUA), 1985: Freddie Spencer (EUA), 1986: Eddie Lawson (EUA), 1987: Wayne Gardner (Austrália), 1988: Eddie Lawson (EUA), 1989: Eddie Lawson (EUA), 1990: Wayne Rainey (EUA), 1991: Wayne Rainey (EUA), 1992: Wayne Rainey (EUA), 1993: Kevin Schwantz (EUA), 1994: Michael Doohan (Austrália), 1995: Michael Doohan (Austrália), 1996: Michael Doohan (Austrália), 1997: Michael Doohan (Austrália), 1998: Michael Doohan (Austrália)

250 cc
1950: Dario Ambrosini (Itália), 1951: Bruno Ruffo (Itália), 1952: Enrico Lorenzetti (Itália), 1953: Werner Haas (Alemanha), 1954: Werner Haas (Alemanha), 1955: Hermann Muller (Alemanha), 1956: Carlo Ubbiali (Itália), 1957: Cecyl Sandford (Grã-Bretanha), 1958: Tarquinio Provini (Itália), 1959: Carlo Ubbiali (Itália), 1960: Carlo Ubbiali (Itália), 1961: Mike Hailwood (Grã-Bretanha), 1962: Jim Redman (Rodésia), 1963: Jim Redman (Rodésia), 1964: Phil Read (Grã-Bretanha), 1965: Phil Read (Grã-Bretanha), 1966: Mike Hailwood (Grã-Bretanha), 1967: Mike Hailwood (Grã-Bretanha), 1968: Phil Read (Grã-Bretanha), 1969: Kel Carruthers (Austrália), 1970: Rodney Gould (Grã-Bretanha), 1971: Phil Read (Grã-Bretanha), 1972: Jarno Saarinen (Finlândia), 1973: Dieter Braun (Alemanha), 1974: Walter Villa (Itália), 1975: Walter Villa (Itália), 1976: Walter Villa (Itália), 1977: Mario Lega (Itália), 1978: Kork Ballington (África do Sul), 1979: Kork Ballington (África do Sul), 1980: Anton Mang (Alemanha), 1981: Anton Mang (Alemanha), 1982: Jean Tournadre (França), 1983: Carlos Lavado (Venezuela), 1984: Christian Sarron (França), 1985: Freddie Spencer (EUA), 1986: Carlos Lavado (Venezuela), 1987: Anton Mang (Alemanha), 1988: Sito Pons (Espanha), 1989: Sito Pons (Espanha), 1990: John Kocinski (EUA), 1991: Luca Cadalora (Itália), 1992: Luca Cadalora (Itália), 1993: Tetsuya Harada (Japão), 1994: Max Biaggi (Itália), 1995: Max Biaggi (Itália), 1996: Max Biaggi (Itália), 1997: Max Biaggi (Itália), 1998: Loris Capirossi (Itália)

Kevin Schwantz

Schwantz estreia-se em 1986 no Grande Prémio da Holanda e consegue a primeira vitória em 1988 no Japão. É campeão mundial cinco anos depois, pilotando uma Suzuki, e em 1994 classifica-se apenas na quarta posição.
O princípio de carreira em motos de pista é fulgurante, com o piloto texano (nascido a 19 de Junho de 1964) a impressionar tudo e todos, em meados da década de 80, pela rapidez nos circuitos norte-americanos. Schwantz é um dos protagonistas da grande divulgação do Mundial de motociclismo, ficando para a história os duelos que, aos comandos de motos da equipa Suzuki, trava com o compatriota Wayne Rainey.



Luca Cadalora

Estreia-se em 1984 em 125 cc. Dois anos depois tem a primeira vitória no Grande Prémio da Alemanha e sagra-se campeão mundial. Em 250 cc, conquista os títulos de 1991 e 1992, pilotando uma Honda. 1993 marca o início em 500 cc.
Nesta categoria máxima, a carreira de Cadalora fica marcada por alguma instabilidade. Apesar do inegável talento, o piloto italiano nascido a 17 de Maio de 1963 não consegue contornar o facto de contar com um registo menos feliz de corridas não terminadas. O enorme período de actividade – 15 anos completados em 1999 – faz dele um dos pilotos com maior longevidade no Mundial.

Alécio Vieira

Alex Vieira, como é conhecido, é tricampeão (89, 90 e 91) mundial de resistência ao volante de uma Honda. Emigra aos 15 anos para França com o pai, mecânico de profissão. Interessa-se pelos veículos, pelos quais aumenta a paixão quando é construído um circuito perto do local onde reside. Ainda sem carta, compra uma Yamaha 250 com que compete até fazer sacrifícios para comprar uma moto mais potente e percorrer com uma carrinha velha grandes distâncias para participar em provas. A partir de 1984, a carreira projecta-se com as oportunidades e vitórias conseguidas.

Recusa naturalizar-se francês, apesar de competir sempre em representação da França. Além do tricampeonato de resistência, em parceria com pilotos franceses, vence as 24 Horas de Le Mans por cinco vezes, a Bol d'Or por seis vezes e sagra-se ainda campeão mundial em 1985 e vice-campeão em 1996.

John Kocinski

Disputa em 1988, no Japão, o primeiro Grande Prémio em 250 cc, classe na qual se sagra campeão mundial em 1990 pela Yamaha. Entre 1991 e 1994, compete no Mundial de 500 cc. Em 1993, participa também no campeonato de 250 cc. Regista em ambas as classes 13 vitórias em GP. Em 1997, é campeão do mundo de superbikes.

Kocinski, nascido nos Estados Unidos a 20 de Março de 1968, é um piloto com o percurso de vida dos mais inconstantes, alternando pontos altos e momentos menos bons, avanços e retrocessos. Começa no país natal, em corridas de segunda linha, mas a passagem para as provas de circuito de projecção mundial dá-se de forma bem sucedida.

125 cc

1950: Bruno Ruffo (Itália), 1951: Carlo Ubbiali (Itália), 1952: Cecyl Sandford (Grã-Bretanha), 1953: Werner Haas (Alemanha), 1954: Rupert Hollaus (Áustria), 1955: Carlo Ubbiali (Itália), 1956: Carlo Ubbiali (Itália), 1957: Tarquinio Provini (Itália), 1958: Carlo Ubbiali (Itália), 1959: Carlo Ubbiali (Itália), 1960: Carlo Ubbiali (Itália), 1961: Tom Phillis (Austrália), 1962: Luigi Taveri (Suíça), 1963: Hugh Anderson (Nova Zelândia), 1964: Luigi Taveri (Suíça), 1965: Hugh Anderson (Nova Zelândia), 1966: Luigi Taveri (Suíça), 1967: Bill Ivy (Grã-Bretanha), 1968: Phil Read (Grã-Bretanha), 1969: Dave Simmonds (Grã-Bretanha), 1970: Dieter Braun (Alemanha), 1971: Angel Nieto (Espanha), 1972: Angel Nieto (Espanha), 1973: Kent Andersson (Suécia), 1974: Kent Andersson (Suécia), 1975: Paolo Pileri (Itália), 1976: Pierpaolo Bianchi (Itália), 1977: Pierpaolo Bianchi (Itália), 1978: Eugenio Lazzarini (Itália), 1979: Angel Nieto (Espanha), 1980: Pierpaolo Bianchi (Itália), 1981: Angel Nieto (Espanha), 1982: Angel Nieto (Espanha), 1983: Angel Nieto (Espanha), 1984: Angel Nieto (Espanha), 1985: Fausto Gresini (Itália), 1986: Luca Cadalora (Itália), 1987: Fausto Gresini (Itália), 1988: Jorge Martinez (Espanha), 1989: Alex Crivillé (Espanha), 1990: Loris Capirossi (Itália), 1991: Loris Capirossi (Itália), 1992: Alessandro Gramigni (Itália), 1993: Dirk Raudies (Alemanha), 1994: Kazuto Sakata (Japão), 1995: Haruchika Aoki (Japão), 1996: Haruchika Aoki (Japão), 1997: Valentino Rossi (Itália), 1998: Kazuto Sakata (Japão)

Bessone Basto

Senhor eclectismo

É o atleta mais ecléctico e premiado do desporto português. Bessone Basto guarda mais de 1500 medalhas e troféus ganhos em provas desportivas, a par de distinções como a Medalha de Mérito Desportivo, a Medalha de Amizade do Comité Olímpico Português, seis medalhas de ouro para o nadador do ano e seis para o nadador mais completo, o troféu para o melhor atleta dos anos 60 e o Rugido do Leão, atribuído pelo Sporting.

Nos anos 60, é a figura da natação nacional, sagrando-se campeão em quase todas as distâncias e estilos. Durante três anos campeão ibérico das estafetas de 4×100 e 4×200 metros livres, vence duas vezes os Jogos Luso-Brasileiros. Soma 37 internacionalizações, representando Portugal no Europeu de Leipzig, em 1961, e nas Olimpíadas de Tóquio, em 1964.

No pólo aquático, serve as cores do Algés e Dafundo e do Sporting, tendo dez internacionalizações.

Além de nadador de grande currículo, Bessone Basto também pratica andebol e sagra-se vencedor de sete Campeonatos Nacionais e três Taças de Portugal na baliza do Sporting. Como jogador de campo, pelo Atlético de Algés e pela Liga de Algés, é o melhor marcador em várias competições. Representa a selecção de andebol 45 vezes.

A pesca submarina é outra modalidade em que Bessone Basto se distingue, ao serviço do Sporting, Oriental e ACM. É 15 vezes internacional e ganha três Campeonatos Nacionais individuais, dois em duplas e dez em equipas. Internacionalmente, alcança o sétimo lugar no Mundial 75, no Peru, e o segundo no Mundo Submerso 76.

Em três anos, é ainda campeão militar em todas as provas que disputa e participa numa Taça Ibérica de râguebi, pelo Belenenses. Judo, karaté, basquetebol, ténis e ténis de mesa são também «amores» de Bessone Basto. Uma vida consagrada ao desporto.

Antidoping

Lealdade, camaradagem e amor ao desporto pelo desporto são, para Bessone Basto, valores indissociáveis da prática desportiva. Só esse amor explica, por exemplo, a vontade de corresponder ao gosto de, ainda criança, quase saltar da cama para a água gelada. «Quando tinha dez ou onze anos, às cinco da manhã já estávamos à espera que nos abrissem as portas da piscina para irmos treinar, por vezes com água tão fria que até fazia doer os ossos. Isto numa altura em que fazer 1 minuto e 30 segundos aos 100 metros livres dava direito a um cacifo e um fato de banho.»

Em todas as modalidades que pratica, nunca muda de clube. «Onde começava, acabava. Não fazia sentido para mim estar inserido num grupo numa época, convivendo e partilhando determinados objectivos e depois, na época seguinte, defrontar esse mesmo grupo, agora noutra equipa...»

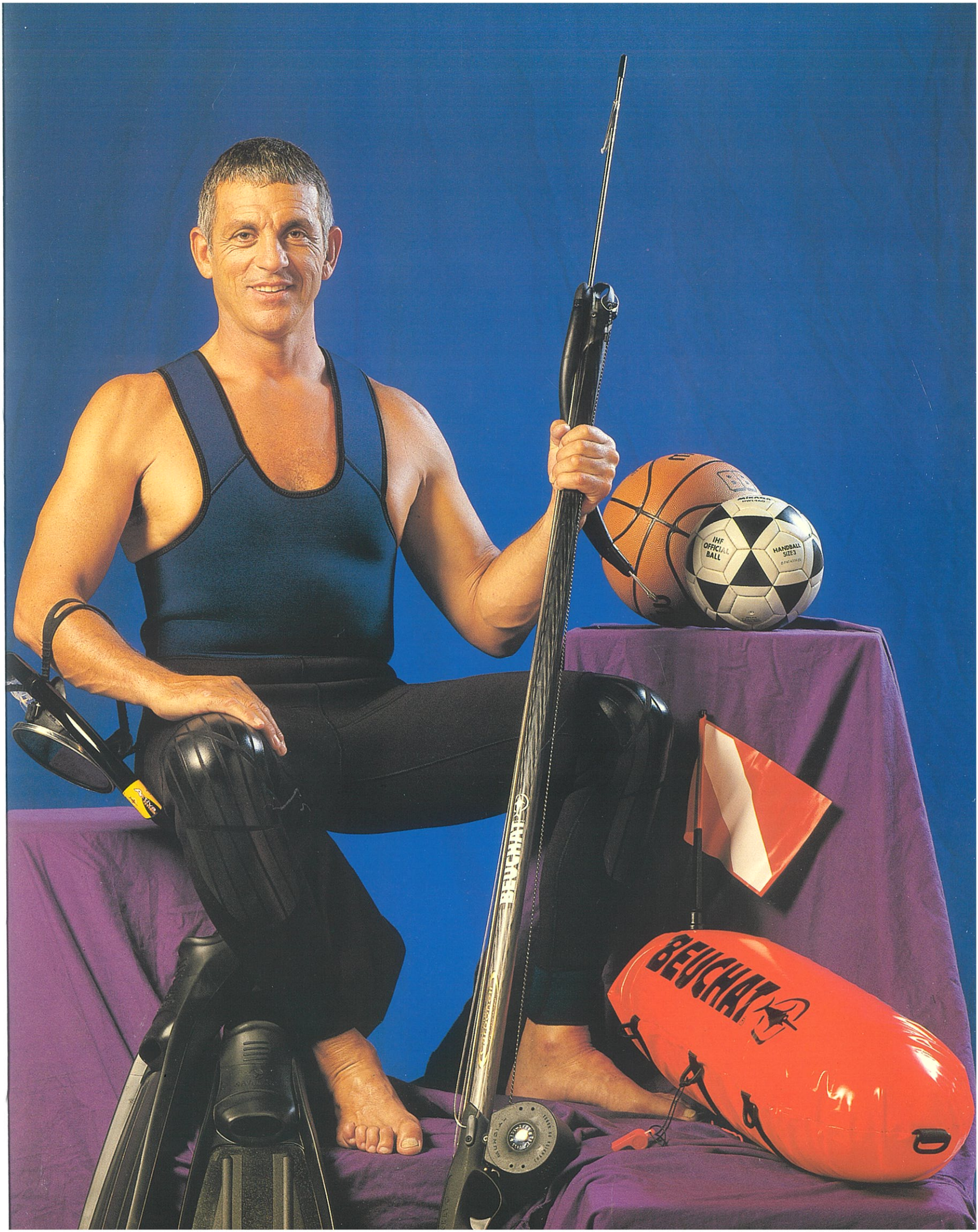
Da mesma forma e em defesa dos mesmos valores, repudia o doping, embora admita que durante algum tempo ignora completamente tais métodos. No entanto, ainda vai ►

A

B

C

D


IHF
OFFICIAL
BALL
HANDBALL
SIZE 3
BEUCHAT

E

► aperceber-se de «coisas muito estranhas», como certa vez em que, numa prova internacional, bate um nadador espanhol em 10 segundos aos 400 metros livres e no ano seguinte nota a «transformação». «Eu era um miúdo um ano mais velho, com 14 ou 15 anos, enquanto ele aparece completamente transformado, com ganhos de massa muscular incríveis.» Começa também a ver aqueles nadadores que nos treinos eram facilmente batidos e nas provas «apareciam com forças redobradas». Mas, seja por ignorância, seja por convicção, António Bessone Basto nunca recorre ao doping.

Hoje em dia, é espectador atento de espectáculos desportivos, apesar de se confessar contristado e mesmo revoltado. «Já não acredito em muito do que vejo. É falso o desporto que temos hoje.» Muitas vezes perdeu em circunstâncias de desigualdade, contra atletas nitidamente dopados, mas faz dessas derrotas as suas vitórias. «O meu maior troféu, dos mais de 1500 que venci, é a minha saúde. É o facto de nunca me ter dopado e, com 53 anos, ainda fazer tudo o que me apetece.»

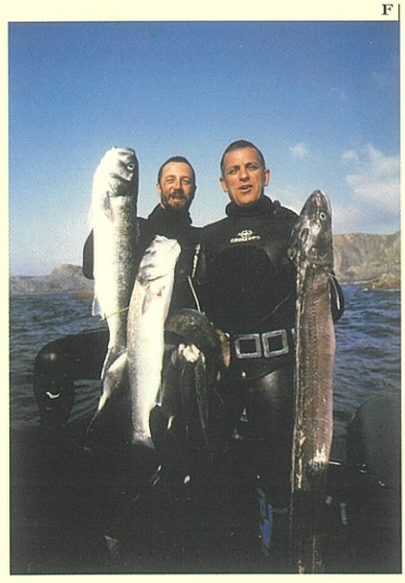
Tubarão-Tigre

Cinquenta e três anos de desporto limpo e saudável, uma forma de vida. O quotidiano deste alegre veterano tem um ritmo alucinante, dividido entre várias actividades, uma constante para um homem que não parece interessado no significado de «parar».

António Bessone Basto tem como principal actividade a gestão de uma empresa que comercializa todo o tipo de produtos ligados às actividades náuticas, especialmente à caça submarina. Mas ainda tem tempo para frequentar o ginásio regularmente, dirigir a secção de actividades subaquáticas do Sporting, já há 15 anos cheio de sucessos – com a conquista de inúmeros títulos na modalidade de caça submarina – e, «quando o mar está bom», mergulhar ele próprio para aventuras que o levam muitas vezes a passar seis e sete horas por dia na água.

A caça submarina é uma paixão antiga, precisamente de quando tinha 19 anos. Nunca mais deixou de mergulhar. Em 34 anos, junta muitas peripécias ou não fosse este um desporto «arriscado», como Bessone Basto é o primeiro a reconhecer. Uma das estórias que não esquece tem já alguns anos e passa-se ao largo de São Tomé. Numa expedição de caça em que se encontram reunidos alguns dos ►

F



G

H

I

A A caminho dos Jogos de Tóquio (com chapéu)
B Sporting, campeão nacional de andebol (segundo em pé, à esquerda)
C Com Carlos Silva, Manuel Brito e J. Manuel
D O cumprimento de Eusébio
E A ensinar os homens-rãs dos bombeiros
F Com António Silva, pentacampeão e seu sucessor na caça submarina
G No Sporting, bicampeão de caça submarina
H No mundial de caça submarina, em 1980
I Homenageado após condecoração oficial

► maiores nomes da caça submarina mundial, Bessone Basto vê-se frente a frente com um tubarão-tigre de cerca de 400 quilos... «Estávamos a horas de terra, se tivesse sido ferido... Não mordeu porque não lhe apeteceu. Tive muita sorte.» Boas recordações não lhe faltam, como a do pai, ainda hoje o seu maior ídolo, e a dos treinadores que teve. Nomes como Yokochi na natação, Matos Moura no andebol, Maia Loureiro no râguebi, entre outros, também lhe dão alegrias. Memórias mais amargas vão para alguns dirigentes do desporto nacional, contra quem sempre se bateu com frontalidade. Gosta de citar o padre Vítor Melícias, quando diz que «faltam cavalheiros no desporto». Que António Bessone Basto não seja o último.

Filho de peixe...

António Bessone Basto nasce em Algés, Lisboa, a 9 de Novembro de 1945, no seio de uma família fortemente ligada ao desporto.
O avô paterno, Rodrigo Bessone Basto, é um apaixonado da natação, paixão que o leva a numerosas travessias do Tejo e à fundação de um dos clubes emblemáticos da natação portuguesa, o Sport Algés e Dafundo. O pai, também Rodrigo, herda o gosto pela modalidade e participa nos Jogos Olímpicos de Helsínquia, em 1952, como membro da equipa nacional de pólo aquático. A mãe, Genoveva Rosa, também chega a praticar natação e a irmã, Maria Luísa, colecciona mesmo alguns títulos. Acaba por não ser estranho que os pais de António se tenham conhecido e apaixonado... na piscina do Sport Algés e Dafundo.
Assim, é com naturalidade que o pequeno António, com três anos, se inicia na natação do Algés e Dafundo. Aos oito, para orgulho do avô, faz a primeira travessia do Tejo e aos 12 tem a primeira internacionalização. São progressos movidos pela dedicação à modalidade, que lhe impõe um plano de treinos exigente e rigorosíssimo: sessões das sete às nove da manhã, das duas às quatro da tarde e das sete às nove da noite. Força para tanto trabalho ia buscá-la à alimentação. «Muita sopa, daquela que dá para vários dias, bife de cavalo, bofe, coração, feijão encarnado com chouriço e toucinho. Podia não ser a alimentação mais indicada para um desportista, mas era a que podíamos ter.»
O pai é uma influência determinante, até pelo facto de, a determinada altura, ser também o seleccionador nacional de natação. Função que não representa, porém, uma vantagem para António, bem pelo contrário. Ainda hoje não esquece uma vez em que, sofrendo os efeitos de uma intoxicação alimentar, é «obrigado» pelo pai a cumprir uma prova de qualificação em estafeta. Mas são rigores que não lhe diminuem a admiração pelo pai. Os olhos ainda brilham quando fala dele, por exemplo, para relembrar o episódio passado num jogo de pólo aquático com Espanha. O treinador adversário, agastado com a forma dura como António joga, grita-lhe da beira da piscina: «O teu pai era tão bom como tu, mas era um desportista.»

Bilhete de Identidade

António Bessone Basto
Algés, 9 Novembro de 1945

Como atleta
CLUBES
Sport Algés e Dafundo, Sporting, Clube Natação de Oeiras, Liga de Algés, Atlético de Algés, ACM e Oriental

PALMARÉS
Campeão nacional natação 100m livres 1962 (SAD), 400m livres 1964 (SAD), 1500m livres, 1962, 1963 e 1964 (SAD), 4×200m livres 1963 e 1964 (SAD), 100m costas 1962, 1963 e 1964 (SAD), 200m costas 1962, 1963 e 1964 (SAD), 400m estilos 1962, 1963 e 1964 (SAD), 4×100m estilos 1962, 1963 e 1964 (SAD). 7 vezes campeão nacional de andebol, 1966, 1967, 1969, 1970, 1971, 1972 e 1973 (Sporting). Taças de Portugal de andebol 1972, 1973 e 1975 (Sporting)

SELECÇÃO A
Natação: 37 internacionalizações, participação Olimpíadas de Tóquio, 64, Europeu de Leipzig, 61. Andebol: 45 internacionalizações. Pólo aquático: dez internacionalizações. Pesca submarina: 15 internacionalizações, sétimo lugar no Mundial 75, no Peru, e segundo no Mundo Submerso 76

Natação

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE NATAÇÃO É FUNDADA A 19 AGOSTO DE 1930 E TEM APROXIMADAMENTE 16 783 INSCRITOS. CONTA COM 12 ASSOCIAÇÕES FILIADAS, RESPONSÁVEIS POR 128 CLUBES

1954 – Baptista Pereira vence a travessia do canal da Mancha, batendo nadadores de 23 países

1956 – Jon Henricks (Austrália), campeão olímpico dos 100 metros livres, é o primeiro nadador a depilar-se antes das provas. A ideia tem origem na observação de que o polimento dos cascos de um barco acentua o deslize na água

1959 – Regina Veloso é considerada a nadadora portuguesa do ano

1960 – No campeonato australiano, disputado em Sydney em três dias, Dawn Fraser, John Konrads e Neville Hayes estabelecem 12 novos recordes mundiais

1964 – A australiana Dawn Fraser ganha as Olimpíadas de Tóquio (100m livres) pela terceira vez consecutiva, depois de Melbourne e Roma

1972 – Shane Gould (Austrália) é a única mulher detentora de todos os recordes mundiais dos 100 aos 1500 metros livres. Mark Spitz (EUA) vence sete medalhas de ouro e estabelece sete novos recordes mundiais nos JO de Munique

1974 – A natação sincronizada entra nos Campeonatos da Europa

1976 – John Naber (EUA) ganha quatro medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Montreal

1981 – Mary Meagher (EUA) bate os recordes mundiais dos 100 e 200 metros mariposa, com marcas que continuam imbatíveis

1985 – Alexandre Yokochi sagra-se vice-campeão europeu de 200 metros bruços, em Sófia

1988 – Matt Biondi (EUA) vence cinco medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Seul

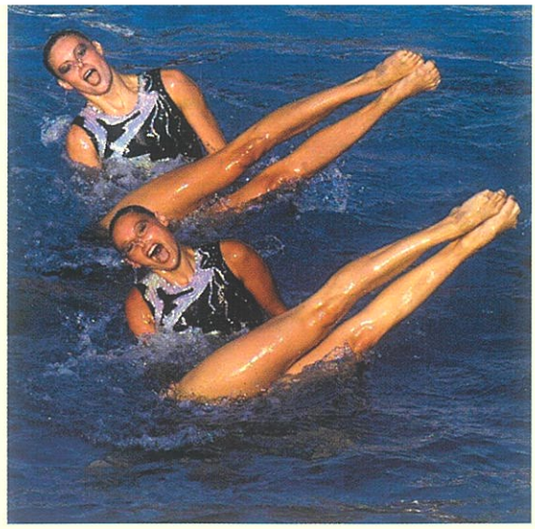
JUL 99 – Andrei Bogdanov (Rússia), medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976, morre afogado num lago nos arredores de

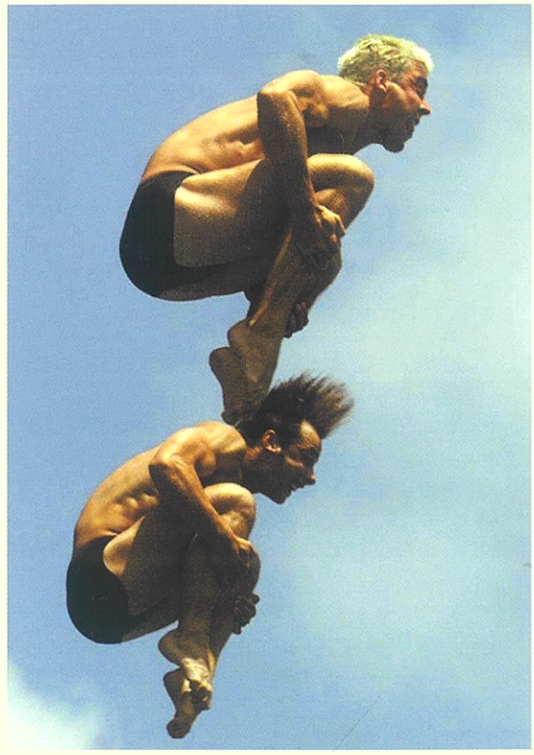
«Sereias» e «golfinhos»

A natação, enquanto desporto, começa no Japão no século XVIII. A natação desportiva moderna tem origem em Londres em 1837, com o aparecimento dos primeiros cursos e provas organizadas por uma associação, a National Swimming Association. É em Sydney que se realiza o primeiro campeonato. Torna-se modalidade olímpica em 1896 nos Jogos de Atenas e a partir de 1908 as provas passam a disputar-se em piscina. Na década de 50, as competições internacionais são dominadas por Estados Unidos e Austrália. A partir dos anos 60, os denominados países do Bloco de Leste, especialmente a União Soviética (URSS) e a República Democrática Alemã, surgem igualmente como potências da modalidade. A nível individual, a segunda metade do século tem dois grandes nadadores americanos, Mark Sptiz e Matt Biondi, vencedores de 11 medalhas em Olimpíadas. Entre 1984 e 1992, Biondi é campeão olímpico (8 de Ouro) e mundial (sete títulos).
Roland Matthes, da RDA, é o maior nadador de costas de todos os tempos. Imbatível entre 1967 e 1974, vence os 100 e 200 metros nos Jogos Olímpicos do México e de Munique. Nas provas de fundo, distingue-se Vladimir Salnikov (URSS) como campeão olímpico dos 400 metros (1980) e 1500 livres (1980 e 1988) e campeão mundial duas vezes nas duas especialidades. Nos anos 90, o russo Aleksander Popov afirma-se como a principal figura internacional da natação.
Nas competições femininas, Dawn Fraser domina, na década de 50 e 60, as provas de 100 e 200 metros livres. A australiana, primeira a diminuir a barreira de um minuto nos 100 metros livres, é a primeira a vencer três Jogos Olímpicos consecutivos (1956, 60 e 64). Nos anos 70, Kornelia Ender, da RDA, destaca-se nos 100 e 200 metros livres, com oito medalhas olímpicas (quatro de ouro) e oito títulos mundiais. Regista 23 novos recordes mundiais, feito incomparável na natação feminina.
Na década de 80, salientam-se Kristin Otto (RDA) e Mary Meagher (EUA). A americana, conhecida como Madame Butterfly, é a única a rivalizar com as nadadoras de Leste. Em 1981, estabelece os recordes mundiais dos 100 e 200 metros mariposa, que ainda se mantêm e são os mais antigos recordes da natação. É campeã mundial de 100 e 200 metros mariposa em 1982 e 1986, respectivamente. Sem a participação dos países de Leste nos Jogos de Los Angeles, sagra-se campeã olímpica nas duas especialidades em 1984.
Desde o início da década 90, alguns países reclamam a devolução de medalhas e a eliminação dos recordes dos atletas da ex-RDA, sobre os quais recaem suspeitas, algumas comprovadas, de uso de doping associado aos sucessos desportivos. Os métodos ilícitos são um dos principais problemas com que a natação se depara.

Natação sincronizada

A natação sincronizada, exclusivamente feminina, é disciplina olímpica desde 1984. Pratica-se em três variantes: solo, dueto e equipa. Estados Unidos, Canadá, Rússia, França e Grã-Bretanha são os países dominantes.
Entre 1993 e 1998, realizam-se quatro Nacionais de solo, cujos títulos são ganhos por Susana Seixas, Raquel Reis (duas vezes) e Tânia Carvalho, respectivamente. Nos três campeonatos seniores de dueto, Raquel Reis vence três vezes, duas com Helena Vieira (1995 e 1996) e a outra com Elisabete Pereira (1998).





Sampetersburgo. Três outros nadadores russos não conseguem salvar o vice-campeão olímpico. A sueca Anna-Karin Kammerling bate o recorde mundial dos 50 metros mariposa no Europeu da Turquia. Nuno Laurentino é sexto na final dos 50 metros costas e José Couto sétimo na final dos 200 metros bruços no Europeu

AGO 99 – A sueca Louise Karlsson, campeã mundial dos 200 metros estilos em 1997, sofre problemas cardíacos enquanto nada numa gala e tem de ser socorrida por outros atletas, entre os quais os ex-futebolistas internacionais Thomas Ravelli e Brolin

Saltos para a água

A disciplina de saltos é introduzida pela primeira vez nos Jogos Olímpicos de 1904. China, Rússia, Estados Unidos e Alemanha são as principais potências nas duas variantes: trampolim e plataforma. O Campeonato Nacional de saltos realiza-se anualmente desde 1922. Em piscina, começa a ser disputado a partir de 1930. Na história da competição, distinguem-se António Guedes Gonçalves, Horácio Mendes, Manuel Júnior e Rui Samora. Nos campeonatos femininos, Inês Gonçalves e Tânia Cunha são os nomes mais sonantes.

Saltos para a água

Masculinos
Trampolim – 1952: Browning (EUA), 1956: Clothworthy (EUA), 1960: Tobian (EUA), 1964: Sitzberger (EUA), 1968: Wrightson (EUA), 1972: Vasine (URSS), 1976: Boggs (EUA), 1980: Portnov (URSS), 1984: Louganis (EUA), 1988: Louganis (EUA), 1992: Lenzi (EUA), 1996: Ni Xiong (CHI)
Plataforma – 1952: Lee (EUA), 1956: Capilla (MEX), 1960: Webster (EUA), 1964: Webster (EUA), 1968: Dibiasi (ITA), 1972: Dibiasi (ITA), 1976: Dibiasi (ITA), 1980: Hoffmann (RDA), 1984: Louganis (EUA), 1988: Louganis (EUA), 1992: Shun Wei Sun (CHI), 1996: Sautin (RUS)

Femininos
Trampolim – 1952: McCormick (EUA), 1956: McCormick (EUA), 1960: Kramer (RDA), 1964: Kramer (RDA), 1968: Gossick (EUA), 1972: King (EUA), 1976: Chandler (EUA), 1980: Kalinina (URSS), 1984: Bernier (Canadá), 1988: Gao Min (CHI), 1992: Gao Min (CHI), 1996: Mingxia Fu (CHI)
Plataforma – 1952: McCormick (EUA), 1956: McCormick (EUA), 1960: Kramer (RDA), 1964: Busch (EUA), 1968: Duchkova (CHE), 1972: Knape (SUE), 1976: Vaytsekhovskaia (URSS), 1980: Jaschke (RDA), 1984: Zhou (CHI), 1988: Xu Yannei (CHI), 1992: Mingxia Fu (CHI), 1996: Mingxia Fu (CHI)

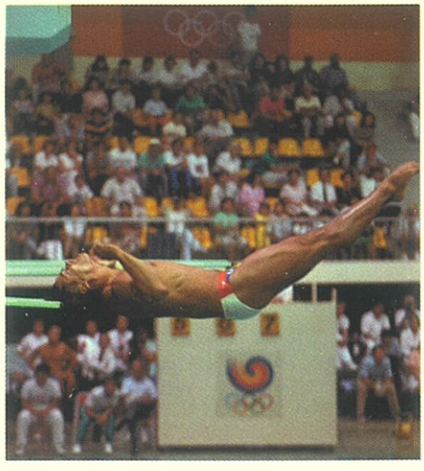
Greg Louganis

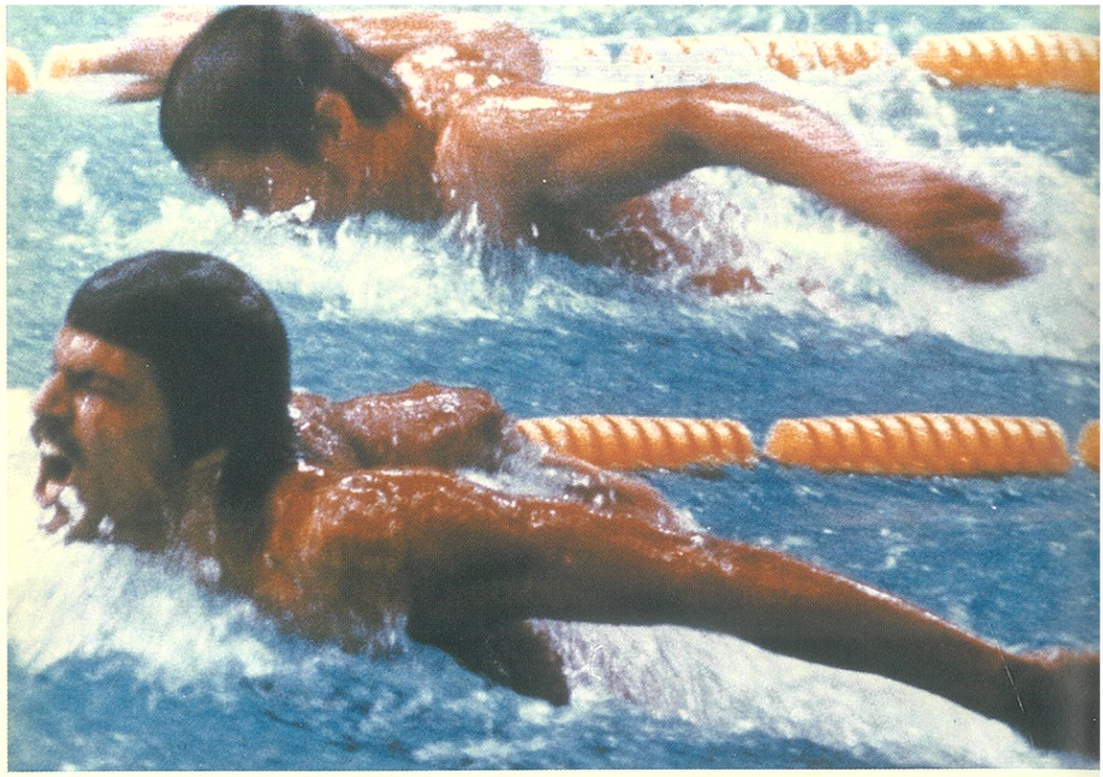
Greg Louganis é considerado o melhor saltador de todos os tempos. Quando, nos Jogos Olímpicos de Seul (1988), bate com a cabeça no trampolim e chega à água a sangrar, o mundo estava longe de imaginar que o americano era portador do vírus da sida. Embora sabendo que é seropositivo, Louganis não comunica esse facto. Só em 1995 revela a doença. Apesar de serem quase nulas as probabilidades de contágio pela água, o problema levanta a questão da segurança entre os desportistas nas provas.
É o primeiro saltador a conseguir obter sete notas 10 (nota máxima) em plataforma. Nesta disciplina, conquista a primeira medalha de prata nas Olimpíadas de Montreal em 1976 e é campeão olímpico de plataforma e trampolim em 1984 e 1988.

Bilhete de Identidade

Gregory Efthimios Louganis
San Diego (EUA), 29 de Janeiro de 1960

Como atleta
PALMARÉS
Campeão olímpico de trampolim e plataforma em Los Angeles 1984 e em Seul 1988. Campeão mundial de plataforma em 1978, 1982 e 1986 e campeão mundial de trampolim em 1982 e 1986. Medalha de prata em plataforma nos Jogos Olímpicos de Montreal (1976)





Jogos Olímpicos

50 m Livres – 1988: Biondi (EUA), 1992: Popov (CEI), 1996: Popov (RUS)

100 m Livres – 1952: Scholes (EUA), 1956: Henricks (AUS), 1960: Devitt (AUS), 1964: Schollander (EUA), 1968: Wenden (AUS), 1972: Spitz (EUA), 1976: Montgomery (EUA), 1980: Woithe (RDA), 1984: Gaines (EUA), 1988: Biondi (EUA), 1992: Popov (CEI), 1996: Popov (RUS)

200 m Livres – 1968: Wenden (AUS), 1972: Spitz (EUA), 1976: Furniss (EUA), 1980: Kopliakov (URSS), 1984: Gross (RFA), 1988: Armstrong (AUS), 1992: Sadovyi (CEI), 1996: Loader (NZL)

400 m Livres – 1952: Boiteux (FRA), 1956: Rose (AUS), 1960: Rose (AUS), 1964: Schollander (EUA), 1968: Burton (EUA), 1972: Cooper (AUS), 1976: Goodell (EUA), 1980: Salnikov (URSS), 1984: Di Carlo (EUA), 1988: Dassler (RDA), 1992: Sadovyi (CEI), 1996: Loader (NZL)

1500 m Livres – 1952: Konno (EUA), 1956: Rose (AUS), 1960: Konrads (AUS), 1964: Windle (AUS), 1968: Burton (EUA), 1972: Burton (EUA), 1976: Goodell (EUA), 1980: Salnikov (URSS), 1984: O'Brien (EUA), 1988: Salnikov (URSS), 1992: Perkins (AUS), 1996: Perkins (AUS)

100 m Costas – 1952: Oyakawa (EUA), 1956: Theile (AUS), 1960: Theile (AUS), 1964: não se realiza, 1968: Matthes (RDA), 1972: Matthes (RDA), 1976: Naber (EUA), 1980: Baron (SUE), 1984: Carey (EUA), 1988: Suzuki (JAP), 1992: Tewksbury (CAN), 1996: Rouse (EUA)

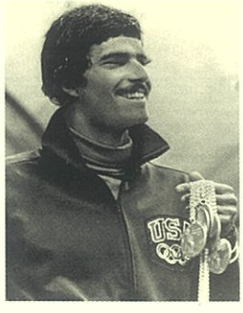
200 m Costas – 1964: Graef (EUA), 1968: Matthes (RDA), 1972: Matthes (RDA), 1976: Naber (EUA), 1980: Wladar (HUN), 1984: Carey (EUA), 1988: Polianski (URSS), 1992: Zubero (ESP), 1996: Bridgewater (EUA)

100 m Bruços – 1968: McKenzie (EUA), 1972: Taguchi (JAP), 1976: Hencken (EUA), 1980: Goodhew (GBR), 1984: Lundquist (EUA), 1988: Moorhouse (GBR), 1992: Diebel (EUA), 1996: Burghgraeve (BEL)

200 m Bruços – 1952: Davies (AUS), 1956: Furukawa (JAP), 1960: Mulliken (EUA), 1964: O'Brien (AUS), 1968: Munoz (MEX), 1972: Hencken (EUA), 1976: Wilkie (GBR), 1980: Zhulpa (URSS), 1984: Davis (CAN), 1988: Szabo (HUN), 1992: Barrowman (EUA), 1996: Rozsa (HUN)

100 m Mariposa – 1968: Russell (EUA), 1972: Spitz (EUA), 1976: Vogel (EUA), 1980: Arvidsson (SUE), 1984: Gross (RFA), 1988: Nesty (SUR), 1992: Morales (EUA), 1996: Pankratov (RUS)

►



Mark Spitz

Mark Andrew Spitz nada para a imortalidade quando vence sete medalhas de ouro e bate sete recordes do mundo nos Jogos de Munique (1972). O nadador americano nasce a 10 de Fevereiro de 1950 em Modesto (Califórnia), e, aos oito anos, o pai, Arnold Spitz, inicia-o na prática competitiva. Convencido do potencial do filho, desloca a família para o norte do Estado, para procurar as melhores condições possíveis de treino. Arnold transmite a Mark que mais importante que nadar é vencer.

Após as primeiras grandes vitórias, alguns comentários descrevem-no como imaturo e arrogante. Aparecem declarações de Mark segundo as quais tem o desejo de vencer seis medalhas nos Jogos de 1968. Na Cidade do México, Spitz fica-se por duas medalhas de ouro, obtidas colectivamente pelos Estados Unidos nas provas de 4×100 e 4×200 metros livres. Individualmente, vence uma medalha de prata nos 100 metros mariposa e uma de bronze nos 100 metros livres. Defraudadas as expectativas, considera o desempenho no México como o pior de toda a vida. Ainda em 1968, torna-se membro da Universidade de Indiana e arranca para quatro anos de glória em provas nacionais e internacionais.

Em 1972, surge em Munique mais reservado e adulto. A primeira final em que triunfa é nos 200 metros mariposa, na qual ficara em último lugar nos Jogos anteriores. «Como peixe na água», vence individualmente quatro medalhas de ouro – nos 100 e 200 metros livres, 100 e 200 metros mariposa – e colectivamente três – nos 4×100, 4×200 metros livres e 4×100 metros estilos.

É recebido como um herói nos Estados Unidos, onde são difundidas fotografias com as sete medalhas ao pescoço. Anuncia logo a retirada. Em 1991, com 41 anos, tenta um regresso às competições. Mal sucedido, retira-se novamente, deixando para trás um dos mais brilhantes marcos da história da natação e dos Jogos Olímpicos.

Bilhete de Identidade

Mark Andrew Spitz
Modesto (EUA), 10 de Fevereiro de 1950

Como Atleta
PALMARÉS
Sete medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Munique 1972. Duas medalhas de ouro, uma de prata e uma de bronze nos Jogos Olímpicos da Cidade do México 1968

Aleksander Popov

Aleksander Popov torna-se internacionalmente conhecido quando é medalha de ouro nos 50 e 100 metros livres nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992. Natural de Yekaterinburg, Rússia, inicia-se na natação com oito anos, depois de perder o medo da água. Aos 14 anos, torna-se campeão júnior do seu país. Compete no estilo costas, até optar pelo livre, quando integra a equipa do reconhecido treinador Gennadi Touretsky, em 1990.

É considerado desde 1991 o melhor nadador do mundo na sua especialidade. No ano da consagração, em 1992, muda-se para a capital da Austrália (Camberra), onde despende seis horas de treino diário. Em 1994, vence novamente os 50 e 100 metros livres, no Mundial de Roma, batendo o recorde do mundo nestes últimos. Nos Jogos Olímpicos de 1996, em Atlanta, é medalha de ouro nas duas provas, somando quatro triunfos em Olimpíadas. Depois da competição, de visita ao seu país, tem um problema digestivo que o afasta temporariamente. No Mundial 98, em Perth, vence nos 100 metros livres e fica em segundo lugar nos 50. Soma sete medalhas de ouro individuais em Europeus, três nos 50 e quatro nos 100 metros livres.

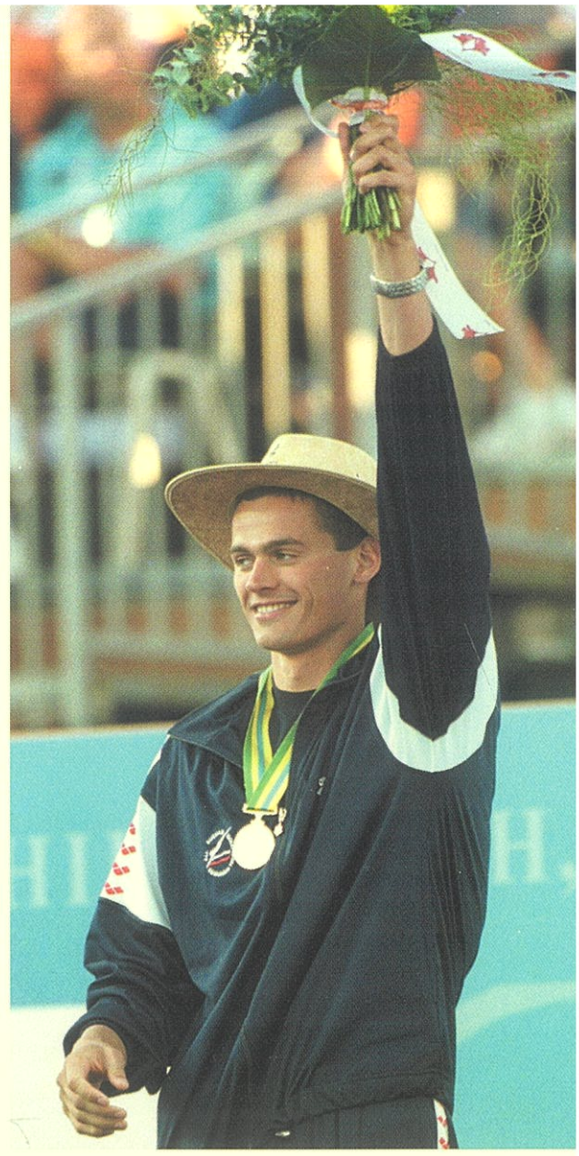
Bilhete de Identidade

Aleksander Popov
Yekaterinburg, ex-Sverdlovsk (Rússia), 16 de Novembro de 1971

Como atleta
CLUBES
Volvograd Swim Club

PALMARÉS
Medalha de ouro 50 e 100 L nos Jogos Olímpicos 1992. Medalha de ouro 50 e 100 L nos Jogos Olímpicos 1996. Campeão mundial 50 e 100 L 1994. Campeão mundial dos 100 L e medalha de prata nos 50 L no Mundial 1998. 3 vezes campeão europeu de 50 L 1993, 1995 e 1997. 4 vezes campeão europeu nos 100 L 1991, 1993, 1995 e 1997

SELECÇÃO
Medalha de prata nas provas de 4×100 L e 4×100 E nos Jogos Olímpicos de 1992 e 1996. Campeão mundial de 4×100 L e 4×100 E 1994 e 1998.
8 medalhas de ouro em 4×100 L e 4×100 E em Campeonatos Europeus 1991, 1993, 1995 e 1997



Kristin Otto

Kristin Otto consagra-se nos Jogos Olímpicos de Seul (1988), quando conquista seis medalhas de ouro, quatro das quais obtidas individualmente nas provas de 100 metros costas, mariposa e livres, e 50 metros livres. Nascida a 7 de Fevereiro de 1966, na República Democrática Alemã, destaca-se como a melhor nadadora dos anos 80.

No Mundial de Guayaquil (1982), vence uma medalha de ouro nos 100 metros costas. Nos campeonatos de Madrid, em 1986, conquista dois títulos mundiais nos 100 metros livres e 200 metros estilos e a medalha de prata nos 50 metros livres. Vence quatro medalhas de ouro em europeus, três das quais em 1987 (100m livres, 100m mariposa e 100m costas) – quando atinge o auge – e uma em 1989 (100m costas).

Bilhete de Identidade

Kristin Otto
Leipzig (RDA), 7 de Fevereiro de 1966

Como atleta
PALMARÉS
6 medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Seul 1988. Campeã mundial de 100 C em Guayaquil (1982). Campeã mundial de 100 L e 200 E e medalha de prata nos 50 L em Madrid (1986)

200 m Mariposa – 1956: Yorzyk (EUA), 1960: Troy (EUA), 1964: Berry (AUS), 1968: Robie (EUA), 1972: Spitz (EUA), 1976: Bruner (EUA), 1980: Fesenko (URSS), 1984: Sieben (AUS), 1988: Gross (RFA), 1992: Stewart (EUA), 1996: Pankratov (RUS)

200 m Estilos – 1968: Hickcox (EUA), 1972: Larsson (SUE), 1976: não se disputa, 1980: não se disputa, 1984: Baumann (CAN), 1988: Darnyi (HUN), 1992: Darnyi (HUN), 1996: Czene (HUN)

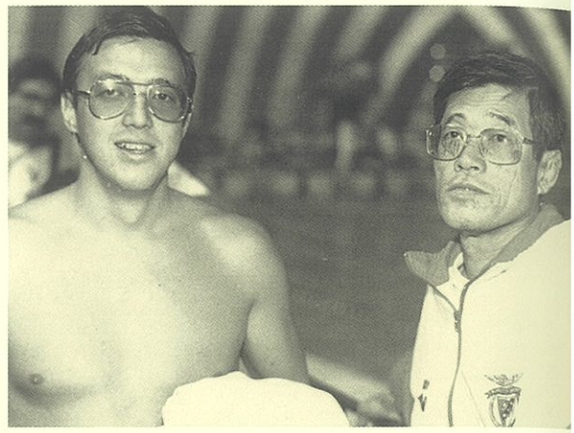
400 m Estilos – 1964: Roth (EUA), 1968: Hickcox (EUA), 1972: Larsson (SUE), 1976: Strachan (EUA), 1980: Sidorenko (URSS), 1984: Baumann (CAN), 1988: Darnyi (HUN), 1992: Darnyi (HUN), 1996: Dolan (EUA)

4×100 m Livres – 1964: EUA, 1968: EUA, 1972: EUA, 1976: não se realiza, 1980: não se realiza, 1984: EUA, 1988: EUA, 1992: EUA, 1996: EUA

4×200 m Livres – 1952: EUA, 1956: AUS, 1960: EUA, 1964: EUA, 1968: EUA, 1972: EUA, 1976: EUA, 1980: URSS, 1984: EUA, 1988: EUA, 1992: CEI, 1996: EUA

4×100 m Estilos – 1960: EUA, 1964: EUA, 1968: EUA, 1972: EUA, 1976: EUA, 1980: AUS, 1984: EUA, 1988: EUA, 1992: EUA, 1996: EUA

Braçadas curtas em Portugal

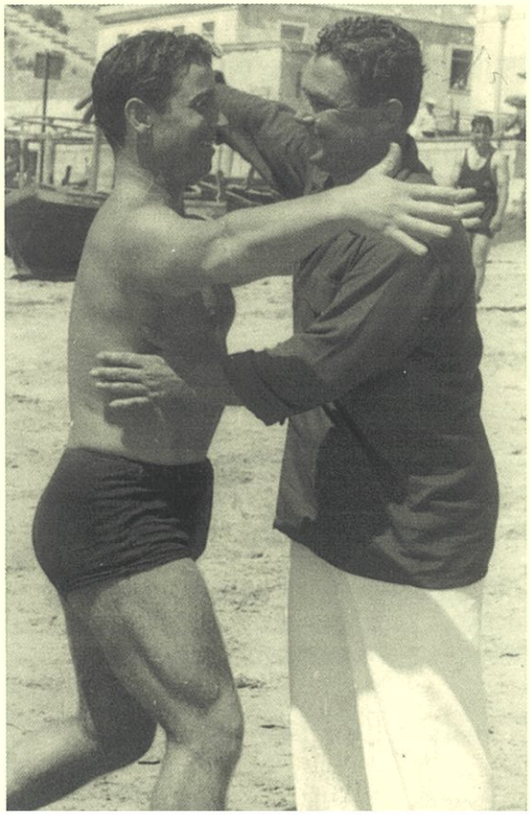


Em Portugal, realizam-se provas oficiais desde 1922, ano da fundação da Liga Portuguesa dos Clubes de Natação. Baptista Pereira é a grande figura nos anos 40 e 50, em particular nas provas de fundo disputadas em rios e no mar. Mário Simas participa no Campeonato da Europa de 1947. Após esta presença, só em 1962 Portugal volta a contar com um finalista, Vítor Fonseca, do Sport Algés e Dafundo, sétimo classificado na final dos 200 metros mariposa.

A partir dos finais da década de 70, com a restruturação da Federação Portuguesa de Natação, a modalidade ganhou novo fôlego, permitindo a demonstração de talentos como Rui Abreu, Paulo Frischknecht, Alexandre Yokochi, os mariposistas João Santos e Sandra Neves (a primeira portuguesa a nadar uma final B de um Europeu Absoluto), Artur Costa (o melhor fundista nacional), Ana Barros e Joana Arantes (primeiras portuguesas a nadar uma final principal num Europeu). Destacam-se ainda Diogo Madeira e Paulo Trindade, os únicos, a par de Yokochi, que participam em três Jogos Olímpicos, Ana Alegria, duas vezes nadadora olímpica, Ana Francisco, campeã europeia júnior, e Petra Chaves, vice-campeã europeia júnior.

Yokochi, filho de um treinador estrangeiro (Shitaro), é na década de 80 um caso raro no desporto nacional. A distância qualitativa que revela para os restantes nadadores nacionais é abissal, não só pelo enorme talento como pela mediania da modalidade no País. Os novos valores da década de 90, José Couto e Nuno Laurentino, são já produto do trabalho de desenvolvimento da modalidade e de técnicos nacionais, apesar de serem ainda escassos os valores mundiais em Portugal.

Baptista Pereira



Joaquim Baptista Pereira nasce a 7 de Março de 1921, em Alhandra. Desde muito cedo, Gineto, como é conhecido, revela aptidão para a natação e passa o tempo a nadar no rio Tejo. Aos 14 anos, participa em competições pelo Sporting Clube de Alhandra. É campeão nacional durante 15 anos consecutivos, batendo recordes dos 200, 400, 800, 1000 e 1500 metros livres. Vence inúmeras competições de fundo, como as travessias do Tejo, Lisboa-Cascais, Peniche-Berlengas, estreito de Gibraltar e descida do Nilo.

A maior vitória internacional consegue-a em 1954, na travessia do canal da Mancha, vencendo os mais conceituados nadadores de grandes distâncias. Após a prova, Baptista Pereira declara à BBC: «Sinto-me cansado, porque foi a prova mais difícil da minha vida. Nadei as últimas seis milhas só com a força dos braços, porque trazia as pernas geladas.» Em 1959, bate o recorde europeu de distância e permanência na água, ao nadar 206 km durante 28 horas e 43 minutos.

Inspira o escritor Soeiro Pereira Gomes na obra «Esteiros», que imortaliza a forma de vida do nadador (falecido em 1984), e das povoações ribeirinhas do Tejo.

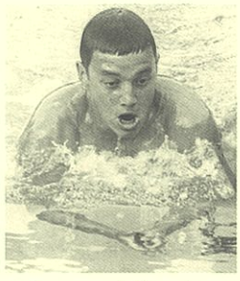
Bilhete de Identidade

Joaquim Baptista Pereira
Alhandra, 7 de Março de 1921. Falecido a 22 de Junho de 1984

Como atleta
CLUBES
Alhandra SC

PALMARÉS
Vitória na travessia do Canal da Mancha (1954).
Recorde europeu de distância e permanência na água (1959)

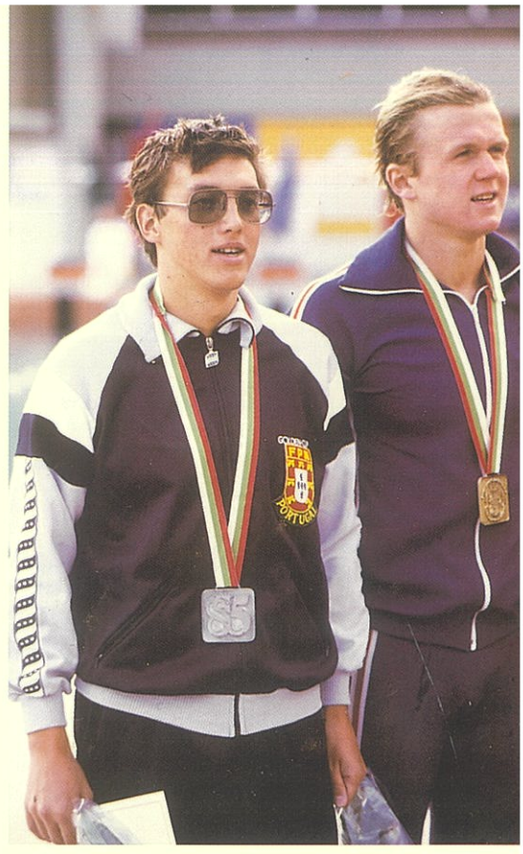
Alexandre Yokochi



Alexandre Tadayuki Yokochi consegue em 1985, nos Europeus de Sófia, Bulgária, a melhor classificação portuguesa de sempre numa competição internacional, a medalha de prata nos 200 metros bruços. Vinte anos antes, nasce a 13 de Fevereiro, em Lisboa, e logo com 18 meses cai à água durante a inauguração da piscina dos Olivais.

Aprende a nadar com o pai, o japonês Shintaro Yokochi, treinador-proprietário de uma escola de natação, onde o nadador se inicia como pré-infantil. Aos sete anos, domina todos os estilos e participa pela primeira vez numa prova em 1971. Na época de 72/73, é inscrito como infantil no Benfica, onde o pai entra como treinador. Evolui até conseguir títulos nacionais e o de vice-campeão europeu de juniores, em 1980. Nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984, fica em sétimo lugar na final dos 200 metros bruços e bate o recorde nacional, com quase três segundos de diferença. Em 1985, quando é vice-campeão europeu, bate novamente o recorde nacional da prova, ficando a um décimo de segundo do vencedor. Ganha um lugar nos «dez mais» do «ranking» mundial de 200 metros bruços.

Perante a incompatibilidade do regime de treinos com os estudos, decide aceitar o convite para ingressar na Universidade de Illinois, nos Estados Unidos, com uma bolsa de estudo. Representa a equipa da universidade, mas permanece ligado ao Benfica e a participar em provas nacionais pelo clube e internacionais pela selecção. Classifica-se em quinto lugar na prova em que é especialista no Mundial de Madrid (1986). Em 1987, é medalha de ouro nos 200 metros bruços no Meeting Golden Cup, em Estrasburgo. No Europeu 87, na mesma cidade, não sobe ao pódio. Queda-se pelo sétimo posto, mas bate mais uma vez o recorde nacional. Nos Jogos Olímpicos de Seul (1988), é nono. Após o abandono da alta competição, em 1992, radica-se nos Estados Unidos.



Bilhete de Identidade

Alexandre Tadayuki Yokochi
Lisboa, 13 de Fevereiro de 1965

Como atleta
CLUBES
Benfica e Universidade de Illinois (EUA)

PALMARÉS
Medalha de prata nos 200 B no Europeu de Sófia (1985). Medalha de ouro nos 200 B no Europeu Universitário de Zagreb (1987). Medalha de prata nos 200 B no Europeu Júnior de Oslo (1976).
5º nos 200 B do Mundial de Madrid (1986)

José Couto

Aproveitando a realização, em Dezembro de 1999, do Campeonato da Europa de Pista Curta em Portugal (Piscina do Complexo Desportivo do Jamor), o jovem (21 anos) José Couto, atleta do Sporting, inscreve o seu nome entre a elite da natação mundial. Exímio no estilo bruços, assegura a conquista de duas medalhas e «estilhaça» vários recordes nacionais. Nos 200 metros fica com a prata e nos 100 com bronze. Um feito fantástico, tendo em conta o valor dos opositores e o nível médio da modalidade em Portugal. Fortemente motivado afirma, logo de seguida, que pretende «fazer mais e melhor». De preferência, nos Jogos Olímpicos, prova onde para além da concorrência europeia terá de contar com os sempre poderosos nadadores dos Estados Unidos.

Bilhete de Identidade

José Guilherme Ferreira Couto
Lisboa, 27 de Fevereiro de 1978

Como atleta
CLUBES
Sporting

PALMARÉS
2º nos 200 metros bruços e 3º nos 100 metros bruços no Campeonato da Europa de Piscina Curta – Lisboa 99

Orientação

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE ORIENTAÇÃO É FUNDADA A 19 DE DEZEMBRO DE 1990, DATA EM QUE PASSA A FAZER PARTE DA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL (INTERNATIONAL ORIENTEERING FEDERATION, IOF). EM 1998, O NÚMERO DE PRATICANTES ATINGE OS 1600. O ORÇAMENTO, QUE NO ANO DE FUNDAÇÃO TEM O VALOR DE TRÊS MIL CONTOS, CHEGA AOS 48 MIL CONTOS (239 423 EUROS) OITO ANOS DEPOIS. NÃO É MODALIDADE OLÍMPICA

Na pista da afirmação

Existe há mais de cem anos, com maior incidência nos países nórdicos, mas em Portugal é uma modalidade relativamente recente. Dez anos marcam a fundação da Federação de orientação e são quatro as disciplinas: orientação pedestre, orientação em BTT, «trail orienteering», para deficientes motores, e orientação em esqui.

As vertentes mais difundidas são a orientação pedestre e em BTT. A primeira é feita a pé com o auxílio de um mapa e o objectivo é percorrer uma série de pontos indicados (pontos de controlo) no menor tempo possível. Em BTT, as regras são as mesmas, com a diferença de o percurso ser feito em bicicleta de montanha.

Nessas duas variantes, Portugal tem representantes além-fronteiras, nas Taças e Campeonatos do Mundo realizados intercaladamente. As vitórias internacionais reportam-se, no entanto, apenas aos Campeonatos Ibéricos. O ano mais positivo é 1997, quando três atletas nacionais, Mário Duarte, Paulo Palma e Francisco Cordeiro, sobem ao pódio.

Pára-Quedismo

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE PÁRA-QUEDISMO É FUNDADA A 4 DE FEVEREIRO DE 1991, DATA EM QUE CONTA COM 200 PRATICANTES E UM ORÇAMENTO DE 24 000 CONTOS. EM 1998, TEM JÁ 2924 INSCRITOS (DOS QUAIS 200 COMPETEM) E GERE UM ORÇAMENTO DE 111 MIL CONTOS (553 666 EUROS). A FEDERAÇÃO POSSUI UM GABINETE TÉCNICO, UM CONJUNTO DE DEZ JUÍZES E 30 INSTRUTORES ESPALHADOS PELOS 21 CLUBES FILIADOS. PRATICAM-SE EM PORTUGAL TRÊS DISCIPLINAS: VOO DE FORMAÇÃO A QUATRO, PRECISÃO DE ATERRAGEM E SKYSURF. DISPUTA-SE UM CAMPEONATO NACIONAL E UMA TAÇA DE PORTUGAL

Notoriedade na guerra

As raízes desta modalidade remontam ao século XVIII, mas é já em 1919 que Leslie Irving dá o primeiro salto em queda livre. Na década de 30, desenvolve-se na URSS, com fins militares, e na II Guerra Mundial ganha notoriedade devido à utilização dos pára-quedistas pelos Aliados. Os Mundiais surgem com o fim da guerra e são dominados por quatro potências: URSS (depois Rússia), França, Estados Unidos e a antiga RDA nas modalidades femininas.

Em Portugal, os campeonatos apuram equipas (de quatro elementos) para os Mundiais de voo de formação e skysurf. Na precisão de aterragem, os primeiros cinco classificados formam a equipa portuguesa no Campeonato do Mundo.

Numa disciplina dominada por militares, a grande vedeta é uma mulher, Marta Ferreira. Em Abril de 1998, salta com pára-quedas no Pólo Norte, sendo o primeiro atleta português a consegui-lo. Em Setembro do mesmo ano, consegue a medalha de bronze nos Europeus de skysurf, em Évora.

Ideia de Coubertin

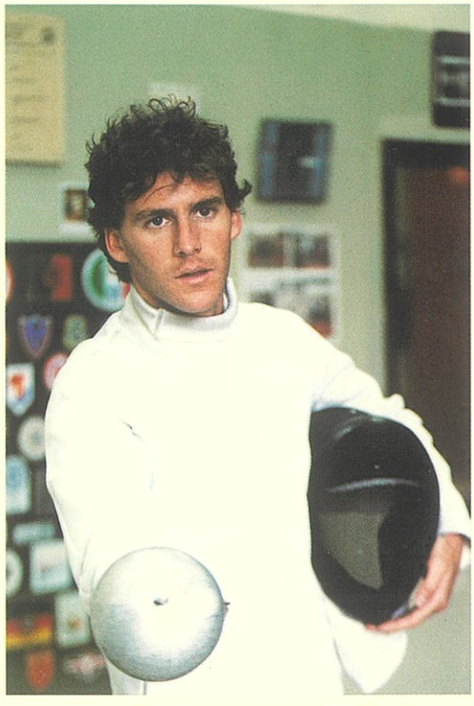
O pentatlo moderno é criado pelo Barão Pierre de Coubertin para os Jogos Olímpicos de 1912, em Estocolmo. É constituído por cinco disciplinas – hipismo, tiro, natação, corrida e esgrima – e está intimamente ligado a provas militares. Baseia-se, inclusive, no conceito-base de um correio-militar, que, para chegar a determinado objectivo, tem de esgrimir com inimigos, usar a pistola, atravessar um rio a nado e correr. Aliás, nos JO de Estocolmo só é permitida a participação a militares. Actualmente, a modalidade é constituída por provas de esgrima, saltos equestres num circuito de 400 metros, natação de 200 metros, crosse de 3000 metros e tiro com pistola.
A União Internacional de Pentatlo Moderno é a entidade máxima responsável. Em Portugal, é a Federação que se ocupa da organização de competições. Em 1984, providencia a participação de Manuel Barroso nos JO de Los Angeles e, em 1989, é responsável pela organização do Mundial de Juniores, em Torres Vedras. Em 1996, leva a efeito o I Campeonato da Europa de juniores masculinos. Entre as grandes figuras da modalidade, destaca-se o húngaro Andras Balczo, vencedor de seis títulos mundiais da especialidade.

Pentatlo Moderno

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE PENTATLO MODERNO É FUNDADA EM LISBOA A 19 DE DEZEMBRO DE 1949. TRINTA ANOS MAIS TARDE, POR ACÇÃO DO MARQUÊS DO FUNCHAL E, POSTERIORMENTE, DO CORONEL ROBERTO DURÃO, ENCONTRA O RUMO DEFINITIVO. É TITULAR DO ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA DESPORTIVA DESDE 4 DE ABRIL DE 1994 E ESTÁ FILIADA NA UNIÃO INTERNACIONAL DE PENTATLO MODERNO

Manuel Barroso

Duas sessões de hipismo semanais, cinco de natação, cinco ou seis de corrida, quatro de tiro e quatro de esgrima, numa média de treino de cinco a seis horas diárias, perfazem o plano de trabalho do pentatleta Manuel Barroso. Um ritual que o leva a quatro Olimpíadas e à conquista de nove Campeonatos Nacionais absolutos, entre outros troféus.
Manuel José Lopes Pinto Barroso nasce a 9 de Março de 1964, em Lisboa. Começa por praticar natação, mas abandona aos 16 anos, já depois de integrar várias selecções de juniores. Saturado, é levado por amigos a experimentar o pentatlo moderno, modalidade para a qual demonstra grande aptidão; afinal, é um excelente nadador e sabe montar.
A escassos dois anos dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, começa a preparar-se, alcançando rapidamente os mínimos olímpicos. Contudo, as Olimpíadas revelam-se uma tremenda desilusão, levando mesmo ao abandono precoce de vários pentatletas envolvidos e a uma «crise de vocação» de Manuel Barroso, que só regressa à modalidade tendo em vista os JO de Seul. Em terras coreanas, o desastre olímpico não se repete. O português consegue o 35º lugar da geral, com um honroso quinto lugar na prova de corrida, o seu ponto forte (é eleito o melhor corredor do Mundo em pentatlo em 1989, 1990, 1991 e 1992).
No ciclo de preparação para Barcelona, sagra-se campeão da CEE (1990) e fica em 13º na Taça do Mundo em Roma e no Mundial, em Santo António, EUA (1991). Um resultado prometedor, já que se queda a poucos pontos do terceiro lugar, o que o faz sonhar com uma medalha em Barcelona. Na Catalunha, um episódio quase anedótico arrasa os sonhos de Barroso: na primeira prova, a de tiro, o percussor da pistola parte-se e Barroso vê-se forçado a competir com a pistola de um adversário. Inadaptado à arma emprestada, falha rotundamente. Abalado, ainda ganha a prova de corrida, mas não consegue fazer melhor que o 52º lugar. Despede-se nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, com o 19º lugar. Na Federação exerce o cargo de director técnico.



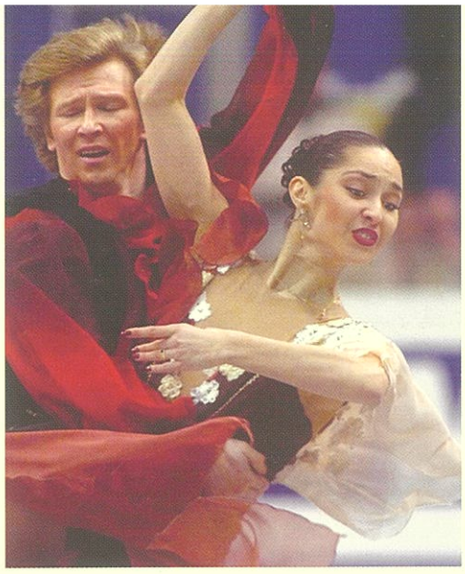
Patinagem Artística

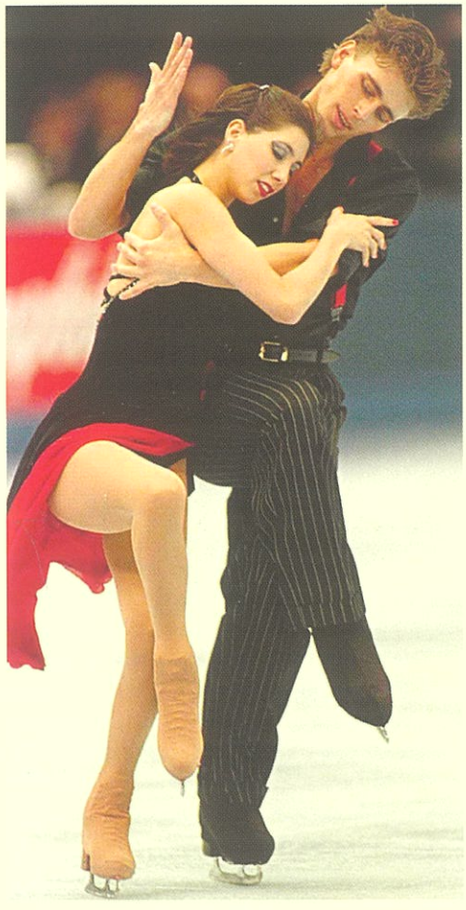
1973 – É transmitido o primeiro Campeonato do Mundo de profissionais. A competição realiza-se ininterruptamente até 1980, ano em que um promotor consegue convencer Fleming e Hamill a participarem. Ambas aceitam, de modo a angariarem fundos suficientes para a preparação olímpica

MAR 97 – Tara Lipinski torna-se na mais jovem campeã do Mundo. Consegue o título com 14 anos e nove meses. O novo regulamento da ISU obriga a que os patinadores façam 15 anos até ao dia 1 de Julho precedente à realização dos campeonatos ou Jogos Olímpicos

31 MAI/1 JUN 97 – Realiza-se em Viseu o primeiro Campeonato de Portugal de Patinagem Artística no Gelo, com 46 participantes. Ganham Antónia Magalhães, em seniores femininos, e Luís Nascimento, em seniores masculinos

Dança no gelo





Lillehammer 94 acolhe um dos concursos femininos mais mediáticos. Nancy Kerrigan e Tonya Harding são o centro das atenções a 23 de Fevereiro. Menos de dois meses após ser agredida – o que a impede de disputar o título nos EUA –, Nancy Kerrigan ganha o programa técnico, num regresso de alto nível à competição. Tonya Harding não vai além do 10º lugar. Nunca antes se falara tanto de patinagem artística.

A modalidade passa a ser verdadeiramente do interesse das televisões quando a CBS perde o exclusivo do futebol americano e necessita de um novo desporto para transmitir. O segredo é transferir as notícias sobre patinagem no gelo da secção desportiva para a de espectáculos. As estrelas dos anos 70, Peggy Fleming e Dorothy Hamill, depois de se sagrarem campeãs mundiais, precisam de participar em acontecimentos extradesportivos, como anúncios publicitários ou filmes, para rendibilizarem a sua aura.

Nos anos 60 e 70, quase só se fala da modalidade de quatro em quatro anos, durante os Jogos Olímpicos de Inverno. Nos anos 90 tudo muda. Entre Outubro de 1996 e Março de 1997, a patinagem artística garante 162,5 horas de transmissões televisivas às estações norte-americanas ABC, CBS, NBC, FOX, ESPN e TBS, metade das quais em horário nobre. É a fase empresarial. Os atletas têm dúvidas entre escolher a participação nos Mundiais da ISU (União Internacional de Patinagem no Gelo) ou a presença em espectáculos profissionais, bastante compensadores financeiramente.

São vários os patinadores que cometem a proeza de ser campeões olímpicos e do Mundo no mesmo ano. Estão nessa situação Carol Heiss (1960), Sjoukje Dijkstra (1964), Peggy Fleming (1968), Beatrix Schuba (1972), Dorothy Hamill (1976), Anette Poetsch (1980), Katarina Witt (1984 e 1988) e Kristi Yamaguchi (1992), no sector feminino, e Dick Button (1952), Hayes Jenkins (1956), Manfred Schnelldorfer (1964), Ondrej Nepela (1972), John Curry (1976), Scott Hamilton (1984), Brian Boitano (1988) e Viktor Petrenko (1992), no masculino.

Em Campeonatos do Mundo, Carol Heiss começa a carreira com prata nos Jogos Olímpicos de 1956 e tem cinco vitórias consecutivas desse ano a 1960. Katarina Witt, seis vezes campeã da Europa e duas campeã olímpica, consegue quatro. Nos homens, Hayes Jenkins vence entre 1953 e 1956, Scott Hamilton entre 1981 e 1984 e Kurt Browning em 1989, 1990, 1991 e 1993.

△ A expressão dos movimentos dos patinadores é um dos itens que público e juízes avaliam

◁ Muitos dos atletas emprestam às respectivas actuações uma imagem de enorme felicidade

Arte sobre rodas

Andreia Teixeira, Liliana Andrade, Manuel Magalhães e Ana Rita Falcão. Quatro patinadores que, em escalões diferentes, garantem, na década de 90, medalhas para a patinagem artística portuguesa. Os três primeiros fazem-no em juvenis e cadetes, a última em seniores.

Em 1998, Ana Rita Falcão, nascida a 28 de Maio de 1974, em Luanda, conquista os segundo e terceiro lugares, suplantando o desempenhos, em 1999, com dois primeiros lugares, em luta directa com adversárias do ano anterior. Em figuras obrigatórias fica à frente da espanhola Natália Ridao e da alemã Dedricks, a principal favorita, até porque alinhava em casa. A portuguesa ganha também no combinado devido ao quinto lugar obtido em patinagem livre. Nem o acidente (embate num tractor) que a comitiva nacional tem já em terras alemãs, a dois dias do início da competição, a impede de brilhar. Em Novembro de 1999, fica em 4º no Mundial, repetindo o que conseguira em 1995, um dos seus melhores anos.

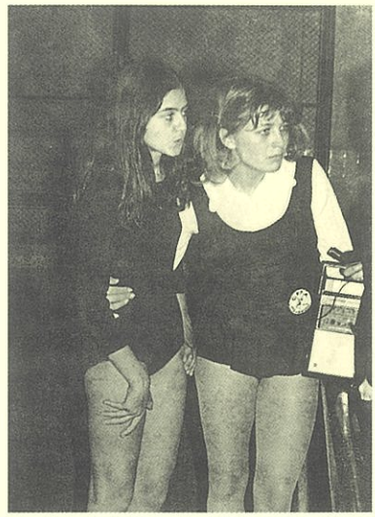
Ana Rita Falcão tem oito Campeonatos Nacionais (ganha o primeiro em 1991 e, após um interregno de um ano, sagra-se campeã de 1993 a 1999). Ao longo de 19 anos de carreira representa três clubes: primeiro a Associação Desportiva de Oeiras, em seguida o Belenenses (três épocas), depois o Sporting (duas temporadas), regressando por fim à Associação Desportiva de Oeiras.

Ana Rita Falcão concilia a patinagem, que começa a praticar aos seis anos, com o curso superior de medicina, lamentando a falta de apoios existentes, apesar do aparecimento de bons resultados, que se «devem mais ao esforço dos atletas e treinadores do que a qualquer outra coisa».

A patinagem artística sobre rodas nunca teve a projecção da congénere no gelo, mais propícia às acrobacias e muito mais rápida. No entanto, por razões climatéricas, manteve sempre um nível apreciável em Portugal desde os tempos pioneiros de Judite Gomes (Benfica), quando a patinagem artística funcionava como complemento dos espectáculos de hóquei em patins, com as patinadoras a exibirem-se no intervalo dos jogos.

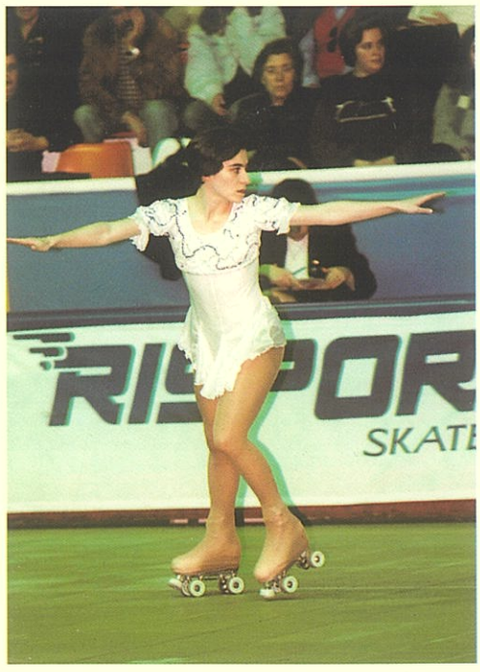
O futuro da modalidade parece estar garantido, podendo o sucesso ser assegurado igualmente na vertente masculina.

Manuel Magalhães é o patinador mais cotado. Medalhado nos Europeus de 1997 (3º no combinado) e 1998 (2º em livres e 1º no combinado), no escalão de cadetes, mostra em 1999 (3º em livres e no combinado), já como juvenil, que se mantém fortemente empenhado. Consegue um segundo e um terceiro lugares.



△ Judite Gomes, uma pioneira e grande divulgadora da patinagem artística em Portugal

▽ Liliana Andrade e Ana Rita Falcão, dois expoentes da actualidade



Campeões Olímpicos

Masculinos
1952: Button (EUA), 1956: H. Jenkins (EUA), 1960: D. Jenkins (EUA), 1964 Schnelldorfer (Ale), 1968: Schwartz (Áus), 1972: Nepela (Che), 1976: Curry (GBR), 1980: Cousins (GBR), 1984: Hamilton (EUA), 1988: Boitano (EUA), 1992: Petrenko (CEI), 1994: Urmanov (Rús), 1998: Kulik (Rús)

Femininos
1952: Altwegg (GBR), 1956: Albright (EUA), 1960: Heiss (EUA), 1964: Dijkstra (Hol), 1968: Fleming (EUA), 1972: Schuba (Áus), 1976: Hamill (EUA), 1980: Poetsch (RDA), 1984: Witt (RDA), 1988: Witt (RDA), 1992: Yamaguchi (EUA), 1994: Baiul (Ucr), 1998: Lipinski (EUA)

Pares
1952: R. Falk/P. Falk (Ale), 1956: Schawarz/Oppelt (Áus), 1960: Wagner/Paul (Can), 1964: Belousova/Protopopov (URSS), 1968: Belousova/Protopopov (URSS), 1972: Rodnina/Ulanov (URSS), 1976: Rodnina/Zaitsev (URSS), 1980: Rodnina/Zaitsev (URSS), 1984: Valova/ /Vasiliev (URSS), 1988: Gordeeva/Grinkov (URSS), 1992: Michkouteniok/Dmitrev (URSS), 1994: Gordeeva/ /Grinkov (Rús), 1998: Kazakova/Dmitrev (Rús)

Pesca Desportiva

País de pescadores

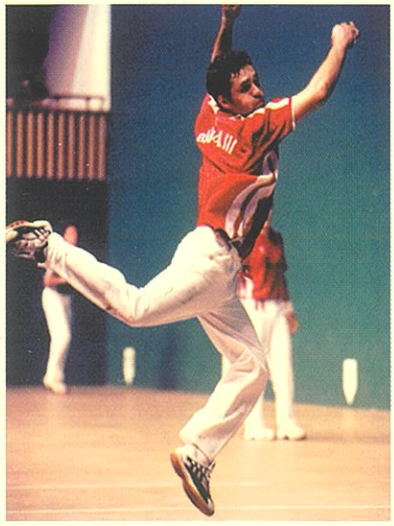
A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE PESCA DESPORTIVA É FUNDADA EM 12 DE NOVEMBRO DE 1947 E TEM O ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA DESPORTIVA DESDE 9 DE SETEMBRO DE 1994. EM 1998 TEM 4263 FILIADOS

A partir da década de 40, a pesca desportiva de competição começa a ser praticada em Portugal, não existindo porém legislação que a regulamente. Por dificuldades encontradas nas eleições dos órgãos sociais da Federação, são dados poderes federativos à Associação regional do Centro de Pesca Desportiva, sediada em Lisboa, que os exerce até finais de 1981. Até 1977, a pesca desportiva de competição decorre apenas em território nacional, merecendo destaque a realização anual de concursos internacionais de água doce em Tomar, Leiria, Torres Novas e Abrantes (o último continua a realizar-se). Em 1978 uma selecção nacional participa pela primeira vez num Mundial, acontecimento que tem lugar na Áustria e onde obtém o 8º lugar. A partir daí surgem os títulos. Em 1983, a selecção nacional no Campeonato do Mundo Mar obtém o primeiro posto. Em 1992, Académica e Clube Atlântico da Madalena saem vitoriosos no Mundial de Clubes, respectivamente de água doce e mar e, em 1993, Mário Barros é campeão mundial (água doce), com os troféus a aparecerem anualmente, como acontece em 1999, entre outros, com a selecção nacional no Mundial de Nações Mar.

Há também a Federação Portuguesa de Pesca Desportiva do Alto Mar, fundada a 11 de Março de 1981 e com Estatuto de Utilidade Pública Desportiva desde 24 de Setembro de 1997. Promove, dirige e regulamenta a pesca de fundo, pesca grossa, peixes de bico, tonídeos, tubarão, pesca de corrico, pesca às espécies, pesca tradicional (palangrote), pesca de lançamento, pesca a grande profundidade, prova dos «Masters», Taça de Portugal e pesca à mosca.

Pelota Basca

Símbolo cultural



O jogo da pelota chega à região actualmente reconhecida como País Basco levado pelos romanos. E é no País Basco que a pelota é transformada num desporto «nacional», cotando-se como um dos símbolos da individualidade cultural do seu povo. Existe a Liga, que decorre entre 15 de Outubro e 31 de Maio de cada época.

O primeiro campeonato do Mundo realiza-se em San Sebastian, cidade maior do país basco, quatro anos depois de Atano III estabelecer o último dado digno de registo no seu palmarés. O Fenómeno, nascido em Azcoitia a 21 de Fevereiro de 1904, é, em 1948, finalista do Campeonato de Euskadi Sul contra Gallastegui (ganhara a prova em 1940, 1942, 1944 e 1946). Em 1968, a pelota basca é apresentada nos Jogos Olímpicos do México. É mais uma tentativa frustrada de inserir a modalidade no calendário olímpico. A primeira acontece nas Olimpíadas de Paris, em 1924. Em certos países da América Latina e em alguns estados dos EUA (por exemplo, na Florida e Connecticut) é praticada uma variante sob o nome de «jai alai», disputada num recinto de jogo chamado «fronton».

Herança do «longue»

A Petanca nasce na França, em 1907, da evolução de um jogo chamado «longue». Pratica-se por duas equipas de três (triplete), dois (doblete) ou um jogador (mão-a-mão). Há uma bola que é atirada de seis a dez metros de distância. A partir daqui, os jogadores (com os pés dentro de um círculo previamente desenhado) atiram outras bolas na tentativa de conseguir pontos, aproximando-as o mais possível da bola-alvo. É possível pontuar afastando também as bolas pertencentes ao adversário.

Em Portugal, o jogo é introduzido pelos emigrantes regressados de França, onde a modalidade ocupa o quarto lugar no «ranking» de número de praticantes, com 470 mil inscritos. A França é também a grande potência mundial, com um total de 12 títulos mundiais conquistados, seis dos quais consecutivos. Entre os campeões sobressaem os franceses Fazzino, Choupais e Quintais, este último de ascendência portuguesa. José Brito, Eduardo Gago, José Dores e Hugo Dores e o promissor Nélson Pereira preenchem o quadro de honra da modalidade em Portugal.

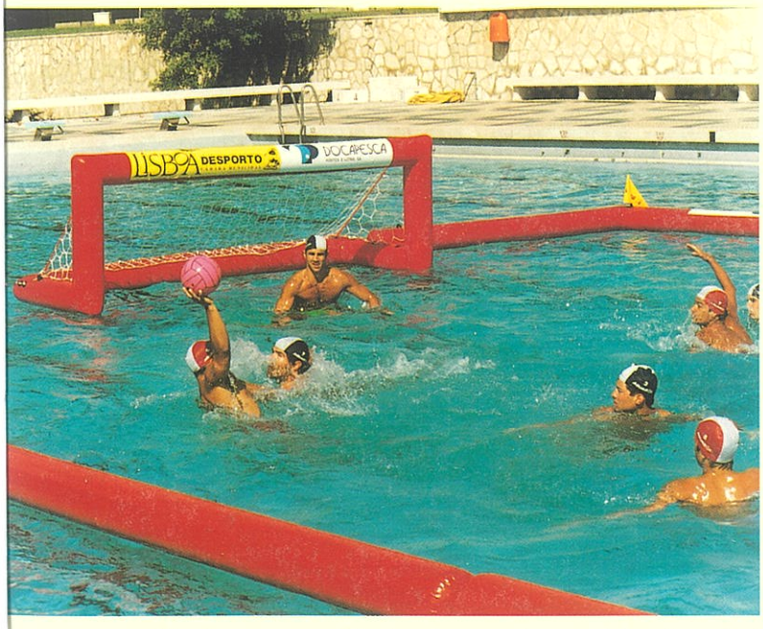
Petanca

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE PETANCA É FUNDADA EM 26 DE MARÇO DE 1992, COMO EVOLUÇÃO NATURAL DA ASSOCIAÇÃO DE PRATICANTES EXISTENTE DESDE 1985. A COMPETIÇÃO DIVIDE-SE POR DUAS ZONAS: A ZONA SUL, ORGANIZADA PELA ASSOCIAÇÃO DO ALGARVE, E A ZONA CENTRO, QUE AINDA NÃO POSSUI QUALQUER ASSOCIAÇÃO. EM 1998, CONTA COM 950 PRATICANTES INSCRITOS E UM ORÇAMENTO DE 5 MIL CONTOS

Campeonato Nacional

Mão-a-mão
1996: José Paulino (GP Portimão), 1997: José Rosa (Ciclismo Tavira), 1998: Sérgio Reis (CP S. Pedro do Estoril), 1999: Manuel Francisco (CP S. Pedro do Estoril)
Doblete
1996: Nélson Pereira/Filipe Semião (Juv. Campinense), 1997: Carlos Russo/Francisco Valério (Quarteirense), 1998: Idálio Conceição/Elvino Correia (CCD Lagos), 1999: José Luz/José Matias (CCD Lagos)
Triplete
1996: Eduardo Gago/José Pedro/Nélson Pereira (Juv. Campinense), 1997: José Dores/Hugo Dores/ /Manuel Dores (Amigos Quelfes), 1998: José Santos/ /Idálio Conceição/António Marreiros (CCDTCM Lagos), 1999: Horácio Arnedo/Fernando Valério/ /António Cavaco (CD Boliqueime)

Andebol na água



O pólo aquático evolui do râguebi disputado nos rios, a partir de 1840, em Inglaterra. Duas equipas de sete elementos jogam numa piscina durante 28 minutos divididos em quatro partes, com intervalos de dois minutos e mudanças de campo. Durante a partida, os elementos que estão em jogo, à excepção do guarda-redes, só podem utilizar uma mão para controlar a bola e rematar à baliza nos 35 segundos destinados a cada equipa.

Entre as principais selecções mundiais masculinas e femininas encontram-se a Holanda, Itália, Hungria, Jugoslávia, Rússia e Espanha, vencedora do Campeonato do Mundo em 1998. No Campeonato Nacional masculino, o Salgueiros detém os quatro títulos disputados de 1995 a 1998, superando o Algés e Dafundo, clube com mais títulos (seis) e o CDU Porto. Os campeonatos femininos têm sido dominados pelo Algés e Dafundo, vencedor de oito das dez edições da prova (1990-1994 e 1996-1998).

Pólo Aquático

O PÓLO AQUÁTICO ESTÁ SOB A ALÇADA DA FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE NATAÇÃO

Campeonato Nacional

Masculino – 1985: CDU Porto, 1986: CDU Porto, 1987: CDU Porto, 1988: Algés e Dafundo, 1989: Algés e Dafundo, 1990: CDU Porto, 1991: Algés e Dafundo, 1992: Algés e Dafundo, 1993: Algés e Dafundo, 1994: Algés e Dafundo, 1995: Salgueiros, 1996: Salgueiros, 1997: Salgueiros, 1998: Salgueiros
Feminino – 1988: Algés e Dafundo (vencedor do Torneio Nacional), 1989: CDU Porto, 1990: Algés e Dafundo, 1991: Algés e Dafundo, 1992: Algés e Dafundo, 1993: Algés e Dafundo, 1994: Algés e Dafundo, 1995: CDU Porto, 1996: Algés e Dafundo, 1997: Algés e Dafundo, 1998: Algés e Dafundo

Taça de Portugal

Masculino – 1986: CDU Porto, 1987: CDU Porto, 1988: CDU Porto, 1989: CDU Porto, 1990: CDU Porto, 1991: Algés e Dafundo, 1992: Técnico, 1993: Algés e Dafundo, 1994: Algés e Dafundo, 1995: Salgueiros, 1996: Salgueiros, 1997: Algés e Dafundo, 1998: Salgueiros
Feminino – 1988: Algés e Dafundo, 1989: Algés e Dafundo, 1990: CDU Porto, 1991: Algés e Dafundo, 1992: Algés e Dafundo, 1993: Algés e Dafundo, 1994: CDU Porto, 1995: CDU Porto, 1996: Algés e Dafundo, 1997: Algés e Dafundo, 1998: Algés e Dafundo

Magia da bola oval

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE RUGBY É FUNDADA EM 1957. TEM 3156 PRATICANTES INSCRITOS E CONTA COM TRÊS ASSOCIAÇÕES NO PAÍS: NORTE, CENTRO E SUL. AS PRINCIPAIS COMPETIÇÕES NACIONAIS SÃO O CAMPEONATO E A TAÇA. ALÉM-FRONTEIRAS, PORTUGAL PARTICIPA NO TORNEIO DAS CINCO NAÇÕES (GRUPO B), TORNEIO DA FIRA, TAÇA DA EUROPA, EUROPEU E MUNDIAL

Surge em 1823 quando estudantes de Rugby, localidade a cerca de 300 km de Londres, começam a jogar futebol com as mãos. O novo desporto difunde-se e em 1871 é criada a União Inglesa de Râguebi, entidade organizadora das provas e das regras do jogo praticado com uma bola oval.

O Torneio das Cinco Nações, disputado entre as principais selecções europeias, é a competição anual com mais prestígio. O País de Gales detém o maior número de vitórias na prova (33), à frente da Inglaterra com 32, da Escócia com 20, da França com 19 e da Irlanda com 18. Prevê-se que a Itália, país que tem evoluído bastante na modalidade, integre a próxima edição, aumentando para seis o número de selecções participantes. Desde 1987, realiza-se um Mundial de quatro em quatro anos. Nova Zelândia, Austrália e África do Sul, as grandes potências, possuem cada uma um título.

O Campeonato Nacional e a Taça de Portugal têm início em 1959 e o Belenenses sagra-se vencedor em ambas as competições. No Nacional, o CDUL é a equipa que mais vezes vence a competição, com 17 vitórias, seguindo-se o Benfica com oito e o Cascais com seis. Na década de 60, o CDUL conquista seis títulos consecutivos, proeza nunca igualada nos anos 90 pelo Cascais, que se fica por cinco campeonatos. Na Taça de Portugal, é o Benfica que tem mais vitórias, nove, à frente de CDUL e Académica, com seis.

A selecção portuguesa tem como melhores participações internacionais a presença na terceira fase de apuramento para o Campeonato do Mundo e na fase final do Mundial de sete jogadores. Raul Martins, Carlos Nobre e João Queimado são os nomes de referência. Entre os melhores elementos da história da modalidade destacam-se: Rory Underwood (Inglaterra), David Campese e Michael Lynagh (Austrália), Serge Blanco e Philippe Sella (França) e Jonah Lomu (Nova Zelândia).

1967 – Portugal ocupa o nono lugar no «ranking» europeu

1969 – CDUL é campeão nacional pela sexta vez consecutiva

1981 – Portugal vence o Grupo C do Torneio da FIRA e fica apurado para o Grupo B, com quatro vitórias em quatro jogos disputados

1995 – A África do Sul ganha o Mundial no seu ano de estreia, batendo a Nova Zelândia na final. Semanas depois, Johan Lomu é agredido a murro por um espectador num jogo entre províncias neozelandesas. Portugal situa-se no décimo lugar do «ranking» europeu

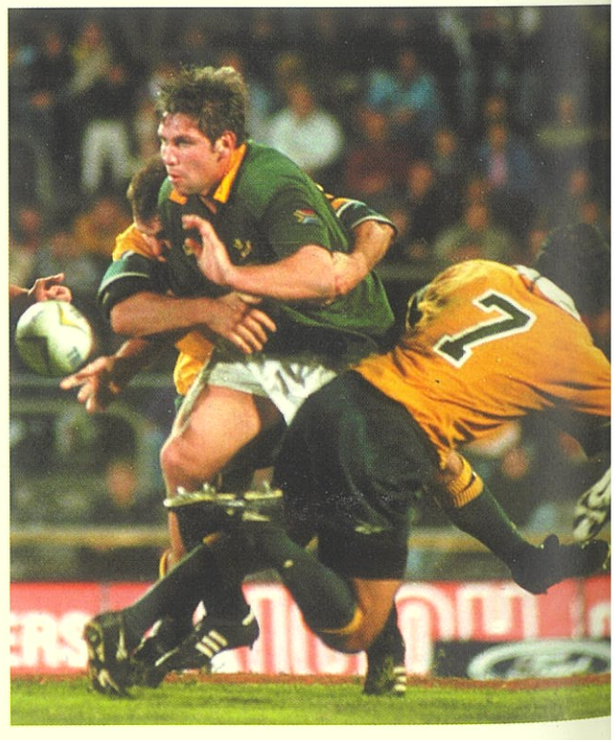
1996 – O Cascais sagra-se pentacampeão nacional

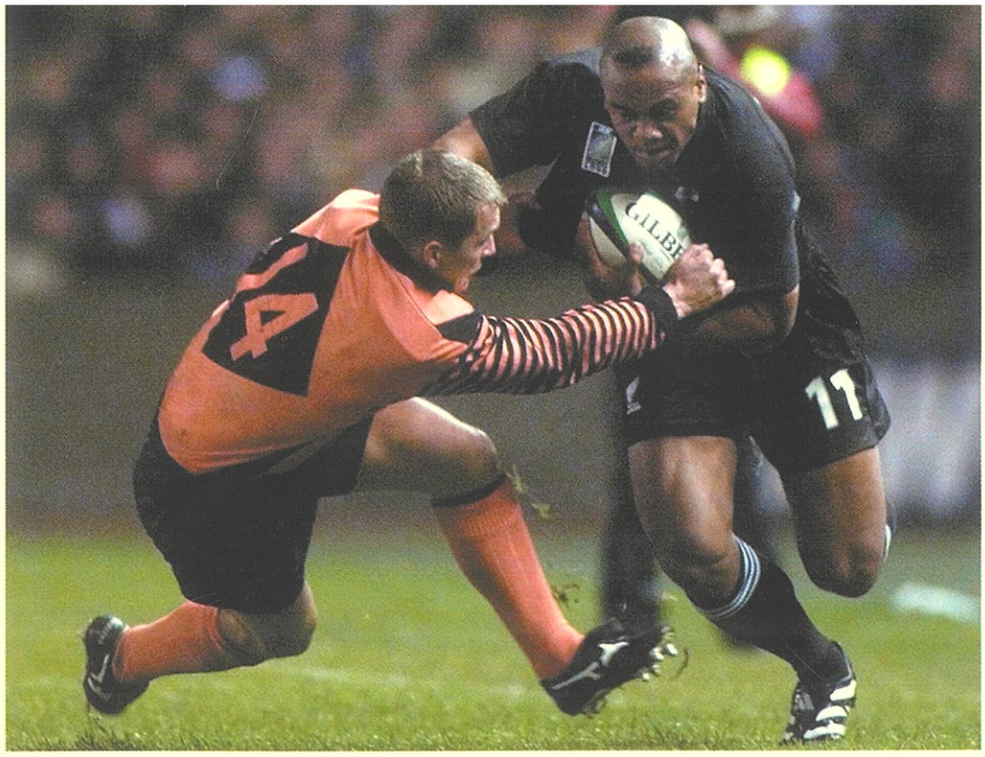
1998 – A Académica vence a Taça Ibérica ao derrotar por 15-8 a Santboiana na Catalunha

1999 – Direito é campeão nacional pela primeira vez na sua história. Agronomia repete o triunfo na Taça de Portugal

ABR 99 – Escócia ganha o Torneio das Cinco Nações em igualdade pontual com a Inglaterra (6 pontos)

JUL 99 – David Campese (Austrália) anuncia, aos 36 anos, o abandono da competição





Torneio das Cinco Nações

1950: País de Gales, 1951: Irlanda, 1952: País de Gales, 1953: Inglaterra, 1954: Inglaterra, França e País de Gales, 1955: França e País de Gales, 1956: País de Gales, 1957: Inglaterra, 1958: Inglaterra, 1959: França, 1960: França e Inglaterra, 1961: França, 1962: França, 1963: Inglaterra, 1964: Escócia e País de Gales, 1965: País de Gales, 1966: País de Gales, 1967: França, 1968: França, 1969: País de Gales, 1970: França e País de Gales, 1971: País de Gales, 1972: não se completa, 1973: empate de todas as selecções, 1974: Irlanda, 1975: País de Gales, 1976: País de Gales, 1977: França, 1978: País de Gales, 1979: País de Gales, 1980: Inglaterra, 1981: França, 1982: Irlanda, 1983: França e Irlanda, 1984: Escócia, 1985: Irlanda, 1986: França e Escócia, 1987: França, 1988: França e País de Gales, 1989: França, 1990: Escócia, 1991: Inglaterra, 1992: Inglaterra, 1993: França, 1994: País de Gales, 1995: Inglaterra, 1996: Inglaterra, 1997: França, 1998: França, 1999: Escócia

Campeões nacionais

1959: Belenenses, 1960: Benfica, 1961: Benfica, 1962: Benfica, 1963: Belenenses, 1964: CDUL, 1965: CDUL, 1966: CDUL, 1967: CDUL, 1968: CDUL, 1969: CDUL, 1970: Benfica, 1971: CDUL, 1972: CDUL, 1973: Belenenses, 1974: CDUL, 1975: Belenenses, 1976: Benfica, 1977: Académica, 1978: CDUL, 1979: Académica, 1980: CDUL, 1981: Técnico, 1982: CDUL, 1983: CDUL, 1984: CDUL, 1985: CDUL, 1986: Benfica, 1987: Cascais, 1988: Benfica, 1989: CDUL, 1990: CDUL, 1991: Benfica, 1992: Cascais, 1993: Cascais, 1994: Cascais, 1995: Cascais, 1996: Cascais, 1997: Académica, 1998: Técnico, 1999: Direito

Jonah Lomu

Jonah Lomu vive a infância em Tonga. Pratica voleibol e ténis de mesa, e quase se torna velocista, conseguindo, mesmo depois de se iniciar no râguebi, atingir os 10,98 segundos nos 100 metros. Com 1,96 m de altura e cerca de 117 kg, possui uma capacidade física acima da média. Tem como ídolo o australiano David Campese.

Em 1994, estreia-se pela selecção neozelandesa. No jogo das meias-finais do Mundial 95, com a Inglaterra, marca quatro ensaios, feito único dos "all blacks" nos últimos 90 anos. O primeiro ensaio fica na memória pela forma como atropela o adversário Mike Catt. A derrota na final com a África do Sul, por 15-12, desencadeia uma viragem na admiração dos adeptos do seu país. O motivo é simples: prefere passar a bola, provocando falta, quando está em posição favorável para conseguir ensaio. 1996 é o ano da consagração, com a vitória dos Auckland Blues no Super 12 e 1997 fica marcado pelo agravamento da doença renal de que padece. Retira-se temporariamente. Em 1998, Comboio Desgovernado, como lhe chamou o treinador francês Georges Coste, regressa à competição com a ambição de vencer o Mundial 99.

Bilhete de Identidade

Jonah Tali Lomu
Auckland (Nova Zelândia), 12 de Maio de 1975

Como atleta
EQUIPAS
Counties Manukau, New Zealand Colts, New Zealand Trials, North Island, Presidents XV, New Zealand Harlequins, New Zealand Barbarians, Auckland Blues e Chiefs.

PALMARÉS
Medalha de ouro em «sevens» Jogos da Commonwealth 1998. Vice-campeão mundial 1995. Melhor jogador mundial 1995

Remo

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE REMO É FUNDADA EM ABRIL DE 1920. EM 1949 REGISTA 210 REMADORES E 20 ANOS PASSADOS CERCA DE 1599. EM 1998, SÃO 1211 OS PRATICANTES. O ORÇAMENTO REFERENTE A 1949 É DE 158 CONTOS; EM 1989 DE 33 795 E EM 1998 DE 141 450. TEM DUAS VARIANTES: FUNDO E VELOCIDADE, COM AS CATEGORIAS «SHELL» 8, 4+, 4, 2, 2+; «YOLLE» 4, 8; «SKIFF»; «DOUBLE SCULL»; «QUADRI SCULL». É MODALIDADE OLÍMPICA

1962 – Em Lucerna, Suíça, realizam-se os primeiros Campeonatos do Mundo de remo

1974 – Primeiros Mundiais femininos

1994 – Portugal conquista a primeira medalha mundial. No campeonato que tem por vencedor a Itália, o bronze fica para Portugal, na categoria «quadri scull»

1996 – Quatro medalhas de ouro na Regata Internacional da Bélgica

JUN 96 – Steve Redgrave, remador inglês, soma a um palmarés iniciado nas Olimpíadas de Los Angeles a quarta medalha de ouro em Jogos Olímpicos

1997 – São estabelecidos novos pesos nos remos: mínimo de 45 kg e máximo de 55. A medida é da responsabilidade da Federação Internacional

Todos para o mesmo lado

O remo começa por ter como principais referências em Portugal o Clube dos Galitos e o Sporting Clube Caminhense. Entre 1949 e 1959, ganham séries consecutivas de campeonatos e torneios, quer em provas de velocidade quer de fundo. A partir dos anos 80, a Associação de Remadores para Competição, a Associação Naval 1.º de Maio e o Clube Naval de Lisboa vão dominando a cena nacional.

Nas competições internacionais, Portugal apresenta um palmarés respeitável. Participa nos Jogos Olímpicos de 1948, 52, 60, 72, 92 e 96, sem qualquer triunfo, mas nos Torneios Internacionais (década de 90) vai acumulando medalhas. Em 1993, na Regata Internacional de Paris, a selecção conquista cinco – duas de prata e três de bronze. O Mundial 94 rende uma medalha de bronze, proeza de Henrique Baixinho, Luís Fonseca, Luís Teixeira e José Leitão, na categoria «quadri scull», variante velocidade.

Um quarto lugar na Taça das Nações é o maior triunfo em 1995. Dez medalhas, quatro de ouro, quatro de prata e duas de bronze, é o resultado da participação na Regata Internacional da Bélgica, em 1996. Na Taça das Nações, a representação portuguesa fica em segundo. Nas Regatas Internacionais de 1997, mais uma série de sucessos: um ouro e quatro bronzes em Munique; um ouro, duas pratas e dois bronzes em Bourges e duas pratas e dois bronzes na regata de Colónia. Seis medalhas de ouro e quatro de prata na regata belga marcam 1998.

Noruega, Dinamarca, Holanda, Áustria e Alemanha (RDA) detêm no seu conjunto a quase totalidade dos títulos mundiais em todas as categorias. Itália é a excepção latina entre os campeões mundiais. O italiano Giuseppe Abbagnale, tido como um dos maiores remadores de sempre, é campeão olímpico em 1984 e 1988 e tem a medalha de prata do Barcelona 92. Sete vezes campeão do Mundo em «double scull» (81, 82, 85, 87, 89, 90 e 91), é considerado duas vezes o desportista do ano no país transalpino.

Desporto dos reis

Pólo

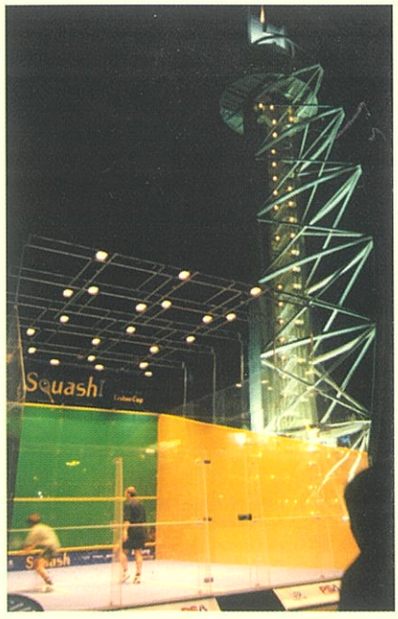
O pólo é originário da Argentina e é uma das mais antigas modalidades praticadas no Mundo. «O rei dos Desportos, o Desporto dos reis» é uma das frases utilizadas a respeito do pólo, devido ao facto de ser bastante elitista (o príncipe Carlos de Inglaterra é um dos praticantes mais famosos). É jogado por duas equipas de quatro cavaleiros com tacos e uma bola e disputado num campo com 275 metros de comprimento e 145 de largura. Tem a duração máxima de 60 minutos (repartidos por quatro, cinco, seis ou oito períodos de sete minutos e meio). Existe uma variante, o «paddock-polo», praticado por equipas de três jogadores num campo de menor dimensão. Em 1997 no Reino Unido, é criada uma federação internacional (IWPA) que fomenta a prática, especialmente no que concerne à criação de equipas femininas.

Ao longo dos anos, o factor económico limita o desenvolvimento da modalidade que já está implantada em todo o Mundo, consequência da expressão que tem particularmente nos países de língua inglesa e países da América Latina. A Argentina e os Estados Unidos da América são as potências que têm dominado as provas mundiais.

Entre quatro paredes

Squash

A Federação Portuguesa de Squash é fundada em 5 de Agosto de 1988 e tem inscritos cerca de 450 praticantes. O Estatuto de Utilidade Pública Desportiva é publicado em Diário da República a 9 de Setembro de 1994



Nasce em 1850, na escola privada de Harrow, em Inglaterra, e acaba por se tornar um jogo popular entre o exército deste país, que dá a conhecer ao Mundo as suas regras. Dois a quatro jogadores, com uma raqueta e uma bola de borracha, praticam a modalidade entre quatro paredes num espaço demarcado com linhas e zonas de serviço. A competição disputa-se à melhor de cinco jogos, cada um até aos nove pontos, ou 15, no caso da contagem internacional.

Em 1998, Paulo Martins sagra-se tricampeão nacional (1996 a 1998) e Rosa Branca vence o seu oitavo título (1990 a 1996 e 1998), depois da ausência no campeonato de 1997. A atleta é uma referência na modalidade, juntamente com Luís Barbosa, nove vezes campeão e já retirado das competições. A participação dos melhores elementos portugueses em provas internacionais significa para Portugal o 20º lugar no «ranking» europeu.

O paquistanês Khan Jansher, número um mundial entre 1992 e 1998 e oito vezes campeão mundial, é o melhor jogador de sempre. Aliás, é natural de um país com grande tradição no squash, a par da Inglaterra e da Austrália. Susan Devoy (Nova Zelândia), Michelle Martin e Sarah Fitzgerald (Austrália) são os principais nomes femininos da história desta modalidade.

Portugal nos melhores

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE SURF É FUNDADA EM 14 DE MARÇO DE 1989 E CONTA CERCA DE 3200 INSCRITOS. INTEGRA VÁRIAS DISCIPLINAS: SURF, BODYBOARD, LONGBOARD, SKIMBOARD*, SKATE* E BODYSURF. RECEBE O ESTATUTO DE 1994

*VER DESPORTOS RADICAIS

1970 – Surge o bodyboard, modalidade praticada com uma prancha pequena inventada pelo californiano Tom Morey

1983 – O australiano Mark Richards vence pela quinta vez o Mundial de surf

1989 – A australiana Wendy Botha ganha o primeiro Campeonato do Mundo profissional de surf feminino

1997 – Rodrigo Herédia é campeão europeu de surf (Eurosurf) e classifica-se em terceiro lugar no circuito da Europa

O surf surge na Oceânia e desenvolve-se na Austrália e nos Estados Unidos (Califórnia e Havai) no princípio do século XX. Em Portugal, realizam-se campeonatos desde 1991. João Antunes tem três títulos nacionais de surf, conquistados em 1994, 1996 e 1998. Em 1996, obtém o quarto lugar no circuito europeu de surf profissional. Em femininos, Teresa Abraços, campeã de 1997, e Patrícia Lopes, em 1995, 1996 e 1998, são os principais nomes nacionais. Kelly Slater (EUA), seis vezes campeão do mundo entre 1992 e 1998, é o expoente máximo da modalidade, a par de Lisa Andersen, com quatro títulos mundiais femininos.

Dora Gomes, nascida em 1971, é seis vezes campeã nacional de bodyboard, destacando-se ainda pelos resultados que consegue a nível internacional. Em 1994, sagra-se vice-campeã europeia e em 1995 campeã do circuito europeu, conseguindo o primeiro lugar na etapa mundial, disputada na Ilha Reunião (Oceano Índico). Em 1996, é campeã europeia, conseguindo no ano seguinte o segundo lugar no Mundial. Dois anos depois, chega a vice-campeã individual e é campeã da Europa pela selecção nacional, classificando-se na décima posição no circuito mundial. Ainda em 1998, a «bodyboarder» treinada por Pedro Martins consegue o título de campeã do mundo nos World Surfing Games (EUA), competição em que Gonçalo Faria se sagra igualmente campeão.

A selecção nacional de surf é campeã europeia em 97/98. Portugal ocupa o quarto lugar do «ranking» mundial, posição conseguida pelo conjunto dos resultados da representação lusitana no Campeonato do Mundo de 1998.

Δ Dora Gomes tem seis títulos de campeã nacional de bodyboard

Δ Jonathan Jenkins, no Mundial em Ribeira d'Ilhas, 1995

Campeões mundiais (profissionais)

Masculinos
1976: Townend (AUS), 1977: Tomson (Á. SUL), 1978: Bartholomew (AUS), 1979: Richards (AUS), 1980: Richards (AUS), 1981: Richards (AUS), 1982: Richards (AUS), 1983: Richards (AUS), 1984: Carroll (AUS), 1985: Curren (EUA), 1986: Curren (EUA), 1987: Hardman (AUS), 1988: Lynch (AUS), 1989: Potter (GB), 1990: Curren (EUA), 1991: Hardman (AUS), 1992: Slater (EUA), 1993: Ho (EUA), 1994: Slater (EUA), 1995: Slater (EUA), 1996: Slater (EUA), 1997: Slater (EUA), 1998: Slater (EUA)

Femininos
1989: Botha (AUS), 1990: Burridge (AUS), 1991: Botha (AUS), 1992: Botha (AUS), 1993: Menczer (AUS), 1994: Andersen (EUA), 1995: Andersen (EUA), 1996: Andersen (EUA), 1997: Andersen (EUA), 1998: Silva (BRA)

Herança americana

O ski náutico chega a Portugal nos anos 40, para Cascais, importado dos Estados Unidos por simpatizantes da modalidade. A competição começa em 1961, na zona da Arrábida, mas dura dois anos, em virtude de não existirem pistas preparadas para receber provas. Só em 1987 volta. Existe um Campeonato Nacional, constituído por uma única prova. Realizam-se também provas ocasionais.

Carlos Quintas, em «open slalom», é o melhor atleta português e figura em 1999 entre os 50 melhores europeus. Os americanos Sammy Duvall e Corry Pickos e o francês Patrice Martin são os grandes nomes da modalidade. Pickos (recordista do mundo por 22 vezes) e Martin (o atleta com mais títulos na história do ski náutico) rivalizam durante mais de 20 anos. Na competição feminina, a sueca tetracampeã do mundo de slalom Helena Kjellandeer é a maior figura.

Ski Náutico

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE SKI NÁUTICO É FUNDADA A 24 DE JANEIRO DE 1992, SUBSTITUINDO O SKI CLUBE DE PORTUGAL, ENTIDADE ORGANIZADORA DAS COMPETIÇÕES DESDE 1950. POSSUI 100 ATLETAS INSCRITOS E UM ORÇAMENTO DE 6600 CONTOS (32 921 EUROS). EM PORTUGAL, PRATICAM-SE SKI CLÁSSICO (SLALOM, FIGURAS E SALTOS), «BAREFOOT» (PÉS DESCALÇOS), «WAKEBOARD» E CORRIDAS DE SKI

Dupla identidade

Originalmente uma arte marcial, o taekwon-do actual apresenta dupla identidade: arte marcial coreana de defesa pessoal e desporto de combate praticado em cerca de 147 países em todo o Mundo, com especial destaque para a Coreia do Sul. Pode ser traduzido como técnica de combate que utiliza os pés e as mãos para defesa pessoal.

A origem do taekwon-do («té», sistema de técnicas de pernas; «kwon», sistema de técnicas de punhos; «do», arte, caminho ou método) remonta à época de Koguryo (de 37 a.C. a 668 d.C.), na Manchúria, onde se encontram registos arqueológicos com pinturas murais em túmulos representando a prática de taekwon (designação ancestral do taekwon-do).

Aparece como modalidade de exibição nos Jogos Olímpicos de Seul (1988) e de Barcelona (1992) e entra definitivamente no calendário olímpico para Sydney (2000), na sequência da medida aprovada na 103ª reunião ordinária do COI, a 4 Setembro de 1994.

Taekwon-do

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE TAEKWON-DO É CONSTITUÍDA A 27 DE NOVEMBRO DE 1992 E INICIA A ACTIVIDADE A 29 MAIO DE 1993. A 18 DE JULHO DE 1995, RECEBE O ESTATUTO DE INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA DESPORTIVA. A FPT É FILIADA NA WORLD TAEKWON-DO FEDERATION E NA EUROPEAN TAEKWON-DO UNION E É RECONHECIDA PELO COMITÉ OLÍMPICO INTERNACIONAL. COORDENA 13 ASSOCIAÇÕES REGIONAIS, RESPONSÁVEIS POR 85 CLUBES E 1580 PRATICANTES. GERE UMA VERBA DE 12 250 CONTOS ATRIBUÍDA PELO INSTITUTO NACIONAL DO DESPORTO

Ténis

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE TÉNIS É FUNDADA A 16 DE MARÇO DE 1925 COM O NOME DE FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE LAWN TÉNIS. O NÚMERO DE PRATICANTES TEM VINDO A AUMENTAR GRADUALMENTE. EM 1979 REGISTAM-SE 5692, ENQUANTO EM 1989 JÁ SÃO 6178. OS NÚMEROS DE 1998 APONTAM 8912. QUANTO AO ORÇAMENTO, EM 1979, É DE 3440 CONTOS, EM 1989, 180 000 CONTOS E EM 1998 DE 193 352 CONTOS. É MODALIDADE OLÍMPICA

1953 – Maureen Connolly é a primeira a conquistar os quatro torneios do Grand Slam no mesmo ano

19 JUL 1954 – A norte-americana termina uma brilhante carreira, após um acidente de cavalo (de 1951 a 1954 ganha o Wimbledon e é figura de destaque na Wightman Cup)

1956 – Lew Hoad vence Ken Rosewall e nas finais do Austrália Open, US Open e Wimbledon apenas perde nos Estados Unidos

1962 – Margaret Court é derrotada em Wimbledon por Karen Susman, mas vence o Roland Garros, Austrália Open e US Open

1962 – Rod Laver sucede a Don Budge (1938) como vencedor dos quatro torneios do Grand Slam no mesmo ano, feito repetido em 1969

1963 – Início da Fed Cup, a primeira prova internacional para senhoras

21 JUN 65 – Arthur Ashe torna-se no primeiro negro norte-americano a integrar a selecção com vista à disputa da Taça Davis

28 AGO 67 – Chegada do profissionalismo. Ao vencer Ken Rosewall em Wimbledon, Rod Laver torna-se no primeiro profissional a conquistar um open

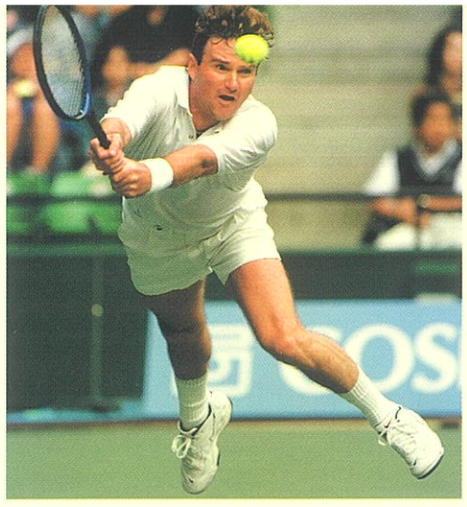
1970 – Margaret Smith Court é a segunda tenista a vencer os quatro torneios do Grand Slam no mesmo ano

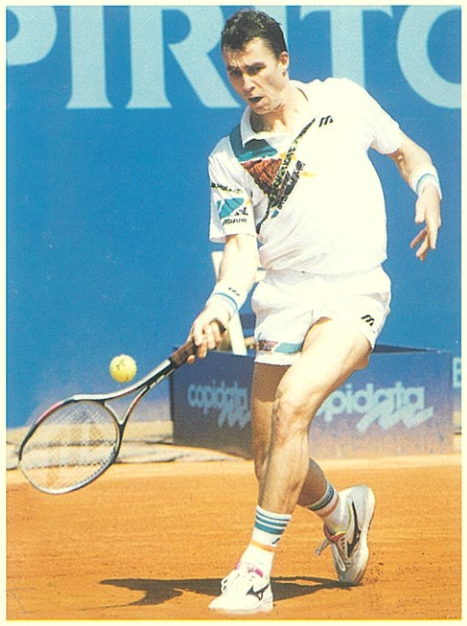
1973 – Margaret Court ganha o último torneio do Grand Slam e o 11º Open da Austrália da sua carreira

21 JUN 73 – Polémica em Wimbledon: 69 tenistas recusam participar no Open Britânico por discordarem das regras de apuramento

►

Fugir à rede





Já em 1815, em Inglaterra, um jogo disputado em espaços fechados dá origem a um campeonato do mundo de «Royal tennis». Segundo os franceses, este jogo evolui directamente do seu tradicional «jeu de paume». A verdade é que é só em 1860 ou 1870 que nasce a ideia de jogar o «lawn tennis» praticado ao ar livre. No fim do século, estão a implantar-se as regras que definirão o ténis como desporto. Em 1877 nasce o mítico torneio de Wimbledon e quatro anos depois o Open dos Estados Unidos. Em 1908 nasce o Open da Austrália e em 1925 o torneio de Roland Garros. Estes quatro torneios tornam-se rapidamente os mais importantes do Mundo. O conjunto dos quatro recebe o título de Grand Slam, circuito onde nascem e morrem as grandes vedetas do ténis mundial. A primeira estrela a entusiasmar as multidões é o americano Bill Tilden, considerado por muitos o melhor tenista de sempre. Assumindo o seu papel de vedeta, chega a perder pontos propositadamente, para depois recuperar de forma espectacular. Morre em 1953, já na miséria, com a reputação arruinada por ser homossexual. Neste período, só os mosqueteiros franceses – Lacoste, Cochet e Borotra –, todos com várias vitórias em torneios do Grand Slam, rivalizam em popularidade (na Europa) com o americano.

A década de 60 assiste ao aparecimento de Rod Laver, o primeiro a vencer os quatro torneios no mesmo ano e por duas vezes (1962 e 1969). O Grand Slam está definitivamente consagrado. Nos anos que se seguem, é neste circuito que desfilam os maiores tenistas. Nos anos 70, o sueco Bjorn Borg domina o panorama mundial, para ceder o lugar, já nos anos 80, à animada disputa pelo lugar de melhor americano e melhor do Mundo entre John McEnroe e Jimmy Connors. Nesta luta imiscui-se o checo Ivan Lendl, que vence três vezes o Roland Garros e o Open EUA e por duas o Open da Austrália. Só não consegue vencer Wimbledon, porventura o título mais apetecido. A par destes, existem estrelas menores, como o argentino Guillermo Villas, especialista de terra batida. O final da década assiste a novo duelo, entre o alemão e senhor de Wimbledon Boris Becker e o sueco Stefan Edberg.

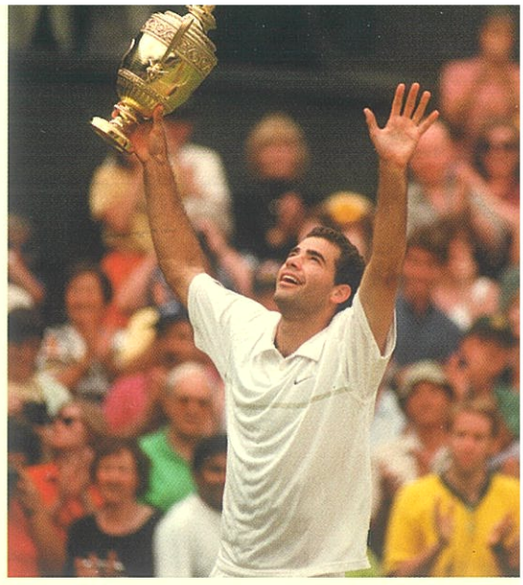
O ténis feminino segue a mesma lógica de espectáculo de massas. As primeiras heroínas dos «courts» são Margaret Smith Court e Jean Billie King, que dominam o jogo nos anos 60 e 70, respectivamente. Nos anos 80, são as americanas Chris Evert e Martina Navratilova (de origem checa, pede exílio aos Estados Unidos) a darem um novo rosto à modalidade. As duas conseguem, pela primeira vez, atrair tanta atenção como os homens.

Os anos 90 revelam aquele que é já considerado o melhor de sempre: Pete Sampras. Nas mulheres, Steffi Graf acumula títulos e simpatias até à sua retirada. A sucessora, ao que tudo indica, será a suíça Martina Hingis. Entretanto, o mundo do ténis tornou-se um verdadeiro palco onde o público fervilha enquanto anseia por novos ídolos.

Δ Jimmy Connors protagonizou variados duelos com o compatriota John McEnroe

Δ Fiel a um tipo de jogo muito próprio, Ivan Lendl será para sempre uma referência

Pete Sampras



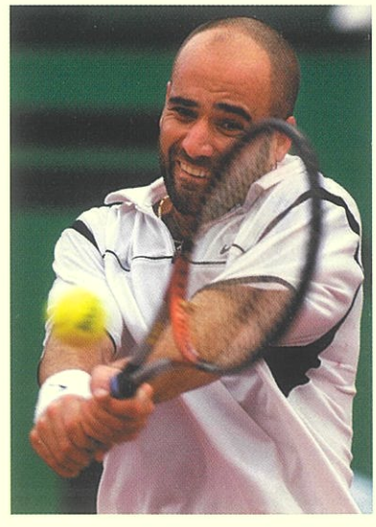
Desde sempre a carreira de Pete Sampras é dirigida para grandes voos, apesar do seu palmarés em competições juvenis não ser extenso. Compete em escalões superiores ao seu, o que lhe fortalece as capacidades. O treinador, Fischer, quer fazer dele uma máquina. Mais tarde separam-se e Sampras declara: «Queria pôr o seu cérebro no meu corpo.»
Em 1990, torna-se o mais jovem vencedor do Open dos EUA. É a melhor forma de começar nos torneios do Grand Slam. No mesmo ano conquista o seu primeiro tour em Filadélfia entrando para o «top 10» do ranking mundial. Pode finalmente seguir os passos dos ídolos Roy Emerson, Bjorn Borg e Rod Laver.
Em 1991 as vitórias continuam. Triunfa no IBM/ATP Tour. Em 1992, cinco vitórias em sete finais de torneios catapultam-no para o 3º lugar do ranking internacional. Alcança também a vitória na Taça Davis.
Termina o ano de 1993 em número um, tornando-se no quarto norte-americano a atingir este marco. Vence o Wimbledon e o Open dos EUA, angariando inclusive a maior verba de sempre numa época (3 648 075 dólares).
Em 1994, os títulos não param. Vence o Open da Austrália e Wimbledon, assim como o IBM/ATP Tour.
Em 1995 ganha seis torneios, entre eles o ATP Tour e o Open dos EUA. Perante a Rússia obtém a segunda vitória na Taça Davis. No ano seguinte soma nova série de êxitos (ATP e Open dos EUA, dedicando o último triunfo ao falecido treinador, Gullikson). No torneio americano, o esforço é tal que, no final, é obrigado a receber soro.
Em 1997 e 1998 conquista Wimbledon e iguala o recorde de Borg (cinco vitórias).

Bilhete de Identidade

Pete Sampras
Washington, D.C. (EUA), 12 de Agosto de 1971

Como jogador
PALMARÉS
2 vezes vencedor Open Austrália 1994, 1997. 5 vezes vencedor Wimbledon 1993, 1994, 1995, 1997 e 1998. 4 vezes vencedor Open EUA 1990, 1993, 1995 e 1996. 4 vezes vencedor Masters 1991, 1994, 1996 e 1997. 2 vezes vencedor Taça Davis 1992 e 1995. Nº 1 mundial 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1999

Andre Agassi



Andre Agassi é tido, no início da carreira, como um rebelde. Os cabelos compridos e os equipamentos berrantes contribuem para isso. É, no entanto, um tenista disciplinado, preparado desde jovem pelo pai. Nos torneios norte-americanos de camadas jovens é, a par de Michael Chang, quem colecciona mais títulos. Torna-se profissional em 1986, com 16 anos, mas o primeiro título de nomeada surge apenas quatro anos depois, ao vencer o ATP Tour World Championship. Ainda em 1990 é finalista do Roland Garros e do Open dos EUA. Em 1991, volta a fracassar na final do Roland Garros.
No ano seguinte, ao vencer Wimbledon, conquista o primeiro torneio do Grand Slam. Em 1993 é sujeito a uma operação, mantendo-se afastado. Ao vencer, em 1994, o Open EUA, salta do 30º posto do ranking ATP Tour para nº 2. Em 1995 atinge o primeiro lugar para o que contribui o facto de ganhar o Open da Austrália, ser finalista do Open dos EUA e triunfar em Key Biscaine e Montreal.
Em Atlanta 96, ao serviço da selecção, arrecada o ouro. Irritado, chega a declarar não compreender a razão de alguns tenistas americanos se recusarem a jogar na selecção.
Em 1997, casa com Brooke Shields e passa quase dois anos sem triunfar em provas de prestígio, baixando ao 110º posto do circuito profissional. 1999 é o ano de ressurgimento. Ganha em Roland Garros e no Open dos EUA. Ascende novamente ao 1º lugar do ranking e inicia um namoro com Graf.

Bilhete de Identidade

Andre Agassi
Las Vegas, Nevada (EUA), 29 de Abril de 1970

Como jogador
PALMARÉS
1 vez vencedor Roland Garros 1999. 1 vez vencedor Wimbledon 1992. 2 vezes vencedor Open EUA 1994 e 1999. 1 vez vencedor Open Austrália 1995. 3 vezes vencedor Taça Davis 1990, 1992 e 1995. 1 vez vencedor Masters 1990. Campeão olímpico 1996. Ascende, pela primeira vez, a nº 1 a 10 de Abril de 1995

7 JUL 74 – Vitória norte-americana a dobrar e em estreia no Open Britânico: Jimmy Connors bate Ken Rosewall, aos 21 anos, e Chris Evert Olga Morozova, aos 19

4 JUL 76 – No centenário do Open Britânico, Bjorn Borg, 20 anos, vence o romeno Ilie Nastase. É o primeiro dos seus cinco títulos consecutivos

1976 – Chris Evert ganha 1 milhão de dólares aos 21 anos (Torneio Colgate, em Palm Springs)

JUL 77 – Tracy Austin, 14 anos, é a mais jovem tenista em Wimbledon. Com 17 anos, a norte-americana torna-se na mais jovem vencedora de sempre do US Open. Retira-se do circuito internacional em 1982, por problemas de saúde

7 JUL 78 – Martina Navratilova, ainda como checa, vence o primeiro Wimbledon, batendo Chris Evert em três «sets»

1978 – A Federação Internacional de Ténis (ITF) institui o «Rool of Honour», destinado a designar os campeões mundiais de cada ano. A pontuação é dada pela soma alcançada nas provas internacionais, como os torneios do Grand Slam ou do ATP Tour

1981 – John McEnroe ganha pela terceira vez consecutiva o US Open, recorde na história do torneio norte-americano

JUN 82 – Jimmy Connors vence John McEnroe em Wimbledon ao fim de cinco «sets» (6-4)

1983 – O sueco Bjorn Borg abandona a carreira aos 26 anos

JUN 1984 – Retorno do ténis aos Jogos Olímpicos, como modalidade de exibição

7 JUN 85 – Boris Becker, 17 anos, torna-se no mais jovem vencedor de sempre em Wimbledon, ao derrotar Kevin Curren

1986 – Chris Evert Lloyd soma a sétima e última vitória em Roland Garros, um recorde na competição

1987 – Ivan Lendl iguala máximo de McEnroe ao vencer três US Open seguidos

Boris Becker

Boris Becker assume-se internacionalmente, aos 17 anos e sete meses, ao ganhar em 1985 Wimbledon. Repete o triunfo em 1986. Em 1987 e 1988, à parte a vitória no Masters, destaca-se apenas em torneios menores como o Tokyo Indoor e o Paris Indoor.
1989 é o seu melhor ano. Vence o seu terceiro e último Wimbledon e o primeiro Open EUA, o que lhe permite alcançar a liderança no circuito. Ganha ainda a Taça Davis e repete o triunfo ao serviço da selecção em 1990.
Em 1991 vence o Open da Austrália. Nos anos seguintes faz uma «travessia no deserto». De 1992 a 1994 não vence torneios do Grand Slam, até que, em 1996, triunfa na Austrália. No ano seguinte anuncia a retirada, o que só acontece em 1999. Regista ainda uma vitória em pares nos Jogos Olímpicos de Barcelona.

Bilhete de Identidade

Boris Becker
Leimen (Alemanha), 22 de Novembro de 1967

Como jogador
PALMARÉS
3 vezes vencedor Wimbledon 1985, 1986 e 1989. 1 vez vencedor Open EUA 1989. 2 vezes vencedor Open Austrália 1991 e 1996. 3 vezes vencedor Masters 1988, 1992 e 1995. 2 vezes vencedor Taça Davis 1988 e 1989. Campeão olímpico pares 1992. Nº 1 1991 (12 semanas)

Stefan Edberg

Stefan Edberg cultiva a imagem de desportista ideal. Termina a carreira em 1996. Inicia-a aos 16 anos quando faz o pleno no Grand Slam de juniores e ascende ao 53º posto do ATP Tour. A conquista da Taça Davis, em 1984, representa o primeiro título como atleta profissional e a consequente subida ao 20º lugar do ranking.
O ano seguinte é fulcral. Vence o Open da Austrália, o seu primeiro torneio de Grand Slam, e celebra o bis na Taça Davis.
1986 está cheio de «segundos lugares». Atinge as meias-finais do Open EUA e do Masters e perde nas finais dos torneios de Toronto, Los Angeles e Nova Iorque. A Taça Davis é, mais uma vez, a principal conquista.

Em 1987 regista o segundo triunfo no Open da Austrália e chega às meias-finais do Open EUA, do Roland Garros e Wimbledon, alcançando segundo posto no circuito profissional. Em 1988 vence em Wimbledon, derrotando Boris Becker. Um ano depois conquista o Masters.
Em 1990 chega ao nº 1 do circuito profissional e é considerado desportista do ano. No ano seguinte mantém a liderança. O principal triunfo é o Open EUA. Repete-o em 1992.
1993 é o início do declínio. Apesar de no campo pessoal as coisas lhe correrem bem (é pai), no desportivo conhece um efectivo abaixamento de forma, terminando a época em 5º lugar. Em 1994 conquista a Taça Davis, perante a Rússia. No final de 1995 anuncia a retirada do ténis. Já em 1996 vence o Open da Austrália em pares. É o último troféu.

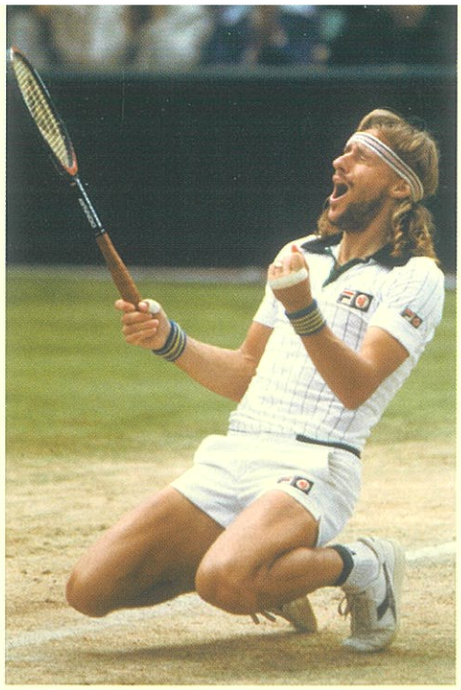
Bilhete de Identidade

Stefan Bengt Edberg
Vastervik (Suécia), 19 de Janeiro de 1966

Como jogador
PALMARÉS
2 vezes vencedor do Wimbledon 1988 e 1990
2 vezes vencedor Open EUA 1991 e 1992.
2 vezes vencedor Open Austrália 1985 e 1987.
3 vezes vencedor Taça Davis 1984, 1985 e 1994.
1 vez vencedor Masters 1989. Nº 1 mundial entre Agosto 1990 e Outubro 1992

Bjorn Borg

Aos 26 anos Bjorn Borg abandona os «courts». É nº 1 de 1977 a 1981, período durante o qual vence praticamente todas as provas em que se envolve. A primeira vitória em torneios do Grand Slam surge em 1974 no Roland Garros, triunfo que repete no ano seguinte. Ainda em 1975 vence a Taça Davis, a primeira conquistada pela Suécia.
No ano seguinte vence o Wimbledon e sai derrotado na final do Open EUA. A partir de 1977, inicia a liderança no ranking internacional. Para esse facto contribui o segundo triunfo em Wimbledon. Em 1978 é batido pela segunda vez no Open EUA. Sagra-se vencedor do Roland Garros e do Wimbledon, mantendo-se como número um.
Em 1980 triunfa em três frentes: Roland Garros, Wimbledon e Masters. Em 1981 vence novamente o Roland Garros e o Masters, mas perde, pelo segundo ano consecutivo, o Open dos EUA.
Em 1982 abandona, inexplicavelmente. Chega a equacionar o regresso mas a falta de ritmo e de competividade fazem-no desistir. Pelo meio tem dois divórcios litigiosos. Em 1998, tenta o suicídio. A tentativa é frustrada.



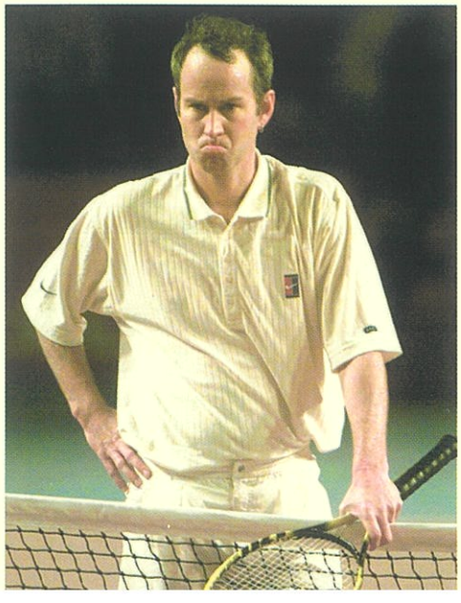
Bilhete de Identidade

Bjorn Borg
Sodertaljie (Suécia), 6 de Junho de 1956

Como jogador
PALMARÉS
6 vezes vencedor Roland Garros 1974, 1975, 1978, 1979, 1980 e 1981. 5 vezes vencedor Wimbledon 1976, 1977, 1978, 1979 e 1980. 1 vez vencedor Taça Davis 1975. 2 vezes vencedor Masters 1979 e 1980. Número 1 1977, 1978, 1979, 1980 e 1981

John McEnroe

Conhecido pelo mau humor, John McEnroe é seguramente o tenista mais temperamental de sempre. Número um do Mundo entre 1981 e 1984, vence sete torneios de Grand Slam em singulares e oito em pares, consegue quatro vitórias no Open dos EUA e três coroas no torneio de Wimbledon. Na Austrália e no Roland Garros não chega a alcançar nenhuma vitória. No seu currículo constam também cinco Taças Davis, conquistadas ao serviço da selecção dos EUA.
A carreira começa a cimentar-se aos 18 anos, aquando da vitória no Open de França de juniores em pares. No mesmo ano vence o torneio da Universidade de Stanford. Em 1980 torna-se no mais jovem líder do ranking ATP com 21 anos e 15 dias. Em 1981, 1983 e 1984 é considerado o tenista do ano.



Bilhete de Identidade

John McEnroe
Wiesbaden (Alemanha), 16 de Fevereiro de 1959

Como jogador
PALMARÉS
3 vezes vencedor do Wimbledon 1981, 1983 e 1984. 4 vezes vencedor do Open EUA 1979, 1980, 1981 e 1984. 3 vezes vencedor Masters 1978, 1983 e 1984. 5 vezes vencedor Taça Davis 1978, 1979, 1981, 1982 e 1992. Nº 1 mundial entre 1981 e 1984 (77 semanas em singulares e 76 em pares)

1987 – Martina Navratilova culmina série de seis vitórias consecutivas em Wimbledon

JUN 1988 – Retorno efectivo do ténis aos Jogos Olímpicos, em Seul, ao fim de 64 anos

1988 – Steffi Graf é a terceira praticante da história a vencer os quatro torneios do Grand Slam no mesmo ano

MAI 89 – Michael Chang, 18 anos, bate o sueco Stefan Edberg em Roland Garros e é o primeiro norte-americano a triunfar em França em 34 anos

1989 – Realização do primeiro Estoril Open. Emílio Sanchez vence em singulares e em pares, com Sergi Casal

JUN 89 – Stefan Edberg derrota Boris Becker em cinco «sets» e vence em Wimbledon

1 JAN 90 – Criação do ATP Tour (instituição organizadora do circuito internacional de ténis masculino)

1990 – Pete Sampras, 19 anos e 28 dias, torna-se no mais jovem vencedor de sempre do US Open. Martina Navratilova estabelece o máximo de nove vitórias em Wimbledon

6 MAI 93 – Monika Seles é apunhalada nas costas por um espectador, no intervalo de um torneio em Hamburgo. O autor do crime, fã de Steffi Graf, não quer a liderança de Monika no ranking mundial

JUN 95 – Steffi Graf completa 100 vitórias com a sétima em Wimbledon

JAN 97 – Martina Hingis, 16 anos e três meses, é a mais jovem vencedora de sempre de um torneio do Grand Slam (Open da Austrália). Os triunfos no US Open e em Wimbledon dão-lhe também a liderança no ranking internacional feminino

1998 – Pete Sampras é o primeiro a comandar seis anos consecutivos o ranking do circuito internacional

29 MAI 99 – Nuno Marques torna-se no primeiro português a conquistar o Satélite Slam, vencendo as quatro etapas do Circuito Satélite ATP Tour. Na final bate o austríaco Gilbert Schaller
▶

MAI 99 – Nuno Marques e Emanuel Couto perdem a final do Torneio Zagrebe de pares, ante a dupla checo-israelita Nir Welgreen-Ota Fukarek

6 JUN 99 – Andre Agassi vence o Roland Garros pela primeira vez. No dia seguinte, Steffi Graf soma o sexto da carreira

22 JUN 99 – Nuno Marques eliminado de Wimbledon. Perde em três «sets» com o alemão Rainer Schuttler

28 JUN 99 – Portugal é escolhido para acolher a final do Mundial 2000 (Masters ATP Tour), entre mais de 40 candidaturas

28 JUN 99 – A mãe da norte-americana Alexandra Stevenson acusa, em Wimbledon, a existência de racismo e lesbianismo no circuito profissional

JUL 99 – Pete Sampras iguala Roy Emerson em vitórias do Grand Slam (12), ao vencer o compatriota Agassi na final de Wimbledon, e Ivan Lendl no tempo de liderança do ranking (sete anos). Lindsay Davenport, também norte-americana, vence o torneio britânico no sector feminino

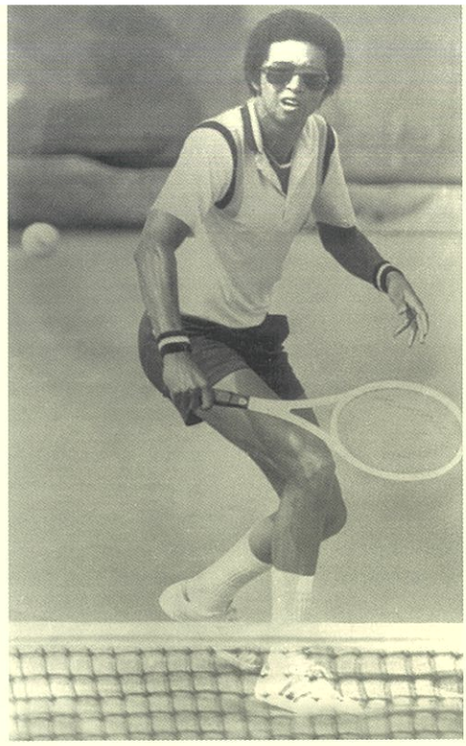
Lista de Rankings

Masculinos
1968: Rod Laver, 1969: Rod Laver, 1970: John Newcombe, 1971: John Newcombe, 1972: Ilie Nastase, 1973: Ilie Nastase, 1974: Jimmy Connors, 1975: Jimmy Connors, 1976: Jimmy Connors, 1977: Jimmy Connors, 1978: Jimmy Connors, 1979: Bjorn Borg, 1980: Bjorn Borg, 1981: John McEnroe, 1982: John McEnroe, 1983: John McEnroe, 1984: John McEnroe, 1985: Ivan Lendl, 1986: Ivan Lendl, 1987: Ivan Lendl, 1988: Mats Wilander, 1989: Ivan Lendl, 1990: Stefan Edberg, 1991: Stefan Edberg, 1992: Jim Courier, 1993: Pete Sampras, 1994: Pete Sampras, 1995: Pete Sampras, 1996: Pete Sampras, 1997: Pete Sampras, 1998: Pete Sampras, 1999: Andre Agassi

Femininos
1968: Billie Jean King, 1969: Margaret Court Smith, 1970: Margaret Court Smith, 1971: Evonne Goolagong, 1972: Billie Jean King, 1973: Margaret Court Smith, 1974: Billie Jean King, 1975: Chris Evert, 1976: Chris Evert, 1977: Chris Evert, 1978: Martina Navratilova, 1979: Martina Navratilova, 1980: Chris Evert, 1981: Chris Evert, 1982: Martina Navratilova, 1983: Martina Navratilova, 1984: Martina Navratilova, 1985: Martina Navratilova, 1986: Martina Navratilova, 1987: Steffi Graf, 1988: Steffi Graf, 1989: Steffi Graf, 1990: Monica Seles, 1991: Monica Seles, 1992: Monica Seles, 1993: Steffi Graf, 1994: Steffi Graf, 1995: Steffi Graf, 1996: Steffi Graf, 1997: Martina Hingis, 1998: Lindsay Davenport, 1999: Martina Hingis

Arthur Ashe

Arthur Ashe é o primeiro negro de renome no ténis mundial. Desperta para a modalidade com 14 anos ao jogar no Mary Land Boys pela mão de Walter Johnson. Em 1963 é chamado à selecção nacional para disputar a Taça Davis, sendo o primeiro negro a receber a convocatória. Em 1965 vence o NCAA, campeonato de singulares masculinos, levando a UCLA ao título. No ano seguinte forma-se em gestão de empresas. Em 1968, consegue a primeira vitória no Open dos EUA. Dois anos depois ganha na Austrália. Assume uma faceta política contra o apartheid. Solicita a expulsão da entidade federativa sul-africana pela federação internacional. Em 1975 vence em Wimbledon. Em 1980 sofre um ataque cardíaco, retirando-se da competição. Para trás ficam 51 títulos. Torna-se capitão da selecção e vence a Taça Davis em 1981 e 1982.
Em Janeiro de 1985 é preso em frente à embaixada sul-africana nos EUA e entra para o Hall of Fame. Em 1988, descobre que é seropositivo. Em Dezembro é eleito desportista do ano pela «Sports Ilustrated». A 6 de Fevereiro de 1993 morre com pneumonia. Três anos depois uma estátua em sua honra é colocada na avenida Richmonds.



Bilhete de Identidade

Arthur Robert Ashe Jr.
Richmond (EUA), 10 de Julho de 1943.
Falecido em Nova Iorque, 6 de Fevereiro de 1993

Como jogador
PALMARÉS
1 vez vencedor Wimbledon 1975. 1 vez vencedor Open EUA 1968. 1 vez vencedor Open da Austrália 1970. 5 vezes vencedor Taça Davis

Rod Laver

Rod Laver dedica-se ao ténis desde tenra idade, impulsionado pelos pais. Nasce em Rockhampton e com apenas 15 anos deixa a escola de ténis para jovens para, passados três anos, já fazer parte da comitiva australiana com vista à participação na Taça Davis. Vence a prova por quatro vezes (1959, 1960, 1961 e 1962), curiosamente consecutivas.
Ao ganhar em 1960 o Open da Austrália conquista o primeiro torneio do Grand Slam e destaca-se a nível internacional. Em 1962 ganha o Grand Slam ao conquistar as quatro provas respectivas, tornando-se inclusive o primeiro praticante na história do ténis a consegui-lo. Em 1969, consegue vencer novamente o Grand Slam.
É nomeado para o Hall of Fame em 1981 e fica ainda conhecido pela sua veia literária com a publicação de dois livros: «How to Play Winning Tennis» (1964) e «Education of a Tennis Player» (1971).

Bilhete de Identidade

Rod Laver
Rockhampton (Austrália), 9 de Agosto de 1938

Como jogador
PALMARÉS
2 vezes vencedor Roland Garros 1962 e 1969. 4 vezes vencedor Wimbledon 1961, 1962, 1968 e 1969. 2 vezes vencedor do Open EUA 1962 e 1969. 3 vezes vencedor Open Austrália 1960, 1962 e 1969. 4 vezes vencedor Taça Davis 1959, 1960, 1961 e 1962

Martina Navratilova

«A minha herança para o ténis é o profissionalismo» é a frase com que Martina Navratilova se despede dos «courts» em 1994. Em Wimbledon, a catedral onde melhor espelha a sua categoria e donde sai vitoriosa por nove vezes, a jogadora norte-americana deixa o seu último testemunho. Sai com as lágrimas nos olhos, «não pela derrota», como a mesma afirma, mas por terminar uma carreira a que tanto se entregou durante a vida.
Nascida na Checoslováquia a 18 de Outubro de 1956, consegue a primeira vitória em 1975 quando vence a Taça da Federação. Em 1978 e 1979 vence Wimbledon. Nesse período assume a presidência da Associação das Tenistas Profissionais (WTA).
Em 1981, obtém a cidadania norte-americana e alcança a vitória num torneio de Grand Slam (Open de Austrália). Em 1982 vence Roland Garros e Wimbledon. Em 1983, porventura o ano mais positivo de Navratilova, triunfa na Austrália, EUA e Wimbledon, a que se junta ainda uma vitória no Masters.
Em 1984, consegue mais um Grand Slam (vitórias em França, EUA e Wimbledon) e vencendo novamente o Masters, o que consegue aliás nos dois anos seguintes.
Nos anos seguintes, com o aparecimento de Steffi Graf, começa a ter menos importância no plano internacional. Consegue apenas dois triunfos. Em 1989, ganha a Taça da Federação e em 1990 Wimbledon pela última vez.
No plano pessoal, o facto de ser homossexual traz-lhe imensos dissabores. À parte estas questões, empenha-se em inúmeros eventos, com vista a angariação de fundos para crianças desprotegidas.

Bilhete de Identidade

Martina Navratilova
Praga (Checoslováquia)°, 18 de Outubro de 1956

Como jogadora
PALMARÉS
2 vezes vencedora Roland Garros 1982 e 1984. 9 vezes vencedora Wimbledon 1978, 1979, 1982, 1983, 1984, 1985, 1986, 1987 e 1990. 4 vezes vencedora Open EUA 1983, 1984, 1986 e 1987. 3 vezes vencedora Open Austrália 1981, 1983 e 1985. 4 vitórias Taça Federação 1975 (Checoslováquia), 1982, 1986 e 1989 (EUA). 6 vitórias Masters 1978, 1979, 1983, 1984, 1985 e 1986. Nº 1 1978, 1979, 1982, 1983, 1984, 1985 e 1986

° Naturaliza-se norte-americana

Martina Hingis

Martina Hingis dá-se a conhecer ao mundo quando conquista o Roland Garros de juniores em 1993, apenas com 13 anos. O sucesso, no entanto, já vem de trás. Com nove anos vence o Campeonato de Iniciados da Checoslováquia e aos onze, já com nacionalidade suíça, vence os campeoantos nacionais do seu novo país.
Ao ganhar em 1995 o Torneio de seniores de Hamburgo, quer em pares quer em singulares, conquista o primeiro torneio do circuito profissional feminino (WTA Tour). Com esta vitória entra ainda para o grupo das 16 tenistas mais pontuadas a nível mundial.
Atinge os quartos-de-final do Open da Austrália em 1996 e entra para o «top 10». O facto de eliminar tenistas já granjeadas a nível internacional neste torneio do Grand Slam, como Steffi Graf ou Lindsay Davenport, ilustra bem o crescimento de Hingis na alta roda internacional.
1997 é o ano de definição da tenista suíça. Vence o Open da Austrália, batendo na final a francesa Mary Pierce. Consequentemente passa a liderar o ranking internacional. Um acontecimento assinalável, já que se torna na mais jovem tenista de sempre a consegui-lo (17 anos). A vitória no torneio de Wimbledon no mesmo ano vem confirmar toda a sua categoria.

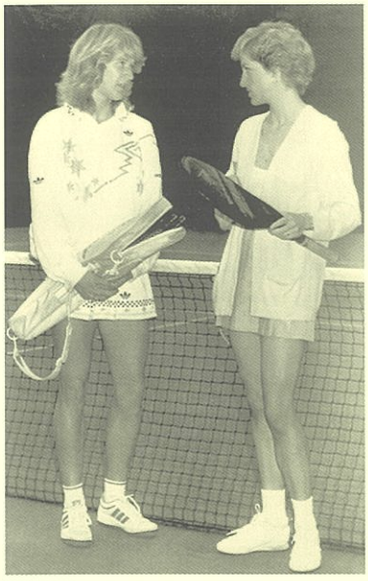
Bilhete de Identidade

Martina Hingis
Kosice (Eslováquia)°, 30 de Setembro de 1980

Como jogadora
PALMARÉS
1 vez vencedora Wimbledon 1997. 1 vez vencedora Open EUA 1997. 2 vezes vencedora Open Austrália 1997 e 1998. 2 vezes vencedora Masters 1995 e 1996. Nº 1 mundial 1997 e 1999

°Naturaliza-se suíça

Steffi Graf

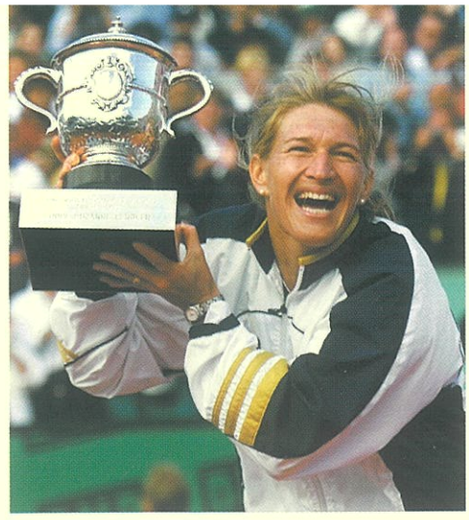


Uma fuga ao fisco cometida em 1995, na Alemanha, pelo pai, marca-a de forma negativa. A tenista alemã, que suplanta o reinado de Martina Navratilova, responde, no entanto, bem a todas as adversidades, nunca se prejudicando no plano desportivo. Os títulos conquistados confirmam-no.

Steffi conhece bem cedo os triunfos nos grandes palcos internacionais. A medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, quando ainda tem apenas 15 anos, catapulta-a para outros êxitos vindouros.

Ao derrotar a norte-americana Chris Evert, em 1987, na final do Roland Garros conquista o seu primeiro torneio de Grand Slam. Torna-se número um do ranking internacional feminino e lidera-o por 347 semanas, um recorde absoluto.

A vitória, em 1999, no Roland Garros faz prever uma retirada. A própria afirma não querer competir mais no torneio de Paris. Uma desilusão para os fãs, provocada por alguma falta de motivação. Desde 1987, quando conquista pela primeira vez o torneio francês, até 1996, não há um ano em que não conquiste um torneio do Grand Slam. Apenas as lesões de 1997 e 1998 a impedem de ganhar mais.



Conhecida também pelos atributos físicos, Steffi Graf chega a participar em desfiles de moda. Ainda que de uma forma tímida, já que algumas vezes declara não gostar das suas pernas, por serem demasiado musculadas. Um poço de humildade.

Bilhete de Identidade

Stefanni Maria Graf
Neckerau (Alemanha), 14 de Junho de 1969

Como jogadora
PALMARÉS
6 vezes vencedora Roland Garros: 1987, 1988, 1993, 1995, 1996 e 1999. 7 vezes vencedora Wimbledon: 1988, 1989, 1991, 1992, 1993, 1995 e 1996. 5 vezes vencedora Open EUA: 1988, 1989, 1993, 1995 e 1996. 4 vezes vencedora Open da Austrália: 1988, 1989, 1990 e 1994. Nº 1 mundial 1987 a 1989 e 1993 a 1996. Grand Slam: 1988. Campeã Olímpica em 1988

Margaret Smith Court

Margaret Smith Court é a tenista mais laureada em títulos de Grand Slam. No total são 64, distribuídos por mais de uma década de carreira ao mais alto nível, 25 dos quais em singulares (11 Open da Austrália, cinco Open dos EUA, cinco Roland Garros e três Wimbledon). O último open em singulares consegue-o na Austrália em 1973.

De Wimbledon a australiana tem recordações especiais. A 3 de Julho de 1970 torna-se na segunda mulher, depois de Maureen Connolly, a fazer o pleno no Grand Slam, ao derrotar, na final daquele torneio, Billie Jean King. Um ano depois, no mesmo torneio, a 2 de Julho, perde diante de Evonne Goolagong pelos parciais de 6-4 e 6-1. O desempenho é notável. Junto ao tri individual (1963, 1965 e 1970) mais sete títulos, dois em pares (1964 e 1969) e cinco em pares mistos (1963, 1965, 1966, 1968 e 1975).

No Open dos EUA triunfa em pares em 1963, de 1968 a 1970, 1973 e 1975 e em mistos de 1961 a 1965, 1969 a 1970 e em 1972. Na Austrália tem vitórias em pares de 1961 a 1963, 1965, 1969 a 1971 e 1973 e em mistos em 1963 e 1964. Em Roland Garros ganha em pares de 1964 a 1966 e 1973 e em mistos de 1963 a 1965 e 1969.

Bilhete de Identidade

Margaret Smith Court
Albury (Austrália), 16 de Julho de 1942

Como jogadora
PALMARÉS
5 vezes vencedora Roland Garros 1962, 1964, 1969, 1970 e 1973. 3 vezes vencedora Wimbledon 1963, 1965 e 1970. 6 vezes vencedora Open EUA 1962, 1965, 1968, 1969, 1970 e 1973. 11 vezes vencedora Open Austrália 1960, 1961, 1962, 1963, 1964, 1965, 1966, 1969, 1970, 1971 e 1973

Monika Seles

Uma facada nas costas da autoria de Guenter Parche, um fã da alemã Steffi Graf, sobre a tenista Monika Seles, quase deita por terra uma carreira construída à base de triunfos e iniciada a nível profissional com apenas 15 anos e quatro meses. O acontecimento dá-se em 1993 e obriga a tenista norte-americana de origem sérvia a afastar-se dos «courts» por 27 meses.
O regresso é efectuado em 1995 e, apenas um ano depois, vence novamente uma prova de elite. No caso o Open da Austrália, onde na final derrota Novotna. Em 1996 ganha ainda a Taça da Federação.
Os anos dourados do seu percurso são iniciados, no entanto, em 1990, quando na final do Roland Garros derrota Steffi Graf, pelos parciais de 7-6 e 6-4.
Ao sagrar-se vencedora nos Open da Austrália, Roland Garros e Open dos EUA, Monika Seles quase faz o pleno no Grand Slam em 1991. No ano seguinte repete exactamente as mesmas vitórias solidificando o primeiro lugar no circuito profissional (WTA Tour), chegando a ser apelidada de Exterminadora Implacável.

Bilhete de Identidade

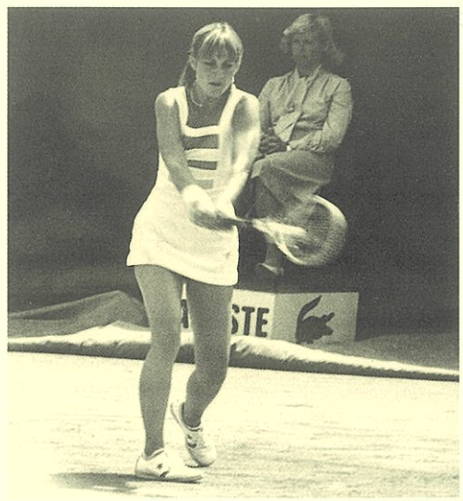
Monika Seles
Novi Sad (Jugoslávia)°, 2 de Dezembro de 1973

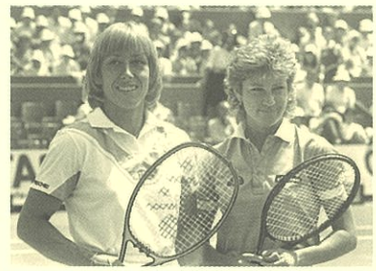
Como jogadora
PALMARÉS
3 vezes vencedora Roland Garros 1990, 1991 e 1992. 2 vezes vencedora Open EUA 1991 e 1992. 4 vezes vencedora Open Austrália 1991, 1992, 1993 e 1996. 1 vez vencedora Taça Federação 1996. 3 vezes vencedora Masters 1990, 1991 e 1992. Nº 1 mundial entre 1990 e 1992

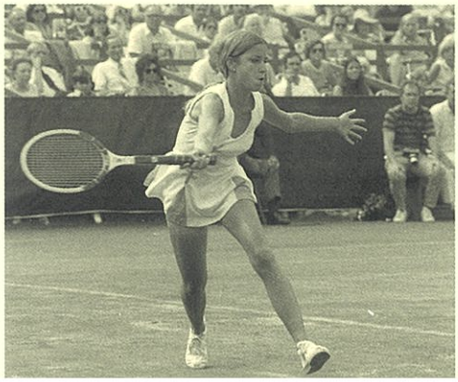
° Naturaliza-se norte-americana

Chris Evert

Menina bonita dos EUA, como é conhecida, Chris Evert impõe desde cedo a sua categoria. Aos 16 anos, ao eliminar no campeonato de profissionais 3 tenistas seniores, aparece na alta roda.
Tida como uma jogadora defensiva e caracterizada pela forma de pegar na raqueta, com as duas mãos, Evert torna-se depressa num símbolo nacional. É a primeira tenista a ganhar 1000 jogos em singulares.
No seu caderno de recordes, está registada a mais alta média de vitórias na história da modalidade, 90%.
Vence ao todo 18 torneios do Grand Slam. Três Wimbledon, seis Open dos EUA, sete Roland Garros e dois Open da Austrália. Em 1974, estabelece o recorde de vitórias consecutivas, 55. Navratilova, outro marco do ténis internacional, bate-o 10 anos mais tarde com 74 vitórias consecutivas.







Bilhete de Identidade

Christine Marie Evert
Fort Laudardale, Florida (EUA), 21 de Dezembro de 1954

Como jogadora
PALMARÉS
3 vezes vencedora Wimbledon 1974, 1976, 1981. Roland Garros 1974, 1975, 1979, 1980, 1983, 1985, 1986. Open Estados Unidos 1975, 1976, 1977, 1978, 1980, 1982. Open Austrália 1982, 1984. Masters 1972, 1973, 1977. Taça da Federação 1977, 1978, 1979, 1980, 1981, 1982, 1986, 1989. Campeonato WTA 1972, 1973, 1975, 1977. Nº 1 mundial em 374 semanas

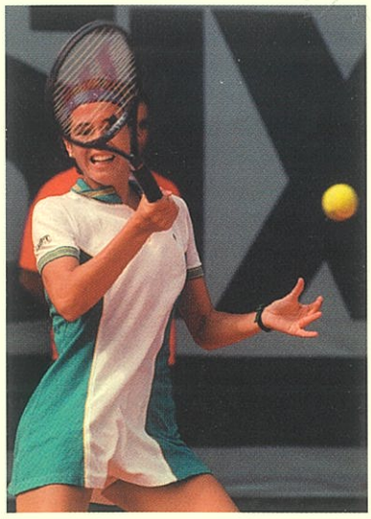
A influência de Herédia

José Herédia, presidente da Federação Portuguesa de Ténis a partir de 1962, é o principal impulsionador da modalidade em Portugal. Mantendo-se em funções até 1976, faz com que a selecção nacional tenha, de uma forma mais assídua, a participação na Taça Davis, ainda que só nas fases de apuramento. Falta apenas o acesso ao grupo mundial.
Nos tenistas nacionais mais representativos, destacam-se José Roquette, nos anos 40 e 50 e Leonor Peralta, nos 70, com 14 e 13 campeonatos ganhos, respectivamente. João Cunha e Silva é ainda assim a maior referência portuguesa. Nuno Marques tem a melhor classificação de sempre a nível de singulares. A 21 de Março de 1995 é 86º no ranking ATP. Em pares tem melhor classificação em 1997 (58º).
A nível da arbitragem, Jorge Dias e Carlos Sanches são os nomes mais sonantes. Pertencem à categoria Gold e trabalham a tempo inteiro para a Federação Internacional de Ténis. Carlos Ramos, no ATP, também em Gold, é outra referência.

João Lagos

A organização do Mundial de Ténis (Masters) em Portugal, no ano 2000, e em São Paulo, em 2001, é indiscutivelmente a maior vitória de sempre do ténis nacional. Para João Lagos, mentor do projecto, é apenas o corolário de uma carreira de empresário bem sucedida e que dá origem aos torneios mais importantes em terras portuguesas: o Estoril Open, o Maia Open e o AXA Open.
O 10º aniversário do Estoril Open traz grandes nomes internacionais. Marcelo Rios, Thomas Muster, Gustavo Kuerten, Kafelnikov e Todd Martin são as estrelas na festa da competição nacional mais mediática além-fronteiras. O vencedor é o espanhol Alberto Costa. Anke Huber, assídua no «top 10» feminino a nível mundial, também é participante. Uma presença em grande parte justificada pela entrada da prova feminina no WTA Tour.
Como tenista, João Lagos ganha três nacionais de singulares consecutivos, de 1965 a 1967. Ao lado de José Vilela, vence oito campeonatos de pares, sete deles consecutivos, de 1970 a 1976. É um dos fundadores da primeira associação de ténis do país (Lisboa).

Sofia Prazeres



Interrompe a carreira prematuramente, aos 24 anos, por falta de apoios para competir ao mais alto nível internacional. Em Novembro de 1998, Sofia Prazeres deixa para trás um palmarés respeitável e susceptível de ser aumentado.
Dez títulos consecutivos de campeã nacional, apesar da fraca competividade da modalidade em Portugal, não podem ser desprezados. Fica a quatro do recorde nacional (13), curiosamente, ganhos pela sua primeira treinadora, Leonor Peralta.
É a tenista portuguesa mais laureada de sempre. É a primeira a fazer parte do ranking internacional e na caminhada para o «top 100» fica-se pelo 152º lugar. No WTA Tour, é a única a marcar presença em torneios profissionais, o mais importante dos quais Roland Garros, em 1994 e 1997. Na última vez quase chega à fase final do torneio francês, mas Joannette Kruger impede-a de atingir um marco de refêrencia no ténis nacional. Ainda em 1997, participa no Open dos Estados Unidos, apesar de não ultrapassar a primeira ronda, e conquista o único título de singulares no plano internacional, o Open de Guimarães.

Bilhete de Identidade

Sofia Isabel Pina Rebelo de Golegã Prazeres
Porto, 19 de Junho de 1974

Como jogadora
PALMARÉS
10 vezes campeã nacional 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998 e 1999. 1 vez vencedora do Open de Guimarães (único titular singular internacional). 1 vez vencedora do Open de Castelo Branco (1987), Torneio Festas de Leiria (1990), Filber Open (1993), Lisbon Racket Center Open (1993), Open de Gaia (1998), Solverde/Baviera Tennis Cup (1998)

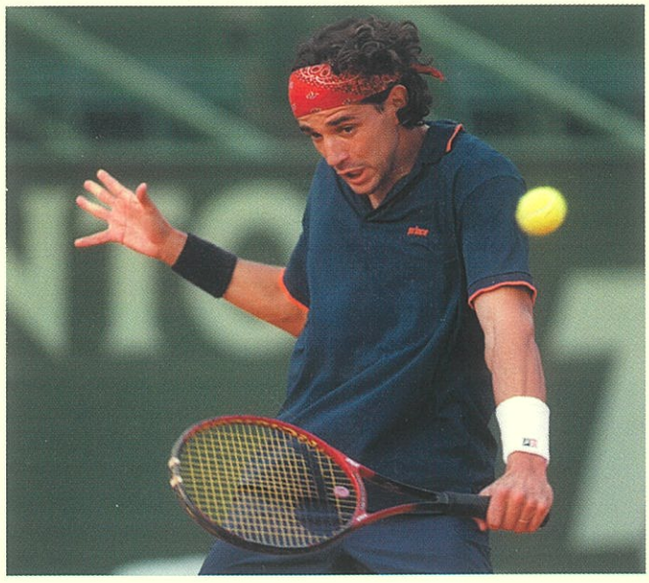
Nuno Marques

Nuno Marques é reconhecido como o melhor tenista português de todos os tempos. Com uma carreira bastante prometedora nas camadas jovens, chega a vice-campeão europeu de iniciados. O seu talento é inquestionável, mas não chega para o projectar na elite mundial.

Torna-se profissional em 1986 e quatro anos mais tarde (1990) surgem as primeiras vitórias internacionais, nos Challengers de Vilamoura e Funchal. Atravessa uma fase de menor sucesso até que, em 1995, vence o Challenger dos Açores (triunfo repetido em 1996) e atinge os quartos-de-final do Estoril Open. Em 1996, chega à mesma fase (quartos-de-final) do Open Kitz Buhel, na Áustria. No mesmo ano vence o Torneio Amehdabad.

Em 1999, triunfa nas quatro provas do Circuito Satélite Internacional, tornando-se no 15º tenista da história desta competição a consegui-lo, feito nunca alcançado por outro português. Assinala ainda uma presença na final (perdida) no Torneio de Zagrebe em pares, ao lado de João Cunha e Silva, num dos anos mais brilhantes da sua carreira.

As melhores classificações no ranking internacional de um tenista português pertencem-lhe: 86º posto (1995) e 58º lugar em pares (1997).



Bilhete de Identidade

Nuno Miguel Bacelar de Vasconcelos Marques
Porto, 9 de Abril de 1970

Como jogador
PALMARÉS
2 vezes campeão nacional 1990 e 1992. 1 vez vencedor do Challenger de Vilamoura 1990. 1 vez vencedor do Challenger do Funchal. 2 vezes vencedor do Challenger dos Açores 1995, 1996. 1 vez vencedor do Torneio Amehdabad. 1 vez vencedor das quatro provas do Circuito Satélite Profissional

João Cunha e Silva

O facto de ser número um mundial em 1985 na categoria de juniores faz antever uma carreira recheada de sucessos para João Cunha e Silva. A realidade é diferente. Apesar de algumas vitórias e registos importantes, nunca atinge a «I Divisão» do ténis, a exemplo de Nuno Marques.

O melhor registo no ranking internacional é o 108º lugar em singulares (1991) e o 72º em pares (1989). Entra para o circuito profissional em 1984. Três anos depois ganha o primeiro de uma série de quatro campeonatos nacionais consecutivos. Em 1990 surgem as primeiras vitórias internacionais, nos Challengers de Torino e São Paulo.

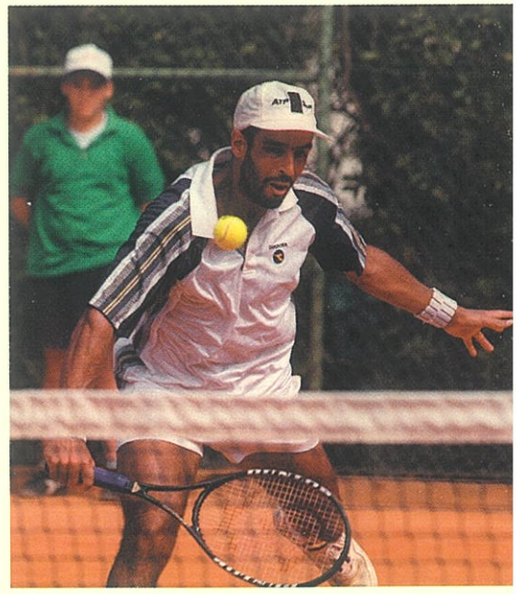
Atinge as meias-finais do Grand Prix Open de Telavive, Israel, em 1992, na categoria de singulares e vence a prova de pares ao lado do norte-americano Mike Bauer.

O ponto alto surge em 1995, com o triunfo em Monterey (100 mil dólares), onde, na final, derrota o americano Steve Campbell. É a maior vitória de sempre de um português. Tem 50 internacionalizações na Taça Davis, atingidas em Setembro de 1999, quando Portugal defronta a Croácia.

Bilhete de Identidade

João Paulo Doleto da Cunha e Silva
Lisboa, 27 Novembro de 1967

Como jogador
PALMARÉS
5 vezes campeão nacional 1986, 1987, 1988, 1989, 1991. 1 vez vencedor do Challenger de Torino 1990. 1 vez vencedor do Challenger de São Paulo. 1 vez vencedor do Grand Prix Open Telavive (em pares) 1992. 1 vez vencedor do Challenger de Monterey 1995



Ténis de Mesa

Revolução asiática

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE TÉNIS DE MESA É FUNDADA A 27 DE OUTUBRO DE 1944, REGISTANDO 470 PRATICANTES. EM 1949, O NÚMERO ASCENDE A 1517, EM 1959 A 1630, EM 1969 A 1084, EM 1979 A 2077 E EM 1989 A 1717. NO RECENSEAMENTO DE 1998, APARECEM 4441. A ASSOCIAÇÃO DA MADEIRA É A QUE CONGREGA MAIS ATLETAS (2225). NO SEGUNDO LUGAR, A LARGA DISTÂNCIA, APARECE A DO PORTO (393) E EM TERCEIRO A DE LISBOA (270). O PRIMEIRO ORÇAMENTO CONHECIDO É DE 1959 (25 CONTOS). DEZ ANOS DEPOIS SITUA-SE NOS 148 CONTOS, EM 1979 NOS 821, EM 1989 NOS 33 500 E EM 1998 NOS 115 000. CAMPEONATO NACIONAL DE EQUIPAS, TAÇA DE PORTUGAL DE EQUIPAS, CAMPEONATO NACIONAL INDIVIDUAL SINGULARES, CAMPEONATO NACIONAL DE PARES, DIA OLÍMPICO E TORNEIOS ABERTOS DISPUTAM-SE EM TODOS OS ESCALÕES ETÁRIOS EXISTENTES: INICIADOS, INFANTIS, CADETES, JUNIORES E SENIORES EM AMBOS OS SEXOS.
O TÉNIS DE MESA É DESPORTO OLÍMPICO

13 MAR 57 – Em Estocolmo, com a participação de 17 países, entre os quais Portugal, é fundada a União Europeia de Ténis de Mesa

10 MAI 58 – O benfiquista Alberto Ló, originário de Macau, vence categoricamente o Troféu Ibérico, ao bater no derradeiro jogo Manuel Carvalho, do Académico do Porto

1959 – A duração do desafio é limitada a 20 minutos, de modo a evitar situações como a do Campeonato do Mundo de 1936: uma partida demora cerca de sete horas

ABR 90 – O congresso adopta alterações no sistema de jogo da Liga Europeia, dividindo o primeiro grupo em oito equipas e o segundo em quatro

1991 – Durante um Meeting informal em Chiba, é decidido separar as competições de homens e mulheres em Super e I Divisão da Liga Europeia

A entrada na segunda metade do séc. XX marca a perda, por parte da Hungria, da hegemonia evidenciada antes da II Guerra Mundial (Maria Mednyanszky é campeã mundial sete vezes e Viktor Barna cinco). A Europa Central continua a dominar durante alguns anos, mas são os jogadores asiáticos a revolucionar por completo a modalidade. Um dos factores do êxito é a utilização de uma fina camada de esponja entre a madeira e a borracha nas raquetas, o que permite melhor controlo da bola. Em 1952, Sato, do Japão, vence o Mundial e, em 1956, Okawa faz o mesmo na vertente feminina. Por equipas, no sector masculino, o primeiro triunfo japonês acontece em 1954, ao passo que, entre as senhoras, data logo de 1952. Para este ponto de viragem muito contribui também o modo de pegar na raquetas (mais por baixo).

De 1975 a 1997, nas equipas femininas, a China tem supremacia total. Ganha todos os Campeonatos do Mundo realizados de dois em dois anos, à excepção de 1991. Nas equipas masculinas, tem também larga vantagem (oito títulos), sendo ultrapassada em 1979 pela Hungria e em 1989, 1991 e 1993 pela Suécia.

Em Portugal o primeiro Campeonato Nacional individual sénior realiza-se em 1949. Oliveira Ramos (1949 a 1956) adquire um estatuto ímpar. Até 1999, mais ninguém consegue somar oito títulos consecutivos. José Alveiro tem sete vitórias, mas vê o percurso ser interrompido em 1979 por José Marquês e em 1981 por Ivanoel Moreira. Por equipas masculinas, Benfica e Sporting são as mais tituladas. O clube da Luz, cujo último troféu remonta a 1984, vence 22 vezes e o de Alvalade 23. Intrometem-se entre os dois rivais o Palmeiras Lisboa Clube (1976 a 1979) e o Estrela da Amadora (1996 e 1997). Em equipas femininas, há maior repartição, surgindo clubes de dimensão menor. De 1993 a 1999, ganham Grupo Desportivo do Estreito (1), Clube de Ténis de Mirandela (4) e Centro Social e Desportivo Câmara de Lobos (2).

Na época 98/99, uma equipa portuguesa chega pela primeira vez aos quartos-de-final da Taça dos Campeões Europeus. É a do Sporting, vencedora do Campeonato e da Taça de Portugal.

Jan Ove Waldner

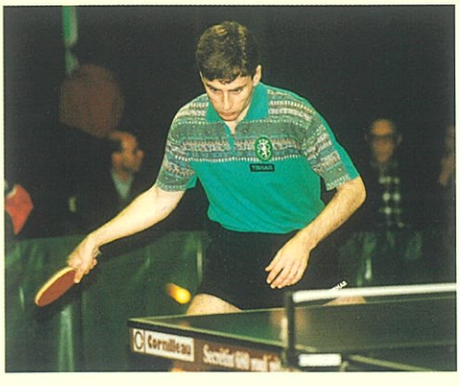
Sueco, nascido a 3 de Outubro de 1965, triunfa em Jogos Olímpicos – a modalidade aparece em Seul 88 e Waldner vence em 1992 –, Mundiais, Europeus e Taça do Mundo. Depois de 1984 vence sete vezes o Top 12 (melhores jogadores europeus). É campeão do mundo em singulares em 1989 e 1997 (segundo em 1987 e 1991). Em 1997, não perde um set em sete jogos. Por equipas, além de outras presenças no pódio, triunfa em 1989, 1991 e 1993.
Em Europeus, ganha individualmente em 1996, depois de ter ficado em segundo lugar no campeonato anterior, realizado em 1994, em Birmingham. É também segundo classificado em 1982. Por equipas, triunfa em 1986, 1988, 1990, 1992 e 1996, sendo vice-campeão em 1994.

Chen Chi-Chao

Chen Chi-Chao nasce em Cantão, em 1962. Começa a prática do ténis de mesa na escola, aos 9 anos. Cedo revela algum talento, e aos 13 anos integra a equipa profissional de Cantão. Em 1981, sagra-se campeão do mundo na variedade de pares mistos. Em 1982, fica em segundo lugar na Taça do Mundo e sagra-se vice-campeão nacional pela equipa de Cantão.
Em 1988 chega a Portugal, para o lugar de jogador-treinador do Sporting, onde desempenha essas as funções até 1995. Atrás de si deixa um rasto de títulos nacionais de 1988 a 1995 e de Taças de Portugal, de 1988 a 1994. Simultaneamente, desempenha o cargo de treinador da selecção nacional entre 1990 e 1993. Em 1995 sai do Sporting e ingressa no Ginásio Clube do Sul, para jogar e treinar.

Pedro Miguel

Pedro Miguel tem 116 títulos (regionais e nacionais), distribuídos por provas individuais, pares e equipas. É 104 vezes internacional, representando Portugal em seis Europeus e quatro Mundiais. Ganha 13 campeonatos de seniores por equipas, 14 Taças de Portugal (12 no escalão principal), sete nacionais absolutos, seis individual de seniores e é durante dez épocas número 1 do ranking nacional.
Pedro Miguel chega a Alvalade com 12 anos, na companhia de Nuno Dias e João Portela, e que mais tarde jogariam juntos numa equipa que se sagra várias vezes campeã nacional.
Em 98/99, o Sporting celebra a posse do 25º título, o que Pedro Miguel considera «uma das mais fortes emoções» da sua vida desportiva. Aos 33 anos (nasce a 12 de Setembro de 1965) e 21 como praticante – dos quais 19 ao serviço da formação leonina e dois no Club Philipps entre os 16 e os 18 anos – disputa em 1999/2000 o último campeonato como jogador, preparando-se para iniciar uma carreira de treinador.



Campeões mundiais

Masculinos
1950: Checoslováquia, 1951: Checoslováquia, 1952: Hungria, 1953: Inglaterra, 1954: Japão, 1955: Japão, 1956: Japão, 1957: Japão, 1959: Japão, 1961: China, 1963: China, 1965: China, 1967: Japão, 1969: Japão, 1971: China, 1973: Suécia, 1975: China, 1977: China, 1979: Hungria, 1981: China, 1983: China, 1985: China, 1987: China, 1989: Suécia, 1991: Suécia, 1993: Suécia, 1995: China, 1997: China

Femininos
1950: Roménia, 1951: Roménia, 1952: Japão, 1953: Roménia, 1954: Japão, 1955: Roménia, 1956: Roménia, 1957: Japão, 1959: Japão, 1961: Japão, 1963: Japão, 1965: China, 1967: Japão, 1969: URSS, 1971: Japão, 1973: Coreia do Sul, 1975: China, 1977: China, 1979: China, 1981: China, 1983: China, 1985: China, 1987: China, 1989: China, 1991: Coreia, 1993: China, 1995: China, 1997: China

Campeões nacionais

Masculinos
1949: Benfica, 1950: Benfica, 1951: Benfica, 1952: Sporting, 1953: Benfica, 1954: Benfica, 1955: Sporting, 1956: Sporting, 1957: Sporting, 1958: Benfica, 1959: Benfica, 1960: Benfica, 1961: Sporting, 1962: Benfica, 1963: Benfica, 1964: Benfica, 1965: Benfica, 1966: Sporting, 1967: Sporting, 1968: Benfica, 1969: Benfica, 1970: Sporting, 1971: Benfica, 1972: Benfica, 1973: Benfica, 1974: Benfica, 1975: Benfica, 1976: Palmeiras, 1977: Palmeiras, 1978: Palmeiras, 1979: Palmeiras, 1980: Sporting, 1981: Sporting, 1982: Benfica, 1983: Benfica, 1984: Benfica, 1985: Sporting, 1986: Sporting, 1987: Sporting, 1988: Sporting, 1989: Sporting, 1990: Sporting, 1991: Sporting, 1992: Sporting, 1993: Sporting, 1994: Sporting, 1995: Sporting, 1996: E. Amadora, 1997: E. Amadora, 1998: Sporting, 1999: Sporting

Femininos
1951: Benfica, 1952: Benfica, 1953: Benfica, 1954: Benfica, 1955: SC Oeiras, 1956: Benfica, 1957: Sporting, 1958: Sporting, 1959: Sporting, 1960: Sporting, 1961: Benfica, 1962: Benfica, 1963: Sporting, 1964: Benfica, 1965: Benfica, 1966: Benfica, 1967: Ateneu C. Lisboa, 1968: Sporting, 1969: Paço d'Arcos, 1970: Paço d'Arcos, 1971: Paço d'Arcos, 1972: Sporting, 1973: Sporting, 1974: Benfica, 1975: Sporting, 1976: Sporting, 1977: Sporting, 1978: Casa Pia, 1979: Belenenses, 1980: Belenenses, 1981; C. Philips, 1982: Paço d'Arcos, 1983: Paço d'Arcos, 1984: GD Ramiro José, 1985: GD Ramiro José, 1986: GD Ramiro José, 1987: Casa Pia, 1988: E. Amadora, 1989: E. Amadora, 1990: Casa Pia, 1991: Sporting, 1992: Sporting, 1993: CTM Mirandela, 1994: GD Estreito, 1995: CTM Mirandela, 1996: CSD Câmara de Lobos, 1997: CSD Câmara de Lobos, 1998: CTM Mirandela, 1999: CTM Mirandela

Tiro com Armas de Caça

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE TIRO COM ARMAS DE CAÇA É FUNDADA A 8 DE ABRIL DE 1948, RECEBENDO O ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA DESPORTIVA A 4 DE ABRIL DE 1994. OS PRATICANTES REGULARES RONDAM OS 2500. OS NÚMEROS DE 1996 INDICAM A EXISTÊNCIA DE 2367 E DE 80 CLUBES EM ACTIVIDADE, ASSIM COMO A REALIZAÇÃO DE 33 COMPETIÇÕES NACIONAIS E 65 REGIONAIS

JO 68 – A ausência de atiradores portugueses causa muita celeuma. A Federação diz que Armando Marques fica de fora por razões disciplinares e este fala de comportamento incorrecto por parte da Federação. Guy Valle Flor, que quer alojar-se num hotel a expensas próprias, resolve ficar pelo facto de o pedido ter sido recusado

JO 96 – A República Islâmica do Irão é representada pela primeira vez por uma mulher, a porta-estandarte. Com a cara tapada, Ouida Fariman participa na prova de carabina a 10 metros

12 JUN 97 – O juiz Jerónimo de Sousa considera procedente a providência cautelar da Sociedade Protectora dos Animais e cancela o Europeu de Tiro ao Voo, de Lisboa

Marques no fosso olímpico

Celebrado o baptismo olímpico em 1964, no Japão, com o 18º lugar entre 33 concorrentes, Armando Marques obtém a consagração em 1976, em Montreal. Conquista a medalha de prata na especialidade de fosso olímpico (189 pratos) com espingarda FM e cartuchos espanhóis Armusa, equipamento que lhe valera igualmente a Taça de Espanha 76. Põe fim a um jejum de 16 anos, desde a subida da vela ao pódio em Roma. A luta pelo título é renhida. No primeiro dia, na série inaugural, começa por falhar três pratos, mas redime-se. Na segunda jornada, primeira série, volta a conseguir 25 em 25, apesar de a prova ser disputada em condições muito adversas. A chuva constante e o vento dificultam a tarefa dos atiradores, como mostram os resultados. O norte-americano Donald Haldeman obtém a mais baixa pontuação (190 pratos) de um campeão desde 1956, ano do regresso do fosso olímpico aos Jogos.

Armando Marques, 39 anos (1 de Maio de 1937, freguesia de Carnaxide), tem de disputar uma finalíssima com Ubaldesco Baldi. No desempate, faz 25 tiros em 25. «Normalmente quando sou chamado a uma situação destas, tenho um sangue-frio que me permite quase sempre ganhar», diz. O italiano, terceiro classificado, confirma-o: «O português é de ferro, não abala. É seráfico como um menino de coro.» O Governo agracia-o com a medalha de mérito desportivo a 4 de Agosto de 1976. No ano seguinte, é vice-campeão mundial, apesar de continuar a treinar pouco. A gerência de uma casa de pneus não lhe deixa muito tempo livre.

Os resultados internacionais, quer em competições individuais quer em colectivas, mostram que os portugueses estão entre os melhores do Mundo. Não é por acaso que, por exemplo, nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, Portugal é um dos quatro únicos países representados por três atiradores. Desde 1985 que se notam alterações profundas. A luta passa a ser de igual para igual com as principais potências, nomeadamente a Itália. Os resultados atestam isso mesmo. Em 1996, são conquistadas 14 medalhas (incluindo juniores, veteranos e seniores), em tiro ao voo, percurso de caça e fosso universal. Em 1999, João Rebelo e José Silva, estão os dois em estatuto olímpico. Em 1999, João Rebelo e João Silva integram o projecto Sydney. Em 1999, em fosso universal, José Augusto Ferreira é campeão mundial sénior e João Paulo Azevedo, campeão mundial júnior. Este é também medalha de ouro no campeonato do Mundo de tiro às hélices (juniores).

◁ Armando Marques exibe a medalha de prata ganha nos Jogos de Montreal

Arco do triunfo francês

O I Campeonato da Europa e Mediterrâneo realiza-se em Portugal no Estádio Nacional, a 13 e 14 de Agosto de 1983. Participam 12 países (RFA, Bélgica, Holanda, Grã-Bretanha, França, Itália, URSS, Jugoslávia, Turquia, Noruega e Portugal). Na edição 98, Nuno Pombo classifica-se em 25º lugar. Apesar de os resultados não serem significativos, arqueiros portugueses têm participado em Jogos Olímpicos. Na década de 90, Ana de Sousa marca presença em Barcelona e Nuno Pombo em Atlanta.
No Campeonato de Sala 99, em «compound», seniores masculinos, ganha o Benfica e, em femininos, o Ginásio Clube de Queluz. Em recurvo, destaque nos seniores masculinos para a Associação Cultural e Desportiva Paradense e em seniores femininos para o Ateneu Comercial de Lisboa. A nível europeu, até à queda do Muro de Berlim, domina a URSS e depois disso a França, que em 1999 tem mais de 48 mil federados. A Coreia do Sul é a grande potência mundial. Tem métodos de formação muito próprios. Só após dois anos de treino de postura é que os arqueiros podem atirar.

Tiro com Arco

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE TIRO COM ARCO É FUNDADA A 30 DE NOVEMBRO DE 1961. NA BASE DA SUA FORMAÇÃO ESTÃO CARNIDE, MIGUEL JORDAN, ARMINDO SANTOS, JOAQUIM PÁDUA E JOAQUIM FERREIRA. O ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA DESPORTIVA É-LHE ATRIBUÍDO A 9 DE SETEMBRO DE 1994. O NÚMERO DE ARQUEIROS FEDERADOS EM PORTUGAL, EM 1999, É 275. EXISTEM 35 CLUBES. OS REGISTOS DE 1998 APONTAM PARA 1050 PRESENÇAS EM PROVAS NACIONAIS.
A FPTA ORGANIZA DUAS ÉPOCAS POR ANO – UMA DE SALA E OUTRA DE CAMPO.
TEM À DISPOSIÇÃO UM ORÇAMENTO DE 20 MIL CONTOS PROVENIENTES EM EXCLUSIVO DO INSTITUTO NACIONAL DO DESPORTO. O TIRO COM ARCO COMPREENDE DOIS RAMOS: RECURSO E «COMPOUND». SÓ O PRIMEIRO FAZ PARTE DO QUADRO DE COMPETIÇÃO NOS JOGOS OLÍMPICOS

Mulheres de armas

A contratação do treinador ucraniano Anatoliy Piddubnyiy pela Federação Portuguesa de Tiro em 1993 proporciona um grande salto qualitativo para os atiradores nacionais. No final desse ano já cinco atiradores portugueses apresentam os mínimos olímpicos para Atlanta: Sara Antunes, Carla Ribeiro, Isabel Chitas, Henrique Alves e Joaquina Rodrigues, nas disciplinas de carabina e pistola. No entanto, devido ao apuramento estar condicionado a um número limitado de atiradores em Atlanta somente marcam presença duas atletas (Sara Antunes e Carla Ribeiro em Carabina ar comprimido a 10m e Carabina 3 posições a 50m).
Com o técnico da Ucrânia, os resultados a nível internacional começam a aparecer como o prova logo em 1993 a obtenção na Taça do Mundo de resultados no meio da tabela, até aí considerados impossíveis.

Tiro

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE TIRO É FUNDADA EM 1902 COM A DENOMINAÇÃO DE UNIÃO DOS ATIRADORES CIVIS, ADOPTANDO EM 1916 A DESIGNAÇÃO DE FEDERAÇÃO DE TIRO NACIONAL PORTUGUÊS, PARA A 12 DE MARÇO DE 1948 SE INTITULAR FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE TIRO. É-LHE CONFERIDO O ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA DESPORTIVA A 11 DE DEZEMBRO DE 1993. EM 1913 RECEBE A ORDEM MILITAR DE CRISTO E EM 1966 A MEDALHA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E BONS SERVIÇOS DESPORTIVOS

Trampolins

A vida a saltar

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE TRAMPOLINS E DESPORTOS ACROBÁTICOS É FUNDADA A 6 DE SETEMBRO DE 1990. O PRIMEIRO ACTO ELEITORAL EFECTUA-SE A 9 DE DEZEMBRO DO MESMO ANO. POR APLICAÇÃO DO REGIME JURÍDICO DAS FEDERAÇÕES, É-LHE ATRIBUÍDO O ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA DESPORTIVA EM ABRIL DE 1994, QUE CONDUZ À NECESSÁRIA REVISÃO ESTATUTÁRIA E ADEQUAÇÃO DE REGULAMENTOS. COMPORTA 250 CLUBES REPRESENTANTES DE 11 ASSOCIAÇÕES DISTRITAIS/REGIONAIS. O ORÇAMENTO REFERENTE A 1999 É DE 106 750 CONTOS (533 750 EUROS). EM 1998 E 1999 NOTA-SE GRANDE MOVIMENTAÇÃO DE AGREMIAÇÕES DO DISTRITO DE SANTARÉM. NO RECENSEAMENTO DE 1998 APRESENTA 3063 FEDERADOS, DIVIDIDOS EM: TRAMPOLINS (MINITRAMPOLINS, DUPLO MINITRAMPOLIM, TRAMPOLIM E TUMBLING) E DESPORTOS ACROBÁTICOS (PARES FEMININOS, PARES MASCULINOS, PARES MISTOS, TRIOS FEMININOS E QUADRAS MASCULINAS). NOS JOGOS OLÍMPICOS DE SYDNEY 2000, OS TRAMPOLINS JÁ FAZEM PARTE DO QUADRO OFICIAL DE COMPETIÇÃO

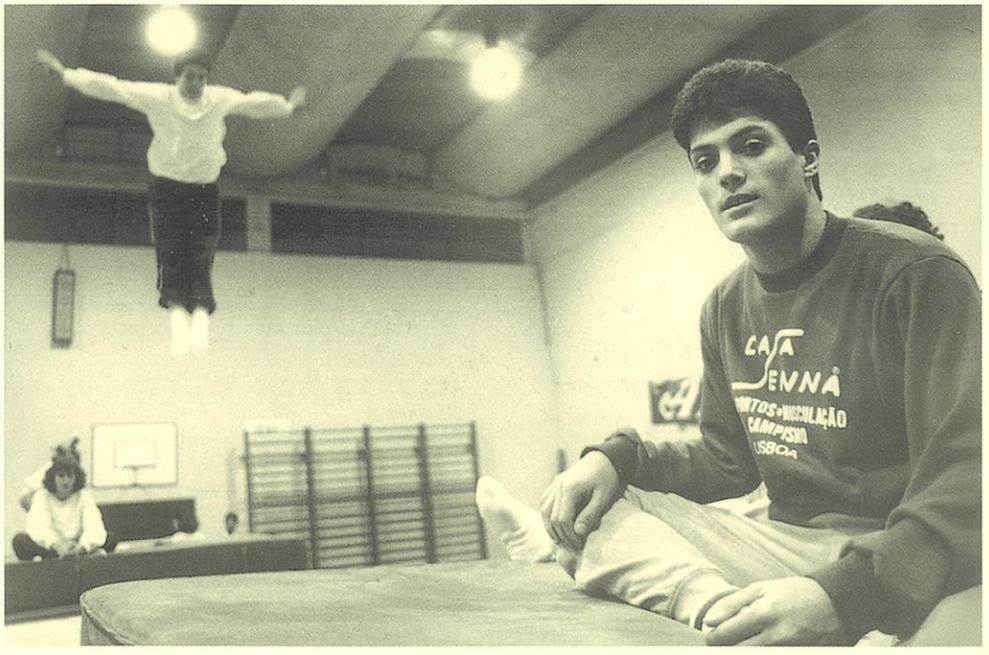
Modalidade desportiva de origem americana, os trampolins são importados para a Europa em 1955 por Kurt Bachler. A Federação Internacional é fundada em 1964. Em Portugal surge com o aparecimento do minitrampolim, substituto do velho trampolim de ripas utilizado pelas classes de ginástica geral nos saltos de mesa alemã. Os primeiros passos são dados em 1975.

Os grandes impulsionadores são os professores Robalo Gouveia e Carlos Silva, responsáveis pela realização do primeiro curso de treinadores, nas instalações do Ginásio Clube Português. A primeira competição nacional data de 1976 e a internacional de 1983, nos Campeonatos da Europa, em Burgos.

Rita Vilas Boas obtém em 1986 a primeira medalha para Portugal. Classifica-se em terceiro lugar na disciplina de duplo trampolim. Um ano depois, Jorge Pereira é campeão europeu, proeza que repete em 1991, 1993 e 1995. Consegue o título mundial em 1992 e 1994. Em 1995, Maria Oliveira sagra-se campeã europeia. De 1996 a 1998, há a assinalar, entre outras, incluindo os escalões jovens, a medalha de bronze conquistada por Maria Oliveira no Mundial de Trampolins no Canadá (1996) e a de prata por João Marques no da Austrália (1998).

△ Rita Vilas Boas exibe o bronze europeu no duplo trampolim

▽ Jorge Pereira é duas vezes campeão mundial e quatro vezes melhor europeu



Campeões mundiais

Trampolim individual

Masculinos – 1964: Millman (EUA); 1965: Erwin (EUA); 1966: Miller (EUA); 1967: Jacobs (EUA); 1968: Jacobs (EUA); 1969: Jacobs (EUA); 1970: Miller (EUA); 1972: Luxon (GBR); 1974: Tison (FRA); 1976: Tison (FRA); 1978: James (URS); 1980: Matthews (GBR); 1982: Furrer (GBR); 1984: Pioline (FRA); 1986: Pioline (FRA), 1988: Krashnoshapka (URSS); 1990: Moskalenko (URS); 1992: Moskalenko (CEI); 1994: Moskalenko (RUS); 1996: Poliarush (BIE); 1998: Khnytchev (RUS)

Femininos – 1964: Wills (EUA); 1965: Wills (EUA); 1966: Wills (EUA); 1967: Wills (EUA); 1968: Wills (EUA); 1969: Wills (EUA); 1970: Ransom (EUA); 1972: Nicholson (EUA); 1974: Nicholson (EUA); 1978: Anisimova (URSS); 1980: Keller (SUI); 1982: Keller (SUI); 1984: Shotton (GBR); 1986: Lushina (URSS), 1988: Rossoudan (URSS); 1990: Merkulova (URSS); 1992: Merkulova (CEI); 1994: Karavaeva (RUS); 1996: Kovaleva (RUS); 1998: Karavaeva (RUS)

Sincronizado

Masculinos – 1965: Irwin/Schmidt (EUA); 1966: Miller/ /Jacobs (EUA); 1967: Riele/Trieter (RFA); 1968: Firster/ /Budenberg (RFA); 1970: Waters/Smith (EUA); 1972: Luxon/Hughes (GBR); 1974: Neely/Cartledge (EUA); 1976: Janes/Jakovenko (URSS); 1978: Janes/ /Zhadoev (URSS); 1980: Matthews/Furrer (GBR); 1982: Caldron/Ranson (EUA); 1984: Bogatchev/ /Karshnoshapka (URSS); 1986: Bogatchev/ /Karshnoshapka (URSS), 1988: Bogatchev/ /Karshnoshapka (URSS); 1990: Polyarush/Nestrelyai (URSS); 1992: Moskalenko/ Danilchenko (CEI); 1994: Moskalenko/Danilchenko (RUS); 1996: Voronine/ /Kossov (RUS); 1998: Durand/Martin (FRA)

Femininos – 1966: Wills/Smith (EUA); 1967: Wills/ /Smith (EUA); 1968: Czech/Jarosch (RFA); 1970: Liebenberg/Odendaal (AUS); 1972: Stieg/Grant (EUA); 1974: Scheile/ Wensel (RFA); 1976: Levina/ /Starikova (URSS); 1978: Luxon/Scheile (RFA); 1980: Bahr/Kruswicki (RFA); 1982: De Ruiter/Van Diermen (HOL); 1984: Shotton/McDonald (GBR); 1986: Lushina/Merkulova (URSS); 1988: Kolomiets/ /Rossoudan (URSS); 1990: Lushina/Merkulova (URSS); 1992: Lyon/Holmes (GBR); 1994: Rouwe/ /Ludwig (ALE); 1996: Movchan/Tsygouleva (UCR); 1998: Ludwig/Lilkendly (ALE)

Triatlo

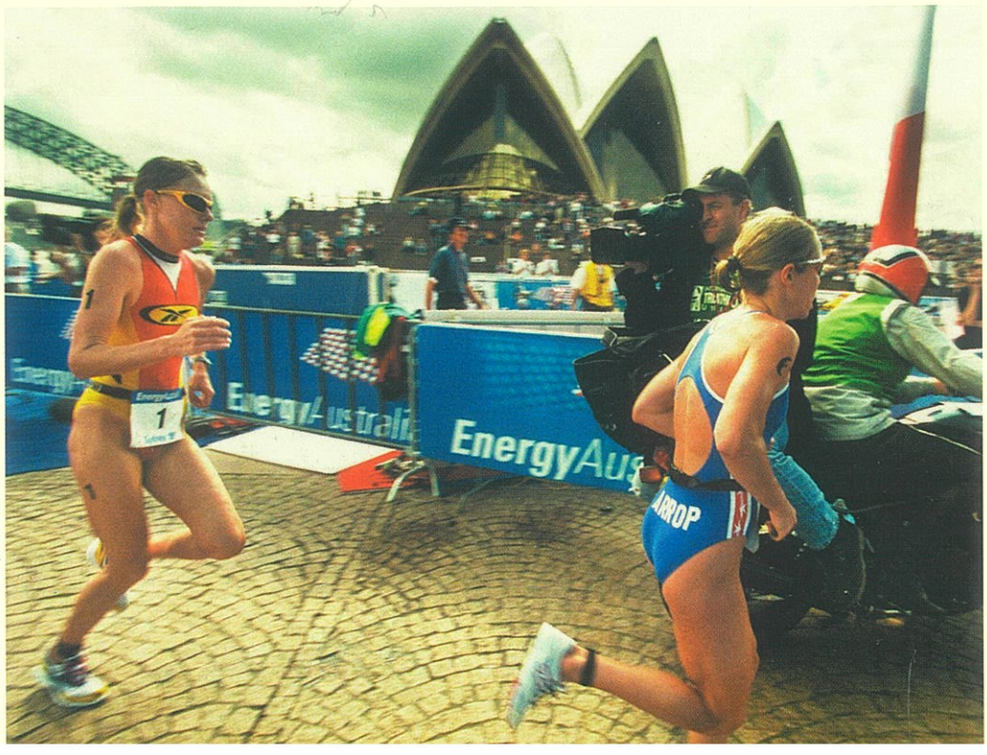
A FEDERAÇÃO DE TRIATLO DE PORTUGAL É FUNDADA EM 16 DE OUTUBRO DE 1989, CONTANDO COM 257 PRATICANTES. EM 1998, POSSUI 1084 INSCRITOS. TEM UM ORÇAMENTO DE 89 000 CONTOS (443 930 EUROS). É FILIADA NA INTERNATIONAL TRIATHLON UNION. EM PORTUGAL, PRATICAM-SE CINCO ESPECIALIDADES: TRIATLO, DUATLO, TRIATLO DE INVERNO, DUATLO DE MONTANHA E AQUATLO. A MODALIDADE INTEGRA O PROGRAMA OLÍMPICO DOS JOGOS DE SYDNEY, NA DISTÂNCIA TRIATLO: 1,5 QUILÓMETROS DE NATAÇÃO, 40 DE CICLISMO E 10 DE CORRIDA, QUE É TAMBÉM A DISTÂNCIA DOS CAMPEONATOS DO MUNDO. ALÉM DESTAS, EXISTEM AS DISTÂNCIAS «SPRINT» – A MAIS PRATICADA EM PORTUGAL, COM 0,75, 20 E 5 KM, RESPECTIVAMENTE – E AS DISTÂNCIAS DE TRIATLO LONGO, A PARTIR DE 2,5, 120 E 30 KM

À medida dos marinheiros

O triatlo nasce em 1978, no Havai, fruto de uma aposta feita por John Collins, veterano da marinha americana, que pretende demonstrar que os atletas da marinha são os mais aptos. Collins junta em apenas uma as três grandes provas que ali se realizam: uma de natação (3,8 km), outra de ciclismo (180 km) e a maratona de Honolulu (42 km). Chama-lhe Ironman. Ainda hoje é a competição máxima da modalidade. Nela se fazem os grandes campeões: Mark Allen, recordista da prova, com seis títulos, e o maior triatleta de sempre (é o primeiro campeão do mundo, em 1989); e Dave Scott, o outro incontornável (embora só nas distâncias longas), vencedor no Havai também por seis vezes. Nos Mundiais, são os ingleses Simon Lessing (três vitórias) e Spencer Smith (duas vitórias) a marcar os anos 90. Na competição feminina, as referências são Paula Newby Fraser, oito vezes vencedora no Havai, e Emma Carney, bicampeã mundial e vencedora da Taça do Mundo em 1995, 1996 e 1997.

Em Portugal, a disciplina é introduzida por Paulo Cavaleiro, responsável entre 1985 e 1990 pelo Triatlo de Cascais, a prova que projecta mediaticamente a modalidade. José Mariz e Carlos Brito, ambos campeões nacionais absolutos, são os atletas mais conceituados. Já veteranos, arrecadam títulos internacionais nessa categoria (Masters). Mariz vence dois Mundiais de duatlo (1992 e 1996), três Europeus, dois de duatlo (1992 e 1997) e um de triatlo longo (1994), e um Europeu de Masters II (1999); Carlos Brito é campeão europeu de triatlo e de duatlo em 1998 e sagra-se vice-campeão do mundo das duas modalidades em 1998.

O triatlo compreende três provas – natação, ciclismo e corrida –, realizadas normalmente por esta ordem. Um triatleta eficaz não leva mais de minuto e meio na mudança entre a natação e a prova velocipédica e 45 segundos na passagem à corrida. Na natação, todos os estilos são permitidos. Recentemente surgiram mais variantes do triatlo: duatlo e triatlo na neve, «vétathlon» e VTT para dois.



FEV 78 – Gordon Haller torna-se no primeiro «ironman», no Havai

FEV 82 – No Ironman do Havai, a competição feminina fabrica heroínas: Julie Moss, estudante de Psicologia, lidera. Quase no fim, dá uma queda provocada pela exaustão e é ultrapassada. Não desiste. Arrastando-se, ainda corta a meta, dando um cunho especial à competição

1985 – São criados os Europeus

1989 – É fundada a International Triathlon Union. Organiza-se o primeiro Mundial, competição que passa a ter periodicidade anual. O americano Mark Allen é o vencedor

OUT 90 – Pela primeira vez um português, Fernando Damas (campeão nacional de triatlo longo), participa no Ironman

1993 – É criada a Taça da Europa

1996 – Em Itália, Lino Barruncho sucede a Ricardo Costa como campeão mundial de juniores de duatlo. No Havai, pela primeira vez um europeu, o belga Luc Van Lierde, ganha o Ironman

JUN 99 – Na Áustria, Marco Lourenço é campeão da Europa de juniores de duatlo

4 JUL 99 – Termina o Europeu de triatlo, realizado na Madeira. Portugal consegue um histórico 9º lugar. Nos veteranos, Alícia Moniz consegue o ouro, José Mariz (veteranos II), Carlos Cabrita e Carlos Brito ganham ouro, prata e bronze

[Palmarés no Arquivo]

Ao sabor do vento

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE VELA É FUNDADA A 19 DE ABRIL DE 1927. POSSUI 2419 PRATICANTES FEDERADOS. GERE UM ORÇAMENTO DE 400 000 CONTOS (1 995 192 EUROS). A FEDERAÇÃO É FILIADA NA ISAF (INTERNATIONAL SAILING FEDERATION) E NA EUSA (EUROPEAN UNION SAILING ASSOCIATION). EXISTEM CINCO ASSOCIAÇÕES REGIONAIS DE VELA: NORTE, CENTRO, SUL, MADEIRA E AÇORES. AS CLASSES OLÍMPICAS SÃO A MISTRAL (M/F), LASER, EUROPE, 470 (M/F), TORNADO, SOLING, FINN E 49ER

CLASSES

Optimist – É a embarcação de iniciação por excelência. Destina-se a velejadores até aos 15 anos, no máximo

420 – Com 4,20 metros de comprimento (daí a designação), tem uma tripulação de dois elementos e é a preparação para as classes olímpicas

470 – Concebido pelo francês André Cornu, é um barco em que o equilíbrio entre a técnica e o aproveitamento da força do vento captado pelas velas, de grandes dimensões, é o principal objectivo. Exige grande prestação física dos dois tripulantes

Laser – Criada pelo americano Bruce Kirby, é a embarcação para navegação em solitário mais divulgada no Mundo. É sólida, ligeira, fácil de manobrar e com o fundo plano

Finn – É a classe historicamente ligada aos grandes velejadores em solitário. É bastante exigente física e tecnicamente

Soling – Única classe olímpica para uma tripulação de três pessoas. É a embarcação táctica por natureza e muito difícil de dominar, pelo que exige grandes gabaritos físicos

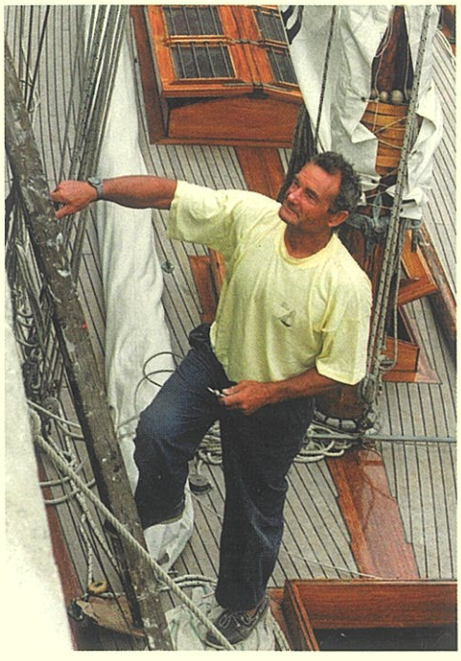
Tornado – É o único catamarã aceite nos Jogos Olímpicos do ano 2000. Tripulado por duas pessoas, é uma embarcação de velocidade

Mistral – Classe de prancha à vela. Aqui, o essencial é saber dominar o vento. Quanto maior o domínio do velejador, maior a vela

Os fins de 1940 e princípios de 50 são os anos de ouro da vela portuguesa, com várias medalhas em Jogos Olímpicos e grandes velejadores, como os irmãos Bello, Quina ou Joaquim Fiúza, todos eles membros da elite mundial. Os melhores resultados aparecem sobretudo nos campeonatos europeus e mundiais, habitualmente realizados em Cascais, onde, talvez favorecidas pelo conhecimento do local, as velas portuguesas teimam em andar entre as da frente. E se em JO, onde a competição atinge níveis mais altos, o melhor resultado foi a prata, a verdade é que os portugueses conseguem boas classificações nas poucas provas internacionais em que participam. Nas décadas seguintes a modalidade entra em decadência acelerada. É já nos anos 90 que um trabalho sistemático de preparação de jovens velejadores, proporcionando-lhes contactos internacionais desde muito cedo, permite sonhar com a glória perdida. Internacionalmente, porém, as classes olímpicas perdem impacto para as provas de grandes distâncias de navegadores solitários ou regatas transatlânticas e à volta do Mundo, com custos gigantescos, possíveis só com o patrocínio de grandes multinacionais.

Eric Tabarly

Dando razão ao ditado moderno que diz que um oceano não é um oceano sem um francês navegando nele, Eric Tabarly surge como expoente perfeito da vela moderna, misto de atleta, aventureiro e herói. A 13 de Junho de 1998, aos 66 anos, navega ao largo do País de Gales, no Pen Duick, o barco (construído em 1898 e adquirido pelo pai em 1938) onde aprendera a velejar e que compra (tinha, entretanto, sido vendido) e restaura. Desaparece na noite, deixando a França em suspenso. O corpo é encontrado mais de um mês depois: o ídolo eterniza-se. Nascido em 1931, cresce em Blois, sob a influência do pai, o fogoso Guy Tabarly, cujo passatempo é conduzir motos de alta cilindrada e que navegará até aos 72 anos. Cedo fica marcada a rota da vida de Eric. Em 1964 começa a construir uma carreira de glória, ao vencer a Ostar – travessia solitária entre Plymouth (Grã-Bretanha) e Newport (Rhode Island, EUA) – a bordo do Pen Duick II, em 27d 3h 56m batendo o anterior recorde em 13 dias. Doze anos depois repete a façanha com o Pen Duick VI. Entretanto, em 1968 é recordista da Travessia Este-Oeste do Atlântico e em 1980 realiza a travessia do Atlântico, a bordo do Paul Ricard, em 10d 5h 14m 20s, batendo um recorde que durava há 75 anos. Os seus últimos dias são ocupados com a construção de uma megalómana casa de pedra a lembrar uma fortaleza romana.



Bilhete de Identidade

Eric Marcel Guy Tabarly
Nantes, 24 de Julho de 1931
Falecido no Mar da Irlanda, ? de Junho de 1998°

Como atleta
PALMARÉS
Vencedor da Ostar 1964 e 1976 (recorde da prova com 23d 20h 12'). Fastnet 1967. Regata Baía de Oyster-Newport 1966. Morgan Cup 1967. Campeão RORC «Classe 1» 1967. Channel Race 1967. Regata Sydney-Hobart 1967. Regata São Francisco-Tóquio 1969. Middle Sea Race 1971. Regata Plymouth-Gibraltar 1971. Regata Los Angeles-Tahiti (travessia do Pacífico) 1972. Transatlântica Jacques Fabre 1997. Recorde da Travessia Este-Oeste do Atlântico em 1968 em 10d 12h. Recorde Travessia Atlântico 1980, em 10d 5h 14' 20"

° Desapareceu no mar na noite de 12 para 13 de Junho de 1998. Foi encontrado morto cinco semanas depois

AGO 1951 – João Tito e Alberto Graça são quintos classificados no Europeu de Star, em Nápoles

JUL 1952 – Regressam a Portugal os irmãos Francisco e José Quina depois de vencerem seis das oito regatas da Connaught Cup. Apesar de ganharem a competição (reeditando o feito de Joaquim Simão e Álvaro Durão no ano anterior e de Rebelo de Andrade e Vendrel Rodrigues em 46) têm de deixar o troféu na embaixada portuguesa em Londres porque este não pode sair de terras britânicas

AGO 1956 – No Europeu de Star, a decorrer na baía de Nápoles, o italiano Agostino Straulino, o Poeta dos Mares, sagra-se campeão da Europa e do Norte de África pela oitava vez consecutiva. Dias depois é campeão mundial pela terceira vez (1952, 1953 e 1956). Os vice-campeões europeus são Duarte Bello e José Bustorff, ficando o terceiro lugar reservado para Joaquim Fiúza e Fernando Pessoa

AGO 1957 – Os portugueses dominam os Europeus de vela. Carlos Ribeiro Ferreira, Joaquim Pinto Basto e Sebastião Lencastre vencem na classe dragão. Em star, os quatro primeiros lugares são ocupados também por portugueses: Fiúza e Pessoa, Duarte Bello e José Bustorff Silva, João Capucho e Manuel Guerreiro e José e Mário Quina, respectivamente

1960 – Nos Jogos de Roma, o dinamarquês Paul Elvstrom, de 32 anos, torna-se no primeiro velejador a conseguir conquistar quatro medalhas de ouro consecutivas na classe finn. O seu domínio é tão avassalador que até fica em terra na última regata. Permanece na história como um dos maiores de sempre, com títulos mundiais em oito classes diferentes

1964 – Nos Jogos Olímpicos de 1964, em Tóquio, o australiano William Nothram, com 59 anos, é medalha de ouro na classe 5,5, mostrando que na vela não há idade para se ser campeão

12 DEZ 66 – Francis Chichester, inglês de 65 anos, chega a Sydney, 107 dias depois de partir para a primeira volta ao Mundo com uma única paragem. Depois de rever a mulher inicia a viagem de regresso a Inglaterra, que completará em 119 dias a bordo do Gipsy Moth II, tornando-se o primeiro circum-navegador solitário do século
►

Irmãos Bello

▶

1968 – Nos Jogos Olímpicos do México, o suíço Louis Noverraz ganha a medalha de prata na classe 5,5 aos 66 anos

8 SET 73 – É dado o tiro de partida para aquela que virá a tornar-se a mais famosa e dispendiosa regata à volta do Mundo: a Withbread, com partida e chegada a Portsmouth Harbour. Durante a prova, três tripulantes desaparecem no oceano Antárctico

JUN 80 – António Roquete e Francisco Campos sagram-se campeões do mundo da classe vaurien, no primeiro campeonato mundial desta classe disputado em Portugal, na Póvoa de Varzim

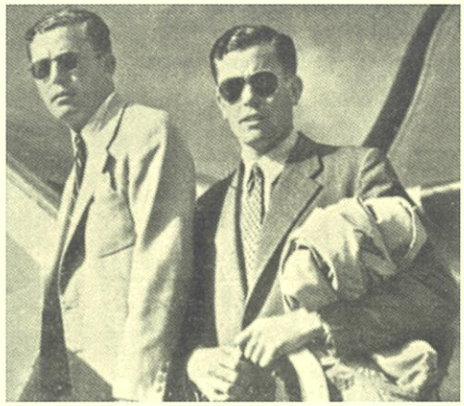
AGO 81 – Inicia-se mais uma edição (a terceira) da Withbread, prova talhada à medida dos grandes épicos. 119 dias após a partida, o vencedor é o holandês Van Rietschoten. Distingue-se pela força de vontade com que supervisiona a construção do barco e prepara a corrida. Nem um ataque cardíaco a meio da segunda pernada o faz esmorecer

1992 – Na segunda edição da Vendée Globe (volta ao Mundo em solitário), o monegasco Nigel Burgess morre durante a primeira semana, em circunstâncias que nunca chegam a ser determinadas

6 DEZ 93 – A embarcação portuguesa Espírito da Madeira chega a San Salvador (Baamas), vencendo inesperadamente a Regata América 500, com barcos de 26 países, incluindo EUA, França e Grã-Bretanha. Ao festejar na praia, a tripulação sofre um ataque de mosquitos, sendo obrigada a refugiar-se no barco

▶

Os irmãos Fernando e Duarte Bello são os primeiros velejadores portugueses a fazer parte da elite da vela mundial. A dupla surpreende o mundo nos Jogos Olímpicos de Londres, em 48, na classe swallow, navegando num barco que nunca tinham visto a não ser em fotografias. Depois de vencerem uma regata, a 23 de Julho, chegam a ser dados como vencedores, mas nos JO que ficam célebres pelos primeiros lugares que não o são devido aos protestos, as reclamações colocam os ingleses no degrau mais alto do pódio, por uma diferença de 15 segundos. Aos portugueses é reservada a medalha de prata. Os dois irmãos voltam às águas do Olimpo quatro anos depois, em Helsínquia, na companhia de Júlio Gourinho. Porém, nesta altura, a fama precede-os. Ficam no quarto lugar, a uma nesga da medalha de bronze, ganhando uma das regatas, e não sem, antes de tudo, serem claramente prejudicados por uma decisão do júri que manda deslocar 100 quilos de lastro do fundo para a proa do barco, o que os desorienta nas regatas seguintes. Ainda assim, conseguem encetar a recuperação até à beira do pódio. No fim, desabafam: «O nosso azar foi, antes de começarem os Jogos, termos ganho uma regata internacional e ficarmos em segundo noutra prova.» Na verdade, já há muito estavam acostumados a decisões questionáveis. Em 1950, Duarte Bello é segundo no Campeonato da Europa de Star, disputado ao largo de Cascais. No mundial, no Lago Michigan, nos Estados Unidos, fica em nono, tendo que concorrer com um barco emprestado, já que a direcção da prova não aceita o Faneca, construído por si. No fim da competição o modelo é aprovado. É só em 1953 que surge um resultado de vulto num



mundial, em Nápoles, quando Duarte Bello, fazendo equipa com João Tito, consegue a medalha de prata. De novo com o irmão, disputa mais duas Olimpíadas, em Roma (1960), em 5,5 metros, e em Tóquio (1964), na classe star. Conseguem um 16° e um 8° lugar, respectivamente. Em 1962, os dois irmãos são campeões europeus de star, e vice-campeões do Mundo sempre com o Faneca.

Duarte Bello é o primeiro campeão de Portugal, em 1941, e participa ainda nos Jogos Olímpicos de Melbourne (1956) com o célebre Faneca, ficando a um lugar do pódio. É um dos recordistas de presenças em JO, com cinco, a par do cavaleiro Henrique Calado.

Fernando Bello chega a campeão mundial de snip em 1953, fazendo equipa com Conde Martins.

Bilhete de Identidade

Duarte Manuel Almeida Bello
Lourenço Marques, 26 de Julho de 1921
Falecido em Lisboa, 3 de Junho de 1994

Como atleta
PALMARÉS
Campeão português star 1941, 1947, 1953, 1959, 1961, 1962, 1964 e 1965. Campeão ibérico star 1949, 1970. Vice-campeão olímpico swalow 1948, 4° star 1956, 8° 1964, 4° em «5,5» 1952. Campeão europeu star 1962, 2° 1950, 1953, 1954, 1956, 1957. Vice-campeão do mundo star 1953, 1962, 3° 1952. 3 galões de ouro no «Honour Roll Skippers»

Bilhete de Identidade

Fernando Pinto Coelho Bello
Lourenço Marques, 1 de Setembro de 1924
Falecido em Lisboa, 8 de Novembro de 1995

Como atleta
PALMARÉS
9 vezes campeão português star 1941, 1944, 1947, 1959, 1961, 1962, 1963, 1964 e 1965. Campeão ibérico star 1949, 1970. Vice-campeão olímpico swallow 1948, 4° «5,5» 1952, 8° star 1964. Campeão europeu star 1962. Campeão mundial snipe 1953. Vice-campeão mundial star 1962, 3° 1952, 5° 1948

Joaquim Fiúza

Ainda no período dourado da vela portuguesa, Joaquim Fiúza é um dos velejadores que mantêm Portugal no mapa mundial. Quando, em 1952, chega aos Jogos de Helsínquia na companhia de Rebelo de Andrade já tem atrás de si um currículo nada desprezível. Em 48, nos JO de Londres, tripulando o Espadarte, na companhia de Júlio Gourinho, fica em sexto lugar na classe star (a sua estreia nos JO remonta a 1936, em Berlim, com um 10º lugar entre 12 concorrentes). Em 1950 é quarto no Europeu, repetindo a posição que já alcançara em 1947. Mas é o ano de 52 que vale toda uma vida. Nas Olimpíadas, Fiúza, com o seu Espadarte, chega ao bronze, a única medalha que Portugal consegue na década. De regresso, é vice-campeão europeu e quarto no Mundial (os vencedores são os italianos Straulino e Rodes, campeões olímpicos).

Em 1955 vence o seu quinto campeonato português de star e dois anos depois, em 1957, prova que a medalha nos JO não fora um acaso: fazendo equipa com Fernando Pessoa, vence finalmente o Europeu de Star, beneficiando da desclassificação de Straulino. Repete o título em 1958, batendo a dupla do famoso Paul Elvstrom.

Bilhete de Identidade

Joaquim Mascarenhas Fiúza
Lisboa, 8 de Fevereiro de 1908

Como atleta
PALMARÉS
Campeão português star 1942, 1943, 1945, 1954, 1955, 1956, 1957, 1958 e 1963. 3º lugar JO 1952.
Campeão europeu star 1957, 1958.
Vice-campeão europeu star 1952, 3º em 56.
1 galão de ouro no «Honour Roll Skippers»

Irmãos Quina

Retomando o percurso de glória da vela portuguesa onde os Bello o deixaram, uma nova parelha de irmãos prossegue na rota dos títulos mundiais. Mário Quina, em 1952, chega aos Jogos Olímpicos de Helsínquia. É 17º na classe finn, entre 28 concorrentes. Em 1960, nos JO de Roma, acompanhado pelo irmão José, consegue um resultado excepcional. Na baía de Nápoles, onde a competição se desenrola, concorre com o Má Lindo, na classe star. A dupla surpreende e ganha a medalha de prata. Mas da vitória só lhes resta a emoção de ver a bandeira portuguesa subir no mastro. É que as grandes vitórias não se repetem nos anos seguintes: em 1967, no Europeu, em Cascais, a dupla é favorita, mas uma avaria no Má Lindo relega-os para o quarto lugar, bem atrás dos vencedores, os suecos Wennerstrom e Lybeck; nos Jogos Olímpicos de 1968, no México, não vão além do 17º lugar, sempre em star, entre 20 concorrentes; nos Jogos de Munique (1972), participam três irmãos. Mário e o estreante Francisco compõem a tripulação da classe dragão com Fernando Bello, ficando entre os últimos. Só José consegue um resultado razoável na classe finn, classificando-se em 11º entre 35 concorrentes.

A medalha de prata tinha ficado como marco do fim de uma era dourada da vela lusa.

▷ Nos Jogos de 1960 e, à esquerda, em pose com o Rei Juan Carlos, de Espanha

Bilhete de Identidade

Mário Gentil Quina
Estoril, 1 de Janeiro de 1930

Como atleta
PALMARÉS – Campeão português star 1960 e 1970. Campeão ibérico star 1971. Vencedor Jogos luso-brasileiros star 1963. Vice-campeão olímpico star 1960. 5º no campeonato do Mundo star 1953 e 1959. 3º no campeonato da Europa 1965, 4º 1957 e 1967

Bilhete de Identidade

José Manuel Gentil Quina
Lisboa, 3 de Outubro de 1935

Como atleta
PALMARÉS
8 vezes campeão português finn 1966, 1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1973 e 1974. Campeão português sharpie 12m² 1952, 1985. star 60. Campeão ibérico star 1971. Connaught Cup Sharpie 12m² 1952. Spring Race Cup sharpie 12 m² em 1952. Challanger Cup sharpie 12m² 1952. Jogos luso-brasileiros star 1963. Vice-campeão olímpico 1960. 11º finn JO 1972. 4º no campeonato da Europa star 1957 e 1967

Hugo Rocha e Nuno Barreto

1994 – Rui Coelho é campeão do mundo de laser radial

1996 – Martinho Fortunato e Miguel Nunes são campeões do mundo da classe 420

8 JAN 97 – O canadiano Gerry Roufs, participante da Vendée Globe, deixa de transmitir a partir da sua embarcação, o Groupe LG. Nos dias e meses que se seguem, iniciam-se buscas intensas e aflitas. Oito meses depois o barco é avistado na costa do Chile, mas o navegador nunca chega a ser encontrado

1998 – Álvaro Marinho e Miguel Nunes ganham a medalha de bronze no Campeonato da Europa de 470

9 JUL 99 – Em La Rochelle (França), Gustavo Lima fica a um ponto de revalidar o título de campeão do mundo de laser radial (variante não olímpica da classe laser), conseguido no ano anterior. Já em 1994 havia sido campeão europeu

JUL 99 – Pedro e Miguel Pinto são terceiros classificados no Mundial de 420. Mário Coutinho consegue também a medalha de bronze no Mundial de Optimist

São precisos 36 anos para a vela voltar a ter um lampejo da glória alcançada nos anos 50. É nos Jogos de Atlanta que a dupla de algarvios Hugo Rocha e Nuno Barreto se apresenta, competindo na classe 470. Desconhecidos do grande público, possuem, contudo, um currículo de respeito. Hugo Rocha, nascido em 1972, é várias vezes campeão nacional, em optimist, 420, match racing e 470. Nuno Barreto é campeão de 470 e compete várias vezes em vaurien e snip, chegando a vice-campeão nas duas classes.

Já como dupla, Hugo Rocha e Nuno Barreto vencem dois campeonatos de classe 470, o de Portugal e o de Espanha, em 1994. No ano olímpico são vice-campeões da Europa da classe 470. Chegam a Savannah, onde a competição náutica olímpica decorre, em terceiro lugar do ranking mundial. Quando o País já teme passar mais uns JO em branco, aparecem na última regata em terceiro, com hipóteses de atingirem a prata ou mesmo perder tudo. Num dia de sol, que de repente dá lugar a uma tempestade, os portugueses traçam a estratégia: um olho nos ingleses, espreitando a prata, outro nos russos, para não entregar o bronze. Porém, com a tempestade a abater-se sobre as águas americanas e mudanças constantes na intensidade do vento, a dupla decide controlar apenas a prova russa, para garantir uma medalha. A poucos minutos do fim, aproveitando um golpe de vento repentino que apanha os russos em contrapé, garantem a medalha de bronze. Enquanto a marina de Savannah adquire características dantescas, entre trovões e relâmpagos, na tenda de Portugal os companheiros de selecção correm a atirá-los à água, como é da praxe, carregando-os depois em ombros. António Roquete, presidente da Federação, não consegue responder aos jornalistas, com a voz embargada e a lágrima ao canto do olho. Hugo Rocha e Nuno Barreto, com a serenidade dos campeões, limitam-se a atender os telefonemas de felicitações. Depois da medalha, a dupla continua no rumo das vitórias e é campeã europeia de 470 em 1997 e 1998, firmando-se definitivamente entre a elite da vela mundial.

Bilhete de Identidade

Vítor Hugo Simão de Vale Rocha
Faro, 13 de Abril de 1972

Como atleta
CLUBES
Ginásio CN Faro, Cimad, Naval de Olhão

PALMARÉS
Campeão português de «470» 1992, 1993, 1994, 1997, «420» 1989, 1990, optimist 1987, match racing 1992. Campeão espanhol «470» 1994. 3º no campeonato sul-americano «470» 1997. 3º «470» nos JO 1996. 2º na Semana Olímpica França 1997, 3º 1996. Campeão europeu «470» 1997, 1998, 2º 1996. 2º no Mundial «470» 1997. Campeão mundial de juniores IYRU 1990

Bilhete de Identidade

Nuno Miguel Santos Barreto
Lisboa, 29 de Abril de 1972

Como atleta
CLUBES
Ginásio Clube Naval de Faro, EDP

PALMARÉS
Campeão português «470» 1987, 1994, 3º 1997. Campeão português match racing 1998. Campeão espanhol «470» 1994. 3º no campeonato sul-americano «470» 1997. 3º «470» nos JO 1996. 2º na Semana Olímpica França 1997, 3º 1996. Campeão europeu «470» 1997, 1998, 2º 1996. Vice-campeão mundial «470» 1997

America's Cup

É considerada a competição mais antiga do Mundo, realizada pela primeira vez em 1851 sob o patrocínio da Rainha Vitória de Inglaterra, no âmbito da Exposição Universal, com o nome de «One Hundred Guinea Cup» (Taça de 100 guinéus) e aberta a todas as nações. A prova, disputada num percurso triangular ao largo da ilha de Wigth, é ganha pelo iate América, que bate a concorrência de 16 dos melhores iates ingleses. Consta que a rainha, quando lhe é dito que tinha sido o barco americano a vencer, pergunta quem tinha sido segundo. Só então é esclarecida: «Majestade, não há segundo lugar!» Na competição, um ou mais «challengers» desafiam o clube ou embarcação vencedor da edição anterior e o que ganhar vê a competição rumar ao seu país. Durante os primeiros 132 anos o «New York Yatch Club» defende com êxito a vitória da primeira edição. É só em 1983 que o «Australia II» consegue retirar a competição das águas americanas, deixando Dennis Conner, o skipper do veleiro «Liberty» com a cabeça a prémio. A competição torna-se então realmente universal, movimentando verbas gigantescas: na edição de 1999/2000 um dos barcos tem o custo estimado em 9 milhões de contos. O valor gasto, só nas embarcações, ultrapassa os 36 milhões. Na década de 90, é a Nova Zelândia que domina a prova, à melhor de nove regatas, ganhando quem atingir as cinco vitórias. Na segunda metade da década, com a vitória do skipper Peter Blake (antigo pupilo do mítico Eric Tabarly), o «Royal New Zealand Yatch Squadron» ganha o direito de acolher a última edição do século.

America's Cup

1958: Columbia (EUA, Cunningham) vence Sceptre (GB, Mann) por 4-0. 1962: Weatherly (EUA, Mosbacher) vence Gretel (AUS, Sturrok) por 4-1, 1964: Constellation (EUA, Bavier) vence Sovereign (GB, Scott) por 4-0, 1967: Intrepid (EUA, Mosbacher) vence Dame Pattie (AUS, Sturrok) por 4-0, 1970: Intrepid (EUA, Ficker) vence Gretel II (AUS, Hardy), 1974: Corageous (EUA, Hood) vence Southern Cross (AUS, Cuneo) por 4-0, 1977: Corageous (EUA, Turner) vence Austrália (AUS, Robins) por 4-0, 1980: Freedom (EUA, Conner) vence Austrália (AUS, Hardy) por 4-1, 1983: Austrália II (AUS, Bertrand) vence Liberty (EUA, Conner) por 4-1, 1987: Stars & Stripes (EUA, Conner) vence Kookaburra 3 (AUS, Murray) por 4-0, 1988: Stars & Stripes (EUA, Conner) vence New-Zealand (NZE, Barnes), 1992: America 3 (EUA, Melges) vence II Morro di Venezia (ITA, Cayard), 1995: Team New Zealand (NZE, Blake) vence Young America (EUA, Conner)

João Rodrigues

Desde criança liga-se ao windsurf. Não esconde de onde lhe vem a vocação: «Eu vivo numa ilha [Madeira] e quando se abre a janela vê-se o mar e isso é um apelo irresistível». Inicia-se em 1986 e em 1993 é campeão nacional de mistral (prancha à vela), tornando-se líder absoluto. Durante onze anos ganha todas as provas importantes em que participa, com excepção da 2ª PAN Mistral de 1996. Em 1990 vence a primeira prova internacional, o troféu La Hispanidad, em Espanha. Em 1997 chega à liderança do ranking mundial, que mantém até Abril de 1999. Uma carreira brilhante onde só falta um título olímpico. Em 1996, em Atlanta, é candidato às medalhas. Mas, sem concorrência em Portugal, não consegue rodagem para ir além do sétimo lugar.

Bilhete de Identidade

João Filipe Gaspar Rodrigues
Funchal, 2 de Novembro de 1971

Como atleta
CLUBES
Centro Treino Mar

PALMARÉS
5 vezes campeão português mistral 1993, 1994, 1995, 1996 e 1997. Campeão mundial de mistral 1995, 3º 1998. Campeão europeu raceboard 1994. Campeão europeu mistral 1996, 1997, 2º 1998. Campeão nacional mistral divisão II 1988, 1990, 1991 e 1992. Semana olímpica francesa vela – mistral 1996, 1998. Semana Internacional Vilamoura – 1ª PAN Mistral 1994, 1995, 1996, 1997, 1998 e 1999. Campeão espanhol classes olímpicas – mistral 1995 e 1996. Troféu La Hispanidad 1990. Christmas Race 1996. 2º na Sydney Harbour Regatta 1999. Líder ranking mundial mistral de 1997 a 1999. 7º em mistral nos JO 96

Voleibol

Com as mãos... e com o resto

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE VOLEIBOL É FUNDADA A 7 DE ABRIL DE 1947 E TEM 15 ASSOCIAÇÕES. EM 1976, REGISTA A INSCRIÇÃO DE TRÊS MIL PRATICANTES, NÚMERO QUE ULTRAPASSA OS CINCO MIL EM 1989 E CHEGA AOS SETE MIL EM 1997. O ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA DESPORTIVA É PUBLICADO EM 11 DE DEZEMBRO DE 1993. O VOLEIBOL É MODALIDADE OLÍMPICA E TEM DUAS VARIANTES: INDOOR E DE PRAIA

1949 – Realiza-se em Praga o primeiro Campeonato do Mundo, que tem como vencedor a União Soviética

26 SET 57 – É aprovada a inclusão do segundo árbitro e o tempo de desconto passa de um minuto para 30 segundos

1962 – O voleibol feminino é reconhecido como modalidade a figurar nos Jogos Olímpicos, por decisão do Comité Olímpico Internacional, a partir de 1964

1963 – Fundação da Confederação Europeia de Voleibol (CEV)

13 OUT 64 – A União Soviética vence a primeira participação do voleibol nos JO, em Tóquio, Japão

1965 – Realização da primeira Taça do Mundo, na Polónia, o vencedor é a União Soviética

1969 – Criação da Comissão de treinadores da Federação Internacional de Voleibol (FIVB)

1971 – Criação do «Hall of Fame» para os profissionais de voleibol

1972 – São criadas as cinco confederações (zonas continentais) no voleibol: Europa, Ásia, Oceânia, Norceca e América do Sul

1974 – Imposição da regra de três toques a nível oficial

1977 – Realização do primeiro Campeonato do Mundo de Juniores, no Brasil

1979 – Primeiro torneio internacional de voleibol para deficientes, em Haarlem, Holanda

1980 – O voleibol para deficientes passa a integrar os JO (Paralímpicos)

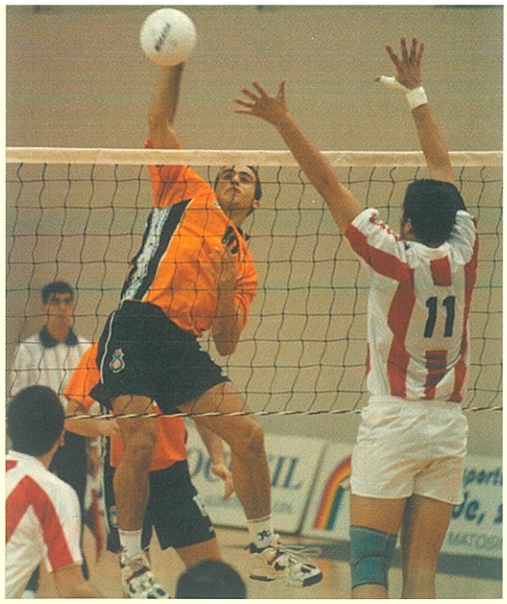
Durante a I Guerra Mundial, os pilotos norte-americanos têm como principal distracção a prática do voleibol. É esse o desporto de entretenimento quando permanecem nos Açores, na Base das Lajes. A passagem para o continente dá-se quando António Cavaco, natural de S. Miguel, começa a leccionar engenharia no Instituto Superior Técnico. Transmite os ensinamentos e o Técnico domina até meados de 60. De 46/47 a 65/66 vence 11 campeonatos.

Pelo meio ficam as presenças portuguesas em Campeonatos da Europa e do Mundo. Em 1951, consegue um sétimo lugar no Europeu. Cinco anos depois, no Mundial de Paris, classifica-se em 15º. Em 1959, a selecção é impedida pelo governo de competir em eventos internacionais, situação que se mantém por mais de dez anos. No pós-25 de Abril, começa a mudança. Em 1979 realiza-se em Portugal a fase final do Europeu de Juniores. A participação assídua na Spring Cup contribui para o desenvolvimento da modalidade.

A década de 90 recolhe o maior número de acontecimentos. A criação do Torneio RTP traz a Portugal selecções do mais alto nível.

Na Liga Mundial, Portugal estreia-se da melhor forma, a 28 de Maio de 1999, ao vencer a França por 3-2. Na segunda partida com os gauleses perde por 3-1, com 0-3 e 1-3 no terceiro e quarto jogos. Com Cuba perde as quatro partidas, registando com a Argentina as melhores exibições (em quatro encontros perde apenas um). A inesperada derrota de Cuba com a Argentina deita por terra as aspirações nacionais de seguir em frente.

Em 1960, surge a Liga dos Campeões, primeira competição por clubes, quando os Mundiais e Europeus já se realizam há 11 e 12 anos, respectivamente. O Moscovo vence na estreia. O Parma é o primeiro a abanar a supremacia do bloco comunista, quando em 1984 e 1985 se sagra vencedor, mas as formações de leste voltam a demonstrar o seu poderio. O Moscovo arrecada as edições de 1986 a 1989. Na década de 90, os clubes transalpinos transfiguram o quadro de resultados enfraquecendo as formações dos países do antigo bloco comunista. Os vencedores passam, menos em 1991, a ser italianos, por mérito do Modene e Ravenne. A melhor classificação de um clube português surge, em 1999, pelo Espinho (sexto lugar).



A par da Liga dos Campeões são organizadas a Taça dos Vencedores das Taças e a Taça da Confederação Europeia. Na primeira, a supremacia pertence aos italianos desde 1986, exceptuando 1996, ano em que triunfa o Olympiakos. O Castelo da Maia atinge o terceiro posto em 1999. Na Taça Confederação, disputada desde 1981, a quase totalidade das vitórias pertence à Itália. O Panini Modene é o único clube a vencer três vezes consecutivas.

A nível de selecções, a situação não é muito diferente. Nos Mundiais masculinos, de 1949 a 1986, ganha sempre um país de leste, com maior incidência nos anos 50, 60 e 70. A União Soviética vence os primeiro e segundo campeonatos e em 1956 estreia-se a Checoslováquia com vitórias, marco repetido dez anos depois. Os anos 70 começam com um triunfo da Alemanha Democrática, a primeira e única deste país. Quatro anos depois o triunfo pertence à Polónia. Em 1978 e 1982 os soviéticos voltam às vitórias e em 1986 são os EUA que conseguem vencer o seu primeiro mundial. A Itália inaugura um novo ciclo nos anos 90, sagrando-se campeã nesse ano, em 1994 e em 1998. A selecção feminina que mais se destaca é a URSS com cinco campeonatos ganhos. Segue-se o Japão e Cuba, ambos com três. Os cubanos vencem o último em 1998.

1983 – Fundação da Associação dos Profissionais de Voleibol (APV)

1984 – O serviço em suspensão, criado pelos brasileiros, passa a ser adoptado como técnica generalizada

1986 – O voleibol de praia é reconhecido oficialmente pela FIVB, com circuito internacional a partir de 1987

1986 – Fundação da Associação Profissional das Jogadoras de Voleibol (WPVA)

1988 – Início da World Super Four, no Japão. A competição é disputada de dois em dois anos

1990 – A Federação Internacional cria uma nova competição, a Liga Mundial (World League), prova exclusivamente masculina

1992 – Eliminação do «tie-break». Em qualquer «set» é obrigatória a vitória por um mínimo de dois pontos

1993 – É concedido ao voleibol de praia o direito de participação em JO, a partir de Atlanta

1993 – É criado o Grand Prix, prova mundial, só permitida ao sexo feminino

1995 – Centenário do voleibol

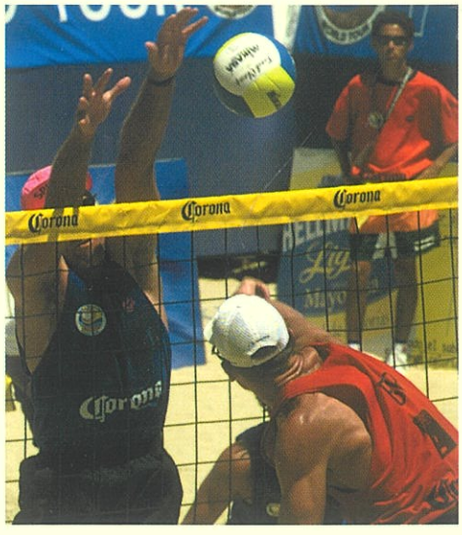
1 JAN 94 – Em congresso da FIVB, é aprovado o contacto de qualquer parte do corpo com a bola de jogo, inclusive com os pés

1996 – Quatro medalhas de Ouro nos Jogos Olímpicos de Atlanta, feito inédito e em grande parte devido à incorporação do voleibol de praia

1997 – Cinquentenário da FIVB

Karch Kiraly

Desde 1984, não há praticamente um ano em que não coleccione um título. O primeiro é nas Olimpíadas, pelos EUA, seguindo-se a Taça do Mundo 85 e o Mundial 86. Em 1988 consegue a segunda conquista olímpica. Em 1992 é campeão europeu de clubes, pelo Ravenne, êxito que coroa a despedida dos pavilhões, dedicando-se ao voleibol de praia. É em 1972, com 11 anos e ao lado do pai, que contacta com esta vertente. As primeiras vitórias datam de 1991, quando vence seis torneios do circuito norte-americano. No mesmo ano é considerado «rei da praia» (tal como em 1992, 1993 e 1996). Tendo como parceiro Kenft Steffes, conquista 18 de 20 torneios em 1993. Em 1994 é o melhor atacante, consequência natural da vitória no Campeonato norte-americano e nos três Cuervos. Desportista do ano em 1995, bate o recorde de prémios em dinheiro (dois milhões de dólares) e sagra-se vencedor de 12 opens e da Miller Lite Cup. A partir do momento em que o voleibol de praia é considerado modalidade olímpica, Kiraly faz jus ao «epíteto» de rei: ganha o ouro em Atlanta. Mais uma vez desportista do ano norte-americano em 1997, é distinguido como o melhor distribuidor da Liga e completa um total de 130 vitórias em opens.



Bilhete de Identidade

Karch Kiraly
Jackson, Minnesota (EUA), 3 de Novembro de 1960

Como jogador
PALMARÉS
3 vezes campeão olímpico 1984, 1988 e 1996 (variante praia). 1 vez vencedor Taça do Mundo 1985. 1 vez campeão mundial 1986. 1 vez campeão europeu de clubes 1992 (Ravenne). 4 vezes «rei da praia» 1991, 1992 1993 e 1996. Melhor jogador circuito profissional norte-americano 1990, 1992, 1993, 1994 e 1995

Voleibol de Praia

Campeões mundiais

Masculinos
1949: URSS; 1952: URSS; 1956: Checoslováquia; 1960: URSS; 1962: URSS; 1966: Checoslováquia; 1970: RDA; 1974: Polónia; 1978: URSS; 1982: URSS; 1986: EUA; 1990: Itália; 1994: Itália; 1998: Itália

Femininos
1952: URSS; 1956: URSS; 1960: URSS; 1962: Japão; 1966: Japão; 1970: URSS; 1974: Japão; 1978: Cuba; 1982: China; 1986: China; 1990: URSS; 1994: Cuba; 1998: Cuba

Liga mundial

1990: Itália; 1991: Itália; 1992: Itália; 1993: Brasil; 1994: Itália; 1995: Itália; 1996: Holanda; 1997: Itália; 1998: Cuba; 1999: Itália

Campeões europeus

Masculinos
1950: URSS; 1951: URSS; 1955: Checoslováquia; 1958: Checoslováquia; 1963: Roménia; 1967: URSS; 1971: URSS; 1975: URSS; 1977: URSS; 1979: URSS; 1981: URSS; 1983: URSS; 1985: URSS; 1987: URSS; 1989: Itália; 1991: URSS; 1993: Itália; 1995: Itália; 1997: Holanda

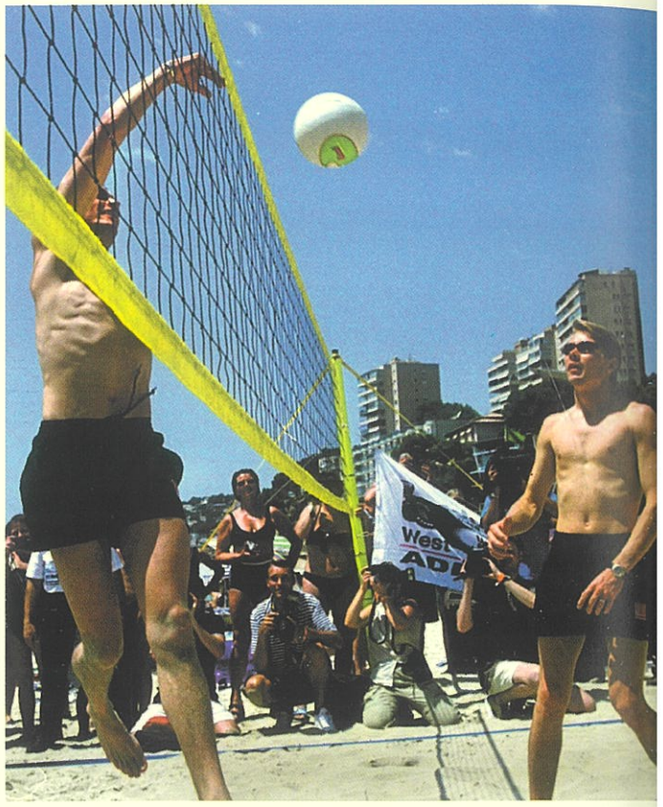
Femininos
1950: URSS; 1951: URSS; 1955: Checoslováquia; 1958: URSS; 1963: URSS; 1967: URSS; 1971: URSS; 1975: URSS; 1977: URSS; 1979: URSS; 1981: Bulgária; 1983: RDA; 1985: URSS; 1987: RDA; 1989: URSS; 1991: URSS; 1993: Rússia; 1995: Holanda; 1997: Rússia

Campeões mundiais de praia

Masculinos °
1987: Smith/Stoklos (EUA); 1988: Kiraly/Powers (EUA); 1989: Smith/Stoklos (EUA); 1990: Smith/Stoklos (EUA); 1991: Smith/Stoklos (EUA); 1992: Smith/Stoklos (EUA); 1993: Smith/Stoklos (EUA); 1994: Franco/Roberto Lopes (BRA); 1995: Kvalheim/Maaseide (NOR); 1996: Franco/Roberto Lopes (BRA); 1997: Paré/ /Guilherme (BRA); 1999: Emanuel/ /Loiola (BRA)

Femininos °
1993: Kirby/Reno (EUA); 1994: Kirby/Masakayan (EUA); 1995: Monica/Adriana Samuel (BRA); 1996: Jackie Silva/Sandra Pires (BRA); 1997: Jackie Silva/Sandra Pires (BRA); 1999: Adriana Behar/ /Shelda (BRA)

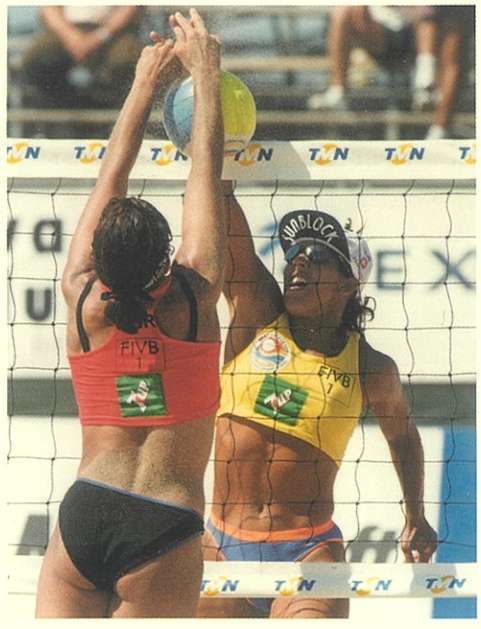
° A partir de 1997 os campeonatos passam a ser bienais



Mais de 120 federações de voleibol espalhadas pelo Mundo são responsáveis pela organização de campeonatos de praia. Esta vertente entra oficialmente em Jogos Olímpicos em 1996 (Atlanta), mas o sucesso conhecido em competições mundiais acompanha a prática da modalidade desde a origem do próprio voleibol indoor. A internacionalização do voleibol de praia é imediata. Desde a primeira competição, organizada num circuito distribuído por cinco praias da Califórnia, ainda nos anos 50, a expansão pelo resto do Mundo acontece rapidamente. Na década de 60, a França acolhe as primeiras provas realizadas na Europa, em La Baule e Sables d'Olonne. Em 1965, é fundada a Federação Californiana de Voleibol de Praia, a primeira entidade que define regulamentos e calendários. Em 1977, são criados alguns torneios profissionais, não tardando muito a organização de um circuito nacional nos Estados Unidos. 1982 é o ano de arranque.

Em 1987, a FIVB (Federação Internacional de Voleibol de Praia) promove o primeiro torneio internacional. Nas areias da praia de Ipanema, no Rio de Janeiro, os norte-americanos Sinjin Smith e Stoklos sagram-se vencedores. Em 1990, é estabelecido um circuito internacional, o World Series, e triunfa a mesma dupla (Sinjin/Stoklos). Sete torneios de World Series em 1991 estabelecem um recorde de provas por ano.

O voleibol de praia chega ao sector feminino em 1992, num torneio internacional em Almeria, Espanha, país que organiza simultaneamente os Jogos Olímpicos, em Barcelona. É a rampa de lançamento para a assunção do estatuto de modalidade olímpica, conseguido a 24 de Setembro de 1994 numa reunião do COI (Comité Olímpico Internacional) em Monte Carlo.



Miguel Maia

A partir do momento em que Miguel Maia passa a participar nas provas de voleibol de praia, enceta uma carreira desportiva paralela. A compatibilidade dos calendários de voleibol indoor e praia permitem ao voleibolista construir um percurso vitorioso em duas vertentes.

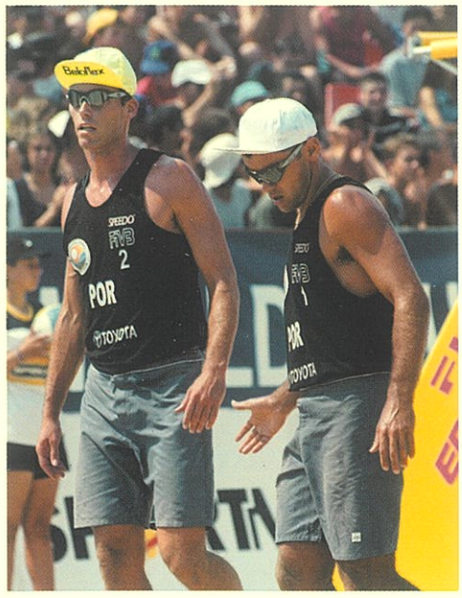
No seu currículo constam nove títulos de campeão nacional, distribuídos por Académica de Espinho (um), Sporting (três) e SC Espinho (cinco).

Tem também no currículo seis Supertaças de Portugal (duas pelo clube de Alvalade e quatro pelo de Espinho) e quatro Taças de Portugal (uma pelo Sporting e três pelo Espinho). Guarda ainda um título de campeão da II Divisão de voleibol, conquistado na temporada 87/88, ao serviço da Académica de Espinho.

É no voleibol de praia que dá a Portugal os melhores momentos da modalidade. O quarto lugar nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, é uma das marcas da carreira do melhor praticante de voleibol português. Ao lado de João Brenha, seu companheiro de todas as vitórias, projecta-se mundialmente nas «areias».

O primeiro feito digno de registo é conseguido em 1993: o quarto lugar no Mundial. É quinto classificado nos Europeus 93 e 94 e, em 1995, vence a primeira etapa do circuito europeu, disputada em Espinho. É duas vezes vencedor de provas do circuito mundial de praia, a última das quais realizada a 27 de Junho de 1999 no World Tour da Rússia e ganha à dupla brasileira Zé Marco/ /Ricardo. Recebe 5800 contos e permanece entre os dez primeiros do ranking de duplas internacionais. Em 1998, em Ostende, Bélgica, sempre ao lado de João Brenha, vencera a dupla brasileira Zé Maria/Ricardo carimbando a entrada no «top 10» mundial (8º posto).

Também em 1998, no Open de Espinho, prova do circuito internacional de voleibol de praia pela primeira vez realizada em Portugal, Miguel Maia e João Brenha classificam-se em quinto lugar, depois de defrontarem a dupla do quarto lugar do ranking internacional da categoria, os brasileiros Emanuel e Loiola. A nível nacional, tem seis campeonatos conquistados.



◁ Muitos dos êxitos são alcançados com João Brenha

Bilhete de Identidade

Luís Miguel Barbosa Maia
Espinho, 23 de Abril de 1971

Como jogador
CLUBES
Académica Espinho, Sporting e Espinho

PALMARÉS
9 vezes campeão nacional 89/90 (Académica Espinho), 91/92, 92/93, 93/94 (Sporting), 94/95, 95/96, 96/97, 97/98 e 98/99 (SC Espinho). Taça de Portugal 92/93, 93/94 (Sporting), 95/96, 96/97, 97/98 e 98/99 (SC Espinho)

«As Marias»

Campeões nacionais

Masculinos
1950: Técnico; 1951: Técnico; 1952: Técnico;
1953: Técnico; 1954: Sporting; 1955: Técnico;
1956: Sporting; 1957: Espinho; 1958: Técnico;
1959: Espinho; 1960: Técnico; 1961: Espinho;
1962: Lisboa Ginásio Clube; 1963: Espinho;
1964: Leixões; 1965: Espinho; 1966: Técnico;
1967: Técnico; 1968: Técnico; 1969: Porto; 1970: Porto;
1971: Porto; 1972: Leixões; 1973: Porto; 1974: Leixões;
1975: Porto; 1976: Leixões; 1977: Porto; 1978: Leixões;
1979: Leixões; 1980: Leixões; 1981: Benfica;
1982: Leixões; 1983: Esmoriz; 1984°: Esmoriz;
1985: Espinho; 1986: Porto; 1987°: Espinho; 1988°: Porto;
1989: Leixões; 1990: Associação Académica Espinho;
1991: Benfica; 1992: Sporting; 1993: Sporting;
1994: Sporting; 1995: Espinho; 1996: Espinho;
1997: Espinho; 1998°°: Espinho (A1) e S. Mamede (A2)

Femininos
1960: Espinho; 1961: Espinho; 1962: CDUP;
1963: Espinho; 1964: Espinho; 1965: Leixões;
1966: Leixões; 1967: Benfica; 1968: Benfica;
1969: Benfica; 1970: Benfica; 1971: Benfica;
1972: Benfica; 1973: Benfica; 1974: Benfica;
1975: Benfica; 1976: Leixões; 1977: Leixões;
1978: Leixões; 1979: Leixões; 1980: Leixões;
1981: Leixões; 1982: Leixões; 1983: Leixões;
1984°: Leixões; 1985: Leixões; 1986: Leixões;
1987°: Boavista; 1988°: Boavista; 1989: Leixões;
1990: Boavista; 1991: Estrelas Avenidas;
1992: Leixões; 1993: Boavista; 1994: Castelo da Maia;
1995: Boavista; 1996: Castelo da Maia;
1998: Castelo da Maia

° Nesta época a II Divisão é considerada como I Divisão
°° Nesta época a I Divisão é considerada como A1 e A2

O Zé e as Marias é a forma pela qual são conhecidos. Ele treinador, elas atletas formam a «dupla» mais sonante do voleibol nacional feminino. Os pontos altos das respectivas carreiras verificam-se nos encontros com o NIM (campeã da Hungria e da Europa) em 1975, e com o Dinamo Moscovo (campeã da Europa) em 1974. Duas eliminatórias da Taça dos Campeões Europeus onde as portuguesas, ao serviço do Benfica, apesar de derrotadas, atingem, numa época de apogeu dos clubes do Leste, um plano de referência na modalidade.

Os maus resultados além-fronteiras não descuram a boa forma em Portugal. Nove títulos consecutivos de campeãs nacionais, conquistados de 1967 e 1975, dez campeonatos consecutivos nos Regionais de Lisboa e duas Taças de Portugal (1973 e 1974) constituem o currículo das dez heroínas e técnico. Muitas vezes confrontado com as excelentes marcas das suas pupilas, José Magalhães questiona: «Que culpa tem o Benfica de ser o melhor de todos?»

As ocupações profissionais das «Marias» (o voleibol é então uma modalidade totalmente amadora) restringem-se, na maior parte, ao ensino de educação física. Figuram, no entanto, outros cargos, como diplomatas, médicas e estudantes.

A estrela do conjunto é Maria Madalena Canha, capitã do Benfica. A confirmá-lo surge o facto de jogar um «set» exibicional ao serviço do Dinamo Moscovo em 1974, aquando do confronto do Benfica com a campeã da Europa, uma honra para qualquer um, já que ao seu lado estão as melhores atletas internacionais, muitas das quais campeãs do Mundo de 1973, em Montevideo.

Na equipa benfiquista existem outras voleibolistas que se destacam pelo seu eclectismo. Maria Fernanda Gomes é também praticante de andebol de sete, inclusive com pergaminhos internacionais, já que representa a selecção nacional. Maria Conceição Posser tem o ténis como segunda modalidade, sagrando-se campeã de II categorias.

Ver o Mundo lá de cima...

O voo livre tem origem nos primeiros voos da história da aviação. No séc. XX, estudos desenvolvem aspectos técnicos dos aparelhos. O desporto é praticado em duas variantes: asa delta e parapente. A asa delta é um planador com estrutura metálica triangular em tubos leves, apoiando-se o piloto na base, a barra de comando. O peso comanda os movimentos do aparelho. Ao deslocar-se o corpo para um lado, determina-se a viragem para o sentido correspondente. O piloto balança-se para a frente para ganhar velocidade e para trás para afrouxar. O parapente é igualmente um planador, mas com estrutura semelhante à de um pára-quedas. Surge no final da década de 70 e evolui nos anos 80, adquirindo as características actuais.

Gabriel Frade sagra-se tricampeão nacional de asa delta em 1998. No Europeu do mesmo ano, Portugal obtém o 14º lugar, em grande parte devido ao contributo de Gabriel Frade, 32º depois de vencer a segunda manga da competição. O austríaco Manfred Ruttmer e a Áustria arrecadam o título individual e colectivo, respectivamente.

Américo Sousa e Pedro Moreira vencem o Campeonato Nacional de Parapente em 1996 e 1997, respectivamente. No ano seguinte, o campeão é Eduardo Lagoa e estabelece também o recorde de distância (144 km). No Europeu de Parapente de 1998, Eduardo Lagoa é o melhor português, classificando-se na 39ª posição; na segunda manga, realizada a 13 de Julho de 1998, fica em segundo lugar. Jimmy Patcher (Itália) vence a competição, à frente de Luthi Peter e Henry Kaspi (Suíça). Pedro Moreira e Rui Nascimento ficam em 50º e 60º, respectivamente.

A Federação Portuguesa de Voo Livre é fundada a 2 de Junho de 1995. Tem 776 praticantes inscritos, 79 em asa delta (75 do sexo masculino e 4 do feminino) e 697 em parapente (647 do sexo masculino e 50 do feminino). Existem 39 clubes nacionais, a maior parte dos distritos de Lisboa e Setúbal. O Estatuto de Utilidade Pública Desportiva é publicado no Diário da República de 28 de Maio de 1996

5 ABR 91 – Morte do vice-campeão mundial de asa delta, Pedro Lopes («Pepe»). O brasileiro, vítima do forte vento que se faz sentir, embate num rochedo no decorrer do Mundial

1998 – Sílvia Ventura (Clube de Montanhismo da Arrábida) estabelece o recorde nacional feminino: 19,3 quilómetros percorridos em parapente

JUL 98 – Jimmy Patcher sagra-se campeão europeu de parapente em Espanha

A escola soviética

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE XADREZ É FUNDADA A 22 DE JANEIRO DE 1927. OS DADOS SOBRE O NÚMERO DE FEDERADOS NAS DÉCADAS DE 50, 60 E 70 NÃO ESTÃO DISPONIBILIZADOS. EM 1989 ATINGE OS 2037 E EM 1998 CHEGA AOS 3299. O ORÇAMENTO PARA 1999 É DE 48 688 CONTOS (242 855 EUROS). XADREZ À DISTÂNCIA (POR CORRESPONDÊNCIA; CORREIO ELECTRÓNICO, VIDEOCONFERÊNCIA OU RÁDIO), SEMI-RÁPIDAS, RÁPIDAS E CLÁSSICAS SÃO AS ESPECIALIDADES PRATICADAS

7 MAR 60 – Mikhail Tal é proclamado campeão do Mundo. É o oitavo nome da lista

7 JUN 69 – Boris Spassky é declarado campeão do Mundo

23 JAN 72 – É assinado em Amesterdão um acordo sobre os locais da realização dos jogos entre Fischer e Spassky (Belgrado e Reiquejavique). Só vem a ter início a 11 de Julho por novos desentendimentos entre as partes

24 ABR 75 – Max Euwe, presidente da Federação Internacional de Xadrez, proclama Karpov campeão mundial, após Fischer não ter cumprido os prazos para se manifestar

JUL 76 – Viktor Kortchnoi, recém-vencedor do torneio de Amesterdão, em confronto com o regime soviético, pede asilo político aos Países Baixos

1 JUL 79 – Kasparov obtém a sua primeira classificação ELO internacional: 2545 pontos

1 JAN 80 – Classificação ELO de Kasparov passa a 2595 pontos

1 JAN 81 – Classificação internacional determina: Kasparov 2625 – Karpov 2690

1 JUL 83 – Philippin Florencio Campomanes, presidente da FIDE, anuncia autoritariamente que o jogo Ribli-Smyslov se desenrolará em Abu Dhabi e o jogo Kasparov-Kortchnoi, em Pasadena. A Federação soviética recusa imediatamente

1 JUL 84 – Kasparov é o número 1 mundial com 2715 pontos. Karpov tem 2705

14 FEV 84 – Philippin Campomanes declara, em conferência de imprensa, que não há campeão mundial. O jogo Kasparov-Karpov fica empatado.

Após a morte de Alekhine, a 24 de Março de 1946 num hotel do Estoril, aparecem seis candidatos sérios à sua sucessão. Três são soviéticos (Botvinnik, Kérès e Smysov) e outros tantos ocidentais (Fine, Reshevsky e Euwe). Com o Campeonato do Mundo de três em três anos e o intervalo reservado aos torneios de qualificação para obtenção de títulos de Challenger, Botvinnik é campeão mundial de 1948 a 1963, reinado interrompido por Smysov e Tal. Engenheiro electrónico, personifica o investimento do regime soviético para desenvolver o jogo e dominar o mundo do xadrez. O estilo assenta fundamentalmente no aspecto científico.
Nos últimos anos da década de 60, três jogadores, com estilos diferentes, provocam um optimismo inquebrável, apesar do abandono de Botvinnik da alta competição. Chamam-se: Fischer (EUA), Kortchnoi (URSS) e Larsen (Dinamarca). Fischer surpreende o mundo ao anunciar a participação no Interzonal de 1967, qualificação para o Torneio de candidatos ao Campeonato do Mundo. Os maiores sucessos desse ano são obtidos por Larsen, vencedor em Havana, Winnipeg e Palma de Maiorca. Em 1972, Kortchnoi declara: «Fischer é o mais forte de todos.» O regime não lhe perdoa a afirmação.
A 3 de Setembro de 1972, Boris Spassky não se apresenta para a 21ª partida com Fischer, telefonando ao árbitro para justificar o abandono. O norte-americano sagra-se 11º campeão mundial. A grande maioria dos críticos considera-o o mais forte jogador de todos os tempos. O domínio soviético de 24 anos é interrompido e Spassky cai em desgraça. Botvinnik, o «senhor xadrez» da URSS, dá as directrizes adequadas para fazer de um jovem talento o novo campeão: Anatoly Karpov. Vai liderar de 1975 a 1984.
O ano de 1975 regista o primeiro frente-a-frente Karpov-Kasparov. Muitas se sucedem depois ao mais alto nível. Karpov, em 1985, compara Kasparov a um meteorito. Os dois gigantes lutam pela supremacia mundial, com a particularidade de em 1988, no Campeonato da URSS, o árbitro Botvinnik considerar os dois como campeões, «ultrapassando» as regras definidas. Completamente distinto do adversário no estilo e na forma de vida, Kasparov segue um objectivo: «Ser campeão do Mundo até ao ano 2000.»

Revolução de Abril é marco em Portugal

O xadrez em Portugal tem dois períodos distintos: antes e depois do 25 de Abril. O primeiro é dominado por Joaquim Durão, campeão nacional em 13 ocasiões; o segundo leva à existência de grande quantidade de mestres nos primeiros anos da década de 80, ao interesse dos jovens pela modalidade e ao aparecimento do primeiro grande mestre internacional (António Antunes).
Quanto a resultados, o Sporting domina claramente nos anos 70 e primeira metade de 80, perdendo esse estatuto para o Boavista (oito títulos em 11 possíveis), fruto de constantes reduções orçamentais. As representações portuguesas nas principais provas internacionais são fracas. Na 31ª Olimpíada, em Dezembro de 1994, Portugal obtém um dos piores resultados de sempre (50º), mas em contrapartida, no Congresso da FIDE, que decorre paralelamente, Joaquim Durão é nomeado vice-presidente. Renato Pereira é campeão do mundo de surdos em 1980, na Jugoslávia, subsidiado por uma associação de deficientes. A ausência de apoio governamental levam-no a deixar de jogar. No Mundial de Sub-18, 1989, realizado em Porto Rico, Carlos Pereira dos Santos fica em quinto lugar.

Garry Kasparov

Tbilissi, 1976. Ao ser anunciado o vencedor do Campeonato Júnior da URSS, aberto a jogadores com menos de 18 anos, a surpresa é geral. Ganha um miúdo de 13 anos chamado Garry Kasparov. Filho de Kim Moiseyevitch Weinstein e de Clara Chaguenovna Kasparian, Garry, nascido a 13 de Abril de 1963, em Bacu, capital do Azerbaijão, revela muito cedo capacidades únicas. Tem apenas sete anos quando o pai morre, indo viver com a mãe e os avós maternos. Aos 10 anos entra no Instituto de Línguas Estrangeiras de Bacu. Com 11, Garry Weinstein torna-se Garry Kasparov por imposição do estado soviético, que não considera conveniente um futuro grande nome do xadrez ter origens meio judias e meio arménias. Desde 1975 que é, apesar da tenra idade, o representante do Azerbaijão nos Campeonatos Juniores da URSS. Em 1980, ganha o Mundial de Juniores em Dortmund, já depois de ter conquistado vários êxitos em competições da URSS. É ainda primeiro em Bacu, integrando a equipa do seu país que ganha o Europeu na Suécia e a Olimpíada em La Valletta.

Ao ser interrompido e anulado, a 15 de Fevereiro de 1985, o «match» para o Mundial que disputava com Karpov, em Moscovo, sente-se prejudicado porque ganhara as duas últimas partidas e desfrutara de boas condições físicas, contrariamente ao adversário. É o início de uma campanha violenta contra o presidente da Federação Internacional, o filipino Florencio Campomanes, e seus colaboradores (em 1993 rompe decisivamente com a organização, criando a PCA).

Campeão do Mundo FIDE de 1985 a 1993, é a antítese de Anatoly Karpov, tanto na forma extrovertida como encara a vida como no estilo de jogo. Faz florescer a sua postura natural de ataque com um importante trabalho de pesquisa, nomeadamente nas aberturas. Em 1990, obtém a maior classificação ELO de todos os tempos, batendo o recorde de Fisher (2800 pontos contra 2785).

Bilhete de Identidade

Garry Kasparov
Baku (Azerbaijão), 13 Abril de 1963

PALMARÉS
Campeão mundial FIDE 1985-1993. Campeão mundial júnior 1980. Vencedor dos torneios de Banja Luka 1979, Baku 1980, Bugojno 1982, Moscovo 1982 (interzonal), Niksic 1983, Bruxelas 1986, 1987, Amesterdão 1988, Belfort 1988, Barcelona 1989, entre outros

É marcado outro com início a 1 de Setembro de 1985

9 NOV 85 – Kasparov arrebata a Karpov o título mundial que este detinha desde 1975 (13 pontos a 11), tornando-se o mais jovem campeão

1993 – Kasparov cria a Associação Profissional (PCA), surgindo dois Campeonatos do Mundo. Kasparov ganha o título PCA frente ao candidato qualificado Short (nas qualificações da FIDE). O título paralelo FIDE continua e Karpov conquista-o

1994 – No final do ano, a FIDE chega a acordo com a PCA para a reunificação em 1996 de modo a só existir um Campeonato Mundial

FEV 96 – Kasparov derrota o Deep Blue II. O equilíbrio é a nota dominante com o computador a revelar qualidades inegáveis num «match» clássico

21 JUN 99 – Kasparov desloca-se a Nova Iorque para disputar o primeiro lance da partida ante o Mundo via internet

Campeões FIDE

1948: Mikhail Botvinnik; 1957: Vassily Smyslov; 1960: Mikhail Tal; 1963: Tigran Petrosian; 1969: Boris Spassky; 1972: Bobby Fisher; 1975: Anatoly Karpov; 1985: Garry Kasparov; 1993: Anatoly Karpov; 1999: Aleksander Khalifman

Bobby Fischer

Aos 16 anos, o norte-americano Robert Fischer, nascido em 9 de Março 1943, deixa não só a escola mas também a mãe. Com os primeiros dividendos enquanto jogador profissional muda-se para um hotel. «Estudava xadrez noite e dia. Não o vi fazer outra coisa», diz mais tarde Max Euwe. A sua ascensão corresponde à era Botvinnik e à hegemonia total dos grandes mestres soviéticos. «Os russos produzem grandes jogadores, mas não têm talentos naturais», declara. Confirma a supremacia nos EUA, ganhando o Campeonato Nacional em 1958, 1959, 1960, 1962, 1963, 1965 e 1966.

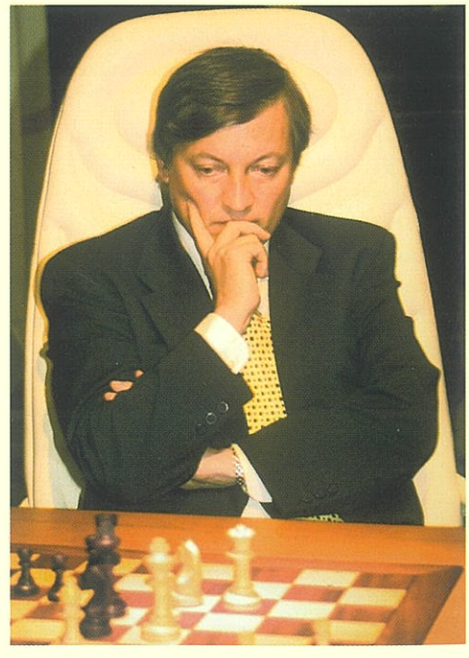
A admiração que provoca é proporcional à que origina quando anuncia o abandono após ser campeão do Mundo de 1972 a 1974. Reaparece em 1992 para um jogo com Spassky, não homologado pela Federação Internacional, e que se desenrola no Montenegro, no contexto da guerra civil na Jugoslávia. O encontro termina a favor de Fischer, com 10 vitórias contra cinco.

Judit Polgar

Judit Polgar (2565 pontos FIDE) nasce na Hungria em 1977. É a única mulher da História a bater-se de igual para igual com a elite masculina, fazendo em 1999 parte do «top 20» absoluto do ranking internacional. Judit é um dos elementos de uma família de desportistas. As irmãs Susan (2667 pontos) e Sofia (2505 pontos e a menos cotada das três) também jogam xadrez. Judit, Susan e a chinesa Xie Jung são as melhores xadrezistas do momento. As três irmãs Polgar recebem uma forte influência paterna, que as educa rigidamente em casa seguindo os princípios do livro «Como fazer um génio».

Anatoly Karpov

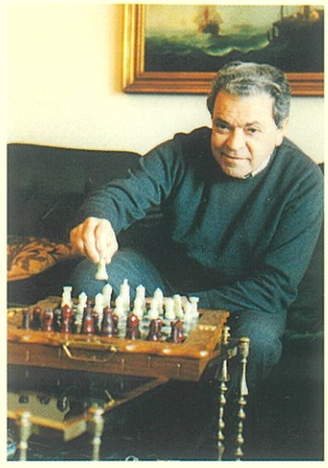
Nascido em 23 de Maio de 1951, Karpov é o melhor jogador no tratamento de posições simples. De aparência modesta, é conhecida a sua vontade de ferro, o que o faz disputar torneio atrás de torneio para justificar os títulos de campeão do Mundo, ganhos entre 1975 e 1984 (em 1993, após o aparecimento da PCA, volta a conquistar o título da FIDE). Logo aos 16 anos sagra-se campeão europeu júnior. Acompanhado por Botvinnik e com um treino intenso, programado e metódico, confirma as suas potencialidades em 1973, ganhando o Interzonal «ex aequo» com Kortchnoi. As previsões mais optimistas dão-lhe a possibilidade de lutar pelo título mundial em 1978, mas o visado tem ideias muito diferentes, assegurando-o três anos antes. A 24 de Abril de 1975, Max Euwe, presidente da Federação Internacional de Xadrez, proclama-o vencedor, após vários ultimatos a Fischer, que renuncia a defender o título.



Joaquim Durão

Nascido em Lisboa a 25 de Outubro de 1930, desenvolve actividade em praticamente todos os campos do xadrez (jogador, dirigente, organizador e divulgador). É campeão nacional individual em 1956, 1958, 1959, 1960, 1961, 1963, 1965, 1968, 1971, 1973 e 1974. Em 1966 e 1976, faz parte das equipas do GX Alekhine que ganham o I e II Campeonatos Nacionais por Correspondência. Por iniciativa de Joaquim Durão, através de subscrições entre xadrezistas, Portugal regista as primeiras presenças nas Olimpíadas, em 1958 (Munique) e 1960 (Leipzig), onde empata com o ex-campeão mundial Max Euwe, da Holanda

É orientador técnico do CDUL (Centro Desportivo Universitário de Lisboa) em 1968, ano em que o Centro se sagra campeão nacional por equipas em primeiras, segundas e terceiras categorias.
Assume a presidência da Federação Portuguesa de Xadrez, pela primeira vez, no mesmo ano. Em 1988, na sequência da assembleia geral de 6 de Agosto, é novamente eleito para o cargo que deixara 15 anos antes. Além da participação em diversas iniciativas nacionais e estrangeiras, em 1965 é conselheiro técnico para as cenas com xadrez do filme norte-americano «A Man Could Get Killed», rodado em Portugal.



António Antunes

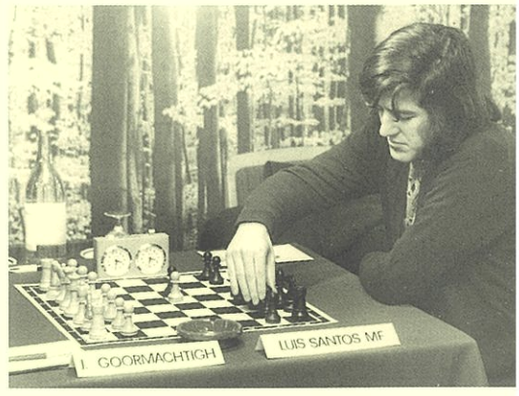
Um torneio na Costa da Caparica motiva António Antunes, nascido a 6 de Fevereiro de 1962, a encarar a sério o xadrez. Mesmo perdendo nesse dia quase todas as partidas, decide inscrever-se no Benfica, iniciando um percurso que o leva, em 1994, a grande mestre internacional – o único existente em Portugal. Além do clube da Luz, representa Académica da Amadora, Tróia, Boavista e Portugal Telecom.

Em Portugal, vence em todas as competições. É campeão nacional absoluto por uma vez. Entre 1985 e 1995, ganha diversos torneios internacionais (Luanda, Lyon, Reggio Emília e Palma de Maiorca). Em 1995, em Milbourg, disputa um torneio a eliminar, prova em que defronta Karpov. Na primeira eliminatória, vence por 2-0 o nº 94 do mundo e, na segunda, triunfa por 1,5-0,5 frente ao 41º. Perde depois contra Karpov, por 2-0.

Luís Santos

Luís Santos alcança em 1986, com três normas consecutivas, o título de mestre internacional da FIDE. É segundo no I Torneio Internacional Paz e Amizade, disputado em Lisboa, com a presença do grande mestre russo Mark Taimanov, e 11º no IV Torneio Aberto de Andorra, entre 81 jogadores, dos quais 14 mestres. Em Novembro de 1994 obtém o título de Grande Mestre ICCF de xadrez por correspondência na Final da 13ª final mundial ao somar nove pontos.
Entre 1976 e 1982 joga no tabuleiro principal da Selecção, que em 1986 alcança um 15º-17º lugar entre uma centena de equipas. Sagra-se por nove vezes campeão nacional por equipas (entre 1975 e 1978) e por três campeão nacional absoluto (1978, 1979 e 1982).

É atleta federado a partir de 1972, ao serviço de um clube de jovens chamado Clan Juventude. Depois disso representa Sporting (1975-1981), equipa Tróia (1982 e 83), EDP (1984 a 1986), Boavista (1987), Benfica (1988-1991), CCD Loures (1992), TLP e Telecom (1993-1994 e 1998) e Diana de Évora (1995-1997 e 1999). Está na origem do primeiro plano de desenvolvimento da área de Lisboa ao iniciar o projecto «Vamos todos jogar Xadrez», em Loures, em 1985. Desde 1992 é director da Academia Municipal de Xadrez de Loures onde coordena e dá apoio técnico a 17 professores e mestres que preparam jovens para provas concelhias, nacionais, mundiais, europeias e olímpicas.



A proeza de Boteaux

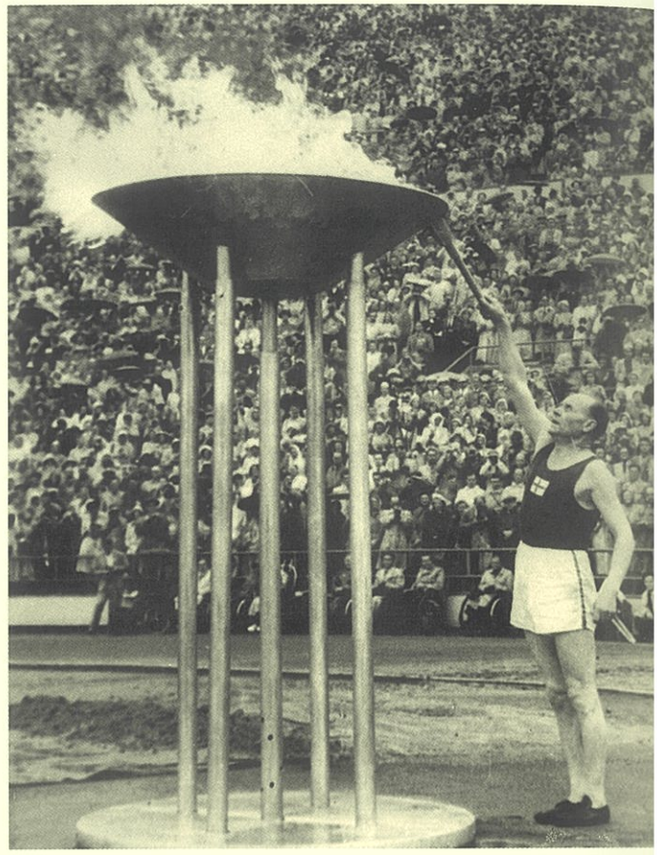
4925 atletas, representantes de 69 países, disputam as 149 provas referentes a 17 modalidades. A competição é marcada pela entrada da URSS no mundo olímpico, que na estreia consegue 22 medalhas de ouro, 30 de prata e 19 de bronze. Portugal participa com 71 atletas, que dez dias antes do início dos Jogos partem para Helsínquia a bordo do Serpa Pinto – vela (9), esgrima (10), remo (9), hipismo (9), ginástica (9), pólo aquático (7), atletismo (7), tiro (4), pentatlo (3) e natação (4). Aos velejadores nacionais Joaquim Fiúza e Rebelo de Andrade cabe o mérito da conquista do terceiro lugar na classe star. O hipismo também surge com uma posição de destaque: 4º lugar no Concurso Completo, com Fernando Cavaleiro em 19º, Pereira de Almeida em 23º e Duarte Silva em 24º

Emil Zatopek começa por vencer os 10 000 metros em luta com o francês Mimoun. Quatro dias depois ganha os 5000 e conquista a terceira medalha de ouro na maratona, prova em que nunca participara. A sua mulher é medalhada com ouro no lançamento do dardo

Ademar Ferreira da Silva bate por quatro vezes no concurso de triplo salto o seu recorde mundial, de 16,01 metros. No primeiro ensaio faz 15,95 metros. Depois consegue 16,12 metros, 15,54 metros, 16,09 metros, 16,22 metros e 16,05 metros

Lisa Hartel ganha a medalha de prata do concurso de ensino de equitação. Uma proeza fantástica tendo em conta que sofrera oito anos antes uma paralisia parcial provocada pela poliomielite

Eva Szekely é a primeira nadadora a conquistar um título no estilo mariposa. Fá-lo nos 200 metros bruços. O seu desempenho leva a que em Melbourne 56 a nova disciplina ganhe estatuto.
A competição inclui os 100 metros femininos e os 200 metros masculinos mariposa



O pai, na tribuna, dirige-lhe um olhar de incitamento, a mãe ajusta os óculos para esconder o nervosismo e Jean Boteaux, à beira da piscina, continua descontraído mesmo faltando poucos segundos para o início da prova de 400 metros livres. O francês parte entre os dois principais rivais – Ford Konno e Ostrand. Por três vezes fazem a viragem simultaneamente. A meio da prova, Ostrand consegue uma ligeiríssima vantagem mas pouco depois já Boteaux, o principal candidato à vitória, comanda. Os movimentos do gaulês de 19 anos tornam-se mais vigorosos. Ganha um comprimento ao rival americano, passando Konno à sua posição. A 50 metros do fim Konno reage poderosamente, nas bancadas chega a temer-se a sua vitória, mas Boteaux responde à altura, tocando a parede da piscina em primeiro lugar.
A 30 de Junho de 1952 bate de uma assentada os recordes de França, da Europa e Olímpico, tornando-se o primeiro nadador francês a conseguir uma vitória nas Olimpíadas da Era Moderna. Os espectadores franceses rejubilam. Na tribuna oficial um homem, apressado, abandona o lugar, atropela tudo e todos só para felicitar o vencedor. É o pai de Boteaux, que não está com meias-medidas. Atira-se à água vestido. Os repórteres fotográficos tiram um «boneco» que fica para a história dos Jogos Olímpicos como um dos mais invulgares.

△ Paavo Nurmi, antigo campeão finlandês, acende a pira olímpica

▽ Ademar Ferreira da Silva: quatro saltos acima do recorde mundial

▽ Zatopek recebe um beijo da mulher, também ela medalhada com ouro

PORTUGAL ALINHA COM 12 ATLETAS ENTRE OS 3342 DE 67 PAÍSES. O NÚMERO DE MODALIDADES COM REPRESENTANTES NACIONAIS É BASTANTE MAIS REDUZIDO DO QUE EM 1952, POR O GOVERNO NÃO CONCEDER SUBSÍDIOS. REALIZAM-SE 145 PROVAS. SÓ HIPISMO (7) E VELA (5) MARCAM PRESENÇA. ÀS PROVAS DE HIPISMO, DISPUTADAS EM ESTOCOLMO, SUÉCIA, CONCORREM 158 CAVALEIROS DE 29 NACIONALIDADES. MELBOURNE NÃO É PALCO DE PROVAS EQUESTRES PORQUE SEVERAS LEIS IMPEDEM A ENTRADA DE CAVALOS PROVENIENTES DE OUTROS PAÍSES. HENRIQUE CALADO É SÉTIMO NOS OBSTÁCULOS, PEREIRA DE ALMEIDA 12º NA PROVA DE ENSINO, DUARTE SILVA 29º E FERNANDO CAVALEIRO 34º NO CONCURSO COMPLETO. OS VELEJADORES DUARTE BELLO E JOSÉ BUSTORFF SILVA FICAM EM QUARTO LUGAR NA CLASSE STAR. A URSS É O PAÍS MAIS MEDALHADO (37, OURO; 29, PRATA, E 32, BRONZE)

Mimoun, o soldado ferido

É desconhecido do mundo inteiro quando se integra no 3º regimento de atiradores argelinos, distinguindo-se do decurso das campanhas da Tunísia, Sicília e Itália. Ferido em Monte Cassino, Alain Mimoun recorre a um hospital, onde chega a aventar-se a possibilidade de amputação de uma perna, aos 20 anos. Dezasseis anos depois ganha a maratona, livrando-se de Zatopek, que de 1946 a 1956 o deixa sempre na sombra.

Nascido em 1921, em Telagh, o ex-pupilo das missões católicas apresenta o mesmo semblante de sempre: triste e com grande tendência para a solidão. Na véspera da maratona recebe a notícia, via telegrama, de que tinha sido pai, mas a caligrafia, de difícil leitura, mantém-no na dúvida. Não sabe se é um rapaz ou uma rapariga. Decide, no entanto, que em caso de ser do sexo feminino se chamará Olímpia.

Logo à partida coloca-se no grupo da frente, juntamente com Emil Zatopek e o jugoslavo Mihalic, companheiro em quase todos os treinos que faz a anteceder a competição. A 10 km da meta começa a sentir poucas forças e dificuldades para respirar. Teme a desistência, mas quando olha para trás e vê a Locomotiva Humana já bem longe, ganha ânimo. Já nos últimos quilómetros é informado do atraso de Mihalic, dois minutos. Triunfa com 2.25,00 enquanto o jugoslavo fica em segundo com 2.26,32.

Joaquin Capilla Perez, na variante de trampolins de três metros de saltos para a água, quebra a supremacia de 40 anos dos norte-americanos. Num concurso muito disputado supera Gary Tobian

Wolfgang Behrendt torna-se o primeiro campeão olímpico da República Democrática da Alemanha. Vence o coreano Soon-Chun na final da categoria de –54 quilos

Vladimir Kuts ganha os 10 000 e 5000 metros. Na distância mais longa o britânico Gordon Pirie, o único que lhe poderia fazer frente, paga caro o esforço que faz para o acompanhar, acabando em oitavo lugar. Na mais curta é mais bem sucedido, conquistando a medalha de prata

Larissa Latynina e Agnes Keleti proporcionam um dos duelos mais empolgantes. Aos 21 anos Latynina triunfa no concurso completo, por três décimos de ponto, fruto da desastrosa actuação da adversária – uma das húngaras que não regressam ao seu país – no salto em cavalo (23º lugar)

Δ A tripulação de Yale proporciona mais uma vitória aos Estados Unidos

Δ Vladimir Kuts triunfa nos 5 mil e 10 mil metros

Wilma, a Gazela Negra

O NÚMERO DE ATLETAS CHEGA AOS 5348, ORIUNDOS DE 84 PAÍSES, QUE DISPUTAM 150 PROVAS DISTRIBUÍDAS POR 17 MODALIDADES. PORTUGAL LEVA A ROMA 65 REPRESENTANTES – VELA (11), HIPISMO (9), TIRO (9), ESGRIMA (9), REMO (5), NATAÇÃO (5), ATLETISMO (5), CICLISMO (4), GINÁSTICA (4), LUTA (3) E HALTEROFILISMO (1). APESAR DE NUMEROSA, A PARTICIPAÇÃO NACIONAL SÓ CONSEGUE BONS RESULTADOS NA VELA, ATRAVÉS DOS IRMÃOS QUINA, MÁRIO E JOSÉ, QUE LEVAM O MÁ LINDO AO SEGUNDO LUGAR NA CLASSE STAR. OS EUA, EMBORA SEJAM O PAÍS MAIS MEDALHADO, DESILUDEM NO ATLETISMO, NOMEADAMENTE NAS PROVAS MAIS CURTAS, NAS QUAIS OS SEUS SPRINTERS SÃO BATIDOS PELOS EUROPEUS. ABEBE BIKILA, VENCEDOR DA MARATONA, DÁ O PRIMEIRO SINAL DO POTENCIAL AFRICANO NAS PROVAS DE FUNDO, ENQUANTO NEOZELANDESES E AUSTRALIANOS DOMINAM NO MEIO-FUNDO. APÓS TER GANHO SETE MEDALHAS DE OURO CONSECUTIVAS, A ÍNDIA PERDE, FINALMENTE, NO HÓQUEI EM CAMPO. VENCE O PAQUISTÃO

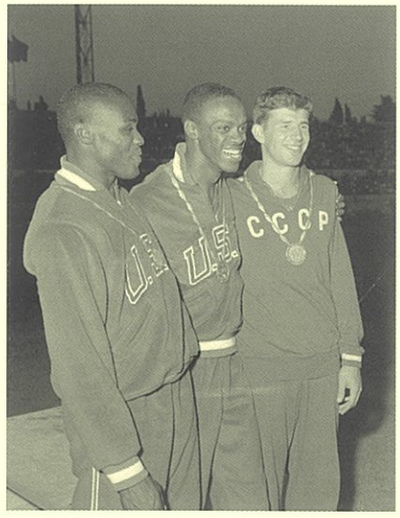
Velejador Paul Elvstrom alcança, em Nápoles, a quarta medalha de ouro em Jogos Olímpicos na classe de finn. O avanço sobre o segundo é tão grande que, por não se encontrar nas condições físicas mais desejáveis, prescinde de competir na regata final

Knut Jansen, dinamarquês, morre no decorrer de uma prova de estrada de ciclismo. De início o sucedido é atribuído a insolação, mas algum tempo depois a autópsia revela que o atleta ingerira ronicol, um estimulante da circulação sanguínea

Cassius Clay (mais tarde Mohammad Ali) conquista o título olímpico na categoria de 81 quilos. No regresso aos EUA a medalha é atirada às águas do rio Ohio, após um confronto violento com um «gang» de motoqueiros à porta de um restaurante onde lhe recusam dois hamburgers por ser negro

Otto Davis e Carl Kaufmann, primeiro e segundo classificados nos 400 metros, batem o recorde mundial da distância, tornando-se nos dois primeiros atletas a correr aquela distância abaixo dos 45 segundos (44,9)

Alta (1,80m) e bonita, de linhas estilo «estrela de cinema», Wilma Rudolph transforma-se na verdadeira coqueluche de Roma. A Gazela Negra, elogiada pela elegância invulgar das suas pernas, corre a final dos 100 metros em 11 segundos, embora com vento favorável, que a impede de estabelecer novo recorde mundial, e os 200 em 24 segundos, com a particularidade de na meia-final ter batido o máximo olímpico. Integra ainda a equipa norte-americana que disputa a estafeta de 4×100 metros, terminando a competição com três medalhas de ouro e com o melhor tempo mundial nesta última prova.



Filha de uma família modesta, é vítima desde os três anos de febres constantes até ser atacada pela poliomielite, que a obriga a recorrer durante longo tempo a vários aparelhos para a ajudarem a deslocar-se. Um médico de Nashville, à custa de persistente tratamento de reeducação, consegue recuperá-la, aconselhando-a a disputar corridas, curtas de início mas progressivamente mais prolongadas.

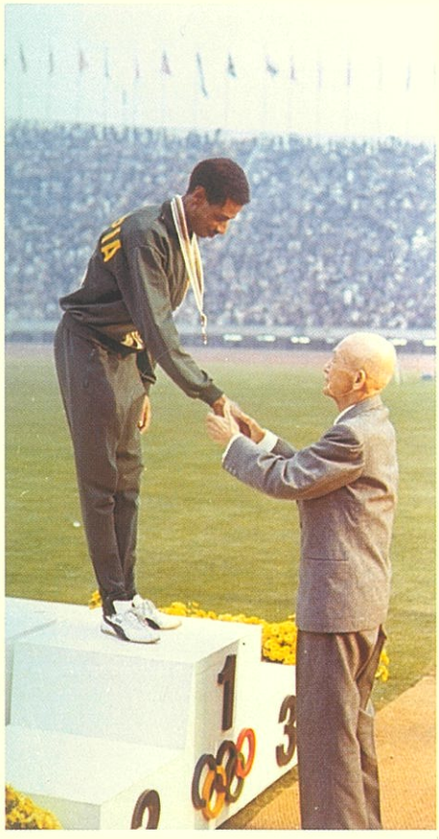
Wilma Rudolph é a grande figura dos jogos, só se aproximando dela outro atleta norte-americano, também negro: Ralph Boston faz 8,12 metros no salto em comprimento.

△ Wilma Rudolph vence a estafeta 4×100, os 100 e os 200 metros

△ Saltadores norte-americanos confraternizam com um soviético após a competição

▽ Antes do profissionalismo, Cassius Clay (ao centro) também brilhou nas Olimpíadas

Dramas japoneses



Disputados em Tóquio, a cidade que deveria acolher os Jogos de 1940 se não tivesse rebentado a II Guerra Mundial, proporcionam ao país organizador o terceiro lugar na lista dos mais medalhados (29). O saldo final inclui, no entanto, vários dramas, como são as derrotas na final da categoria open de judo e na maratona.

Comecemos pelo primeiro. Antonius Geesink e Akio Kaminaga disputam o título olímpico. Apesar do melhor palmarés do holandês, tudo aponta para a vitória do nipónico, motivado pela conquista por outros japoneses de três das quatro medalhas de ouro em disputa. Ao fim de 9 minutos e 22 segundos o triunfo é atribuído a Geesink. Kokichi Tsuburaya falha na maratona. A luta pelo primeiro lugar é praticamente posta de lado desde o início da competição, tendo em conta a superioridade de Abebe Bikila. Entra no estádio isolado no segundo lugar, mas nos derradeiros metros deixa-se ultrapassar por Basil Heatley, da Grã-Bretanha. Um grande drama pessoal que conheceria, anos mais tarde, um desfecho trágico. Inconformado, Tsuburaya alimenta o sonho da conquista do título olímpico em 1968. Propósito que não cumpre, pois suicida-se nove meses antes da competição por reconhecer como quase nulas as suas hipóteses. Corta as carótidas com uma lâmina de barbear.

△ Abebe Bikila revela grande superioridade na maratona

▽ Bob Hayes faz excelente tempo nos 100 metros, apesar das más condições de pista

▽ Don Schollander, com apenas 18 anos, é o primeiro nadador a conquistar quatro vitórias na sua modalidade

▽ Antonius Geesink frustra expectativa japonesa no judo

Portugal leva a Tóquio 20 representantes, repartidos por sete modalidades: vela (6), tiro (4), atletismo (3), natação (3), hipismo (2), judo (1) e ginástica (1). Manuel de Oliveira brilha na corrida de 3000 metros obstáculos, vencendo a sua eliminatória, com 8.36,8, e realizando na final o tempo de 8.36,2 (recorde nacional), que corresponde ao quarto lugar. Em hipismo, Duarte Silva é quinto nos 3000 metros obstáculos, com 20 pontos. Na vela, Fernando e Duarte Bello, classe star, são oitavos. Armando Marques é 18º no fosso olímpico, com 188 pontos. Participam 94 países, totalizando 5140 atletas dispersos pelas 163 provas das 19 modalidades. A África do Sul é impedida de participar devido ao facto de viver em regime de segregação racial, enquanto a Indonésia e a Coreia do Norte boicotam a prova. O judo e o voleibol esteiam-se nestes Jogos, em que se estabelecem 54 máximos olímpicos e 14 recordes mundiais

Richard Roth estabelece nos 400 metros estilos o recorde do mundo, retirando-lhe 3,2 segundos. O feito impressiona ainda mais tendo em conta as condições físicas do norte-americano, que três dias antes da prova é internado de urgência devido a apendicite, recusando a operação

George Hungerford e Roger Jackson dão ao Canadá a única medalha de ouro. Deslocam-se a Tóquio como suplentes da tripulação canadiana que ia alinhar na prova de remo de shell de oito e acabam por fazer equipa na competição de dois sem timoneiro, tornando-se campeões olímpicos

Nos 100 metros, Robert (Bob) Hayes faz 10,04 segundos, apesar das más condições da pista. A pista número 1 está totalmente remexida, e embora a organização retarde o início da prova para fazer alguns melhoramentos, o norte-americano parte em clara desvantagem

Grande surpresa nos 800 metros femininos, face às ausências de Sin-Kim Dan e Dixie Willis, Ann Packer, da Grã-Bretanha, vence com 2.01,1, correspondendo da melhor forma ao forte andamento imposto pela francesa Maryvonne Dupureur

México 68

A maioria dos 20 atletas nacionais – vela (8), luta (4), esgrima (4), ginástica (2), atletismo (1) e halterofilismo (1) – não passa da prova da estreia. Uma das explicações dadas é a inadaptação à altitude. Nem mesmo Manuel de Oliveira nos 3000 metros obstáculos consegue livrar-se da fraca participação. É oitavo numa das eliminatórias. Na vela, tradicionalmente favorável, a mediocridade também é evidente. Os irmãos Quina, na classe star, não vão além do 17º posto entre 20 concorrentes. Luís Paquete (halterofilismo), 60 kg, é desqualificado, e na luta greco-romana só António Galantinho, 70 kg, passa à segunda eliminatória. Leonel Duarte, Luís Grilo e Adriano Morais «caem» logo à primeira. Concorrem 5531 atletas, de 113 países, em 172 provas. O número de modalidades é 18

Lia Manolui é finalmente campeã olímpica no lançamento do disco (58,28m), após um sexto lugar em 1952, ausência da final em 1956 e medalhas de bronze em 1960 e 1964. Quatro anos mais tarde é nona

Richard Fosbury ganha o salto em altura (2,24m) com um novo método: «Fazer a chamada de frente para o obstáculo, voltar o corpo já no ar e transpor a fasquia de costas, caindo no colchão sobre os ombros»

Futebolistas húngaros conquistam o terceiro título olímpico. Ganham por 4-1 à Bulgária, que ao intervalo já só tem oito elementos, estragando um espectáculo presenciado por 60 000 espectadores

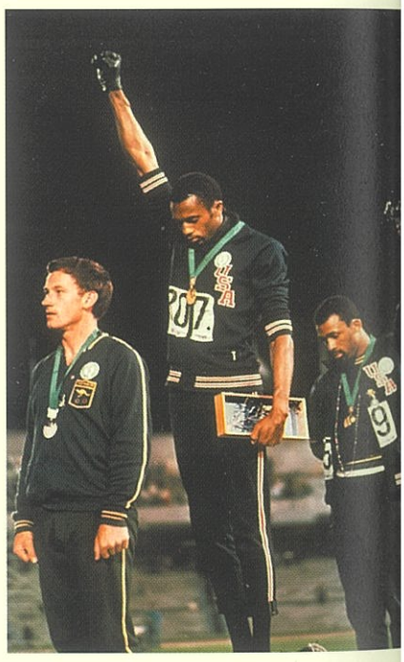
James Randel Matson vence com facilidade no lançamento do peso (20,54), deixando no segundo lugar George Wood, também dos EUA, com 20,12. Antes da competição batera o recorde mundial por várias vezes, levando-o dos 20,68 até 21,78

Política em cena

Os Jogos não são apenas desportivos. São também políticos. Cerca de dez mil pessoas aproveitam o facto de a competição estar a ser acompanhada por jornalistas dos mais variados pontos para protestar contra as más condições de vida do povo mexicano. O resultado é catastrófico. Descontente com a manifestação, o governo dá ordens às forças de segurança para agirem. A polícia abre fogo sobre a multidão, matando vários intervenientes e levando muitos outros ao hospital.

Lembrando Jesse Owen, nos Jogos Olímpicos de Berlim, dois norte-americanos cerram os punhos de uma mão e enquanto o hino toca olham para o chão. Tudo se passa na cerimónia de entrega das medalhas dos 200 metros masculinos. Os intervenientes são Tommie Smith (campeão olímpico) e John Carlos (terceiro classificado). Acabam suspensos da competição e expulsos da aldeia olímpica.

Os atletas dos EUA são os maiores responsáveis pelas marcas de alto nível estabelecidas. São disso exemplos Vincent Mathews, Ronald Freeman, Larry James e Lee Evans, que terminam os 4×400 metros em 2.56,16, estabelecendo novo recorde mundial. Só a 8 de Agosto de 1992, em Barcelona, a marca virá a ser ultrapassada. Lee Evans ganha os 400 metros planos em 43,86. Torna-se, a par de Larry James (43,9), um dos dois primeiros homens a correr esta disciplina em menos de 44 segundos. O recorde é desfeito apenas a 17 de Agosto de 1988, em Zurique. Jim Hines corre os 100 metros num tempo inferior a 10 segundos (9,95), o que antes nunca acontecera. Tommie Smith triunfa nos 200 metros, com 19,83 segundos, e no salto em comprimento Bob Beamon atinge os 8,90 metros.



△ Cerimónia de abertura com alusão ao folclore azteca

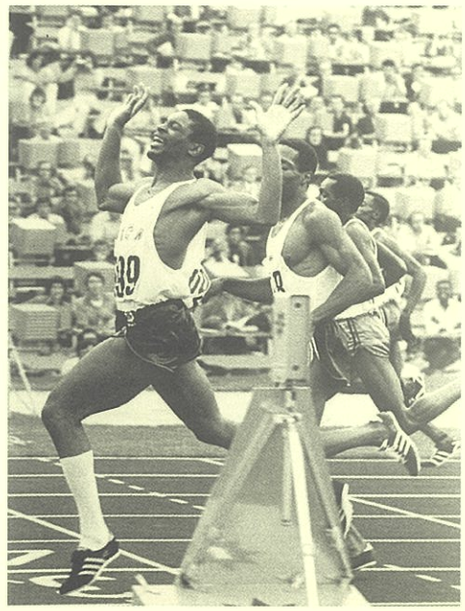
▷ Manifestação do "Black Power" no pódio dos 200 metros masculinos

▷ Fosbury revoluciona a técnica do salto em altura

◁ Bob Beamon salta para a eternidade, à custa da altitude

Setembro negro

Onze membros da delegação israelita, cinco guerrilheiros, um polícia e um piloto alemão de helicóptero mortos é o balanço imediato do sequestro na Aldeia Olímpica por um comando da organização palestiniana Setembro Negro. A tentativa de libertação dos reféns no aeroporto secundário de Furstenfelbruck acaba mal.
A 6 de Setembro, 60 mil pessoas enchem o Estádio Olímpico de Munique para assistirem a uma cerimónia fúnebre em memória dos atletas israelitas falecidos.
Tudo começa às 4.30 horas do dia 5, quando o grupo de comandos da organização Setembro Negro entra nas instalações da representação israelita, matando dois elementos da equipa e mantendo nove como reféns. Reivindicam a libertação de 200 palestinianos mantidos prisioneiros em Israel. Às 7.30 já decorrem negociações mediadas pelo ministro do Interior da RFA. Após um ultimato, marcado para as 11 horas, os guerrilheiros aceitam dilatar o prazo, primeiro para as 12 e depois para as 17 horas. Às 19, a Polícia, disfarçada com fatos de treino, toma posições na Aldeia Olímpica, com os palestinianos a rejeitarem ofertas de dinheiro e a troca dos atletas reféns por polícias.
Às 22.20 h começa a operação de retirada da Aldeia Olímpica, em três helicópteros alemães, rumo ao aeroporto da NATO, a 45 km de Munique, onde os aguarda um avião preparado para seguir o destino imposto pelos membros da Setembro Negro. Pouco antes da uma hora da manhã a polícia anuncia a morte de um dos seus homens e ferimentos graves em mais dois. Às 3.32 h conhece-se o falecimento dos atletas.



△ Vince Matthews ganha os 400 metros sem dificuldade

△ O Quénia arrebata os dois primeiros lugares na prova de obstáculos

▽ As flores no Olímpico de Munique prestam homenagem aos 11 atletas israelitas assassinados

O MELHOR QUE FAZEM OS ATLETAS PORTUGUESES É O SEXTO LUGAR NA CLASSE STAR (VELA), POR ANTÓNIO CORREIA E HENRIQUE ANJOS. LUÍS GRILO FICA EM NONO NA LUTA GRECO-ROMANA (57 KG). CARLOS CAMPOS, VASCO RAMIRES E FRANCISCO CALDEIRA CONSEGUEM O 13º POSTO NO PRÉMIO DAS NAÇÕES (HIPISMO). ARMANDO MARQUES É 19º NO FOSSO OLÍMPICO. CARLOS LOPES PASSA DESPERCEBIDO NAS ELIMINATÓRIAS DOS 10 000 METROS E FERNANDO MAMEDE TAMBÉM NÃO VAI LONGE NOS 800 METROS. É QUARTO NA SUA ELIMINATÓRIA DOS 800 METROS E SEXTO NA DOS 1500 METROS.
A DELEGAÇÃO NACIONAL É COMPOSTA POR 29 ELEMENTOS, DE OITO MODALIDADES: ATLETISMO (6), HIPISMO (3), HALTEROFILISMO (1), JUDO (2), LUTA (3), REMO (3), TIRO (5) E VELA (6).
EM COMPETIÇÃO APRESENTAM-SE 7830 ATLETAS DE 122 PAÍSES. REALIZAM-SE 195 PROVAS DE 21 MODALIDADES

Vince Matthews e Wayne Collet são expulsos pela Comissão Executiva do COI, que decide castigá-los pelos seus comportamentos na cerimónia de consagração dos 800 metros Matthews não se mantém em sentido quando toca o hino e Collet faz a saudação do poder negro

Shane Goud, após a decepção, nos 100 metros livres, ganha os 400 metros livres pulverizando o seu recorde do Mundo e volta a apossar-se da melhor marca mundial dos 200 metros livres derrotando a americana Babashoff

Mark Spitz ganha sete medalhas de ouro, batendo sete recordes do Mundo. Numa das vezes que sobe ao pódio, fá-lo descalço com as sapatilhas na mão, o que é por alguns considerado uma manobra publicitária

Valeri Borzov pulveriza a tradicional supremacia americana nas provas de velocidade ao vencer os 100 e os 200 metros. Nos 200 metros acaba claramente à frente de Black e Mennea

Montreal 76

Competição histórica para Portugal com a obtenção de duas medalhas de prata. Os autores da proeza são Carlos Lopes nos 10 000 metros e Armando Marques no fosso olímpico. Lopes, após vencer a eliminatória, estabelece na final um novo recorde de Portugal. Marques perde por um ponto a medalha de ouro, para o norte-americano Haldeman. Ainda nas provas de atletismo, José Carvalho é 7º nos 400 metros barreiras e Aniceto Simões fica em oitavo nos 5000 metros. A delegação nacional é constituída por 19 elementos, distribuídos por seis modalidades: atletismo (6), natação (5), vela (2), luta (3), judo (2) e tiro (1). Devido ao boicote de diversas nações africanas – protestam contra o facto de a Nova Zelândia ter sido convidada depois de ter quebrado o isolamento político de Pretória –, a prova, inaugurada pela rainha Isabel II, recebe bastante menos atletas do que em 1972. Inscrevem-se 6189 de 93 países. Disputam-se 198 provas de 21 modalidades

Nadia Comaneci é a primeira atleta a conseguir uma nota 10 num concurso de ginástica. Vence nas paralelas assimétricas (20,00), na trave (19,95) e concurso completo individual (79,275). É medalha de bronze nos exercícios de solo (19,75)

Hector Rodriguez é o primeiro cubano a conquistar um título olímpico no judo. Fá-lo na categoria de –71 kg, ficando à frente de Eun Chang (prata), Felice Mariani e Jozsef Tuncsik (bronze)

Irena Szewinska conquista o terceiro título olímpico, desta vez numa nova distância: os 400 metros. A estreia em Jogos Olímpicos acontece em Tóquio 64. Ainda marca presença em Moscovo 80, desistindo na meia-final dos 400 metros

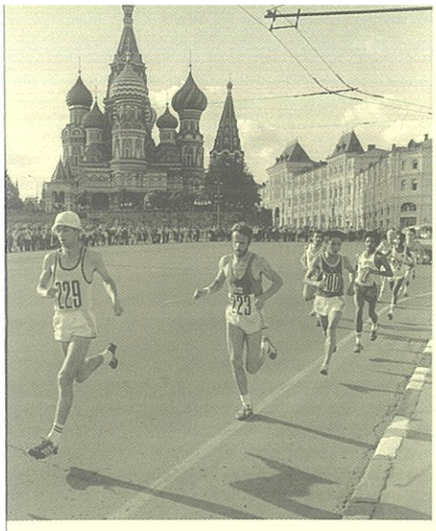
O pentatlo proporciona um despique inigualável. Siegrun Siegl e Christine Laser, ambas da RDA, concluem a prova com o mesmo número de pontos (4745), sendo o triunfo atribuído à primeira por ter ganho à sua compatriota em três das cinco provas

Amor na guerra fria

Quando os jovens canadianos iniciam no relvado a movimentação tendente a fechar os círculos olímpicos, na cerimónia de encerramento, surge o imprevisto. Um indivíduo de camisola azul, calção branco e sapatilhas coloca-se no interior de um dos anéis e, com o maior à-vontade, despe-se, começando a dançar. Os espectadores batem palmas e riem às gargalhadas, as televisões não deixam de o focar e os elementos da organização deitam as mãos à cabeça sem saber o que fazer. Só depois de terminar a evolução dos jovens é que a polícia surge – quebrando o protocolo – para resolver o problema.
Um acontecimento insólito é também protagonizado por Sergei Memtsanov, nadador soviético, que foge da Aldeia Olímpica para viver um romance com uma canadiana. A URSS ameaça abandonar os Jogos se as autoridades não tomarem providências para trazer o atleta ao seio da delegação. A mãe e a avó de Sergei fazem um apelo semelhante ao do primeiro-ministro Pierre Trudeau. «Quero lembrar-lhe que o meu filho é menor e incapaz de tomar decisões (...). Eu acredito que haja no vosso país pessoas suficientemente correctas que sejam capazes de encontrar o Sergei e fazer com que ele regresse à sua pátria e aos seus deveres.»

△ Nadia Comaneci: a perfeição nas paralelas assimétricas

△ O cubano Alberto Juantorena junta o ouro olímpico ao máximo mundial dos 800 metros



Saudação do espaço

Os cosmonautas Popov e Rymin enviam do espaço uma saudação aos participantes nos Jogos desejando-lhes «vitórias espectaculares numa competição real». Miruts Yifter, o perspicaz e pequeno etíope, torna-se a grande figura ao vencer os 5000 e 10 000 metros. É o único atleta a conquistar duas medalhas de ouro em provas individuais, repetindo o êxito do finlandês Lasse Viren, duplo campeão em Munique e Montreal.

No bilhete de identidade constam 35 anos, mas fala-se de um pouco mais. Parece até bem mais velho. Mostra, no entanto, possuir mais «endurance» e velocidade do que outros corredores com metade da sua idade. Em 1972 é medalha de bronze nos 10 000 metros, não alinhando nos 5000. Quatro anos depois não compete devido ao boicote de vários países africanos.

Yelena Davidova destrona Nadia Comaneci do título olímpico de ginástica, no combinado, após uma sessão muito conturbada. Davidova totaliza 79,150, mais 0,075 que Comaneci. A pontuação só é atribuída 30 minutos depois de Comaneci terminar o exercício na trave olímpica, o que dá origem a um desentendimento entre os membros do júri. Recebe 9,85 quando precisava de 9,95 para vencer.

△ Lasse Viren (ao centro) na passagem pela Praça Vermelha

△ Gerd Wessing, «repescado», estabelece novo recorde do Mundo no salto em altura

▽ Nadia Comaneci (à esquerda) é batida por Davidova Yelena

Moscovo 80

A COMITIVA DE PORTUGAL REFLECTE OS EFEITOS DO BOICOTE DE ALGUNS PAÍSES AOS JOGOS DE MOSCOVO. LEVA APENAS 11 ATLETAS, DE SEIS MODALIDADES: ATLETISMO (3), JUDO (3), NATAÇÃO (2), GINÁSTICA (1), HALTEROFILISMO (1) E BOXE (1). A ACTUAÇÃO MAIS POSITIVA PERTENCE A ANACLETO PINTO, QUE CONSEGUE O 16º POSTO NA MARATONA, COM O TEMPO DE 2.17,04. AINDA NO ATLETISMO, JOSÉ SENA DESISTE NOS 3000 METROS OBSTÁCULOS E JOÃO CAMPOS NOS 1500 METROS NÃO CONSEGUE MELHOR DO QUE A PRESENÇA NUMA DAS MEIAS-FINAIS. DE RESTO, NO JUDO, JOSÉ BRANCO E JOÃO MENDONÇA SÃO ELIMINADOS NA SEGUNDA FASE E ANTÓNIO ROQUETE NA TERCEIRA FASE; NA NATAÇÃO, PAULO FRISCHKNECHT E RUI ABREU NÃO SE APURAM NAS ELIMINATÓRIAS; NA GINÁSTICA, AVELINA ALVAREZ É 61ª NOS EXERCÍCIOS OBRIGATÓRIOS E NOS FACULTATIVOS; NO HALTEROFILISMO, RAUL DINIS FICA EM 13º ENTRE OS 18 CONCORRENTES, E NO BOXE, JOÃO MIGUEL É APURADO DIRECTAMENTE PARA OS OITAVOS-DE-FINAL, ONDE PERDE COM O REPRESENTANTE DA URSS, QUE OBTÉM A MEDALHA DE OURO. DECORREM 203 PROVAS REFERENTES A 21 MODALIDADES. COMPETEM 5512 ATLETAS DE 81 PAÍSES

Gerd Wessing, incluído à última da hora na comitiva da RFA, bate o recorde do Mundo do salto em altura (2,36), acrescentando mais um centímetro ao anterior máximo, fixado nesse ano por Jacek Wzola e Dietmar Mogenburg

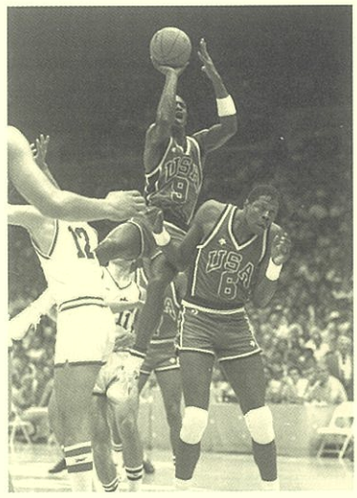
Danis Kule beneficia de um erro da organização. Na fase de qualificação o dardo cai fora da zona delimitada, mas o ensaio é considerado válido, o que lhe permite seguir em frente. Acaba por se sagrar campeã olímpica

Barbara Krause bate o recorde mundial nos 100 metros livres pela segunda vez em 24 horas. Na final trava um duelo espectacular com a sua compatriota Caren Metschuck. O novo máximo é de 54,79 (na eliminatória faz 54,98)

No disco, o cubano Luis Delis lança o engenho a 66,64 metros, marca com que o soviético Viktor Rasshchupkin ganha a medalha de ouro. O juiz invalida-lhe o lançamento

Boicote comunista

Aos 37 anos, Carlos Lopes vence a maratona (2:09.21). A participação portuguesa é coroada com mais duas medalhas de bronze (Rosa Mota, na maratona, e António Leitão, nos 5000 metros, batido pelo marroquino Said Aouita e pelo suíço Markkus Ryffel). Boas classificações somam também Ezequiel Canário (nono, nos 5000 metros), Aurora Cunha (sexta, nos 3000 metros), José Pinto (oitavo, nos 50 km marcha) e Yokochi (sétimo na final dos 200 metros bruços). A comitiva nacional é composta por 38 atletas: atletismo (14), tiro (5), judo (4), halterofilismo (2), natação (2), saltos para a água (1), pentatlo (3), vela (3), ginástica (2), esgrima (1) e tiro com arco (1). Inscrevem-se 7078 atletas de 140 países. Decorrem 221 provas de 21 modalidades



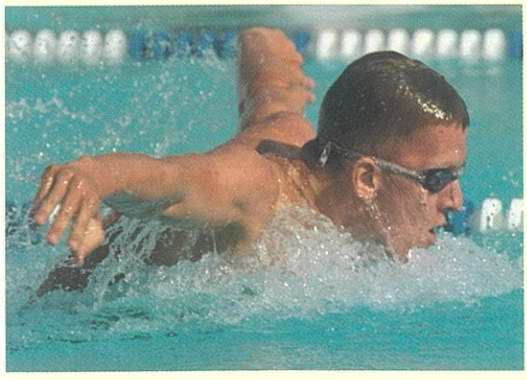
Pela primeira vez desde 1896 os Jogos dão lucro, apesar do boicote do bloco comunista (exceptuando a Roménia e a China, que pela primeira vez adere ao movimento olímpico). Mais de metade da população mundial vê o evento pela televisão. Neste quadro, os americanos dominam incontestavelmente, pertencendo-lhe a maioria dos momentos de glória. Michael Jordan é um dos que mais contribuem para isso. Na final, frente à Espanha, faz uma exibição monumental, nomeadamente na primeira parte, altura em que marca 18 pontos.
Entre os atletas das outras nacionalidades, refira-se Francis «Daley» Thompson, que termina o decatlo com um novo máximo mundial de 8847 pontos, e Michael Gross, vencedor nos 100 metros mariposa e 200 metros livres com novos máximos mundiais e prata nos 200 metros mariposa.
Para a história do evento fica também a «gaffe» monumental de Ronald Reagen, presidente dos EUA. Ao testar um microfone que já se encontra a emitir sem o seu conhecimento, declara: «Meus caros americanos, tenho o prazer de vos anunciar hoje que assinei legislação que ilegaliza para sempre a Rússia. O bombardeamento terá início daqui a cinco minutos.»

Valerie Brisco-Hooks torna-se na primeira mulher a ganhar os 200 e os 400 metros na mesma edição dos Jogos Olímpicos. Vence também na estafeta de 4×400 metros. Mãe em 1982, começa a preparação por influência do marido e familiares quando já tinha poucas esperanças na conquista de medalhas

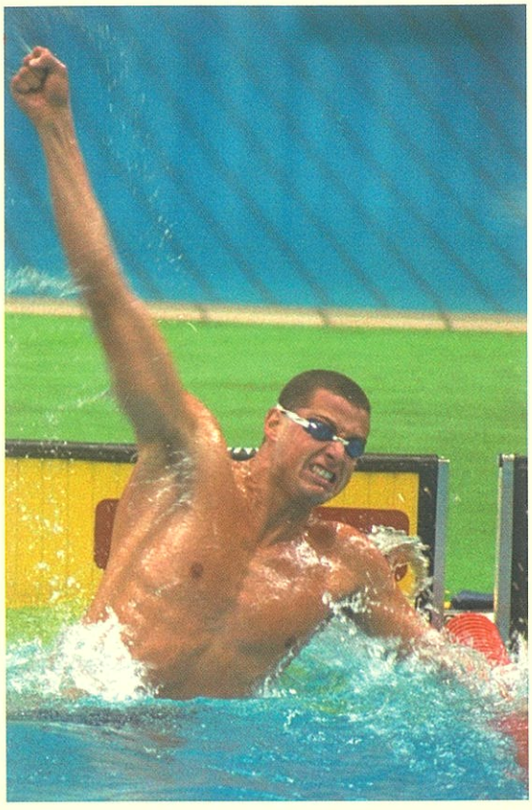
Mary Lou Retton vence o concurso geral de ginástica desportiva, tradicionalmente dominado pelos rivais de Leste. Ecaterina Szabo, da Roménia, fica em segundo lugar, com 79,125 pontos. Retton ganha, individualmente, a medalha de prata no salto de cavalo e as de bronze nas paralelas assimétricas e exercícios no solo

Carl Lewis ganha quatro medalhas de ouro (100m, 200m, salto em comprimento e 4×100m) igualando a proeza de Jesse Owen, em Berlim 36

△ Valerie Brisco-Hooks: três medalhas de ouro após maternidade
△ Michael Jordan "voa" para o imaginário dos americanos
◁ Michael Gross dá espectáculo com recordes na piscina
▽ Daley Thompson estabelece novo recorde mundial no decatlo



A queda dos mitos



As provas de atletismo constituem o ponto mais alto, confirmando a tendência para a existência de resultados sensação e para o cair dos favoritos. Ingrid Kristiansen desiste na prova dos 10 000 metros: contrai uma lesão no pé direito aos 2800, quando segue no comando. Recordista do Mundo, sai de maca e vê a soviética Bondarenko levar o ouro em 31.05,21. A búlgara Stefka Kostadinova é «desviada» do título no salto em altura pela norte-americana, de 30 anos, Louise Ritter, que salta 2,03 metros.

A grande surpresa é a ausência do conjunto norte-americano, constituído por Dennis Mitchell, Albert Robinson, Calvin Smith e Lee McNeil, da final dos 4×100 metros. É desqualificado por irregularidade na transmissão Smith-McNeil, gorando-se a possibilidade de Carl Lewis, que alinharia na final, chegar às quatro medalhas.

No pólo oposto brilha Florence Griffith-Joyner. Vence os 100 metros, com 10,54, e os 200 metros com 21,34, ambos recordes olímpicos. Destaque também para os 4×400 metros femininos. URSS (1º) e EUA (2º) batem o recorde do Mundo, na posse da RDA desde 1984. Gelindo Bordin é o sucessor de Carlos Lopes no quadro dos vencedores da maratona, embora com um tempo nitidamente inferior ao do português.

△ Matt Biondi aproxima-se das proezas de Mark Spitz

▽ Louise Ritter "pula" 2,03 metros e estabelece novo recorde olímpico

▽ Flo Jo não dá hipóteses à concorrência nos 100 e nos 200 metros

▽ O grande escândalo foi a análise antidoping positiva de Ben Johnson

Rosa Mota ganha a medalha de ouro na maratona e fica mais uma vez demonstrado que não se pode competir com o mínimo de possibilidades de bons resultados sem os necessários apoios. Além de Rosa Mota têm nível as participações portuguesas de Yokochi (natação, 9º nos 200 metros bruços), Mário Silva e Álvaro Silva (nono nos 1500 e presença nas meias-finais dos 800 metros, respectivamente). Os outros, de onde sobressaem José Regalo meia-final dos 5000 metros e o atirador João Rebelo, não vão além de actuações bastante discretas.
A comitiva portuguesa é composta por 66 atletas indicados por 12 federações: atletismo (29), canoagem (3), hipismo (1), esgrima (3), ginástica (3), halterofilismo (1), judo (4), luta (1), natação (12), pentatlo moderno (1), tiro (3), tiro com armas de caça (2) e vela (3). A URSS e a RDA dominam os jogos, relegando os EUA para segundo plano, com um «score» de medalhas que não chega à centena. Estão em actividade 24 modalidades, repartidas por 237 provas e 9421 atletas de 160 países

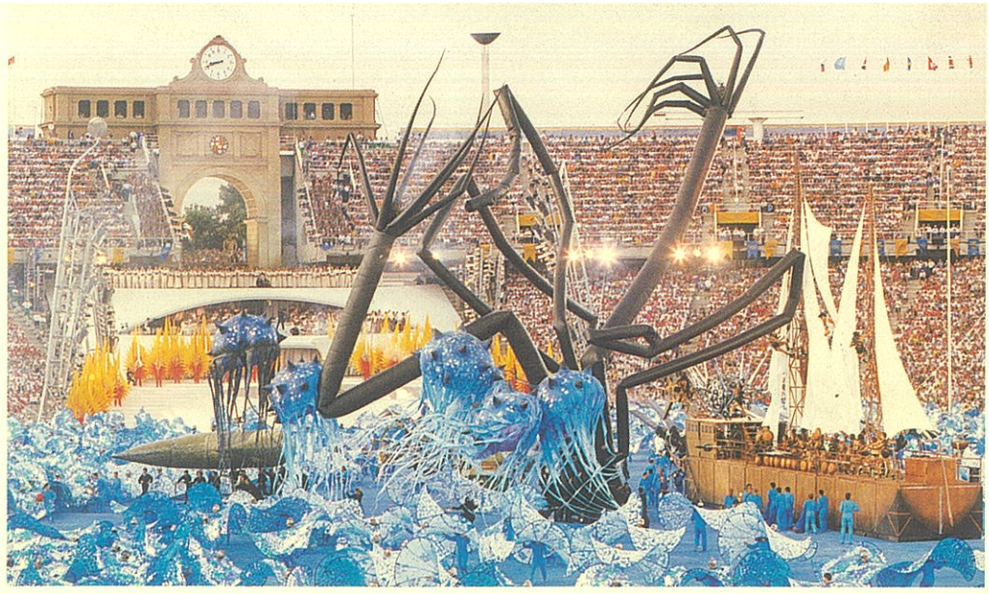
A análise positiva de Ben Johnson constitui o maior escândalo dos Jogos. Nos 100 metros faz 9,79 segundos, o que constituiria novo recorde mundial, relegando os adversários, nomeadamente Carl Lewis, por força das circunstâncias campeão olímpico, para tempos superiores aos 10 segundos

Matt Biondi (natação) é glorificado com cinco medalhas de ouro, uma de prata e outra de bronze, mas falha a proeza de Mark Spitz, que em 1972 consegue as mesmas medalhas mas com mais ouro

Shushunova e Silivas obrigam a que os novos critérios de pontuação da ginástica sejam revistos. A soviética ganha o concurso individual e a romena conquista cinco das seis medalhas de ouro na competição por especialidades, contribuindo ambas para inflacionar as notas 10

Barcelona 92

O desmembramento da URSS dá lugar à Comunidade de Estados Independentes (CEI), a África do Sul regressa, 28 anos depois, e até o conflito da Jugoslávia é ultrapassado com a presença de delegações da Croácia, Eslovénia, Bósnia Herzegovina e uma equipa conjunta da Sérvia, Montenegro e Macedónia. Portugal leva 99 representantes para 15 modalidades mas a participação é muito fraca. José Garcia consegue o melhor resultado. É sexto na final de 1000 metros em K1. A capital catalã recebe 10 563 atletas de 171 países, que actuam em 257 provas de 25 modalidades. Com uma presença bastante discreta até 92, a Espanha consegue a proeza de ser a sexta nação com mais medalhas de ouro, atrás da CEI, EUA, Alemanha, China e Cuba



Jackie, a mulher completa

«Jackie pensa que pode fazer tudo melhor do que qualquer homem ou mulher.» As palavras de Bob Kersee não andam longe da verdade e referem-se a Jackie Joyner-Kersee, vencedora do heptatlo. Aos 30 anos, a norte-americana confirma que é a atleta mais completa de todos os tempos, repetindo o êxito de 1988, em Seul. Em Barcelona ganha a sua prova e vê a amiga Heike Dreschler sagrar-se campeã olímpica no salto em comprimento, prova em que se classifica no terceiro lugar.

O brilhantismo de Jackie não leva os EUA ao topo no quadro de medalhas. A CEI aparece em primeiro lugar, apesar de a Letónia, Lituânia e Estónia terem equipas próprias. Vitaly Scherbo (ginástica) faz história. É o atleta mais medalhado da competição e faz questão de competir com a bandeira da URSS ao peito, por considerar a CEI inexistente. «Usei este equipamento porque não fazia sentido participar nos Jogos Olímpicos se não representasse alguma coisa.» Apenas numa das subidas ao lugar mais alto do pódio tem companhia. No cavalo com arções, o norte-coreano Gil Su Pae realiza a mesma pontuação (9,925). Nas paralelas, salto em cavalo e argolas é líder incontestado.

Pela primeira vez a equipa de profissionais da NBA participa nos Jogos Olímpicos. O «dream team» vence na final a Croácia por 122-76. Antes disso, consegue os seguintes resultados: Espanha (117-85), Porto Rico (115-77) e Lituânia (127-76)

Paraskevi Patoulidou conquista o primeiro título olímpico para a Grécia. Parte para Barcelona com o único objectivo de ser finalista dos 100 metros barreiras, mas com a queda de Gail Devers na última barreira ganha o ouro

Sylvie Frechette (natação sincronizada), apesar de desgostosa com a morte do namorado (suicídio pouco antes do início do certame), só não consegue ser campeã olímpica porque um dos juízes se engana ao marcar a sua pontuação. Como não são permitidas rectificações, tem de ficar com a prata

Gail Devers, recuperada de doença grave na tiróide que a levou à perda de audição, visão e memória, ganha os 100 metros com 10,82 segundos

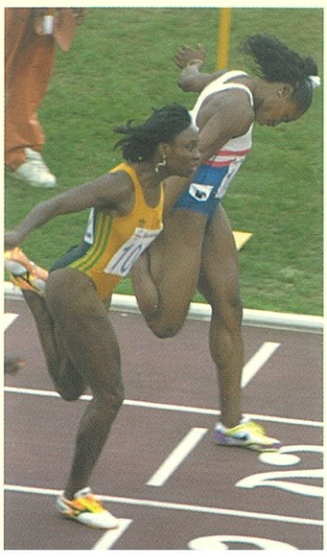
△ Momento exótico da cerimónia de abertura

△ O hóquei em patins, modalidade de exibição, não dá medalha a Portugal

◁ A grega Patoulidou surpreende nos 100 metros barreiras, com Gail Devers caída por terra

▽ Gail Devers vence os 100 metros com um escasso centésimo de vantagem

▽ Jackie Joyner-Kersee: a mulher mais ecléctica em Barcelona



À medida da América

A figura começa por não ser totalmente reconhecida mas as mãos trémulas esclarecem as dúvidas. É Cassius Clay, que acende a chama olímpica de uma competição em que os anfitriões saem claramente vencedores. Voltam ao topo dos mais medalhados, o que não acontece desde 1968, se exceptuarmos Los Angeles 84.

O resultado mais estrondoso do certame é protagonizado por Michael Johnson. Percorre os 200 metros em 19,32 segundos, tirando 34 centésimos ao recorde do Mundo. Ganha também os 400 metros. No plano feminino o maior destaque vai para a francesa Marie-José Perec, que também faz a dobradinha (200 e 400m). Entre os derrotados surgem Merlene Ottey e Frank Fredericks, que não conseguem ser campeões. Têm de contentar-se com os segundos lugares nos 100 e 200 metros. Para os britânicos são os piores jogos de sempre. Só conseguem uma medalha de ouro.

Atlanta revela enormes problemas de logística, com a Imprensa estrangeira a não perdoar. «Está a provar que qualquer país pode organizar os Jogos.» As principais falhas revelam-se ao nível dos sistemas de transporte e informático. Uma bomba, colocada no Parque do Centenário, mata duas pessoas.

△ Claudia Poll arrecada o primeiro título para a Costa Rica, batendo a alemã Van Almsick nos 200 metros livres

▽ Michael Jonhson pulveriza o recorde mundial dos 200 metros

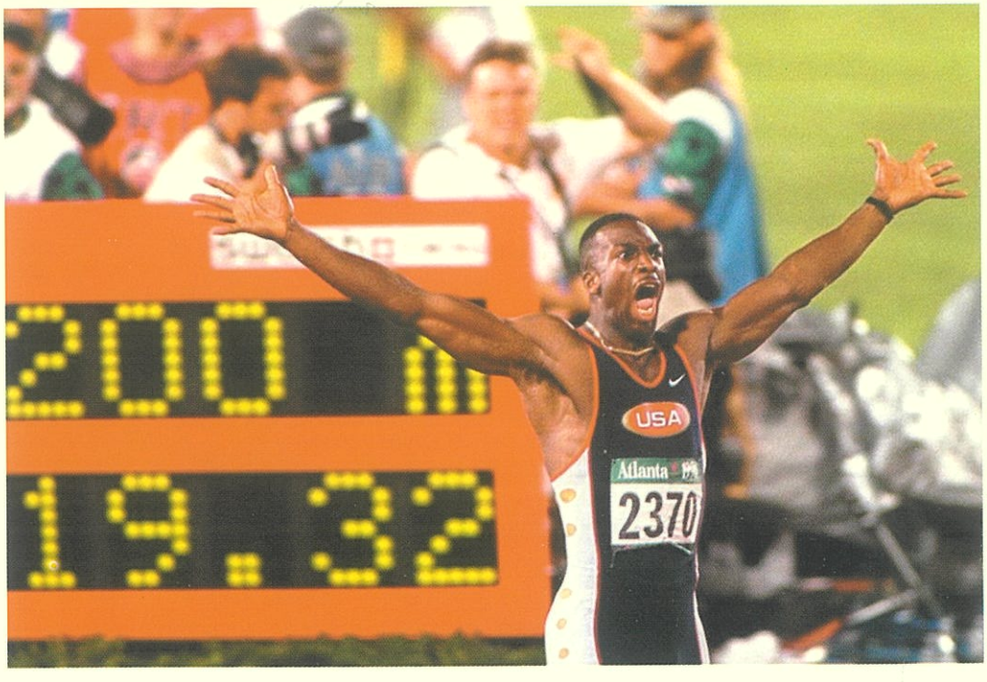
▽ A francesa Marie-José Pérec faz a dobradinha, nos 200 e 400 metros

FERNANDA RIBEIRO CONQUISTA A MEDALHA DE OURO NOS 10 000 METROS E HUGO ROCHA/NUNO BARRETO A DE BRONZE NA CLASSE 470 (VELA). PORTUGAL POR POUCO NÃO VOLTA AO PÓDIO EM MAIS DUAS OCASIÕES. MIGUEL MAIA/JOÃO BRENHA (VOLEIBOL) E A EQUIPA DE FUTEBOL FICAM EM QUARTO LUGAR. A DELEGAÇÃO NACIONAL COMPORTA 108 ATLETAS, EM REPRESENTAÇÃO DE 19 FEDERAÇÕES: ATLETISMO (31), CANOAGEM (6), CICLISMO (6), HIPISMO (2), ESGRIMA (1), FUTEBOL (19), GINÁSTICA (1), HALTEROFILISMO (1), JUDO (5), LUTAS AMADORAS (1), NATAÇÃO (12), PENTATLO MODERNO (1), REMO (4), TÉNIS (2), TIRO (2), TIRO COM ARCO (1), TIRO COM ARMAS DE CAÇA (2), VELA (9), VOLEIBOL (2). PARTICIPAM 10 788 ATLETAS DE 197 NAÇÕES. REALIZAM-SE 271 PROVAS, RESPEITANTES A 41 MODALIDADES

Penny Hayns torna-se a primeira desportista da África do Sul a conquistar um título olímpico desde 1952 – vence os 100 metros bruços com tempo recorde do mundo (1.07,83). Vence também os 200 metros bruços

Steven Redgrave, remador britânico (na companhia de Mathew Pinsent em dois sem timoneiro), ganha o quarto título em quatro Jogos. E diz: «Se voltarem a ver-me junto de uma embarcação, podem dar-me um tiro»

Claudia Poll é a protagonista do primeiro título olímpico da Costa Rica. Nos 200 metros livres bate a superfavorita Franziska van Almsick. A detentora da melhor marca do ano revelara uma forma física difícil de bater nas qualificações



Competir... ao frio

Oslo 52

A

Alemanha, RFA e Japão são readmitidos pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial. A URSS fica ausente. Os Jogos nórdicos realizam-se em Holmenkollen, uma montanha com apenas 370 metros acima do nível do mar, perto de Oslo. As mulheres participam pela primeira vez em «cross country», com a Finlândia a dominar. A Noruega recolhe mais medalhas do que qualquer outra nação (sete de ouro, três de prata e seis de bronze). Três medalhas de ouro são ganhas por Hjalmar Andersen (1500, 5000 e 10 000m). As provas são presenciadas por 130 833 espectadores. Eriksen (Noruega) ganha o primeiro slalom gigante. Entre as mulheres, é a vez de uma estrela americana brilhar: Lawrence Mead sagra-se campeã olímpica no slalom e slalom gigante. Destaque também para Jeanette Altwegg. Os relógios Longines providenciam a última tecnologia para medir os tempos.

B

Cortina d'Ampezzo 56

C

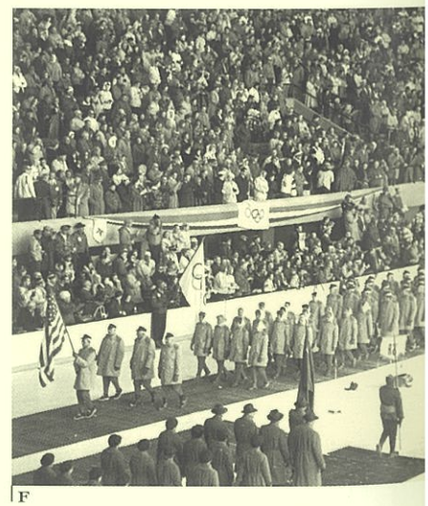
Uma das últimas decisões antes da II Guerra Mundial assegura os Jogos Olímpicos de Inverno para a cidade italiana Cortina d'Ampezzo. Viria a ser escolhida novamente em 1956. Competem 31 outras equipas além da do país organizador, incluindo uma representativa das duas Alemanhas. São vendidos 143 401 bilhetes e os Jogos são televisionados pela primeira vez. O impacto das transmissões não é muito grande, visto que estas só incluem a Itália, onde apenas um terço das pessoas possuem televisão. A URSS ganha sete medalhas de ouro, duas das quais por Yevgeny Grishin, mais três de prata e seis de bronze. A estrela individual é o australiano Tony Sailer, de 20 anos, que conquista as três medalhas de esqui alpino, o que nunca acontecera antes.

D

Squaw Valley 60

E

Squaw Valley ganha a Innsbruck numa votação renhida do COI (32 votos contra 30). O certame vê-se rodeado de escândalos, envolvendo fundos governamentais e a decisão de não construir uma pista de bobsleigh, baseada na relutância de as equipas europeias desta modalidade se deslocarem à Califórnia. São introduzidas duas novas modalidades: patinagem de velocidade feminina e biatlo. A URSS alcança o maior número de medalhas: sete de ouro, cinco de prata e nove de bronze. Na patinagem artística, destaque para Carol Heiss que, sem ser profissional, conquista a medalha de ouro, cumprindo uma promessa feita à mãe no leito de morte. No entanto, o grande momento para os norte-americanos é a final do torneio de hóquei no gelo, que vencem com um golo no último período de jogo frente à poderosa URSS. A França apresenta esquis de metal, mas a inovação não traz o sucesso esperado. Há a registar apenas o ouro para Jean Vuarnet e o bronze para Guy Perillat, na descida.



F

A americana Lawrence Mead vence o slalon gigante e reúne a simpatia entre os jovens noruegueses (A e B) em 1952. Quatro anos volvidos, o austríaco Toni Sailer (C) domina o esqui alpino em todas as frentes, comparecendo três vezes num pódio pitoresco (D). Os Estados Unidos vencem o hóquei em gelo (E), em 1960, ano em que os Jogos são inaugurados (F) por Richard Nixon

Innsbruck 64

São os primeiros Jogos de Inverno em que os proventos televisivos constituem o principal alicerce governamental. A ABC paga um milhão de dólares pelos direitos de transmissão para os EUA, uma inflação incrível relativamente a 1960, em que a CBS paga apenas 50 mil. A organização espera uma competição discreta, mas as participações excedem as expectativas iniciais: 36 países e 1091 atletas. A cobertura mediática cresce em proporções também avassaladoras: 1164 jornalistas contra 379 de Squaw Valley. A IBM monta um centro de computação na Universidade de Innsbruck. É introduzida a modalidade de trenó «luge». A prova fica marcada pela morte do esquiador australiano Ross Mine ao embater numa árvore.

Grenoble 68

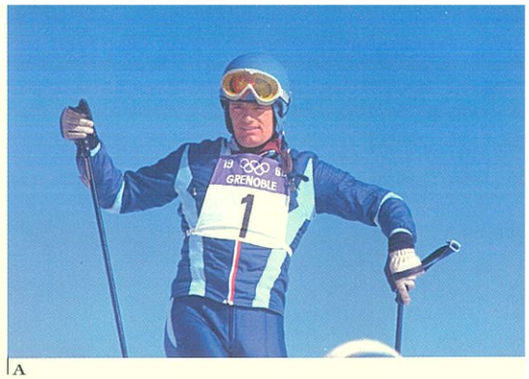
Charles De Gaulle preside à cerimónia de abertura. O patinador artístico Alain Calmat leva a tocha olímpica com um microfone que propaga pelo estádio o bater do seu coração. Grenoble, situada a 214 metros acima do nível do mar, não tem neve, o que faz com que os eventos sejam repartidos por locais que distam até 65 km. Alguns críticos dizem que se trata de «sete campeonatos do mundo» e não de um festival olímpico.
Pela primeira vez as mulheres têm de realizar testes de feminilidade. Inovadores são também os 86 controlos antidoping. Nenhuma acusa positivo. Os alemães competem em equipas separadas, ainda que com a mesma bandeira: negra, amarela e vermelha com os anéis olímpicos. Para os franceses a grande figura é Jean-Claude Killy, que vence três medalhas de ouro no esqui alpino. A Noruega consegue o maior número de medalhas: seis de ouro, seis de prata e duas de bronze. O italiano Eugenio Monti, de 40 anos, compete pela terceira vez e consegue duas medalhas de ouro nas provas de bobsleigh para dois e quatro tripulantes.

Sapporo 72

Pela primeira vez os Jogos de Inverno realizam-se na Ásia. Inscrevem-se 1006 atletas (800 homens e 206 mulheres) de 35 nações e realizam-se 36 provas em seis modalidades. Adrianus «Ard» Schenk (Holanda) e Toini Gustafsson (Suécia) são os mais medalhados (três), embora o primeiro leve vantagem porque todas as medalhas são de ouro. Sapporo é palco de um dos momentos de maior controvérsia de toda a história olímpica.
O motivo da discórdia é mais uma vez a questão do profissionalismo «versus» amadorismo, colocando de um lado o presidente cessante do COI e do outro a generalidade dos esquiadores. A três dias do início da prova, o presidente do COI ameaça desqualificar 40 esquiadores por se apresentarem com apoios de marcas de material desportivo. Acaba por prevalecer uma outra solução: o Comité Executivo decide, por maioria, excluir o vencedor da última edição da Taça do Mundo, o austríaco Karl Schranz, acusado de receber dinheiro por testar equipamentos de esqui.

Innsbruck 76

Os Jogos estão marcados inicialmente para a cidade norte-americana de Denver mas, a quatro anos da competição, um referendo realizado no Colorado dá o triunfo à «não» participação de dinheiros estatais nas despesas de organização. Perante esta resolução, Denver desiste, levando o COI a solicitar a Innsbruck mais uma realização do certame. A URSS arrecada o maior número de medalhas, logo seguida pela RDA. A soviética Tatiana Averina, patinagem de velocidade, é a atleta mais premiada, com duas medalhas de ouro e duas de bronze.



A

B

C

Jean-Claude Killy, a competir «em casa», soma três títulos no esqui alpino (A) em 1968, data do começo dos testes de feminilidade que não apoquentam Peggy Fleming (B). No Japão, em 1976, a patinagem no gelo é dominada por soviéticos e alemães orientais (C)

A

B

C

Lake Placid 80

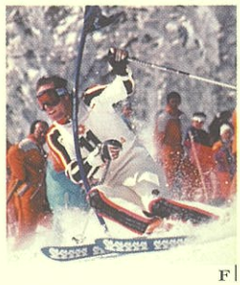
D

Em Dezembro de 1979, a União Soviética invade o Afeganistão e alguns meses depois o presidente Jimmy Carter anuncia o boicote dos EUA aos Jogos de Verão, em Moscovo. A tensão política não afecta, contudo, a competição. Os EUA vingam-se no hóquei no gelo com a vitória, na final, sobre os rivais comunistas.
URSS e RDA fomentam um duelo sobre a conquista do maior número de medalhas possível, numa competição aberta pelo vice-presidente norte-americano Walter Mondale. Os soviéticos asseguram dez e os alemães de Leste nove. O norte-americano Eric Heiden (corridas de patins) ganha cinco títulos (500, 1000, 1500, 5000 e 10 000m), concentrando sobre si todas as atenções. A família Heiden é, aliás, muito bem representada. Beth assegura o bronze nos 3000 metros (corridas de patins). Participam 1072 atletas (839 homens e 233 mulheres) de 37 países. Realizam-se 37 provas referentes a seis modalidades.

E

Sarajevo 84

A 8 de Fevereiro, a chama da paz chega a Sarajevo. Sessenta anos após Chamonix, é a primeira vez que um país governado por um partido socialista recebe os Jogos de Inverno. Na cerimónia de abertura participam 1274 atletas (1000 homens e 274 mulheres) de 49 nações. Marja-Lisa Hamalainen (Fin) soma quatro medalhas, sendo três de ouro. Gunde Anders Svan (Suécia) consegue quatro de ouro. Nikolai Zimyatov, com a participação em Sarajevo, soma cinco medalhas em esqui de fundo (quatro de ouro e uma de prata) em duas edições dos Jogos Olímpicos (1980 e 1984).

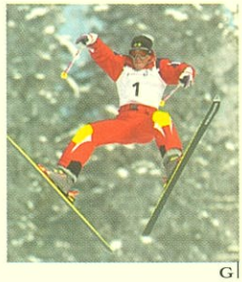

F

Calgary 88

Portugal leva cinco atletas a Calgary. António Reis, João Poupada, Jorge Magalhães, João Pires e Rogério Fernandes (emigrantes no Canadá). Disputam bobsleigh de 4 e bobsleigh de 2, mas as prestações são bastante modestas. Participam 57 nações e 1423 atletas (1110 homens e 313 mulheres). Matti Nykanen (Finlândia) é a grande figura no sector masculino. Valery Medvedtsev (URSS) e Vladimir Smirnov (URSS) também conquistam três medalhas, só que não são todas de ouro. Nas mulheres, destaque para Yvonne van Gennip (Holanda), campeã olímpica três vezes. Christina Rothenburger (RDA), patinagem de velocidade, conquista o ouro. Torna-se na única atleta a ser medalhada no mesmo ano em edições de Jogos Olímpicos de Inverno e Verão. No Verão conquista uma medalha de prata em ciclismo.

Albertville 92

As profundas modificações políticas na Europa de Leste não atingem os terceiros Jogos Olímpicos de Inverno realizados nos Alpes franceses. Portugal figura entre os 64 países participantes. George Mendes, jovem emigrante de 17 anos, filho de pais minhotos, preparava-se para competir na disciplina de slalom supergigante, mas é impedido por uma lesão. A instância escolhida testemunha o regresso de uma equipa alemã única, ao mesmo tempo que regista o aparecimento da CEI, equipa herdeira da URSS. Os germânicos são os que regressam a casa com o maior número de medalhas (um


G

total de 26, dez delas de ouro), mas são duas atletas da CEI a conseguir o maior número de subidas ao pódio: Lyubov Egorova (três de ouro e duas de prata) e Elena Valbe (uma de ouro e quatro de bronze).
Destaque para a norte-americana Kristi Yamaguchi na prova individual de patinagem artística. Desde 1968 que nenhuma americana ganhava. Há a assinalar, pela negativa, a morte de Nicolas Bochatay, esquiador de velocidade. Duas horas antes da final, durante um treino, perde o equilíbrio e sai da pista indo embater numa máquina niveladora da neve. É a última vez que os Jogos de Inverno decorrem no mesmo ano que os de Verão.

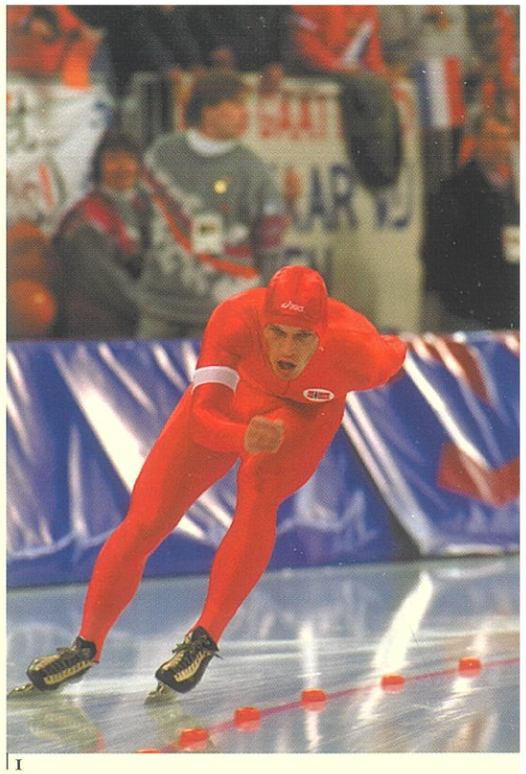
Lillehammer 94

H

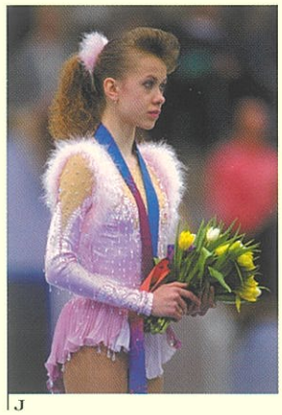
A exibição da norte-americana Nancy Kerrigan no programa técnico da patinagem artística feminina marca o dia 23 de Fevereiro. Menos de dois meses após uma agressão com barra metálica a ter impedido de defender o título nos Campeonatos dos EUA, cumpre o regresso à competição com um desempenho de alto nível. A grande derrotada é Tonya Harding, que com exibição medíocre comete dois erros, não indo além do 10º no programa técnico.
Pela primeira vez as ex-repúblicas soviéticas competem cada uma por si. A Noruega é o país que conquista o maior número de medalhas (dez de ouro, onze de prata e cinco de bronze). O patinador Olav Koss depressa se transforma num herói, fruto das vitórias consecutivas nos 5000, 1500 e 10 000 metros. A alemã Katerina Witt não resiste e volta aos Jogos. Começa bem com o programa obrigatório, mas é sucessivamente ultrapassada até ficar em sexto lugar. Participam 1905 atletas (1474 homens e 531 mulheres) de 64 nações.

Nagano 98

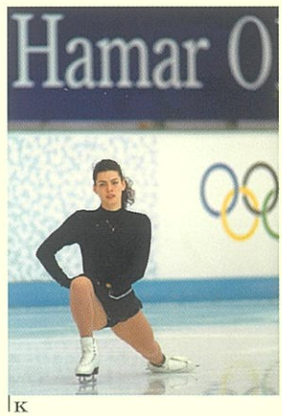
Realizados em Fevereiro, registam a maior presença de sempre quanto ao número de atletas – cerca de 3000 contra os 258 em Chamonix em 1924. Portugal apresenta uma comitiva de dois elementos: o patinador de velocidade Fausto Marreiros e a esquiadora acrobática Mafalda Queirós Pereira. O primeiro é penúltimo entre 32 concorrentes nos 5000 metros e a segunda fica em 21º lugar na fase preliminar, apesar de alcançar boas classificações na parte aérea (4ª no salto inicial). Larissa Lazutina (Rússia) é a atleta mais premiada. Conquista cinco medalhas em esqui (três de ouro, uma de prata e uma de bronze), seguida por Bjorn Daehlie, com quatro subidas ao pódio (três de ouro, uma de prata). Olga Danilova dá à Rússia a centésima medalha nos Jogos Olímpicos de Inverno – a primeira pertence ao patinador artístico Nikolai Kolomenki, em 1908.



I



J



K

O duelo entre americanos e soviéticos no hóquei em gelo (A e B) ofusca as cinco medalhas de ouro de Eric Heiden (C) nas corridas. Englobada na Jugoslávia, Sarajevo acolheu a edição de 1984 (D), onde o esqui (F) volta a proporcionar belas imagens, tal como em Albertville (G). O bobsleigh (E) contou com a participação lusa em 88, mas com resultados modestos. Em 1994, Kristy Yamagushi (H) mantém-se indiferente à polémica entre a «cinderela» Nancy Kerrigan (K) e Tonya Harding (J), a «má da fita». O norueguês Koss (I) «voa» nas corridas de Lillehammer. Em Nagano (L), a Rússia (M) conquista a medalha número 100

L

M

Desporto para Deficientes

A Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes (FPDD) é constituída por escritura pública a 7 de Dezembro de 1988. Tem como objectivo a promoção e desenvolvimento da prática cumulativa de diversas modalidades desportivas destinadas a pessoas portadoras de uma ou mais formas de deficiência. Congrega diversas Associações Nacionais de Desporto por Deficiência, como a ACAPO (Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal), ANDEMOT (Associação Nacional de Desporto para a Deficiência Motora), ANDDEM (Associação Nacional de Desporto para a Deficiência Mental), APPC (Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral) e LPDS (Liga Portuguesa de Desporto para Surdos). Representa também as cerca de 200 entidades filiadas nas associações e que se dedicam ao fomento da prática de desporto para deficientes. É dotada do Estatuto de Utilidade Pública Desportiva desde 21 de Outubro de 1995

Desportos paralímpicos

	A	B	C	D	E
Atletismo	×	×	×	×	×
Basquetebol		×	×	×	
Boccia				×	
Bowling		×	×	×	
Ciclismo	×	×	×	×	
Equitação		×	×	×	
Esgrima		×	×	×	
Futebol				×	
Goalball	×				
Powerlifting		×	×	×	
Judo	×				
Natação	×	×	×	×	×
Ténis		×	×	×	
Ténis de mesa		×	×	×	
Tiro c/ arco		×	×	×	
Tiro		×	×	×	
Voleibol		×	×	×	

A – Cegos
B – Paraplégicos/Tetraplégicos
C – Amputações
D – Paralisia cerebral
E – Doenças Mentais

[Palmarés no Arquivo]

Reabilitação física e psicológica

O desporto organizado para deficientes é relativamente recente. Apesar de existirem registos da criação de clubes para deficientes já nos finais do séc. XIX, é só em 1944 que este deixa de ser encarado como mera actividade de ocupação de tempos livres. O grande responsável por esta mudança é o neurocirurgião Ludwig Guttmann, que a ele recorre para recuperar fisicamente as vítimas da II Guerra Mundial no Hospital de Stoke Mandeville, em Aylesbury, Inglaterra. Ao verificar a importância do desporto na reabilitação física e psicológica das pessoas tratadas, parte para uma iniciativa revolucionária. Organiza, em 1948, os Primeiros Jogos Nacionais de Stoke Mandeville, fazendo-os coincidir com os XIV Jogos Olímpicos de Londres.

O sucesso da iniciativa leva à organização dos primeiros Jogos Internacionais, em 1952, na mesma data dos Jogos Olímpicos de Helsínquia. A partir daqui nasce a ISMGF (International Stoke Mandeville Games Federation), que se torna na ISMWSF (International Stoke Mandeville Wheel Chair Sport Federation – Federação Internacional de Desporto em Cadeiras de Rodas de Stoke Mandeville), entidade que leva a cabo a I Edição dos Jogos Paralímpicos de Roma, em 1960, mesma data dos Jogos Olímpicos da capital italiana. Entre os atletas lusos destacam-se Paulo Coelho e Carlos Lopes, no atletismo, e Susana Barroso, na natação.

Susana Barroso

Susana Barroso é uma das histórias de sucesso do desporto paralímpico português. A nadadora três vezes campeã mundial começa a praticar a modalidade por indicação médica, já que padece de um problema congénito degenerativo muscular. Começa no Sporting e, em 1991, inicia o trabalho de alta-competição, acompanhada pelo treinador Luís Silva.

O seu dia-a-dia é repartido entre o trabalho de empregada de escritório e os treinos no GES Loures. Uma rotina desgastante, cumprida unicamente pelo «amor ao desporto», já que a mensalidade de 30 contos não chega sequer a ser um incentivo. Valem-lhe o apoio da família e os «momentos especiais» aqueles em que, mal-grado a escassez de apoios e todas as dificuldades acrescidas por que passa um atleta paralímpico, consegue vencer.

Susana Barroso vive um desses momentos no Campeonato do Mundo de Malta, em 1994, quando conquista três medalhas de ouro (50m livres, 50m costas e 100m livres). Triunfos que, à distância, lhe trazem alguns amargos ao ser confrontada com os 62 contos e quinhentos que recebe como prémio pela conquista de uma medalha de bronze nos últimos europeus.

Bilhete de Identidade

Susana Cristina Carvalheira Barroso
Lisboa, 10 de Junho de 1974

Como atleta
CLUBES
Sporting e GES Loures
PALMARÉS
3 vezes campeã mundial 1994 (50m livres, 50m costas e 100m livres). 2 vezes campeã europeia 1995 (100m livres e 50m costas). 2 vezes vice-campeã paralímpica 1996 (50m livres e 50m costas). 2 vezes vice-campeã mundial 1998 (50m livres e 50m costas). 3 vezes vice-campeã europeia 1995 (50m livres) e 1997 (50m costas e 50m livres). 3ª nos paralímpicos 1992 (50m costas) e 1996 (100m livres). 3ª no europeu 1991 (50m livres)

Carlos Lopes

«A pessoa cega não pode cair na tentação de se fazer de coitadinha». Palavras de um campeão. Carlos Lopes não nasce invisual. Mantém alguma acuidade visual até, sensivelmente, aos 18 anos, altura determinante da sua vida pois entra na Universidade, vem para Lisboa e, pela primeira vez, tem de enfrentar aquilo que hoje em dia minimiza como «apenas mais uma característica»: a cegueira. Através de colegas da faculdade toma conhecimento da existência de uma equipa de atletismo na Associação de Cegos Louis Braille (mais tarde ACAPO). Começa a treinar, a denotar capacidades e a recuperar a confiança que o estigma de ter de usar bengala, coisa que sempre dispensara, lhe tinha momentaneamente retirado. Começa uma história de sucessos. Conquista de dois títulos paralímpicos e sete de campeão mundial entre outros, sempre correndo os 200, 400 e 800 metros. Além dos troféus há coisas que não se esquece, como o rugido ensurdecedor da multidão no estádio olímpico de Montjuic, ou a vitória, em 1998, dos 800 metros, depois de dois anos atormentado por lesões.

Bilhete de Identidade

Carlos Manuel da Conceição Lopes
Lisboa, 7 de Novembro de 1968

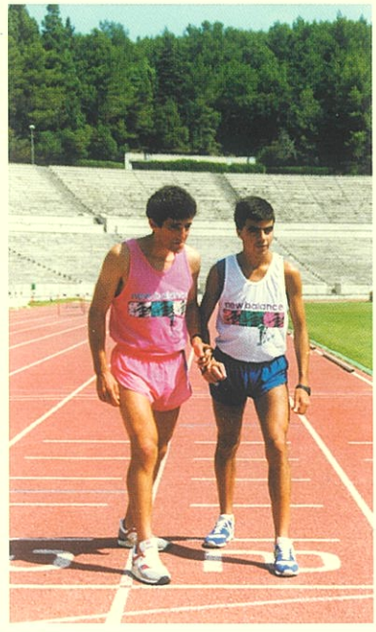
Como atleta
CLUBES
Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO)

PALMARÉS
2 vezes campeão paralímpico 1992 (200m e 400m). 7 vezes campeão mundial 1990 (200m, 400m, 800m), 1994 (200m e 400m), 1998 (800m e 4×400m). 4 vezes campeão europeu 1991 (400m e 800m), 1993 (400m), 1995 (ouro). 4 vezes vice-campeão europeu 1989 (800m), 1991 (200m), 1995 (200m) e 1997 (800m). 3º nos Paralímpicos 1996 (400m). 3º no Mundial 1998 (400m). 3º no Europeu 1993 (200m) e 1997 (400m). 2 vezes recordista mundial 400m 1992 (52.60) e 1994 (51.97). Recordista mundial 200 m 1994 (23.81). Recordista mundial 4×400m 1998 (3.27,89)

Paulo Coelho

Está exausto. A aposta é correr os 1500 metros, os 5000 metros e os 800 metros dos paralímpicos de Atlanta e duas medalhas de ouro, a dos 1500 e dos 5000, já lhe pesam no peito... e nas pernas. É o derradeiro dia da sua participação. Por volta das nove da manhã, emprega o resto da sua força para conseguir mais uma medalha. Resta-lhe descansar e preparar-se para daí a algumas horas tentar vencer a fadiga e arrebatar mais uma medalha e ouvir o hino, uma sensação especial para quem é completamente cego desde os 14 anos de idade.
Em 1987, nos tempos de liceu, por intermédio de uma amiga toma conhecimento das actividades desportivas promovidas pela ACAPO. Opta pelo atletismo porque é o que lhe «dá mais gosto», e conhece o primeiro treinador, José Santos. A primeira vitória internacional acontece na prova de 1500 metros dos Jogos Paralímpicos de Barcelona, em 1992. Outros sucessos se seguem. Entre os mais importantes estão dois títulos paralímpicos e quatro mundiais.

Em Atlanta 96, acusando o esforço despendido, faz a corrida nos lugares de trás, pelo menos até aos derradeiros 250 dos 800 metros, quando, num «sprint» fenomenal, ultrapassa quase todos os seus adversários, chegando ao segundo lugar.



Bilhete de Identidade

Paulo Alexandre Almeida Coelho
Lisboa, 4 de Janeiro de 1971

Como atleta
CLUBES
Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO) e Belenenses

PALMARÉS
3 vezes campeão paralímpico 1992 (1500m) e 1996 (1500m e 5000m). 4 vezes campeão mundial 1994 (5000m, 1500m e 800m) e 1998 (5000m). 6 vezes campeão europeu 1993 (5000m e 1500m), 1995 (5000m e 800m) e 1997 (5000m 1500m,). 2 vezes vice-campeão paralímpico 1992 (5000m) e 1996 (800m). Vice-campeão europeu 1995 (1500m). 3º nos Jogos Paralímpicos 1992 (800m). Recordista paralímpico 1500m 1996 (4.08,52) e 5000m 1996 (16.04,28)

Dos tempos da Mocidade

Sediado na Mocidade Portuguesa, o desporto escolar dá os seus primeiros passos. Após o 25 de Abril, passa a ter sede no Ministério do Desporto, situação mantida até 1996, momento em que é criado o Gabinete do Desporto Escolar (GCDE), instituído no Ministério da Educação. É um projecto que visa uma integração ideal do estudante no mundo do desporto, em consonância com as suas responsabilidades escolares. É organizado por zonas: Norte, Centro, Lisboa, Alentejo e Algarve. Cada um dos centros regionais tem a seu cargo uma série de centros de área educativa denominados por CAE, que por sua vez determinam a actividade desportiva aos CDE (clubes de desporto escolar), sediados nas escolas.

Nas várias vertentes do desporto escolar, existem as seguintes distinções: com quadro competitivo nacional, sem quadro competitivo nacional, equipas com projecto especial e equipas federadas. No que diz respeito ao tipo de competições, há uma série de restrições. Nas modalidades colectivas não é possível a participação de atletas federados. Já nas individuais é permitida a entrada de federados, ainda que tenham classificações distintas dos «não federados».

No domínio das competições internacionais realizam-se dois campeonatos do Mundo. A FISEC (Federação Internacional de Desporto Escolar Católico) organiza Mundiais, abertos a todas as modalidades. A organização da edição 1999 pertence a Portugal. O ISF (International Sport Federation) tem à sua responsabilidade os Mundiais por modalidades. Em 2000 o judo marcará presença em Matosinhos.

As verbas destinadas ao desporto escolar provêm do totoloto, 650 mil contos anuais, não sendo atribuído pelo Ministério da Educação qualquer financiamento.

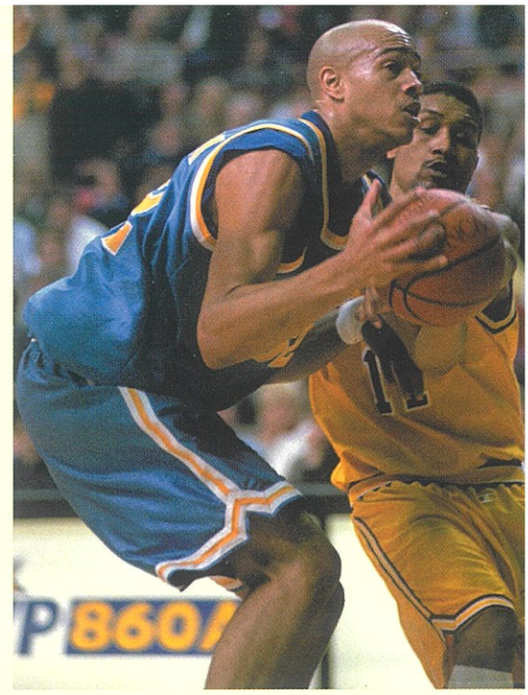
Craques não faltam

A FADU, fundada a 20 de Março de 1990, é a entidade organizativa dos campeonatos universitários nacionais. Antes é a Reitoria do Estádio Universitário de Lisboa que tem esta função. Existem também os campeonatos regionais universitários (CRU), organizados pelas associações académicas de cada cidade capital de distrito, e respectivas SAD (secções autónomas de desporto).

O desporto universitário comporta variantes de alto rendimento. O judo, natação e o atletismo são as mais representativas. Quer em Campeonatos do Mundo por modalidades, quer em Universíadas, Portugal tem um palmarés respeitável.

Dos atletas de renome, surge Carla Sacramento, com uma medalha de prata nas Universíadas da Sicília, em Itália, onde António Travassos conquista em natação uma medalha de bronze. Nuno Fernandes, no salto em altura, conquista uma medalha de bronze em Fukuoka, no Japão.

Em campeonatos do mundo de modalidades, o judo é a prova-rainha para os portugueses. Pedro Soares e Guilherme Bentes, com bronze e prata nos campeonatos mundiais universitários no Canadá. Na República Checa, na mesma modalidade, são alcançadas mais 4 medalhas de bronze, o destaque vai para Guilherme Bentes com uma medalha de ouro, na categoria de –73 Kg.



Até Eusébio!

A força do desporto militar é comprovada pelos números: 154 medalhas ganhas por atletas militares nos Jogos Olímpicos de Atlanta, 55 delas de ouro. Nas competições militares, Portugal possui um currículo invejável, a que correspondem já 45 medalhas. O corta-mato soma nove medalhas de ouro: seis com a selecção e as outras através de João Campos, António Maravilha e João Junqueira, nomes grandes do corta-mato português. Na selecção militar de futebol jogam, nos anos 50 e 60, os melhores jogadores do campeonato, Eusébio incluído. Em 1958, Portugal é campeão (jogam Hernâni, Coluna e Arcanjo, treinados por Otto Glória) e entre 1954 e 1959 o pior lugar alcançado é um terceiro. Encontram-se também bons resultados no tiro, atletismo e equitação. Durante muito tempo, modalidades como o triatlo, pára-quedismo, pentatlo e pentatlo moderno, orientação, tiro e equitação são praticadas quase em exclusivo pelos militares.

Desporto Militar

O CONSELHO INTERNACIONAL DO DESPORTO MILITAR É FUNDADO EM 18 DE FEVEREIRO DE 1948, COMO EVOLUÇÃO DO ANTIGO CONSELHO DOS DESPORTOS DAS FORÇAS ALIADAS. PORTUGAL ADERE A ESTE ORGANISMO A 9 DE OUTUBRO DE 1954. EM 1980, A COMPETIÇÃO ALARGA-SE AO SEXO FEMININO. EM 1999, O DESPORTO MILITAR REALIZA CAMPEONATOS DO MUNDO EM 25 DISCIPLINAS

Desportos Radicais

1989 – Primeiro Campeonato Nacional de skate

1992 – Surge a estação televisiva SIC e o programa «Portugal Radical», que mais tarde dá origem ao programa de rádio com o mesmo nome

1993 – Primeiro Campeonato Nacional de skimboard

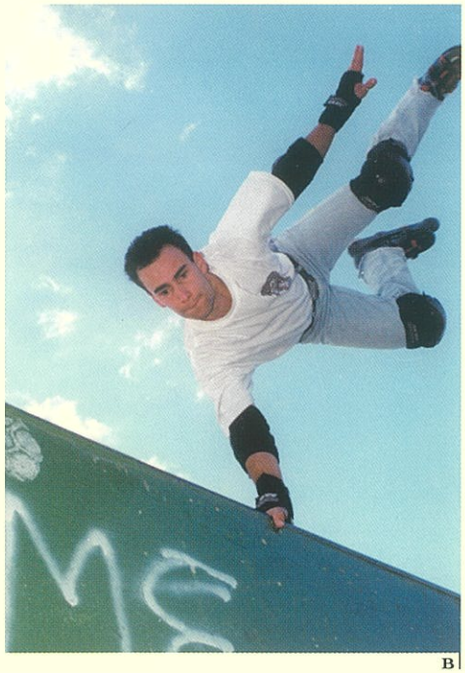
1994 – Não se realiza o Campeonato Nacional de skate por falta de patrocínios

1996 – Miguel Santos vence o Europeu de skimboard

1997 – Realização do primeiro Campeonato Nacional de inline e de snowboard

1998 – Lino Curado sagra-se campeão europeu de skimboard

A



B

Na onda

Os desportos radicais representam a forma irreverente de praticar desporto, identificada com uma cultura jovem e a paixão pela aventura como modo de vida. Sob o adjectivo radicais, podemos encontrar desportos que nascem como disciplinas de modalidades já existentes. Estão neste caso o skimboard, snowboard, skate, patins em linha e BTT.

Skimboard – O skimboard ou skimming, praticado com uma pequena prancha de madeira ou de fibra, consiste em deslizar sobre a água à beira-mar. O desempenho do atleta depende da existência de uma fina camada de água, que o impeça de encalhar na areia ou de afundar a prancha. Divide-se em duas variantes: o skimming de costa e o skimmimg de ataque. A primeira tem por objectivo simplesmente deslizar à beira da água, na segunda desliza-se ao encontro das ondas.
Este desporto tem cerca de 20 anos e surge na Califórnia, pela mão de Tex Haines, campeão mundial de veteranos e dono da maior empresa de pranchas de skimboard do mundo. Chega à Europa em meados de 80. Em Portugal, Miguel Rato é o impulsionador do sucesso atingido nos primeiros anos de 90, proporcionado também pela divulgação televisiva do programa «Portugal Radical».
Em 1993, João Barreiros ganha o primeiro título nacional. Hugo Silva vence em 1994 e em 1995, Miguel Santos nos dois anos seguintes e Lino Curado em 1998. O Campeonato do Mundo tem sido dominado por Bill Bryan (EUA), cinco vezes campeão, numa série apenas interrompida em 1996, para George Bryan. Nos Europeus, os portugueses Miguel Santos e Lino Curado são campeões em 1996 e 1998, respectivamente. Em femininos, destaca-se Joana Ferreira, vencedora dos Nacionais de 1995, 1996 e 1998, campeã europeia em 1996 e europeia e mundial em 1998. A principal adversária é Maria João Rebelo, que ganha o Nacional em 1997 e é campeã mundial em 1996 e 1997.

C

Snowboard – O snowboard é uma modalidade olímpica semelhante ao surf praticado na neve, tendo por essa razão entusiastas surfistas e de outros desportos radicais. Integra várias disciplinas: o slalom (corridas com portas de passagem), saltos, «halfpipe» e «boarder cross».
Em Portugal, começa a ganhar expressão no início dos anos 90, estando integrado na Federação Portuguesa de Esqui. A Federação de Snowboard Portuguesa (FSP), em actividade desde 1996, tem cerca de 250 inscritos e organiza provas, mesmo não sendo reconhecida pela Federação Internacional de Ski (FIS). Existe um diferendo com a Federação Portuguesa de Esqui (FPE) desde 1996. A este propósito, diz Manuel Machado, presidente da FPE, a **Record**, no dia 9 de Maio de 1999: «Só as federações que tenham atletas de snowboard que estejam filiadas na FIS é que têm acesso aos Jogos Olímpicos. Há uma pseudofederação, que não está legalizada, mas faz provas do campeonato, o que não pode acontecer, pois não tem Estatuto de Utilidade Pública Desportiva.»
Em 1997, no único Campeonato Nacional disputado, Ulisses Camões é o vencedor de slalom e Ricardo Araújo o de saltos. Patrícia Lopes, tricampeã nacional de surf, vence a prova de slalom. Entre os maiores atletas mundiais figuram Ross Rebagliati, Peter Line, Mark Fawcett, Tina Basich, Karine Ruby e Eva Sandelgard.

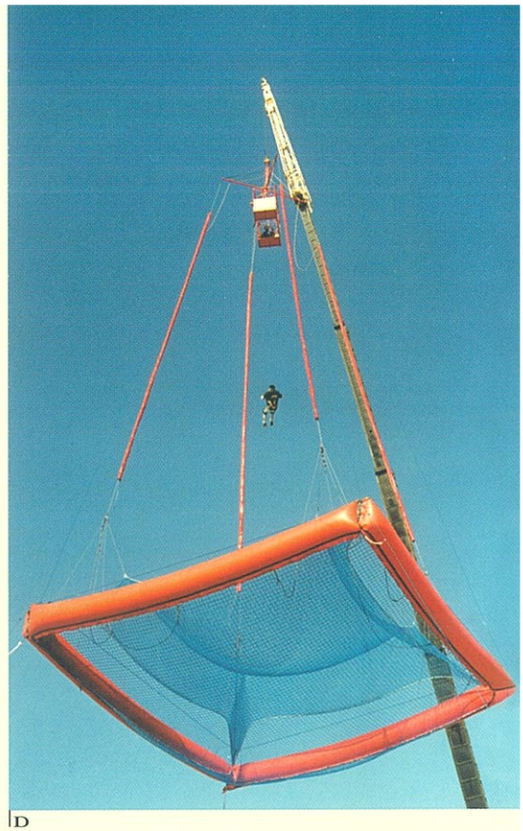
Skate – O skate surge nos anos 60 como derivação do surf e divide-se em várias disciplinas: «halfpipe», «pool» e «street». Em Portugal, o brasileiro Henrique Pereira, proprietário de uma firma de equipamento, dá um «empurrão» na organização de provas. Desde 1989,

realizam-se campeonatos nacionais na variante de «street» praticada com rampas e obstáculos que existem na rua.
Ricardo Fonseca é tetracampeão nacional (1995 a 1998) e o português que mais se tem distinguido em provas internacionais. Em 1998, consegue um sexto lugar no Europeu em França e o prémio para a melhor manobra da competição. Entre os melhores «skaters» mundiais encontram-se Tony Hawk, Steve Caballero, Jeremy Wray e Colin McKay. Tony Hawk (EUA) é o maior nome de sempre da modalidade, vitorioso nas mais importantes provas. É na disciplina de «halfpipe» que mais evidencia a sua invulgar técnica e criatividade.

Patins em Linha – Em 1980, dois jogadores americanos de hóquei aproveitam os patins em linha para treinar e fazem-lhes algumas alterações. Um uso que acaba por se estender aos treinos de esquiadores. Em 1994, a Rollerblade, principal fabricante e impulsionadora do desporto, desenvolve um novo sistema de travagem para melhor controlo da velocidade. Paralelamente, a empresa utiliza campanhas publicitárias agressivas e aumenta a oferta de produtos, que permitem a existência de várias disciplinas: «street», «halfpipe», «slalom», descida, salto em altura, «fitness», dança, aeróbica, todo-o-terreno e «street» hóquei.
Desde 1997, o Clube Português de Inline organiza os campeonatos nacionais de «street». No primeiro ano, Rodrigo Canelas e Raquel Correia sagram-se campeões. Pedro Ferraz e Raquel Dias vencem os títulos de 1998. Em presenças internacionais, Bruno Monteiro e André Sousa classificam-se em 14º e 16º, respectivamente, em Lausanne, no International Inline Contest. Na mesma prova, em 1998, Raquel Dias fica em sétimo lugar. No Supercontest de Barcelona, em 1997, André Sousa é sexto em «street» e sétimo em «halfpipe». Entre os principais patinadores mundiais distinguem-se Rene Hulgreen (Dinamarca), Matt Salerno (Austrália) e Fabíola da Silva (Brasil).

BTT – É disciplina olímpica desde 1996. Em Portugal, as competições de bicicletas de todo-o-terreno existem desde finais da década de 80 e integram quatro variantes: «cross country», «down hill», trial e dual. Disputam-se campeonatos masculinos e femininos de «cross country» e «down hill».
Em 1998, Miguel Brito e Ana Valido sagram-se campeões de «cross country» e Luís Sousa e Natália Mendes de «down hill». Entre as melhores participações internacionais estão as vitórias em «cross country» de Ricardo Ribeiro em sub-23, no Open de Madrid, e de Carlos Rosa em juniores, no Open da Andaluzia. A lista de melhores atletas internacionais inclui nomes como Christophe Dupouey (França), Christoph Sauser (Suíça), Cadel Evans (Austrália), Paola Pezzo (Itália) e Alison Sydor (Canadá). Nicolas Vouilloz (França) e Anne Chausson (França) distinguem-se em «down hill».

Jogos de Praia – No Verão de 1999 são organizados os primeiros campeonatos de jogos de praia, sob a designação de Beach Games. O evento integra competições de surf, bodyboard (prova incluída no circuito europeu profissional deste desporto), râguebi e vólei de praia, skate e BMX em «halfpipe».
Entre os jogos de praia inclui-se ainda a wakeboard. Modalidade recente associada ao surf, é uma forma de esqui praticado com prancha. Permite a exibição de figuras acrobáticas mesmo quando não existe ondulação.


D

Wakeborad (A); Patins em linha (B); Skate (C); Salto livre (D); BTT (E); Sky surf (F) e corridas com patins em linha (G). São sete formas de praticar desporto... radical

E

F

G

ANDEBOL

Taça dos campeões

1957: Dukla Praga (CHE), 1958: não se realiza, 1959: RIK Goteborg (SUE), 1960: Frischauf Goppingen (RFA), 1961: não se realiza, 1962: Frischauf Goppingen (RFA), 1963: Dukla Praga (CHE), 1964: não se realiza, 1965: Dinamo Bucareste (ROM), 1966: DHFK Leipzig (RDA), 1967: VFL Gummersbach (RFA), 1968: Steaua Bucareste (ROM), 1969: não se realiza, 1970: VFL Gummersbach (RFA), 1971: VFL Gummersbach (RFA), 1972: Partizan Bjelovar (JUG), 1973: MAI Moscovo (URSS), 1974: VFL Gummersbach (RFA), 1975: ASK Frankfurt (RDA), 1976: Borac Banjaluka (JUG), 1977: Steaua Bucareste (ROM), 1978: Magdeburg (RDA), 1979: TV Grosswallstadt (RFA), 1980: TV Grosswallstadt (RFA), 1981: SC Magdeburg (RDA), 1982: Honved Budapeste (HUN), 1983: VFL Gummersbach (RFA), 1984: Dukla Praga (CHE), 1985: Metaloplastika Sabac (JUG), 1986: Metaloplastika Sabac (JUG), 1987: SKA Minsk (URSS), 1988: SKA Moscovo (URSS), 1989: SKA Minsk (URSS), 1990: SKA Minsk (URSS), 1991: Barcelona (ESP), 1992: Zagreb (CRO), 1993: Zagreb (CRO), 1994: Teka Santander (ESP), 1995: Zagreb (CRO), 1996: Barcelona (ESP), 1997: Barcelona (ESP), 1998: Barcelona (ESP), 1999: Barcelona (ESP)

Campeões nacionais

Masculinos

1952: Sporting, 1953: Salgueiros, 1954: Porto, 1955: não se realiza, 1956: Sporting, 1957: Porto, 1958: Porto, 1959: Porto, 1960: Porto, 1961: Sporting, 1962: Benfica, 1963: Porto, 1964: Porto, 1965: Porto, 1966: Sporting, 1967: Sporting, 1968: Porto, 1969: Sporting, 1970: Sporting, 1971 Sporting, 1972: Sporting, 1973: Sporting, 1974: Belenenses, 1975: Benfica, 1976: Belenenses, 1977: Belenenses, 1978: Sporting, 1979: Sporting, 1980: Sporting, 1981: Sporting, 1982: Benfica, 1983: Benfica, 1984: Sporting, 1985: Belenenses, 1986: Sporting, 1987: ABC, 1988: ABC, 1989: Benfica, 1990: Benfica, 1991: ABC, 1992: ABC, 1993: ABC, 1994: Belenenses, 1995: ABC, 1996: ABC, 1997: ABC, 1998: ABC, 1999: Porto

Femininos

1978: Liceu de Oeiras, 1979: Liceu de Oeiras, 1980: Liceu Maria Amália, 1981: Torres Novas, 1982: Almada AC, 1983: Oeiras, 1984: Benfica, 1985: Ginásio do Sul, 1986: Benfica, 1987: Benfica, 1988: Ginásio do Sul, 1989: Benfica, 1990: Benfica, 1991: Colégio de Gaia, 1992: Benfica, 1993: Benfica, 1994: Sports Madeira, 1995: Sports Madeira, 1996: Sports Madeira, 1997: Sports Madeira, 1998: Académica do Funchal, 1999: Madeira SAD

Taça de Portugal

Masculinos

1976: Belenenses, 1977: Liceu Maria Amália, 1978: Liceu Maria Amália, 1979: Almada, 1980: Liceu Maria Amália, 1981: Torres Novas, 1982: Campo de Ourique, 1983: Campo de Ourique, 1984: Oeiras, 1985: Benfica, 1986: Benfica, 1987: Benfica, 1988: Benfica, 1989: Benfica, 1990: Colégio de Gaia, 1991: Paço de Arcos, 1992: Benfica, 1993: Académica do Funchal, 1994: Académica do Funchal, 1995: Académica do Funchal, 1996: Sports Madeira, 1997: Sports Madeira, 1998: Colégio de Gaia, 1999: Madeira SAD

Femininos

1972: Sporting, 1973: Sporting, 1974: Belenenses, 1975: Sporting, 1976: Porto, 1977: Porto, 1978: Belenenses, 1979: Porto, 1980: Porto, 1981: Sporting, 1982: Belenenses, 1983: Sporting, 1984: Belenenses, 1985: Benfica, 1986: Benfica, 1987: Benfica, 1988: Sporting, 1989: Sporting, 1990: ABC, 1991: ABC, 1992: ABC, 1993: ABC, 1994: Porto, 1995: ABC, 1996: ABC, 1997: ABC, 1998: Sporting, 1999: Madeira SAD

ATLETISMO

Mundiais Ar Livre

Helsínquia 83

Masculinos

100m: C. Lewis (EUA), 10,07; 200m: C. Smith, 20,14; 400m: B. Camerom (JAM), 45,05; 800m: W. Wuelbeck (RFA), 1.43,65; 1500m: S. Cram (GBR), 3.41,58; 5000m: E. Coghlam (IRL), 13.28,53; 10 000m: A. Cova, 28.01,04; maratona: R. De Castela (AUS), 2:10.03; 110m bar: G. Foster (EUA), 13,42; 400m bar: E. Moses (EUA), 47,50; 3000m obs: P. Ilg. (RFA), 8.15,06; 20 km marcha: E. Canto (MEX), 1:20.49; 50 km marcha: R. Weigel (RDA), 3:43.8; vara: S. Bubka (URSS), 5,70; comprimento: C. Lewis (EUA), 8,55; altura: G. Avdeenko (URSS), 2,32; triplo: Z. Hoffman (POL), 17,42; peso: E. Sarul (POL), 21,39; disco: I. Bugar (CHE), 67,72; martelo: S. Litvinov (URSS), 82,68; dardo: D. Michel (RDA), 89,48; decatlo: D. Thompson (GBR), 8666; 4×100m: EUA, 37,86; 4×400m: EUA, 3.00,79

Femininos

100m: M. Gohr (RDA), 10,97; 200m: M. Kosch (RDA), 22,13; 400m: J. Kratochvilova (CHE), 47,99; 800m: J. Kratochvilova (CHE), 1.54,68; 1500m: M. Decker (EUA), 4.00,90; 3000m: M. Decker (EUA), 8.34,62; maratona: G. Waitz (NOR), 2:28.09; 100m bar: B. Janh (RDA), 12,35; 400m bar: E. Fesenko (URSS), 54,14; Altura: T. Bykova (URSS), 2,01; comprimento: H. Daute--Dreschler (RDA), 7,27; peso: H. Fibingerova (CHE), 21,05; disco: M. Opitz (RDA), 68,94; dardo: T. Lillak (FIN), 70,82; heptatlo: R. Neubert (RDA), 6714; 4×100m: RDA, 41,76; 4×400: RDA, 3.19,73

Roma 87

Masculinos

100m: B. Johnson (9,83°), 10,83; 200m: C. Smith (EUA), 20,16; 400m: T. Schoenlebe (RDA), 44,33; 800m: B. Konchellah (QUE), 1.43,06; 110m bar: G. Foster (EUA), 13,21; 1500m: A. Bile (SOM), 3.36,80; 5000m: S. Aouita (MAR), 13.26,44; 10 000m: P. Kipkoech (QUE), 27.38,63; maratona: D. Wakihuru (QUE), 2:11.48; 110m bar: G. Foster (EUA), 13.21; 400m bar; E. Moses (EUA), 47,46; 3000m obs: F. Panetta (ITA), 8.08,57; 20 km marcha: M. Damilano (ITA), 1:20.45; 50 km marcha: H. Gauder (RDA), 3:40.53; vara: S. Bubka (URSS), 5,85 comprimento: C. Lewis (EUA), 8,67; altura: P. Sjoeberg (SUE), 2,38; triplo: C. Markov (BUL), 17,92; peso: W. Gunthoer (SUI), 22,23; disco: J. Schult (RDA), 68,74; dardo: S. Raty (FIN), 83,54; martelo: S. Litvinov (URSS), 83,06; decatlo: T. Voss (RDA), 8680; 4×100m: EUA, 37,90; 4×400m: EUA, 2.57,29

° Devido à suspensão por doping, o triunfo é atribuído a Carl Lewis (EUA), 9,93

Femininos

100m: S. Gladisch (RDA), 10,90; 200m: S. Gladisch (RDA), 21,74; 400m: O. Bryzgina (URSS), 49,38; 800m: S. Wodars (RDA), 1.55,26; 110m bar: Zagorcheva (BUL), 12,34; 1500m: T. Samolenko (URSS), 3.58,56; 3000m; T. Samolenko (URSS), 8.38,73; 10 000m: I. Christiansen (NOR), 31.05,85; maratona: R. Mota (POR), 2:25.17; 100m bar: Zagorcheva (BUL), 12,34; 400m bar: S. Busch (RDA), 53,62; 10 km marcha: I. Strakhova (URSS), 44,12; comprimento: J. Joyner-Kersee (EUA), 7,36; altura: S. Kostadinova (BUL), 2,09; peso: N. Lisovskaya (URSS), 21,24; disco: M. Hellman (RDA), 71,62; dardo: F. Whitbread (GBR), 76,64; heptatlo: J. Joyner-Kersee (EUA), 7127 4×100m: EUA, 41,58; 4×400m: RDA, 3.18,63

Tóquio 91

Masculinos

100m: C. Lewis (EUA), 9,86; 200m: M. Johnson (EUA), 20,01; 400m: A. Petitgrew (EUA), 44,57; 800m: B. Konchellah (QUE), 1.43,99; 1500m: N. Morceli (ARG), 3.32,84; 5000m: Y. Ondieki (QUE), 13.14,45; 10 000m: M. Tanui (QUE), 27.38.74; maratona: H. Taniguchi (JAP), 2:14.57; 110m bar: G. Foster (EUA), 13,06; 400m bar: T. Matete (ZAM), 47,64; 3000m obst: M. Kiptanui (QUE), 8.12,59; 20 km marcha: M. Damilano (ITA), 1:19.37; 50 km marcha: A. Potashov (URSS), 3.53,09; vara: S. Bubka (URSS), 5,95; comprimento: M. Powel (EUA), 8,95; altura: C. Austin (EUA), 2,38; triplo: K. Harrison (EUA), 17,78; peso: W. Gunthoer (SUI), 21,67; Disco: L. Riedel (ALE), 66,20m; martelo: Y. Sedykh (URSS), 81,70; dardo: K. Kinnuken (FIN), 90,82; decatlo: D. O'Brien (EUA), 8812; 4×100m: EUA, 37,50; 4×400m: Grã-Bretanha, 2,57,53

Femininos

100m: K. Krabbe (ALE), 10,99; 200m: K. Krabbe (ALE), 22,09; 400m: M. Perec (FRA), 49,13; 800m: L. Nurutdinova (URSS), 1.57,50; 1500m: H. Boulmerka (ARG), 4.02,21; 3000m: Samolenko (URSS), 8.35,82; 10 000m: L. Mc Colgan (GBR), 31.14,31; maratona: V. Panfil (POL), 2:29,53; 100m bar: L. Narochilenko (URSS), 12,59; 400m bar: T. Ledovskaia (URSS), 53,11; 10 km marcha: A. Ivanova (URSS), 42,57; altura: H. Henkel (ALE), 2,05; comprimento; J. Joyner-Kersee (EUA), 7,32; peso: Huang Zhilong (CHI), 20,83; disco: T. Kristova (BUL), 71,02; dardo: Demei Xu (CHI), 68,78; heptatlo: S. Braun (ALE), 6672; 4×100m: Jamaica: 41,94; 4×400m: URSS, 3.18,43

Estugarda 93

Masculinos

100m: L. Christie (GBR), 9,87; 200m: F. Fredericks (NAM), 19,85; 400m: M. Johnson (EUA), 43,65; 800m: P. Ruto (QUE), 1.44,71; 1500m: N. Morceli (ARG), 3.34,24; 5000m: I. Kirui (QUE), 13.02,75; 10 000m: H. Gebreselassie (ETI), 27.46,02; maratona: M. Plaatjes (EUA), 2:13.57; 110m bar: C. Jackson (GBR), 12,91; 400m bar: K. Young (EUA), 47,18; 3000m obs: M. Kiptanui (QUE), 8.06,36; 20 km marcha: V. Massana (ESP), 1:22.31; 50 km marcha: J. Garcia (ESP), 3:41.41; vara: S. Bubka (UCR), 6,00; comprimento: M. Powell (EUA), 8,59; altura: J. Sotomayor (CUB), 2,40m; triplo: M. Conley (EUA), 17,86; peso: W. Gunthoer (SUI), 21,97; disco: L. Riedel (ALE), 67,72; martelo: A. Abduvaliev (TAJ), 81,64; dardo: J. Zelezny (R. CHE), 85,98; decatlo: D. O'Brien (EUA), 8817; 4×100: EUA, 37,48; 4×400m: EUA, 2.54,29

Femininos

100m: G. Devers (EUA), 10,81; 200m: M. Ottey (JAM), 21,98; 400m: J. Miles (EUA), 49,82; 800m: M. Mutola (MOC), 1.55,43; 1500m: Dong Liu (CHI), 4.00,50; 3000m: Yungxia Qu (CHI), 8.28,71; 10 000m: Wang Junxia, 30.49,30; maratona: J. Asari (JAP), 2:30.03; 100m bar: G. Devers (EUA), 12,46; 400m bar: S. Gunnell (GBR), 52,74; 10 km marcha: S. Essayah (FIN), 42,59; comprimento: H. Dreschler (ALE), 7,11; altura: I. Quintero (CUB), 1,99; triplo: A. Biryukova (RUS), 15,09; peso: Huang Zhihong (CHI), 20,57; disco: O. Burova (RUS), 67,40; dardo: T. Hattestad (NOR), 69,18; heptatlo: J. Joyner--Kersee (EUA), 6837; 4×100m: Rússia, 41,49; 4×400m: EUA, 3.16,71

Gotemburgo 95

Masculinos

100m: D. Bailey (CAN), 9,97; 200m: M. Johnson (EUA), 19,79; 400m: M. Johnson, 43,39; 800m: W. Kipketer (DIN), 1.45,08; 1500m, N. Morceli, 3.33,73, 5000m: I. Kirui (QUE), 13.16,77; 10 000m: H. Grebeselassie (ETI), 27.12,95; maratona: Fiz (ESP), 2:11.41; 110m bar: A. Johnson (EUA), 13,00; 400m bar: D. Adkins (EUA), 47,98; 3000m obs: M. Kiptanui (QUE), 8.04.16; 20 km marcha: M. Didoni (ITA), 1:19.59; 50 km marcha: V. Kononem (FIN), 3.43,42; vara: S. Bubka (UCR), 5,92; comprimento: I. Pedroso (CUB), 8,70; altura: T. Kemp (BAH), 2,37; triplo: J. Edwards (GBR), 18,29; peso: J. Godina (EUA), 21,47; disco: L. Riedel (ALE), 68,76; martelo: A. Abduvaliev (TAJ), 81,56; dardo: J. Zelezny (Che), 89,58; decatlo: D. Obrien (EUA), 8695; 4×100m: Canadá, 38,31; 4×400m: EUA, 2.57,32

Femininos

100m: G. Torrence (EUA), 10,85; 200m: M. Ottey (JAM), 21,12; 400m: M. Perec (FRA), 49,28; 800m: A. Quirot (CUB), 1.56,11; 1500m: H. Boulmerka (ARG), 4.02,42; 5000m: O'Sullivan (IRL), 14.46,47; 10 000m: F. Ribeiro (POR), 31.04,99; maratona: M. Machado (POR), 2:25.39; 100m bar: G. Devers (EUA), 12,68; 400m bar: K. Batten (EUA), 52,61; 10 km marcha: I. Stankina (RUS), 42,13; comprimento: F. May (ITA), 6,98; altura: S. Kostadinova (BUL), 2,01; triplo: I. Kravets (UCR), 15,50; peso: A. Kumbernuss (ALE), 21,22; disco: E. Zvereva (BIE), 68,64; dardo: N. Shikolenko (BIE), 67,56;

heptatlo: G. Shouaa (SIR), 6651, 4×100m: EUA, 42,12; 4×400m: EUA, 3.22,39

Atenas 97
Masculinos
100m: M. Greene (EUA), 9,86; 200m: A. Boldon (TRI), 20,04; 400m: M. Johnson (EUA), 44,12; 800m: W. Kipketer (DIN), 1.43,38; 1500m: H. El Gerrouj (MAR), 3.35,83; 5000m: D. Komen (QUE), 13,7,38; 10 000m: H. Gebreselassie (ETI), 27,24,58; maratona: A. Anton (ESP), 2:13.16; 110m bar: A. Johnson (EUA), 12,93; 400m bar: S. Diagana (FRA), 47,70; 3000m obs: W. Kipketer, 8.05,84; 20 km marcha: D. Garcia (MEX), 1:21.43; 50 km marcha: R. Korzeniowski (POL), 3:44.46; vara: S. Bubka (UCR), 6,01; comprimento: I. Pedroso (CUB), 8,42; altura: J. Sotomayor (CUB), 2,37; triplo: Y. Quésada (CUB), 17,85; peso: J. Godina (EUA), 21,44; disco: L. Riedel (ALE), 68,54; martelo: H. Weis (ALE), 81,78; dardo: M. Corbett (AFS), 88,40; decatlo: T. Dvorak (R. CHE), 8837; 4×100m: Canadá, 37,86; 4×400m: EUA, 2.56,47
Femininos
100m: M. Jones (EUA), 10,83; 200m: Z. Pintusevich (UCR), 22,32; 400m: C. Freeman (AUS), 49,77; 800m: A. Quirot (CUB), 1.57,14; 1500m: C. Sacramento (POR), 4.4,24; 5000m: G. Szabo (ROM), 14.57,68; 10 000m: S. Barbosio (QUE), 31.32,92; maratona: H. Suzuki (JAP), 2:29.48; 100m bar: L. Engquist (SUE), 12,50; 400m bar: N. Bidouane (MAR), 52,97; 10 km marcha: A. Sidoti (ITA), 42.55,49; comprimento: L. Galkina (RUS), 7,05; altura: H. Haugland (NOR), 1,96; triplo: S. Kasparkova (R. CHE), 15,20; peso: A. Kumbernuss (ALE), 20,71; disco: B. Faumuina (NZE), 66,82; dardo: T. Hattestad (NOR), 68,78; heptatlo: S. Braun (ALE), 6739; 4×100m: EUA, 41,47; 4×400m: ALE, 3.20,92

EUROPEUS AR LIVRE

Bruxelas 50
Masculinos
100m: E. Bally (FRA), 10,7; 200m: B. Shenton (GBR), 21,5; 400m: D. Pugh (GBR), 47,3; 800m: J. Parlett (GBR), 1.50,5; 1500m: W. Slijkhis (HOL), 3.47,2; 5000m: E. Zatopek (CHE), 14.03,0; 10 000m: E. Zatopek (CHE), 29.12,0; maratona: J. Holden (GBR), 2:32.14; 110m bar: A. Marie (FRA), 14,6; 400m bar: A. Filiput (ITA), 51,9; 3000m obs: J. Roundny (CHE), 9.05,4; 10 km marcha: F. Schwab (SUI), 46.01,8; 50 km marcha: G. Dordoni (ITA), 4:40.43; vara: R. Lundberg (SUE), 4,30; comprimento: T. Bryngeirsson (ISL), 7,32; altura: A. Paterson (GBR), 1,96; triplo: L. Tcherbakov (URSS), 15,39; peso: G. Huseby (ISL), 16,74; disco: A. Consolini (ITA), 53,75; Martelo: S. Strandli (NOR), 55,71; dardo: T. Hyytiainem (FIN), 71,26; decatlo: Heinrich (FRA), 7364; 4×100m: URSS, 41,5; 4×400m: GBR, 3.10,2
Femininos
100m: F. Blankers-Koen (RFA), 11,7; 200m: F. Blankers-Koen (HOL), 24,0; 80m bar: F. Blankers-Koen (HUN), 11,1; comprimento: V. Bogdanova (URSS), 5,82; altura: S. Alexander (GBR), 1,63; peso: A. Andreieva (URSS), 14,32; disco: N. Dumbadze (URSS), 48,03; dardo: N. Smirnisskaia (URSS), 47,55; pentatlo: A. Ben Hamo (FRA), 3204; 4×100m: GBR, 47,4

Berna 54
Masculinos
100m: H. Futterer (FRA), 10,5; 200m: H. Futterer (RFA), 20,9; 400m: A. Ignatiev (URSS), 46,6; 800m: L. Szentagali (HUN), 1.47,1; 1500m: R. Bannister (GBR), 3.43,8; 5000m: V. Kuts (URSS), 13.56,6; 10 000m: E. Zatopek (CHE), 28.58,0; maratona: V. Karvonen (FIN), 2:24.52; 110m bar: Y. Bulanchik (URSS), 14,4; 400m bar: A. Yulin (URSS), 50,5; 3000 obs: S. Rozsnoy (HUN), 8.49,6; 10 km marcha: J. Dolezal (CHE), 45.01,8; 50 km marcha: V. Ukhov (URSS), 4:22.12; vara: E. Landstroem (FIN), 4,40; comprimento: O. Foldessy (HUN), 7,51; altura: B. Nilsson (SUE), 2,02; triplo: L. Tcherakov (URSS), 15,90; peso: J. Skobla (CHE), 17,20; disco: A. Consolini (ITA), 53,44; martelo: M. Krivonosov (URSS), 63,34; dardo: J. Sidlo (POL), 76,35; decatlo: V. Kuznetsov (URSS), 6752; 4×100m: HUN, 40,6; 4×400m: França, 3,08,7
Femininos
100m: I. Turova (URSS), 11,8; 200m: M. Itkina (URSS), 24.3; 800m: N. Otkalenko (URSS), 2.08,8; 80m bar: M. Holubnycha (URSS), 11,0; comprimento: J. Desforges (GBR), 6,04; altura: T. Hopkins (GBR), 1,67; peso: G. Zybina (URSS), 15,65; disco: N. Ponomaryova (URSS), 48,02; dardo: D. Zatopkova (CHE), 52,91; pentatlo: A. Tchudina (URSS), 4526; 4×100m: URSS, 45,8

Estocolmo 58
Masculinos
100m: A. Hary (RFA), 10,35; 200m: M. Germar (RFA), 21,0; 400m: J. Wrighton (GBR), 46,3; 800m: M. Rawson (GBR), 1.47,8; 1500m: B. Hewson (GBR), 3.41,9; 5000m: Z. Kryzskowiak (POL), 13.53,4; 10 000m: Z. Kryzskowiak (POL), 28.56,0; maratona: S. Popov (URSS), 2:15.17; 110m bar: M. Lauer (RFA), 13,7; 400m bar: Y. Litujev (URSS), 51,1; 3000m obs: J. Chromik (POL), 8.38,2; 20 km marcha: S. Vickers (GBR), 1:33.09; 50 km marcha: Y. Maskinkov (URSS), 4:17.16; vara: E. Landstroem (FIN), 4,50; comprimento: I. Ter Ovanessian (URSS), 7,81; altura: R. Dahl (SUE), 2,12; triplo: J. Schmidt (POL), 16,43; peso: A. Rowe (GBR), 17,78; disco: E. Piatkowski (POL), 53,92; dardo: J. Sidlo (POL), 80,18; martelo: T. Rut (POL), 64,78; decatlo: V. Kuznetsov (URSS), 7865; 4×100m: RFA, 40,2; 4×400: GBR, 3.07,9
Femininos
100m: H. Young (GBR), 11,7; 200m: B. Janiszewka (POL), 24,1; 400m: M. Itkina (URSS), 53,7; 800m: E. Ermolaeva (URSS), 2.06,3; 80m bar: G. Bystrova (URSS), 10,9; comprimento: L. Jakobi (RFA), 6,14; altura: I. Balas (ROM), 1,77; peso: M. Werner (RFA), 15,74; disco: T. Press (URSS), 52,32; dardo: D. Zatopkova (CHE), 56,02; pentatlo: G. Bystrova (URSS), 4733; 4×100m: URSS, 45,3

Belgrado 62
Masculinos
100m: C. Piquemal (FRA), 10,4; 200m: O. Jonsson (SUE), 20,7; 400m: R. Brightwell (GBR), 45,9; 800m: M. Matuschewski (RDA), 1.50,5; 1500m: M. Jazy (FRA), 3.40,9; 5000m: B. Tulloh (GBR), 14.00,6; 10 000m: P. Bolotnikov (URSS), 28,54,0; maratona: B. Kilby (GBR), 2:23.19; 110m bar; A. Mikhailov (URSS), 13,8; 400m bar: S. Morale (ITA), 49,2; 3000m obs: G. Roelants (BEL), 8,32,6; 20 km marcha: K. Matthews (GBR), 1:35.55; 50 km marcha: A. Pamich (ITA), 4:18.47; vara: P. Nikula (FIN), 4,80; comprimento: I. Ter Ovanessian (URSS), 8,19; altura: V. Brumel (URSS), 2,21; triplo: J. Schmidt (POL), 16,55; peso: V. Varju (HUN), 19,02; disco: V. Trouseniev (URSS), 57,11; dardo: J. Lusis (URSS), 82,04; martelo: G. Zsivotzky (HUN), 69,64; decatlo: V. Kuznetsov (URSS), 8026; 4×100m: RFA, 39,5; 4×400m: Alemanha, 3.05,8
Femininos
100m: D. Hyman (GBR), 11,3; 200m: J. Heine (RFA), 23,5; 400m: M. Itkina (URSS), 53,4; 800m: G. Kraan (HOL), 2.02,8; 80m bar: T. Ciepla (POL), 10,6; comprimento: T. Tchelkanova (URSS), 6,36; altura: I. Balas (ROM), 1,83; peso: T. Press (URSS), 18,55; disco: T. Press (URSS), 56,91; dardo: E. Ozoline (URSS), 54,93; pentatlo: G. Bystrova (URSS), 4833; 4×100m: Polónia, 44,5

Budapeste 66
Masculinos
100m: W. Maniak (POL), 10,60; 200m: R. Bambuck (FRA), 20,93; 400m: S. Gredzinski (POL), 46,0; 800m: M. Matuschewski (RDA), 1.45,9; 1500m: B. Tummler (RFA), 3.41,9; 5000m: M. Jazy (FRA), 13.42,8; 10 000m: J. Haase (RDA), 28.26,0; maratona: J. Hogan (GBR), 2:20.05; 110m bar: E. Ottoz (ITA), 13,7; 400m bar: R. Frinoli (ITA), 49,8; 3000m obs: V. Kudinsky (URSS); 8.26,6; 20 km marcha: D. Lindner (RDA), 1:29.25; 50 km marcha: A. Pamich (ITA), 4:18.43; vara: W. Nordwig (RDA), 5,10; comprimento: L. Davies (GBR), 7,98; altura: J. Madubost (FRA), 2,12; triplo: G. Stoikovsky (BUL), 16,67; peso: V. Varju (HUN), 19,43; disco: D. Thorith (RDA), 57,42; dardo: J. Lusis (URSS), 84,48; martelo: R. Klim (URSS), 70,02; decatlo: W. von Moltke (RFA), 7740; 4×100m: França, 39,4; 4×400m: Polónia, 3.04,5
Femininos
100m: E. Klobukowska (POL), 11,5; 200m: I. Kirszenstein (POL), 23,1; 400m: A. Chmelkova (Che), 52,9; 800m: V. Nikolic (JUG), 2.02,8; 80m bar: K. Balzer (RDA), 10,7; comprimento: I. Kirszeistein (POL), 6,55; altura: T. Chenchik (URSS), 1,75; peso: N. Tchichova (URSS), 17,22; disco: C. Spielberg (RDA), 57,76; dardo: M. Luttge (RDA), 58,74; pentatlo: V. Tikhomirova (URSS), 4787; 4×100m: Polónia, 44,49

Atenas 69
Masculinos
100m: V. Borzov (URSS), 10,49; 200m: P. Clerc (SUI), 20,70; 400m: J. Werner (POL), 45,75; 800m: D. Fromm (RDA), 1.45,98; 1500m: J. Whetton (GBR), 3.39,45; 5000m: I. Stewart (GBR), 13.44,8; 10 000m: J. Haase (RDA), 28.41,6; maratona: R. Hill (GBR), 2:16.48; 110m bar: E. Ottoz (ITA), 13,59; 400m bar: V. Skomorokhov (URSS), 49,70; 3000m obs: M. Zhelev (BUL), 8.25,02; 20 km marcha: P. Nihill (GBR), 1:30.41; 50 km marcha: C. Hohne (RDA), 4:13.33; vara: W. Nordwig (RDA), 5,30; comprimento: I. Ter Ovanessian (URSS), 8,17; altura: V. Gavrilov (URSS), 2,17; triplo: V. Saneiev (URSS), 17,34; peso: D. Hoffmann (RDA), 20,12; disco: H. Losch (RDA), 61,82; dardo: J. Lusis (URSS), 91,52; martelo: A. Bondartchuk (URSS), 74,68; decatlo: J. Kirst (RDA), 8041; 4×100m: França, 38,89; 4×400m: França, 3.02,30
Femininos
100m: P. Vogt (RDA), 11,66; 200m: P. Vogt (RDA), 23,30; 400m: N. Duclos (FRA), 51,72; 800m: L. Board (GBR), 2.01,50; 1500m: J. Jehlickova (CHE), 4.10,77; 100m bar: K. Balzer (RDA), 13,29; comprimento: M. Sarna (POL) 6,49; altura: M. Rezkova (CHE), 1,83; peso: N. Tchichova (URSS), 20,43; disco: T. Danilova (URSS), 59,28; dardo: A. Ranky (HUN), 59,76; pentatlo: L. Prokop (AUS), 5030; 4×100m: RDA, 43,61; 4×400m: Grã-Bretanha, 3.30,82

Helsínquia 71
Masculinos
100m: V. Borzov (URSS), 10,26; 200m: V. Borzov (URSS), 20,30; 400m: D. Jenkins (GBR), 45,45; 800m: Y. Arzhanov (URSS), 1.45,61; 1500m: F. Arese (ITA), 3.38,43; 5000m: J. Vaatainen (FIN), 13.32,48; 10 000m: J.Vaatainen (FIN), 27.52,78; maratona: K. Lismont (BEL), 2:13.09; 110m bar: F. Siebeck (RDA), 14,00; 400m bar: J. Nallet (FRA), 49,15; 3000m obs: J. Villain (FRA), 8.25,02; 20 km marcha: M. Smaga (URSS), 1:27.21; 50 km marcha: V. Soldatenko (URSS), 4:02.22; vara: W. Nordwig (RDA), 5,35; comprimento: M. Klauss (RDA), 7,92; altura: K. Chapka (URSS), 2,20; triplo: J. Drehmel (RDA), 17,17; peso: H. Briesenick (RDA), 21,08; disco: L. Danek (CHE), 63,90; dardo: J. Lusis (URSS), 90,68; martelo: U. Beyer (RFA), 72,36; decatlo: J. Kirst (RDA), 8196; 4×100m: Checoslováquia: 39,32; 4×400m: RFA, 3.02,94
Femininos
100m: R. Stecher (RDA), 11,36; 200m: R. Stecher (RDA), 22,72; 400m: H. Seider (RDA), 52,14; 800m: V. Nikolic (JUG), 2.00,0; 1500m: K. Burneleit (RDA), 4.09,62; 100m bar: K. Balzer (RDA), 12,94; comprimento: I. Mickler (RFA), 6,76; altura: I. Gusenbauer (AUS), 1,87; peso: N. Tchichova (URSS), 20,16; disco: F. Melnik (URSS), 64,22; dardo: D. Jaworska (POL), 61,00; pentatlo: H. Rosendhal (RFA), 5299; 4×100m: RFA, 43,28; 4×400m: RDA, 3.29,29

Roma 74
Masculinos
100m: V. Borzov (URSS), 10,27; 200m: P. Mennea (ITA), 20,60; 400m: K. Honz (RFA), 45,04; 800m: L. Susanj (JUG), 1.44,07; 1500m: K. Justus (RDA), 3.40,55; 5000m: B. Foster (GBR), 13.17,21; 10 000m: M. Kuschmann (RDA), 28.25,76; maratona: I. Thompson (GBR), 2:13.19; 110m bar: G. Drut (FRA), 13,40; 400m bar: A. Pascoe (GBR), 48,82; 3000m obs: B. Malinowski (POL), 8.15,04; 20 km marcha: V. Holubnychy (URSS), 1:29.30; 50 km marcha: C. Hohne (RDA), 3:59.06; vara: V. Kuchkine (URSS), 5,35; comprimento: V. Podluzny (URSS), 8,12; altura: J. Toering (DIN), 2,25; triplo: V. Saneiev (URSS), 17,23;

peso: H. Briesenick (RDA), 20,50; disco: P. Kahma (FIN), 63,62; dardo: H. Siitonen (FIN), 89,58; martelo: A. Spiridonov (URSS), 74,20; decatlo: R. Skowronek (POL), 8207; 4×100m: França: 38,69; 4×400m: GBR, 3.03,33

Femininos

100m: I. Szewinska (POL), 11,13; 200m: I. Szewinska (POL), 22,51; 400m: R. Salin (FIN), 50,14; 800m: L. Dorova (BUL), 1.58,14; 1500m: G. Hoffmeister (RDA), 4.02,32; 3000m: N. Holmen (FIN), 8.55,10; 100m bar: A. Erhardt (RDA), 12,66; comprimento: I. Brúszenyah (HUN), 6,65; altura: R. Witschas (RDA), 1,95; peso: N. Tchichova (URSS), 20,78; disco: F. Melnik (URSS), 69,00; dardo: R. Fuchs (RDA), 67,22; pentatlo: N. Tkatchenko (URSS), 4776, 4×100m: RDA, 42,51; 4×400m: RDA, 3.25,21

Praga 78

Masculinos

100m: P. Mennea (ITA), 10,27; 200m: P. Mennea (ITA), 20,16; 400m: F. Hoffmeister (RFA), 45,73; 800m: O. Beyer (RDA), 1.43,84; 1500m: S. Ovett (GBR). 3.35,59; 5000m: V. Ortis (ITA), 13.28,57; 10 000m: M. Vanio (FIN), 27.30,99; maratona: L. Moisseiev (URSS), 2:11.58; 110m bar: T. Munkelt (RDA), 13,54; 400m bar: H. Schmid (RFA), 48,51; 3000m obs: B. Malinowski (POL), 8.15,08; 20 km marcha: R. Wieser (RDA), 1:23.12; 50 km marcha: J. Llopart (ESP), 3:53.30; vara: V. Trofimenko (URSS), 5,55; comprimento: J. Rousseau (FRA), 8,18; altura: V. Yatchenco (URSS), 2,30; triplo: M. Srejovic (JUG), 16,94; peso: U. Beyer (RDA), 21,08; disco: W. Schmidt (RDA), 66,82; dardo: M. Wessing (RFA), 89,12; martelo: Y. Sedykh (URSS), 77,28; decatlo: A. Grebenyuk (URSS), 8340; 4×100m: Polónia, 38,58; 4×400m: RFA, 3.02,03

Femininos

100m: M. Goehr (RDA), 11,13; 200m: L. Kondratieva (URSS), 22,52; 400m: M. Koch (RDA), 48,94; 800m: T. Providokhina (URSS), 1.55,80; 1500m: G. Romanova (URSS), 3.59,01; 3000m: S.Ulmassova (URSS), 8.33,16; 100m bar: J. Klier (RDA), 12,62; 400m bar: T. Zelentsova (URSS), 54,89; comprimento: V. Bardauskene (URSS), 6,88; altura: S. Simeoni (ITA), 2,01; peso: I. Slupianek (RDA), 21,41; disco: E. Jahl (RDA), 66,98; dardo: R. Fuchs (RDA), 69,16; pentatlo: M. Papp (HUN), 4655; 4×100m: URSS, 42,54; 4×400m: RDA, 3.21,20

Atenas 82

Masculinos

100m: F. Emmelman (RDA), 10,21; 200m: O. Prenzler (RDA), 20,46; 400m: H. Weber (RFA), 44,72; 800m: H. Ferner (RFA), 1.46,33; 1500m: S. Cram (GBR), 3.36,49; 5000m: T. Wessinghage (RFA), 13.28,90; 10 000m: A. Cova (ITA), 27.41,03; maratona: G. Nijboer (HOL), 2:15.16; 110m bar: T. Munkelt (RDA), 13,41; 400m bar: H. Schmid (RFA), 47,48; 3000m obs: P. Ilg (RFA), 8.18,52; 20 km marcha: J. Marin (ESP), 1:23.43; 50 km marcha: R. Salonen (FIN), 3:55.29; vara: A. Krúspski (URSS), 5,60; comprimento: L. Drombrowski (RDA), 8,41; altura: D. Moegenburg (RFA), 2,30; triplo: K. Connor (GBR), 17,29; peso: U. Beyer (RDA), 21,50; disco: I. Bugar (CHE), 66,64; dardo: U. Hohn (RDA), 91,34; martelo: Y. Sedykh, 81,66; decatlo: D. Thompson (GBR), 8744; 4×100m: URSS, 38,60; 4×400m: RFA, 3.00,51

Femininos

100m: M. Goehr (RDA), 11,01; 200m: B. Woeckel (RDA), 22,04; 400m: M. Koch (RDA), 48,15; 800m: O. Minyeyeva (URSS), 1.55,41; 1500m: O. Dvirna (URSS), 3.57,80; 3000m: S. Ulmassova (URSS), 8.30,28; maratona: R. Mota (POR), 2:36.04; 100m bar: L. Kalek (POL), 12,45; 400m bar: A. Skoglund (SUE), 54,58; comprimento: V. Ionescu (ROM), 6,79; altura: U. Meyfarth (RFA), 2,02; peso: I. Slupianek (RDA), 21,59; disco: T. Christova (BUL), 68,34; dardo: A. Verouli (GRE), 70,02; 4×100m: RDA, 42,19; 4×400m: RDA, 3.19,05; heptatlo: R. Neubert (RDA), 6622

Estugarda 86

Masculinos

100m: L. Christie (GBR), 10,15; 200m: V. Krylov (URSS), 20,52; 400m: R. Black (GBR), 44,59; 800m: S. Coe (GBR), 1.44,50; 1500m: S. Cram (GBR), 3.41,09; 5000m: J. Buckner (GBR), 13.10,15; 10 000m: S. Mei (ITA), 27.56,79; maratona: G. Bordin (ITA), 2:10.54; 110m bar: S. Caristan (FRA), 13,20; 400m bar: H. Schmid (RFA), 48,65; 3000m obs: H. Melzer (RDA), 8.16,65; 20 km marcha: J. Pribilinec (CHE), 1:21.15; 50 km marcha: H. Gauder (RDA), 3:40.55; vara: S. Bubka (URSS), 5,85; comprimento: R. Emmian (URSS), 8,41; altura: I. Paklin (URSS), 2,34; triplo: K. Markov (BUL), 17,66; peso: W. Gunthor (SUI), 22,22; disco: R. Ubartas (URSS), 67,08; dardo: K. Tafelmeier (RDA), 84,76; martelo: Y. Sedykh (URSS), 86,74; decatlo: D. Thompson (GBR), 8811; 4×100m: URSS, 38,29; 4×400m: Grã-Bretanha, 2.59,84

Femininos

100m: M. Goehr (RDA), 10,91; 200m: H. Drechsler (RDA), 21,71; 400m: M. Koch (RDA), 48,22, 800m: N. Olizarenko (URSS), 1.57,15; 1500m: R. Agletdinova (URSS), 4.01,19; 3000m: O. Bondarenko (URSS), 8.33,99; 10 000m: I. Kristiansen (NOR), 30.23,25; maratona: R. Mota (POR), 2:28.38; 100m bar: Y. Donkova (BUL), 12,38; 400m bar: M. Stepanova (URSS), 53,32; 10 km marcha: M. Diaz (ESP), 46,09; comprimento: H. Drechsler (RDA), 7,27; altura: S. Kostadinova (BUL), 2,00; peso: H. Krieger (RDA), 21,10; disco: D. Sachse (RDA), 71,36; dardo: F. Whitbread (GBR), 76,32; heptatlo: A. Behmer (RDA), 6717; 4×100m: RDA, 41,84; 4×400m: RDA, 3.16,87

Split 90

Masculinos

100m: L. Christie (GBR), 10,00; 200m: J. Regis (GBR), 20,11; 400m: R. Black (GBR), 45,08; 800m: T. McKean (GBR), 1.44,76; 1500m: J. Herold (RDA), 3.38,25; 5000m: S. Antibo (ITA), 13.22,00; 10 000m: S. Antibo (ITA), 27.41,27; maratona: G. Bordin (ITA), 2:14.02; 110m bar: C. Jackson (GBR), 13,18; 400m bar: K. Akabusi (GBR), 47,92; 3000m obs: F. Panetta (ITA), 8.12,66; 20 km marcha: P. Blazek (CHE), 1:22.05; 50 km marcha: A. Perlov (URSS), 3:54.36; vara: R. Gatauline (URSS), 5,85; comprimento: D. Haaf (RDA), 8,25; altura: D. Topic (JUG), 2,34; triplo: L. Voloshin (URSS), 17,74; peso: U. Timmermann (RDA), 21,32; disco: J. Schult (RDA), 64,58, dardo: S. Backley (GBR), 87,30; martelo: I. Astapkovich (URSS), 84,14; decatlo: C. Plaziat (FRA), 8574; 4×100m: França, 37,79; 4×400m: Grã-Bretanha, 2.58,22

Femininos

100m: K. Krabbe (RDA), 10,89; 200m: K. Krabbe (RDA), 21,95; 400m: G. Breuer (RDA), 49,50; 800m: S. Wodars (RDA), 1.55,87; 1500m: S. Pajkic (JUG), 4.08,12; 3000m: Y. Murray (GBR), 8.43,06; 10 000m: Y. Romanova (URSS), 31.46,83; maratona: R. Mota (POR), 2:31.27; 100m bar: M. Ewanje-Epée (FRA), 12,79; 400m bar: T. Ledovskaia (URSS), 53,62; 10 km marcha: A. Sidotti (ITA), 44,00, comprimento: H. Drechsler (RDA), 7,30; altura: H. Henkel (RFA), 1,99; peso: A. Kumbernuss (RDA), 20,38; Disco: I. Wylluda (RDA), 68,46; dardo: P. Alfrantti (FIN), 67,68; heptatlo: S. Braun (RFA), 6688; 4×100m: RDA, 41,68; 4×400m: RDA, 3.21,02

Helsínquia 94

Masculinos

100m: L. Christie (GBR), 10,14; 200m: G. Moen (NOR), 20,30; 400m: D. Ladejo (GBR), 45,09; 800m: A. Benvenuti (ITA), 1.46,12; 1500m: F. Cacho (ESP), 3.35,27; 5000m: D. Baumann (ALE), 13.36,93; 10 000m: A. Anton (ESP), 28.06,03; maratona: M. Fiz (ESP), 2:10.31; 110m bar: C. Jackson (GBR), 13,08; 400m bar: O. Tverdokhleb (UCR), 48,06; 3000m obs: A. Lambrúschini (ITA), 8.28,68; 20 km marcha: M. Schennikov (RUS), 1:18.45, 50 km marcha: V. Spitsyn (RUS), 3:41.07; vara: R. Gatauline (RUS), 6,00; comprimento: I. Mladenov (BUL), 8,09; altura: S. Hoen (NOR), 2,35; triplo: D. Kapustin (RUS), 17,62; peso: A. Klimenko (UCR), 20,78; disco: V. Dubrovshchik (BIE), 64,78; dardo: S. Backley (GBR), 85,20; martelo: V. Sidorenko (RUS), 81,10; decatlo: A. Blondel (FRA), 8453; 4×100m: França, 38,57; 4×400m: Grã-Bretanha, 2.59,13

Femininos

100m: I. Privalova (URSS), 11,02; 200m: I. Privalova (URSS), 22,32; 400m: M. Pérec (FRA), 50,33; 800m: L. Gurina (RUS), 1.58,55; 1500m: L. Rogachova (RUS), 4.18,93; 3000m: S. O'Sullivan (IRL), 8.31,84; 10 000m: F. Ribeiro (POR), 31.08,75; maratona: M. Machado (POR), 2:29.54; 100m bar: S. Dimitrova (BUL), 12,72; 400m bar: S. Gunnel (GBR), 53,33;10 km marcha: S. Essayah (FIN), 42,37; comprimento: H. Drechsler (ALE), 7,14; altura: B. Bilac (ESL), 2,00; triplo: A. Biryukova (RUS), 14,89; peso: V. Pavlysh (UCR), 19,61; disco: I. Wyludda (ALE), 68,72; dardo: T. Hattestad (NOR), 68,00; heptatlo: S. Braun (ALE), 6419; 4×100m: Alemanha: 42,90; 4×400m: França, 3.22,34

Budapeste 98

Masculinos

100m: D. Campbell (GBR), 10,04; 200m: D. Walker (GBR), 20,53; 400m: I. Thomas (GBR), 44,52; 800m: N. Schumann (ALE); 1500m: R. Esteves (ESP), 3.41,31; 5000m: I. Viciosa (ESP), 13.38,03; 10 000m: A. Pinto (POR), 27.48,62; 110m bar: C. Jackson (GBR), 13.02; maratona: S. Maldini (ITA), 2:12.01; 400m bar; P. Januszewski (POL), 48,17; 50 km marcha: R. Korzeniowski (POL), 3:43.51; vara: M. Tarasov (RUS), 5,81; comprimento: K. Sosunov (RUS), 8,28; altura: A. Partyka (POL), 2,34; triplo: J. Edwards (GBR), 17,99; peso: A. Bagach (UCR), 21,17; disco: Lars Riedel (ALE), 67,07; dardo: S. Backley (GBR), 89,72; decatlo: E. Nool (EST), 8667; 4×100m: Grã-Bretanha, 38,52; 4×400m: Grã-Bretanha, 2.58,68

Femininos

100m: C. Arron (FRA), 10,73; 400m: G. Beuer (ALE), 49,93; 800m: Y. Afanasieva (RUS); 1500m: S. Masterkova (RUS), 4.11,91; 5000m: S. O'Sullivan (IRL), 15.06,50; 10 000m: S. O'Sullivan (IRL), 31.29,33; maratona: M. Machado (POR), 2:27.10; 400m bar: I. Tirlea (ROM), 53,37; 20 km marcha: I. Markov (RUS), 1:21.10; altura: M. Dinescu (ROM), 1,97; triplo: O. Vasdeki (GRE), 14,55; disco: F. Dietzsch (ALE), 67,49; dardo: T. Damaske (ALE), 69,10; martelo: M. Melinte (ROM), 71,17; heptatlo: D. Lewis (GBR), 6559; 4×400m: Alemanha, 3.23,03

Europeu de corta-mato

Masculinos

1994: Paulo Guerra (POR); 1995: Paulo Guerra (POR); 1996: Jonathan Brown (GBR); 1997: Carsten Jorgensen (DIN); 1998: Sergey Lebid (UCR); 1999: Paulo Guerra (POR)

Femininos

1994: Catherina McKiernan (GBR); 1995: Annemarie Sandell (FIN); 1996: Sara Wedlund (SUE); 1997: Paula Radcliffe (GBR); 1998: Sonja Stolic (JUG); 1999: Anita Weyermann (SUI)

Equipas masculinas

1994: Portugal; 1995: Espanha; 1996: Portugal; 1997: Portugal; 1998: Itália; 1999: Grã-Bretanha

Equipas femininas

1994: Roménia; 1995: Rússia; 1996: França; 1997: França; 1998: Portugal; 1999: França

BADMINTON

Campeões nacionais

Singulares masculinos

55/56: José Silva (SCP), 56/57: Joaquim Pereira (AAC), 57/58: Ramiro Correia (SLB), 58/59: Ramiro Correia (AAC), 59/60: Ramiro Correia (SLB), 60/61: Ramiro Correia (SLB), 61/62: Alegre dos Santos (SLB), 62/63: Alegre dos Santos (SLB), 63/64: Alegre dos Santos (SLB), 64/65: José Novais (GDD), 65/66: Alegre dos Santos (SLB), 66/67: José Bento (SLB), 67/68: José Bento (SLB), 68/69: José Bento (SLB), 69/70: José Bento (SLB), 70/71: José Bento (SLB), 71/72: José Bento (SLB), 72/73: José Bento (SLB), 73/74: José Bento (SLB), 74/75: Luís Quinaz (GDEP), 75/76: João Braz (BCP), 76/77: Monge Dias (LNPN), 77/78: José Bento (BCP), 78/79: José Pessoa (CPB), 79/80: António Crespo (CPB), 80/81: António Crespo (CPB), 81/82: José Pedro (CSM), 82/83: António Crespo (CREA),

83/84: Jorge Azevedo (EVS), 84/85: José Brandão (BCP), 85/86: Jorge Santos (AAC), 86/87: Manuel Machado (CDUL), 87/88: Jorge Azevedo (EVS), 89/90: Ricardo Fernandes (CSM-F), 90/91: Ricardo Fernandes (CSM-F), 91/92: Fernando Silva (CSM), 92/93: Ricardo Fernandes (CDN), 93/94: Ricardo Fernandes (CSMA), 94/95: Ricardo Fernandes (CSMA), 95/96: Fernando Silva (CSMA), 96/97: Fernando Silva (CFEL), 97/98: Fernando Silva (Hóquei da Lourinhã)

Singulares femininos

55/56: Lezita Chaves (Direito), 56/57: Lezita Chaves (Direito), 57/58: Lezita Chaves (Direito), 58/59: Isabel Pragal (Académica), 59/60: Lezita Chaves (Direito), 60/61: Lezita Chaves (Direito), 61/62: Isabel Cabral (AAC), 62/63: Isabel Rocha (LGC), 63/64: Isabel Rocha (SLB), 64/65: Isabel Rocha (SLB), 65/66: Isabel Rocha (SLB), 66/67: Peggy Brixhe (CIF), 67/68: Peggy Brixhe (CIF), 68/69: Peggy Brixhe (CIF), 69/70: Isabel Rocha (SLB), 70/71: Peggy Brixhe (CIF), 71/72: Isabel Rocha (SLB), 72/73: Isabel Rocha (SLB), 73/74: Isabel Rocha (SLB), 74/75: Isabel Rocha (SLB), 75/76: Isabel Rocha (SLB), 76/77: Isabel Rocha (SLB), 77/78: Ana Monteiro (BCP), 78/79: Margarida Cruz (CBP), 79/80: Margarida Cruz (CBP), 80/81: Margarida Cruz (CBP), 81/82: Margarida Cruz (CBP), 82/83: Margarida Cruz (CBP), 83/84: Ana Monteiro (BCP), 84/85: Rosário Cavaco (BCO), 85/86: Margarida Cruz (CBP), 86/87: Margarida Cruz (CDUL), 87/88: Margarida Cruz (CDUL), 88/89: Maria José Gomes (CREA), 89/90: Alice Oliveira (CSM-F), 90/91: Alice Oliveira (CSM-F), 91/92: Helena Berimbau (CSM-F), 92/93: Helena Berimbau (CSM-F), 93/94: Ana Ferreira (SCT), 94/95: Helena Berimbau (CSM-F), 95/96: Helena Berimbau (GDE), 96/97: Filipa Lamy (Hóquei da Lourinhã), 97/98: Filipa Lamy (Hóquei da Lourinhã)

Pares masculinos

55/56: José Silva/Aníbal Ribeiro (SCP), 56/57: Ramiro Correia/Alberto Fernandes (Alvalade/Direito), 57/58: Ramiro Correia/Pinto Alves (SLB), 58/59: Ramiro Correia/Jorge Gomes (AAC), 59/60: Ramiro Correia/ /Pinto Alves (SLB), 60/61: Ramiro Correia/Pinto Alves (SLB), 61/62: Ramiro Correia/Alegre dos Santos (SLB), 62/63: Rui Damásio/Mário Mateus (SLB), 63/64: Fernando Pinto/Pinto Alves (SCP), 64/65: Rui Damásio/Mário Mateus (SLB), 65/66: Fernando Pinto/Pinto Alves (SCP), 66/67: José Bento/Marques da Costa (SLB), 67/68: José Bento/Marques da Costa (SLB), 68/69: Alegre dos Santos/ /Monge Dias (CBL), 69/70: José Bento/Marques da Costa (SLB), 70/71: José Bento/Marques da Costa (SLB), 71/72: José Bento/ /Marques da Costa (SLB), 72/73: José Bento/Marques da Costa (SLB), 73/74: José Bento/ /Marques da Costa (GDEP), 74/75: Guilherme Andrade/ /Francisco Lemos (CIF), 75/76: José Bento/Marques da Costa (IND), 76/77: José Pessoa/Cristiano Gaspar (CRPE), 77/78: José Bento/Jorge Cruz (BCP), 78/79: José Bento/Jorge Cruz (BCP), 79/80: José Bento/ /Jorge Cruz (BCP), 80/81: António Crespo/Jorge Cruz (CPB/BCP), 81/82: Diamantino Pereira/Jorge Azevedo (EVS), 82/83: Diamantino Pereira/Jorge Azevedo (EVS), 83/84: Diamantino Pereira/Jorge Azevedo (EVS), 84/85: Paulo Raimundo/Carlos Teixeira (CDUL), 85/86: José Brandão/Paulo Raimundo (BCP), 86/87: Duarte Anjo/José Brandão (DRM/CREA), 87/88: Jorge Azevedo/Diamantino Pereira (EVS), 88/89: José Nascimento/José Sim-Sim (CREA), 89/90: Ricardo Fernandes/Marco Vasconcelos (CSM-F), 90/91: Jorge Cação/Fernando Silva (CSM), 91/92: Jorge Cação/Fernando Silva (CSM), 92/93: Fernando Silva/ /Ricardo Fernandes (CSM/CDN), 93/94: Fernando Silva/ /Ricardo Fernandes (CSM/CSMA), 94/95: Fernando Silva/ /Ricardo Fernandes (CSMA), 95/96: Marco Vasconcelos/ /Hugo Rodrigues (GDE/CFEL), 96/97: Fernando Silva/ /Hugo Rodrigues (CFEL), 97/98: Fernando Silva/Hugo Rodrigues (Hóquei da Lourinhã/GDE)

Pares femininos

56/57: Alzira Sousa/Josefina Traça (AAC), 57/58 a 63/64: não há competição, 64/65: Isabel Rocha/Isabel Pinto (SLB), 65/66: Isabel Rocha/Conceição Felizardo (SLB), 66/67: Isabel Rocha/Conceição Felizardo (SLB), 67/68: Isabel Salema/Peggy Brixhe (CIF), 68/69 a 69/70: não há competição, 70/71: Peggy Brixhe/Lavínia Pais (CIF), 71/72: Isabel Pinto/Isabel Rocha (SLB), 72/73: Isabel Pinto/Isabel Rocha (SLB), 73/74: Margarida Cruz/Isabel Cruz (BCP), 74/75: Margarida Cruz/Isabel Cruz (BCP), 75/76: Isabel Rocha/Ana Margarida (IND/CIF), 76/77: Helena Sousa/Serafina Brandão (CRPE), 77/78: Margarida Cruz/Isabel Cruz (BCP), 78/79: Ana Monteiro/Isabel Rocha (BCP/CPB), 79/80: Ana Monteiro/ /Isabel Rocha (BCP/CPB), 80/81: Margarida Cruz/Isabel Crespo (CPB), 81/82: Ana Monteiro/Catarina Baptista (BCP), 82/83: Ana Monteiro/Catarina Baptista (BCP), 83/84: Ana Monteiro/Catarina Baptista (BCP), 84/85: Rosário Cavaco/Margarida Cruz (BCP), 85/86: Paula Sousa/Margarida Cruz (CREA/BCP), 86/87: Ana Monteiro/Catarina Baptista (BCP), 87/88: Filipa Nesbitt/Paula Queluz (BCP/CDUL), 88/89: Maria José Gomes/Zamy Gomes (CREA/LGC), 89/90: Maria José Gomes/Zamy Gomes (CREA/LGC), 90/91: Maria José Gomes/Zamy Gomes (CREA/LGC), 91/92: Maria José Gomes/Zamy Gomes (CREA/LGC), 92/93: Maria José Gomes/Zamy Gomes (CREA/LGC), 93/94: Dina Rodrigues/ /Helena Berimbau (CFEL/CSM-F), 94/95: Ana Lopes/ /Sónia Lopes (MVD), 95/96: Filipa Lamy/Helena Bartolomeu (Hóquei da Lourinhã), 96/97: Filipa Lamy/ /Helena Bartolomeu (Hóquei da Lourinhã), 97/98: Filipa Lamy/Telma Santos (Hóquei da Lourinhã/Stela Maris)

BASEBOL

MLB (Major League Baseball)

1950: New York Yankees; 1951: New York Yankees; 1952: New York Yankees; 1953: New York Yankees; 1954: New York Giants; 1955: Brooklyn Dodgers; 1956: New York Yankees; 1957: Milwaukee Braves; 1958: New York Yankees; 1959: Los Angeles Dodgers; 1960: Pittsburgh Pirates; 1961: New York Yankees; 1962: New York Yankees; 1963: Los Angeles Dodgers; 1964: Saint Louis Cardinals; 1965: Los Angeles Dodgers; 1966: Baltimore Oriols; 1967: Saint Louis Cardinals; 1968: Detroit Tigers; 1969: New York Mets; 1970: Baltimore Oriols; 1971: Pittsburgh Pirates; 1972: Oakland A's; 1973: Oakland A's; 1974: Oakland A's; 1975: Cincinnati Reds; 1976: Cincinnati Reds; 1977: New York Yankees; 1978: New York Yankees; 1979: Pittsburgh Pirates; 1980: Philadelphia Phillies; 1981: Los Angeles Dodgers; 1982: Saint Louis Cardinals; 1983: Baltimore Oriols; 1984: Oakland A's; 1985: Kansas City Royals; 1986: New York Mets; 1987: Minnesota Twins; 1988: Los Angeles Dodgers; 1989: Oakland A's; 1990: Cincinnati Reds; 1991: Minnesota Twins; 1992: Toronto Blue Jays; 1993: Toronto Blue Jays; 1994: Não atribuído; 1995: Atlanta Braves; 1996: New York Yankees; 1997: Florida Marlins; 1998: New York Yankees

Campeonato Nacional

1996: Académica; 1997: Académica; 1998: Tigres de Loulé

BOXE

Olimpíadas (pesados)

1952: Sanders (EUA), 1956: Flademacher (EUA), 1960: De Piccoli (ITA), 1964: Frazier (EUA), 1968: Foreman (EUA), 1972: Stevenson (CUB), 1976: Stevenson (CUB), 1980: Stevenson (CUB), 1984: Biggs (EUA), 1988: Lewis (CAN), 1992: Balado (CUB), 1996: Klitchko (UCR)

CANOAGEM

Campeões mundiais

Masculinos

K1 – 200 m

1994: Kalesnik (BLR), 1995: Markiewicz (POL), 1997: Fehervari (HUN)

K2 – 200 m

1994: Freimut-Wysocki (POL), 1995: Jorgensen-Mooney (EUA), 1997: Fehevari-Hegedus (HUN)

K4 – 200 m

1994: Rússia, 1995: Hungria, 1997: Rússia

K1 – 500 m

1948: Frederiksson (SUE), 1950: Kobberup-Andersen (DIN), 1954: Frederiksson (SUE), 1958: Kaplaniak (POL), 1963: Vernescu (ROM), 1966: Vernescu (ROM), 1970: Tilenlo (URSS), 1971: Khokol (URSS), 1973: Czapo (HUN), 1974: Diba (ROM), 1975: Czapo (HUN), 1977: Diba (ROM), 1978: Diba (ROM), 1979: Parfenovitch (URSS), 1981: Parfenovitch (URSS), 1983: Parfenovitch (URSS), 1985: Sthale (RDA), 1986: West (GBR), 1987: Mc Donald (NZE), 1989: Hunter (AUS), 1990: Kalesnik (URSS), 1991: Crichlow (CAN), 1993: Kolehmainen (FIL), 1994: Robinson (AUS), 1995: Markiewicz (POL), 1997: Storcz (HUN)

K2 – 500 m

1948: Alexsson-Bjoerklof (FIL), 1950: Glasser-Hedberg (SUE), 1954: Steihauer-Miltenberger (RFA) 1958: Kaplaniak-Zielibski (POL), 1963: Nicoara-Ivanov (ROM), 1966: Vernescu-Sciotki (ROM), 1970: Andesson-Petersson (SUE), 1973: Hakol-Piotr (URSS), 1974: Obonski-Siedzievki (POL), 1975: Vorobiev-Ostapkovitch (URSS), 1977: Olbricht-Mattern (RDA), 1978: Olbricht-Ruediger (RDA), 1979: Parfenovitch-Chukrai (URSS), 1981: Parfenovitch-Superata (URSS), 1982: Parfenovitch-Superata (URSS), 1983: Fischer-Wohllebe (RDA), 1985: Ferguson-McDonald (NZE), 1986: Scholl-Pfrang (RFA), 1987: Csipes-Fidel (HUN), 1989: Bluhm-Gutsche (RDA), 1990: Kalesnik-Tischenko (URSS), 1991: Roman-Sanchez (ESP), 1993: Bluhm-Gutsche (ALE), 1994: Bluhm-Gutsche (ALE), 1995: Bonomi-Scarpa (ITA), 1997: Collins-Trim (AUS)

K4 – 500 m

1948: Suécia, 1950: Suécia, 1954: Suécia, 1958: RFA, 1962: Roménia, 1966: URSS, 1970: URSS, 1971: Hungria, 1973: URSS, 1974: Roménia, 1975: Hungria, 1977: Polónia, 1978: RDA, 1979: RDA, 1981: URSS, 1982: URSS, 1983: RDA, 1985: RDA, 1987: URSS, 1989: URSS, 1990: URSS, 1991: Alemanha, 1993: Rússia, 1994: Rússia, 1995: Rússia, 1997: Hungria

K1 – 1000 m

1938: Widmark (SUE), 1948: Frederiksson (SUE), 1950: Frederiksson (SUE), 1954: Frederiksson (SUE), 1958: Briel (SUE), 1963: Hensen (DIN), 1966: Shaparenko (URSS), 1970: Shaparenko (URSS), 1971: Sledziewski (POL), 1973: Csapo (HUN), 1974: Csapo (HUN), 1975: Sledziewski (POL), 1977: Diba (ROM), 1978: Helm (RDA), 1979: Helm (RDA), 1981: Helm (RDA), 1982: Helm (RDA), 1983: Helm (RDA), 1985: Csipes (HUN), 1986: West (GBR), 1987: Barton (EUA), 1989: Gyulay (HUN), 1990: Holmann (NOR), 1991: Holmann (NOR), 1993: Holmann (NOR), 1994: Bohri (HUN), 1995: Holmann (NOR), 1997: Storcz (HUN)

K2 – 1000 m

1938: Treibe-Eberlé (RFA), 1948: Berglund-Klingstrom (SUE), 1950: Glasser-Hedberg (SUE), 1954: Meszaros-Meszaros (HUN), 1958: Verbrugghe-Van der Moere (BEL), 1963: Nicoara-Ivanov (ROM), 1966: Shaparenko-Stetsenko (URSS), 1970: Pfaff-Seilbold (AUT), 1971: Kurth-Sletnov (RDA), 1973: Deme-Ratkai (HUN), 1974: Szabo-Bako (HUN), 1975: Slatnov-Rummel (RDA), 1977: Szabo-Bako, 1978: Chukai-Tainikov (URSS), 1979: Rasmussen-Soiland (NOR), 1981: Parfenovitch-Superata (URSS), 1982: Parfenovitch-Superata (URSS), 1983: Fischer-Wohllebe (RDA), 1985: Boccara-Boucherit (FRA), 1986: Stoian-Velea (ROM), 1987: Ferguson: McDonald (NZE), 1989: Bluhm-Gutshe (RDA), 1990: Bluhm-Gutshe (RDA),

1991: Bluhm-Gutshe (RDA), 1993: Bluhm-Gutshe (RDA), 1994: Staal-Nielsen (DIN), 1995: Rossi-Scarpa (ITA), 1997: Rossi-Negri (ITA)

K4 – 1000 m

1938: RFA, 1948: Suécia, 1950: Suécia, 1954: Hungria, 1958: RFA, 1963: RDA, 1966: Roménia, 1970: URSS, 1971: URSS, 1973: Hungria, 1974: RDA, 1975: Espanha, 1977: Polónia, 1978: RDA, 1979: RDA, 1981: RDA, 1982: Suécia, 1983: Roménia, 1985: Suécia, 1986: Hungria, 1987: Hungria, 1989: Hungria, 1990: Hungria, 1991: Hungria, 1993: Alemanha, 1994: Rússia, 1995: Alemanha, 1997: Alemanha

K1 – 10 000 m

1938: Widmark (SUE), 1950: Stromberg (FIL), 1954: Hatlacksky (HUN), 1958: Stromberg (FIL), 1963: Briel (RFA), 1966: Hesz (HUN), 1970: Tsarev (URSS), 1971: Tsarev (URSS), 1973: Shaparenko (URSS), 1974: Perri (ITA), 1977: Perri (ITA), 1978: (JUG), 1979: Janic (JUG), 1981: Rasmussen (NOR), 1982: Janic (JUG), 1983: Rasmussen (NOR), 1985: Barton (EUA), 1986: Csipes (HUN), 1987: Barton (EUA), 1989: Szabo (CHE), 1990: Boccara (FRA), 1991: Barton (EUA), 1993: Nielsen (DIN)

K2 – 10 000 m

1938: Johansson-Bernattsson (SUE), 1950: Akerlund--Wetterstroem (SUE), 1954: Raub-Wiedermann (AUT), 1958: Uranyi-Fabian (HUN), 1963: Fabian-Timar (HUN), 1966: Szollosi-Fabian (HUN), 1970: Kostenko-Kononov (URSS), 1971: Kostenko-Kononov (URSS), 1973: Bako--Czapo (HUN), 1974: Varabiov-Terente (ROM), 1975: Szabo-Bako (HUN), 1977: Schurskas-Korolkov (URSS), 1978: Szabo-Bako (HUN), 1979: Eseanu--Barlandeanu (ROM), 1981: Asipkovitch-Romanovski (URSS), 1982: Lefoulon-Brégeon (FRA), 1983: Jackson--Williams (GBR), 1985: Berger-Edholm (SUE), 1986: Kulcsar-Gindl (HUN), 1987: Boccara-Bocherit (FRA), 1989: Abraham-Hoods (GBR), 1990: Lawler-Bourne (GBR), 1991: Boccara-Boucherit (FRA), 1993: Borhi--Abraham (HUN)

K4 – 10 000 m

1950: Suécia, 1954: Suécia, 1958: RFA, 1963: Hungria, 1966: URSS, 1970: Noruega, 1971: Roménia, 1973: Hungria, 1974: URSS, 1975: Noruega, 1977: URSS, 1978: URSS, 1979: URSS, 1981: URSS, 1982: URSS, 1983: URSS, 1985: Hungria, 1990: URSS, 1991: Alemanha, 1993: Alemanha

C1 – 200 m

1994: Boukhalov (BUL), 1995: Boukhalov (BUL), 1997: Belicza (HUN)

C2 – 200 m

1994: Masojkov-Dovgalionok (BIL), 1995: Kolonics--Horvath (HUN), 1997: Thomas-Zereske (ALE)

C4 – 200 m

1994: Rússia, 1995: Hungria, 1997: Bielorrússia

C1– 500 m

1971: Lewe (RFA), 1973: Darvas (HUN), 1974: Petrenko (URSS), 1975: Petrenko (URSS), 1977: Varabiev (URSS), 1978: Ljubenov (BUL), 1979: Postrekin (URSS), 1981: Heukdrot (RDA), 1982: Heukrodt (RDA), 1983: Olaru (ROM), 1985, 86, 87: Heukrodt (RDA), 1989, 90, 91: Slivinsky (CEI), 1993, 94, 95: Boukhalov (BUL), 1997: Doktor (R. CHE)

C2 – 500 m

1971: Danielov-Simionov (URSS), 1973: Kalidov--Slobedenjuk (URSS), 1974: Vinogradov-Lobanov (URSS), 1975: Vinogradov-Lobanov (URSS), 1977: Foltan-Vaskuti (HUN), 1978: Foltan-Vaskuti (HUN), 1979: Patzaichin--Capusta (HUN), 1981: Foltan-Vaskuti (HUN), 1982: Ljubek-Nisovic (JUG), 1983: Ljubek-Nisovic (JUG), 1985: Sarusi-Vaskuti (HUN), 1986: Sarusi-Vaskuti (HUN), 1987: Libik-Smith (CAN), 1989: Juravschy-Reneysky (URSS), 1990: Juravschy-Horvath (HUN), 1991: Palisz--Szabo (HUN), 1993: Kolonics-Horvath (HUN)

C4 – 500 m

1991: URSS, 1993, 97: Hungria

C1 – 1000 m

1938: Neumuller (RFA), 1948: Holecek (CHE), 1950: Holecek (CHE), 1954: Parti (HUN), 1958: Bukharin (URSS), 1963: Ismailciuc (ROM), 1966: Lewe (RFA), 1970: Tatai (HUN), 1971: Lewe (RFA), 1973: Patzaichin (ROM), 1974: Yourchenko (URSS), 1975: Yourchenko (URSS), 1977: Patzaichin (ROM), 1978: Ljubek (JUG), 1979: Wichmann (HUN), 1981: Papke (RDA), 1982: Schmidt (RDA), 1983: Baresa (URSS), 1985: Klementiev (URSS), 1986: Macarencu (ROM), 1987: Heukrodt (RDA), 1989 a 94: Klementiev (URSS ou POL), 1995: Pulai (HUN), 1997: Dittmer (ALE)

C2 – 1000 m

1938: Weinstabl-Proisl (RFA), 1948: Brzak-Kudrna (CHE), 1950: Brzak-Kudrna (CHE), 1954: Liebhardt-Lulla (AUT), 1958: Ismailciuc-Alex (ROM), 1963: Jacovici-Sidorov (URSS), 1966: Callabicioc-Covaliov (ROM), 1970: Covaliov--Patzaichin (ROM), 1973: Danielov-Simionov (ROM), 1974: Chesiunov-Lobanov (URSS), 1975: Arva-Povazsay (HUN), 1977: Youchenco-Lobanov (URSS), 1978: Buday-Frey (HUN), 1979: Yourchenco-Lobanov (URSS), 1981: Patzaichin-Simionov (ROM), 1982: Kiss--Jaldu (HUN), 1983: Patzaichin-Simionov (ROM), 1985: Heukrodt-Schuck (RDA), 1986: Kis-Vaskuti (HUN), 1987: Gurin-Wesheko(URSS), 1989: Frederiksen-Nielsson (DIN), 1990: Papke-Spelly (ALE), 1991: Papke-Spelly (ALE), 1993: Nielsson-Frederiksen (DIN), 1994: Dittmer--Kirbach (ALE), 1995: Kolonics-Horvath (HUN), 1997: Kirbach-Roder (ALE)

C4 – 1000 m

1991: URSS, 1993, 94: Hungria, 1995, 97: Roménia

C1 – 10 000 m

1950: Boutigny (FRA), 1954: Volkner (CHE), 1958: Bukharin (URSS), 1963: Zamotin (URSS), 1966: Hajba (HUN), 1970: Wichmann (HUN), 1971: Wichmann (HUN), 1973: Yourchenco (URSS), 1974: Wichmann (HUN), 1975: Yourchenco (URSS), 1977: Wichmann (HUN), 1978: Patzaichin (ROM), 1979: Wichmann (HUN), 1981: Wichmann (HUN), 1982: Wichmann (HUN), 1983: Vrolovec (CHE), 1985: Vrolovec (CHE), 1986: Macarencu (ROM), 1989: Klementiev (URSS), 1990: Bohacs (HUN), 1991: Bohacs (HUN), 1993: Bohacs (HUN)

C2 – 10 000 m

1938: Karkik-Brzak (CHE), 1950: Brzak-Bohumil (CHE), 1954: Wieland-Halmai (HUN), 1958: Oschenkov-Silaev (URSS), 1963: Geistor-Makarendo (URSS), 1966: Mascim--Simionov (URSS), 1970: Samionov-Danielov (URSS), 1973: Chesiunas-Lobanov (URSS), 1974: Chesiunas--Lobanov (URSS), 1975: Chesiunas-Lobanov (URSS), 1977: Petrenov-Lobanov (URSS), 1978: Buday-Vaskuti (HUN), 1979: Yourchenco-Lobanov (URSS), 1982: Patzaichin-Simionov (ROM), 1983: Buday-Vaskuti (HUN), 1985: Ljubek-Nisovic (JUG), 1986: Kis-Vaskuti (URSS), 1987: Gurik-Weshko (URSS), 1989: Frederiksen--Nielson (DIN), 1990: Frederiksen-Nielson (DIN), 1991: Gyulay-Tetervari (HUN), 1993: Nielsson--Frederiksen (DIN)

Femininos

K1 – 200 m

1994, 95: Koban (HUN), 1997: Brunet (CAN)

K2 – 200 m

1994: Koban-Laky (HUN), 1995: Kennedy-Gilbeau (CAN), 1997: Fischer-Schuck (ALE)

K4 – 200 m

1994: Hungria, 1995: Canadá, 1997: Alemanha

K1 – 500 m

1938: Kalza (FIL), 1948: Hoff (DIN), 1950: Saimo (FIL), 1954: Zenz (RFA), 1958: Kislova (URSS), 1963: Shubina (URSS),1966: Pinajeva (URSS), 1970: Pinajeva (URSS), 1971: Pinajeva (URSS), 1973: Gopova (URSS), 1974: Ohde (RDA), 1975: Ohde (RDA), 1977: Dittmar (RDA), 1978: Eberl (RDA), 1979: Eberl (RDA), 1981: Fischer (RDA), 1982: Fischer (RDA), 1983: Fischer (RDA), 1985: Fischer (RDA), 1986: Gesheva (BUL), 1987: Schmidt (RDA), 1989: Borchert (RDA), 1990: Idem (ITA), 1991: Borchert (ALE), 1993, 94: Schmidt (ALE), 1995: Koban (HUN), 1997: Brunet (CAN)

K2 – 500 m

1938: Pavelisova-Zvolanka (CHE), 1948: Hoff-Svendsen (DIN), 1950: Saimo-Gronoholm (FIL), 1954: Pinter--Banfalvi (HUN), 1958: Shibina-Gruzintseva (URSS), 1963: Zimmermann-Esser (RFA), 1966: Kolub-Ulze (RDA), 1970: Breuer-Esser (RFA), 1971: Pfeffer-Hollosy (HUN), 1973: Kaschube-Borzym (RDA), 1974: Koster-Ohde (RDA), 1975: Koster-Zirzov (RDA), 1977: Roesiger-Fischer (RDA), 1978: Roesiger-Fischer (RDA), 1979: Kalashnikova-Dorokh (URSS), 1981: Kuhn-Fischer (RDA), 1982: Fischer-Streussel (RDA), 1983: Fischer-Kuhn (RDA), 1985: Fischer-Kuhn (RDA), 1986: Povazasan-Meszaros (HUN),1987: Schmidt--Nothnagel (RDA), 1989: Nothanagel-Singer (RDA), 1990, 91: Schmidt-Von Seck-Portwich (RDA), 1993: Olsson-Andersson (SUE), 1994: Urbanczy-Hajcel (POL), 1995: Schuck-Portwich (ALE), 1997: Schuck-Fischer (ALE)

K4 – 500 m

1966: URSS, 1970: URSS, 1971: URSS, 1973: URSS, 1974: RDA, 1975: RDA, 1977: Bulgária, 1978: RDA, 1979: RDA, 1981: RDA, 1982: RDA, 1983: RDA, 1985: RDA, 1986: Hungria, 1987: RDA, 1989: RDA, 1990 a 1997: Alemanha

K1 – 1000 m

1997: Brunet (CAN)

K2 – 2000 m

1997: Bednar-Fischer (ALE)

Campeões mundiais de slalom

Masculinos

K1 – singulares

1949: Eiterer (AUT), 1951: Fruhwirt (AUT), 1953: Kischbaum (RFA), 1955: Holzbauer (RFA), 1957: Vogt (RFA), 1959: Farrant (GBR), 1961: Glaser (RDA), 1963: Bremer (RDA), 1965: Preslamayer (AUT), 1967: Bremer (AUT), 1969: Peschier (FRA), 1971: Horn, 1973: Sattler (AUT), 1975: Horn (RDA), 1977: Kerr (GBR), 1979: Fauster (AUT), 1981: Fox (GBR), 1983: Fox (GBR), 1985: Fox (GBR), 1987: Prijon (RFA), 1989: Fox (GBR), 1991: Pearce (GBR), 1993: Fox (GBR), 1995: Fix (ALE), 1997: Becker (ALE)

C1 – singulares

1949: D'Alençon (FRA), 1951: Dussuet (SUI), 1953: Dussuet (SUI), 1955: Jirasek (CHE), 1957: Schubert (RDA), 1959: Jirasek (CHE), 1961: Schubert (RDA), 1963: Schubert (RDA), 1965: Kleiner (RDA), 1967: Peters (RFA), 1969: Peters (RFA), 1971: Kauder (RFA), 1973: Eiben (RDA), 1975: Sodokma (CHE), 1977: Sodokma (CHE), 1979: Lugbill (EUA), 1981: Lugbill (EUA), 1983: Lugbill (EUA), 1985: Hearn (EUA), 1987: Lugbill (EUA), 1989: Lugbill (EUA), 1991: Lang (ALE), 1993: Lang (ALE), 1995: Hearn (EUA), 1997: Martinak (ESL)

C2 – singulares

1949: Duboille-Rousseau (FRA), 1951: Neveu-Paris (FRA), 1953: Engler-Dussuet (SUI), 1955: Neveu-Paris (FRA), 1957: Kleinert-Friedrich (RDA), 1959: Kleinert-Friedrich (RDA), 1961: Merkel-Merkel (RDA), 1963: Merkel-Merkel (RDA), 1965: Merkel-Merkel (RDA), 1967: Valenta-Stach (CHE), 1969: Olry-Olry (FRA), 1971: Kretschmer-Trummer (RDA), 1973: Krejza-Polletbitz (RDA), 1975: Krestschmer--Trummer (RDA), 1977: Hofmann-Kalbitz (RDA), 1979: Welsink-Czuprynea (RDA), 1981: Garvis-Garvis (EUA), 1983: Haller-Haller (EUA), 1985: Huppers-Klein (RFA), 1987: Calori-Calori (FRA), 1989: Hemmer-Loose (RFA), 1991: Adisson-Forgues (FRA), 1993: Simek-Rohan (CHE), 1995: Kolomanski-Stanieszewski (POL), 1997: Adisson-Forgues (POL)

K1 – equipas

1949: Suíça, 1951: Áustria, 1953: Áustria, 1955: RFA, 1957: RDA, 1959: RDA, 1961: RDA, 1963: RDA, 1965: RFA, 1967: RDA, 1969: RDA, 1971: Áustria, 1973: RDA, 1975: RFA, 1977: França, 1979: Grã-Bretanha, 1981: Grã--Bretanha, 1983: Grã-Bretanha, 1985: RFA, 1987: Grã--Bretanha, 1989: Jugoslávia, 1991: França, 1993: Grã--Bretanha, 1995: Alemanha, 1997: Grã-Bretanha

C1 – equipas

1949: França, 1951: Checoslováquia, 1953: Checoslováquia, 1955: Checoslováquia, 1957: RFA, 1959: Checoslováquia, 1961: Checoslováquia, 1963: RDA, 1965: Checoslováquia, 1967: Checoslováquia, 1969: RFA, 1971: RDA, 1973: Checoslováquia, 1975: Checoslováquia, 1977: RDA, 1979: RDA, 1981: EUA, 1983: EUA, 1985: EUA, 1987: EUA, 1989: EUA, 1991: EUA, 1993: Eslovénia, 1995: Alemanha, 1997: Eslovénia

C2 – equipas
1949: França, 1951: França, 1953: França, 1955: Checoslováquia, 1957: Checoslováquia, 1959: RDA, 1961: RDA, 1963: RDA, 1965: Checoslováquia e RDA, 1967: RDA, 1969: RFA e Checoslováquia, 1971: RDA, 1973: RDA, 1975: RDA, 1977: Checoslováquia, 1979: Polónia, 1981: Grã-Bretanha, 1983: Checoslováquia, 1985: Checoslováquia, 1987: França, 1989: França, 1991: França, 1993: Checoslováquia, 1995: Checoslováquia, 1997: França

Femininos
K1
1949: Pillwein (AUT), 1951: Pertlwiesser (AUT), 1953: Schwingl (AUT), 1955: Bisinger (RFA), 1957: Magnus (RDA), 1959: Urbaniak (RFA), 1961: Veberova (CHE), 1963: Veberova (CHE), 1965: Glaser (RDA), 1967: Polesna (CHE), 1969: Polesna (CHE), 1971: Bahmann (RDA), 1973: Splinder (RDA), 1975: Cwiertneiwicz (POL), 1977: Bahmann (RDA), 1979: Hearn (EUA), 1981: Deppe (RDA), 1983: Scharmann (GBR), 1985: Messelhausser (RFA), 1987: Scharmann (GBR), 1989: Jérusalmi (FRA), 1991: Micheler (ALE), 1993: Jérusalmi (FRA), 1995: Simpson (GBR), 1997: Guilbal (FRA)
K1 – equipas
1949: Áustria, 1951: Áustria, 1953: Checoslováquia, 1955: RDA, 1957: RDA, 1959: RDA, 1963: RDA, 1965: RDA, 1967: RDA, 1969: RFA, 1971: RDA, 1973: EUA, 1975: Suíça, 1977: Suíça, 1979: EUA, 1981: RFA, 1983: França, 1985: França, 1987: RFA, 1989: França, 1991: França, 1993: França, 1995: França, 1997: Alemanha

CAMPEÕES MUNDIAIS DE DESCIDA

Masculinos
K1 – singulares
1959: Prijon (RFA), 1961: Zdenek (CHE), 1963: Preslmayer (AUT), 1965: Preslmayer (AUT), 1967: Lange (RDA), 1969: Burny (BEL), 1971: Kast (RFA), 1973: Burny (BEL), 1975: Burny (BEL), 1977: Peinhaupt (AUT), 1979: Burny (BEL), 1981: Bénezit (FRA), 1983: Previde Massara (ITA), 1985: Previde Massara (ITA), 1987: Goetschy (FRA), 1989: Previde (ITA), 1991: Gickler (ALE), 1993: Gickler (ALE), 1995: Gickler (ALE), 1996: Gickler (ALE), 1998: Kohlmann (ALE)
C1 – singulares
1959: Schubert (RDA), 1961: Schubert (RDA), 1963: Grobat (SUI), 1965: Kleinert (RDA), 1967: Sodomka (CHE), 1969: Boudehen (França), 1971: Sodomka (CHE), 1973: Heinemann (RFA), 1975: Verger (FRA), 1977: Libuda (FRA), 1979: Verger (FRA), 1981: Zork (FRA), 1983: Zork (FRA), 1985: Zork (FRA), 1987: Zork (FRA), 1989: Jelenc (JUG), 1991: Crnkovic (JUG), 1993, 95, 96, 98: Penato (ITA)
C2 – singulares
1959: Dransart-Turlier (FRA), 1961: Noack-Luck (RDA), 1963: Stach-Valenta (CHE), 1965: Stach-Valenta (CHE), 1967: Dejl-Fitka (CHE), 1969: Chapuis-Feullitte (FRA), 1971: Lefauconnier-Lefauconnier (FRA), 1973: Lefauconnier-Lefauconnier (FRA), 1975: Schinder--Pioch (RFA), 1977: Schinder-Pioch (RFA), 1979: Doux--Bunichon (FRA), 1981: Hayne-Jacquet (FRA), 1983: Madoré-Lieupart (FRA), 1985: Durand-Ponchon (FRA), 1987: Durand-Ponchon (FRA), 1989: Masle--Grobisa (JUG), 1991: Archambault-Carlin (FRA), 1993: Faysse-Roos (FRA), 1995: Vala: Slucik (ESV) 1996: Vala-Slucik (ESV), 1998: Simon-Muller (ALE)
K1 – equipas
1963: RFA, 1965: RFA, 1967: RDA, 1969: RFA, 1971: RFA, 1973: RFA, 1975: Áustria, 1977: Áustria, 1979: RFA, 1981: França, 1983: RFA, 1985: RFA, 1987: França, 1989: França, 1991: Itália, 1993: França, 1995: Nova Zelândia, 1996: Alemanha, 1998: França
C1 – equipas
1963: Checoslováquia, 1965: RDA, 1967: Checoslováquia, 1969: RFA, 1971: RFA, 1973: RFA, 1975: RFA, 1977: França, 1979: França, 1981: França, 1983: França, 1985: França, 1987: RFA, 1989: França, 1991: Jugoslávia, 1993: França, 1995: Alemanha, 1996: Itália, 1998: França

C2 – equipas
1963: RDA, 1965: Checoslováquia, 1967: RFA, 1969: França, 1971: RFA, 1973: RFA, 1975: França, 1977: RFA, 1979: França, 1981: França, 1983: França, 1985: França, 1987: RFA, 1989: RFA, 1991: Alemanha, 1993: Alemanha, 1995: França, 1996: Alemanha, 1998: Eslováquia

Femininos
K1 – singulares
1959: Bisinger (RFA), 1961: Bauer (RDA), 1963: Bauer (RDA), 1965: Jander (RFA), 1967: Schroter (RFA), 1969: Tolesna (CHE), 1971: Deppe (RFA), 1973: Grothaus (RFA), 1975: Grothaus (RFA), 1977: Grothaus (RFA), 1979: Gardette (FRA), 1981: Gardette (FRA), 1983: Stupp (RFA), 1985: Wahl (RFA), 1987: Gardette (FRA), 1989: Kleinehenz (FRA), 1991: Wahl (ALE), 1993: Profanter (AUT), 1995: Profanter (AUT), 1996: Profanter (AUT), 1998: Brokof (ALE)
K1 – equipas
1963: RDA, 1965, RDA, 1967: RFA, 1969: Checoslováquia, 1971: RFA, 1973: RFA, 1975: Grã-Bretanha, 1977: RFA, 1979: EUA, 1981: RFA, 1983: RFA, 1985: RFA, 1987: França, 1989: França, 1991: França, 1993: França, 1995: França, 1996: França, 1998: França

CICLISMO

«VUELTA»
1950: Emilio Rodriguez (ESP), 1955: Jean Dotto (FRA), 1956: Angelo Conterno (ITA), 1957: Jesus Loroño (ESP), 1958: Jean Stablinsky (FRA), 1959: Antonio Suarez (ESP), 1960: Franz de Mulder (BEL), 1961: Angelino Soler (ESP), 1962: Rudi Altig (RFA), 1963: Jacques Anquetil (FRA), 1964: Raymond Poulidor (FRA), 1965: Rolf Wolfshohl (RFA), 1966: Francisco Gabica (ESP), 1967: Jan Janssen (HOL), 1968: Felice Gimondi (FRA), 1969: Roger Pingeon (FRA), 1970: Luís Ocaña (ESP), 1971: Ferdinand Bracke (BEL), 1972: Jose Manuel Fuente (ESP), 1973: Eddy Merckx (BEL), 1974: José Manuel Fuente (ESP), 1975: Augustin Tamames (ESP), 1976: Jose Pesarrodona (ESP), 1977: Freddy Maertens (BEL), 1978: Bernard Hinault (França), 1979: Joop Zoetemelk (HOL), 1980: Faustino Ruperez (ESP), 1981: Giovanni Battglin (ITA), 1982: Marino Lejarreta (ESP), 1983: Bernard Hinault (FRA), 1984: Eric Caritoux (FRA), 1985: Pedro Delgado (ESP), 1986: Álvaro Pino (ESP), 1987: Luís Herrera (ESP), 1988: Sean Kelly (IRL), 1989: Pedro Delgado (ESP), 1990: Marco Giovannetti (ITA), 1991: Melchior Mauri (ESP), 1992: Tony Rominguer (SUI), 1993: Tony Rominger (SUI), 1994: Tony Rominguer (SUI), 1995: Laurent Jalabert (FRA), 1996: Alex Zulle (SUI), 1997: Alex Zulle (SUI), 1998: Abraham Olano (ESP), 1999: Jan Ullrich (ALE)

«GIRO»
1950: Hugo Koblet (SUI), 1951: Fiorenzo Magni (ITA), 1952: Fausto Coppi (ITA), 1953: Fausto Coppi (ITA), 1954: Carlo Clerici (ITA), 1955: Fiorenzo Magni (ITA), 1956: Charly Gaul (LUX), 1957: Gastone Nencini (ITA), 1958: Ercole Baldini (ITA), 1959: Charly Gaul (LUX), 1960: Jacques Anquetil (FRA), 1961: Arnaldo Pambianco (ITA), 1962: Franco Balmamion (ITA), 1963: Franco Balmamion (ITA), 1964: Jacques Anquetil (FRA), 1965: Vittorio Adorni (ITA), 1966: Gianni Motta (ITA), 1967: Felice Gimondi (ITA), 1968: Eddy Merckx (BEL), 1969: Felice Gimondi (ITA), 1970: Eddy Merckx (ITA), 1971: Gosta Pettersson (SUE), 1972: Eddy Merckx (BEL), 1973: Eddy Merckx (BEL), 1974: Eddy Merckx (BEL), 1975: Fausto Bertoglio (ITA), 1976: Felice Gimondi (ITA), 1977: Michel Pollentier (BEL), 1978: Johan de Muinck (BEL), 1979: Giuseppe Saronni (ITA), 1980: Bernard Hinault (FRA), 1981: Giovanni Battaglin (ITA), 1982: Bernard Hinault (FRA), 1983: Giuseppe Saronni (ITA), 1984: Francesco Moser (ITA), 1985: Bernard Hinault (FRA), 1986: Roberto Visentini (ITA), 1987: Stephen Roche (IRL), 1988: Andrew Hampsten (EUA), 1989: Laurent Fignon (FRA), 1990: Gianni Bugno (ITA), 1991: Franco Chioccioli (ITA), 1992: Miguel Indurain (ESP), 1993: Miguel Indurain (ESP), 1994: Evgeni Berzin (RUS), 1995: Tony Rominger (SUI), 1996: Pavel Tonkov (RUS), 1997: Ivan Gotti (POL), 1998: Marco Pantani (ITA), 1999: Ivan Gotti (ITA)

ESQUI

TAÇA DAS NAÇÕES

Masculinos
1968: Jean Claude Killy (FRA), 1969: Karl Schranz (AUT), 1970: Karl Schranz (AUT), 1971: Gustav Thoeni (ITA), 1972: Gustav Thoeni (ITA), 1973: Gustav Thoeni (ITA), 1974: Piero Gros (ITA), 1975: Gustav Thoeni (ITA), 1976: Ingemar Stenmark (SUE), 1977: Ingemar Stenmark (SUE), 1978: Ingemar Stenmark (SUE), 1979: Peter Luescher (SUI), 1980: Andreas Wenzel (LIE), 1981: Phil Mahre (EUA), 1982: Phil Mahre (EUA), 1983: Phil Mahre (EUA), 1984: Pirmin Zurbriggen (SUI), 1985: Marc Girardelli (LUX), 1986: Marc Girardelli (LUX), 1987: Pirmin Zurbriggen (SUI), 1988: Pirmin Zurbriggen (SUI), 1989: Marc Girardelli (LUX), 1990: Pirmin Zurbriggen (SUI), 1991: Marc Girardelli (LUX), 1992: Paul Accola (SUI), 1993: Marc Girardelli (LUX), 1994: Kjetil Andre Aamodt (NOR), 1995: Alberto Tomba (ITA), 1996: Lasse Kjus (NOR), 1997: Luc Alphand (FRA), 1998: Hermann Maier (AUS), 1999: Lasse Kjus (NOR)
Femininos
1968: Nancy Greene (CAN), 1969: Gertru Gabl (AUT), 1970: Michele Jacot (FRA), 1971: Annemarie Proell (AUT), 1972: Annemarie Proell (AUT), 1973: Annemarie Proell (AUT), 1974: Annemarie Proell (AUT), 1975: Annemarie Proell (AUT), 1976: Rosi Mittermaier (RFA), 1977: Lise Marie (SUI), 1978: Hanni Wenzel (LIE), 1979: Annemarie Proell (AUT), 1980: Hanni Wenzel (LIE), 1981: Marie Therese Nadig (SUI), 1982: Erika Hess (SUI), 1983: Tamara McKinney (EUA), 1984: Erika Hess (SUI), 1985: Michele Figini (SUI), 1986: Maria Walliser (SUI), 1987: Maria Walliser (SUI), 1988: Michele Figini (SUI), 1989: Vreni Schneider (SUI), 1990: Petra Kronberger (AUT), 1991: Petra Kronberger (AUT), 1992: Petra Kronberger (AUT), 1993: Anita Watcher (AUT), 1994: Vreni Schneider (SUI), 1995: Vreni Schneider (SUI), 1996: Katja Seizinger (ALE), 1997: Pernilla Wiberg (SUE), 1998: Katja Seizinger (ALE), 1999: Alexandra Meissnitzer (AUT)

FUTEBOL AMERICANO

SUPERBOWL
1967: Green Bay Packers vs Kansas City Chiefs 35/10, 1968: Green Bay Packers vs Oakland Raiders 33/14, 1969: New York Jets vs Baltimore Colts 16/7, 1970: Kansas City Chiefs vs Minnesota Vikings 23/7, 1971: Baltimore Colts vs Dallas Cowboys 16/13, 1972: Dallas Cowboys vs Miami Dolphins 24/3, 1973: Miami Dolphins vs Washington Redskins 14/7, 1974: Miami Dolphins vs Minnesota Vikings 24/7 1975: Pittsburgh Steelers vs Minnesota Vikings 16/6, 1976: Pittsburgh Steelers vs Dallas Cowboys 21/17, 1977: Oakland Raiders vs Minnesota Vikings 32/14, 1978: Dallas Cowboys vs Denver Broncos 27/10, 1979: Pittsburgh Steelers vs Dallas Cowboys 35/31, 1980: Pittsbugh Steelers vs Los Angeles Rams 31/19, 1981: Oakland Raiders vs Philadelphia Eagles 27/10, 1982: San Francisco 49ers vs Cincinnati Bengals 26/21, 1983:Washington Redskins vs Miami Dolphins 27/17, 1984: Los Angeles Raiders vs Washington Redskins 38/9, 1985: San Francisco 49ers vs Miami Dolphins 38/16, 1986: Chicago Bears vs New England Patriots 46/10, 1987: New York Giants vs Denver Broncos 39/20, 1988: Washington Redskins vs Denver Broncos 42/10, 1989: San Francisco 49ers vs Cincinnati Bengals 20/16, 1990: San Francisco 49ers vs Denver Broncos 55/10, 1991: New York Giants vs Buffalo Bills 20/19, 1992: Washington Redskins vs Buffalo Bills 37/24,

1993: Dallas Cowboys vs Buffalo Bills 52/17, 1994: Dallas Cowboys vs Buffalo Bills 30/13, 1995: San Francisco 49ers vs San Diego Chargers 49/26, 1996: Dallas Cowboys vs Pittsburgh Steelers 27/17, 1997: Green Bay vs New England Patriots 35/21, 1998: Denver Broncos vs Green Bay Packers 31/24

GINÁSTICA

Campeões mundiais de ginástica desportiva

Equipas masculinas
1950: Suíça, 1954: URSS,1958: URSS, 1962: Japão, 1966: Japão, 1970: Japão, 1974: Japão, 1978: Japão, 1979: URSS, 1981: URSS, 1983: China, 1985: URSS, 1987: URSS, 1989: URSS, 1991: URSS, 1994: China; 1995: China; 1997: China
Equipas femininas
1950: Suécia, 1954: URSS, 1958: URSS, 1962: URSS, 1966: Checoslováquia, 1970: URSS, 1974: URSS, 1978: URSS, 1979: Roménia, 1981: URSS, 1983: URSS, 1985: URSS, 1987: Roménia, 1989: URSS, 1991: URSS, 1993: Roménia, 1994: Roménia, 1995: Roménia, 1997: Roménia

Concurso geral individual
Homens
1950: Lehmann (SUI); 1954: Mouratov-Tchukarine (URSS); 1958: Chakline (URSS); 1962: Titov (URSS); 1966: Voronine (URSS); 1970: Kenmotsu (JAP); 1974: Kasamatsu (JAP); 1978: Andrianov (URSS); 1979: Didiatine (URSS); 1981: Korolev (URSS); 1983: Bilozertchev (URSS); 1985: Korolev (URSS); 1987: Bilozertchev (URSS); 1989: Korobchinski (URSS); 1991: Misiutin (URSS); 1993: Scherbo (BIE); 1994: Ivankov (BIE); 1995: Li Xiaoshuang (CHI); 1997: Ivankov (BIE)
Senhoras
1950: Rakoczy (POL); 1954: Roudiko (URSS); 1958: Latynina (URSS); 1962: Latynina (URSS); 1966: Caslavska (CHE); 1970: Touritcheva (URSS); 1974: Touritcheva (URSS); 1978: Mukhina (URSS); 1979: Kim (URSS); 1981: Bitcherova (URSS); 1983: Yourchenko (URSS); 1985: Shoushounova (URSS) e Omeliantchik (URSS); 1987: Dobre (ROM); 1989: Boginskaia (URSS); 1991: Zmeskal (EUA); 1993: Miller (EUA); 1994: Miller (EUA); 1995: Podkopaieva (UCR); 1997: Chorkinova (URSS)

Campeões mundiais de ginástica rítmica

Concurso Geral Individual
1963: Szavinkova (URSS), 1965: Micechova (CHE); 1967: Karpouklina (URSS); 1969: Grigova (BUL); 1971: Grigova (BUL); 1973: Shugurova (URSS); 1975: Rischer (RFA); 1977: Seriugina (URSS); 1979: Seriugina (URSS); 1981: Ralenkova (BUL); 1983: Gueorguiva (BUL); 1985: Gueorguiva (BUL); 1987: Panova (BUL); 1989: Timoshenko (URSS); 1991: Skaldina (URSS); 1992: Kostina (URSS); 1993: Petrova (BUL); 1994: Petrova (BUL); 1995: Petrova (BUL) e Serebrianskaia (UCR); 1997: Vitrichenko (UCR)

Campeões nacionais de ginástica rítmica

Concurso Geral Individual*
1975: Helena Leal (LGC); 1976: Helena Leal (LGC); 1977: Elisabete Fernandes (LGC); 1978: Eunice Lebre (LGC); 1979: Elsa Silva (LGC); 1980: Maria João Falcão (LGC); 1981: Maria João Falcão (Belenenses); 1982: Maria João Falcão (Belenenses); 1983: Cristina Lebre (CFB); 1984: Cristina Lebre (CFB); 1985: Margarida Carmo (Isef AC); 1986: Patrícia Jorge (SA Dafundo); 1987: Margarida Carmo (ISEF AC); 1988: Patrícia Jorge (SAD); 1989: Clara Piçarra (SAD); 1990: Clara Piçarra (SAD); 1991: Sónia Bernardes (SAD); 1992: Clara Piçarra (SAD); 1993: Clara Piçarra (SAD); 1994: Clara Piçarra (SAD); 1995: Joana Raposo (SAD); 1996: Joana Raposo (SAD); 1997: Susana Nascimento (GCP); 1998: Susana Nascimento (GCP); 1999: Susana Nascimento (GCP)
* 1º escalão/1ª categoria a partir de 1982

HIPISMO

Campeões nacionais de obstáculos
1955: Cruz Azevedo/Fagulha, 1956: Álvaro Saabo/Licorne, 1957: Netto de Almeida/Jacaré, 1958: Henrique Calado/ /Martingil, 1959: Vasco Ramires/Apache, 1960: Netto de Almeida/Joc de L'Ile, 1961: Netto de Almeida/Joc de L'Ile (não se realiza entre 1962 e 1965), 1966: Pimenta da Gama/Mistral, 1967: Malta da Costa/Alentejo, 1968: Vasco Ramires/Namur de Payré, 1969: não se realiza, 1970: Álvaro Saabo/Marau, 1971: não se realiza, 1972: Pimenta da Gama/ /Vas-Y e Espora, 1973: Francisco Caldeira/Gran Senhor, 1974: José Marchueta/Marpy Prince, 1975: Pimenta da Gama/Ribamar, 1976: Balula Cid/Lotus II, 1977: Pimenta da Gama/Ribamar, 1978: Xavier de Brito/Balluche, 1979: Luís Lupi/My Hope, 1980: Xavier de Brito/Balluche, 1981: Soares da Costa/Orpheu, 1982: Francisco Caldeira/ /Rubi II, 1983: Jorge Mathias/Saint Maur, 1984: Jorge Oliveira/Killy des Neiges, 1985: Xavier de Brito/Mister X, 1986: João Azevedo e Silva/Laurier Rose V, 1987: João Azevedo e Silva/Caroline, 1988: João Chuva, 1989: não se realiza, 1990: Francisco Geraldes/Poupée d'Espoir, 1991: João Azevedo e Silva/Ideal Lad, 1992: Jorge Mathias/ Windus, 1993: Jorge Mathias/Interfina Windus, 1994: António Vozone (Holi Cow), 1995: Jorge Mathias/ /Ultrador, 1996: António Vozone/Mister Cer, 1997: Francisco Rocha/Licofee, 1998: Jorge Mathias/Zantino T, 1999: João Mota/Uxmall Rouge

LUTAS AMADORAS

Campeões olímpicos

Luta greco-romana
48 kg
1972: Berceanu (ROM); 1976: Shumakov (URSS); 1980: Uchkenplirov (URSS); 1984: Maenza (ITA); 1988: Maenza (ITA); 1992: Koutcherenko (CEI); 1996: Sim Kwon-Ho (C. SUL)
52 kg
1952: Gourevitch (URSS); 1956: Soloviev (URSS); 1960: Pirvulescu (ROM); 1964: Hanahara (JAP); 1968: Kirov (BUL); 1972: Kirov (BUL); 1976: Konstantinov (URSS); 1980: Blagidze (URSS); 1984: Miyahara (JAP); 1988: Ronningen (NOR); 1992: Ronningen (NOR); 1996: Nazarian (ARM)
57 kg
1952: Hodos (HUN); 1956: Vyropaev (URSS); 1960: Karavaev (URSS); 1964: Ichiguchi (JAP); 1968: Varga (HUN); 1972: Kazazov (URSS); 1976: Ukkola (FIN); 1980: Serikov (URSS); 1984: Passarelli (RFA); 1988: Sike (HUN); 1992: Han-Bong (C. SUL); 1996: Melnichenko (CAZ)
62 kg
1952: Pounkine (URSS); 1956: Makinen (FIN); 1960: Sille (TUR); 1964: Polyak (HUN); 1968: Rurua (URSS); 1972: Markov (BUL); 1976: K. Lipien (POL); 1980: Migiakis (GRE); 1984: Kim Weon-Kee (COR); 1988: Madjidov (URSS); 1992: Pirim (TUR); 1996: Zawadski (POL)
68 kg
1952: Safine (URSS); 1956: Lehtonen (FIN); 1960: Koridze (URSS); 1964: Ayvaz (TUR); 1968: Mumemura (JAP); 1972: Khisamutdinov (URSS); 1976: Nalbadian (URSS); 1980: Rusu (ROM); 1984: Lisjac (JUG); 1988: Djoulfalakian (URSS); 1992: Repka (HUN); 1996: Wolny (POL)
74 kg
1952: Szilvasi (HUN); 1956: Bayrak (TUR); 1960: Bayrak (TUR); 1964: Koletzov (URSS); 1968; Vesper (RDA); 1972: Macha (CHE); 1976: Bykov (URSS); 1980: Kocsis (HUN); 1984: Salomaki (FIN); 1988: Kin Young-NAM (C. SUL); 1992: Iskandarian (CEI); 1996. Aguilera (CUB)
82 kg
1952: Gronberg (SUE); 1956: Kartozia (URSS); 1960: Dobrev (BUL); 1964: Simic (JUG); 1968: Metz (RDA); 1972: Hegedus (HUN); 1976: Petkovic (JUG); 1980: Korban (URSS); 1984: Draica (ROM); 1988: Mamiachvilli (URSS); 1992: Farkas (HUN); 1996: Yerlikaya (TUR)
90 kg
1952: Grondhal (FIN); 1956: Nikolaev (URSS); 1960: Kis (TUR); 1964: Radev (BUL); 1968: Radev (BUL); 1972: Rezantsev (URSS); 1976: Rezantsev (URSS); 1980: Novenyi (HUN); 1984: Fraser (EUA); 1988: Komchev (BUL); 1992: Bullmann (ALE); 1996: Oleinik (UCR)
100 kg
1952: Kotlas (URSS); 1956: Parfenov (URSS); 1960: Bogdan (URSS); 1964: Kozma (HUN); 1968: Kozma (HUN); 1972: Martinescu (ROM); 1976: Balbocchine (URSS); 1980: Raikov (BUL); 1984: Andrei (ROM); 1988: Wronski (POL); 1992: Perez (CUB); 1996: Wronski (POL)
130 kg
1972: Roshin (URSS); 1976: Kolchinski (URSS); 1980: Kolchinski (URSS); 1984: Biatnick (EUA); 1988: Karelin (URSS), 1992: Karelin (CEI); 1996: Karelin (RUS)

Luta livre
48 kg
1972: Dmitriev (BUL); 1976: Issaev (BUL); 1980: Polio (ITA); 1984: Weaver (EUA); 1988: Kobayahi (JAP); 1992: Kim II (C. SUL); 1996: Kim II (C. SUL)
52 kg
1952: Cemici (TUR); 1956: Tsaskalamannidz (URSS); 1960: Bilek (TUR); 1964: Yoshida (JAP); 1968: Nakata (JAP); 1972: Kato (JAP); 1976: Takada (JAP); 1980: Beloglazov (URSS); 1984: Tristena (JUG); 1988: Sato (JAP); 1992: Li (C. SUL); 1996: Iordanov (BUL)
57 kg
1952: Ishii (JAP); 1956: Dagistanli (TUR); 1960: McCann (EUA); 1964: Uetake (JAP); 1968: Uetake (JAP); 1972: Yanagida (JAP); 1976: Umin (URSS); 1980: Beloglazov (URSS); 1984: Tomiyama (JAP); 1988: Beloglazov (URSS); 1992: Puerto (CUB); 1996: Cross (EUA)
62 kg
1952: Sit (TUR); 1956: Sasahara (JAP); 1960: Dagistanli (TUR); 1964: Watanabe (JAP); 1968: Kaneko (JAP); 1972: Abdulbekov (URSS); 1976: Yang (C. SUL); 1980: Abuchev (URSS); 1984: Lewis (EUA); 1988: Smith (EUA); 1992: Smith (EUA); 1996: Brands (EUA)
68 kg
1952: Anderberg (SUE); 1956: Habibi (IRÃO); 1960: Wilson (EUA); 1964: Waltschev (BUL); 1968: Hardabili (IRÃO); 1972: Gable (EUA); 1976: Pinigin (URSS); 1980: Absaidov (URSS); 1984: You (C. SUL); 1988: Fadzaev (URSS); 1992: Fadzaev (CEI); 1996: Bogiyev (RUS)
74 kg
1952: Smith (EUA); 1956: Ikeda (JAP); 1960: Blublaugh (EUA); 1964: Ogan (TUR); 1968: Atalay (TUR); 1972: Wells (EUA); 1976: Date (JAP); 1980: Raitchev (BUL); 1984: Schultz (EUA); 1988: Monday (EUA); 1992: Jang Soon (C. SUL); 1996: Saytyev (RUS)
82 kg
1952: Tsimakuridze (URSS); 1956: Stantchev (BUL); 1960: Gungor (TUR); 1964: Gardjev (BUL); 1968: Gurevitch (URSS); 1972: Tediashvill (URSS); 1976: J. Peterson (EUA); 1980: Abilov (BUL); 1984: Schultz (EUA); 1988: Han Myung-Woo (C. SUL); 1992: Jackson (EUA); 1996: Magomedov (RUS)
90 kg
1952: Palm (SUE); 1956: Takhti (IRÃO); 1960: Atli (TUR); 1964: Medved (URSS); 1968: Ayit (TUR); 1972: Peterson (EUA); 1976: Tediashvilli (URSS); 1980: Oganesyan (URSS); 1984: Banach (EUA); 1988: Khadartsev (URSS); 1992: Khadartsev (CEI); 1996: Khadem (IRÃO)
100 kg
1952: Mekokichvili (URSS); 1956: Kaplan (TUR); 1960: Dietrich (RFA), 1964: Ivanitsky (URSS); 1968: Medved (URSS); 1972: Medved (URSS);

1976: Yarygin (URSS); 1980: Mate (URSS);
1984: Banach (EUA); 1988: Puscasu (ROM);
1992: Khabelov (CEI); 1996: Angle (EUA)
130 kg
1972: Medved (URSS); 1976: Andiev (URSS);
1980: Andiev (URSS); 1984: Baumgartner (EUA);
1988: Gobedjichvili (URSS); 1992: Baungatner (EUA);
1996: Demir (TUR)

TRIATLO

Campeões mundiais

Masculinos
1989: Mark Allen (EUA), 1990: Greg Welch (AUS),
1991: Miles Stewart (AUS), 1992: Simon Lessing (GBR),
1993: Spencer Smith (GBR), 1994: Spencer Smith (GBR),
1995: Simon Lessing (GBR), 1996: Simon Lessing (GBR),
1997: Chris McCormak (AUS), 1998: Simon Lessing (GBR)
Femininos
1989: Erin Baker (NZE), 1990: Karen Smyers (EUA),
1991: Joanne Ritchie (CAN), 1992: Michellie Jones (AUS),
1993: Michellie Jones (AUS), 1994: Emma Carney (AUS),
1995: Karen Smyers (EUA), 1996: Jackie Gallagher (AUS),
1997: Emma Carney (AUS), 1998: Joanne King (AUS)

Vencedores do Ironman – Havai

Masculinos
1978: Gordon Haller (EUA), 1979: Tom Warren (EUA),
1980: Dave Scott (EUA), 1981: Jonh Howard, 1982 –
1ª edição: Scott Tinley (EUA) – 2ª edição: Dave Scott
(EUA), 1983: Dave Scott (EUA), 1984: Dave Scott (EUA),
1985: Scott Tinley (EUA), 1986: Dave Scott (EUA),
1987: Dave Scott (EUA), 1988: Scott Molina (EUA),
1989: Mark Allen (EUA), 1990: Mark Allen (EUA),
1991: Mark Allen (EUA), 1992: Mark Allen (EUA),
1993: Mark Allen (EUA), 1994: Greg Welch (AUS),
1995: Mark Allen (EUA), 1996: Luc Van Lierde (BEL),
1997: Thomas Hellriegel (ALE), 1998: Peter Reid (CAN)
Femininos
1979: Lyn Lemaire (EUA), 1980: Robin Beck (EUA),
1981: Linda Sweeney (EUA), 1982 – 1ª edição: Kathleen
McCartney (EUA) – 2ª edição: Julie Leach (EUA),
1983: Sylviane Puntous (CAN), 1984: Sylviane Puntous
(CAN), 1985: Joanne Ernst (EUA), 1986: Paula Newby-
-Fraser (ZIM), 1987: Erin Baker (NZE), 1988: Paula
Newby-Fraser (ZIM), 1989: Paula Newby-Fraser (ZIM),
1990: Erin Baker (NZE), 1991: Paula Newby-Fraser (ZIM),
1992: Paula Newby-Fraser (ZIM), 1993: Paula Newby-
-Fraser (ZIM), 1994: Paula Newby-Fraser, 1995: Karen
Smyers, 1996: Paula Newby-Fraser (ZIM), 1997: Heather
Furh (CAN), 1998: Natascha Badmann (SUI)

Campeões nacionais absolutos

Masculinos
1986: Carlos Carmino (As. Comandos), 1987: José Mariz
(As. Comandos), 1989: Artur Parreira (Natiris), 1991: Paulo
Saldanha (Fitodieta/CTTN), 1993: Luís Silva (Toddy/CQ),
1994: Carlos Brito (DN), 1995: Carlos Brito (DN),
1996: Ricardo Costa (Etrat Gel/CQ), 1997: Ricardo Costa
(GT/CQ), 1998: João Ferreira (CNTN)
Femininos
1986: Ana Ferreira, 1987: Ana Ferreira, 1991: Margarida
Pinto (Fitodieta/CTTN), 1993: Gilda Mota, 1994: Ana
Faria (Tavegyl Gel/CQ), 1995: Ana Faria (Tavegyl
Gel/CQ), 1996: Ana Faria (Solóptica Lusodiete/Janes),
1997: Ana Cordeiro (Solóptica Lusodiete/Janes),
1998: Rita Cabrita (D. Pedro)

DESPORTO PARA DEFICIENTES

Medalhas Portuguesas

Paralisia cerebral (1984 a 1998)

	Ouro	Prata	Bronze	Total
Paralímpicos	11	12	7	30
Mundiais	–	2	–	2
Europeus	8	8	18	34
Total	19	22	25	66

Cegos (1982 a 1998)

	Ouro	Prata	Bronze	Total
Paralímpicos	7	4	2	13
Mundiais	10	3	6	19
Europeus	9	16	9	34
Total	25	23	17	66

Mental (1982 a 1998)

	Ouro	Prata	Bronze	Total
Paralímpicos	–	2	2	4
Mundiais	1	–	5	6
Europeus	1	12	13	26
Total	2	14	20	36

Motora (1992 a 1998)

	Ouro	Prata	Bronze	Total
Paralímpicos	–	2	2	4
Mundiais	3	2	2	7
Europeus	2	2	4	8
Total	5	6	8	19

Surdos (1995 a 1998)

	Ouro	Prata	Bronze	Total
Paralímpicos	–	–	–	–
Mundiais	–	–	–	–
Europeus	1	–	1	2
Total	1	–	1	2

Total

	Ouro	Prata	Bronze	Total
Paralímpicos	18	20	13	51
Mundiais	14	7	13	34
Europeus	21	38	45	104
Total	53	65	71	189

Agradecimentos

António Varela e António Espanhol (Esqui), Jaime Ambrósio (FP Ciclismo), Dulce Pereira (Radical Skate Clube), André Sousa (Clube Português de «In Line»), Ramon (FP Surf), Rosa Maria (FP Squash), Carlos Santos (FP Hovercraft), Isabel de Jesus (FP Bilhar), Carlos Franco e Paulo Coelho (FP Actividades Subaquáticas), Jorge Viegas (FP Motociclismo), Rita Candeias (FP Voo Livre), Nuno Albuquerque (Natação), Vítor Bonifácio (FN Cultura Física), Sérgio Costa e Silva (FP Basebol e Softbol), João Correia de Sousa (FP Aeromodelismo), Luís Filipe Antunes (FP Aikido), Robin Rankine (Críquete), Alexandre Reis (Judo e Xadrez), Manuel Castelli e Carlos Soares Leitão (FP Boxe), João Carlos Cardiga (FN Karaté-Portugal), Mário da Costa Patrício e Fernando Gomes (FP Ténis de Mesa), Rui Vinagre (FP Trampolins e Desportos Acrobáticos), Abreu Rocha (Brídege), Paulo Costa (FP Lutas Amadoras), José Cancela (FP Remo), João Abrantes (FP Damas), Hugo Ribeiro (Ténis), Isabel Dantas (Canoagem) Luís Ribeiro e Fernando Dias (Voleibol), Alberto Rodrigues (Dança Desportiva), Pedro Manuel Kay (FADUL – Federação Académica do Desporto Universitário), Vítor Ventura (Basquetebol e Badminton), Luís Avelãs (NBA), António Barros (Basquetebol), Diogo Braamcamp Sobral e Manuel Bandeira de Melo (Sociedade Hípica Portuguesa), Luís Gouveia e Luís Sénica (FP Patinagem), Luís Pimenta (Automobilismo e Motociclismo) e Ricardo Carvalho (Fórmula 1), Tito Mourão (Ralis), Arons de Carvalho (Atletismo), Paulo Marques (FP Atletismo), José Torres (Columbofilia), Paulo Jorge Alves (Federação de Triatlo de Portugal), Francisco Martins (FP Pára-quedismo), António Ramos (Andebol), Alcina Coelho (FP Vela), João Azarejinha e Paulo Simões (FP Ski Náutico), Manuel Machado (FP Esqui), Alberto Ribeiro Soares (Desporto Militar), José Valarinho (FP Esgrima), Ana Cláudia (FP Pesca Desportiva), Ginásio Clube Português, Federação Portuguesa de Campismo e Caravanismo, Federação Portuguesa de Golfe, Federação Portuguesa de Ginástica, Federação Portuguesa de Ténis de Mesa, Federação Portuguesa de Lutas Amadoras, Federação Portuguesa de Trampolins e Desportos Acrobáticos, Federação Portuguesa de Damas, Federação Portuguesa, Ginástica, Federação Portuguesa de Corfebol, Federação Portuguesa de Voleibol, Federação Portuguesa de Taekwon-do, Federação Portuguesa de Basebol e Softbol, Federação Portuguesa de Basquetebol, Federação Portuguesa de Aeromodelismo, Federação Portuguesa de Judo, Federação Portuguesa de Ténis, Federação Portuguesa de Jet Ski, Federação Portuguesa de Vela, Federação Portuguesa de Patinagem, Federação Portuguesa de Petanca, Federação Portuguesa de Pára-quedismo, Federação Portuguesa de Motonáutica, Ministério da Educação – Desporto Escolar, Maria Antónia Bello, Augusto Murat, Roger de Maertelaere e Rui Taveira

Um agradecimento muito particular a todos os protagonistas que contribuíram de forma decisiva para esclarecer alguns episódios das próprias carreiras e/ou forneceram fotografias